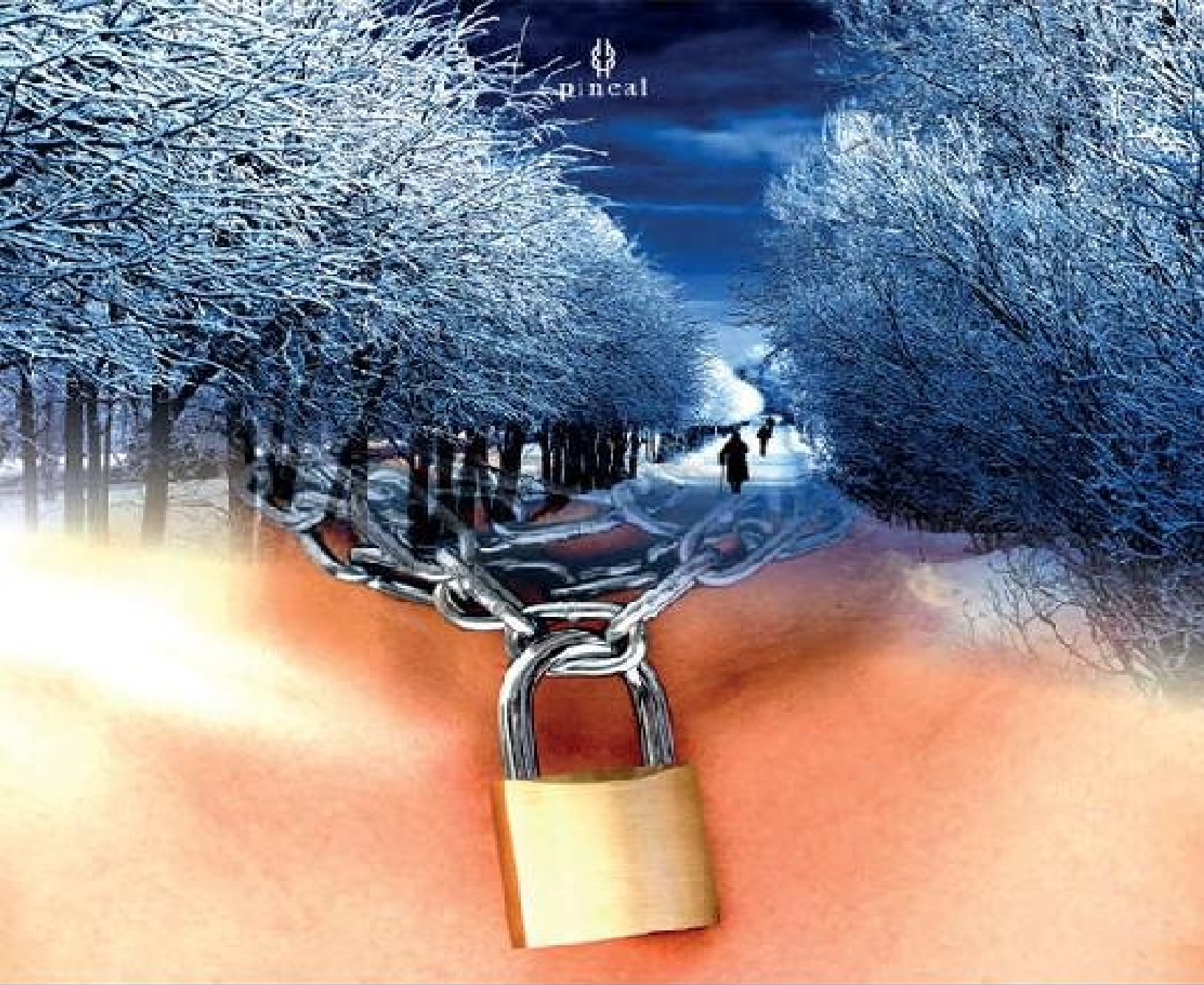


epineal



DANIEL DAVIDSOHN

MARE CRISIUM

DANIEL DAVIDSOHN

MARE CRISIUM



Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, locais, negócios, organizações, fatos ou situações da vida real, é mera coincidência.

Copyright @ 2015 by Daniel Davidsohn

Todos os direitos reservados.

1ª edição — março de 2015

Revisão: Mônica Leite Costa

Capa: Pineal Editora

Diagramação: SGuerra Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D279m

Davidsohn, Daniel, 1969-

Mare crisiium [recurso eletrônico] / Daniel Davidsohn. — 1. ed. —

São Paulo : Pineal, 2015.

recurso digital

Formato: ebook

Requisitos do sistema:

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-908985-3-5 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. I. Título.

15-20598

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

04/03/2015 05/03/2015

WWW.DANIELDAVIDSOHN.COM.BR

Tudo aquilo que vemos é uma sombra projetada por aquilo que não vemos.

MARTIN LUTHER KING

Eu sinceramente acredito que os estabelecimentos bancários são mais perigosos do que os exércitos existentes.

THOMAS JEFFERSON, 3º PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS

Por trás do governo empossado apoderou-se um governo invisível com nenhuma lealdade ou reconhecendo responsabilidade perante o povo. Destruir esse governo invisível, para sujar a aliança profana entre os negócios corruptos e políticos corruptos, deve ser a primeira tarefa do estadista da vez.

THEODORE ROOSEVELT, 26º PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS

Alguns dos maiores homens nos Estados Unidos, no campo do comércio e fabricação, estão com medo de alguma coisa. Eles sabem que há um poder em algum lugar tão organizado, tão sutil, tão atento, tão interligado, tão completo, tão penetrante, que é melhor não falar mais alto que sua respiração quando falarem em condenação a ele.

WOODROW WILSON, 28º PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS

Somos ameaçados ao redor do mundo por uma conspiração monolítica e impiedosa... um sistema que tem recrutado vastos recursos humanos e materiais para a construção de uma máquina coesa e altamente eficiente que combina inteligência, operações militares, diplomáticas, econômicas, científicas e políticas.

JOHN F. KENNEDY, 35º PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS

- CONTEÚDO -

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
Capítulo 66
Capítulo 67
Capítulo 68
Capítulo 69
Capítulo 70
Capítulo 71
Capítulo 72
Capítulo 73
Capítulo 74
Capítulo 75
Capítulo 76
Capítulo 77
Capítulo 78
Capítulo 79
Capítulo 80
Capítulo 81
Capítulo 82
Capítulo 83
Capítulo 84

Capítulo 85

Nota do Autor

“Ler é aprimorar seus conhecimentos e compreender a vida ao seu redor”

e-Livros.xyz

- PRÓLOGO -

LUCAS WALKER ABRIU os olhos e pensou num bom motivo para se levantar. Era assim todas as manhãs, às vezes com ligeiras depressões. Sentia que a resposta, aquele bom motivo, fosse qual fosse, estaria ali, pronto para saltar à sua frente e iluminar tudo. Há apenas dois dias, ele tinha quase sessenta, agora, sessenta mais um dia, embora não se sentisse velho ou mesmo perturbado. Velhos eram os outros. Sessenta era o novo cinquenta.

Faça uma dança de salão, alguém sugerira. Com certeza, um imbecil.

Não. O problema, ele sabia, não era esse. Posso sentir o motivo, mas não sei qual é. O fato é que Lucas passara anos pensando nas circunstâncias do desaparecimento paterno, e no que ele e sua equipe descobriram sobre a Lua. Lembrara que o pai dissera à mãe que a descoberta mudaria profundamente a forma de nossa civilização se compreender.

A fixação no assunto era tamanha que, passados os anos, Lucas não conseguira engrenar numa relação amorosa mais séria, exatamente por causa do sumiço do pai. Àquela altura, era óbvio que isso atrapalhara sua vida. Por que ele desapareceu? O que ele, afinal, descobriu? O mistério tornou-se uma distração tão presente que não se esvaziara com os anos. Agora, jovem sessentão, a ideia de não ter podido voltar atrás e mudar os rumos em sua vida o assustava e deprimia.

Será que investiguei o suficiente?

LUIZA EUSTACE PALMER, filha de um apagado ex-embaixador americano no Brasil, seria — na boca maldosa de algumas mulheres ciumentas — uma espécie de prostituta inacessível e discreta. O ciúme, era provável, vinha de seu intenso magnetismo. Uns diziam que era uma cidadã do mundo e que, de tempos em tempos, dava o ar da graça em Brasília ou no Rio. Os capitães-porteiros, especializados em mulheres frequentadoras de ambientes de hotéis de luxo, os que mais a admiravam.

Outros diziam, ainda, que Luiza não passava de uma arrogante que, às vezes, cruzava com as pessoas sem olhá-las pelo tempo que gostariam de ser olhadas. Parecia tímida. O caminhar era, sem dúvida alguma, brasileiro, bem feminino, mas sem afetações ou vulgaridades. Uma sedutora enrustida, diziam. Uma pessoa vazia. Uma mulher distante. Triste. Esquisita, até. Uma mulher, definitivamente, envolta em rótulos.

Os cabelos morenos e ondulados, esvoaçavam com elegância um pouco abaixo dos ombros. O rosto, de expressão forte, e os olhos castanhos eram claros, bem atentos, quase de sentinela. O rosto tinha minúsculas cicatrizes que, com ironia, contribuía para sua beleza profunda, atípica e marcante. Uma silhueta firme, distribuída em 1,70m de altura. O fato é que ela ainda era bela aos quarenta e oito anos, e esse parecia ser o único consenso a respeito da filha do diplomata Jonathan Eustace Palmer.

Na verdade, sua beleza parecia um milagre diante do que havia passado.

O pai, de tradicional família de políticos da capital dos Estados Unidos, tinha sangue azul, mas sem o brilho dos antecessores. A mãe, motivo central da breve volta de Luiza ao Brasil, era uma escort que não tinha o menor interesse pela maternidade. Pelo menos, essa era a história que lhe contavam. E uma de suas grandes perguntas: a mãe seria assim mesmo, como relatavam pessoas distantes?

Quando os pais, no passado, combinaram um encontro numa suíte do Copacabana Palace, a mãe, em

segredo, fez o que pôde para engravidar. Uma chance única. Ele, um americano rico. Ela, um pássaro da noite em seu primeiro encontro VIP. Mas o que ela desconhecia era que Jonathan Palmer queria o mesmo: sua gravidez e mais tarde uma conversinha com ele sobre o destino do bebê.

O “inesperado”, por fim, aconteceu, após o terceiro encontro. A futura mamãe veio cobrar do pai, e Jonathan Palmer explicou: o melhor para todos, em especial à pequena Luiza que iria nascer, seria levá-la aos Estados Unidos, onde receberia a melhor educação possível.

A conversa entre os dois, nas aparências, fora muito fácil. O que contavam a Luiza era que a mãe a tinha, literalmente, vendido ao pai, e que a negociação representara nada menos do que sua independência financeira. No entanto, o investimento paterno ao comprar a própria filha, ainda lhe renderia um cacife político extraordinário e desumano. A vida de Luiza definira-se pelo OK da suposta transação.

Se os críticos de Luiza soubessem que a menina despertara para sua carreira profissional tão cedo, enxergariam-na com outros olhos. Mas nunca comentara seu problema com ninguém. Não havia coragem suficiente. O desejo de falar só surgiu mais tarde, quando descobriu e compreendeu que havia de fato um problema, e que ela não era como as outras pessoas.

A história dos traumas de Luiza iniciara aos cinco anos de idade. O pai e comprador, Sr. Palmer, fizera uma ótima oferta às agências de inteligência afim de que ela fosse parte de um experimento desenvolvido pelos nazistas, chamado MK-ULTRA, e cujo projeto havia não apenas continuado, mas recebido fortes investimentos americanos e ingleses. A Luiza de agora era uma fênix, corajosa e iluminada por uma nova chance.

Faltava apenas encontrar o lugar de renascer.

A TESTA ABAULADA do texano Michael Crammer mostrava os primeiros sinais de perda de calor. Bem acima do peso, as gotículas de suor se formaram, acumularam-se rápido e começaram a escorrer. A primeira, atingiu o copo de uísque e misturou-se à bebida, que já estava no fim, também. Michael viu quando o pingo caíra. Foda-se. Ruim era saber que os demais presentes na mesa de pôquer também viram, o que fez com que ele suasse ainda mais. Na verdade, ele poderia perder calor ou a própria mãe, mas o jogo, não. Nunca com o tipo de gente que estava ali.

— Quer um pouco d’água? — perguntou El Pepe Steward, o causador da sudorese de Michael. Em uma mesa poluída de tabaco, álcool e testosterona, a oferta fora, em si, uma ofensa.

— Obrigado, El Pepe.

Vá à merda, El Pepe. Quero que você mostre suas cartas. Tenho uma trinca de damas. Se tiver algo melhor do que isso, estou ferrado. Porque não poderei pagar. E você, seu filho de uma puta, vai me cobrar. E vai querer me matar. Quero um sorvete de morango e andar de pedalinho. Quero ser criança de novo. Qualquer coisa, menos estar aqui nesta mesa com você! Se não me matar, minha mulher, Suzanne, com certeza, vai!

— Tem certeza, Michael? — El Pepe disse ao sorrir com todos os dentes asquerosos de ouro.

Michael sorriu também. Ao fazê-lo, outra gota divertiu os quatro jogadores. Entrou pela boca do texano, que por instinto, enxugou os lábios com a língua. Ele era um fanfarrão, não sabia blefar e muito menos dar a impressão de durão.

— Que é isso, El Pepe... O que você tem aí?

Pelo amor de Deus, mostre logo suas cartas!

El Pepe movimentou-se lento. Era prazeroso para ele ver os outros sofrerem. As mãos do carrasco abriram as cartas, uma de cada vez. Michael já não sorria. Na verdade, faltava pouco para chorar. Era óbvio que El Pepe tinha cartas melhores.

Dois ases... El Pepe segurou as mãos por um instante e olhou Michael. Sem sorrir, porque queria

deixar claro sobre as consequências da rodada. Dívidas de jogo, com o Sr. Steward, sempre eram cobradas.

El Pepe mostrou a terceira carta: outro ás. Para Michael, o fim. A quarta carta apenas cumpriu o protocolo e fez El Pepe sorrir de novo. Claro, mais um ás. O robusto texano, agora com a camisa empapada de suor, comprimiu os lábios em uma patética tentativa de sorrir, e levantou-se olhando cada um dos jogadores, tocando a aba do extravagante chapéu.

— Até breve, Michael — disse El Pepe com um olhar de cascavel.

Michael Crammer retirou-se da mesa e foi embora sabendo que cometera o pior erro de sua vida: apostar seus bens. Quanto tempo El Pepe demoraria para descobrir que ele não poderia honrar a dívida, só Deus e o próprio El Pepe saberiam. Tenho que pensar em algo. Tenho que contar à Suzanne. Tenho que me mandar daqui.

Merda!

A FORÇA DE um homem reside em seu espírito, disseram-lhe.

Pelo que compreendeu, aquilo significava, mais ou menos, que sem uma boa fonte de inspiração, sem um bom alimento, qualquer obstáculo se transformaria em uma barreira intransponível. O passado: um fantasma sempre presente.

— *De oppresso liber!* — gritou o major em seu ouvido, quase o deixando surdo. *Libertar o oprimido*, em latim. Era o lema que ouvira repetidamente quando fazia parte dos Boinas Verdes, as Forças Especiais do Exército dos Estados Unidos. Ele havia sido treinado de modo exaustivo para momentos iguais àquele, onde sua inteligência, estabilidade emocional e capacidade de decisão eram postos à prova.

— Sargento O’Connell...

Foi um sussurro do major e líder da operação em tom tenebroso, ainda mais próximo do seu ouvido, quando se postou bem à sua frente. Seus olhos, frios, o fuzilaram. Pediam ação, cobravam os segundos preciosos que passavam. Roy Charles O’Connell não agia como deveria.

— Atire na cabeça. Agora — o major exigiu com os dentes cerrados.

Roy sentiu o hálito quente de uísque *bourbon* do major do Tennessee penetrar suas narinas. Quase uma cabeça maior que Roy, o major era uma figura eficaz. Aquela missão seria cumprida, Roy não tinha dúvidas. O major era capaz de matá-lo... O major já fez isso antes... O major não era alguém de quem se pudesse duvidar. A ponderação talvez tivesse durado um segundo inteiro.

O sargento fora preparado para infiltrar-se em território inimigo — no caso, o Vietnam — e “neutralizar” o maior número de oficiais que conseguisse. Se necessário, obteria informações de inteligência a qualquer custo. O problema é que o oficial norte-vietnamita, o inimigo, não era quem estava ajoelhado diante dos dois. A pessoa em questão acompanhava tudo a cerca de cinco metros de distância, algemado ao lado da esposa, em expectativa mortal. Quem estava ajoelhado era o filho do casal.

A bala finalmente saiu de uma Colt M1911, pistola semiautomática, percorreu o curtíssimo trajeto de 30 cm, reverberou no precário esconderijo de pedras da família do norte-vietnamita e atingiu o alvo ajoelhado. A cabeça do garoto, de 5 anos de idade.

Satisfeito pelo ponto de vista técnico, o major girou o corpo e, poucos passos depois, posicionou-se diante da mulher do norte-vietnamita, caída sobre os joelhos, rezando em voz alta para que aquilo não passasse de um pesadelo: O que agora jazia inerte não era o seu filho.

Num gesto programado, o major, em seguida, sacou a sua Colt e apontou-a à mãe. Roy O’Connell ainda olhava a cabeça do garoto, uma torneira de sangue sobre o precário piso de terra enlameada. Ao olhar o major, que permanecia apontando a arma para a cabeça da mulher, entendeu o resultado esperado.

O oficial norte-vietnamita, vendo a mulher ajoelhada e o filho morto diante deles, não tinha alternativa. Segundos se passaram até que o pai erguesse o olhar e encarasse o major americano profundamente enojado. Com sua honra destrocada, acenou com a cabeça. Ele iria falar, ou atirariam em sua mulher, também.

Roy não gostava de lembrar o episódio. Não pelo arrependimento, que não tinha, mas pela estranha e mórbida transformação que representou em sua vida. Já havia matado muitas vezes antes, porém nunca uma criança. O que o incomodava era a lembrança de sua própria sensação física, seu último suspiro de humanidade, que morrera ali, junto ao garoto. Como se a própria alma tivesse escapado do corpo e, desde então, não mais voltado.

Mas a imagem fora embora.

Agora lhe falavam sobre a tal força que residia em seu espírito. Não estava claro o que significava. Na verdade, soava como um grande nada. Comer, transar e dormir era o que realmente o inspirava. O resto era considerado trabalho. Até que, um dia, quando as memórias — e o ego — deram folga por alguns instantes, deu-se conta de que o tempo passava e o grande salto não vinha. Assim, começou a prestar atenção. Faça como os grandes homens da Fundação.

A primeira dica era uma boa possibilidade. Não era complicado de entender, de forma que decidira “abrir a mente”. Arriscaria algo novo. Experimentaria novas formas de pensar e agir. Tentaria, por que não, decifrar a máquina que girava o mundo e, quem sabe, deixar de ser apenas uma pequena peça da engrenagem.

Na primeira oportunidade, Roy, agora veterano, saiu com seu carro de Atlanta, na Geórgia, seguindo pela *Interstate 85 North*. Chegou em Elbert em pouco mais de duas horas, parando no local específico que lhe recomendaram. Foi em meados dos anos 80 e a *Georgia Guidestones*, as Pedras Guias da Geórgia, ainda eram uma novidade e não tinham sido vandalizadas. A Stonehenge Americana, explicavam.

Roy caminhou até as pedras e procurou ver, afinal, do que se tratava aquilo. Na parte superior central lia-se:

PEDRAS GUIAS DA GEÓRGIA
PEÇA CENTRAL ERGUIDA EM 22 DE MARÇO DE 1980

E, logo abaixo:

QUE ESSAS MENSAGENS NOS LEVEM À IDADE DA RAZÃO

Em uma das pedras de granito havia uma descrição exaustiva com todos os pesos e medidas das estruturas, a que preferiu não se ater. Tentou, sem conseguir, ler até o final as características astronômicas que descreviam a orientação de todas as Pedras Guias. Para quem quisesse, ali constava sua localização: 34°13'55"N 82°53'40"W.

A descrição prosseguia oferecendo mais detalhes sobre o proprietário do monumento — o condado de Elbert — e até o pseudônimo de seu criador, um certo R.C. Christian. Sem descobrir maiores detalhes, caminhou até as pedras. Nos poucos metros que separavam o tablete inicial das estruturas eretas, chegou a considerar que talvez perdera seu tempo com a visita, mas prometeu a si mesmo que não desistiria tão fácil. Confiava no que diziam as pessoas próximas a ele. Descubra para onde caminham os homens. Sigam.

Aproximou-se e parou diante do monumento. Inspirou fundo, decidido a captar algo, fosse o que fosse. As Pedras Guias continham dez mensagens que eram princípios a serem seguidos. Ao circundar a estrutura, descobriu que os textos eram repetidos em oito línguas diferentes, cada um deles gravado em uma face das quatro pedras principais, nos idiomas inglês, espanhol, suaíli, hindu, hebraico, árabe,

chinês e russo. No topo, havia outra mensagem, mais curta, em quatro outras línguas descritas como babilônica, sânscrito, grego e em hieróglifos egípcios.

Ao completar uma volta ao redor, deu por concluída a exploração física do monumento, posicionando seu corpo diante da pedra que continha as mensagens principais em língua inglesa. Era por aquelas mensagens que fora até o condado de Elbert.

De mente aberta e boas intenções, leu-as.

(1) MANTENHA A HUMANIDADE ABAIXO DE 500.000.000 PESSOAS, EM EQUILÍBRIO PERPÉTUO COM A NATUREZA
(2) CONDUZA A REPRODUÇÃO SABIAMENTE — MELHORANDO O CONDICIONAMENTO FÍSICO E A DIVERSIDADE
(3) UNa A HUMANIDADE COM APENAS UMA LÍNGUA EXISTENTE
(4) ADMINISTRE PAIXÃO — FÉ — TRADIÇÃO — E TUDO MAIS COM RAZÃO MODERADA
(5) PROTEJA PESSOAS E NAÇÕES COM LEIS E CORTES JUSTAS
(6) DEIXE QUE TODAS AS NAÇÕES SE REGULEM INTERNAMENTE, RESOLVENDO CONFLITOS EXTERNOS EM UMA CORTE MUNDIAL
(7) EVITE LEIS MESQUINHAS E GOVERNANTES INÚTEIS
(8) EQUILIBRE DIREITOS PESSOAIS COM DEVERES SOCIAIS
(9) VALORIZE VERDADE — BELEZA — AMOR — BUSCANDO HARMONIA COM O INFINITO
(10) NÃO SEJA UM CÂNCER NA TERRA — DEIXE ESPAÇO PARA A NATUREZA — (E, novamente) DEIXE ESPAÇO PARA A NATUREZA

A mensagem pareceu-lhe bem clara. Simples, até. Apenas não soube definir se o que entendera era fruto de inspiração ou se estava instintivamente procurando raciocinar com o mais aguçado sentido de objetividade. Quem são vocês, murmurou contemplativo.

Sentiu, afinal, que não perdera a viagem. Os dedos contornaram os lábios até segurarem o queixo, ajudando-o a pensar. Num primeiro momento, admitiu que seria improvável buscar uma *harmonia com o infinito*, ou, *valorizar a verdade*, como a pedra sugeria. Também não fazia a menor ideia de como seria possível evitar *governantes inúteis* ou *equilibrar direitos pessoais com deveres sociais*. Teve, no entanto, a forte sensação de que tais pessoas grandes por trás das ideias queriam, sendo qualquer o critério de escolha, menos gente circulando em nosso planeta.

Muito menos gente.

Foi o pensamento que eclodira em sua mente. Pelas suas contas, o número sugerido pelo monumento girava em torno de cinco a oito por cento do total de habitantes do planeta inteiro. Mas, com certo conforto, não viu problema.

Ao contrário. Não perderia tempo imaginando soluções inovadoras. Se as mensagens apontavam *para onde caminhavam os homens*, e representavam exatamente o que os *grandes desejavam*, seria inútil andar com o resto da boiada. Era preciso, a partir da revelação, pensar em algo que conquistasse a simpatia de gente tão importante que Roy ainda não conhecera, mas ainda viria a encontrar.

De repente, a ideia de que as pessoas do mundo tinham que ajudar a todos sem distinção, algo que sempre lhe parecera utópico, ecoava mais ridícula e ingênua do que antes. Dava a entender que a engrenagem não deveria funcionar para salvar, mas a fim de reduzir e selecionar. Exatamente o que sua experiência pessoal nas forças especiais confirmava. Era o oposto do que os líderes mundiais aparentavam seguir, e que as pessoas acreditavam. Porque as pessoas acreditavam em qualquer coisa.

Foi ali, no condado de Elbert, que Roy Charles O'Connell descobriu que seguiria um caminho inverso.

- CAPÍTULO 1 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS. 1954.

MILTON WALKER TIROU o relógio de bolso Audemars Piguet pela terceira vez e olhou o presente que ganhara anos antes dos colegas. Pelas suas contas, já estava confinado há mais de três horas com outros dois agentes na sala sem janelas do edifício de vidro fosco da Kendall Square. Milton gostava da relíquia. Mostrava as fases da Lua.

Já não atendia pelo nome de batismo. Era chamado de Mabus, um codinome, com malícia inspirado em um suposto anticristo surgido nas profecias de Nostradamus. Na verdade, já era uma lenda do SOG (Grupo de Operações Especiais da SAD), a Divisão de Atividades Especiais que pertencia ao NCS (Serviço Nacional Clandestino) que, por sua vez, pertencia à mais conhecida CIA.

A SOG era uma força com função bem específica. De tão exclusiva, recebia ordens diretas do presidente dos Estados Unidos, atuando na coleta de informações de inteligência em países hostis, em especial quando não se poderia associar sua atividade à imagem do país. Eram, de fato, pouquíssimos os membros do grupo. Milton atuara, sob ordens de vários presidentes, em locais como a antiga União Soviética, Cuba, Somália, Iêmen e Coréia. Eram missões difíceis e de mais alta confiança.

O codinome Mabus caía-lhe bem, às vezes era preciso vestir o personagem.

Não naquela sala. Aos 45 anos, Mabus era um homem alto, com cabelos ligeiramente avermelhados e encaracolados. Seus olhos eram azuis escuros e possuíam uma decência de fazer inveja, mas que não faria diferença alguma diante do que estava para ser decidido. Ali, por seus colegas, e por ele mesmo.

Mabus guardou o relógio no bolso interno do casaco. Era preciso se concentrar no Protocolo de Pós-Detecção. Além disso, não tirava da cabeça o contrato que havia assinado ao se juntar à agência no início da carreira. Pela primeira vez, considerou que o contrato fosse exercido e, caso o fosse, Mabus perderia todas as chances de viver em sociedade. Perderia o contato com a família, seu salário, seu direito a pensão, seus registros de passagem em universidades e até mesmo seu número de seguridade social. Tornar-se-ia um ninguém e teria que sobreviver na clandestinidade. A diferença entre aquele pedaço de papel ganhar vida ou não, dependeria de uma simples resposta. Uma que, naquelas horas maçantes, ele se recusava a dar.

O Protocolo se antecipava à possibilidade de os Estados Unidos encontrarem evidências de civilizações extraterrestres. Como os próximos anos seriam de intensa atividade espacial, com o envio de sondas e até mesmo com a previsão de um dia mandarem um homem à Lua, a reunião avaliava exatamente essa possibilidade.

O motivo de discórdia pairava sobre a mesa de metal frio: um relatório preparado pela NASA que enumerava os eventos lunares observados da Terra na primeira metade do século XX. Não eram eventos considerados “naturais”. Eram anomalias, registradas por astrônomos e indivíduos respeitáveis da comunidade científica.

O que o relatório significava para aqueles três homens era que, mesmo se enganos houvessem ocorrido, a probabilidade de que todas as anomalias teriam uma explicação natural era praticamente nula. Eles sabiam que anomalias eram indícios reais de atividades incomuns. Outros trezentos relatórios

catalogados pela NASA já tinham sido discutidos antes, mas deixados de lado, pois eram considerados obsoletos. O fato é que havia mais sobre a Lua do que se poderia imaginar. E agora, quando os seres humanos estavam prestes a se aventurar além da Terra, eles teriam que decidir o que fazer com a eventualidade de uma descoberta que confirmasse aqueles relatos.

— Hugh Percy Wilkins. Sombra cortada por um feixe de luz branca — disse o agente Saul, um baixinho atarracado e sisudo já passado dos cinquenta, enquanto lia o nome na lista do relatório. Wilkins fora um engenheiro mecânico e astrônomo amador nascido no País de Gales. Seu testemunho ocorrera em 28 de novembro de 1922 em La Hire, e durara 20 minutos.

O outro agente, o curvado Edgard, o mais velho de todos, leu o próximo nome: William Frederick Archdall Ellison. Acadêmico. Diretor do Observatório de Armagh, na Irlanda do Norte. Fabricante de telescópios.

— Ponto na borda da cratera brilhou como uma estrela pequena por algum tempo depois de entrar no eclipse lunar. O evento foi registrado às 07h45min do dia 8 de janeiro de 1917.

Os agentes Saul e Edgard disfarçaram até aquele momento, mas a verdade é que estavam profundamente incomodados com o desinteresse de Mabus. A leitura fora interrompida quando havia, pelo menos, mais cinquenta eventos a serem revisados. Mabus começava a desconfiar que aquela reunião tivesse outro objetivo: testá-lo. Ele mentiria para proteger cidadãos americanos sem maiores problemas, mas não parecia confortável com a remota ideia de um acobertamento por algo tão significativo.

— Sou um simples analista de imagens — disse Mabus, se antecipando.

— Não, Mabus. Você é um dos nossos. Um guardião da democracia.

Ele sorriu melancolicamente. Um elogio com sabor de chantagem.

— Prefiro me debruçar sobre fotografias. É o que faço melhor.

— Deixe as fotos para quem está começando.

— Não sei se quero fazer parte disso.

— Mabus, com todo o respeito, você tem um contrato com os Estados Unidos da América.

— Vá pro inferno, Saul.

— Cuidado. Não deixe suas emoções te afetarem.

— Minhas emoções não importam. Minha mulher e meu filho... É tudo que eu tenho. É tudo com o que me importo.

— O contrato diz que o país vem antes deles.

Mabus se ergueu. Seu porte era respeitável.

No instante seguinte, Saul sentiu duas mãos fortes pressionando seu pescoço. A cadeira tombou e a sala, silenciosa, reverberou a tensão de quem carregava o fardo de decidir o que a humanidade deveria ou não saber. Eram homens de ação sendo coagidos por fazedores de política. Na moral de Mabus, a ordem natural fora perturbada.

Edgard tocou o ombro de Mabus.

— Há o contrato... E também a há a opção *cirúrgica*.

Mabus arregalou os olhos, surpreso. Conhecia aquela opção. Sabia de casos envolvendo colegas, apenas não imaginava que um dia, aquele assunto teria a ver com ele próprio. A “cirurgia” era uma arma da agência contra os funcionários mais graduados que viessem a se rebelar, podendo de alguma forma abalar o *status quo*. Eles abriam a barriga de quem ousasse contrariar as normas e implantavam uma pequena bolsa com um líquido. A bolsa era ligada a uma sonda, que se alojaria na parte exterior do abdômen. A sonda se alimentaria com uma droga desenvolvida pela agência, cinquenta vezes mais viciante do que a heroína. Cada dose durava em média vinte e quatro horas, quando o efeito terminava por completo. Após três dias sem a droga a pessoa começava a se sentir profundamente ansiosa. Do quarto ao quinto dia, a ansiedade se transformava em angústia aguda e o usuário experimentava uma forte síndrome de abstinência, que se tornaria grave nas vinte e quatro horas seguintes. Mais trinta e seis horas

e a morte era praticamente certa.

A cirurgia, portanto, fazia da pessoa uma escrava virtual da agência.

— Mabus, pense — ponderou Edgard.

— Penso que não gosto de vocês.

— Estamos do mesmo lado. Há uma nova perspectiva no mundo... Você pode ajudar a proteger a sociedade dos desafios que, francamente, ainda não sabemos quais serão. Vamos aprender primeiro, depois decidiremos o passo seguinte.

Mabus achou que era hora de largar o pescoço de Saul.

Aqueles dois não falavam por conta própria. Havia alguém do alto escalão que os enviara. Alguém que queria Mabus, a lenda, na equipe de inteligência que ajudaria a manter o silêncio, preparado para cumprir qualquer ordem, acima de qualquer regra e de qualquer lei. E quando queriam, não havia volta.

— Seria prudente pensar em se afastar da família por uns tempos — disse Edgard, com a autoridade de quem também já fizera isso.

— Deixe de conversa, Edgard. Não existe *por um tempo*. Nós dois sabemos disso!

— É um assunto de implicações globais. Você sabia que poderia ser chamado.

— Como cuida de sua família?

Edgard balançou a cabeça.

— Preferi cortar o vínculo. É a opção mais difícil, mas a melhor para todos.

Mabus poderia dizer não. A consequência seria viver na clandestinidade ou ser submetido forçosamente à cirurgia. Ambas, de uma forma ou de outra, lhe dariam apenas uma sobrevida. Milton Walker escolheu viver. Escolheu preservar a mulher e o filho. Escolheu, resignado, a única opção razoável que a agência de fato lhe dera. Continuar como uma lenda.

- CAPÍTULO 2 -

RIO DE JANEIRO, DIAS DE HOJE.

A LUZ DE Luiza brilhava como o reflexo do sol sobre a névoa densa que cobria o Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro naquela manhã, e que atrasara todos os voos seguintes em um efeito dominó. As poucas melhorias feitas para a Copa do Mundo de 2014 que terminara, e para as Olimpíadas que aconteceriam em breve, não poderiam evitar atrasos devido ao mau tempo, nem no Brasil e nem em nenhum lugar do mundo.

— Brasileira?

O Boeing 777 com as poltronas ridiculamente apertadas da classe econômica estava lotado. Luiza olhou para o lado. Foi o bastante para compor um perfil do idiota que fizera a pergunta. Um senhor de cabelos grisalhos que tinha dinheiro para comprar um terno italiano da marca Canali, que lhe caía bem apesar de uma protuberante barriga. Uma aliança no dedo esquerdo significava uma mulher em casa, e que ele, possivelmente, não dava o devido valor. Alguém consciente de que seu relógio biológico avançava depressa, que sua capacidade como conquistador diminuía na mesma proporção, mas que a cada par de pernas que cruzasse o seu caminho, tendo oportunidade, agiria como se tivesse pelo menos trinta anos a menos.

Não, ela não perderia tempo olhando para o lado, como não havia perdido nos quase quinze minutos em que a aeronave permaneceu parada aguardando autorização para decolar. A pergunta e, mais importante, o tom com que fora feita, já lhe diziam tudo o que ela precisava saber. E absolutamente nada a interessava.

Luiza balançou a cabeça e sorriu por uma fração de segundo. Em seguida, fechou o rosto e voltou a olhar para fora da janela. Ela não tinha o hábito de ler jornais e nem assistia a TV. Não conhecia o nome de personalidades. Não se interessava pela vida dos outros porque nunca fora necessário. Na verdade, nunca tivera a oportunidade de desenvolver qualquer gosto por informações e entretenimento. Sua vida, ela agora compreendia, fora muito diferente da de uma pessoa normal.

Brasileira?

Mesmo que quisesse, não saberia como responder àquela pergunta. Um balanço mais imediato de sua vida preencheu o tempo de espera ao lado do idiota. Luiza viera ao Brasil em busca de parentes — qualquer um — mas não havia mais ninguém nos poucos endereços que ainda guardava na agenda. A casa onde morara com a mãe em um subúrbio do Rio de Janeiro, e que deveria ser o endereço mais importante de todos, simplesmente não constava na lista de locais que ela procurara.

O vínculo com a terra natal terminara há mais de quarenta anos. Pelo menos, era o que aquela rápida viagem ao Brasil acabava de confirmar. Naqueles anos todos Luiza voltara apenas algumas vezes, sempre a trabalho. Foi assim desde que a levaram embora aos Estados Unidos quando ainda criança, e para onde retornava numa noite de muita chuva, ao lado de um vizinho desprezível.

Ocorreu-lhe que talvez ela nunca mais voltasse ao Brasil.

— What's your name? — *qual é o seu nome*, insistiu o problemático senhor, agora acreditando ser ela uma estrangeira. Luiza nem se dera ao trabalho de virar o pescoço. Aquilo o silenciaria, se ele fosse

minimamente inteligente.

QUE EU POSSA encontrar alguém muito iluminado.

Durante sua estada no Rio, Luiza Palmer aproveitou seu completo anonimato para procurar ajuda psiquiátrica. Era a primeira vez. Embora já assimilasse bem seus graves problemas emocionais, nunca fora ajudada por um profissional. Não era a cura ou um entendimento maior do que lhe acontecera. O que queria era algo mais simples. Conversar com alguém neutro, sem qualquer ligação com o seu mundo, e que estivesse preparado para ouvir o tipo de coisas que ela precisava dizer.

No domingo anterior, recortara um pequeno anúncio de jornal de grande circulação do Rio. Tomou coragem e seguiu no dia seguinte ao endereço de um consultório, que ficava num edifício antigo da Avenida Rio Branco. O anúncio do psiquiatra prometia algo importante: sigilo absoluto. Para Luiza, significava tentar estabelecer uma base mínima de confiança em outro ser humano.

Aristides de Sousa Oliveira Junior seria ele.

Era parrudo e tinha olhos protuberantes. Ostentava um farto bigode branco, cabelos cimentados para trás com gel forte. Cheirava a perfume barato e tinha uma pele bronzeada e oleosa. A primeira impressão que ela tivera, definitivamente, não fora boa, mas a atribuíra ao medo de se abrir. Ignorou por completo seu faro notório, e que nunca a deixava na mão. Fora uma exceção.

Cumprimentou Luiza, uma mulher que, para ele, aparentava cinquenta e poucos anos, mas em boa forma. Sentaram-se para uma primeira conversa. Era verão no Rio. O doutor “sorveu” cuidadosamente seu vestido leve e o sapato de salto baixo. Suas pernas eram firmes e seus braços também. Tinha belas canelas. Sua pele era muito clara, talvez não fosse carioca. Então reparou que havia marcas espalhadas pelo seu corpo, pequenas cicatrizes que não atrapalhavam o todo. Ao contrário, o efeito chegava a estimular sua imaginação. Ele se via como um doutor, mas, afinal, também era um homem.

Na realidade, Aristides trabalhava com um nome falso pertencente a um médico que atuava em outro estado. O doutor verdadeiro, é claro, possuía um registro no Conselho Regional de Medicina, cuja cópia estava pendurada na parede atrás da mesa do psiquiatra — que Luiza escolhera para abrir seu coração — mas aquilo raramente era verificado por algum paciente. Acostumada aos consultórios americanos, Luiza não percebeu, de início, nada de incomum. O lugar era simples e parecia limpo. Não faria perguntas que não fossem necessárias.

Ela entrara calada, e ainda permanecia em silêncio. Por algum processo mental, talvez motivado pela ideia de que estava ali para se recordar e falar, visualizou uma de suas memórias mais antigas, de quando tinha cinco anos de idade: a lembrança de uma passagem em especial, e ainda muito vívida. Seu corpo parecia reagir em sincronismo com as lembranças.

O falso psiquiatra, em nome da boa ciência, observava todos os movimentos e reações de sua nova e surpreendente paciente, de maneira que não se furtou da obrigação ética masculina de checar pernas e seios demoradamente, sem cometer a indelicadeza de perturbá-la. Era um profissional. Observador de olhar criterioso, notou leves tremores em suas têmporas, enquanto Luiza era conduzida ao passado, numa lembrança que fluiu de maneira curiosa, como se fosse uma terceira pessoa observando a si própria e ao contexto.

O predador viu a menina de branco caminhar em sua direção. Suas pupilas dilataram. O coração disparou. O animal não tinha garras ameaçadoras. O couro que lhe cobria o corpo denunciava sua idade avançada, mas isso não o tornava menos intimidador. A besta vivia para estes momentos. A menina, inocente, nada percebia, de maneira que parou ao se aproximar dele e considerou o monstro à sua frente, que lhe mostrava os dentes. Ela se acalmou e retribuiu com o que viria a ser o seu último

sorriso espontâneo.

- CAPÍTULO 3 -

PARQUE NACIONAL DE KILLARNEY, IRLANDA.

FORTE COMO UM lobo.

O ex-sargento dos Boinas Verdes gostava ao se referirem a ele desse jeito, mas isso fazia parte de um passado distante. Roy Charles O'Connell era da quinta geração de imigrantes irlandeses residentes em Boston. O lobo Roy repetia a história do próprio nome e seu significado sempre que via uma chance, especialmente nas ocasiões onde justificava seus sessenta e quatro anos e explicava que seu condicionamento físico, no passado, tinha sido muito bom.

A ideia da força, da virilidade, era quase uma fixação em Roy. Ao se formar em física pelo MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts), decidira que voltaria a servir nas forças especiais porque cultivava desde muito cedo uma curiosidade juvenil e cinematográfica em saber qual seria a sensação real de uma guerra. Além do mais, a ciência para ele era burocrática e cheia de teorias com prazo de validade. No fundo, sempre soube de seu espírito empreendedor e livre, e que inevitavelmente estaria sempre atrás de algo novo e desafiador.

Depois de décadas de trabalho sem férias, Roy decidiu que estava na hora de visitar sua terra natal, do outro lado do Atlântico, e refrescar as ideias. O local escolhido fora o belíssimo Parque Nacional de Killarney, ao sul da Irlanda, e a atividade, uma caminhada. De preferência, silenciosa, sem ninguém por perto para atrapalhar.

Antes de começar, fez uma parada em Muckross House, uma atração turística obrigatória no centro de Killarney. O panfleto dizia que a Rainha Vitória visitara a família Herbert, os antigos donos da casa, em 1861, embora para Roy a informação não fizesse a menor diferença.

O que queria mesmo era tomar um café quente, comprar água e barras de cereais para o percurso. Fazia um frio de rachar — frio irlandês — cuja neblina da manhã deixava a paisagem particularmente bucólica. Também ouvira dizer que os pães e bolos do restaurante no jardim eram de ótima qualidade. Depois do passeio, comprovar a boa reputação do restaurante seria sua próxima missão na Muckross House.

Enquanto se dirigia ao jardim, cruzou com um grupo de crianças que rodeava uma moça com ares de guia turística. Ou talvez fosse uma professora. Era costume seu, quando estava em viagem, ficar alerta às oportunidades de aventuras com mulheres. Aquela moça era bonitinha. Talvez jovem demais. Ela falava às crianças sobre os elementos da natureza. Roy andou mais lento, querendo escutar.

— Os Silfos são os mais elevados Elementais. Estes seres mitológicos são alegres e excêntricos. Normalmente trazem bons ventos, mas podem também trazer tempestades! Dizem que vivem nas montanhas mais altas...

Roy perdeu o interesse rápido. A moça falava como uma criancinha e ele tinha mais o que fazer. Depois de se abastecer de água e barrinhas de cereais com informações nutricionais mentirosas, seguiu para a trilha moderada que escolhera, ao redor do lago Muckross, cujo folheto informava poder ser percorrida numa média de três horas. O fundamental, para ele, era que a beleza e quietude do lugar convidavam à reflexão.

Era para isso que Roy estava lá.

Assim que se viu sozinho, com um ou outro turista à sua frente ou mais para trás no caminho, as lembranças o levaram de volta à fase de sua vida pós-Vietnam. Foram anos trabalhando como consultor de comunicação — uma área que particularmente o atraía e para a qual descobriu ter um dom natural. Participou de várias forças militares nos mais diferentes cenários ao redor do mundo, realizando e vendo coisas que um ser humano comum nem de perto conceberia. Naturalmente, tornou-se uma pessoa dura e sem sentimentalismos. Por onde andasse, exibia orgulhoso suas credenciais. Ele era um mercenário da propaganda do conflito.

Em sua experiência, Roy percebeu existir um denominador comum em todas essas confusões chamadas de “guerras”, que ele compreendia em toda a sua extensão e crueldade. Os mecanismos que regiam o mundo eram, em sua mais absoluta forma, corruptos e sem qualquer consideração pela vida humana. Se ele um dia desejou conhecer a vida como ela era, conheceu. Ninguém muda o mundo.

Ao lidar com políticos e grandes corporações, já como consultor especial de inteligência, Roy entendeu que, embora as leis fossem normalmente criadas para proteger e defender os interesses das populações, era impossível protegê-las da natureza humana de alguns líderes. Alguém, no final das contas, sempre se aproveitava das brechas, e, se quisessem uma guerra, fabricavam uma. Coincidência ou não, todas as guerras e conflitos que Roy participara depois do Vietnam foram, sem exceção, motivados pela exploração de recursos de uma determinada região.

Seu trabalho era botar lenha na fogueira através da propaganda e, então, vender proteção com o comércio de armas ou até mesmo a presença militar de um país estrangeiro. Um mercado sem limites e sem crise.

Quando os homens grandes identificavam uma oportunidade, usavam pessoas como Roy para deitar e rolar em cima das crenças locais. Questões religiosas e raciais eram as que mais funcionavam — quase como um relógio — e ele sabia explorá-las para fazer as pessoas brigarem. Sua especialidade era criar um incidente, um evento catalisador que serviria de pretexto para o início de um conflito em maior escala. Eles chamavam aquilo de ataque de bandeira falsa. Roy percebeu que quase todos os conflitos importantes tinham um começo com essa característica. Por mim, tudo bem. As coisas são como são.

A tal guerra ao terror virou realidade e Roy já era respeitado o bastante em seu meio para planejar os detalhes de muitas operações que ajudavam a criar terroristas reais. Como regra, lá estavam eles invadindo países com vastos recursos energéticos, locais estratégicos ao comércio mundial e à presença de bases militares permanentes. Tudo era uma grande e odiosa mentira, mas o lobo gostava do jogo.

Ele era forte.

- CAPÍTULO 4 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS. 1961.

ERA UM SONHO. Em uma noite de 1961, o jovem Lucas, ainda um adolescente de 17 anos, tinha os ouvidos na realidade da pequena e importante cidade de Cambridge, em Massachusetts, próxima à mais famosa ainda, Boston. Enquanto o corpo se afundava no sofá da sala na pequena e confortável casa da Rua Hancock, sua imaginação o levava para uma viagem limpa e realista pela Grécia Pré-Helênica...

Àquela altura, sua mente sobrevoava as ilhas do Mar Egeu em direção ao continente, sem encontrar nenhum sinal característico do que entendemos por civilização moderna. Nos céus da Grécia Antiga, Lucas via um mundo estranho: sem poluição. A visão daquele ambiente era quase cristalina, de tonalidades tão vívidas e reais que ele quase sentia sua textura.

No horizonte, uma estrela — nada mais que um diminuto fecho de luz — se destacava literalmente das demais, entrando em visível movimento de aproximação... Uma voz, ainda distante e baixa, podia ser ouvida saindo de um velho console de TV preto e branco modelo DuMont RA-119 Royal Sovereign.

— *Nos encontramos em uma hora de mudanças e desafios, em uma década de esperanças e medos, em uma era que combina conhecimento e ignorância* — dizia a voz, em tom emblemático.

O sonho prosseguiu. Lucas flutuava agora sobre o incrível Vikos Gorge, o mais profundo desfiladeiro do mundo, nas Montanhas Pindus, ao norte da Grécia. Um mergulho vertiginoso dava uma ideia precisa de sua dimensão e da beleza da noite que Lucas vivenciava, de um azul intenso e limpo de dar inveja ao mais fundamentalista dos ecologistas. Estranhamente, no entanto, a percepção da noite era de uma escuridão que o homem moderno julgaria ser incomum.

— *Quanto mais o nosso conhecimento aumenta, mais evidente se torna a nossa ignorância* — continuou a voz, agora mais próxima e por fim reconhecível: John F. Kennedy, ex-presidente americano.

Sua viagem alcançou as montanhas da mitológica região da Arcádia. Ali, um grupo de doze indivíduos, conhecidos como Proselenes, avançava um após outro montanha acima. A tensão em todos era notória, e ocupava de modo intenso o imaginário de Lucas. Algo, em definitivo, os assustava.

O líder do grupo então diminuiu o ritmo da subida e girou a cabeça para cima, onde pôde observar a linha do horizonte mais atentamente. Notou, incrédulo, que uma estrela se aproximava da Terra, e sinalizou, quase em estado de choque, para o resto do grupo, apontando para o alto e gritando!

— *Ainda não há nenhuma luta, nenhum preconceito e nenhum conflito nacional no espaço... Seus riscos são hostis para todos nós* — prosseguiu a voz magnética de John F. Kennedy.

Do nada, uma poderosa rajada de vento varreu a paisagem com tamanha intensidade que arrancou uma árvore pela raiz, bem próxima ao grupo, e quase arrastou o líder dos Proselenes pelos ares! Uma data, 12.000 a.C., surgiu superimposta no tecido mental de Lucas.

— *Sua conquista merece o melhor de toda a humanidade, e sua oportunidade para cooperação pacífica talvez não se repita* — dizia o último presidente a ter confrontado abertamente o sistema financeiro.

O líder dos Proselenes, numa tentativa patética, porém, louvável, de sobrevivência, agarrou-se a uma

das pedras e fixou os olhos em direção à estrela a se aproximar, lenta e decidida, e que se não parasse logo, poderia jurar que iria chegar a encostar no planeta Terra. Sua face, agora no mais forte terror, começou a se iluminar suavemente com seu brilho, como se ele estivesse refletindo a luz do próprio sol, apesar de ser noite.

— *Mas por que, diriam alguns? Por que escolher isso como nossa meta? E eles talvez perguntem também, por que escalar a montanha mais alta?* — seguiu dizendo Kennedy, que um dia alertara a população sobre forças ocultas infiltradas em todas as esferas do seu governo, e que representavam a maior ameaça que o país já tivera.

Gradual e magicamente, a noite nas Montanhas Pindus se transformou em uma noite mais reconhecível para o ser humano moderno, com intensidade de cores e luzes naturais.

— *Por que voar sobre o Atlântico? Por que o Rice joga contra o Texas?* — perguntou Kennedy, cujo pai o alertara sobre o fato de que cinquenta pessoas ou menos eram as que controlavam de fato o país.

Enquanto o forte vento derrubava alguns Proselenes montanha abaixo, no firmamento, a tal estrela se aproximava. Até que, enfim, parou. Nada menos que a Lua, vista pela primeira vez nos céus da Terra.

— *Escolhemos ir para a Lua. Escolhemos ir à Lua nesta década e fazer outras coisas também, não porque são fáceis, mas porque são difíceis, porque essa meta servirá para organizar e medir o melhor de nossas energias e habilidades...* — dizia Kennedy.

De repente, um clarão total.

Lucas acordou de sua viagem mental. A luz de uma lâmpada do teto da sala de estar atingiu seus olhos em cheio, cegando-o momentaneamente até que sua cabeça adormecida retornasse à posição ereta. A TV à sua frente mostrava, ao vivo, John F. Kennedy, em seu famoso discurso sobre a Lua.

— *É por essas razões que considero a decisão do ano passado de acelerar nossos esforços no espaço como uma das decisões mais importantes durante minha passagem pelo escritório da presidência.*

Lucas estava tão absorto que nem ouvira o Chevy Station Wagon estacionar. A mulher relativamente jovem, de aspecto abatido, desceu e caminhou impaciente em direção à casa. Era Maria Lúcia Walker, sua mãe, uma imigrante brasileira da cidade de Governador Valadares, uma precursora da onda de imigração que só ganharia força duas décadas mais tarde. Franzina e de tez pálida, Maria Lúcia entrou na sala e viu o filho dormindo no sofá com a TV ligada. Depois que acendeu a luz e esperou o filho se mexer, jogou as chaves do carro sobre ele com evidente descontentamento.

— Me ajude com as comparas — disse em Português.

— Mãe, o presidente disse que vai mandar um homem para Lua!

Em 1961 as coisas do espaço eram uma febre nos Estados Unidos.

Apesar disso, o entusiasmo de Maria Lúcia com a revelação do filho beirava a nulidade. Se Lucas soubesse do que ela sentia falta, ou mesmo se se interessasse em perguntar, ela responderia que tinha saudades do cheiro da comida e das cores das pedras preciosas de sua cidade natal. Assim como havia entrado em casa, Maria Lúcia deu meia volta e saiu. Lucas desligou a TV e silenciou Kennedy. Foi atrás da mãe sem pensar duas vezes.

Com o porta-malas aberto, Maria Lúcia entregou cada uma das seis sacolas cuidadosamente para o filho, e saiu da frente para evitar que ele tropeçasse no caminho. O dinheiro era curto e não poderia haver desperdício de mantimentos caso alguma coisa se espatifasse no chão. O sonho de Lucas, no entanto, ainda girava em sua cabeça.

— Gostaria muito que o papai tivesse visto isso — disse Lucas enquanto caminhava com as sacolas de volta para a casa. — Ele ficaria orgulhoso com o nosso presidente... Ir à Lua vai mandar um belo recado aos soviéticos!

Lucas não viu, mas sua mãe balançou a cabeça. Quando chegou à porta de casa, Maria Lúcia parou,

virou o corpo para trás e encarou o filho. Ela sempre tivera dúvidas de como criá-lo. Como brasileiro ou americano? As dúvidas já duravam dezessete anos, e não davam sinal de acabar. Mas eram dúvidas honestas.

— E que mensagem é essa? — ela por fim perguntou, irritada.

— Ué, de que somos mais capazes que eles.

— Meu filho, os soviéticos sabem que os americanos podem varrê-los do mapa, e os americanos sabem que os soviéticos também podem varrê-los. Não conheço nenhuma mensagem mais forte do que essa.

Aquela era a brasileira falando “deles”, os americanos, como se o filho e o marido não fossem, eles próprios, americanos nativos. Lucas estava surpreso com a reação extremada da mãe. Ela não tinha o hábito de falar muito e tampouco emitia opiniões sobre qualquer assunto remotamente ligado à política. Uma coisa, no entanto, estava clara: sua pátria continuava sendo o Brasil. Desde que deixara Governador Valadares o seu lado ufanista se desenvolvera e não dava sinais de que desapareceria num futuro previsível.

— Foi a TV quem disse — tentou justificar Lucas.

Maria Lúcia suspirou.

— Lucas... Isso não tem nada a ver com mensagens.

Parado na porta de casa, o adolescente se esforçava para segurar as sacolas, que a essa altura já começavam a escorregar de suas mãos. O fato é que a mãe raramente concordava com ele, e isso o incomodava.

— Não tenho culpa se você não é uma pessoa feliz — Lucas disse. Depois, abriu caminho e entrou na sala. Maria Lúcia balançou a cabeça de novo, em parte sem paciência, mas também se sentindo culpada por coisas que ela não tinha controle. Coisas como o destino, por exemplo.

— Quem sabe um pouco de comida mineira te deixa um pouco mais tranquilo — ela disse, seguindo o filho.

Milton, que falta sinto de você, queria gritar.

A família de Maria Lúcia tinha origem Tupi. Quando chegou aos Estados Unidos, anos antes, com apenas mil e quinhentos dólares no bolso, teve muita sorte. Por indicação de uma amiga, arrumou um trabalho de limpeza num laboratório no bairro de Kendall Square, conhecido como o quadrado da tecnologia de Cambridge. O encontro com Milton Walker, um dos diretores do laboratório, foi rápido e arrebatador. Ele era mais velho que ela cerca de vinte anos. Casaram-se apenas três meses após o primeiro beijo, rápido e ardente — na cafeteria do laboratório —, e tiveram o filho no segundo ano do casamento. Milton convenceu a mulher a largar o emprego, prometendo que cuidaria dela. Em casa, Lucas aprendeu duas línguas, o Português com a mãe, e o Inglês com o pai. A mãe também gostava de brincar com a língua Tupi, mas para Lucas, era demais.

MARIA LÚCIA SAIU da cozinha com dois pratos fumegantes de caldo verde mineiro e se sentou com Lucas para jantar.

— Fale-me dos seus planos.

— Quero jogar na NFL.

Ela mordeu os lábios internamente, sem deixar que ele percebesse. A NFL, liga de futebol profissional americano, era para poucos felizardos. Lucas não reunia os pré-requisitos necessários. Ele havia puxado a estatura da mãe e nunca foi especialmente talentoso nos esportes. Sua mãe sabia disso, e ele próprio sabia, mas ainda assim Lucas alimentava o sonho que muitos jovens americanos tinham.

— Que ótimo... Seu pai ficaria muito feliz — ela disse, com muito custo.

— É. Ficaria.

— Sem falar na quantidade de garotas que você vai conhecer!

Maria Lúcia cutucou o braço de Lucas, mas ele não estava no clima para piadas. A lembrança do pai era sempre dolorosa. Por essa razão, ela achava que tinha que falar dele todo o tempo na esperança de que o garoto se acostumassem com a ausência, ainda muito sentida.

— Mãe, será que ele volta, um dia?

— Quem sabe...

Essas conversas raramente pacificavam o filho, mas era a forma dela dizer, sem verbalizar, que sentia falta do marido tanto quanto ele. De alguma maneira, Lucas compreendeu e se levantou da mesa, deixando a refeição por terminar. Maria Lúcia olhou para o prato, ainda cheio, e murmurou. Achava aquilo um desperdício, pois nem sempre era possível encontrar os ingredientes em Cambridge para se preparar um bom prato da sua infância no Brasil. Ela observou ele sair de casa e, então, seu organismo decidiu que a fome terminara por ali. Restou recolher os pratos e levá-los para a cozinha.

- CAPÍTULO 5 -

RIO DE JANEIRO

LUIZA ABRIU OS olhos. Teve a impressão de que o doutor ainda olhava suas pernas. É só uma impressão. Coragem.

Fazia três minutos que chegara ao consultório, e ainda não pronunciara o próprio nome. Depois de cumprimentar com um rápido aperto de mão a pessoa em quem depositava forte esperança de ajuda, permaneceu em silêncio por um tempo, simplesmente escolhendo a melhor maneira de iniciar a conversa tão difícil.

O profissional cobraria pela hora. Não faria a menor diferença ficar o resto do tempo olhando o corpo da estranha que chamava de paciente. A demora não mudaria o valor da conta. Às vezes, ele até preferia o silêncio. Dava menos trabalho. Pacientes eram sinônimos de problema e costumavam ser inconvenientes. Ser um médico psiquiatra era muito, muito difícil.

O fato é que ninguém jamais conseguira ver além do fascínio que Luiza exercia onde quer que sua figura de mulher surgisse. Brasileira para uns, americana para outros, não tinha amigos que se conhecessem. Sua rede social era na base do caso a caso, por questões de segurança, sem qualquer interação de uns com os outros, se é que existiam outros. Se soubessem, ela lamentava, entenderiam que aquela era a forma escolhida por terceiros para que Luiza permanecesse socialmente invisível, e apta a cumprir o seu destino de servir.

— Fui forçada a ter relações sexuais durante toda a minha vida — ela finalmente revelou ao falso doutor Aristides.

— Continue, por favor — ele pediu, intrigado.

Para Aristides, o tema começava quente, mas, antes de relaxar, era preciso tomar cuidado. Ele não sabia quem era a pessoa sentada à sua frente, de forma que prestou atenção na palavra mais importante daquele início de conversa: *forçada*. Prudentemente, esperou por mais informações, mas Luiza prolongava a pausa, e o estudava também. Será que ele é digno de minha confiança?

— Qual a sua idade?

— Sou mais jovem do que o senhor poderia julgar pela minha aparência.

— Ainda exerce a profissão?

Luiza franziu a testa. Que atrevido!

— A que profissão o senhor se refere?

A palavra *forçada* ainda estava em primeiro plano na cabeça dele. De qualquer forma, sua vasta experiência profissional como picareta, e seus anos de pesquisas no campo da calhordice, sugeriam que aquela mulher deveria ser uma prostituta que jogaria a culpa por uma vida desgraçada nos ombros de algum cafetão. Foi Luiza quem deu a pista a ser seguida.

— Nunca tive uma profissão. Nunca tive a opção de escolha.

— O que gostaria de fazer daqui para a frente?

— Comecei muito cedo, não me lembro bem com que idade... — ela respondeu, deixando claro que aquele seria o tema. Ter controle sobre o diálogo e sobre situações era algo novo e extremamente

importante. — Cresci acreditando que tudo era normal, que tudo não passava de uma espécie de brincadeira dolorosa.

— Quem a obrigou a isso?

Luiza balançou a cabeça e cerrou os dentes. Os olhos se perderam durante uma fração de tempo e retornaram frios ao encontro dos dele.

— Todo mundo.

Ele tentou esconder a falta de paciência, mas ela já se manifestava. Com o dedo do meio, coçou uma das sobrancelhas de maneira afetada e prepotente. Seria mais fácil, na sua opinião profissional, que ela fosse direto ao problema do amor não correspondido ou algo do gênero. Se Luiza não se abrisse logo, ele teria que gastar sua energia deduzindo, e isso o irritava. Ele não era pago para desperdiçar neurônios, e sim para escutar. Aristides não gostava de pacientes que lhe davam trabalho. Era estressante.

— Certo... Mas deve ter alguém em especial.

— Doutor, gostaria de falar de uma maneira mais genérica, se não se importar. Não sei se é a melhor maneira de fazer isso, mas eu me sentiria melhor dessa forma.

Aristides, em mais de trinta anos de farsa, também tinha que admitir que não sabia como aquilo funcionava. Por via das dúvidas, ele assentiu com a cabeça e Luiza continuou. O “cliente” sempre tinha razão, e era quem pagava a conta no final.

— Conforme fui crescendo, fisicamente, fui forçada a usar drogas.

Sua garganta travou e ela voltou a ficar imersa em lembranças.

Lá se vão outros 15 minutos de silêncio, temeu o profissional. Com enorme esforço, Luiza prosseguiu.

— A maior parte das vezes era LSD... As outras drogas eu não sabia o que eram.

— E mesmo assim, consumiu?

— Isso.

— Ainda usa?

Luiza suspirou. Será que ele está prestando atenção?

— Também me deixaram sem alimentos e água.

— Como assim, passou necessidades?

Quanta ignorância.

— Eu disse que fiquei sem me alimentar. Por imposição deles.

— Pode descrever o que sentiu?

— Preciso realmente?

— Deve ter sido horrível... — respondeu ele após um pigarro que denunciava a autoridade levemente arranhada.

— Me deixaram com frio... Dormi nua no chão de uma sala em pleno inverno norte-americano. Cheguei aos limites do meu corpo... Tudo era parte do processo.

— O que queriam?

— Me controlar.

— Entendo... No seu modo de ver, acha que conseguiram?

Luiza fechou os olhos e os abriu acidentalmente voltados para o falso diploma na parede, que não chegou despertar suspeitas. O problema é que ela teve a certeza de estar diante de um imbecil, mas o impulso de falar era muito forte e a surpreendia. Ela jamais havia falado sobre sua vida que não fosse com alguém de dentro do seu mundo. Teria que começar do jeito que fosse, mesmo com aquele sujeito que a olhava com uma expressão que ela não soube definir bem, mas que transmitia cada vez menos confiança. Teria que arriscar, ou perderia seu tempo.

— Em certa ocasião, deitaram-me em uma plataforma.

Luiza fez outra pausa, insegura, o que deixou Aristides curioso. Ele antecipou que talvez ela tivesse algo bem picante a revelar, e que isso pudesse entreter seus amigos na próxima rodada de cerveja.

— Meus braços e pernas foram deslocados. Lembro do barulho até hoje — Luiza sentiu calafrios e cruzou os braços, instintiva.

O doutor se mexeu na cadeira, visivelmente incomodado. Aquela revelação não tinha nada de picante. Ao contrário, era dolorosa só de ouvir. No fundo, ele preferia tratar dos casos de divórcio, das picuinhas que costumava ouvir com frequência. Chegou à conclusão de que Luiza era para profissionais de verdade. Talvez o melhor a fazer dali para a frente fosse deixar o tempo da consulta correr, mas Luiza percebeu que ele se incomodava, e encarou aquilo como uma razão para ir adiante.

Ele vai me ouvir até o final.

— Recebi choques elétricos em minha... Em minhas partes íntimas. Em várias ocasiões... Durante pelo menos três décadas. O senhor tem alguma dúvida, diante do que estou lhe contando, de que eu não estava sob o controle deles?

O picareta quase conseguiu disfarçar o olhar furtivo para um relógio de mesa. A consulta agora parecia muito longa. Luiza não se abalou.

— É óbvio que eu fazia tudo que me pediam... O medo e a dor me dominavam! O processo, no fundo, era relativamente simples... O senhor não acha?

— Porque demorou tanto para pedir ajuda?

— Doutor, as drogas e as torturas eram supervisionadas por psiquiatras que vinham das mais renomadas instituições de ensino.

E você veio se tratar na porra do Brasil? E justo comigo?!

— Senhorita, deveria ter denunciado essas pessoas.

Luiza perdoou a ignorância do sujeito. Ela se sentia como uma leoa calejada diante de um ser humano mesquinho e despreparado. No fundo, nada de novo para ela.

— Acontece que os especialistas também eram forçados a trabalhar.

— Mas se eram profissionais respeitados, por que faziam essas coisas?

— Se o senhor fosse drogado por alguém, e tenho certeza que já ouviu falar no "boa noite, cinderela", e colocado na cama junto com crianças, fotografado e chantageado, provavelmente concordaria em fazer coisas que jamais faria em uma situação normal. O que estou lhe contando era rotina.

Louca de dar nó em pingo d'água, ele pensou.

Foi a vez de o charlatão permanecer em silêncio. Na verdade, começava a fazer uma ideia do que sua paciente relatava. Era algo que só ouvira falar em livros de ficção ou literaturas médicas fronteiriças, que de vez em quando lia para se atualizar com os jargões do ofício.

— Acredita que sua mente estava sob controle dessas pessoas? — perguntou o doutor, aparentando estar um pouco mais interessado. Por fim era algo que fazia sentido para alguém com a história dela. Luiza não desperdiçou a oportunidade.

— Não sei se era exatamente dessa forma.

— Então o que acredita que se passava?

— Controlavam o meu comportamento, isso era certo.

— Fragmentação da personalidade... — Aristides balbuciou aquelas palavras quase não acreditando que uma pessoa com esse tipo de histórico pudesse tê-lo procurado. Aquilo o colocou em estado de alerta. Não queria nem imaginar a hipótese de se envolver, mesmo que indiretamente, com esse tipo de gente.

Luiza, por outro lado, animou-se, iludida. O terapeuta agora parecia entender.

— Traumas e choques... Bastava não obedecer que éramos punidas. Mês após mês. Ano após ano. E éramos vigiadas todo o tempo...

— E o que eles queriam com vocês?

— Meu papel era transmitir uma informação e trazer de volta uma resposta.

— Era uma espiã?

— Não.

— Trabalhava por dinheiro?

— Também não. Trabalhava para poder comer.

— Só?

— Ganhava roupas e presentes insignificantes, mas nunca dinheiro. Na prática, eu era como um pombo correio.

O charlatão baixou o olhar. Luiza tentou decifrar se ele estava desinteressado ou apenas refletindo sobre o que ela acabava de revelar. Na dúvida, foi em frente.

— Informações eram armazenadas em compartimentos da minha mente e acessadas apenas pelo alvo, que sabia de antemão como obtê-las. Normalmente, o acesso era feito com um gesto de mão ou alguma frase. Igualzinho aos filmes de ficção, com a diferença de que eu não sou uma personagem. Sou um ser humano de verdade... O senhor acha que podemos continuar a falar sobre isso? Isto é, acha que pode me ajudar?

— Existe alguém atrás de você? — ele perguntou, temeroso.

— Não. Houve alguém a quem eu servi, e que me libertou.

— Tem certeza?

— Tenho. A minha liberdade foi quase como ganhar na loteria. Na verdade, uma benção. Estou livre e sou grata a ele.

A velha Síndrome de Estocolmo. A mocinha ficou feliz da vida porque seu cafetão-sequestrador-proprietário apenas parou de lhe fazer mal... Ele concluiu enquanto Luiza caía em novo silêncio. Lembrou-se do pedido formal de desculpas do ex-presidente Bill Clinton para vítimas desses programas, embora fosse tarde para reverter os danos. Lembrou que um juiz federal no Canadá havia recentemente aberto caminho para que centenas de vítimas como ela pudessem procurar compensações financeiras. Na Inglaterra, também havia uma movimentação neste sentido. Apesar disso, de nada adiantava um pedido de desculpas depois de terem sido literalmente devoradas e abusadas em rituais indescritíveis por presidentes, congressistas, membros da realeza europeia e da elite financeira mundial. Conta outra, presidente Clinton!

O novo período de introspecção de Luiza gerou uma oportunidade para o charlatão se livrar do que começava a considerar como um enorme pepino. Levantou-se subitamente e caminhou até a porta do consultório.

— Desculpe — pigarreou nervoso — Sinto-me extremamente sensibilizado com seu caso, mas não acho que eu seja a pessoa mais adequada para te ajudar. Não cobrarei a consulta.

Luiza não esboçou nenhuma decepção com aquela covardia. Levantou-se e caminhou para fora do consultório, como se uma simples reunião tivesse acabado.

Aquele não era o primeiro homem fraco a passar por sua vida.

NO AVIÃO, o senhor babaca se calou abrupto quando sentiu a poltrona pressionar suas costas. O Boeing 777 estava finalmente decolando. Para Luiza, a volta aos Estados Unidos significava viver com recursos tão esparsos que tinham dia certo para acabar. O Brasil não oferecia nenhuma porta naquele momento.

No pior dos cenários, Luiza rastejaria até seu libertador e pediria ajuda, embora tivesse prometido a ele, e a seu principal cliente, que nunca mais os procuraria. Era a condição mais importante de sua libertação: não causar problemas. Sem parentes e amigos, e após uma primeira tentativa de tratamento que havia deixado muito a desejar, Luiza disse adeus ao Brasil. Talvez, um dia, voltasse por um motivo melhor.

- CAPÍTULO 6 -

PARQUE NACIONAL DE KILLARNEY, IRLANDA

Roy diminuiu o ritmo da caminhada e contemplou o lago Lough Leane, coberto por uma densa névoa de inverno que era vista sem se sair da trilha do Muckcross. Dos três lagos de Killarney, aquele era o maior. Seu nome, Lough Leane, significava “lago do aprendizado”.

— Merda! — protestou.

Sua coluna vertebral pedia uma pausa, herança dos treinamentos militares da juventude quando Roy era forte, de fato, como um lobo. Daquele tempo, restaram os cabelos, que agora eram poucos, acinzentados e curtos, ainda ao estilo militar. O rosto continuava retangular e o queixo extremamente quadrado, que em conjunto com seus olhos escuros e pequenos era de intimidar qualquer um. A única coisa que seguia em ritmo forte era sua cabeça.

Segundos se passaram até que concluísse que a vista era linda e tal, mas não era de sua natureza ficar muito tempo admirando um monte de água. Novas reflexões vieram. A lembrança de sua visita de décadas antes às Pedras Guias da Geórgia veio-lhe à mente. Quinhentos milhões de habitantes.

Somente agora, ao olhar para trás com a devida maturidade, percebia o quanto aquela proposta era dura, e como já se trabalhava arduamente para se impor aquele número simbólico ao redor do planeta. Conflitos, fome, doenças e afins. Era cruel, mas era assim mesmo. A tendência era escalar, e ele só queria entender o seu papel no mundo.

Meu mundo.

O que ele via em seu ramo de negócios era que terroristas nasciam quando países estratégicos eram invadidos, e sua infraestrutura devastada, com um alto número de civis — também conhecidos por crianças, mulheres e idosos — massacrados aos milhares e, às vezes, aos milhões, dependendo da longevidade da operação.

A prosperidade dos homens grandes... Os governantes inúteis, segundo a lembrança que Roy tinha das Pedras Guias. E essa névoa maldita, que não desaparece?!

Quando brincar de durão perdera a graça e o lado empreendedor voltara a falar mais alto, Roy largou o envolvimento direto com as forças militares e montou uma pequena produtora de TV. Ali, começou a colocar em prática seu enorme talento para os piores tipos de propaganda. Criava *reality shows* regionais de baixo nível, aceitava publicidade dos produtos e serviços ainda mais duvidosos, e exercia a arte de criar eventos fantasiosos ou próximos disso. Nas costas de uma audiência composta por pessoas de bem, mas puras demais, a produtora evoluiu rapidamente e fez de Roy um homem com algum dinheiro, coisa que ele nunca tinha tido antes, pois havia se especializado em gastar o imposto dos outros. É pouco.

Seria preciso mais dinheiro se quisesse ter poder real. E era preciso mais poder, para conseguir mais dinheiro. Com a TV, Roy se aproveitou ainda da profunda vulnerabilidade do cidadão comum, que acreditava que suas informações e programas fossem os únicos sacerdócios que valessem a pena. Se a previsão do tempo errasse, a culpa não era da TV, mas do tempo. Roy escolhia o que tinha potencial de ser uma boa notícia e qual a melhor forma de ganhar em cima dela, fosse dinheiro ou influência. Vendia espaço aos patrocinadores que se adequavam ao assunto que trataria a seguir e, assim, tinha certa

previsibilidade do “futuro”, antecipando-se a ele e fazendo previsões óbvias cujo desfecho já conhecia. Eram truques e mais truques. Sua vida, ele, às vezes, admitia: era mentir. Dane-se!

Roy contemplou o outro lado da trilha, que oferecia à vista um ponto da atração chamado Encontro das Águas. Que adorável... Essa maldita trilha não termina nunca? Roy olhou para o relógio. Estava ofegante. Chega... Rumo ao restaurante no jardim da Muckcross.

A caminhada ao redor do lago estava quase no fim e tinha levado o dobro da média. O folheto obviamente errara. Quando era jovem, Roy abusara dos exercícios físicos. Anos mais tarde, descobrira uma deficiência cardíaca que o deixava sem resistência para longas atividades. O passeio, que deveria ser moderado, deixou-o exausto, e o frio incomodava além do desejado. Seus pés estavam úmidos.

Uma placa: Torc Waterfall.

Porra, onde termina isso?

Roy seguia a seta que indicava outra parada obrigatória, mas sem avisar que haveria uma escada e uma subida íngreme. Era uma rota alternativa da trilha e Roy já não raciocinava direito. Ao final, quase sem ar, parou para admirar a pequena queda d’água parcialmente congelada. Depois de dez ou quinze segundos, voltou à trilha principal ao redor do lago. Ao chegar embaixo, já sem energia alguma, mas aliviado, viu-se novamente diante da paisagem deslumbrante ao redor do Muckcross. Agora sentia um misto de cansaço e relaxamento.

Então, talvez pelo cansaço, ou pelo silêncio do lugar, teve o que costumava definir para os mais próximos como um momento de “profunda criação”.

Roy olhou para o céu. Era quase noite. Nada mal...

A Lua cheia já podia ser vista ao alto. Fora um daqueles dias perfeitos, sem telefone ou pessoas a berrar. Ao se sentar sobre uma rocha, antes de retornar ao ponto inicial em Muckcross House, Roy inspirou profundamente e sorveu a paisagem. Seus pulmões se dilataram. Quando estava no limite, devolveu o ar para fora. Lentamente...

Bendito ar.

Ali no parque Killarney, era melhor ainda. Quando inspirou de forma cadenciada pela segunda vez, tentando prolongar a fortificante sensação de bem estar que começava a sentir, Roy teve o seu insight. Obrigado, Irlanda!

Foi a visão de um futuro que acreditava poder conduzir de acordo com seus planos, não mais com o dos outros. A descoberta que acabara de ter, possuía todas as características de um negócio típico de Roy, em especial no quesito da ambição. Olhou a natureza ao redor e considerou seus elementos, conforme a mocinha estridente explicara ao grupo de crianças horas antes.

Roy sabia que não havia um lugar de terra no planeta que já não pertencesse a alguém. A terra, para Roy, não era o negócio que procurava. Aquele elemento não serviria. Então, observou o cênico lago Muckcross, com sua névoa assombrosa e a tonalidade leitosa do luar. Considerou a água, outro elemento, invejando quem tivera a ideia de armazená-la em garrafas de petróleo. Uma ideia estúpida, mas lucrativa. O mundo estava repleto delas. Ele queria sua própria ideia.

A água, historicamente gratuita, hoje tinha um mercado gigantesco, indispensável e sem prazo de validade. A água nunca saíria de moda. Países entraram e ainda entrariam em guerras por sua causa, mas, infelizmente para Roy, ela também já tinha donos.

O lobo, veterano das forças especiais, conhecia bem o outro elemento. O fogo. Explorado da forma “certa”, tornou-se um dos maiores negócios do planeta, com o poder de transformar sociedades inteiras ao impor o medo. Assim como a água, o fogo tinha os seus barões no planeta, os capitães das indústrias bélicas e antigos clientes do ex-consultor Roy O’Connell. Era tão antigo quanto os negócios da terra, mas Roy poderia apenas almejar um papel coadjuvante em sua exploração, o que não mais satisfazia sua crescente ambição.

O ar da Irlanda entrava e saía de seus pulmões. O mundo tem donos...

O controle dos elementos, Roy sabia, era um verdadeiro crime contra o planeta, mas a visão que ele tinha naquele final de tarde em Killarney dizia que, para ser completo, o crime perfeito não poderia deixar de fora a possibilidade de exploração do próprio ar.

O ar... A última grande fronteira comercial da humanidade!

Julgou, naquele momento místico, que sua ida até Muckcross House não fora um simples acaso. Pela primeira vez, o lobo Roy, experiente neutralizador de pessoas e propagandista, tivera um interesse especial pela natureza. Pensando melhor, já começava a gostar da historinha sobre os Silfos. Especificamente, em como seria bom ter o poder de explorar o ar.

Que estranha e agradável coincidência...

Precisou se apoiar em um dos braços.

Teve a impressão de ter visto luzes brancas de súbito eclodirem em seu campo de visão, por certo um sintoma do cansaço. Sentiu-se nauseado e temeu um desmaio. Inspirou de novo e fechou os olhos... O segredo estava guardado diante de todos e, de tão óbvio, não era reconhecível para o ser humano comum, apenas para pessoas “elevadas” como ele. Tudo ficava mais claro, pois, a rigor, nada na escala de prioridades dos seres humanos era mais importante e imediato do que o ar. Alguém poderia viver alguns poucos dias sem água ou comida. Sem ar, morreria em minutos.

Isso deve ter um valor fenomenal!

Roy abriu os olhos e assombrou-se com o que viu ao redor: o ar, não mais como um elemento da natureza, mas como uma *commodity*. Uma mercadoria gratuita e abundante que cobria o planeta inteiro. Quase em transe, olhou para a Lua cheia e, então, sua visão se completou como que por mágica.

Foi intuição pura. A Lua é o caminho! Meu Deus...

No raciocínio de Roy, as pessoas eram movidas por paixão. Em sua visão, seria mais viável lançar um projeto apaixonante — e que todos compreendessem — do que criar algo novo e imprevisível. Como, por exemplo, uma viagem à Lua em uma espaçonave privada. Mais lógico do que uma exploração comercial e aberta da *commodity* ar, que, óbvio, seria impopular. Difícil alguém pagar para respirar. Porém, conforme tinha visto desde sempre na indústria da guerra, um projeto visível ao público poderia arrecadar recursos suficientes para que projetos não visíveis fossem desenvolvidos de modo simultâneo, e de maneira oculta.

É claro!

A Lua seria o pretexto, a distração que mexeria com a paixão que aquela estranha bola branca exercia em grande parte das pessoas. Afinal, quase todo mundo que conhecia em seu meio apoiaria um projeto privado de retorno do homem à Lua, ou, pelo menos, um sobrevoo ao seu redor. Dava na mesma. A ideia — o projeto em si — é que seria o magneto que atrairia os recursos que Roy precisaria para a exploração do ar. Era o jogo a ser jogado e incluiria, conforme a tradição, arrecadar muito mais do que fosse necessário.

Lunático hoje, visionário amanhã... Roy sorriu. Ter sucesso ou não, pouco importava. A aventura serviria como uma alavanca para sua reputação, mais até que um eventual resultado positivo. O levantamento de recursos seria a parte principal, o resto apenas show, distração.

O vento, comum em Killarney, soprou forte e gélido em seu rosto. Roy, o “místico”, entendeu aquilo como um sinal. Então, levantou-se, abriu os braços e deixou a cabeça pender para trás. Mais uma vez de olhos fechados, e desta vez marejados, celebrou no íntimo a incrível sensação que tivera naquele início de noite. Em sua mente, já havia um plano desenhado. E, no meio daquela excitação, um nome ligado ao vício veio-lhe à mente com intensidade explosiva.

Luiza Palmer. Meu amor... Minha doença.

A escrava controlada por um amigo e que ele, em uma recaída de humanidade anos antes, intercedera por sua libertação. Um erro. Agora, mais do que nunca, a paixão de Roy por Luiza voltava a assombrar-lhe. No momento certo, ele a localizaria.

- CAPÍTULO 7 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS. 1961.

LUCAS SE SENTOU no meio fio da calçada aborrecido, como um adolescente cuja revolta era em parte justificada pela ausência paterna. Precisava ficar sozinho, olhar para o céu em uma noite fresca de verão como aquela, de céu límpido e Lua quase cheia.

A Lua, em especial, o fascinava. Como é possível enviar alguém até lá?

As palavras de Kennedy não saíam de sua mente. O Presidente dissera que o homem iria chegar à Lua. Mas a breve contemplação voltou a dar lugar a uma costumeira angústia sem resposta para a pergunta mais importante de sua vida: onde estava o seu pai depois de todos aqueles anos?

Lucas baixou a cabeça. E ouviu um barulho estridente.

Talvez um grito?

Ao erguê-la, descobriu que a origem do som era um pneu que derrapara muito próximo, crescendo em sua direção. Levantou-se o mais rápido que pôde, apavorado ao ver que uma bicicleta capotava violentamente à sua frente!

Uma queda assustadora. Por instinto, Lucas correu a curta distância até o homem que permanecia imóvel no chão, de costas para ele. Observou-o por dois ou três segundos e então ouviu algo que soava inesperado, vindo da pessoa que acabava de se acidentar, e que parecia estar morto ou inconsciente: uma longa e sonora risada.

O homem girou o corpo, lento, até ficar com as costas apoiadas no asfalto. Movimentou braços e pernas e se levantou, sem maiores dificuldades, fazendo uma rápida inspeção em seu corpo.

— Está bem?! — perguntou Lucas, confuso com o morto-vivo.

— Que piada...

— Como assim?

— Meu tombo... Uma piada grotesca!

Lucas pegou no braço do homem e direcionou-o à calçada. Ele mancava de leve quando olhou para o jovem.

Te assustei, não foi?

Um pouco.

Na calçada, Lucas e o estranho pararam de caminhar. Seu joelho sangrava.

Vou pedir à minha mãe para te fazer um curativo.

Não se preocupe.

De jeito nenhum, moço. Na minha casa todo mundo é bem tratado.

Maria Lúcia ouvira o barulho da queda e se dirigia para a rua. De pronto, abriu a porta da casa e acolheu o estranho, levando-o ao banheiro da sala, onde havia um kit de primeiros socorros.

— QUAL O SEU nome?

— Tyler.

Maria Lúcia higienizou a ferida e enrolou uma bandagem. Ao olhar a mãe fazer o curativo, Lucas tentava entender o ocorrido. Foi tudo muito rápido. Lembrou-se de que não havia carro algum próximo ao homem, nada que justificasse um susto que pudesse tê-lo desequilibrado. Não havia animais cruzando a pista. Em absoluto nada que explicasse aquele tombo escandaloso. Aquilo o inquietou.

— Mas afinal, de que direção você veio? — Lucas quis saber.

— Não me lembro direito...

Maria Lúcia percebeu que Lucas não tirava o olho de Tyler.

— Deixe-o respirar um pouco... Não vê que está abatido?!

Ao dizer isso, ergueu o olhar e encontrou os olhos de Tyler.

— Aonde disse que mora?

— Ainda não disse.

Maria Lúcia riu, sem graça.

— Desculpe.

— Moro em Mare Crisium.

— Como é?

— Mare Crisium — ele repetiu, como se esperasse alguma reação dela.

Que veio em seguida. A feição sem graça transformara-se em palidez.

— Não conheço. É aqui perto? — perguntou Lucas, ainda sem notar que o rosto da mãe perdia cor depressa.

— Nem tanto — disse Tyler, sem tirar os olhos da Maria Lúcia, que desviou o olhar. — Vocês estão sendo bastante gentis comigo. Sou muito grato.

Lucas notou que a mãe se apressara em terminar o curativo e que havia algo de errado em sua expressão. Ela se levantou, apontou a saída com o queixo e olhou para o filho, que entendeu que deveria acompanhar o estranho até a porta. Antes de ir embora, porém, Tyler se virou para Maria Lúcia.

— Espero que eu possa retribuir algum dia.

O estranho foi embora e deixou perguntas no ar.

Lucas fechou a porta e veio até a mãe, que parecia aflita. Encolheu os ombros e jogou as mãos para o alto.

— Retribuir? Você apenas fez um curativo no cara!

A mãe guardou o kit no armário embaixo da pia e seguiu para a cozinha. O esperado seria uma resposta ou um comentário qualquer, mas ela silenciara. Lucas foi até a janela da sala. Ao olhar para fora, sentiu o grau de estranheza aumentar.

O homem entrou em um carro escuro, sem placa de identificação, que acabava de estacionar após o cruzamento das ruas Hancock e Harvard. A bicicleta havia sido esquecida no mesmo local. Lucas fechou a cortina e foi ao encontro da mãe, na cozinha. Ela permanecia imóvel, em frente ao fogão. Sua mente estava em outro lugar, enquanto uma panela de água começava a ferver sem qualquer propósito. O café, ou o que quer que Maria Lúcia planejasse fazer, ficou para depois.

Lucas se aproximou e apagou a chama.

— O que foi? — perguntou, com cuidado.

— Preciso te mostrar algo.

Maria Lúcia deixou a cozinha e ambos subiram ao andar de cima. Passaram pelos dois quartos da casa e continuaram até uma pequena escada que dava acesso à portinhola do sótão. Maria Lúcia entrou primeiro, parando diante de uma prateleira repleta de arquivos mortos. Com dificuldade, tentou puxar uma pesada caixa, até que virou-se em direção ao filho.

— Deixe comigo, mãe.

Depois de colocada no chão, Lucas se afastou e observou a mãe se ajoelhar. Com certa reverência, Maria Lúcia abriu a tampa de papelão e dedilhou alguns envelopes, até encontrar o que procurava. Era

um grande envelope, cor de terra escura, fechado por um barbante que abriu no mesmo instante, e de onde retirou fotografias em preto e branco, e mostrou a Lucas.

Eram imagens em alta resolução da superfície lunar.

— Encontrei no armário do seu pai anos atrás — ela explicou.

— Por que ele esconderia um envelope com fotos dentro do armário?

— Não sei se esconder é a palavra certa.

Lucas se ajoelhou perto da mãe. Queira examinar melhor.

— Bom, mas o que isso tem a ver com o tal sujeito? O que ele disse que te deixou nervosa, não foi?

Maria Lúcia bufou e esperou um instante antes de responder.

— Mare Crisium, ou, “Mar das Crises”. Foi o que ele disse.

— E?

— É o lugar onde Tyler nos disse que morava.

— Ahã.

— É uma região que fica na Lua.

Maria Lúcia acabara de decidir que o filho, grande o suficiente para praticar futebol americano, não seria mais poupado. Ela ergueu a foto e apontou a região marcada com um círculo vermelho. MARE CRISIUM.

Lucas sorriu.

— Qual é, mãe. Tenho certeza que o cara não mora na Lua.

— É lógico que não! — Ela colocou as fotos dentro do envelope. — Lucas, a estranheza está no fato de que seu pai era líder de um projeto de análise de imagens cujo nome era exatamente este, Mare Crisium. Entendeu agora?

Lucas parou de sorrir.

— Certo, mas...

— Então não vejo qualquer sentido que alguém apareça aqui, bata em nossa porta e com a maior naturalidade diga que mora em um lugar específico da Lua, como se fosse um louco, ou então nos achando dois idiotas.

— É... Estranho.

— E justamente na região que tanto fascinava seu pai.

— Estranho para caramba!

— Lucas, você não tem culpa por não saber dos detalhes, mas o fato é que o seu pai vivia obcecado com a região de Mare Crisium.

— O que você tá me dizendo, mãe? Acha que esse Tyler tentou nos contar algo sobre o papai?

Ela sorriu, mas desviou o olhar. Aquilo também lhe ocorrera.

— Não seja ridículo — quando, na verdade, queria ter coragem de concordar com ele. O problema era controlar as emoções. Nunca demonstrava fraqueza na frente do filho.

— Pode ser que ele conheça o papai! Só pode ser isso!

— Esqueça.

— E tenha usado o nome desse tal projeto para se aproximar de nós!

— Não... Impossível. O trabalho era classificado como secreto. Seu pai não comentaria sobre ele nem a mim. Mas sabe como são as coisas, éramos cúmplices um do outro, ele às vezes falava uma coisa ou outra...

— E se for um colega dele?

— Esse rapaz é muito jovem. — disse, balançando a cabeça.

Os joelhos dobrados doíam. Maria Lúcia se levantou. Lucas ergueu a caixa de papelão e a guardou.

— Posso ficar com o envelope?

Ela deu de ombros e entregou o envelope ao filho.

— Seu pai está morto, Lucas. Não vamos mais alimentar falsas esperanças.

Lucas se calou.

A mãe, até então, não havia sido tão direta. Não mais desaparecido, apenas morto. A cada ano as esperanças de encontrá-lo vivo diminuía, mas, apesar disso, ela sempre dava ao filho esperanças de um dia o pai entraria em casa na noite de Natal, como quem volta de uma grande viagem, e então tudo voltaria a ser como antes. Agora não mais. Maria Lúcia chegara ao limite.

Ela olhou para o filho e viu que ele aguentara bem. Dali para a frente, os natais seriam um pouco mais tristes, mas pelo menos, ela se via livre de manter falsas esperanças. De certa forma, sentiu-se um pouco mais aliviada.

- CAPÍTULO 8 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS. 1961.

NO DOMINGO SEGUINTE, Maria Lúcia e Lucas foram até Kendall Square.

Estavam parados há alguns minutos dentro do Chevy olhando para um discreto edifício com a fachada de vidro fosco. Tentou controlar uma lágrima, mas a intensidade da visão do prédio tornou a tarefa difícil. Fazia muito tempo que ela não procurava o marido, até como uma forma de se preservar. Mas ali, diante da fachada tão familiar, tudo pareceu como ontem, novamente.

O adolescente a seu lado ainda era um bebê de colo, quando muitas vezes ela o trazia até a porta do trabalho do marido. O ritual era breve. Desciam, falavam amenidades por dois minutos, e se despediam com um beijo discreto. Após um breve afago na cabeça de Lucas, o marido entrava no edifício e Maria Lúcia retornava com ele para o carro. Cena e rotina que nada tinham de extraordinário, mas que faziam uma enorme falta na vida da mãe e do filho.

Ela se permitiu soluçar uma única vez e então voltou a ficar serena.

— A Imagecon... Era aqui que o seu pai trabalhava. Mudaram de endereço faz algum tempo.

— O que tem aqui hoje?

— Não faço a menor ideia.

— Por que não voltamos amanhã de manhã e perguntamos?

Lucas achava improvável que a mãe não soubesse de nada. Ela percebeu.

— Depois que seu pai desapareceu, estive aqui várias vezes perguntando por ele, mas cada hora davam uma desculpa diferente. Ou estava de férias, ou em viagem. Ou então, estava no prédio, mas não podia descer para falar comigo. Até que um dia, provavelmente cansados da minha insistência, me informaram na recepção que ele tinha sido desligado da empresa.

— Assim? Sem maiores explicações?

— As explicações cessaram de vez. Até a moça da recepção eles trocaram.

— E o que fez depois disso, mãe?

Ela limpou a garganta e deu uma olhada no vazio de Kendall Square.

— Bem. Finalmente fui até a polícia e contei que seu pai desaparecera.

— E a polícia falou o quê?!

— Eles me procuraram alguns dias depois e disseram que não havia qualquer registro de Milton Walker na empresa onde trabalhava.

— Hã? Mas se está dizendo que ele trabalhava aqui...

— Sim, não estou louca.

— Então como a polícia pode dizer isso?!

— Não podem, mas disseram! Levei documentos dele que eu tinha guardado, mas não os reconheceram com autênticos. Até mesmo o número de seguridade social do seu pai não foi reconhecido. É como se ele nunca tivesse existido.

— Mãe, o que foi que o papai disse antes de ir embora?

— Que viajaria à trabalho e voltaria dentro de no máximo um mês. Foi só isso.

Maria Lúcia observava cada reação do filho. Ele ouvia tudo com a maior atenção e fazia as perguntas que ela mesma faria se estivesse em seu lugar.

— Isso foi há sete anos... Parece que foi ontem! — ela disse.

— Lembro-me bem.

Houve um silêncio no carro.

— Então não existe um corpo? — Lucas perguntou, depois de titubear.

— Claro que não!

— E se ele estiver vivo?

Ela considerou a pergunta do filho. Não poderia culpá-lo por não descartar a hipótese, ainda que muito remota. A esperança de sobrevivência do pai, apesar das revelações das últimas horas, parecia inabalável.

Ela voltou a contemplar o edifício de vidros escuros.

— A Imagecon, segundo seu pai, tinha um único contrato de prestação de serviços de consultoria, com um único cliente: o governo dos Estados Unidos.

— O que era essa Imagecon?

— Um laboratório de imagens.

— Só isso?

Maria Lúcia olhou nos olhos do filho.

— Quer saber o que eu realmente penso?

— Lógico! Não sou mais criança...

— Está bem... Acredito que seu pai estava envolvido num projeto de governo ligado a uma agência de inteligência.

— Como a CIA?

— Sim.

Lucas olhava para a mãe com atenção felina. As novidades eram muitas e ela finalmente revelava o que sabia sobre o pai. De certa forma, isso também atingia o ego de Lucas, pois passava a se ver mais como adulto do que como adolescente. Aquele passeio dominical até Kendall Square estava valendo a pena.

— Não acha que ele realmente morreu, acha? — insistiu Lucas.

— Por que diz isso?

— Porque não estaríamos aqui agora, olhando um edifício sem janelas domingo cedo, a não ser que você tivesse alguma esperança. Estou errado?

— Lucas, se o seu pai estivesse morto, talvez a polícia já tivesse nos avisado. Seria mais fácil para eles também.

LUCAS HESITOU ANTES de entrar no quarto da mãe para lhe dizer boa noite. Aquilo era coisa de criança pequena, achava, e ele era quase maior de idade. Ela estava no banheiro com a porta aberta quando Lucas flagrou Maria Lúcia tomando pelo menos três pílulas diferentes em frente à pia. Aguardou-a sair, caminhando até uma mesa de cabeceira, onde ergueu o porta-retratos de um jovem casal: Maria Lúcia e Milton Walker.

Ele olhou de soslaio e viu que a mãe saíra do banheiro.

— Esses remédios são por causa do papai?

Maria Lúcia entrou debaixo das cobertas.

— Não por causa dele... Mas porque eu sinto falta dele, seria mais correto.

Naqueles anos desde que o pai sumira, a única pessoa que Lucas havia se importado era com ele próprio. Em nenhum momento, antes daquela noite, passara por sua mente que talvez a mãe sofresse

também, possivelmente até mais do que ele.

— Não quis colocar a culpa no papai.

Lucas se descobriu no papel de vítima, território que dali em diante buscaria não mais explorar. Mesmo a contragosto, teve que aceitar que algumas mentiras existiam a fim de preservar uma verdade maior: manter viva a esperança. Desejou e prometeu a si mesmo que não agiria mais como uma criancinha imediatista, e que sua mãe teria o respeito que merecia.

— Acha que o papai nos abandonou?

— Não... Seu pai nos amava.

— É. Também acho isso.

Maria Lúcia deitou e se cobriu. Ela estava exausta.

— Alguma coisa aconteceu contra a vontade dele — ela murmurou antes de apagar o abajur.

NA MANHÃ SEGUINTE, Lucas foi ao encontro da mãe, que regava o pequeno jardim orgânico na parte de trás da casa. Era o seu passatempo predileto. Manejava uma mangueira trajada com um avental de dona de casa. Cuidava das maçãs, pêssegos e de uma variedade de temperos como se fossem legítimos substitutos de Milton Walker. O jardim era, na verdade, o seu templo pessoal.

Lucas se aproximou. Os olhos dela se fixaram em uma miniatura da Lua que o filho trazia em uma das mãos.

— Onde achou isso, Lucas?

— No sótão... Bom lugar para se descobrir coisas.

— Deixe-me ver... — pediu. Lucas entregou a miniatura para a mãe, cujos olhos irradiaram lembranças intensas. — Há quanto tempo não tocava nisto... Lembro do seu pai explicando, isso aqui não é uma bola de baseball, é uma reprodução da superfície lunar.

— Ei! Eu me lembro! — ele disse, abrindo um sorriso.

— Você era apenas um garotinho...

A voz dela embargara. Devolveu a miniatura e deu especial atenção aos pêssegos. Era sinal de que as lembranças podiam oscilar rápido entre serem boas ou dolorosas. O filho notou, mas agora não aceitaria conversas interrompidas.

— Acho que ainda não está me contando tudo que sabe sobre o papai.

Ela teve que segurar as emoções. O filho estava certo. Não havia porque deixar nenhum detalhe de fora. Por isso, foi escolhendo as palavras mais adequadas enquanto regava uma fileira inteira de manjericão, orégano e salsinha. Quando finalmente sentiu confiança, desligou a mangueira e se virou para Lucas.

— Seu pai me disse que a equipe de trabalho descobrira algo importante sobre a Lua.

— O quê? — ele perguntou quase em súplica.

— Ele apenas me disse que essa descoberta mudaria profundamente a forma como a nossa civilização se compreende.

— Tá. E o que mais?

— Mais nada. Essas foram as exatas palavras que ele usou.

— Só?!

— Milton era assim, bem enigmático. E não adiantava tentar arrancar mais coisas dele, porque eu nunca conseguia.

— Ele não podia ter sido mais claro?!

— Nos últimos tempos, antes de sumir, ele andava muito ansioso.

— Com o quê?

— Ele não dormia direito... E também se preocupava muito com você.

— Comigo?!

— Você tinha menos de dez anos. Talvez ele soubesse que existiria algum risco em viver ao nosso lado. Alguma coisa o deixou agitado nos últimos dias conosco.

A mãe permaneceu em silêncio e Lucas esperou o quanto pôde. Em um rompante, sua promessa de não ser mais uma criança imediatista foi por terra.

— Mas afinal, o que é que ele descobriu? Você deve saber, pois a toda hora se lembra de alguma coisa nova!

Maria Lúcia franziu a testa. O que mais, meu Deus?

— Imagino que tem alguma coisa a ver com as fotos que te mostrei ontem.

— Você não faz nenhuma ideia do quê?

— Ele disse que a verdade estava ali para ser vista, e que um dia veriam.

— Que verdade?!

— Eu também gostaria de saber, Lucas!

— Mas a senhora deve saber, sempre escondeu coisas de mim!

Ela colocou a mão em seu ombro.

— Filho... Dessa vez contei tudo o que sei.

Ele olhou firme nos olhos da mãe. Ela parecia falar a verdade.

— Sei que é difícil, mas sinto dizer que você não terá outro jeito, senão aprender a conviver com suas frustrações. Eu convivo com as minhas há sete anos sem importunar você, meu filho.

Ele assentiu. Não haveria mais perguntas.

A pessoa à sua frente não poderia receber a culpa que ele desejava despejar em alguém. Sua raiva agora estava órfã. Com o sangue fervendo, olhou para a miniatura da Lua uma última vez e então lançou-a com toda força, fazendo a pequena esfera desaparecer além das árvores que dividiam seu jardim com a casa do vizinho. Depois voltou para dentro da casa.

Maria Lúcia tirou o avental e foi até a vizinha, a Senhora Douglas. Pediu licença para vasculhar seu jardim e contou tudo o que havia se passado entre ela e o filho. A Senhora Douglas gostava muito de uma conversa. Juntas, levaram pelo menos quinze minutos até encontrarem a pequena Lua. Em seguida, foram à cozinha. Tomaram chá com biscoitos amanteigados, feitos por ela, e conversaram sobre orgânicos — uma paixão em comum — e sobre a falta que sentiam dos maridos. O da Senhora Douglas havia falecido dezoito anos antes.

Elas se despediram. A senhora Douglas passaria mais tarde para fazerem juntas uma receita nova de torta de vegetais. Enquanto voltava, Maria Lúcia limpou a sujeira de terra que cobria a superfície da Lua. Seu lugar no sótão estava garantido.

- CAPÍTULO 9 -

WASHINGTON, D.C., inverno de 2016.

UMA MODERNA VAN branca da Fun Ice Creams, uma marca de sorvetes que não existia, subiu a Avenida Wisconsin, em Washington, D.C., passou devagar sobre o canal de Chesapeake e Ohio e estacionou à frente de uma pequena boutique de roupas, um pouco antes da Banana Republic e da Body Shop, em frente ao restaurante italiano Papa Razzi. Havia uma entrada para o The Shops at Georgetown Park, um dos mais elegantes shoppings centers da capital americana. A neve cobria a calçada e o frio era intenso. Não venderiam muitos sorvetes.

Dois brilhantes jovens de dezenove anos, Mike, que conduzia a van, e Travis — o copiloto — que ia no banco de passageiros, eram filhos da elite política de Washington. Já anoitecera e, segundo apuraram com dificuldade, às vinte horas o shopping fecharia as portas, como de costume aos sábados.

Antes de chegar lá, haviam bebido cerveja, pois disseram que era divertido beber cerveja e dirigir. Aqueles dois, é claro, não fariam nada que os outros não aprovassem, ou que oferecesse algum risco de não saírem bem na foto. Horas antes, haviam passado em uma empresa especializada em alugueis de veículos personalizados, recomendação de um amigo muito legal, e que sabia tudo. Por isso, acharam a ideia da van genial. Era divertido. Um disfarce perfeito.

Depois de estacionar, espremeram-se por uma portinhola interna e entraram na parte de trás do veículo, ficando completamente isolados do mundo exterior. O amigo que sabia tudo e era muito mais velho que os dois — já tinha vinte e um anos completos — garantiu que tudo sairia conforme planejaram, uma vez que a única janela da parte de trás da van não permitia que se visse de fora para dentro. O amigo mais velho não participaria da brincadeira porque dormira após a terceira cerveja. Ficara com preguiça de ir, embora houvesse uma leve desconfiança de que o sábio estava com medo. Mike e Travis que se divertissem. Coragem, garotos!

Além da janela, havia apenas uma abertura na lateral da van, que servia para observar o lado de fora sem serem notados. A cavidade na lateral, que voltava-se à entrada do shopping, ou melhor, ao estacionamento, tinha um diâmetro pequeno, mas suficiente para que introduzissem ali o cano de um fuzil de assalto M16 carregado com munição de verdade — arma usada por ninguém menos do que as forças armadas norte-americanas. A brincadeira dos jovens Mike e Travis, que eles chamavam de “o plano”, consistia em mirar em algo ou alguém que chegasse ou partisse do estacionamento do The Shops at Georgetown Park e, então, reproduzir o som do disparo com a boca, ou seja, nada que garotos de dez anos ou menos não fizessem. Havia, no entanto, um grande e delicado porém.

Por mais que a brincadeira se configurasse como simples e inocente passatempo, o brinquedo escolhido era assustadoramente real, perigoso além do entendimento deles, com um agravante: a sensação de segurar uma arma poderosa como aquela estava deixando os dois rapazes em êxtase.

Mike encontrou um “alvo”.

— Na mira.

— Gente ou coisa?

— Gente, pô!

— É isso aí...

Mike se engrandeceu. Ajeitou o olho na mira e relaxou os ombros, como imaginava que atiradores de verdade fariam em, bem, situações de verdade. Nos filmes era assim. A vida deles era um filme. Porque cresceram assistindo TV e acreditavam que a TV era o mundo real.

— Mulher saindo de dentro do shopping com uma grande sacola de compras.

De fato. Seu nome era Linda Ramsley. Dentro da sacola havia um vestido escolhido com muito cuidado, para uma noite muito especial.

— Na... mos...ca! — descreveu Mike, com prazer, sentindo todo o poder sobre a vida e a morte que supunha ter naquele momento. E tinha.

— E agora? — provocou Travis.

— Você que sabe, parceiro.

— Manda vê! — sussurrou Travis.

Mike afastou o olho da mira e olhou para o amigo, que procurou esclarecer.

— Atire em algo... O que é aquilo... Sacola?

Mike voltou a olhar na mira, enquanto Travis pegou seu binóculo a fim de acompanhar a aventura mais de perto, através da janela escura. Linda Ramsley — a mulher alvo — e sua sacola, pararam entre a porta de entrada do shopping e o estacionamento. Menos de um minuto se passara até que um carro saiu do estacionamento e parou sobre a calçada. Era um Cadillac cinza escuro, novo em folha, dirigido por um motorista particular.

— Atire no carro dela — insistiu Travis. Seus dedos cutucavam a lataria da van.

Mike passou a alternar a mira de sua M16 entre a sacola e o Cadillac. Um atirador de elite deve ser capaz de tomar decisões. Decidiu, então, que o pneu daquele carro de luxo seria um alvo interessante e digno, bem menos arriscado do que a sacola na mão de Linda Ramsley, que balançava de forma imprevisível, ao lado de sua perna.

— Acha que vão ouvir?

— Não. Daqui de dentro não sai som algum — disse Travis, falando como um especialista em acústica, mas que na verdade não poderia estar mais enganado.

— Tem certeza?!

— Vai cara, atira... Atira no vidro do carro!

— O vidro pode machucar alguém...

— Então acerte o pneu!

Mike inspirou algumas vezes. Aquilo, de fato, poderia ser um pouco perigoso, ponderou por um instante.

— Vai, cagão! — incentivou Travis.

Mike passou a língua nos lábios. Cagão não era algo legal. Mais uma vez, a pressão em se sair bem na fotografia, que viria na forma de um futuro relato daquela aventura. Com Travis babando por adrenalina ao seu lado, Mike encostou o dedo suavemente no gatilho... Neste instante, uma gota de suor, apesar do frio absurdo, desceu de sua testa e entrou em seu olho, o que o incomodou. Mike estava realmente nervoso.

— Anda, cara! Ou então me passa o rifle que eu atiro... — vociferou Travis, transtornado.

Mike limpou o olho e o aproximou da mira. Seu dedo começara a exercer uma leve pressão no gatilho, mas a hipótese de ferir alguém de verdade fez um calafrio percorrer seu corpo. Travis percebeu a hesitação, é claro, e desferiu o golpe final.

— Você é um bostinha!

Bostinha também não era algo legal a se constar no relatório. Mike decidiu que atiraria. Pressão social, diriam uns. Cabeça fraca, explicariam outros. Não, Mike não seria um bostinha. Ele seria “homem”. Então, com um leve aceno de cabeça, indicou a Travis que iria em frente. O amigo se calou,

com os olhos fixos no binóculo. Ambos permaneceram em silêncio, quase prendendo a respiração.

Em seguida, Mike fez uma leve pressão no gatilho e a M16 disparou.

Surdez total!

O som absurdamente alto ecoou dramático para fora da van e por todos os lados da Avenida Wisconsin. Mike e Travis, com as mãos nos ouvidos entorpecidos, nem imaginavam...

Merda! Pensaram. Os dois. Ao mesmo tempo.

Segundos após o disparo, consumidores se agacharam e os seguranças que estavam dentro do shopping saíram para a calçada, em frenesi. Falavam em seus rádios e corriam em direções incertas. Cheiro de pânico no ar.

Quando Mike e Travis aceitaram que seus ouvidinhos doeriam ainda por um tempo, tomaram coragem e olharam para fora da janela da Fun Ice Creams. Afinal, um bom atirador de elite deve sempre registrar o resultado da brincadeira. Até ali, a única surpresa tinha sido o susto do disparo. No mais, estourar o pneu de um Cadillac estava com todo o jeito de ser bem mais divertido do que acertar placas de sinalização de estradas afastadas sem pessoas reais a se assustarem.

Mike, no entanto, percebeu primeiro do que Travis. O tiro errara o alvo.

— Meu Deus... O que é aquilo ali no chão?

Aquilo ali era Linda Ramsley.

— A mulher da sacola!

— Eu sei, seu idiota! Eu quis dizer ao lado dela...

— Parece que... Acho que... é uma poça de sangue!

EM WASHINGTON, TODOS os rifles e armas de fogo precisavam ser registrados na Polícia Metropolitana. Para uma pessoa obter o certificado de registro era preciso ter no mínimo vinte e um anos de idade, passar pelo teste de visão ou ter uma carteira de motorista válida, e não ter cometido nenhum crime, ainda.

A pouco mais de trezentos metros do The Shops at Georgetown Park, no espaço de eventos sociais do hotel The Ritz-Carlton Georgetown, dezenas de convidados em trajes de gala acompanhavam um mestre de cerimônias concluir a introdução da pessoa que falaria em seguida. Um banner enorme com as palavras “Tributo ao Senador Ramsley” não deixava dúvidas sobre quem era homenageado.

Ramsley era considerado, por mais de quarenta anos, um dos mais admirados conservadores da velha guarda. Sua principal bandeira política era a defesa da quinta emenda da constituição dos Estados Unidos, que protegia o cidadão contra abusos de autoridade e procedimentos legais. Aquele homem respirava liberdade e odiava quando via exceções à quinta emenda, do tipo, “não é válida em tempos de guerra ou quando há risco à segurança da população”.

Depois de listar boa parte dos feitos do político, o mestre de cerimônias girou a cabeça e falou olhando diretamente para Ramsley.

— Senador, é uma grande honra recebê-lo para comemorar o recebimento de sua Medalha Presidencial da Liberdade, um reconhecimento à sua contribuição aos interesses de segurança nacional dos Estados Unidos!

Um aplauso sonoro tomou conta do lugar.

Ramsley, um vigoroso político que já passara dos oitenta, levantou-se e acenou para o público, ostentando a medalha em seu peito, que recebera naquela manhã pelas mãos do presidente americano. Apesar da idade, Ramsley parecia ter ótima saúde e disposição. Era um grandalhão de cabelos brancos cuidadosamente penteados para trás. Tinha uma postura ereta e o rosto marcado dos grandes veteranos de guerra. Uma figura imponente. Sua única preocupação era a estranha ausência da mulher. Ela tinha ido ao shopping comprar um lenço que cairia muito bem com o vestido que pretendia usar na cerimônia. Ou

talvez, comprasse um vestido novinho em folha.

Ramsley levantou-se da cadeira e assumiu seu lugar no pódio.

— Obrigado... — Ramsley falou com sua voz grave, e esperou até que a ovação diminuísse. — Ao longo de minha vida no serviço público, construí uma reputação por defender persistentemente alguns de nossos direitos mais fundamentais. O direito de portar armas. O direito de defender nossas famílias e nosso país.

Mas não havia nada no protocolo da cerimônia que previsse o que ocorreria a seguir. Jackovitz, seu assistente com a metade da idade do senador e metade dos seus cabelos, entrou no local do evento por uma porta atrás do pódio. Desconfortável, mas determinado, caminhou até Ramsley e lhe entregou um bilhete que havia escrito minutos antes com as mãos trêmulas.

Ramsley manteve a atenção em seu público e continuou o agradecimento.

— Eu fui chamado de falcão velho e teimoso, mas mantive firme minhas convicções. Lutei por aquilo que acredito ser certo, e continuarei a fazer isso enquanto eu tiver força! — disse com orgulho.

Os aplausos, mais uma vez, tomaram conta do espaço de eventos.

Ramsley aproveitou a pausa no discurso e ergueu o bilhete que o assistente lhe dera segundos antes. Uma coisa Ramsley já sabia: aquela interrupção só podia significar uma notícia ruim e urgente. Apenas lamentou que fosse bem naquele momento, afinal, estava usufruindo nada menos que o maior reconhecimento de toda sua carreira política e, com certeza, não haveria outro como aquele. Ou havia algo de muito sério, ou então Jackovitz iria se ver com ele.

Ramsley deu um gole no copo d'água e leu a mensagem.

Ao terminar, o senador devolveu o copo d'água ao pódio, demonstrando um súbito e forte abatimento. O público silenciou. Jackovitz, já esperando a reação de Ramsley, aguardava-o bem a seu lado. Teve que segurar no braço do senador enquanto o público substituiu o silêncio por um burburinho nervoso. Acompanhou Ramsley para fora do auditório pela mesma porta por onde entrara momentos antes — que dava acesso a um corredor interno de serviços, longe da vista dos constituintes ali presentes.

— Quando?! — disparou Ramsley, em choque.

— Há duas horas.

Ramsley, a rocha, o herói de guerra durão e implacável, lutava para evitar que inevitáveis lágrimas caíssem dos olhos.

— Mas que droga! Por que não me avisaram antes?! Eu temia que algo tivesse acontecido... Ela nunca perderia uma noite como essa, Jack... Eu e Linda... Nós tínhamos planejado um jantarzinho tranquilo em casa!

Jackovitz ofereceu um rápido abraço ao senador. O abraço mais constrangedor e difícil de sua vida. Ramsley nem reagiu. O assistente então tocou em seu ombro e indicou a saída. A agitação que se ouvia na plateia ficara para trás enquanto os dois se afastavam. Do lado de fora, já não se ouvia mais nada. Apenas um silêncio funesto.

Ramsley entregou as chaves do Bentley a Jackovitz, que o levou até sua residência. O assistente não se atreveu a dizer uma palavra durante o trajeto até a região de Potomac Village, uma das mais luxuosas de Washington. Quando chegaram, devolveu as chaves do carro e disse ao senador não se preocupar, pois pegaria um táxi. O senador, na verdade, nem estava escutando.

Ramsley entrou em casa.

Não chegava a ser uma mansão, mas era uma belíssima casa de tijolos aparentes ingleses, com dois andares e um jardim de plantas verdes de várias tonalidades, cuidado com desvelo. O fato é que o velho falcão estava mortalmente ferido. Seu corpanzil mal teve forças ao tirar o pesado sobretudo, pendurado atrás da porta dupla de madeira escura. Depois, seguiu direto para seu lugar favorito, a biblioteca particular. Em silêncio, e sozinho no mundo, tentou digerir a perversa ironia da qual acabara de ser vítima. O condecorado senador Ramsley, feroz defensor de armas, perdera a mulher para uma M16.

Ramsley olhou no espelho francês do século XIX e assimilou seu próprio abatimento. Sentiu raiva de si mesmo. Ao lado, contemplou a prateleira que exibia uma boa parte de sua história, exposta quase como um altar. Lá estava um retrato dele com um avião, o Boeing KC-135 que pilotara na Guerra da Coréia. Um porta-retratos de prata belíssimo de Linda Ramsley, a única mulher que ele amou, companheira de todas as horas difíceis.

A foto de Linda devolveu-lhe o sorriso por um breve instante. Ao lado do retrato, um quadro de medalhas, que o fez abandonar o sorriso e expressar um súbito desprezo pelas coisas efêmeras que tanto valorizara. Aquela constatação o abalara mais ainda. As medalhas de repente não significavam absolutamente nada. As pessoas é que eram importantes. Linda era importante. Era tudo. Meus Deus... a vida muda tão depressa...

Sem perder mais nenhum minuto, pegou uma garrafa de Courvoisier, seu conhaque favorito, e despejou o líquido em um copo. Sentou-se em sua poltrona de couro, que tinha no assento uma depressão do contorno do corpo de Ramsley após anos de uso, posicionada em frente ao seu santuário pessoal. Ramsley largou-se nela. A noite seria de vingança. Se pudesse pôr as mãos na própria alma, faria um grande estrago. Como não podia, resolveu que o corpo pagaria a conta pela dor sentida. Não teve forças para ver o corpo da mulher. Deixou o reconhecimento e os trâmites com o assistente.

NA MANHÃ SEGUINTE, Valentino, um valet pessoal que vinha de um país da Europa oriental que Ramsley nunca lembrava o nome, mas que trabalhava para ele e Linda há onze anos, entrou na biblioteca trazendo o café da manhã.

— Senador? — ele chamou, com certa dificuldade.

Encontrara Ramsley dormindo em um estado deplorável.

A garrafa de Courvoisier estava deitada no braço da poltrona com o líquido raso, de modo que Valentino não pôde calcular o quanto ele consumira, apenas presumido que fora muito. O quadro de medalhas fora espatifado no chão. Os cacos de vidro espalharam-se aos pés de Ramsley, resultado de um ataque de inconformismo no meio da noite. No peito do senador, uma manta de caxemira que Linda usava para cobrir os pés quando compartilhava o sofá com ele, a ler um livro.

Valentino sentiu a garganta apertar, mas o viúvo ali era Ramsley e ele se controlou. Jackovitz já telefonara a ele na noite anterior, informando sobre a tragédia com a mulher. Mas a vida seguia com toda sua inconveniência. Havia questões legais, preparativos a serem feitos. A missão de Valentino era colocar o senador em pé e em condições de continuá-la. Não seria fácil.

Ramsley percebeu a entrada do valet e se esforçou para abrir os olhos.

— Vou sentir falta dela — disse Valentino, com sinceridade e emoção.

Jackovitz havia fofocado sobre o constrangedor abraço que tentara dar no senador, de maneira que Valentino fez o máximo para controlar seu impulso e manter suas emoções o mais distante que conseguisse.

— O que vou fazer da minha vida, Valentino? — o senador perguntou com a voz sumida, enquanto tentava erguer-se. O desenho de suas costas ficou perfeitamente impresso no couro da poltrona.

— Preparei o seu café.

— Obrigado... Não será o suficiente.

— Um passo de cada vez, o senhor me ensinou — disse Valentino, mordendo os lábios com medo da resposta.

— Ensinar é mais fácil do que fazer, Valentino.

Ramsley olhou o estado da biblioteca e pareceu não se lembrar de ter feito tudo aquilo.

— Não se preocupe, senhor. Deixarei tudo em ordem.

Ramsley passou os próximos vinte segundos esfregando o rosto e balançando a cabeça, inconformado.

— Preciso de uma nova agenda...

— Jackovitz telefonou.

— Não me diga...

— Está lhe aguardando para os preparativos do... o senhor sabe.

— Sim... Eu sei... Uma nova agenda, Valentino.

— Não é a melhor hora de pensar em política.

— Não estou falando de política! Preciso de um plano de vida para me manter caminhando!

Valentino colocou a bandeja em um suporte. Decidiu que sua missão era tentar animar Ramsley. Jackovitz que esperasse.

— Que tal ajudar os pobres? — sugeriu Valentino, já sem o sentimento inicial e falando com a ironia que o caracterizava, e que com frequência irritava o senador Ramsley. Ele sabia que os pobres não eram a praia de Ramsley. Seu negócio era defender a constituição, os cidadãos e o país de ameaças diversas, fosse de onde fosse.

— Ah não, Valentino... Eu odeio os pobres.

— Eu sou pobre, senador.

— Você eu tolero... Sabe em que copo gosto de tomar meu conhaque.

- CAPÍTULO 10 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

LUCAS, ASSIM COMO o pai, Milton Walker, morou boa parte de sua vida adulta na área ao redor do MIT, Lo renomado Instituto de Tecnologia de Massachusetts. O pequeno apartamento onde agora residia, sozinho, em Kendall Square, tinha 53 m² e ostentava apenas os móveis considerados essenciais para a sobrevivência de alguém que se definia como despojado, com um certo viés para desleixado.

Cozinha e sala eram uma só. Móvelia, pratos, copos, toalhas de mesa, roupa de cama, roupa de banho, tapetes e pisos variavam tímidos entre o branco e o bege, não por ser seu tom preferido, mas porque assim erraria menos nas escolhas. A moradia não era algo com que se preocupava. O único toque decorativo genuíno seu estava no fato de que ele, por falta de interesse e de companhia feminina fixa, nunca se dava ao trabalho de jogar fora revistas e livros. O acúmulo resultava em pilhas e mais pilhas, que ele tentava acomodar pelo apartamento e que, com o tempo, formavam verdadeiras colunas decorativas. Eram elas que davam alguma personalidade ao lugar.

O pequeno apartamento não ficava muito longe do prédio onde seu pai trabalhara a serviço da Imagecon, antes de desaparecer quase meio século antes. Além do mais, o pai tinha um diploma em física, o que, somado à proximidade do MIT, somente contribuiu para que a escolha de Lucas fosse estar envolvido com aquela área da ciência, também. Sua vida, na verdade, tinha certo sentido de continuidade de coisas que gravitavam ao redor do pai, embora ele teimasse em não reconhecer o óbvio. As ideias e o assunto Lua, em nenhum momento, saíram do seu pensamento.

Em dado momento, um amigo próximo do pai, Gregory Sullivan, que conhecia bem sua mãe Maria Lúcia, tornou-se uma espécie de mentor de Lucas durante a faculdade. Como não tinham uma diferença de idade tão grande — apenas dez anos — tornaram-se amigos próximos, embora dispensasse qualquer rótulo de substituto de Milton Walker. Sullivan fez carreira no MIT até se tornar Reitor do Departamento de Graduação. Pouco tempo depois de formado, Lucas conseguiu uma vaga de professor assistente no MIT, graças a Sullivan, que além de melhor amigo, se tornou seu chefe.

Mas aquela era uma tarde especial.

Primeiro, porque Lucas completava sessenta anos, embora se sentisse muitos anos mais jovem. Tinha estatura mediana, algo entre sua mãe baixinha e seu pai, bem mais alto. Os cabelos ainda eram escuros, menos esbranquiçados do que alguém aos sessenta. Ligeiramente barrigudo, dentro da média. Olhos calmos e honestos contrastavam com a mente efervescente que o definia desde a juventude.

Segundo, porque, duas vezes ao ano, os alunos do campus se aglomeravam em um corredor interno de exatos 251 metros de extensão, que tinha o nome sugestivo de “corredor do infinito”, e que interligava vários dos edifícios entre os lados leste e oeste do gigantesco campus do MIT. Anualmente, às dezesseis horas e dezenove minutos de cada dia doze de novembro, o corredor se alinhava com uma elipse plana, o que fazia com que o sol preenchesse o corredor por completo. Lucas já tinha visto aquilo algumas vezes antes, de maneira que não ficou tanto tempo parado para observar.

Tinha uma aula para dar.

Enquanto fazia o trajeto até sua sala de aula, fez um breve balanço dos seus sessenta anos.

Mulherengo, com desenvolvimento emocional furtivo. Boêmio. Ligado ao passado e à falta de resposta ao desaparecimento do pai, e, com igual intensidade, na busca pelo significado de suas fotografias da superfície da Lua. Em função disso, acompanhou com entusiasmo quando o homem chegou à Lua em 1969, conforme Kennedy havia prometido. Achou curioso, que pouco tempo depois o mundo desistisse de continuar a ir até lá.

Orgulhava-se de ter se tornado uma pessoa admirada pelos alunos, visto como uma espécie de figura paterna de coração jovem e ideias que, via de regra, questionavam os tais paradigmas. Mas também era desprezado e ridicularizado por alguns de seus colegas mais ciumentos.

A TURMA ESTAVA pronta.

Como sempre, as classes de Lucas tinham alto grau de comparecimento, em especial num dia como aquele — de seu aniversário — em que ele sempre fazia ou dizia algo diferente. O fato de ser uma espécie de atração não o impressionava.

O piso ao redor da mesa estava repleto de sacolas que ganhara das moças e dos rapazes. As felicitações tinham acontecido trinta minutos antes, ao entrar na sala. Agora, Lucas falava-lhes sobre o físico escocês James Clerk Maxwell e seu trabalho na área de eletromagnetismo. Mais especificamente, sobre como as ondas eletromagnéticas eram formadas pela combinação de campos magnéticos e elétricos. De como se propagavam no espaço — de maneira perpendicular de um em relação ao outro — na mesma direção da propagação da energia. Da influência que Ampère, Faraday e Coulomb, e das equações que explicavam o eletromagnetismo, pelas famosas equações de Maxwell. De como as ondas eletromagnéticas eram usadas em nosso dia a dia no rádio, na TV, na radiação infravermelha, nas microondas, nos raios X e raios gama.

Lucas notava a impaciência dos alunos e se divertia com isso. Até então, ele havia dado uma aula como as outras. O que eles queriam era um momento de rebeldia. Assunto para depois da aula.

Foi quando Lucas se dirigiu ao quadro negro e apagou o conteúdo sobre Maxwell. Em seguida, começou a preencher o quadro com algo que ele considerava absolutamente pessoal, e que nada tinha a ver com a aula. Estatísticas da Lua.

Densidade Média = 3,34 g/cm³

Massa = 0,0123 Terras

Temperatura Média = -53,1 °C

Após cinco minutos de escrita, virou-se para encarar os alunos, concluindo o enfadonho processo de escrever no quadro negro. Ele era do tempo em que projetores raramente eram usados, e *PowerPoint* não era um termo conhecido.

Lucas se virou e seus olhos percorreram a classe. Uma das alunas, uma gatinha loira chamada Katy, que estudava física para provar que a cor do seu cabelo nada tinha a ver com sua capacidade enquanto ser humano, e cujas longas pernas pareciam querer escapar da minissaia, trocou olhares com suas colegas.

— Que porre! Preciso de mais emoção na minha vida! — cochichou Katy.

— Escutei isso, querida — disse Lucas sorrindo e avançando até a mesa no centro do tablado. Esperou até que uns poucos alunos distraídos voltassem sua atenção até ele.

— Silêncio... — pediu Katy para a classe. Lucas olhou para ela com bom humor. Ela podia ser patética. Depois, olhou para a classe.

— Vamos usar nossa imaginação? — disse Lucas.

— Pode apostar, professor — disse Katy, maliciosa, engolindo-o com os olhos.

Lucas limpou as mãos sujas de giz com um lenço que tirou do bolso da calça de sarja e abriu o único botão do seu desgastado blazer de camurça marrom claro.

— Vou pegar carona com Isaac Asimov: *não há nenhuma razão astronômica para que a Lua e o Sol se encaixem tão bem.*

A classe parecia perdida. De Maxwell a Asimov?

— Um eclipse... Não é a mais completa das coincidências?

Lucas deu a volta e encostou as nádegas na parte frontal de sua mesa.

— Classe... O que é a Lua?

— Um satélite da Terra? — respondeu Drenner, um aluno da primeira fila que usava óculos tipo fundo de garrafa. Pelo tom, indicou que a pergunta era ridícula.

Naquele instante, Gregory Sullivan, o amigo de Lucas, o reitor cujas sobrancelhas eram assustadoramente proeminentes (uma marquise) e os ternos antiquados impecavelmente mantidos, entrou na sala e subiu os degraus para acompanhar a classe do fundão. Era aniversário do seu protegido, ele queria prestigiá-lo com sua presença.

— Claro... A Lua é o nosso satélite, mas não quer dizer que se saiba muita coisa a seu respeito. As teorias sobre a origem da Lua, por exemplo, são apenas isto, teorias.

Um aluno, McBrien, levantou a mão.

— A Lua é um pedaço da Terra, arrancado depois que alguma coisa colidiu com nosso planeta.

— Sim, McBrien, tenho ouvido essa história desde sempre. Mas essa parece ser a teoria que está mais na moda. Quer outra teoria? Até certo tempo atrás, nós *sabíamos* que a Lua havia sido magicamente capturada pela gravidade da Terra, mas essa teoria, é claro, provou ser completamente equivocada. Galera, a verdade? Por mais chocante e apavorante que possa parecer, o fato é que nós simplesmente não sabemos que porra é a Lua!

Katy levantou a mão, sexy, mais ou menos interessada no assunto.

— Os poetas acreditam que a Lua tem influência sobre o amor — ela disse. A classe produziu um WOW breve e bem-humorado. Lucas sorriu, mas não caiu na provocação.

— Sobre a loucura também... — devolveu Lucas. — A questão é que não sabemos o que é a Lua e, mesmo que soubéssemos, não seria uma prova definitiva de que a Lua foi nossa desde o princípio.

O reitor Sullivan sabia em que território Lucas estava entrando.

O ar sereno que o reitor sustentava sumiu no mesmo instante. Do alto da sala, observava como Lucas era capaz de instigar a curiosidade de seus alunos. Eram amigos e Sullivan o conhecia suficientemente bem, mas, para o reitor, aquele não era o local adequado para as especulações que Lucas às vezes fazia à revelia dele. Ali era o MIT.

— Vamos pensar juntos: devemos ignorar a história? — continuou Lucas.

Alguns alunos sorriram em antecipação. Quando o professor Lucas pedia para que *pensassem juntos*, era sinal de que algo fora do comum seria dito em breve, e que talvez fosse o tão esperado tema de conversas da cafeteria e dos bares frequentados pela turma. A voltagem da classe aumentava.

— Por exemplo, seria lógico desprezar a memória de nossos antepassados? Não seria arrogância de nossa parte acreditar que todo o conjunto de conhecimento histórico que herdamos estivesse simplesmente errado? Eu acho que não... E também acho que devemos tomar uma decisão muito importante em nossas vidas acadêmicas e filosóficas. Acho que devemos decidir se história é arte ou ciência, ou quem sabe, uma combinação das duas coisas. E se a história também for ciência, deve ser levada em consideração como tal. Não acham?

O reitor Sullivan se mexeu na cadeira, claramente incomodado pelo rumo da conversa. Lucas não havia olhado diretamente para ele, mas conseguia perceber cada movimento seu. Era divertido ver Sullivan se incomodar daquele jeito.

Lucas desencostou da mesa. Agora caminhava lentamente.

— Houve uma época em que existia um povo chamado Proselenes. Costumavam viver na região de Arcádia, na Grécia. Os Proselenes afirmavam que seus antepassados habitavam a Terra *antes* de existir

uma Lua nos céus... Quetal isso? Os cétricos talvez gostem de descobrir que gente muito boa, tipo Aristóteles, Plutarco e Apolônio, escreveram sobre o fato da Lua *nem sempre* ter existido nos céus do nosso querido planeta.

Lucas não resistiu e por fim olhou para Sullivan. Recebeu de aniversário um olhar fulminante. Ainda assim, não se intimidou.

— A questão é a seguinte: de que forma devemos lidar com essas informações históricas? Simplesmente descartá-las? Tenham em mente que os Proselenes viveram na Europa há cerca de quatorze mil anos, mas se somarmos a isso o fato de que símbolos encontrados em Tiahuanaco, na Bolívia — América do Sul —, mostravam que a Lua só entraria em órbita ao redor da Terra no *mesmo* período que os Proselenes — do continente Europeu — afirmaram, me parece algo extraordinário e revelador...

Drenner quase deixou seus óculos tipo fundo de garrafa cair junto com a sua mandíbula. Permaneceu assim, de boca aberta, em um gesto teatral mas honesto, tentando buscar colegas que compreendessem o significado daquela informação.

Lucas prosseguiu.

— Ou... Nossos irmãos nativo-americanos, que nos falam de uma época quando a Lua *ainda não* estava nos céus... Vejam bem, agora estamos falando de um povo da América do Norte. Já falamos da América do sul e da Europa.

O tema Lua o afetava pessoalmente.

Não era incomum se deixar levar por suas emoções, como naquele momento. Lucas caminhou um instante em silêncio antes de voltar ao assunto. Quando o fez, gesticulou enérgico, como quem desenha a informação em pleno ar.

— Estamos falando de povos diferentes... De várias partes do planeta... Numa época em que não existia nenhum tipo de comunicação entre os continentes.... Nenhuma TV... Nenhuma internet... Nenhum iPhone... E, no entanto, eles nos contam *exatamente* a mesma história!

A classe estava em silêncio. Aparentemente, Lucas tivera êxito.

— Pensem sobre o poder desta informação!

O reitor não se conteve. Levantou-se e saiu da classe a passos pesados, irritado com o rumo da conversa. Lucas acompanhou a indignação do reitor e buscou encerrar, aproveitando para provocar o amigo uma vez mais antes que ele saísse pela porta.

— *A coexistência nesse planeta tão pequeno deveria ser vista como uma existência não apenas livre de guerras, mas também sem que nos digam como viver, o que dizer, o que pensar, o que saber e o que não saber.* Aleksandr Solzhenitsyn, Nobel de Literatura de 1970.

Os pescoços se viraram em direção ao reitor. Lucas, então, concluiu para a turma.

— Ideias lúcidas não costumam servir à ciência oficial. Acostumem-se.

De alguma forma, a aparente agressividade de Lucas atiçava os desejos de Katy. Quando seus olhos se encontraram, Katy sutilmente afastou uma perna da outra. O professor olhou e, se aceitaria o convite ou não, era algo que ele nunca demonstrava dentro do campus. Especialmente para Katy. Ela era uma predadora.

— Vejo vocês na próxima aula.

Lucas saiu da sala deixando os presentes para trás. Katy viu uma oportunidade. Recolheu-os.

Como já imaginava, Sullivan aguardava Lucas do lado de fora da sala.

— Quero falar com você — disse o reitor, com seriedade.

Lucas seguiu em frente. Sullivan teve que caminhar para acompanhá-lo.

— Hoje não, Sullivan... Tenha misericórdia. Virei um sessentão.

— Você passou dos limites.

— Sai do meu pé... Não falei nada demais.

— O seu pé é minha responsabilidade!

Sullivan esperneou mais alto do que Lucas gostaria.

— Eu sei, mas hoje tive vontade de me divertir um pouco. Só isso.

Lucas apressou o passo, deixando-o para trás. Se fosse para levar bronca na frente dos seus alunos, ele não facilitaria a vida do amigo. Sullivan olhou ao redor e diminuiu o passo. Era uma cena constrangedora ver os alunos testemunharem sua autoridade sendo questionada. Essa era mais uma razão que fazia de Lucas Walker um professor superpopular entre os alunos e, em contrapartida, reforçava a ideia de que o reitor era apenas um burocrata politizado e sem graça.

Sullivan fechou o semblante. Aquilo não ficaria assim.

- CAPÍTULO 11 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

SESSENTA ANOS E LUCAS ainda pensava no desaparecimento do pai. E na Lua.

Meio século depois e ele ainda perguntava se poderia mudar as coisas. Tempo livre: engordando em um restaurante. Transando com alguma jovem. Pensando e se lamentando por algo que não está ao seu alcance.

Outra manhã.

Era preciso um motivo para se levantar da cama. Se não encontrasse, sabia que se levantaria do mesmo jeito. Era preciso comer e viver, o instinto de preservação sempre acaba falando mais alto. Porém, naquela manhã, talvez motivado pela sensação de passagem do tempo e pela mesmice dos últimos anos, sentiu algo diferente. Uma comichão — uma corrente elétrica — breve e certa, que fez com que seus olhos se abrissem de forma vivaz e surpreendente. Aquilo que há tempos andava querendo se revelar, finalmente apareceu.

Lucas, que estava deitado com o olhar fixo no teto do quarto, sentou-se em um impulso. Sua expressão era exuberante. A resposta era um sonoro não. Não investiguei o suficiente!

O verdadeiro motivo para se levantar da cama, o motivo que há anos ansiava, veio com intensidade suficiente para não deixar dúvidas: só encontraria paz de espírito se voltasse a investigar o desaparecimento do pai, algo que poderia perfeitamente ser feito em seu tempo livre. E se ele achava que deveria seguir naquela direção, caberia a ele, sozinho, arregaçar as mangas e nem sequer olhar para os lados.

Lógica: meu pai está morto e ninguém jamais saberá o que aconteceu. Nem os parentes da mamãe e nem as autoridades conseguiram apurar nada. Sei que não vou mudar o que está sacramentado há quase meio século.

Era preciso partir daquele ponto e ir adiante.

Lucas pendeu a cabeça para o lado, tentando enxergar o tempo através da janela, mas uma pilha de livros bloqueava sua visão. Algum dia daria um jeito naquele lixo. Sua cama, tipo futon, era baixa demais e ficava meio escondida. Um decorador mais sensível teria um surto ao entrar ali. Um especialista em *feng shui*, um colapso.

Deitada ao seu lado, Katy, a estudante loira de pernas bonitas, dormia igual a uma menina. Aos vinte e dois anos ela era, de fato, uma. Lucas a olhou e reprovou pela milésima vez o seu impulso. Era bom e aceitável quando ele tinha a idade de Katy, mas agora era deprimente. Não havia amor ou a mínima afinidade entre os dois, apenas tesão. Por isso, as manhãs seguintes eram sempre péssimas. Naquela manhã em especial, Lucas decidiu que tentaria dar um basta naquilo. Tinha algo muito mais importante a fazer. Uma missão que lhe traria uma motivação revigorante.

Lógica: o caminho a seguir está em tentar desvendar o que meu pai descobrira analisando as imagens da superfície da Lua. Ele morreu por causa disto. Deixou infeliz uma mulher e um filho. E a humanidade na escuridão.

Lucas pulou da cama e pensou em deixar um café preparado para a jovem, mas provavelmente ela

não entenderia o gesto, que poderia até virar assunto de piada entre ela e os colegas. Gentileza, para a nova geração, era coisa de idiota. Achou melhor se vestir e cair fora sem despedidas formais. Lembrou-se que no dia anterior tinha desafiado o reitor por pura vaidade, e que agora teria que enfrentar uma conversa dura pela frente.

O AMIGO SULLIVAN o aguardava pontualmente às dez horas da manhã.

O reitor tinha uma agenda bastante apertada supervisionando sua equipe. O trabalho incluía ter que lidar com conflitos de relacionamento, financiamento de bolsas de estudo, progresso de estudantes e uma série de outras responsabilidades. Para Sullivan, a atitude de Lucas era inadmissível para alguém que ele tinha ajudado desde os tempos em que era professor assistente. Inaceitável que pudesse descumprir regras tão básicas e que, inclusive, faziam parte das normas que Lucas conhecia bem. Sullivan estava cansado de vê-lo se envolver com alunas. Estava cansado de vê-lo com frequência deixar de lado o conteúdo do curso, como fizera no dia anterior, e falar sobre coisas que não deveria.

Quando Lucas entrou no escritório de Sullivan, encontrou-o olhando através da janela, distante. O reitor nem ao menos o cumprimentou. Por ironia, a Lua ainda estava visível àquela hora da manhã. Sem mexer um músculo, Sullivan falou, de costas para Lucas.

— Temos que decidir se a história é arte ou ciência? — zombou e, então, se virou para encarar o protegido, que já havia tomado seu lugar na cadeira oficial de puxadas de orelha do reitor.

— Sim. Temos.

Sullivan levantou suas monstruosas sobrancelhas, simulando horror.

— Mas é exatamente isso que eu temo!

— Só isso?

— Sim, e que você acredita nas bobagens que diz! Você deveria ensinar física! Não é pago para especular sobre história, astronomia e muito menos filosofia de quinta!

— Sullivan...

— O que é?

— Está começando a me assustar.

— Espero que sim. Você precisa se assustar de uma vez por todas.

— Não gosto quando a sua jugular fica saltada — brincou Lucas.

Sullivan suspirou.

— Pseudociências podem ser bastante enganadoras. Jamais deveriam ser assunto em sala de aula.

— Para mim, são nada menos que o estado da arte.

— Estado da arte...

— É. Não vejo qualquer razão para povos da antiguidade terem inventado histórias que coincidem, e que se mostram tão coerentes.

— Esse assunto não tem fim, Lucas... Tem que haver um limite!

O reitor grudou os olhos no amigo e fez uma pausa dramática.

— Você costumava ser um dos melhores — disse em tom dissimulado, conciliador, mas Lucas conhecia cada truque de Sullivan. Não baixaria a guarda.

— Fico contente em saber que ainda tenho um passado honroso.

Lucas podia jurar que a veia jugular de Sullivan saltaria para fora. No instante seguinte, o reitor explodiu e bateu com as palmas das mãos sobre a escrivaninha *vintage*, quase a desmontando com o golpe.

— Há limites! Sua obsessão com a Lua está interferindo em seu julgamento!

— Informo que levarei esses limites a novos patamares.

— Está vendo? É disso que estou falando... Pelo amor de Deus.

— Não vejo o que há de errado em ser verdadeiro com meus alunos.

Lucas se levantou e começou a caminhar até a porta.

— Se me der licença, eu tenho uma aula para dar.

Sullivan foi atrás dele e o alcançou, tocando em seu ombro.

— A aula pode esperar. Vamos dar uma volta.

— Fiz aniversário ontem, não vai querer estragar o meu dia seguinte, vai?

— Parabéns... Agora vamos.

UMA CONVERSA EM pleno expediente, fora do escritório de Sullivan. Não poderia ser um bom sinal. Tendo isso em mente, Lucas caminhou com Sullivan até o Pacific Street Cafe, na parte noroeste do campus. O reitor pediu um descafeinado e Lucas um Caramel Latte, que havia aprendido a tomar com alguma namorada mais jovem, e que não condizia com sua silhueta de jovem envelhescente. O clima entre os dois amigos não estava bom. Ambos sabiam que a situação havia se complicado.

Sullivan olhou-o de uma forma a demonstrar que Lucas o desapontara.

— Eu conheço você bem... — disse Sullivan.

— Então veja o que vai dizer. Não vamos exagerar, ok?

— Escolheu um caminho e não irá desistir nunca. Passou por cima da minha autoridade na frente dos alunos.

— Que é isso, Sullivan... Não foi tão grave assim.

— O fardo de decidir isso, infelizmente, está comigo.

— O que pretende fazer, me punir?

— Está esperando um afago na cabeça?

Lucas não conseguiu sustentar a pose. Sullivan não estava brincando.

— Acho que é hora de você partir — disse o reitor.

Lucas franziu a testa. Talvez o amigo estivesse mesmo exagerando.

— Está bem Sullivan, vou tornar a sua vida mais fácil daqui por diante.

— Vai mesmo?

— Prometo.

— Desta vez não, Lucas. Vai ter que se afastar por um tempo.

— Certo... Você quer me punir e eu acho que você tem razão.

— Errado. Eu não *quero* te punir. Eu *tenho* que te punir.

— Ontem eu fui um pouco arrogante. Admito.

— Exato. Então faça um favor a nós dois. Não torne as coisas mais difíceis do que já estão sendo.

Lucas deu um longo gole no seu gorduroso café.

— Então estamos falando do que, uma ou duas semanas?

— Estamos falando de um sabático.

— Como assim, um sabático?

— Um ano, Lucas... Ponha a cabeça no lugar.

— Puxa vida... Que bacana, reitor.

— Ah não, não me venha com essa!

— Não acha que está se excedendo?

— Você é o único responsável. Criou uma situação constrangedora para mim.

— Um ano, é?

— Pode apostar.

— E o que eu vou fazer um ano inteiro parado? — perguntou Lucas, mas por instinto já tendo uma ideia do que faria. Apenas o conceito de ser afastado parecia humilhante e doloroso para ser aceito

assim, numa boa.

Sullivan se levantou. Não iria dar oportunidade para o amigo o enrolar.

— Sinto muito.

Sullivan disse isso e saiu do Pacific Street Café. Lucas ficou mais um tempo sozinho, pensando na punição. Uma ótima oportunidade.

- CAPÍTULO 12 -

SOMERVILLE, MASSACHUSETTS

LUIZA PALMER TINHA acabado de retornar ao inverno dos Estados Unidos. Chegou do Brasil com uma ideia.

— Para onde? — perguntou o motorista de táxi indiano que acabara de pegar no Aeroporto Internacional de Boston.

— Somerville.

— Que lugar em Somerville?

— Winter Hill.

O táxi seguiu pela William F Maclellan Highway no sentido do Sumner Tunnel, mas Luiza pensava em outros caminhos. Um caminho para a cura. Talvez, aquele que a havia libertado pudesse indicar um psiquiatra que compreendesse o que havia se passado com ela. O único inconveniente era o perigo que Luiza correria ao se deparar de novo com ele, alguém que não reconhecia a existência da palavra escrúpulo. Por prudência, descartou a ideia de retornar ao centro de Boston, local onde seu libertador atuava.

Washington também não seria uma boa, pois era quase a sua segunda “casa”. Por certo cruzaria com pessoas que a reconheceriam. Também descartou morar no interior, porque todo mundo acabava sabendo da vida do outro. O que ela de verdade gostaria de fazer seria viver uma vida plena, sem ter que se preocupar vinte e quatro horas por dia em se esconder do passado.

Seu plano mais imediato era conhecer alguém.

Um ser humano, não um monstro. Cruzando a bacia do Rio Charles, tendo o MIT à sua esquerda, Luiza havia contado pelo menos três olhares insinuantes do motorista. Próxima dos cinquenta anos, era chegada a hora de buscar uma pessoa para compartilhar a vida. Alguém em quem pudesse confiar e se sentir bem.

— Está vindo de onde? — perguntou o motorista. Se ele prestasse atenção ao trânsito veria que um sedan preto os seguia desde o aeroporto.

— Brasil.

— Ah, Brasil!

Ele sorriu, mas ela não entendeu o porquê. Luiza Palmer teria que começar do zero e usar sua capacidade de olhar através das pessoas, um instinto que desenvolvera para a própria sobrevivência. Ao considerar por onde recomeçaria, apostou que a região que ficava ao redor de Boston pudesse ser uma boa alternativa.

Nos últimos anos, ela percebera que seu estado psicológico evoluíra sozinho, embora o processo fosse lento e ainda estivesse longe de lhe trazer paz de espírito. Sua condição era como a de uma ferida que precisava de curativos, mas que cicatrizaria sozinha, embora levando mais tempo. Ela começava a sentir uma energia regeneradora, com coragem para dar novos passos.

De fato, ela já despertara, aos poucos. Uma palavra com o rapaz da lavanderia — uma brincadeira bem de leve — com a vendedora da loja de sapatos. Uma conversa cheia de esquivas com o dentista, que

não desgrudava os olhos dos seus seios. Algo tolo e inocente. Ao perceber os primeiros sintomas do próprio progresso, sem ser consumida pela paranoia da perseguição, resolveu ir à luta. O maior medo era receber o sinal ou frase que disparasse uma de suas personalidades programadas.

Também existiam outras preocupações.

— De que lugar do Brasil? — perguntou o motorista, um pouco mais à vontade. Já estavam quase saindo da Mystic Avenue, sentido Somerville. O sedan preto andava tão perto do táxi de Luiza que precisou frear bruscamente na curva. Nada, porém, chamava mais a atenção do indiano ao volante do que os olhos e os cabelos de Luiza.

O dinheiro que o libertador lhe dera terminara dois anos antes. A herança que o pai Jonathan Palmer deixara não duraria muito mais, também. Talvez seis meses. Sem alternativa, e por novecentos dólares mensais, alugou um estúdio no bairro de Winter Hill, em uma pequena cidade adjacente a Cambridge. O lugar já estava mobiliado, com jeitinho de hotel e sem originalidade, mas servia. Sua última moradia fora em Washington, onde se escondera em um apartamento que lhe consumia cinco mil dólares mensais. Um enorme desperdício, ela agora reconhecia.

Luiza pagou o motorista.

Ela moraria, como sempre, sozinha. Não tinha mesmo mais parentes ou amigos. Todo mundo que conhecia tinha origem através de seu antigo controlador, e todas as pessoas haviam feito mal a ela. Quando o táxi partiu, o sedan preto estacionou. Dois homens de ternos e sobretudos grossos desceram. Um deles apontou uma máquina fotográfica para o prédio onde Luiza acabara de entrar. O outro usou um celular e transmitiu o que parecia ser uma descrição detalhada do endereço. Trabalharam rápido, entraram no sedan e foram embora como se nem existissem.

AQUELA ERA UMA dessas noites que Luiza sentia necessidade de ver pessoas. O último contato físico que tivera com um homem fora há mais de cinco anos. Ela vestiu um jeans, um suéter, e colocou um casaco pesado por cima de tudo. Fazia um frio de oito graus negativos e nevava em Somerville. Pegou o carro — um velho Taurus Sedan vermelho que comprara por mil e quinhentos dólares — e dirigiu até o bairro de Spring Hill, onde havia uma casa de grelhados e forró frequentada por brasileiros, a Forró Grill. Jurou que nunca se permitiria ser vista naquele carro.

Além do forró, a casa recebia bandas de samba e música sertaneja.

Mulheres não pagavam nada para entrar e isso pesou na escolha do lugar. A chance de conhecer um brasileiro com alma mais calorosa, também. Estudantes universitários e acadêmicos à procura de comida e música exóticas também davam as caras no Forró Grill.

Em um banco no balcão do bar, Luiza olhava as pessoas com discrição. Ela não estava caçando, estava buscando. Escolhera, estrategicamente, o lugar mais distante do palco e da música alta que uma banda de forró tocava naquele instante. Nada lhe chamara a atenção na primeira meia hora desde que chegara, até que, por fim, observou um senhor de cabelos brancos bem penteados e vestindo terno, o que destoava da maioria dos ali presentes.

Ela gostava de analisar pessoas, fora treinada para isso e sobrevivido a situações difíceis. Neste quesito, o instinto de Luiza mostrava-se quase tão aguçado quanto o de um animal selvagem. Seus olhos grudaram no reitor Sullivan — você não pertence a este lugar — e não saíram de cima dele. Como um peixe fora d'água, Sullivan caminhou até outro peixe fora d'água que não havia chamado a atenção dela até aquele instante, sentado em uma mesa quase ao lado da cadeira onde Luiza estava no balcão, quase de costas para ela. Ele devorava uma refeição sem olhar para os lados.

Sullivan se aproximou e fixou seu olhar sobre o prato de carne de bode.

— Nem vou perguntar o que está comendo... — disse Sullivan.

Lucas ergueu o olhar, incomodado com a presença do reitor.

— Como me achou aqui?

— Isso é fácil. Toda vez que você se sente deprimido vem aqui, não é mesmo? Sua alma é de brasileiro, como sua mãe.

— Sou americano. Apenas gosto da música e da comida daqui.

— Vou me juntar a você para um drink — disse Sullivan, sentando sem ser convidado.

— O prazer é todo seu.

Sullivan entendeu que seria tolice perder tempo dando voltas.

— O que você quer, Lucas?

— O que eu quero? Que tal meu emprego de volta?

— Está reclamando do quê? Acabei de te dar um ano de férias remuneradas. O emprego continua seu, depois disso. Vou perguntar de novo: o que você quer?

Lucas passou a comer ainda mais rápido.

— Ficar em paz... É possível?

— Não.

— Para valer? — repetiu Lucas quase cuspidando. Sullivan podia jurar que um pedaço de bode passou voando ao lado de seu olho.

— É. Para valer.

— Quero ir para a Lua.

— Você quer ir para — Sullivan teve que conter seu tom de voz elevado. — Você disse Lua?!

— Sim. Eu disse Lua.

— Quantos anos você tem para acreditar nesse tipo de fantasia?!

— Que eu me lembre, sou bem mais moço que você.

Sullivan revirou os olhos.

— Por acaso tem cem milhões de dólares — ou duzentos — sei lá quanto custa para comprar uma passagem com algum aventureiro espacial?

— Está me enchendo o saco com esse teu sarcasmo.

— Por que não vai a Paris, ou a Moçambique?

— Talvez eu dê um pulo em Moçambique. Falam português por lá, sabia?

— Também falam o emakhuwa, o xichangana, e o elomwe. Por que tem que escolher a Lua?!

— Porque a Lua é o meu sonho desde garoto. E este é o meu problema, não o seu.

— Pode não haver a menor chance disto acontecer nessa vida, Lucas.

— Não me diga.

— Vai levar anos até que os voos baratos para o espaço — veja bem, espaço, não Lua — se tornem viáveis.

— Não está me contando nada de novo — Lucas fez uma pausa em sua refeição e lançou um olhar desafiador ao reitor. — Por que não me dá uma mãozinha e me coloca em contato com as pessoas certas?

— Pessoas certas...

— É, você deve saber quais... Passou a vida inteira bajulando as pessoas certas, deve ter algum tipo de entrada que eu, alérgico a isso, não tenho.

Se havia algo que Sullivan odiasse eram pedidos de favor que envolvessem seus amigos poderosos, ainda mais se carregassem um potencial constrangedor, como era o assunto “viajar à Lua”. Ele fora até o Forró Grill para aliviar um pouco a consciência, não para levar mais bagagem de volta para casa.

— Vejo que continua atormentado por hipóteses e teorias...

— Está fugindo da resposta, reitor.

Da cadeira do balcão, cada palavra da conversa no mínimo interessante fora absorvida por Luiza.

— A Lua tem te deixado maluco nos últimos anos! — Respondeu Sullivan, cada vez mais contrariado. Lucas gostava daquela reação. Quando Sullivan se irritava era sinal de que levava a conversa a sério. Se

conhecia bem o amigo, já deveria haver alguns nomes importantes rondando sua cabeça. A verdade é que o amigo sempre o ajudara, não tinha porque ser diferente desta vez.

— Preste atenção, Sullivan: não estou atormentado.

— Prestei atenção e não concordo.

— Estou te dando uma resposta sincera sobre o que eu realmente gostaria de fazer. Preferia que eu escolhesse as palavras certas?

— Não. Preferia que você procurasse ajuda. Sabe como é, um terapeuta. Iria te fazer muito bem.

Luiza achou bem interessante que Sullivan, o mais velho dos dois, sugerisse que o outro procurasse ajuda. Ainda não estava claro o motivo da sugestão. Só porque o tal Lucas queria ir até a Lua? Ora, tão natural...

Luiza sorriu. Nenhum dos dois notara sua presença ali perto. Lucas decidiu usar sua carta sentimentalista, que não deixava de ser verdadeira.

— Meu pai estudou a superfície da Lua... Talvez tenha morrido por causa do que descobriu. Como pode dizer que o problema se resume em eu estar atormentado?

— Não digo de uma forma pejorativa. Entenda, por favor.

— Decidi que essa é a minha missão de vida a partir de agora.

Sullivan balançou a cabeça. Uma. Duas vezes.

— Será que tudo isso faria alguma diferença para você, a não ser pela pura insistência em buscar algo que pertenceu ao seu pai, não a você? Já parou para se perguntar se isso realmente faria alguma diferença em sua vida?

Lucas limpou a boca. O apetite já era.

— O que você acha, Sullivan? Fez alguma diferença quando Cristóvão Colombo descobriu a América?

— Acho que perdi meu tempo.

— Vai me ajudar ou não?

— Você é a pessoa mais cabeçuda que eu conheço!

Sullivan se levantou, tão rápido quanto chegou, e foi embora.

Lucas esperou até que o reitor saísse de seu campo de visão e então afastou o prato, aborrecido. Colocou os cotovelos sobre a mesa e apoiou seu rosto sobre as mãos, massageando os olhos cansados. Ficou assim por dois longos minutos, até que foi interrompido por uma voz feminina.

— Não sei se reparou, mas acompanhei sua conversa com aquele senhor — disse ela, cautelosamente, em inglês.

Um minuto antes, Luiza reunira coragem para fazer algo que nunca fizera antes na vida: tomar a iniciativa de se aproximar de um homem — o quase inevitável próximo passo e que seria dado mais cedo ou mais tarde. Não que tivesse medo das pessoas. O problema era sua própria reação.

Contabilizou as tentativas recentes. Um vizinho de Washington, que lhe revelara ser um consultor de empresas que odiava aquela cidade e seus políticos, mas Luiza não se sentia pronta. O vizinho era legal, mas “consultor de empresas” soava um pouco vago. Em outra oportunidade, quase convidou o dono de uma pequena locadora de DVDs para tomar um café, mas a vida dele parecia tão previsível que ela não se mostrou muito animada com as perspectivas. Outros “quase” apareceram e foram embora nos últimos anos. Nunca houve qualquer pessoa que fizesse sentido para ela.

Aquele homem, no entanto, prometia ser diferente. Ele queria ir até a Lua. Valeria tentar.

Ainda com a cabeça cheia pela perspectiva do ano sabático que teria pela frente, Lucas virou-se e olhou demoradamente para Luiza. Aquela mulher tinha muita presença. O sabático foi esquecido.

Ele sorriu e procurou descobrir do que se tratava aquela abordagem.

Luiza estava vestida de forma atraente e não era nada vulgar, o que diminuiria, mas sem eliminar, a hipótese de que fosse uma prostituta na lida. Ele não tinha como saber, mas essa era a sina de Luiza, ser

confundida com uma prostituta. Pela idade, por certo não era uma aluna universitária. Também não era professora, pois Lucas tinha certeza de que conhecia todas as professoras do estado de Massachusetts.

— Quer se sentar?

Luiza queria. Ele observou o modo como ela se movimentava. Elegante.

— Será que as pessoas não podem se conhecer e ter uma boa conversa que não implique em absolutamente nenhuma outra intenção?

— Claro que podem.

— Meu nome é Luiza — revelou, tornando o sorriso um pouco mais sarcástico. Medida de proteção.

— Lucas... Você é de Massachusetts?

— Sou do Rio de Janeiro.

— Legal. Somos meio conterrâneos — ele disse em português.

Lucas contou uma versão abreviada de sua história. Luiza ouviu atentamente. Ela acabara de arrumar alguém para conversar em sua língua-mãe, e estava se sentindo bem com um estranho naqueles momentos iniciais, que eram sempre potencialmente constrangedores. Na verdade, ela já sabia algumas coisas sobre Lucas, que registrara durante a conversa dele com Sullivan. Primeiro, o cara não tinha jeito de ser um serial killer. Segundo, se havia entendido bem, ali estava um sujeito que passaria um ano inteiro de férias, mas que não deixaria de receber salário, o que significava que o cara tinha valor. Terceiro, alguém importante — de terno e cabelos brancos — viera até o Forró Grill para perguntar o que ele queria da vida. Quarto, o cara queria ir para a Lua. Por fim, mas tão importante quanto a primeira constatação, o tal de Lucas não tinha jeito de pertencer ao meio de onde Luiza viera. O mundo exclusivo do mal.

— Quer beber algo? — ele perguntou.

— Um suco talvez. Melancia?

Um garçom passou por perto e Lucas fez o pedido.

Lucas parecia animado, sexualmente falando, mas Luiza saberia segurar as rédeas se fosse necessário. Ela sorriu e ele sorriu de volta. Ficaram assim por um tempo, ouvindo a música e pensando no que dizer. Isso era algo novo para Luiza, bem diferente do que conhecia sobre homens. Nas experiências anteriores, eles tinham sido sempre egoístas. Em toda a vida, nunca sentira prazer como mulher. Nenhum homem fora generoso o suficiente para lhe proporcionar isso.

— Diga, o que foi que ouviu da conversa que a fez vir até aqui.

— Bem, na verdade eu ouvi tudo. Eu estava aqui ao lado. Lembra-se?

Lucas sorriu, constrangido.

— Então acha que preciso de terapia?

Luiza não falaria sobre terapias.

— Está esperando mais alguém?

— Negativo... Como pude não reparar em você?

— Cheguei depois. Além do mais, você não tirou os olhos do bode.

— O prato é dos melhores... Então deve ter certeza de que eu sou um maluco que sonha em ir para a Lua e, mesmo assim, decidiu se apresentar e trocar umas ideias comigo.

Lucas achou um pouco difícil de acreditar na boa intenção dela, considerando que a maioria dos jovens ali presentes tinham menos da metade da idade dela e níveis de testosterona infinitamente maiores. Talvez a questão grana tivesse um papel ali. Ele ficaria atento.

— Conhece a lei das afinidades?

— Você também é maluca, é isso?

O garçom trouxe o suco de Luiza e recolheu o prato de Lucas. Ela sorriu e pensou se deveria continuar a conversa. Achou que sim.

— A sua história e o que falou do seu pai soaram verdadeiros para mim. Fiquei impressionada.

Perfeita demais. Melhor cair fora ou posso me dar mal.

Aquele pensamento refletiu em seu semblante.

— E o que você sabe sobre coisas como essas? Por acaso é uma acadêmica como eu? — O súbito tom arrogante de Lucas tinha a intenção de fazer com que aquela mulher se sentisse desapontada e fosse embora. Ele queria o de sempre: uma transa rápida, mas nenhum grau de envolvimento, explicação ou julgamento.

— Conheço as pessoas — disse Luiza, sem se deixar abalar.

É claro que ela conhecia pessoas, mas as pessoas não a conheciam. Lucas revirou os olhos e fez questão que Luiza visse. O clima na mesa acabava de desandar, mas Luiza não pretendia sair de lá se sentindo derrotada. Não seria aquele professor, sem qualquer ideia do mundo que Luiza conhecia, quem faria sua autoestima cair ainda mais.

— Querida, não estou falando de pessoinhas, mas pessoas com “p” maiúsculo.

De repente, nenhum dos dois tinha um motivo especial para continuar na mesma mesa, mas também não havia uma razão forte o suficiente para que desistissem do jogo tão rápido. Luiza bebeu o suco e o silêncio dos dois gerou uma oportunidade para leituras de todas as espécies.

Olhares foram trocados. A prepotência calculada de Lucas logo se desmanchou. Ele não era assim. Além do mais, os olhos daquela mulher diziam que ela tinha história. Talvez ele apenas estivesse na defensiva e pressupondo coisas. Também diziam que ela tinha sensualidade na alma.

Foi Luiza quem quebrou o silêncio.

— Pode ser que o fato de eu estar sentada aqui com você tenha a ver com o tipo de pessoas que você precisa conhecer — disse Luiza, vendendo o que não tinha. Depois — se houvesse um depois — decidiria como resolver a pequena mentira. Ela queria uma amizade duradoura. Tinha que ser com alguém, algum dia. Por que não nessa noite, com esse maluco?

Quando pensou nisso teve que admitir que o Forró Grill não era exatamente o melhor lugar para fazer boas amizades. Se conhecia bem os homens, como de fato os conhecia, a melhor coisa a fazer era sair logo de lá e se assegurar de que Lucas a desejasse ver de novo. Ela se sentia bem tranquila. Tinha corrido riscos muito maiores. Embarcar em uma fantasia com alguém que apenas desejava ir para a Lua não parecia nem de perto algo que fugisse de seu controle. Além do mais, ele parecia ser uma pessoa boa. Seu faro dizia isso.

— O que você faz? — quis saber Lucas, mais zeloso com o tom de sua voz e agora sem tirar os olhos dela.

— O que eu faço não tem definição no dicionário.

Luiza se armou com o sorriso mais sedutor que possuía. Não foi difícil. Lucas sorriu, intrigado, a princípio, e já pensando de novo como homem. Ela era uma mulher muito interessante, muito mais desafiadora que as meninas universitárias. Então, decidiu mudar o rumo da conversa. Agora, em definitivo, a mulher Luiza o interessava. Depois se preocuparia em olhar no dicionário.

— Mora por aqui?

— Minha casa é o mundo — ela disse bem humorada, porém, mais verdadeira do que Lucas supunha. Então se levantou, absolutamente segura de que deixaria Lucas curioso.

— Passo por aqui de vez em quando — mentiu. Depois girou o corpo e se afastou. Lucas olhou o caminhar dela e, pela segunda vez, pensou na mesma palavra: *elegante*.

— Isso quer dizer que terei que adivinhar quando a verei novamente?

Luiza assentiu com a cabeça com uma rápida olhadela para trás, e desapareceu porta afora. Tenho que voltar aqui, ele pensou, arrebatado por aquela mulher.

- CAPÍTULO 13 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

ATORMENTADO É O cacete!

Lucas tentava pegar no sono. Porém, uma sensação sufocante o impedia, prometendo uma longa madrugada. Sentou-se com a cabeça ainda cheia pela conversa que tivera com Sullivan no Forró Grill. E ainda tinha aquela mulher, Luiza, de longe a mais interessante que ele conhecera nos últimos tempos, mas que ficaria em segundo plano, por enquanto.

Então estou atormentado... E daí?

Lucas chacoalhou a cabeça, quem sabe assim ele se livraria das palavras do reitor. Foi quando olhou por acaso para o desgastado envelope deixado por seu pai, e que guardava como um amuleto entre as pilhas de livros e revistas. Arrastando-se na cama até uma daquelas pilhas, pegou o envelope.

O que a voz interior lhe dizia sobre buscar um motivo para se levantar da cama todas as manhãs — e algumas madrugadas — tinha a ver com o fato de ele acreditar não ter investigado tudo o que poderia a respeito do desaparecimento do pai. As fotos do envelope, que mostravam a superfície da Lua, eram tudo o que tinha. Cada vez que olhava para o envelope, sabia que o ponto de partida para uma nova investigação deveria começar a partir daquelas imagens.

Lucas ligou o abajur.

Em meados da década de 1960, uma sonda americana não tripulada tirou fotografias da superfície Lua com o objetivo de elaborar um mapa para a futura missão Apollo, que culminou com o pouso de uma de suas missões na Lua, em julho de 1969. As fotos guardadas pelo pai foram feitas antes disso, talvez na década anterior. Não eram tão conhecidas do grande público. Disso, ele tinha certeza porque já investigara todos os bancos de dados existentes.

Pela milésima vez, olhou as fotos, absorvido por completo. Eram as mesmas imagens que permaneciam inalteradas há anos. Mas, pela primeira vez, teve a sensação de que aquele minúsculo e insignificante traço em forma de borrão em uma das fotografias — simples e desgastado —, próximo a uma entre tantas crateras, poderia significar algo de diferente.

— Estranha Lua...

Ele esfregou os olhos. Era ruim trabalhar assim. Estava cansado, sem dormir e imaginando coisas. Mesmo assim, teve uma ideia para o seu primeiro dia de sabático. Lucas olhou para o telefone de cabeceira e checkou o horário em um despertador que marcava duas horas da madrugada. Deitou-se olhando para o telefone. Uma hora mais tarde, aproximadamente, conseguiu pegar no sono. Às nove da manhã, quando acordou — bem mais tarde do que estava acostumado — a primeira coisa que fez foi a ligação que queria ter feito de madrugada.

Meia hora depois ele saiu do pequeno apartamento e caminhou até o The Friendly Toast, próximo ao campus do MIT, para tomar o seu café da manhã. Pediu um café básico que incluía “dois ovos do jeito que ele queria”. Completou o pedido com batatas vermelhas, cebolas caramelizadas e torradas. Tomou um café preto e pensou no que diria a Walden dali a poucos instantes.

O Dr. Thomas Walden tinha sido um dos grandes.

Não era mais. Havia ganhado nada menos que o prêmio Nobel de Física dez anos atrás. Sua especialidade, a astrofísica, estudava as propriedades de objetos astronômicos, como estrelas e galáxias. Ele era, de longe, o colega mais brilhante de Lucas na MIT, e o prêmio marcara o auge de sua carreira. Menos de dois anos depois do Nobel, convites para palestras e entrevistas foram diminuindo de modo drástico, até se tornarem uma coisa do passado.

A inesperada guinada para baixo ocorreu quando Walden afirmou que a comunidade científica omitia informações sobre anomalias encontradas em planetas do sistema solar, e que certas estruturas em Marte eram, possivelmente, de origem artificial. A comunidade científica, salvo algumas exceções, não gostou da acusação de omissão. Em pouco tempo, Walden tornou-se um Nobel esquecido e ignorado. O reitor Sullivan sofreu pressões e foi obrigado a demitir o mais velho professor do seu quadro, e ele ainda teve que amargurar o cancelamento de um contrato de consultoria com a NASA, algo que lhe rendia uma boa soma mensal e mantinha seu delicado casamento em pé.

Lucas temia que o seu sabático forçado fosse o primeiro alerta de uma série de possíveis eventos que o tornariam em uma espécie de novo Walden, embora reconhecesse que seu talento não era nem de perto comparável ao dele. Oficialmente, ninguém violara nenhuma liberdade científica ao deixar Walden de lado. Ele, por sua vez, não havia feito nada que violasse os direitos humanos de ninguém. A diferença entre os dois é que Lucas poderia dizer praticamente tudo o que quisesse, pois não era alguém com força para ser um agente de mudanças. Com um prêmio Nobel, como o de Walden, a história era bem diferente. Fazer insinuações da existência de civilizações avançadas em outros endereços de nosso sistema solar batia de frente com crenças científicas duradouras, e com alguns pensamentos religiosos exclusivistas.

Quando Lucas visitou o pequeno escritório de Walden, ali perto do The Friendly Toast naquela manhã, encontrou um homem arruinado e de aspecto deprimente. Walden era um homem grande, de aparência sempre bem cuidada, famoso pelas camisas de azul intenso e gravatas caríssimas que usava sob o jaleco, mas o cabelo e a barba brancos e longos o transformavam em uma espécie de clichê. E o clichê dizia que aquela pessoa já tivera dias melhores. E o cabelo, era de um doido excêntrico.

— Muito obrigado por me receber, professor Walden! — disse Lucas, com um sorriso quase infantil enquanto tentava esconder o impacto que a péssima aparência do laureado causava. Lucas ainda era um professor assistente quando conheceu Walden, que era de uma geração anterior à dele.

— Nossa mãe... Você tem mesmo a cara do seu pai — respondeu Walden, que de perto era bem mais alto e assustador do que Lucas se lembrava dos tempos de MIT, quando raramente se cruzavam.

— Há quanto tempo, Dr. Walden.

Depois de um café, foram até o escritório de Walden, ali perto.

Lucas gastou algum tempo admirando a impressionante quantidade de diplomas nas paredes do escritório do astrofísico, e aproveitou aqueles primeiros momentos para decidir o que pensar da sua aparência. Walden usava um velho jeans e vestia um surrado blusão cinza, que mal combinavam com o gorro de um cinza ainda mais deprimente.

A mulher e os dois filhos de Walden, ao sinal de que as coisas estavam se deteriorando por iniciativa, insistência e culpa exclusivamente dele, começaram a se afastar também. Para eles, Walden jogara fora o trabalho de uma vida inteira ao optar seguir um caminho que era diferente do que boa parte dos seus colegas seguia. Quando o dinheiro acabou e ele, pai, passou a ser motivo de chacota de algumas esposas de cientistas que eram *amigas da onça* da mulher, ela descobriu, como que por encanto, que não o amava tanto assim, decidindo se separar. Os filhos o responsabilizaram pela desarmonia do lar, mesmo que o menino e a menina de Walden já tivessem passado dos quarenta anos de idade. Nessa fase, era sabido, as separações eram em especial traumáticas para os filhos.

— São como pequenos animais de estimação para mim — disse Walden enquanto se aproximava de Lucas para ver qual diploma ele estava admirando.

— É uma bela coleção.

Walden sabia sobre o que conversariam, por isso, foi direto.

— Seu pai e eu trabalhamos juntos por pouco tempo, depois perdemos contato. Também não ouço falar dele há muitos anos.

— Na verdade, ele desapareceu quando eu ainda era uma criança.

— Ah sim... Eu pensei que o seu pai trabalhasse com uma turma de pessoas privilegiadas, isso acontece em algumas empresas ligadas ao governo. Ele era uma pessoa muito talentosa... — disse em tom melancólico. — Alguém sabe dizer o que aconteceu?

Walden parecia interessado.

— É exatamente isso o que estou tentando descobrir.

Lucas não quis deixar o ambiente pesado e olhou para outro diploma na parede.

— Estou um pouco confuso com tantos nomes... O que exatamente faz nos dias de hoje?

— Estudo pulsares de rádio.

— Que interessante...

— Também pesquiso Phobos e Deimos.

— As luas de Marte?

Walden sorriu. Marte o fazia sorrir.

— Alguns de nós acreditamos que Phobos talvez seja oca... Consegue imaginar uma Lua ou um planeta que seja oco? Eu não.

— Nem eu — disse Lucas, devolvendo o sorriso que tinha certeza ser irônico.

— Luas ou planetas ocos não existem, certo?

— Correto.

— Mas se existissem...

— Seria uma anomalia.

— Uma enorme de uma anomalia! Lembre-se que em novembro de 1969 a equipe da Apollo 12 fez um experimento lançando um pedaço do módulo lunar contra a superfície da Lua para simular um terremoto. Os astronautas estavam a uns 60 quilômetros de distância do local onde haviam deixado equipamentos sísmicos. E então, bingo! A Lua gerou um som de sino que tocou por quase 40 minutos... A vibração levou quase 8 minutos para atingir o pico. O teste foi tão impressionante que a Apollo 13 repetiu a experiência simulando uma colisão de 11 toneladas de TNT. A NASA relatou que a superfície da Lua desta vez reagiu com um enorme gongo! Agora, se os dados estiverem certos e Phobos realmente for oca, eu não desconsideraria a hipótese de que sua origem seja artificial.

Lá estava Walden, justificando-se como se ainda devesse explicações.

Era exatamente o tipo de afirmação que havia retirado de Walden seu status de brilhante cientista, e relegando-o ao posto de esquecido. Para Lucas, escutar aquilo dizia bastante sobre o estado emocional de Walden. Era triste ver o que seus colegas do meio científico eram capazes de fazer com quem se arriscava a explorar hipóteses bizarras.

— Dr. Walden, o senhor quer dizer que Phobos talvez tenha sido construída por uma civilização inteligente, e não pela natureza? Foi isso mesmo que entendi?

Walden ergueu o canto dos seus lábios, sarcasticamente.

— Bem, acho pouco provável que nós tenhamos construído um satélite tão grande e o colocado na órbita de Marte.

Walden caminhou até uma mesa central onde havia dezenas de fotografias e anotações espalhadas. Era deprimente ver como Walden se comportava, dando a Lucas a impressão de que aquela poderia ser uma conversa derradeira, dado o grau de ansiedade com que Walden se expressava. Todos sabiam que ele estava quase falido e sem emprego.

Lucas se aproximou.

— Essa hipótese não termina por aí... — disse Walden, enquanto apontava para uma fotografia que

acabara de separar das demais. — Veja o que os russos encontraram flutuando próximo a Phobos.

Walden manuseou-as até criar uma espécie de colagem sobre a mesa de trabalho. Então, puxou uma delas que mostrava a sonda russa quando já se encontrava próxima ao planeta Marte, e colocou a foto no centro da mesa.

— Em julho de 1988 os russos lançaram duas sondas não tripuladas para Marte, batizadas de Phobos 1 e Phobos 2. Ambas se perderam em circunstâncias estranhas.

— Eu me lembro de alguma coisa — disse demonstrando curiosidade.

— Mas, Phobos 2 ainda teve tempo de enviar imagens antes de se perder.

— Sorte nossa, imagino.

— Imaginou certo.

Walden mostrou outra fotografia da sonda russa Phobos 2, passando por uma das luas de Marte.

— Logo depois do fim da missão, começou um burburinho na comunidade científica. Os russos falavam sobre alguma coisa que teria sido vista *entre* a sonda e o planeta Marte, algo que não deveria estar ali.

— Lembro vagamente dos rumores — suavizou Lucas. Na verdade, ele conhecia aquela história do avesso.

Walden puxou mais uma fotografia: a sonda Phobos 2, no exato instante em que estava manobrando para tirar suas primeiras fotos do planeta Marte.

— Um pouco antes de perderem contato, a sonda enviou esta foto...

Walden procurou na colagem e ergueu outra fotografia. A imagem mostrava a uma longa sombra cilíndrica na superfície de Marte.

— Incrível,

— Não é mesmo?! — O entusiasmo de Walden era contagiante.

— O que os russos disseram?

— Os russos descreveram o objeto como tendo entre dezoito e vinte e cinco quilômetros de comprimento! Obvio, nada que lembrasse algo remotamente conhecido por nós aqui do planeta dos inteligentes!

— É muito intrigante.

— Pode ser um terrível engano e que eu esteja equivocado por completo.

— No que o senhor acredita, Dr. Walden?

— A única coisa em que acredito é que me divirto muito com meu trabalho.

— Pode ser uma diversão um tanto solitária...

— Verdade.

A colocação de Lucas incomodou Walden mais do que ambos esperavam.

— Não temos muitas hipóteses aqui, temos? — Lucas disse, tentando amenizar.

— Não. Não tenho nenhuma evidência conclusiva. Marte está entupido de indicações de possíveis estruturas artificiais, um sinal de que vida inteligente talvez possa ter existido no passado. A lógica diz que é preciso considerar que, o que quer que tenha ocorrido em Marte, possa se repetir conosco aqui na Terra. Na minha modesta opinião, talvez exista um excesso de cautela por parte dos nossos colegas.

— As fotos são um pouco antigas. Acha que ainda são válidas? — perguntou Lucas, odiando-se por ter que fazer uma pergunta tão necessária.

— Há boas evidências, mas tenho que admitir que o avanço da tecnologia ajudou a esclarecer alguns mistérios. Temos, na realidade, algumas fotos que se mostraram simplesmente sujas, coisas que os softwares modernos conseguiram nos revelar, mas me recuso a generalizar. Uma lente fotográfica suja não é a única hipótese.

Walden sorriu e ergueu o corpanzil, sinalizando que a conversa estava boa, mas prestes a acabar. O assunto o deprimia. A verdade é que a busca por sinais críveis de vida inteligente fora da Terra tornara-

se quase uma religião para ele. Também era óbvio que Lucas estava tentando ser gentil ao lembrar Walden que havia outras pessoas que pensavam como ele, embora fossem poucas e sem o apoio do establishment científico. Walden também odiava quando as pessoas sentiam pena dele, como o filho de Milton Walker demonstrara instantes antes. Porém, Lucas não perderia a oportunidade. Entregou a Walden o velho envelope deixado pelo pai, e explicou.

— Dr. Walden, acha que o desaparecimento do meu pai tem algo a ver com isso? Ele era o chefe de um projeto chamado Mare Crisium.

Walden abriu o envelope e percorreu as fotos.

— O senhor já ouviu falar nesse nome?

— Já. O Mar das Crises, na Lua... — ele comentou enquanto erguia uma fotografia. — Nunca vi essa imagem antes. Provável que seja de origem militar classificada.

— Ele trabalhava em uma empresa chamada Imagecon.

Outro sorriso de canto de boca de Walden.

— A Imagecon era uma empresa de fachada. Negócio de governo.

Walden franziu a testa e aproximou a foto do rosto, como se a fosse engolir.

— Que diabos é isso...

— O traço paralelo à cratera?

— Estranho, não acha?

Os olhos de Walden brilharam.

— É uma formação no mínimo incomum — disse Walden, e então se virou para Lucas. — Entre nós? Ou é uma interferência na imagem ou, então, possivelmente uma estrutura artificial.

Walden devolveu a foto para Lucas.

— Não me admiro que seu pai não esteja mais conosco... — disse Walden.

— Por que diz isso?

— Para onde Milton foi depois que trabalhou para a Imagecon?

— Não sabemos. A Imagecon foi o último lugar em que trabalhou.

Walden coçou a barba.

— Alguns anos atrás, uma foto como essa não andaria impune em um velho envelope.

— Dr. Walden, como é que se descobre a verdade nos dias de hoje?

Walden balançou a cabeça. O assunto era pesado para alguém como ele, que fora expulso do mainstream.

— Acredito que a verdade é praticamente impossível de ser acessada. Há pedaços aqui e ali, compartimentalizadas por completo nos labirintos de nossas instituições de ciência e segurança. Apenas não me pergunte por quê. Não vejo o menor sentido nisso.

— É um absurdo.

— É como são as coisas, Lucas.

— Dr. Walden... Sabe de alguém do setor privado que esteja planejando uma viagem à Lua? — perguntou sem qualquer temor de parecer ridículo. Com Walden estava em casa.

— Por quê?

— Bem, se souber, eu gostaria de tentar participar. Sinto que preciso continuar do ponto onde meu pai parou.

— Está falando sério?

— Estou.

— Quanto dinheiro você tem?

— Nenhum.

— Suponho que o MIT está por trás dessa ideia.

— Não... Dr. Walden, quanto mais eu olho para essas fotos, mais compreendo o significado do

trabalho do meu pai. Vou seguir seus passos, de uma forma ou outra.

— Ir para a Lua é algo que eu próprio adoraria fazer...

— Não sabia que tínhamos o mesmo plano.

— Bem-vindo ao clube, Lucas... Por que eu aumentaria a concorrência?

A noção de Walden como “concorrente” pegou Lucas de surpresa.

— Dr. Walden, pensei que seu interesse fosse o Planeta Marte.

— Correto. Marte é o meu interesse primário.

— Ainda assim, se conhecer alguém que pudesse me indicar...

— Como eu disse, a nossa querida Lua é meu interesse secundário, mas um interesse. É mais próxima que Marte e um sonho menos impossível.

— Entendo.

O clima ficara estranho. Lucas olhou para a porta de saída.

— De qualquer forma, obrigado por seu tempo.

Lucas caminhou para sair.

Walden mordeu os lábios e foi atrás dele. Ele admitia que era velho demais para isso, e que nunca teria chance com a péssima reputação que passara a ter. Não custaria nada fazer um favor ao filho de Milton Walker.

— A propósito, eu conheço — disse Walden, abrindo a porta para Lucas.

— Como é?

— Conheço alguém do setor privado que quer enviar gente para Lua.

Lucas quase caiu para trás. Qualquer dica seria como uma luz no final do túnel.

— A Cougmann Corporation. Estão selecionando cientistas.

— Não me diga!

— Que eu saiba é a única oportunidade para gente como nós dar um passeio até lá sem ter que colocar a mão no bolso.

— Cougmann Corporation, é? O pessoal da TV?

— Eles mesmos.

— Dr. Walden, entenderei se não quiser que eu converse com eles.

Walden sorriu e ergueu a mão no ar.

— O pessoal da Cougmann deve ser um bando de sujeitos espertos...

— Por quê?

— Porque apesar da minha história, eu não me qualifiquei. Disseram que não estão oferecendo planos de pensão.

— Não acredito. Que idiotas.

— Diga-me, Lucas, que idade tinha John Glenn quando voou com a NASA pela última vez?

— Acho que setenta e sete.

— Pois é, um pouco mais novo do que eu... Vá lá e mostre a cara.

— Mantereí contato, Dr. Walden.

— Faça isso.

- CAPÍTULO 14 -

BOSTON, MASSACHUSETTS

MENOS DE UMA semana depois da conversa que Lucas tivera com Walden o inverno presenteava Boston com uma nevasca brutal. Conduzindo um Toyota Prius híbrido, ele enfrentou a curta distância entre Cambridge e Boston, onde ficava a Cougmann Corporation, com a tensão no alto e uma hipótese remota no horizonte: a possibilidade de uma viagem à Lua. O processo de seleção já estava em andamento.

— Merda! — Estava difícil enxergar a Monsignor O'Brien Highway. Aumentou a velocidade do limpador de para-brisas. Dirigia cauteloso, afinal, aquela não era uma reunião qualquer. Um acidente estava fora de cogitação. Ele tinha uma entrevista a fazer.

A fachada da Cougmann, no alinhado bairro de Back Bay, tinha vista para o Rio Charles e transmitia a seguinte mensagem: nós somos grandes, ambiciosos e possuímos muita liquidez financeira. Não entre sem ser convidado. O granito escuro e as janelas diminutas contrariavam o bom senso e davam ao lugar uma sensação de mausoléu.

As ruas de Boston estavam cobertas por uma grossa camada de neve. Depois de perder mais tempo do que imaginava tentando achar um local para estacionar, Lucas, se equilibrando, subiu os degraus que davam acesso à porta de entrada do edifício intimidado pela completa falta de hospitalidade do lugar. Diminuiu os passos ao se aproximar do segurança e respirou fundo. Ali dentro pairava a oportunidade de uma vida. Agradeceu o reitor Sullivan pelo sabático.

Após se identificar, passou por um ridículo scanner de corpo e prometeu a si mesmo que se viesse a ter câncer por causa daquela porcaria, processaria alguém. Em seguida, entrou em um elevador sem botões de comando, indicado por um segurança que não tirou os olhos de cima dele até a porta se fechar. Durante o trajeto, supôs estar indo para um andar bem alto, já que o elevador também não possuía nenhum display. Tinha, é claro, uma câmera de vigilância ostensiva apontada para os passageiros.

Quando o elevador parou, Lucas desceu animado.

Ergueu a cabeça e caminhou até uma secretária sisuda que vestia um tailleur cor de chumbo alguns metros à frente dos três elevadores. Apresentou-se e assinou um Termo de Confidencialidade que, em resumo, o proibia de revelar qualquer assunto discutido na entrevista, ou mesmo qualquer coisa relacionada ao nome Cougmann Corporation. Ela então indicou que ele deveria aguardar no espaço ao lado até ser chamado.

Lucas sentou-se na extremidade de um conjunto de sofás sóbrios e futuristas. Olhou para o relógio com menos de dois minutos de espera. Enquanto esperava, contou o número de portas no corredor adjacente. Havia pelo menos quinze portas fechadas, das quais apenas uma parecia estar meio aberta. Lucas girou a cabeça para a mesa da secretária. Ela estava de lado, quase de costas para ele.

Saco... O tempo não passava.

Cinco minutos já pareciam meia hora. Levantou-se e caminhou até uma parede que continha pôsteres de Francis Bacon e outros artistas irlandeses. Enquanto admirava “Figura com Carne”, uma obra de aspecto perturbador que mostrava duas carcaças de animal penduradas atrás do Papa Inocêncio X, a

secretária deu uma rápida olhada nele. Lucas percebeu e inclinou a cabeça como se “aprofundasse” a análise da obra. Não se preocupe, não vou a lugar algum.

Havia uma porta semi aberta logo adiante, após o último pôster. Ouviu vozes de pessoas e uma outra que parecia sair de um aparelho de TV. Lucas não se conteve. Aproximou-se com as mãos no bolso, sem disfarçar e procurando transmitir uma postura que denotasse curiosidade amistosa, ao invés de bisbilhotice. O interior da sala estava ligeiramente escuro. As falas baixas que ouvia, os quadros lúgubres do irlandês e a formalidade fria da secretária geraram algum desconforto.

Ele viu dois homens.

As vozes eram deles. Com certeza, executivos da Cougmann. Estavam assistindo a um vídeo com o depoimento de um famoso astronauta americano. *Scott Malloy*. Lucas o reconheceu na hora. Era um vídeo amador com um depoimento. Lucas apostou se tratar de uma entrevista preliminar, o que de cara o preocupou em relação às suas próprias chances de ser selecionado no processo. O astronauta Malloy era um peso pesado, um candidato a retornar ao espaço. E ele estava fazendo campanha com vídeos e sabe-se lá o que mais. Que ótimo...

Scott Malloy tinha a mesma idade de Lucas. Pontos iguais. Porém, tinha nome e experiência. Lucas achou que a briga seria injusta. Mas dava para ouvir o depoimento. Com um passo à frente, era possível até assistir.

— *Sou um americano. Um patriota. Estive no espaço e ajudei colegas a se prepararem para ir também. Deixaremos um legado de progresso, não tenho dúvidas quanto a isso, mas não estamos contando 100% do que experimentamos em nossos projetos espaciais...* — falava Scott Malloy olhando direto à câmera de vídeo.

— O que acha do nosso herói? — comentou Melvin, um dos executivos.

— Herói uma ova! O cara arreventou a ex-mulher... — disse Alfred, que se sentava ao lado de Melvin.

O vídeo prosseguiu e Lucas espiou a secretária. Tudo tranquilo.

— *... um segredo que nem todos os astronautas estão dispostos a discutir em público. Acredito que posso responder por que não retornamos à Lua desde 1972, e porque simplesmente paramos de ir até lá... Primeiro, quero deixar claro que as fotografias originais de nossas missões mostram evidências da existência de estruturas artificiais na superfície da Lua. Não há dúvidas sobre isso... Em segundo lugar, a partir do momento em que nossos comandantes planejam a militarização do espaço, fomos avisados por uma civilização desconhecida a não retornar à Lua com esse propósito...*

Melvin parou o vídeo e acendeu as luzes da sala. Lucas se afastou um pouco, mas permaneceu próximo o suficiente para acompanhar a conversa. Estava fascinado com o que acabara de escutar.

— E o pior é que tenho que entregar essa porcaria de fita ao senhor O’Connell — disse Melvin.

— Ele vai pensar que você é um desses Trekkies, fã de Star Trek.

— O problema de Malloy é convencer O’Connell. Nosso problema é selecionar os melhores candidatos. Esse babaca é meio maluco, mas tem um belo currículo. As crianças adoravam Scott Malloy.

Lucas sentiu alguém se aproximar e gelou.

— O senhor O’Connell irá lhe atender — disse a voz da secretária bem atrás de Lucas. Ele ficou paralisado. Sua curiosidade poderia ter lhe custado caro. — Por aqui, senhor Walker.

Ela caminhou sem qualquer outro comentário e Lucas foi atrás.

Scott Malloy quer a minha vaga. Scott Malloy bate na mulher. Scott Malloy disse que... ETs entraram em contato.

O’CONNELL.

O nome lhe soava muito familiar. Irlandês, como seria natural, mas bastante familiar. Ele seguiu a

secretária até outro corredor e entraram pela única porta visível. A secretária retornou em seguida. Quando passou os olhos pela enorme sala de reunião, Lucas teve outra forte emoção. O “senhor O’Connell” era ninguém menos que Roy Charles, um antigo colega de faculdade.

Isto é sorte ou o quê!

Roy Charles O’Connell. Não havia como Lucas se esquecer do Lobo.

Competitivo ao extremo. De uma arrogância intolerável. Mas, por alguma razão, sempre fora respeitado pelo antigo colega. Saíram inúmeras vezes para comer pizzas na Emma’s, em Kendall Square. iam juntos a festas da turma de física e seguiam o ritual de beber cerveja após as provas. Quando se formaram, depois de promessas de amizades eternas e leais, nunca mais se falaram. Ao ver Roy sentado na poltrona central atrás de uma mesa de reunião enorme com um charuto cubano na boca e um sorriso convidativo, Lucas procurou sorrir.

É o mesmo filho da mãe arrogante!

Será que se lembraria dele? Havia outras pessoas na sala. Lucas não contou, mas ali teriam pelo menos oito executivos do alto escalão da Cougmann. Ele se sentou e, dois segundos depois, outro Termo de Confidencialidade aterrissou à sua frente junto com uma caneta. O novo papel agora dizia que Lucas não poderia sequer mencionar que estivera na Cougmann.

— Procedimento padrão antes que possamos dizer bom dia... — explicou Peterson, um dos principais executivos da Cougmann Corporation e que acumulava o cargo de editor da rede de TV do grupo, a Cougmann Network. Peterson era um sujeito à imagem e semelhança de Roy, bem mais jovem e que tinha um sorriso largo, até mesmo caloroso, e que de certa forma compensava um pouco a asfixiante formalidade do grupo. Depois que assinou, Lucas olhou para Roy, que tirou o charuto da boca e acenou com a cabeça. Ele o havia, ao menos, reconhecido. Roy se esforçou para sorrir, ou, para ser mais exato, esticar os lábios por um breve momento.

— Como vai... — foi tudo o que ele disse.

— Que bom te ver, Roy.

— Bom te ver... Diga, Lucas. O que há de errado com a Estação Espacial Internacional?

O velho lobo. Direto e sem sentimentalismos. Lucas realinhou suas emoções de forma a não perder a oportunidade. Se Roy queria distância e “profissionalismo”, é isso o que teria dele.

— Não sabia que existia algo de errado com a Estação Espacial Internacional. — respondeu Lucas, surpreso com a pergunta e tentando ganhar tempo para raciocinar.

— Uma estação espacial flutuante de bilhões e bilhões de dólares.

— Ah, isso...

— É. Isso.

— Para ser sincero, acho que não faz o menor sentido — arriscou Lucas.

Desde 1998, um consórcio de quinze países investia pesados recursos financeiros em um dos mais avançados projetos de cooperação internacional, a Estação Espacial Internacional.

Uma sobrelha de Roy arqueou, de leve.

— É mesmo? Por quê?

— Por que não uma estação na própria Lua? Seria mais barato e muito mais segura.

— Sempre gostei de você, Lucas.

— Obrigado.

— Nossa meta de longo prazo é exatamente essa, construir uma base permanente na Lua.

— Faz total sentido.

— Bem melhor do que um monte de metais flutuando a 380 quilômetros de altitude, a 28 mil quilômetros por hora ao redor da Terra. A Estação Espacial Internacional é um maldito dinossauro!

— Que grande ideia, Roy.

Alguns executivos trocaram olhares. Chamar o senhor O’Connell de Roy era muita petulância de

qualquer candidato, mesmo que fosse a própria mãe do senhor O'Connell. Roy tragou o charuto e o apagou enquanto soltava fumaça. Lucas aproveitou para dar uma rápida olhada nos demais executivos. Todos, sem exceção, olhavam fixamente para Roy. Lucas os acompanhou e aguardou até que Roy voltasse a falar.

— Há enormes recompensas econômicas na Lua. Faremos o registro imobiliário de vastos territórios. Depois disso, falaremos sobre mineração, turismo... — ia explicando Roy, enquanto afastava o cinzeiro com o charuto ainda em brasa. A voz e a aparência rapidamente perdiam a falsa amabilidade inicial ao voltar a olhar para Lucas.

— Estou liderando um grupo de investidores que acreditam que a Lua deve ser democratizada.

— Belo conceito, Roy.

Lucas não tinha certeza se deveria ter feito esse último comentário. Para sua sorte, o lobo o ignorou e continuou sua exposição.

— Colocaremos um grupo inicial de três pessoas lá em cima. O currículo que você nos enviou semana passada — mais a nossa amizade — faz com que o consideremos como um dos bons candidatos. Agora, se estiver pronto, vou te explicar como funciona o nosso plano e depois te encaminho para as próximas etapas do processo de seleção.

Lucas queria comemorar ali mesmo. A pequena chance havia evoluído logo para uma chance no mínimo razoável. Apesar disso, algo em suas entranhas o impedia de se levantar e socar o ar em antecipação, e dizia respeito aos princípios que regiam aquela empreitada, e que não poderiam ser piores.

Democratizar a Lua?! Turismo?! Mineração?!

O plano apresentado por Roy era no sentido de colonizar e explorar, um retrato tantas vezes antes visto na Terra e que estava longe de ser uma boa ideia. O certo, o que parecia ser moralmente justificável para Lucas, seria cosmopolizar a Lua e, com cuidado, aprender o processo. Existia um gosto amargo naquela primeira impressão da Cougmann. Era uma contradição, ele reconheceu. Estava ali, começando a saborear algo que seria incrível, mas que também o incomodava.

- CAPÍTULO 15 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

MARIA LÚCIA PODIA até ter seus oitenta e dois anos, mas ainda era capaz de fazer o melhor cuscuz à mineira de todo o Estado de Massachusetts. Às quintas, o filho tinha o costume de ir almoçar com ela. Como dissera que tinha boas novidades, ela prometeu preparar comida brasileira. Para ela, novidades eram raras, e podiam bem significar que o filho, por fim, tivesse arrumado alguém para se casar. Era o sonho. Da mãe.

Filho e mãe, na verdade, não falavam sobre o desaparecimento de Milton Walker. A vibração do episódio impregnava o ar em cada segundo do tempo que passavam juntos. De vez em quando, ao longo de toda sua vida após Milton desaparecer, Maria Lúcia se surpreendia ao se lembrar de frases ditas pelo marido, na cama, durante um jantar ou um passeio, e que poderiam ter ou não alguma relevância. O assunto, nas raras vezes em que abordava com o filho, era sempre no sentido de entender o que exatamente o pai de Lucas fazia, e não mais porque desaparecera.

Mudanças profundas.

Uma das frases mais marcantes que Maria Lúcia se recordava. O mundo é muito maior do que imaginamos, ela recordara ainda outro dia, vinte ou trinta anos atrás, mas se esquecera de comentar com o filho. A vida é bonita e verdadeiramente grandiosa, uma das suas favoritas. Fora dita por Milton no dia do seu casamento de onze anos com Maria Lúcia, e que ela teve certeza se tratar de uma referência a seu trabalho de análise de imagens da superfície lunar.

A mãe de Lucas não era religiosa, mas, como boa brasileira, definia-se como cristã. Sabendo disso, Milton Walker, que era ateu fervoroso, uma vez brincou com a fé da mulher quando ela lhe perguntou sobre o que havia de tão interessante em seu trabalho. A resposta, embora fosse com a intenção de leve zombaria, poderia ser melhor interpretada pelo brilho nos olhos de Milton ao mencionar uma passagem bíblica: na casa de meu Pai há muitas moradas.

Lucas sabia quando uma nevasca fora realmente severa pelo número de caminhões de remoção de neve John Deere que circulavam por todos os lados. Havia um desses acabando de abrir caminho bem em frente à velha casa da mãe na Rua Hancock. Lucas conseguiu subir na calçada com o Toyota sem deslizar, e estacionou na garagem coberta. Saiu do carro ainda pensando em suas chances de ser selecionado pela Cougmann Corporation.

A decepção pela frieza com que Roy o tratara foi compreendida como sendo algo natural do antigo parceiro de faculdade. Ele tinha aquela aura de durão, e não seria numa reunião, na frente de seus principais executivos, que Roy se mostraria amistoso e sentimental. De qualquer forma, Lucas se sentia diferente com a perspectiva que crescia. Talvez pela sensibilidade do assunto, olhou a casa onde crescera e se lembrou dos momentos em que usufruiu da companhia do pai antes de ele desaparecer. Sua garganta parecia fechar. A sensação de passagem do tempo foi especialmente forte.

A mãe removia uma camada de neve da parte de trás da casa. Ela não suportava ver o inverno cobrir plantas e galhos, dava-lhe uma sensação de abandono e a deprimia. Uma casa tinha sempre que estar limpa, o clima não seria uma desculpa. Ela sorriu ao ver o filho. Como sempre, esforçou-se para parecer

feliz e forte enquanto se abraçavam. Segurou a ânsia de perguntar sobre a tal novidade. É casamento, ela apostava.

Maria Lúcia serviu o almoço.

Conforme prometido, cuscuz à mineira. Lucas deu algumas garfadas, mas a comida não descia. A mãe percebeu e estranhou. Sua comida nunca fora um problema.

— Vai contar a novidade de uma vez ou vai esperar até a sobremesa?

— O inverno chegou.

— Ora, não me diga!

— Eles estão me considerando.

Eles? Decepção. Nenhum nome de mulher.

— Quem?

— Uma empresa dirigida por um antigo amigo da faculdade.

— Eu conheço?

— Roy O'Connell.

— Não lembro. E é isso que veio me contar?

Lucas mexeu a cabeça. Maria Lúcia suspirou, desapontada.

— O que eles querem?

— Três pessoas para uma viagem à Lua.

Maria Lúcia pôs a mão sobre o braço de Lucas. Seu queixo caíra.

— É para valer?!

— Acho que sim, mãe.

— Tem alguma chance?

— Não sei... Acho que causei uma boa primeira impressão.

— Isso é ótimo. Tenha confiança!

— Para ser sincero não gostei do que vi.

Ela piscou lentamente e apoiou o rosto sobre a mão.

— Como assim?

— Não gostei da energia deles.

— Não seja idiota!

— Estou dizendo... As coisas não são tão simples.

— Esse é o seu sonho, não é?!

— Minha fantasia, é o que você sempre dizia.

— Ora, vê se pega o bendito emprego e viaje até a Lua com eles!

Lucas procurou sorrir. Seria difícil explicar o que sentia.

— Vou pegar, é claro.

— Estou entendendo que há algum problema?

Lucas se afastou da mesa, apoiando as costas na cadeira.

— O interesse deles é puramente financeiro. A senhora entende o que eu digo?

— Entendo — ela disse com ironia. — Você não pode estar falando sério!

— Estou. Como é que se pode pensar em explorar um lugar que nem ainda sabemos do que se trata?

Maria Lúcia procurou reunir toda a lucidez que possuía. E ainda era muita. O fato é que, diante dela, não parecia estar um homem de sessenta anos, mas um garoto idealista e fora da realidade.

— Lucas... Eles são um negócio!

— Sei disso, mamãe.

— Uma empresa pensa em dinheiro. Toda empresa pensa em dinheiro!

— É lógico, mas--

Maria Lúcia suspirou aborrecida.

— Sabe qual o seu problema?

— Lá vem você falar de problemas... OK, qual deles?

— Você espera muito de todos e de tudo, de garotas e da vida também!

Sua mãe tinha razão.

— Está bem, se acalme... Tentarei ser mais flexível — ele disse enquanto voltava a tentar engolir a comida que a mãe preparara. — Fale-me de você, mãe... Como tem estado?

Mesmo sem querer, Lucas acabava de desferir um golpe baixo. No fundo, ele sabia que aquela não era uma boa pergunta de se fazer. Maria Lúcia ficou com os olhos completamente marejados na hora, como era esperado. Lucas tirara o foco de cima dele e o jogara sem dó em cima da mãe.

— Tenho pensado muito em seu pai.

A resposta que Maria Lúcia dava há cinquenta anos.

— Eu também penso nele.

O almoço correu em silêncio. Depois de tomar café coado, acompanhado por um autêntico doce de leite e uma irresistível torta de banana, Lucas se despediu com algumas piadas sobre o clima e partiu para a próxima etapa no processo de seleção da Cougmann. Tinha uma estrada cheia de neve pela frente.

- CAPÍTULO 16 -

BOSTON

O ACESSO AO edifício da Cougmann Corporation em Boston foi mais fácil no período da tarde. Um cartão de identificação temporária com o nome LUCAS WALKER foi-lhe entregue. Caminhou até o elevador e encostou o cartão no leitor. O elevador “sabia” onde parar. A porta se abriu.

As portas estão se abrindo para mim.

Lucas seguiu direto para o Laboratório de Simulação, que não passava de um sofisticado salão com réplicas de módulos espaciais, alguns bastante familiares. Ele se juntou ao grupo de dezoito candidatos e prestou atenção em Roy O’Connell e seu braço direito, Peterson, que os orientava naquelas explicações preliminares.

— A última onda em módulos são os modelos infláveis, de altíssima tecnologia, e custos de produção bem inferiores aos modelos de metal — Roy explicou enquanto circundavam um dos módulos, uma verdadeira rosca gigante de tecido branco e costuras grossas.

Era o mais notável dos modelos ali expostos, denominado de habitáculo, e que, um dia — que ninguém sabia se chegaria —, seria usado para estadias mais longas na Lua. No entanto, a missão inicial da Cougmann era menos ambiciosa. Eles iriam apenas dar algumas voltas ao redor da Lua e retornar com segurança à Terra. De qualquer forma, seria a primeira vez que uma empresa privada faria isso.

Lucas teve a sensação de que aquela geringonça inflável não daria conta do recado. Parecia frágil demais. Simples demais. E, depois de trinta minutos de explicações sobre as inovações da Cougmann, Lucas coçou o queixo, discreto, e tentou definir o que presenciava. Tudo levava a crer que eles inventaram uma grande história para os jornais, a começar pela própria rede de TV.

Era óbvio para todos ali presentes que, tanto a espaçonave quanto o foguete que venceria a etapa inicial da gravidade terrestre, eram projetos terceirizados e amplamente conhecidos ao redor do mundo há gerações. O “projeto” da Cougmann utilizaria, quase que integralmente, a tecnologia da nave espacial Soyuz, o mais antigo foguete russo ainda em operação no mundo, e que contava com as melhores estatísticas de segurança de que se tinha notícias. Ou seja, não era algo desenvolvido pela Cougmann. O projeto, portanto, começa com um problema de semântica ou, mais provavelmente, de índole. Tratava-se de um projeto russo, e não da Cougmann.

A réplica ali presente era uma espaçonave Soyuz TMA, para três ocupantes, o modelo mais recente. Os emblemas da empresa de Roy — a única coisa diferente na fuselagem da Soyuz. Como ele conseguira permissão para fazer o lançamento de um foguete russo em pleno solo americano, e quanto dinheiro havia gasto nisso, Lucas não sabia precisar. O fato é que, de inovação mesmo, não havia nenhuma. Roy havia, com inteligência, escolhido um projeto que tinha sido amplamente testado nas últimas décadas. E, portanto, funcionava.

Lucas e os outros candidatos a astronautas da Cougmann — embora fosse mais justo chamá-los de cosmonautas — acompanhavam as demoradas explicações de Roy O’Connell. Em dado momento, Lucas sentiu falta da presença do astronauta Scott Malloy. Decidiu testar a quantas andava a sua amizade com o chefe da Cougmann. Aproximou-se de Roy e passou a caminhar ao seu lado.

— Vi o depoimento de Scott Malloy. Pensei que o veria aqui.

Roy torceu o nariz.

— Scott é um maluco de carteirinha.

— Bem, ele é Scott Malloy. Tem direito.

Roy já se arrependia de misturar “amizade” e trabalho.

— Ele tem lá os seus méritos, mas não tenho a menor pretensão de ter alguém como ele em meu projeto.

— Soube que Scott fez algumas afirmações fascinantes.

Roy estranhou e olhou para Peterson. Ele não assinou a porra do Termo de Confidencialidade?

— Claro que ele fez, mas onde estão as evidências fascinantes?

Roy deu uma piscadela arrogante e desapareceu por uma porta. Achou melhor não se expor demais. Lucas não soube dizer se Roy concluíra sua exposição ou se ele tinha ido embora por causa do seu comentário. Foi Peterson quem se incumbiu de continuar as explicações

— A Soyuz é uma nave construída para enfrentar viagens prolongadas, como a que pretendemos fazer. Temos basicamente três módulos. O de serviço, o módulo orbital e, finalmente, a cápsula de reentrada.

Prolongou-se por mais longos minutos fazendo uma descrição das principais missões da Soyuz desde o final da década de 1960. Lucas considerou aquela embromação cansativa e ultrajante.

É um projeto russo, seu panaca.

— Todos os modelos que veem aqui têm suas versões reais estacionadas em nossa unidade no deserto de Nevada. Foram testados à exaustão, isso eu garanto a vocês. Em outras palavras, estamos prontos para nossa missão. Quando definirmos quem de vocês estará a bordo conosco, faremos história!

— concluiu Peterson com entusiasmo.

— Pensei que os russos já haviam testado a Soyuz o suficiente — disse Lucas com visível desgosto. O comentário foi escutado por todos e gerou um mal-estar.

Peterson ignorou. O que esse imbecil pensa que está fazendo?

Indicou, então, a porta de saída por onde Roy saíra momentos antes, e por onde todos prosseguiriam. Lucas permaneceu para trás. Ele sentia, ali mesmo, que acabara de jogar no lixo suas chances de fazer parte dos três escolhidos de Roy, mas para sua surpresa, não demonstrava preocupação.

Peterson percebeu que Lucas não saíra do lugar e ainda o encarava.

— Você parece bastante impressionado com Scott Malloy e suas versões bizarras sobre o que viu lá em cima — disse Peterson.

— Então Scott Malloy desceu o cacete na esposa. E daí?

— Você acha pouco?

— O cara é um babaca na vida privada. Isso não faz dele um mentiroso.

— Não faz, mas Malloy tem um potencial publicitário desastroso. Acho que você consegue entender isso.

Não havia mais nenhum candidato da enorme sala de réplicas. Peterson sabia da relação especial de Lucas com seu patrão, mesmo assim, achava que ele passara dos limites. De repente, sorriu.

— Professor, está familiarizado com os Estudos Propostos Relativos às Implicações de Atividades Espaciais Pacíficas sobre Questões Humanas?

— Estou.

— Ótimo. Então sabe que estou falando do famoso relatório do Brookings Institution encomendado pela NASA.

— Um estudo de 1960... Um pouco ultrapassado, não?

Peterson ignorou a observação.

— O relatório diz, entre outras coisas, que se a NASA descobrisse evidências de existência de vida extraterrestre, deveria acobertar essas informações. Diz que sociedades seguras de seu lugar no universo

se desintegraram ao serem confrontadas por civilizações superiores. Bastante sensato ter cuidado a respeito disso, eu diria.

— Mais ou menos como os europeus fizeram com os nativos das Américas.

— É um belo exemplo. E é a realidade, professor.

Peterson continuava sorrindo. Lucas teve vontade de lhe dar um murro.

— Do que vocês têm medo? — perguntou Lucas.

— De nada. Apenas não desafiaremos o relatório, em nenhuma circunstância.

— Isso eu entendi. O “porque” é a parte que eu ainda não entendo.

— Não queremos ter que lidar com... imprevisibilidades.

— De que tipo?

— Não sabemos. Aí reside a imprevisibilidade.

— Só por isso?

— Claro que não. Há muito dinheiro a se ganhar. Tenho filhos na escola, boa educação custa caro. A Cougmann Corporation se preocupa com o bem-estar dos seus colaboradores. Sou um deles.

Peterson era uma espécie de fenômeno da natureza. Não importava a bobagem que estivesse proferindo, o sorriso e a simpatia pareciam inabaláveis. E incrivelmente irritantes. Lucas colocou as mãos na cintura e balançou a cabeça.

— E qual a incompatibilidade entre ganhar dinheiro e dizer a verdade de vez em quando?

— Nenhuma. Concordo com a sua indagação. Ainda assim, no que depender de nós, nada mudará.

— Tenho certeza que não.

— A única coisa que faz sentido para a Cougmann é fazer dinheiro — disse Peterson, como se Lucas ainda não soubesse. — Não somos uma empresa de governo. Somos uma iniciativa privada. Há uma enorme diferença nisso, você deve concordar também.

— Não me respondeu ainda se pretendem dizer a verdade caso as coisas que Scott Malloy diz sejam confirmadas pela missão da Cougmann.

— Não pensamos desta forma.

— Como assim?

— Verdades ou mentiras... Seria muito estressante viver assim.

— Não entendo. Vocês têm tudo para fazer a coisa certa.

— É simples: não vamos mexer com o sistema de crenças das pessoas. Não temos como nos preparar para as consequências de uma decisão como essa. É algo maior do que nós. Entende o que quero dizer?

— Sinceramente, não.

— O que é isso, Lucas Walker? O dinheiro é o motor de nossa sociedade.

Lucas quis vomitar. Peterson parecia um investidor de segunda.

— É uma tese fascinante, Peterson. Estou arrepiado, não faz ideia.

— Tudo gira ao redor do dinheiro. Por aqui as coisas não são diferentes.

Lucas não conseguiu esconder seu nojo.

— Vocês que se danem!

O professor ouvira o suficiente e decidiu que era hora de caminhar em direção à porta da saída. Queria poder gritar e bater a cabeça na parede, tomar um porre e reclamar o que acabara de fazer, lamentar-se por não ter tido competência de investigar as coisas relativas ao pai quando uma oportunidade de ouro havia praticamente desabado em seu colo. Mas não, nada disso parecia ter qualquer apelo naquele momento. Ao contrário. Apesar de ter acabado de enterrar essa chance, ele se sentiu bem consigo mesmo. Seria provável que sua mãe não o aprovasse, mas ele considerou que já tinha sessenta anos.

Antes de sair, Lucas parou e ouviu Peterson uma vez mais.

— O mundo pertence a corporações como a nossa. Ou você está conosco ou--

— Contra nós. Conheço o maldito conceito. Tirou a vida de mais de um milhão de crianças, mulheres e idosos no Iraque e no Afeganistão!

Lucas saiu do que suspeitava ser uma farsa ética. O projeto começara errado, com uma mentira que daria à nave russa Soyuz o nome de Cougmann. Além disso, Roy O’Connell jamais, em seu tempo de vida, conseguiria extrair lucro da Lua. Mas o que o Lucas nem poderia desconfiar era o fato de que nenhum dos candidatos americanos seria escolhido.

O contrato com os russos previa que seriam eles a cuidar de toda a missão. Os candidatos viriam diretamente da Roscosmos, a agência espacial russa. Em acordo com o governo americano, que andava em baixa com seus foguetes, a parceria previa uma carona de três cosmonautas até a Estação Espacial Internacional. Lá, executariam experimentos científicos de rotina e cuidariam da manutenção da estação, dentro do cronograma normal. Roy percebera uma oportunidade e simplesmente pegara carona. Sua contrapartida viria na forma de pagamento aos russos, algo comum entre milionários ao redor do mundo que queriam passear no espaço, além de contribuições para vários senhores congressistas de Washington. Eles é que cuidariam do fardo burocrático. A viagem, ao final, era uma distração. O que o Roy queria mesmo era explorar o ar. O verdadeiro nome do projeto era Silfos, e não passava nem perto da Lua.

- CAPÍTULO 17 -

DESERTO DE NEVADA

TODOS OS ANOS desde a Segunda Guerra Mundial, dezenas de bilhões de dólares do orçamento de defesa dos Estados Unidos eram destinados a projetos de classificação secreta, popularmente conhecidos por *Black Budgets*. Era maior do que o PIB da maioria dos países do mundo. Ao longo dos anos, trilhões de dólares foram investidos em projetos “inexistentes” aos olhos do público. O particularmente alarmante é que não se tratava apenas de desconhecer o que se gastava com o dinheiro pago em impostos, mas o fato de que nem o congresso, ou o próprio presidente, tinham acesso. Era a concretização profética do ex-presidente americano Dwight Eisenhower, que havia alertado a sociedade décadas antes em seu discurso de despedida. O poder passaria para as mãos das empresas, sem a supervisão de ninguém.

As traumáticas experiências de vida de Luiza Palmer se deviam ao abuso que ela sofrera como vítima de um desses projetos, o MK-ULTRA: um projeto legalmente clandestino que desenvolvia drogas e procedimentos a serem usados em interrogatórios e torturas, visando debilitar o indivíduo e forçando confissões por meio do controle da mente.

Outro destes era o que Roy Charles O’Connell visitava agora, no enorme complexo industrial conhecido por Stratoshaper Aviation — uma empresa formalmente definida como sendo de controle governamental/privado, mas que alguns especulavam ser, na prática, uma empresa de fachada da Agência Nacional de Inteligência Geoespacial americana, trabalhando na coleta e análise de imagens e outras informações geoespaciais, e que fazia parte do Departamento de Defesa americano.

Onde terminava o governo e começava a iniciativa privada, ninguém sabia. A confusão era boa, porque dificultava a checagem por parte dos cidadãos e políticos menos expressivos. A conta ficava com o povo, que financiava tudo sem saber o destino dos recursos. Tudo em nome da “segurança nacional”.

FRANK BALLARD, UM veterano troglodita de feições duras, era o homem de contato de Roy dentro da Stratoshaper. Trajava calças largas e a jaqueta com a insígnia da Stratoshaper, e recebeu Roy na pista do aeroporto particular da empresa, que ficava em uma área militar de acesso restrito no deserto de Nevada. Era uma localização isolada, o que contribuía ao esforço permanente de acobertamento de suas operações.

Os dois haviam servido juntos nas forças especiais. Frank era a única pessoa que Roy reconhecia ser tão durão quanto ele. Frank, na realidade, estava entre os piores seres humanos que Roy conhecia, como se isso fosse possível se comparado a ele próprio, mas era uma pessoa que “resolvia coisas” como ninguém. Seu currículo incluía “neutralizar” pessoas, escravidão de acompanhantes do programa MK-ULTRA e um imenso banco de dados de políticos e empresários, normalmente em situações constrangedoras. Chantagem era sua matéria prima. Prestava serviços à Stratoshaper, à iniciativa privada e a agências de inteligência. Defini-lo, portanto, era uma tarefa quase impossível. Seria mais simples dizer que Frank Ballard não era do bem e ponto final.

Seu papel principal na Stratoshaper era o de se certificar de que a natureza de suas operações permanecesse longe do conhecimento público. A própria existência da Stratoshaper, que recebia uma pequena fatia do dinheiro oriundo dos Black Budgets, dependia dessa discrição. Isso incluía fazer valer o cumprimento integral do contrato que cada um dos mais de oitocentos funcionários da Stratoshaper assinava, obrigando-os a uma confidencialidade leonina. De maneira menos velada, Frank deixava claro que a violência era uma opção que não constava em cláusula alguma, mas seria imposta sempre que necessária. Isso podia ser bem assustador, em especial para a maioria dos funcionários, que, devido à compartimentalização dos trabalhos, não tinham conhecimento do produto ou objetivo final da Stratoshaper.

A vantagem — para a empresa — de fazer parte de um projeto de classificação secreta era: não existir. Leis e direitos, por consequência, nem sempre valiam. Os engenheiros, médicos e equipe operacional tinham, em contrapartida, as melhores remunerações do mercado. Ainda assim, não era incomum que um ou outro não concordasse com as atividades escusas da Stratoshaper — o que gerava uma situação para o competente Frank Ballard cuidar.

Frank fez o meio de campo e colocou Roy em contato com um dos principais programas de geoengenharia da empresa, que consistiam em alterar aspectos biológicos, físicos e químicos do ecossistema do planeta, em larga escala, com a intenção supostamente benéfica de lidar com o problema do aquecimento global. Essa era a praia da Stratoshaper, e os geoengenheiros, as grandes estrelas. A forma como a Stratoshaper fazia isso era usando aviões que lançavam substâncias variadas na atmosfera.

Desde 1920, o escritório de patentes dos Estados Unidos registrava processos para produção intensa de nuvens e neblinas. Dezenas e dezenas de patentes de aerossóis e processos de modificação climática evoluíam de maneira inimaginável para o público.

Existia um pequeno porém com a Stratoshaper.

Apesar de a geoengenharia ter apoio de muitas instituições científicas e políticas importantes ao redor do mundo, ao final de 2010, cento e noventa e três países das Nações Unidas vetaram esse tipo de atividade. Motivo? Um potencial altamente desastroso para o planeta. O veto foi considerado por muitos como uma vitória do bom senso e da precaução. A Stratoshaper, no entanto, não existia oficialmente, de forma que não teve que se preocupar com isso. As trilhas químicas que seus aviões deixavam na atmosfera seriam, no máximo, confundidas com trilhas de condensação deixadas por aviões em certas condições, o que era o seu grande truque de camuflagem. A questão é que não bastava ver a Stratoshaper em atividade, era preciso compreender o que significam aquelas trilhas. Poucos sabiam a diferença.

O plano de negócios principal da Stratoshaper previa jogar a maior quantidade possível de alumínio na atmosfera. O objetivo: esfriar o planeta. Projetos megalomaniacos de resfriar o planeta estavam inclusive na pauta do poderoso e controverso CRE, o Conselho de Relações Exteriores, um “*centro de pesquisa dedicado a entender o mundo através da melhor compreensão de tendências globais e ideias que contribuam com a política de relações exteriores dos Estados Unidos*”.

O CRE pensava diferente do resto do mundo, e Roy havia procurado Frank por outro motivo. Enquanto o plano maior não era posto em prática, a Stratoshaper usava seu arsenal aeronáutico e de inteligência para atender aos objetivos das mais variadas indústrias. Um dos segmentos mais lucrativos era a prestação de serviços para a área farmacêutica. Os efeitos desses serviços, no entanto, costumavam ser devastadores para o planeta, ainda mais porque os aviões voavam normalmente sem levantar qualquer suspeita na população.

— São lindos, não? — disse Frank após cumprimentar Roy, referindo-se à fileira de aviões sem qualquer identificação, estacionados na pista da Stratoshaper.

Frank acompanhou Roy até um dos Boeing KC-135 Stratotanker, usado no início como avião de reabastecimento pelas forças armadas, mas que na Stratoshaper tinham outra função.

— Sim. Belezinhas ociosas.

Subiram por uma escada de acesso e entraram na aeronave, onde seguiram por um corredor ladeado por dezenas de barris metálicos prontos para receber o componente químico da vez. Era um depósito químico sobre asas.

Frank foi explicando.

— Cada KC-135 pode voar com trinta toneladas do composto de alumínio. Com quinze aviões iguais a este, voando três vezes ao dia durante duas horas, dá para cobrir uma área bastante extensa do planeta. Quando o ambiente político estiver mais favorável, estaremos prontos para esfriar o planeta.

Roy não levou em conta a presunção do amigo. No fundo, eram iguais.

— Quantos aviões possuem?

— Temos quarenta e três iguais a esse, Roy. Os engenheiros ainda estão em fase de testes e também temos que lidar com os malditos políticos. Você sabe, a Stratoshaper tem um plano em escala global... Estamos de fato mais ociosos do que gostaríamos.

— Tenho os meus próprios planos, Frank — explicou Roy em alusão ao motivo que o levou a visitar Frank. — E o que fazem com tantos aviões parados?

— Ajudamos alguns laboratórios farmacêuticos, fazendeiros que precisam de chuvas, países que precisam de tragédias climáticas, epidemias localizadas, coisas desse tipo. O mundo é um mercado.

— Bom para vocês, Frank.

— Sem dúvida, Mas diga, o que tem em mente?

— Pode conseguir um avião desses para mim?

— É o que fazemos, Roy. Claro que posso.

— Ótimo.

— Do que precisa exatamente?

— Preciso de uma epidemia, Frank — explicou Roy, como se fosse a coisa mais natural do mundo: para a Stratoshaper, era.

— Sim, podemos arranjar isso.

— Eu sei. Por isso estou aqui.

— Qual a extensão da área a ser atingida?

— Um estado.

Frank torceu o nariz.

— Vai precisar estar bem relacionado para aprovar isso. Posso garantir material para, digamos, uma cidade, primeiro. Três ou quatro aviões por vez devem dar conta do recado. Que cidades seriam suas candidatas?

— Não defini ainda — disse Roy, ligeiramente contrariado.

— Posso sugerir?

— Por quê?

— Porque temos mais facilidades de operar a partir de alguns aeroportos.

— Quero uma área metropolitana com pelo menos um milhão de pessoas.

— Não vai querer criar uma bagunça em nível nacional, vai?

— Ainda não. Preciso consultar a Fundação, Frank.

— Eles sabem?

— Evidente que sim.

— Então sugiro Denver.

— Ótimo. Temos boas relações naquela região, Frank. Pode ser. O que sugere de material biológico?

— Temos mais facilidade com agentes causadores de doenças respiratórias.

Roy assentiu e olhou firme para o parceiro.

— Deve ser algo letal.

— Não vejo problema nisso.

— E que esteja claramente ligado à poluição.

Frank riu.

— Qualquer coisa pode ser atribuída à poluição.

— Então, que seja.

— Está mesmo pensando em assustar uma porção de gente, não?

— O recado deve ser claro. Se der certo, faremos mais ações semelhantes a essa no futuro. Qual o agente biológico que usarão?

— Lamento, mas nem eu tenho acesso a essas informações.

— Quero algo que funcione, Frank.

Frank assentiu.

— O que temos de mais devastador não é guardado aqui e não tem nome definido. É coisa pro futuro, Roy. Tenho certeza que a Fundação pode te confirmar isso.

— Compreendo... Mas Frank, precisamos de resultado.

— Você terá, Roy. Temos viabilizado casos de pneumonia, asma, gripe suína, gripe marciana, gripe do capeta, superbactérias, é só dizer. Temos uma ótima gama de nomes de efeito também. Falarei com os responsáveis e pensaremos em um cronograma.

— Faça isso.

— Fazer as coisas é exatamente o que eu faço, Roy. A propósito, nossa amiguinha está de volta.

O coração de Roy disparou assim que Frank a mencionou.

— Luiza? Onde?

— Perto de Boston.

Frank entregou-lhe um pen drive com fotos e o endereço de Luiza.

— Sua menina é bastante ousada, Frank.

— Ela não é mais minha menina. Você me pagou para libertá-la.

— Quem diria, Luiza de volta para a toca do lobo...

— É onde se acostumou a viver. O que planeja fazer?

— Não sei. Talvez eu a procure.

O efeito que Luiza produzia em Roy era perturbador. Frank notou.

— Não vá se perder, parceiro. Quanto tempo duravam suas escapadas com Luiza, duas semanas? Três? A pobrezinha voltava precisando de cuidados médicos...

Frank sorriu.

Era assim que ele mantinha seus melhores clientes, encontrando e explorando suas fraquezas. Roy tinha consciência disso. Também andava bastante ocupado para se permitir uma escapada com Luiza. Ela era como o cigarro, impossível fumar um ou dois. Quando Roy acendia Luiza, ele a fumava compulsivamente. Aquilo não seria possível agora que a Fundação acompanhava seus cronogramas de trabalho de perto. Ele pegaria Luiza na hora certa.

- CAPÍTULO 18 -

SOMERVILLE E CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

ENQUANTO A NOITE congelava a absurdos dezoito graus negativos, o Forró Grill estava lotado de corpos suando ao som de uma banda local, mas que, para Lucas, tinham som vazio. Quem ele queria encontrar talvez nunca mais voltasse. Provavelmente Luiza fora apenas uma miragem.

Depois de percorrer com os olhos cada uma das quase cento e vinte pessoas ali dentro, o desânimo o abateu. Sentia-se um pouco presunçoso ao achar que outras mulheres como ela cruzariam o seu caminho. Deveria ter dado mais valor àquela estranha que agora não saía de sua cabeça.

Nas mais de duas horas em que ficou de plantão à espera de um possível encontro, consumiu apenas um refrigerante. Nada acontecendo, optou por enfrentar o frio de Massachusetts e ir embora para casa. Não havia apetite por comida, bebida ou novas mulheres. Também não avaliara o verdadeiro sentido de sua postura horas antes no laboratório da Cougmann Corporation. Ocorreu-lhe que talvez agira de maneira precipitada. Mais que isso, estupidamente. E que sua mãe tinha razão.

Bye Bye, Lua...

Dirigiu-se de volta ao apartamento com a cabeça cheia.

Se a ideia fora espairecer no Forró Grill, não adiantou. Estacionou o Prius na vaga reservada de sua unidade e, enquanto ia em direção ao elevador, olhou para fora e parou. Se era uma alucinação, não soube dizer. Parecia uma miragem. Ela vestia um trench coat branco. Enfrentava o frio de maneira heroica, quase suicida. Uma figura de brilho próprio, em pé na calçada, quase parte da densa névoa na noite invernal. Como um fantasma. Mas não importava a forma que um homem a olhasse. Luiza chamaria a sua atenção e o prenderia com seu feitiço.

Ela sabe onde eu moro?!

Como da primeira vez, os sentimentos foram conflitantes. Uma surpreendente excitação, sobreposta por uma camada de dúvidas. Luiza, com toda a certeza, não era óbvia como suas alunas. Deram alguns passos, um em direção ao outro, e se encontraram na porta do edifício.

— Como me encontrou? — perguntou ríspido.

Luiza não mexeu um músculo da face, apenas permaneceu de pé olhando-o enquanto o frio queimava narizes e orelhas. Ela tinha grande tolerância à dor. Lucas logo entendeu o silêncio e tentou ser mais delicado.

— Vai concordar comigo que a sua presença na porta da minha casa é de causar estranheza.

— Concordo, então — respondeu Luiza, com um sorriso despreocupado.

— Também vai concordar que tenho direito de saber como me encontrou.

— Eu perguntaria a mesma coisa.

— Pois é. Estou perguntando. Não me lembro de ter falado onde moro.

— Tem certeza?

Lucas pensou por um momento. E teve certeza. Não estava nem de perto bêbado ou coisa parecida. Sorriu ao perceber que ela estava brincando com ele sem qualquer dificuldade.

— Absoluta! — respondeu sem convicção, e em seguida, riu da péssima dissimulação.

- Por que está tão preocupado?
- Não é preocupação. É frio.
- Tem que aprender a controlar o desconforto.
- É uma lição?
- Apenas uma dica.
- Anotado.
- Você é casado?
- Não. E você?
- Quem faz as perguntas aqui sou eu — ela disse, de um jeito amistoso.

Lucas balançou a cabeça, sem entender. A sensação térmica parecia piorar a cada minuto. Apesar disso, olhou para Luiza e percebeu sua aura. Sentiu vontade de confortar a mulher de olhos tristes, mas firmes e, por outro lado, mandá-la passear e não voltar mais.

- Esteve no bar me procurando, não foi?
- Fui tomar uma cerveja.
- Mas não tomou. Bebeu refrigerante.
- Então estava lá.
- Estava.
- Com esse casaco branco eu a teria visto... Tem algum informante lá dentro?
- Não estava de casaco. Você é que ficou quase todo tempo de cabeça baixa.
- Mas afinal, como descobriu onde eu moro?
- Te segui.
- Por quê?

— Acha que só você gostou de ter conhecido alguém naquela noite? Não passou por sua cabeça que eu também possa ter gostado?

- Não me ocorreu.
- Vamos fazer o seguinte. Vou pedir para entrar no seu apartamento, mas com uma condição. Deve me prometer que não vai querer me levar para a cama como se fosse a única coisa a se fazer.
- Alguma outra razão para entrar?
- Que tal o frio?
- Pensei que você não sentisse nada.
- Sinto muitas coisas.
- Sabe que qualquer homem terminaria te convidando para entrar.
- É possível.
- Por que fala desse modo?
- Qual?
- Sei lá, em código.
- Não combinamos que quem faz as perguntas sou eu?
- E por que fazer as perguntas deve ser uma exclusividade sua?
- Porque preciso ter controle sobre tudo o que diz respeito à minha vida.
- Alguma razão para ser assim?
- Questão de sobrevivência.
- Sim, mas--
- Se isso te incomoda, vou embora e não te perturbo mais.

Não deixaria Luiza ir embora desta vez.

- Você não me perturba... É que isso me parece desnecessário.
- Deixe que eu julgue isso, está bem? Por acaso eu te assusto?
- Não é isso.

- O que é?
- OK. Me assusta um pouco.
- Continua frio. Não vamos entrar?
- Claro... Vamos.

Ele se virou para a porta do edifício.

- Espere.
- O que foi?
- Não ouvi sua promessa.

Lucas pensou um instante. Ele não respondera.

- Prometo... A cama não será o tema principal dessa noite.

Lucas sorriu delicado, mesmo sabendo que aquilo seria quase impossível.

TIRARAM OS CASACOS ao chegar. Luiza pendurou o dela atrás da porta e ele foi direto para a cozinha preparar um chá quente. Deixaria Luiza o mais à vontade possível. No fundo, era ele quem se sentia mais desconfortável. Luiza era a dona da situação, e ele, um principiante.

Tomaram o chá em silêncio. Com o passar dos minutos, Lucas foi, de novo, absorvido pela ideia de ter jogado pelos ares a oportunidade de sua vida. Havia mandado a Cougmann Corporation às favas. Luiza percebeu que Lucas agia de forma estranha, numa combinação de inquietação e distração, mas os olhos dela clamavam por uma conversa. Foi ela quem se adiantou.

- Como vai a sua vida? — Luiza perguntou sorrindo.
- Completamente sem controle.
- Sei como é isso... Jamais me permitirei de novo ficar nesta situação.
- Por quê?
- Ah-ah... Estamos falando de você.

Lucas estava sem vontade de forçar a barra. Olhou para ela. A mulher mantinha os olhos firmes nos dele. Desistiu de tentar entendê-la.

Não tenho nada a perder.

— Ainda hoje tive que ouvir o sermão de um idiota corporativo que insistia em me convencer que o dinheiro é o motor de nossa civilização.

- Não é?
- Lógico que não! Quero dizer, tente viver um dia sem água e me diga como se sente, porque a água é o verdadeiro motor. Água, energia limpa, alimento, ar fresco...
- Bonito — disse Luiza, sem deixar claro se havia alguma ironia.
- É a verdade.
- Quer passar um final de semana em algum lugar?

Deve ser uma doida.

- Ainda não nos conhecemos, Luiza.
- A viagem é para isso, nos conhecermos.
- Você tem certeza que é isso que quer?
- Sim. Você tem dinheiro?
- Não... Então é isso, dinheiro?

— Não me ofenda. Quero planejar algo possível. Com dinheiro é de um jeito, sem dinheiro é de outro.

- Não me leve a mal, mas não vou a lugar algum com você, se insistir em ter controle sobre tudo.
- Terei controle sobre uma parte.
- Uma parte... — disse Lucas enquanto esfregava o rosto com as mãos. Aquilo o estava irritando.

— Qual?

— A mínima parte necessária.

Lucas se levantou.

Suspirou um pouco cansado. Aquela mulher entrara em sua vida no momento mais decisivo também. Ele não conseguira se concentrar e a noite estava caminhando para ser mais um desastre, como sua tarde em Boston fora. Lucas se largou em uma poltrona. Ao desviar o olhar de Luiza, pousou os olhos em uma pilha de revistas do seu lado.

Sim Luiza, se é que este é o seu nome. Pode ir embora, se quiser.

Ela não se mexeu. Lucas não viu, mas Luiza o observava sem se abalar. Ele apanhou uma revista, a primeira da pilha, que se chamava *Daring Entrepreneurs Magazine*. Qualquer revista serviria. Aquela era sobre tecnologia e projetos arrojados. Ele folheou mecanicamente enquanto procurava raciocinar. Ficaria com aquela mulher pelo resto da noite ou, gentilmente, pediria para ela voltar quando desejasse ter menos controle sobre tudo. Seus olhos, no entanto, pousaram sobre um minúsculo anúncio em uma das páginas.

“Crammer Enterprises planeja viagem à Lua. Investidores são bem-vindos”.

Lucas inclinou o corpo para frente e se perguntou como era possível não ter visto aquele artigo antes. Ao relê-lo, entendeu por que: era de extremo mau gosto. Com cores vivas demais, era mal diagramado, semelhante a um anúncio de pílulas milagrosas para a saúde ou impotência sexual. Não costumava levar a sério qualquer coisa que estivesse minimamente dentro daquele contexto.

Pela segunda vez, leu o endereço da *Crammer Enterprises*. *Nevada*.

Seu ânimo tinha, subitamente, se revigorado. Luiza continuava ali, olhando para ele sem qualquer incômodo aparente. Ele se levantou e sorriu para ela. Luiza retribuiu, sem saber o motivo do súbito entusiasmo.

— Concordo em passar o final de semana com você — disse de forma a atender aos anseios de controle dela.

— Fico feliz pela coragem.

— Gostaria de sugerir o Deserto de Nevada.

— Tem alguma coisa a ver com a revista que está segurando?

— Tem.

— Quero saber do que se trata.

— É sobre a Lua.

— Neste caso, vamos deixar o nosso final de semana para depois.

— Não, por favor... Gostaria que viesse.

— O pouco que sei sobre você é o suficiente para entender que a Lua vem antes de qualquer coisa.

— Vai deixar o seu número de telefone desta vez?

— Ainda não.

Luiza se levantou da cadeira e vestiu seu trench coat.

— Então não vai ficar?

— Ainda não nos conhecemos.

Lucas não queria debater aquela lógica.

— Vou te acompanhar até embaixo.

— Não precisa.

— Vamos nos ver novamente?

— Acho que sim.

Lucas abriu a porta. Ela parou ao seu lado por um curtíssimo instante. Lucas imaginou que um beijo no rosto ou um aperto de mão fosse algo natural a se fazer, mas Luiza apenas sorriu com franqueza e foi embora.

- CAPÍTULO 19 -

DESERTO DE NEVADA, COSTA OESTE

DOIS DIAS DEPOIS, Lucas desembarcou no aeroporto McCarran, na cidade de Las Vegas. Aguardou o próximo ônibus que o levaria ao centro de aluguel de carros do aeroporto. Segundo informaram, a saída era de cinco em cinco minutos.

Sua vontade era poder se concentrar apenas no que iria encontrar pela frente da Crammer Enterprises, a empresa do anúncio cafona que ele não levava a sério. No pior dos cenários, uma grande porta fechada pela frente e um retorno rápido a Cambridge. Mas um telefonema para Michael Crammer assegurou-lhe que seria recebido com o maior prazer em seu hangar — quando então Crammer revelaria seus planos de chegar à Lua.

Na sua mente, ao mesmo tempo, havia a presença cada vez mais frequente de Luiza Palmer. Ao pensar na viagem, tinha-a em mente, e pensava nela quando se concentrava em sua busca pessoal.

O que essa mulher quer comigo? O que eu quero dela?

Lucas não era rico. Não trabalhava em nenhuma posição de influência e estava longe de ser um garotão. Apesar dessas características, que ele achava deficiências, ali estava uma mulher fascinante, jogando um jogo que parecia ser de natureza sexual. Poderia até ser uma ideia fixa de solteirão, mas Lucas estava obcecado pela maneira como Luiza se portava.

O ônibus chegou e Lucas se dirigiu a uma das locadoras.

Alugou um SUV beberrão porque combinava mais com a atmosfera rústica da região além de Las Vegas. Seu discurso ecológico e correto não se aplicava a ele próprio. Já tinha uma certa idade e as próximas gerações por certo fariam melhor que ele. Programou o GPS e seguiu pela rodovia US-95 S até o endereço descrito na revista, ficando na divisa do Estado de Nevada, próximo a Bullhead City, no Arizona.

DEPOIS DE DUAS horas de viagem, Lucas estacionou na frente de um hangar gigantesco que tinha uma aparência horrível, em linha com a péssima qualidade do anúncio da revista. Realmente desolador. A placa perfurada com balas de arma de fogo não deixava dúvidas.

CRAMMER ENTERPRISES.

Que ótimo...

Lucas caminhou até a entrada, uma enorme porta deslizante. Aproximou-se e bateu repetidas vezes até que, dois minutos depois, um segurança abriu-a. Atrás dele, Lucas viu surgir a figura de Michael Crammer, um rechonchudo cowboy texano de mais ou menos cinquenta anos, nariz largo e olheiras acentuadas. O sujeito à sua frente superava em muito sua expectativa de encontrar alguém tão extravagante. O chapéu de camurça Stetson e as botas de couro com detalhes de águia se destacavam dos padrões de alguém da cidade grande. Michael Crammer parecia ter saído de algum filme B.

— Você é o professor? — disse Crammer, medindo-o de cima a baixo.

— Michael Crammer? — disse Lucas, e então ergueu o artigo da revista que tinha em mãos. Sua

visão estava parcialmente bloqueada pelo ombro do leão de chácara.

— Eu mesmo — respondeu o aventureiro, incomodado pela segurança que permanecia plantado entre os dois — Sai da frente, palhaço!

Crammer deu três passos rápidos, estendeu a mão agilmente para Lucas e abriu um sorriso amistoso. Com os braços, chamou Lucas para dentro do hangar. A primeira impressão que Michael Crammer deixara fora marcante: um sujeito de pura energia e entusiasmo.

Os dois seguiram em direção à oficina. O cowboy instruía seus funcionários como quem tocava o gado, apontando para um lado “fulano o está aguardando” e para o outro “cadê aquilo que eu pedi?”. Lucas se sentiu feito um tolo andando atrás dele e tentando acompanhar seu ritmo.

— Depois que vi seu anúncio, telefonei para o Dr. Walden, que foi colega meu no MIT. Ele disse que seu projeto é simples e brilhante — disse Lucas, fazendo com que Crammer olhasse para ele e diminuísse o ritmo das passadas.

— Dr. Walden! — disse Crammer quase aos berros. E sorrindo. — O filho da mãe quer ir para Marte e fica me enchendo o saco para que eu seja o projetista dessa loucura... Pode imaginar os culhões desse cara?!

— É... Um pouco ambicioso.

Crammer assentiu com a cabeça, efusivo.

— Antes de ir a Marte temos que ser capazes--

— De ir até a Lua antes, e montar uma base lá — interrompeu Lucas, bastante familiarizado com o conceito.

— Exato!

Passaram pelo que parecia ser uma oficina de carros.

Lucas se perguntou se não havia mesmo errado de endereço, até que alcançaram o que ele pressupôs ser a metade do hangar, calculado ao olhar para o teto. Naquele ponto havia uma série de biombos. Crammer então o mirou com um sorriso matreiro, como se o conhecesse há anos e o fosse presentear com algo. Havia uma passagem entre os biombos, na qual seguiram. Estavam, por fim, entrando na parte “aeroespacial” do hangar — onde Crammer guardava a espaçonave que construía para sua viagem à Lua.

Lucas sentiu alguma coisa entre o choque e a surpresa.

Não soube dizer o que estava à sua frente. De qualquer forma, seria cuidadoso. A espaçonave estava cercada por divisórias metálicas e era, com cuidado, manuseada por pelo menos meia dúzia de engenheiros. Ou talvez fossem mecânicos.

A nave era longa e de corpo fino, lembrando um pouco os antigos aviões Concorde, mas em escala muito menor. Para completar o desenho incomum, possuía saliências na parte frontal que lembravam protuberantes bochechas.

Crammer esticou o braço e apresentou orgulhoso o seu brinquedo.

— O nome comercial é Crammer Jet, mas eu a chamo carinhosamente de Cassilda, meu pássaro! Ela fará de mim o primeiro homem a viajar para Lua em sua própria espaçonave!

— Cassilda... — disse Lucas, disfarçando a sua decepção. O equipamento era esquisito demais e o apelido não ajudava muito. — Parece realmente simples, Michael.

Os dois circundaram Cassilda quase juntos, e depois passaram por baixo da “barriga”, inspecionando os detalhes. Crammer olhava o professor de soslaio.

— Quantas pessoas cabem aqui dentro?

— Irei eu, pilotando, minha mulher, como copiloto, e temos espaço para mais duas pessoas.

— Suponho que pretenda vender os dois lugares extras.

— Mais ou menos isso. A vista vale uma fortuna! — disse Crammer com uma piscadela desnecessária.

— Aposto que há uma fila de pessoas querendo pagar uma fortuna para você — especulou Lucas, embora tivesse sérias dúvidas se alguém, de fato, apostaria a própria vida embarcando em uma viagem à Lua com um sujeito como Crammer. A espaçonave era horrorosa, e o hangar parecia, na melhor das hipóteses, um sofisticado desmanche de carros roubados.

— Sim, tenho algumas propostas, mas não se encaixam no perfil que tracei para os meus companheiros de viagem — disse Crammer.

Isso deve ser uma piada, pensou Lucas.

— O que imagina ser o perfil ideal, Michael?

— Pode ser qualquer pessoa que não seja um babaca — disse Crammer sem se aprofundar no conceito e tocando as duas mãos na parte mais protuberante da Cassilda, o tanque de combustível principal.

— Belo perfil.

Preciso fechar a minha boca... Michael Crammer era algo que Lucas não conseguia rotular com facilidade, mas não parecia ser burro. O aventureiro já havia notado que o acadêmico do MIT tinha dúvidas que tentava disfarçar.

— O segredo do projeto é o tipo de combustível — explicou Crammer com um sorriso venal enquanto alisava o tanque de combustível da espaçonave como se fosse o corpo de uma mulher.

— É mesmo?

O aventureiro explicou que era muito amigo de Burt Rutan, o famoso engenheiro aeroespacial que ganhara notoriedade desenhando aviões revolucionários e eficientes, como o Rutan Voyager, primeiro avião a dar a volta ao mundo sem reabastecimento, e, mais recentemente, pela SpaceShipOne, uma aeronave suborbital. A nave de Rutan usava motor de foguete híbrido que funcionava com combustível de borracha sólido e óxido nitroso líquido. Crammer havia seguido o mesmo princípio de Burt, que, inclusive, o teria ajudado com dicas cruciais ao desenvolvimento de sua própria espaçonave.

Lucas não engoliu. Todo mundo queria ser amigo do gênio Burt Rutan. Mesmo ao perceber um certo ceticismo em Lucas, Crammer achou que deveria continuar a explicação. O óxido nitroso era o que dava um aumento significativo na potência. Quando misturado à combustão, conseguia elevar a massa de oxigênio injetada, diminuindo o aquecimento da câmara de combustão. O que tornava o Crammer Jet tão eficiente era exatamente a versão de óxido nitroso que ele havia comprado de fontes do governo, e que alcançava graus de eficiência várias vezes superior ao usado no projeto de Burt Rutan.

Exatamente por que Michael Crammer teria tido acesso a esse combustível, e Burt não, era intrigante, mas Lucas não se atreveria a questionar Crammer. Iria aceitar o joguinho até o final.

— Como pretende chegar até a Lua?

Crammer colocou as mãos na cintura e gesticulou, como fazia com os funcionários.

— Vamos decolar do deserto de Black Rock e de cara queimar boa parte do combustível sólido que nos ajudará a subir além da atmosfera. Uma vez lá em cima, orbitaremos ao redor da Terra por alguns dias — dois ou três, estamos calculando isso ainda — até ganhar velocidade suficiente. Então partimos em direção à Lua. Serão cinco ou seis dias de viagem. A qualidade do meu combustível é que fará toda a diferença! Passaremos a aproximadamente cem quilômetros de altura ao redor da bola branca, uma única vez e, zapt, de volta para casa! Muito churrasco texano. Muita cerveja!

Lucas levou alguns segundos absorvendo o planejamento todo.

— Como foram os testes?

— Como um passeio no parque.

Lucas tomou cuidado ao formular a próxima pergunta.

— Alguém já fez um plano de voo como este?

— Não.

— Existe um quê de pioneirismo no ar ou estou enganado?

— Serei o primeiro! — confirmou Crammer de peito estufado.

— Você parece confiante...

Cala-te boca.

— Cassilda precisa me levar até lá em cima e eu tenho certeza que ela fará isso com competência! — justificou Crammer, agora um pouco incomodado com o ceticismo do professor.

— Bem, parece que você tem um plano e isso é o que importa.

— Pode apostar que tenho... Exatamente, o que posso fazer para te ajudar?

— Michael, o que há de errado com seu projeto?

Crammer franziu a testa. Lucas explicou.

— Por que você ainda não está voando até a Lua?

Crammer coçou seu enorme queixo.

— Veja bem, estou com dificuldades na questão de regulamentos... Os atrasos na obtenção das malditas permissões estão me matando. É por isso que ainda não estou voando.

Ótimo! Ali estava algo que Lucas poderia tentar explorar.

— Se eu conseguir te ajudar a lidar com a burocracia, você me reserva um lugar na viagem? — perguntou Lucas, tão direto quanto imaginou que Crammer gostaria. O texano riu. Histericamente.

— A minha proposta é para valer — disse Lucas, firme, mas educado.

— Um assento na Crammer Jet vale milhões. Está ciente disso?

— Michael, vou ser franco também.

— É assim que eu prefiro.

— Não tenho dinheiro.

Crammer parou de sorrir.

— Pensei que sua universidade estivesse te patrocinando.

— Quem dera. Não, Michael. Estou por conta própria.

— Entendo. Puxa...

— Gostaria de ao menos tentar, se isso me valer o direito de ir com vocês.

— Sei...

Lucas percebeu o semblante de Crammer mudar. A expressão de profunda dúvida se transformava em um sorriso provocador de quem pagaria para ver.

— Se você pode mexer mais pauzinhos que esse picareta aqui, não me importo quem você de fato seja, ou por que motivo quer viajar até a Lua. Te garanto um lugar na barriga de Cassilda!

Lucas sentiu uma corrente de adrenalina. Aquele lugar era ridículo e Michael Crammer lhe causava arrepios. Em especial ao que dizia respeito às questões de engenharia aeroespacial, mas o importante é que Lucas estava mais uma vez no jogo, como que por acaso.

Talvez por causa de Luiza.

— O que você tem a perder? — perguntou Lucas.

Crammer se aproximou do seu mais novo melhor amigo e lhe deu um abraço rápido e explosivo, com duas palmadas fortes em seus ombros.

— O segredo é saber aonde o dinheiro deve chegar.

— Como assim, Michael?

— Vamos deixar as formalidades de lado, meu camarada. O dinheiro tem que cair no colo certo ou Cassilda nunca alcançará seu destino! Entende o que quero dizer?

Lucas concordou. Como quase tudo que envolvesse assuntos de governo, a questão se resumia em encontrar e comprar a pessoa certa para lidar com a burocracia. Crammer voltou a caminhar ao redor da espaçonave e seus olhos já soltavam faíscas de entusiasmo. Talvez aquele professor pudesse ser útil e agilizasse as coisas. Michael Crammer estava, como Lucas havia mencionado, mais do que pronto. Pelo menos na aparência. A burocracia era de fato a única coisa que o prendia ao chão.

— Ela não é uma delícia? — perguntou Crammer em relação à Crammer Jet. Era sem dúvida um caso de amor entre homem e máquina. Lucas assentiu, mas não disse nada. Despediram-se.

Lucas saiu de Bullhead City e retornou a Las Vegas.

Pegou o primeiro avião de volta a Boston, de onde seguiu para Cambridge. De novo, a possibilidade de ir à Lua se mostrava real. O fato é que nos últimos anos as viagens suborbitais levando turistas a altitudes pouco acima da atmosfera terrestre estavam mais próximas. Chegar à Lua era o próximo desafio dos empreendedores do espaço.

- CAPÍTULO 20 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

LUCAS FOI DIRETO ao Pacific Street Café, encontrar-se com o reitor Sullivan. Após um breve telefonema, quando Sullivan pareceu pouco amigável, marcaram o encontro. Lucas não sabia ao certo o que diria ao reitor, mas se existisse alguém que pudesse ajudar, Sullivan seria o ponto de partida.

O hangar de Michael Crammer era qualquer coisa, menos um lugar que transmitisse senso de segurança. O oposto do que oferecia Sir. Richard Branson, o empreendedor que era dono da Virgin Galactic, este, sim, amigo de Burt Rutan. O projeto de Branson tinha tudo o que Crammer deveria ter, mas não tinha. Recursos e a visão de um empresário global. Uma preocupação honesta com a segurança. Uma espaçonave com dois pilotos e que poderia levar seis pessoas sentadas com conforto em poltronas com janelas amplas o bastante para se admirar a vista do espaço. O seu próprio Porto Espacial no Estado do Novo México. Um programa de treinamento que incluía check-ups médicos e cujas simulações com interessados demonstravam uma taxa de sucesso de 88.93%. Uma equipe de especialistas renomados. Enfim: credibilidade.

Michael Crammer tinha um hangar. Uma esposa copilota. Um grupo de engenheiros que mais pareciam mecânicos de automóvel. Uma espaçonave estranha. E tinha segredos.

Lucas viu Sullivan sentado em uma mesa e caminhou até ele com um sorriso de canto de boca irreverente.

— O que quer comigo? — perguntou Sullivan. — Você deveria estar descansando em uma praia brasileira ou perdido no Caribe. Eu te dei um ano de vida mansa!

— Sabe como é, sou um cara meio de Lua.

— Tenho outra definição para isso, mas deixa para lá... Por que o sorriso? Ganhou na loteria?

— Praticamente.

— Estou ouvindo.

— Encontrei uma espaçonave que pode me levar até a Lua.

— Andou falando com Richard Branson?

— Nem cheguei perto.

Sullivan comprimiu os olhos.

— Não vai me pedir o que estou pensando que vai. Ou vai?

— O que está imaginando?

— Alguma coisa sem nexo, como financiamento, por exemplo.

— O que é isso, Sullivan. Não sou tão idiota assim.

— Você estava contando sobre uma espaçonave...

— Que pode me levar à Lua. E para que eu tenha direito a uma passagem — e você se livrar de mim até o fim do sabático — preciso que me ajude.

— Quando foi que deixei de te ajudar alguma vez na vida?

— Preciso que *efetivamente* me ajude.

— Não sei o que isso quer dizer. Efetivamente.

- Fazendo o que você faz de melhor.
- O que eu faço de melhor é puxar o saco dos outros. Não é isso que você sempre diz?
- Desculpe, mas sou obrigado a concordar.
- Não estou entendendo. Como isso vai te ajudar?
- Está entendendo, sim. Imagino que nesses anos todos de — perdoe-me — bajulação, você tenha conquistado alguns amigos influentes, não?
- Você sabe que me orgulho dos bons relacionamentos que possuo.
- Pois bem, é de um amigo desses que eu preciso.
- Para te ajudar a ir à Lua.
- É, Sullivan.
- Com quem mesmo?
- Michael Crammer.
- Michael quem?
- Um visionário.
- Por que nunca ouvi falar dele?
- Porque ele trabalha com discrição em um hangar no Arizona.
- Como o descobriu?

Lucas não teria como encobrir esse detalhe.

- Através de um anúncio.
- Um anúncio... Está brincando, não está?
- É. Um anúncio de revista. Que diferença faz?

Sullivan balançou a cabeça.

- Apenas de vida ou morte. Ou de um enorme constrangimento.
- Eu tive uma boa impressão dele, Sullivan — mentiu Lucas.
- Está bem... Vamos tentar entender... Então, baseado em sua boa impressão, que começou em um anúncio de revista, devo me preocupar em levantar dinheiro grosso para te ajudar?
- Sou apenas um professor de licença. Dependo de pessoas.
- Está difícil arrumar dinheiro nos últimos tempos. A crise, parece, veio para ficar.
- Não me lembro de ter mencionado a palavra dinheiro.
- Então, o que quer de mim?!
- Que fale com alguém no coração do poder para fazer as coisas andarem.
- E por que alguém faria isso por você?
- Por mim, não. Por você... São *seus* amigos.
- Não é pouco o que está me pedindo.

— Eu sei, mas é um daqueles pedidos que fazemos uma vez na vida. Isto é, se a tua amizade vale alguma coisa para alguém importante o suficiente... Qualquer alguém que possa fazer a diferença.

— Deixe ver se realmente entendi o que me pede: quer que eu use meus anos de bajulação, os calos das pontas dos meus dedos, que adquiri arduamente puxando sacos ao longo da minha brilhante carreira, e que você de forma tão superior condena, para pedir um favor em teu nome?

No íntimo, Sullivan até que gostava da situação. Lucas reconhecia a importância dos anos de “bajulação” do amigo reitor.

- Sullivan, como posso colocar... É isso.
- O que quis dizer com *fazer as coisas andarem*?
- Michael Crammer disse que só depende da papelada para poder decolar.

O reitor ainda demonstrava preocupação.

- Sabe quantos astronautas morreram em viagens ao espaço?
- Não. Mas vai me contar, não é?

- Cinco por cento, Lucas. Um a cada vinte. E isso, em espaçonaves modernas.
- É sua chance de se livrar de mim.
- Então vou ver o que posso fazer.
- Serei eternamente grato.
- Agradeça a seu pai. Lembro dele cada vez que olho para você.

- CAPÍTULO 21 -

WASHINGTON, D.C.

O REITOR SULLIVAN gostava do poder. Muito mais do que jamais admitiria. Qualquer pessoa próxima a ele não teria a menor dificuldade em perceber. Ir a Washington, portanto, era algo prazeroso. Sempre que havia oportunidade de viajar à capital, alardeava de todas as maneiras possíveis.

Falo com você quando retornar de Washington, dizia apressado ao atender a um telefonema. Estarei em Washington, me procure semana que vem quando eu retornar, escrevia em e-mails. Desculpe, tenho uma reunião em Washington, falava sem diminuir o passo, se fosse abordado no corredor. Era uma forma de marketing pessoal que funcionava apenas com os mais desavisados. Poder mesmo, isso o reitor não tinha além de suas atribuições, com responsabilidades suficientes. De qualquer forma, sabia manter bons amigos em posições importantes. Se a política não tinha pudores, sua arte em manter bons amigos, também não. Tinha alma de político.

Sullivan sentiu-se bem ao descer em frente ao edifício Hart, na Avenida Constituição, um dos quatro prédios usados pelo senado americano no bairro de Capitol Hill. No átrio do edifício, Sullivan passou pela monumental escultura em aço e alumínio, respirando triunfante. Ali era o local de trabalho de pelo menos cinquenta senadores. Olhou no relógio enquanto caminhava, como se tivesse uma reunião de vital importância pela frente. Na verdade, estava ansioso. Em poucos minutos estaria com um bom amigo, que era a pessoa mais influente que Sullivan tinha acesso direto.

Em instantes, chegou a um escritório duplex onde uma equipe estava imersa em um profundo tédio. Caminhou até uma secretária sênior. Ela estava digitando em um computador, intercalando o olhar entre o monitor e um relatório, os olhos entrando e saindo de trás de um par de óculos de grau presos em uma corrente prateada.

— Bom dia, Clarissa.

— Bom dia, reitor. O senador o está aguardando em sua sala. Pode subir.

Clarissa esboçou um sorriso. A verdade é que desde a morte de Linda as atividades ali dentro haviam reduzido muito. Quando Sullivan chegou à sala de Ramsley, encontrou-o lendo um jornal e comendo um sanduíche. O telefone estava tocando com insistência, mas Ramsley o ignorava.

— Agora entendo porque tem sido difícil te achar... Nunca atende ao telefone?

— Ei... Como vai o meu consultor para educação? — perguntou Ramsley, se esforçando para ser acolhedor. Sua aparência, no entanto, o desmentia. Era um homem derrotado pela tragédia da mulher. Ramsley não tinha mais a aura de confiança que o definia. Seu rosto estava caído, como um buldogue, ou alguém que houvesse sofrido um derrame. Tinha agora enormes bolsas abaixo dos olhos e mal conseguia sorrir.

Ao silêncio do telefone, ambos pareceram aliviados. Ramsley se levantou e eles deram as mãos.

— Sinto muito por sua perda.

O lábio de Ramsley puxou para o lado. Era uma fagulha de emotividade.

— Obrigado.

O senador se sentou. O reitor fez o mesmo.

— Pelo amor de Deus, Sullivan... Dois garotos da alta sociedade de Washington brincando por aí com um rifle daqueles... O que é que o destino e o poder da mídia não são capazes de fazer com a luta de uma vida inteira!

Sullivan conseguiu fácil se colocar no lugar do senador. Ramsley era um dos maiores defensores de armas dos Estados Unidos, de maneira que o incidente que tirara a vida de Linda estaria sempre presente em cada instante de sua vida, com um infeliz sabor de ironia.

— É inacreditável. E absolutamente injusto! — Solidarizou-se Sullivan.

Houve um silêncio quase constrangedor.

— O que pretende fazer, Ramsley?

— Tenho ainda dois anos até o final do meu mandato... Preciso achar algo novo para me manter ocupado. Claro que não falarei mais em armas. Fiz o que pude.

— Acho que está certo.

Ramsley ergueu o olhar para Sullivan. Houve uma fagulha no olhar do reitor que Ramsley não soube decifrar. Eram bons amigos e nunca houvera pedidos especiais. Respeitavam-se e nutriam confiança um pelo outro.

— Sou grato por sua solidariedade com Linda... A que devo a sua visita?

Sullivan girou o tronco na cadeira, ficando de lado, mais próximo da mesa.

— Entendi direito quando disse que você estaria procurando por algo novo?

— É isso mesmo, Sullivan. Estou enlouquecendo aqui...

— Talvez eu tenha alguma coisa que possa tomar um pouco do seu tempo.

Ramsley sorriu, cético.

— Espero que tenha.

— Tenho um professor de física muito talentoso sob a minha guarda.

— Do MIT?

— Sim. Ele é tão fascinado pelas coisas do espaço quanto você, Ramsley.

— Nah... Já tive meus dias de entusiasmo. Mas o que ele tem?

— Seu nome é Lucas Walker. Fui muito amigo do pai dele na juventude. Milton Walker, que foi um excelente especialista em análise de imagens.

Sullivan podia jurar que o nome do pai de Lucas significava algo para Ramsley. Houve uma centelha mínima nos olhos do senador. De fato, Ramsley conhecia muito bem o pai de Lucas. Mabus. A lenda.

— Desculpe, Sullivan. Não acho que eu tenha lugar para mais um auxiliar — cortou Ramsley, apontando para fora da janela onde seu staff se encontrava trabalhando para parecer ocupado.

Ele sabe sobre Milton Walker, Sullivan teve certeza.

— Não é nada disso, deixe-me explicar. Acontece que Milton Walker desapareceu na década de 1960. Lucas acredita que o motivo do sumiço do pai tem a ver com algo que ele teria encontrado ao analisar imagens da superfície da Lua.

— Como o quê?

— Alguma coisa a ver com formações incomuns.

O senador gesticulou com as mãos, continue.

— O professor Lucas quer ir à Lua e selar o legado do pai.

— Veio ao departamento errado, Sullivan.

O reitor balançou a cabeça e olhou para um relógio de mesa.

— Que tal conversarmos enquanto almoçamos?

Ramsley também olhou para o relógio. Eram onze e trinta da manhã.

— Acabei de comer um sanduíche.

— E daí? Vamos tomar um drink, pô.

Ramsley achou aquela uma grande ideia.

SULLIVAN PEGOU CARONA no Bentley de Ramsley e seguiram para o número 1201 da F Street. A secretária Clarissa havia reservado uma mesa no Oceanaire, favorito do senador. Ramsley pediu um Grilled Carolina Swordfish. Sullivan, ao seu estilo bajulador, pediu o mesmo, jurando que era o seu prato favorito desde criancinha. Macaco velho, Sullivan sabia que uma conversa longe do senado fluiria mais fácil. O Oceanaire era o lugar perfeito.

Ramsley tomava mais um farto gole de Courvoisier, bebida favorita do senador em todas as ocasiões. O conhaque o acompanhava sempre que ele pedia peixe, carne, massa, salada ou sobremesa. Não importava. Era um absurdo gastronômico, mas o senador tinha suas fraquezas, não ligava muito a certas regras. Com a idade, piorara. O reitor odiava pensar desta forma, mas o senador ficava mais maleável ao beber. O problema é que Ramsley passou a beber ainda mais depois da morte da mulher. O senador, àquela altura do almoço, já estava bêbado e vulnerável, mas Sullivan não se sentia culpado o suficiente para sair de sua linha de ação. O ambiente estava criado e Ramsley já falava mais que a boca.

— Eu apoiei as regras do Comércio Espacial da melhor maneira que pude...

— Lembro bem dessa época. Por isso toquei no assunto com você, Ramsley.

— Fui um dos que pediram a remoção da proibição de voos particulares ao espaço. Maldita mania de controle que algumas pessoas do governo têm!

— Uma coisa estúpida, não? Afinal, de quem é o espaço?

— Exatamente... Não me culpe se essa porcaria de burocracia não tenha sido completamente implementada. Eu tentei, ô se tentei...

Sullivan deu um gole leve em seu vinho e falou de forma persuasiva.

— Acha que consegue fazer as coisas se movimentarem de novo? Talvez seja hora de reenergizar esse tema.

— Achar, eu acho... Só estou velho para isso.

— Não concordo.

— Mesmo? Não sabe o que é vestir minha carcaça.

— Sério. Você ainda é um dos nomes mais respeitados do país.

— Era só o que me faltava, o país se esquecer depois de tudo o que fiz!

— E respeitado pelos colegas do senado também.

Ramsley deu um curto riso que mais parecia um soluço.

— Eles agora me tratam como se tivessem pena de mim.

— Não se menospreze, Ramsley!

— Não estou. É o maldito politicamente correto — Ramsley acenou para um garçom, que, de pronto, serviu-lhe mais conhaque e se afastou da mesa. — Mas afinal, o que você quer, Sullivan?

O reitor ergueu a taça de vinho, mas não bebeu. Olhou para o líquido e franziu a testa antes de voltar a olhar para Ramsley.

— Ramsley... Para que o professor Lucas possa ser incluído nessa viagem particular à Lua, prometeu a uma pequena empresa chamada Crammer Enterprises que iria ajudar na questão dos regulamentos e permissões.

— Sei...

— Tenha em mente que este projeto é 100% privado!

— Isso é bom... A América cresceu por causa da iniciativa privada.

— Além do mais, já estão financiados.

— Isso é melhor ainda.

— E com uma espaçonave pronta para decolar.

— Ótimo. Ótimo... — disse Ramsley olhando desatento para o copo de Courvoisier.

— Apenas preciso que me ajude com a burocracia. O resto está pronto!

Ramsley deu outro longo gole... Parecia que, por fim, considerava o projeto trazido por Sullivan

como algo interessante e de acordo com o que ele próprio havia defendido no passado. Melhor que tudo, seria uma distração muito bem-vinda à sua vida.

— Menos regulamentos... — disse Ramsley após o gole.

— E mais liberdade para a iniciativa privada.

Sullivan se lembrava direitinho dos discursos de Ramsley no passado. O espaço, na visão do senador, deveria ser para todos.

— A primeira espaçonave privada indo em direção à Lua...

— Pode imaginar isso, Ramsley?

— As coisas realmente avançaram nos últimos anos — disse, impressionado.

— É mesmo incrível, não? Mas há competição também.

— Sempre há.

— Pois é. Há outros grupos prontos para partir, então parece que a questão das permissões é que é o bicho papão de todo mundo. Não acredito que seja necessário mexer nas leis existentes.

Ramsley terminou mais uma dose e relaxou as costas na cadeira. Por um instante contemplou a ideia. Quando percebeu o olhar ansioso de Sullivan, meneou a cabeça.

— Então, tudo que tenho a fazer é lidar com a porcaria da burocracia?

— Exatamente, Ramsley.

— E aí, teremos cidadãos de espírito empreendedor viajando até a Lua?

— E essa não é a sua ideia desde o princípio?

A leve provocação de Sullivan foi desnecessária. Ramsley buscava uma nova agenda de atividades e aquela parecia ser muito interessante. E tinha mais uma coisa.

— Eu conheci o Milton.

Embora já suspeitasse, Sullivan quase não acreditou no que acabara de ouvir.

— Você conheceu Milton Walker, o pai de Lucas?!

— Conheci-o durante meu segundo mandato de senador. Imagine só, estou no meu quinto mandato... Eu era da Comissão de Inteligência do Senado. Milton era da comunidade de inteligência, um sujeito... brilhante.

— Ramsley, Lucas procura pelo pai há cinquenta anos!

O senador assentiu, tentando demonstrar solidariedade.

— Eu o vi apenas essa única vez, há mais de quarenta anos. Não saberia dizer o que aconteceu a ele.

— E como pode se lembrar depois de tanto tempo?

— Milton era um desses casos raros de genialidade. Nunca o esqueci.

— Não há o que possa fazer para localizá-lo?

— É improvável. Milton era um espião com os mais altos níveis de classificação. Não existe um banco de dados disponível com o endereço dessa gente. De qualquer forma, vou ver o que posso fazer, mas não prometo nada. Não fale ainda ao filho dele. Tenho quase certeza que não o localizaremos depois de tanto tempo.

Sullivan ficou assombrado com a informação. Nunca imaginou que Ramsley pudesse um dia ter conhecido Milton Walker. Concordeu, ao mesmo tempo, que não valeria à pena contar a Lucas que o senador conhecera o pai. Não faria diferença. O importante era o interesse de Ramsley em ajudá-los com relação ao aventureiro Michael Crammer. Era para isso que Sullivan viajara a Washington. A reunião havia sido um sucesso. Lucas não sabia ainda, mas começava a ganhar um aliado de peso.

- CAPÍTULO 22 -

ATLANTA, GEÓRGIA

ELE ERA DA Fundação. Se era o porta-voz de um grupo gigantesco, ou um agente solitário, ninguém poderia confirmar. Às vezes se referiam a ele como “o representante”, outras vezes como “o diretor”. Também presidente, chanceler, braço direito, comissário e, até mesmo, mestre. Independente de qual fosse sua verdadeira posição, a Fundação — a organização que ele representava — era o grande segredo da vida de Roy Charles O’Connell.

Se o lobo quisesse uivar, precisaria da influência da organização que, mesmo sem nome e endereço conhecidos, tinha sido o pulo do gato na vida empresarial de Roy. A Fundação apostou nele e o ajudou a consolidar sua rede de TV anos antes, e agora, também em seu empreendimento espacial. Sem a Fundação, o Projeto Silfos de exploração comercial do ar jamais teria uma chance.

Na prática, Roy estava longe de ser o empresário independente e agressivo que costumava transmitir às pessoas. Tudo o que fazia e dizia, todos os negócios e atividades em que se envolvia, todos os contatos de alto nível que iniciava, precisavam da aprovação da Fundação, e eram feitos com o cuidado de não seguir propostas diferentes das determinadas pela organização — que sempre enviava a mesma pessoa para lidar com Roy. Com o passar dos anos, e sem perceber de início, seu espírito empreendedor foi drasticamente sendo consumido e substituído por um sentido de servidão. Quando se deu conta, a Fundação havia se transformado em um de seus piores pesadelos.

Como foi que eu caí nessa era uma pergunta frequente, mas a resposta era óbvia: ambição além do razoável. Roy tinha vendido sua alma. O que a sua igreja oferece, Roy? — perguntou o representante ao se conhecerem anos antes, durante um encontro agendado na imponente sala de reunião Beechnut do Hotel Omni, no CNN Center de Atlanta. Na época Roy tinha apenas uma pequena e promissora produtora de TV. Queria dar o passo seguinte e ter sua própria rede. Para isso, precisaria de dinheiro e outros tipos de apoio.

O representante era um sujeito jovem, não mais de cinquenta anos. Sua fala era pausada e firme. Seus olhos não despregavam do interlocutor, como dois magnetos. A postura transmitia segurança e acolhimento. Era fácil acreditar e confiar no que o representante dizia. Aquela não era uma pergunta retórica e muito menos irônica. A Fundação, disseram a Roy, estava ligada a todos os principais setores da vida econômica e social. Se gostassem de Roy, ele teria o apoio dos homens grandes que faziam parte/cuidavam/eram da Fundação. Um sonho antigo, aos poucos se materializando, junto com sua dependência e subserviência.

— Uma ligação com Deus — respondeu Roy.

— Então é isso o que sua igreja oferece?

— Sim.

— E o que Deus oferece?

Roy temeu que estivesse perdendo tempo com algum culto religioso ou algo parecido. Mas lembrou-se muito bem do que o intermediário, governador de um estado importante da costa leste (e que o apresentara ao representante da Fundação anos antes) lhe dissera: leve a Fundação à sério. Será a

influência mais poderosa de toda a sua vida.

Roy respirou fundo.

— Bem, creio que estamos falando de uma — digamos — energia. Amor e felicidade. Talvez um caminho a seguir.

— Um caminho a seguir?

— É como eu vejo.

— E as pessoas seguem esse caminho?

Que porra de pergunta?!

Roy poderia responder qualquer coisa, mas se pegou brigando para encontrar a resposta certa: a que mais agradasse.

— Acredito que sigam.

— Não está errado, Roy. As pessoas realmente seguem. Por quanto tempo?

Roy queria esganar o representante. Odiava charadas e meias palavras.

— Como assim?

— O caminho, Roy. Quanto tempo as pessoas gastam seguindo o caminho?

— Indo a igrejas? Rezando em casa?

— Quanto tempo?

— Uma vez por semana, eu diria. Alguns minutos ao dormir ou acordar. Mais alguns minutos quando algo de muito ruim acontece, ou quando desejam algo.

— Concordo com você.

Roy engoliu em seco. Que bom, seu pretensioso de merda.

— Entende onde quero chegar, Roy?

Não!

— Acho que sim.

Roy teve certeza que o representante percebeu que ele não sabia.

— Vamos falar de contabilidade? — sugeriu o representante.

Roy afrouxou o nó da gravata.

Ele havia comprado uma nova — de seda pura — especialmente para aquele primeiro encontro, mas o representante estava lhe dando mais nós que a sua gravata azul-poder tinha levado. Agora pulariam de fé para contabilidade.

Vá em frente seu merda, estou preparado...

— Vamos — disse Roy, com a veia lateral da testa começando a latejar.

— Acompanhe comigo. O que lhe direi será bastante revelador. E é bem simples.

— OK.

— Um dia tem 24 horas.

E sua mãe deve ser uma vaca ordinária que usa essas 24 horas para dar o rabo!

— Certo.

— Uma semana tem 168 horas. De acordo com o que me diz, uma pessoa gasta apenas uma hora por semana — um pouco mais em alguns casos — buscando o caminho em lugares religiosos e em casa também.

— Correto.

— Então o que ela faz o resto do tempo?

Roy queria dizer um monte de coisas. Apenas queria.

— Sim, porque gastando uma ou duas horas meditando, sobram mais de 160 horas de vida para se viver em cada semana—continuou o representante.

— Grosso modo, eu diria que esse tempo é gasto dormindo, trabalhando, se alimentando e se divertindo.

— Eu diria exatamente o mesmo! — disse o representante com um sorriso.

Roy respirou aliviado. Era constrangedor precisar tanto de aprovação.

O representante continuou.

— Quando dormem, o que uma boa parte das pessoas deseja?

— Tenho algumas ideias aqui, mas preferia ouvi-lo antes.

— Sem problemas, Roy. Vou estender a pergunta de maneira a incluir o resto da sua resposta anterior.

O que boa parte das pessoas em idade produtiva quer quando estão dormindo, trabalhando e se divertindo?

— Consumir?

— Fantástico, Roy. O ser humano é feito de energia, e o que ele deseja é esgotar essa energia antes de se deitar ao final do dia, senão ele muitas vezes nem dorme. O problema é que o caminho das igrejas e das religiões mais comuns não parece ser satisfatório enquanto produto de consumo. As promessas são quase todas para um futuro que, convenhamos, é, no mínimo, incerto. Nem todo mundo quer esperar a morte para só então receber a recompensa. Você compreende, Roy?

— Creio que sim.

— É por isso nós buscamos iniciativas que ofereçam a essas pessoas impacientes uma ou mais chances de esgotarem suas energias *hoje*, não amanhã.

Roy assentiu, mas não interromperia o representante de jeito nenhum.

— A Fundação considera um investimento quase certo quando surgem iniciativas que procuram esgotar os consumidores que pensam em sexo na hora de dormir. Pensam em sexo na hora do trabalho e, principalmente, na hora da diversão. É um investimento muito mais seguro que outros, temos que admitir. Entende aonde vamos buscar a motivação para nossos investimentos?

— No sexo?

— Não, Roy. Nas fraquezas do ser humano.

Ainda estou pensando na sua mãe, seu filho de uma puta...

— Sim. É claro... Entendo o que quer dizer.

— É mais profundo, Roy. Trabalhamos na essência do ser humano. E é nas profundezas de nossa... humanidade, que buscamos diversificar as escolhas de investimento. Damos gordura a quem precisa de gordura. Criamos posições e títulos para quem anseia por poder e notoriedade. Facilitamos as coisas. Se o sujeito quer, nós oferecemos. Se o sujeito é uma pessoa, que assim seja. Se for um país, melhor ainda, ganhamos em escala.

Roy ansiava por uma conclusão. O representante percebeu.

— Resumindo, Roy. Oferecemos gratificação instantânea. Hoje, não amanhã. Nesta vida, não em outra.

— Difícil imaginar algo mais apelativo — concordou o lobo, curioso.

— De fato, é difícil... Deixemos que as pessoas vivam como sempre, com as mesmas boas intenções, rezando a cada final de semana e por alguns minutos a cada dia. O resto do tempo, elas pertencem a nós. A Fundação preenche o vácuo e faz isso sem invadir nenhuma igreja e sem perturbar a ordem. Nós somos os facilitadores dos desejos e dos impulsos. É isso o que a Fundação faz, eu resumiria.

Roy finalmente começava a entender.

Lembrou-se das Pedras Guias da Geórgia, que ficava a pouco mais de duas horas dali, e da visita que fizera àquele local muito anos antes. Não havia como deixar de fazer a associação entre a tal facilitação dos desejos e impulsos proposta pelo representante da Fundação com alguns dos princípios contidos nas pedras, em especial os dois primeiros, que falavam sobre uma drástica redução do número de habitantes do planeta e de uma reprodução humana que melhorasse o condicionamento físico e a diversidade. Se dependesse da lógica da Fundação, boa parte das pessoas e das próximas gerações, ao final, sucumbiria.

O representante tirou Roy de sua breve introspecção.

— Onde gostaria de atuar, Roy? Temos alguns setores bem definidos com uma posição de controle bastante confortável.

— Estou aberto a oportunidades — disse, vagamente, preferindo ouvir onde estava o pote de ouro.

— A Fundação tem uma visão proativa. Colocamos pessoas nossas em posições de influência. Na prática, escolhemos os caminhos que julgamos serem os melhores para as pessoas. Compreende, Roy?

— Acho que sim.

— Como disse, temos alguns setores onde atuamos com mais força, e que sempre nos colocam à frente de todas as decisões importantes.

— Antecipação.

— Rumo, Roy. Gostamos de ter controle sobre o que as pessoas pensam. Temos posições em instituições de ensino e órgãos que definem o que as pessoas devem estudar, e com o que devem se preocupar. Também preferimos definir o que aconteceu no passado, contar a história ao nosso modo. Escrevemos nossas leis e temos gente para aprová-las onde forem necessárias. É claro que temos pessoas da Fundação para impor essas leis nos tribunais. Gostamos de fazer doações, é importante que as pessoas pensem bem de nós. A saúde também é algo que nos interessa: ter controle sobre a vida e a morte. Na área da comunicação, decidimos o que é notícia, e o que não deve ser conhecido.

Os olhos de Roy Charles O'Connell brilharam.

— A comunicação é a minha área. Gostaria de transformar minha produtora em uma rede de TV.

O representante o olhou fixo durante alguns segundos antes de assentir.

— Disseram que você é um empreendedor de grande talento nessa área.

— Sinceramente, tenho facilidade em dirigir o público.

— Está preparado para ser um homem da Fundação?

O representante estava sendo objetivo.

Roy fazia uma ideia do que aquilo significava, mas preferia ouvir dele para não sair dali com dúvidas. Finalmente, um homem da Fundação, ele pensara à época com enorme deslumbramento.

— Acredito que sim.

— Como nosso homem, suas iniciativas terão apoio financeiro, jurídico e político. Mas é evidente que temos certos princípios a serem seguidos. Nosso próprio caminho. Sabe Roy, temos a visão de um mundo melhor para todos. Já imaginou como viveríamos em paz se fôssemos muito menos pessoas vivendo neste lindo planeta?

— Concordo.

Roy não tinha muito o que dizer. Na realidade, estava fascinado com o poder que aquela conversa prometia dar a ele.

— Estamos muito interessados em temas de grande abrangência — vacinas, epidemias, divergências ideológicas, questões climáticas, alimentação... Eu te diria, com toda segurança, que uma pessoa que se torne gente nossa — um homem da Fundação —, e tenha iniciativas que caminhem em direção aos nossos princípios, irá muito longe.

— Tenho minhas ideias. Penso que elas vão ao encontro do que me propõe.

— Excelente.

— Eu quero ir longe, senhor... Como é mesmo o seu nome?

— Gostei de conhecer você, Roy. Em pouco tempo procurarei por você para saber de tudo o que precisa.

- CAPÍTULO 23 -

SOMERVILLE, MASSACHUSETTS

LUIZA PALMER ABRIU a porta do armário do pequeno estúdio no bairro de Winter Hill. Havia um espelho estreito onde ela se olhou, vestida apenas de roupas íntimas. No exame visual, viu que tinha preservado a silhueta relativamente em dia. Ela comia pouco e não tão bem quanto deveria. Faltava a educação formal, ela possuía apenas os ensinamentos que adquirira ao longo da vida, os mais essenciais, e que tinham ênfase na arte de parecer feliz nos momentos certos e respeitar as regras que lhe impunham. A carga pesada de aprendizagem, no entanto, foi direcionada para o processo de traumas e programação mental, que tinham sido o centro de sua existência desde os cinco ou seis anos de idade. Cortesia dos serviços de inteligência.

Eu tenho quarenta e oito anos. Eu me farei uma mulher cada vez mais bonita.

Minutos antes ela havia tirado a última peça da pesada roupa de inverno.

Agora tirava do armário um agasalho esportivo velho, mas confortável, que só usava em casa. Foi à cozinha, que ficava a apenas alguns passos do armário. Havia uma sacola de compras que acabara de trazer para o estúdio. Alguns legumes e verduras que a partir daquele dia fariam parte de sua dieta. Pepinos, tomates, alface, espinafre, cheiro verde, cebola, alho, beterraba, agrião. Dica de uma revista. Outra foi de uma TV, que completava a ideia de como uma mulher e uma casa deveriam ser também. Ambas mostravam que a cozinha era sempre um lugar onde famílias se reuniam e eram felizes.

Família, aliás, era algo que Luiza nunca tinha tido, mas sentia falta.

Ela tinha uma tese sobre a mãe. Uma brasileira de origem humilde, levada à prostituição por algum canalha ou, porque, talvez, estivesse atrás de aventura. Em algum momento, lá pelo segundo ou terceiro ano na lida, perdeu a esperança de viver uma vida diferente. No processo, perdeu suas referências familiares — o avô e a avó de Luiza que já haviam morrido, conforme Luiza confirmara anos mais tarde quando teve condições de procurá-los no Brasil. Voltou todas as esperanças para a possibilidade de um dia cruzar com um cliente rico, quando procuraria engravidar e tirar o máximo da situação.

Mas aquilo eram suposições. A memória era a parte mais delicada de Luiza. Tinha certeza de possuir um caminho de recordações, mas estavam “arquivadas”, a definição que se acostumou a ouvir quando comentavam sobre seu problema. Ocorria que, às vezes, sua mente simplesmente “transbordava”, como um reservatório de água que de tempos em tempos, pedia para suas comportas serem abertas. Então, aqui e ali, surgiam imagens e vozes, que variavam de intensidade a seu bel-prazer. Luiza não tinha controle sobre essas lembranças ou de quando transbordariam.

A faca repartiu o tomate e estacionou logo que encostou na travessa sobre o tampo de granito da pia. Luiza Palmer já não estava mais ali. Uma comporta tinha acabado de se abrir.

Um quintal com um uma pequena horta. A casa onde havia morado com a mãe. Ao fundo, um terreno estreito e longo. Havia um cachorro. Um pequinês feio, porém lindo. O nome dele não veio. As pessoas estavam de calção. Alguns sem camisa. Eram três, no máximo quatro pessoas. Circulavam

pelo quintal de chinelos e descalços. Tomavam café e comiam bolo. De fubá. Não viu rostos. Fazia calor, mas Luiza era a única vestida com roupa completa. Um vestidinho branco. Com flores na altura dos ombros. Um par de sandálias brancas, combinando. O cabelo estava bem penteado e seguro por um laço — branco também — que a fazia parecer uma boneca. A mãe pegou a sua mãozinha e a levou para fora do quintal. Não conseguiu ver seu rosto. Não soube dizer se sorria ou se estava de alguma forma preocupada com Luiza. Então, passaram por um portão de metal baixo, que fez um ruído ao se abrir. O pequinês quase fugiu, mas a mãe fechou o portão a tempo. A menina Luiza apontou o dedo para o cachorrinho como quem dá uma bronca. Depois, Luiza o afagou entre as grades e voltou a aparentar tranquilidade. Pensava estar indo a uma festa.

Muitos outros flashes vieram nos minutos seguintes. De ruas do Rio de Janeiro. De pessoas que ela não reconhecia porque ainda era menina. Não soube dizer por quanto tempo as imagens transbordaram. Quando voltou a si, já estava sentada, comendo a salada que começara a preparar momentos antes.

Era estranho quando isto ocorria: deixava uma sensação de vazio desagradável. Já se acostumara e era raro se deprimir, mas as lembranças embrulhavam o seu estômago. A cada vez, Luiza procurava anotar mentalmente, em um compartimento no cérebro que ela pudesse acessar sozinha o que acabava de se lembrar. Costumava funcionar. Na verdade, já estava incorporado ao seu método instintivo de autoajuda. Aos poucos, porém muito mais devagar do que gostaria, fragmentos se apresentavam e a ajudavam a decifrar o quebra-cabeça de sua vida. Mas, geravam mais perguntas do que respostas.

A roupa era a mesma que usara da última vez em que sua memória transbordou, em plena consulta com o “doutor” Aristides durante sua viagem ao Rio, quando recordou estar sendo entregue ao seu primeiro predador. Concluiu isso pela roupa e pela idade da menina. O predador era um senador brasileiro a quem o ex-embaixador Jonathan Eustace Palmer devia favores.

Há um buraco aqui.

Ela ia anotando de cabeça. Antes de ser entregue ao senador monstro, Luiza deve ter ficado um tempo com o pai. Ou não. Talvez a mãe fizesse parte do esquema. Ou, talvez Luiza tenha ficado mais tempo com a mãe, mesmo após ter sido vendida ao lixo do pai. Continuava um buraco. O lugar ficava num subúrbio do Rio de Janeiro. Onde, não sabia. O portão lhe parecia muito familiar. A lembrança do cachorrinho pequinês fez o seu coração doer de saudades... Qual era mesmo o nome dele?

Luiza guardou a comida que não foi consumida na geladeira. Economizaria até o último centavo. Lavou o prato e se sentou na cama. Embaixo da mesinha de cabeceira havia uma caixa de maquiagem. Luiza pegou, colocou na cama e abriu. Dentro havia um fundo falso onde ela escondia o dinheiro. Ali estava tudo da sobra do que ganhara com o acordo de libertação de cinco anos antes. Quando aquela pequena pilha acabasse, Luiza teria que reaprender a viver em sociedade e a ganhar a vida como uma pessoa normal. Por isso, já tinha começado a ler jornais e a se informar sobre esse universo distante do mundo que conhecera. Uma coisa ela tinha certeza: não farei como minha mãe.

- CAPÍTULO 24 -

WASHINGTON, D.C.

— SENHOR, POSSO SER sincero?

— Não.

O senador Ramsley estava de braços cruzados na cozinha, observando Valentino. Em poucos minutos, três sacolas térmicas com sanduíches e refeições prontas devidamente acomodadas em tupperwares de todos os tamanhos estavam abarrotadas e prontas para a viagem.

— Onde está a *salade de boeuf*?

O valet abriu uma das sacolas — que acabara de fechar — e ergueu o tupperware com o prato de salada de vegetais romena que Ramsley havia aprendido a apreciar com um diplomata daquele país.

— Senhor, isso é uma loucura.

— O quê?

— Serão vários dias de viagem, a comida vai azedar em algum momento.

— Olhe para mim, Valentino.

— Estou olhando, senhor.

— Veja se tenho cara de quem tem medo de comida azeda!

— O senhor poderá se sentir indisposto.

— E daí?

— E daí que não estarei ao seu lado para ajudá-lo.

— Não estará mesmo.

— Não estou insinuando que me leve junto, apenas...

— Valentino, deixe de frescura.

— O que o senhor tem contra avião?

— Nada. Preciso sair daqui — disse Ramsley abrindo os braços para mostrar o ambiente da casa que o fazia se lembrar de Linda.

— O senhor vai se cansar. Eu garanto que...

— Apenas coloque as coisas no carro, Valentino.

DESERTO DE SONORA, ESTADO DO ARIZONA

O BENTLEY DO Senador Ramsley percorrera uma grande distância desde Washington. Era um carro confortável e havia se comportado de acordo às expectativas do senador — preservando o seu frágil quadril. A comida aguentara bem até o segundo dia, quando Ramsley ofereceu o que sobrou a um motorista de caminhão a quem havia pedido informações. Passou a se alimentar nos restaurantes que foi encontrando durante o caminho. Com certeza não contaria isso a Valentino.

Depois de seis dias de estrada, dormindo em hotéis de qualidade duvidosa, o GPS do carro indicava

que Ramsley estava agora ao norte de Tucson, na região do Deserto de Sonora, no Estado do Arizona, com os picos da montanha de Santa Catalina no horizonte.

Ramsley teve certeza de que a opção por dirigir foi bem melhor que vir de avião. A jornada estava sendo terapêutica. Um pouco cansativa, mas mentalmente revigorante. Nas várias paradas que fez em lugares pequenos ao longo do trajeto, ele nem mesmo havia sido reconhecido, o que o deixou na maioria do tempo bem à vontade. Apenas em Dallas havia encontrado pessoas conhecidas e voltado a assumir por um tempo o papel de celebridade. Que ele também gostava.

O senador pegou o telefone do carro e fez uma ligação em viva-voz.

— Sullivan, é o Ramsley... — disse e então fez uma pausa, captando toda a energia da natureza ao seu redor. — Farei parte dessa corrida até a Lua.

Não havia exatamente uma “corrida” até a Lua, mas a estrada havia feito bem a ele e o senador estava inspirado.

— Que notícia fantástica! Sou muito grato por você ter aceitado nos ajudar! — respondeu Sullivan com enorme entusiasmo. A economia de pedido de favores ao longo da história do relacionamento dos dois estava dando frutos.

— Não, Sullivan, eu é que agradeço. Estava mesmo precisando de uma injeção de adrenalina e você apareceu em boa hora.

— Fico muito feliz, senador.

Do lado direito da estrada era possível ver o Monte Lemmon, nome que homenageava Sara Lemmon, uma colecionadora de plantas e primeira mulher branca a alcançar o pico do monte nos anos 1870. Ramsley sabia disso porque tinha tido tempo de estudar os guias locais e estava curtindo cada trecho da viagem. Ajudava e muito a esquecer a perda de Linda.

— A propósito, já mergulhei nisso. Nesse momento estou a caminho de encontrar um grande amigo da comunidade de inteligência.

— Eu o conheço?

— Duvido. Mas não se preocupe, trata-se de alguém do tempo em que o bem das pessoas ainda contava.

Ramsley inspirou fundo mais uma vez. As cores do Arizona eram bem mais vivas que as de Washington e estavam lhe fazendo um bem danado.

— Diga-me se posso ajudar em algo, Ramsley.

— Está na hora de eu e o professor Lucas nos encontrarmos.

— Providenciarei isso.

Ramsley desligou o telefone.

O Bentley se aproximava de uma pequena comunidade de casinhas cercadas por palmeiras e flores selvagens. Era sinal de que pouco tempo depois teria que sair da rodovia N Lago Del Oro e pegar a E Via Estância Miraval, onde chegaria ao seu destino, o idílico resort Miraval.

RAMSLEY FEZ O check-in e foi ao banheiro lavar o rosto e se aliviar. O mensageiro levou sua bagagem para um dos apartamentos, enquanto Ramsley seguiu uma hostess que o encaminhou até a área externa do resort. Ele havia pedido para ver alguém, que encontrou entre as rochas organizadas dos jardins do Miraval. Um velho amigo que ele não via há pelo menos dez anos.

Ramsley observou Mabus com admiração enquanto ele recebia uma exótica massagem com óleos terapêuticos, uma das razões que fazia daquele lugar um dos spas mais procurados dos Estados Unidos. Àquela altura, talvez duas ou três pessoas soubessem quem ele realmente era. O senador Ramsley, que o conhecera quando ainda era um jovem senador da Comissão de Inteligência do Senado, era uma delas. Ninguém mais sabia quem era Milton Walker, o Mabus.

Ele se tornara especial por outra razão. Tratava-se de um centenário, um dos setenta mil americanos a passar dos cem anos de idade. A meta de Mabus era se tornar o que denominavam de supercentenário, alguém com mais de cento e dez anos de idade. Depois, estava decidido, pensaria nos cento e quinze.

— Sempre recebendo tratamento de rei! — brincou Ramsley ao se aproximar do amigo ancião. Apesar da idade extremamente avançada, ele tinha um corpinho de noventa.

Mabus fez um sinal para a terapeuta se afastar. A jovem sorriu, cobriu o corpo dele com uma toalha e se afastou gentilmente. Ela não sabia nada sobre aquele senhor, mas a presença dele, seu comando natural e poderoso, fazia as pessoas o tratarem com grande reverência.

Mabus, que estava deitado, moveu o corpo lentamente até se sentar.

— Ah... Isso faz a gente se esquecer de si mesmo por umas horas. Altamente recomendável... para alguém com a minha quilometragem.

Com algum esforço, Mabus, por fim, ficou de pé. Ramsley deu-lhe uma ajudazinha protocolar nos centímetros finais.

— 107 anos e ainda respirando!

— O que é isso Mabus, você está muito bem.

Ramsley não se atreveria a chamá-lo pelo nome. Ninguém jamais se atreveu. Mabus também não aceitava bajulações. Além do mais, conhecia a espécie humana do avesso. Era da turma de fundadores de várias das agências de inteligência americanas. Não era à toa que Ramsley o considerava a pessoa de maior conhecimento e sabedoria que havia conhecido na vida. Mabus sabia de tudo, e muito além de tudo.

— Deve estar bem preocupado para vir de Washington até aqui.

— Nem tanto.

— Como foi o voo?

— Vim de carro.

Aquela informação dizia muitas coisas a Mabus.

— Qual o problema, Ramsley?

— Você é minha enciclopédia, Mabus... Vim apenas consultá-lo.

— Muito cortês de sua parte, mas essa enciclopédia um dia irá expirar.

— Duvido... Não me lembro de nenhuma decisão importante que eu tenha tomado na vida sem conversar com você antes. Meu casamento com Linda, inclusive.

— Eu li nos jornais. A América, como conhecemos, ficou no passado.

— É lamentável que tenhamos chegado a esse ponto.

— Linda foi uma mulher especial. Você teve muita sorte, Ramsley — O senador titubeou na emoção. Mabus mudou rápido de assunto. — O que anda fazendo lá no senado?

Aquela não era uma pergunta genérica. Era específica.

— Estou me familiarizando de novo com questões ligadas à regulamentação do espaço. Assumi o compromisso de ajudar um bom amigo. Talvez eu me divirta um pouco no caminho, quem sabe?

O ancião assentiu brevemente.

— O que acha Mabus, pode me dar uma ideia de como estão as coisas do outro lado da vida política?

Ramsley estava se referindo ao mundo clandestino da inteligência. Mabus esticou a mão em direção a um copo d'água. Ramsley se adiantou e pegou para ele. Mabus molhou a boca.

— Uhm... Garanto que vai se divertir — disse o centenário com um olhar enigmático. A conversa mudaria após aquele olhar.

— É exatamente o que eu preciso...

— Questões ligadas ao espaço... Podem ser celestiais ou um grande buraco negro.

Mabus colocou o copo sobre a mesinha ao lado da esteira de massagem. Passaram a caminhar juntos. O ancião, de toalha. Os primeiros passos foram em silêncio. Ramsley conhecia e respeitava Mabus a

ponto de não interromper seus momentos de contemplação. Valiam mais do que qualquer coisa. Seu olhar parecia acessar informações de uma época muito distante. Mabus limpou a garganta e voltou a falar.

— O governo não estava tão interessado em voos espaciais ou coisas desse tipo no meu tempo. Estou falando dos anos 1940. Éramos uma nação forte. Invencíveis. Mas aí... Coisas começaram a mudar.

Mabus olhou por um instante para o senador. Ele sabia que cada palavra sua seria registrada e considerada em sua plenitude, um dos motivos por ser tão cuidadoso com o que dizia.

O ancião continuou.

— Quando começamos a desenvolver nossas armas nucleares, cuja tecnologia contrabandamos sem pudor dos nazistas, nosso espaço aéreo se tornou movimentado com todos os tipos de coisas que voavam.

— Aviões espiões soviéticos?

— Não... Até então não sabíamos se lidávamos com nossas próprias invenções militares ou se eram os soviéticos, ou mesmo algo bem diferente de tudo.

Ramsley suspeitava aonde Mabus queria chegar. A própria noção do assunto, vinda de Mabus, o deixou tenso.

— Diferente como? — ele perguntou, cuidadoso.

— Encorajo você a buscar suas próprias conclusões... De fato, a situação começou a ficar tensa e complexa. Ainda me refiro ao período pós-Segunda Guerra Mundial.

— Sim, Mabus.

— Praticamente todo nosso aparelho de inteligência passou a trabalhar em conjunto com empresas de capital fechado ligadas ao governo. De uma hora para outra, todos os grandes projetos passaram a existir de forma compartimentalizada... Dinheiro sem supervisão que vocês aprovaram lá no congresso. Uma estupidez.

— Eu cheguei depois, mas me lembro das dificuldades que tínhamos. As informações não chegavam até nós. Hoje é pior.

— Exato, Ramsley... Os segredos e acobertamentos atingiram um patamar sem precedentes. Com certeza, muito além do desejável... De fato, ninguém sabia para que direção sopraria o vento. De repente, todos nós nos sentimos vulneráveis. Não havia mais um país como nós o idealizáramos. O dinheiro e a influência agora vinham de todas as partes e não reconheciam fronteiras... Os países enquanto territórios soberanos não são mais funcionais, Ramsley. Acabaram. As corporações e o dinheiro assumiram o papel das nações.

O senador, ele próprio um imponente veterano, parecia um pouco perdido com aquelas palavras do velho amigo, mas não insistiria. Se aquelas fossem as únicas, que assim fosse.

— Mabus, meu grupo de interesse planeja uma viagem para a Lua em uma espaçonave privada. Estão realmente avançados nesse campo.

Mabus fechou o semblante. De certa forma, surpreendeu-se com o tema Lua. Por outro lado, Ramsley não conhecera ainda o falastrão Michael Crammer. Se tivesse, por certo, seria mais cauteloso ao descrever o projeto como algo em estágio avançado. Mabus deu alguns passos em silêncio.

— Meu conselho para você, em questões do espaço, é caminhar lado a lado com a política e com a ciência oficial. Apenas siga as regras que encontrar no caminho e o seu grupo ficará bem.

As regras não eram, necessariamente, as leis.

— Regras de quem, Mabus?

— Daqueles que gostam de atuar nas sombras controlando tudo — disse, surpreendendo Ramsley ao demonstrar leve emoção, e até certo desgosto. Era contraditório ouvir alguém acostumado a agir nas sombras reclamar disso. — Por gerações eles têm criado as regras do jogo na crença de que podem pensar pelo resto da humanidade.

— Não imaginava que as questões espaciais despertassem tanto interesse.

— Ora, Ramsley, você sabe mais que isso... A nação e boa parte do planeta pertencem a esse

complexo intrincado e invisível. Faça exatamente como lhe digo e não cometa nenhum erro. Eles não perdoam ninguém. Nem mesmo presidentes!

Mabus se tornara sombrio. Seu rosto enrugado, um labirinto de sentimentos. O ancião parou de caminhar. Ramsley notou que os olhos do centenário expressavam um temporal de recordações.

— Luna... — vociferou Mabus com intensidade. — Essa era a forma como alguns de nós da comunidade nos referíamos à Lua... Não parece, mas lhe asseguro se tratar de um território dos mais delicados.

— Não acho que entendi.

— Não somos nós que damos as cartas por lá, isso eu posso te afirmar.

Ramsley queria perguntar se o *nós* eram os americanos ou os russos. Mabus deixara bem claro que havia algo além e intocável. Ademais, sua fisionomia demonstrava que a caminhada — ou a conversa — deixara-o exausto.

— Vou deixar você dormir um pouco — sugeriu Ramsley.

— Um dia descansarei para sempre.

— Está certo Mabus, mas eu não quero que seja tão breve assim.

Mabus sorriu. O senador era um amigo de verdade.

— O que mais posso fazer por você?

— Existe algo que eu preciso te dizer.

— Vai estragar o meu jantar?

Ramsley sorriu ternamente.

— É um assunto delicado.

— Sou bastante crescido para lidar com assuntos delicados.

— É sobre o seu filho.

Mabus parou e olhou direto nos olhos de Ramsley.

— O que tem ele?

— Sei que não o vê desde que entrou na vida clandestina, mas na realidade estou aqui por causa dele.

Um amigo em comum me pediu para ajudar Lucas. Ele quer viajar à Lua em uma espaçonave particular construída por um empreendedor do Arizona.

Mabus franziu a testa e acenou para a jovem terapeuta que momentos antes aplicara óleo em seu corpo. Ela o acompanhava de longe e apressou o passo na direção deles.

— Milton Walker não existe mais. Não pode existir. — disse Mabus de maneira a não deixar dúvidas.

Ramsley compreendia perfeitamente as consequências do trabalho de Mabus. Se ele desaparecera para a família, foi para protegê-los.

— Eu só queria que você soubesse — disse Ramsley.

- CAPÍTULO 25 -

DENVER, COLORADO

Roy O'Connell estava em um avião que decolara de Boston com destino a Denver — a cidade escolhida por ele e pela Stratoshaper, onde se usaria o agente biológico que traria fatalidades resultantes de gripe e doenças associadas. Representantes da Fundação foram consultados sobre a ideia e não se opuseram. Na visão pragmática fundamentalista deles, havia um bem maior se desenhando. Este seria mais um dos inúmeros testes que já se faziam com agentes biológicos, e também uma oportunidade de aprofundarem o conhecimento sobre o modo de trabalhar de Roy.

Para a Fundação, Roy experimentara algo que um dia poderia ter alcance global. Os males da poluição gerariam excelentes desdobramentos na forma de soluções para a diminuição da população no planeta, um dos grandes pontos de interesse da Fundação. Como uma semente ainda, que a Fundação plantava sem maiores preocupações com a ética. Na visão deles, experimentos como estes e também outras formas de engenharia social nunca eram compreendidos pela população. E sem que as pessoas entendessem o que se passava, ficava descartada a possibilidade de um escândalo.

No início, não haveria muitas casualidades. O objetivo era aprender com um passo pequeno e depois partir para os maiores. A escolha da cidade de Denver, feita pelo amigo Frank Ballard, era bastante coerente com a mensagem que o visitante mais atento ainda teria no aeroporto da cidade.

Roy saiu do avião apressado. Estava em ritmo de guerra, uma que causaria fatalidades de verdade. Nada de novo para o lobo. Às vezes, ele se perguntava se aquilo era certo, mas aí, vinha a imagem do menino de cinco anos que fora obrigado a matar no Vietnam com um tiro na cabeça. Depois disso, a vida e a morte eram apenas palavras — mas em raros momentos, ele ainda pensava em termos de certo ou errado.

A costureira pressa de Roy deu lugar à sua curiosidade. Diminuiu os passos quando passou por um dos estranhos murais do aeroporto de Denver. Parou para uma rápida observação, algo que nunca fizera. Uma das imagens criada pelo muralista Leo Tanguma exibia a figura de um militar com rosto de caveira matando uma pomba branca. O mural, comissionado pelo Aeroporto Internacional de Denver para exibição permanente, era de arrepiar. Roy, por um breve momento, identificou-se com aquela grotesca figura, e por um ínfimo instante não gostou de se ver associado àquela imagem. É apenas arte.

Duas semanas antes, quem olhasse para os céus de Denver notaria na atmosfera várias trilhas químicas que se pareciam com grandes teias de aranha flutuantes. Porém, a proximidade do aeroporto e a grande quantidade de aviões nas imediações jamais levantariam qualquer suspeita de que aquelas trilhas — ou rastros — que eram extremamente parecidas com as trilhas de condensação normais de aviões, representassem uma ação planejada e letal. Eles olham, mas não enxergam.

Como tudo que fugisse do convencional, as trilhas jamais seriam associadas pela mídia a algo que pudesse fazer mal à população. Muitas vezes sua própria existência era questionada. Por ironia, ser considerada um absurdo era o que abria o caminho para a continuidade dos voos, pois na prática não haveria nenhum questionamento relevante.

Ainda que o momento mais propício para a aquisição do vírus tivesse passado, Roy estava

devidamente vacinado contra o tipo de agente biológico usado nos aviões da Stratoshaper e, assim, não corria o mesmo risco da população local. Sem qualquer sentimento que não fosse o de verificar os resultados daquela etapa do seu plano, dirigiu-se aos hospitais com Peterson. Era preciso confirmar os casos de doenças respiratórias fatais: o resultado que se esperava. A Fundação é que avaliaria se seriam satisfatórios ou não.

EM UM DOS maiores hospitais da cidade, Roy e Peterson seguiram direto para a sala do diretor, que os aguardava. A entrevista seria conduzida no começo por Peterson, que se apresentaria como editor responsável da Cougmann Network. Na medida do possível, Roy não se manifestaria.

Após as amenidades iniciais, Peterson chegou ao ponto que os interessava.

— O senhor poderia nos informar sobre os rumores de epidemia? — jogou Peterson. Não havia rumor algum, a não ser o que estava sendo fabricado por eles naquele exato instante.

— Epidemia?

— Sim, a epidemia. É por isso estamos aqui.

— Não há rumor algum — respondeu o diretor, surpreendido pela pergunta. Então olhou para Peterson, que simulou falta de paciência, e olhou brevemente para Roy. — Não que saibamos.

— Veja bem, não viemos até Denver sem um bom motivo — esclareceu Peterson.

— Desculpe, mas se procuram uma epidemia, perderam tempo.

— Acho improvável. Temos boas fontes por todo o país, e aqui também.

— Lamento, mas o rumor não procede.

— A Cougmann Network não é conhecida por divulgar rumores, senhor diretor — disse Peterson com ar esnobe. — Obtemos informações e confiamos nelas. Estamos aqui para verificar essas informações, como sempre fazemos antes de divulgar qualquer notícia. Temos responsabilidades com nosso público e a última coisa que queremos é espalhar rumores sem fundamento, que causariam desconforto à população.

Era a máxima que a Cougmann empregava: a verdade costumava ser o oposto do que divulgavam. O diretor do hospital seguia espantado.

— Chegaram a dar uma olhada em outros hospitais?

— Ainda não. Mas olharemos.

— Não entendo porque vieram aqui primeiro.

— Porque o seu hospital é um dos mais respeitados de Denver.

— Entendo, mas... sinto muito. Realmente não temos nenhum dado sobre qualquer epidemia. A propósito, de qual tipo de epidemia estão falando?

— De gripe ou pneumonia... Muito forte, com vários casos e algumas fatalidades.

O diretor franziu a testa e, depois de alguns segundos, inflou a boca, finalmente ligando os fatos.

— Veja, se não estou enganado, tivemos um aumento de casos de pneumonia no início desta semana — ele disse com cuidado para não parecer alarmista ou contraditório. Peterson e Roy trocaram um olhar como se insinuassem que o diretor estivesse omitindo informações. Representavam bem.

— Quantos casos? — perguntou Roy, puxando um bloco de papel e uma caneta, pronto para escrever um relatório extenso.

— Até hoje de manhã eram nove.

— Por que *omitiu* a informação? — disparou Peterson.

— Espere um pouco, não omiti coisa alguma!

— Você disse nove casos?

— Sim, mas isso está longe de ser uma epidemia! É comum nesta época do--

— Quando pretendia informar a opinião pública?

O diretor riu, mas sabia que estava sem a vantagem da piada.

— Não há o que informar ainda porque--

— Que medidas estão tomando para conter a epidemia?

— Como é? Eu acabei de--

— O que acha que originou esses casos?

— Ora, por favor! São casos comuns causados pela poluição do ar!

— Casos comuns? — continuou Peterson com simulado ultraje. — Pessoas estão morrendo, doutor!

O diretor do hospital queria esganar aqueles dois repórteres, mas sabia que uma informação correta seria a melhor defesa para se evitar mal-entendidos.

— Sim, comuns quando os dias estão quentes e ensolarados, e o nível de dióxido de carbono fica mais concentrado na atmosfera, porém não é só pneumonia, temos todos os tipos de casos — asma, bronquites, perda de capacidade pulmonar, inflamações no tecido do pulmão... Daí a falar em epidemia, francamente!

— Tem dados recentes para nos fornecer? — seguiu Peterson sem aliviar.

— Claro que não, temos que fazer um levantamento! — protestou o diretor, já preocupado com o andar da entrevista e dos possíveis prejuízos ao hospital. E para si próprio.

Roy se mexeu na cadeira, como um lobo que espera o melhor momento para atacar sua presa. Olhou para Peterson e pediu a palavra com um aceno de cabeça.

— Entendemos que esses dados precisam ser levantados — falou Roy pela primeira vez, procurando transmitir calma ao acuado diretor. — É natural que perguntemos, sempre buscamos informar com qualidade e responsabilidade.

O diretor suspirou e procurou de fato se acalmar.

— Sim, também entendo o lado de vocês, apenas peço que me deem um tempo. Preciso fazer um levantamento do que está acontecendo.

— Não tenha pressa — assegurou Roy ao diretor.

— Agradeço a compreensão.

— Não queremos nos precipitar. Pode apenas confirmar — Roy tirou um gravador de bolso e colocou sobre a mesa — oficialmente, que há um número significativo de casos de mortes decorrentes de pneumonia?

— Decorrentes de doenças respiratórias — corrigiu o diretor. — A maior parte delas por pneumonia.

— Doenças respiratórias — repetiu Roy, a título de clareza.

— Quanto a isso, sim, estão ocorrendo, mas não tenho dados a informar sobre o total de casos na cidade de Denver. Como disse, preciso fazer um levantamento antes de confirmar.

— E o que acha que tem causado essas mortes?

— A poluição nesta época do ano tem boa parte da responsabilidade.

— Acredita que as mortes são proporcionais ao nível de poluição?

— Como assim?

— Quanto maior a poluição maior o número de mortes?

Roy havia feito uma pergunta que toda criança saberia responder.

— Sem dúvida o número de doenças respiratórias está diretamente relacionado ao nível de poluição.

— O aumento de casos nos últimos dias é preocupante?

— Esses casos nos preocupam, é lógico!

Roy olhou o nome do diretor em seu crachá, mostrando esquecimento.

— Doutor Smith, gostaria de ver a poluição diminuir na Rainha das Planícies? — perguntou Roy, se referindo ao apelido da cidade de Denver.

Esses caras estão de brincadeira, pensou o Doutor Smith.

— Claro que sim... É o que todos desejamos, ainda mais com a nossa cidade estando a 1600 metros

de altitude, as coisas só tendem a piorar com os anos.

— Acha que o problema da poluição é mais profuso em Denver?

— Duvido. Por que não dão uma olhada em outras cidades? A poluição causa problemas respiratórios graves em todas as cidades. Denver não tem nenhum privilégio.

Roy acenou com a cabeça e olhou para Peterson, se levantando.

— Doutor Smith, agradeço por ter nos recebido.

Roy e Peterson saíram da sala do diretor, que ficou com a sensação de que a entrevista havia sido conduzida de forma maliciosa.

— Malditos sensacionalistas — desabafou o Doutor Smith em voz alta quando ficou sozinho na sala.

À NOITE, QUANDO o doutor Smith pôde ir para casa, ligou a TV e sintonizou no canal da Cougmann. Esperou pacientemente até que as notícias fossem repetidas, como em todos os canais a cabo. Seu sangue gelou quando, finalmente, viu a palavra epidemia escrita em vermelho sobre um fundo amarelo ocupar boa parte da tela de TV.

Inacreditável!

A reportagem falava, conforme ele temia, sobre uma epidemia de gripe com várias mortes na cidade de Denver. Em seguida, ouviu o nome do hospital que dirigia, e finalmente, sua própria voz com o seu nome em legendas confirmando o aumento de casos de doenças respiratórias. Para o Doutor Smith ficara claro que a epidemia noticiada pela Cougmann era mais do que simples sensacionalismo. Era pura farsa.

Ele havia checado em outros hospitais antes de voltar para casa: o número de casos de pneumonia de fato aumentara, mas assim como havia surgido, parara de aumentar, o que para a comunidade médica significou um alívio, pois estava longe de se configurar como epidemia. Nos dias seguintes, o doutor Smith acompanhou incrédulo quando as redes nacionais noticiaram o evento como — surpresa — epidemia, e, pouco depois, respirou aliviado quando viu que a notícia também foi perdendo força conforme os dias passaram e o número de casos de doenças respiratórias voltava a um patamar considerado mais próximo do normal. Chegou à conclusão, sem margem para dúvida, que aquele barulho todo poderia ter sido evitado se houvesse mais prudência por parte de todos.

A Cougmann Network completou a coleta de dados do experimento juntando informações de autoridades ambientais, fornecidos de maneira a atender aos interesses específicos de Roy. Nos meses anteriores, ele contratara Frank Ballard para fuçar a vida de um sujeito chamado Peter Donovan, que era o responsável pelas equipes de monitoramento do Colorado. Peter era um homem de bem, mas não um santo. Descobriram que ele costumava frequentar um bordel próximo a Denver. Para Frank Ballard, era típico. Por isso, registrou tudo e entregou o relatório que incluía imagens tórridas a Roy, que orientou Frank a ter uma conversa com o pobre Peter.

A conversa teve o impacto de um trem de cargas na vida do monitor.

A proposta era simples: ou ele ajudava o cliente de Frank, e com isso receberia uma grana, ou as imagens dele dentro do bordel seriam enviadas à sua esposa que, eles sabiam, era religiosa e tradicional. O acerto fora rápido. Peter recebeu dez mil dólares para fazer com que pelo menos duas equipes de monitoramento seguissem as recomendações expressas que Frank lhe dera. Cada pessoa da equipe, por sua vez, receberia cinco mil dólares pela contribuição. Encontrar as pessoas certas e convencê-las era um problema de Peter.

O combinado com a equipe foi o seguinte: no momento da medição dos índices de poluição, os técnicos selecionados por Peter iriam a campo, mas não chegariam a ligar o equipamento de medição. Às vezes, nem mesmo os levariam a campo. Então, no momento de preencher os relatórios, colocariam os números que quisessem e simplesmente iriam embora do local. No caso, o acordo previa que os técnicos registrassem índices *maiores* de poluição quando comparados aos anos anteriores, tudo com o selo das

autoridades competentes.

Para Roy, era a amostragem que ele precisava. Sua lição de casa. O relatório do exercício seria escrito e levado ao conhecimento dos seus sócios controladores — a Fundação. A ideia era levar aquele modelo de experiência para se planejar uma epidemia em escala nacional, muito maior do que ocorrera durante o curto período em Denver, e que já estava em curso. A poluição era mesmo um ótimo vilão.

E como todo vilão, deveria ser firmemente combatido. Novas epidemias de doenças respiratórias somente poderiam ser evitadas com a solução que Roy acabava de registrar no Escritório de Patentes dos Estados Unidos, e que tinha o nome de Silfos. Seria o primeiro passo de um sonho que havia começado durante sua caminhada inspiradora no Parque Nacional de Killarney, na Irlanda.

Era preciso seguir em frente.

POUCAS SEMANAS APÓS a experiência em Denver, a Cougmann Network foi obrigada a se retratar, corrigindo a informação de que ocorrera uma epidemia e informando que, na realidade, fora apenas um aumento inconclusivo de casos de doenças respiratórias. A retratação, feita tarde da noite em seu canal, foi inócua. Os jornais que foram atrás da informação originada na Cougmann também se retrataram, mas era tarde. A população se lembraria mesmo da epidemia que fora amplamente noticiada, e não esqueceria tão cedo do medo que todos sentiram por duas longas semanas.

Poluição. Medo. Solução.

- CAPÍTULO 26 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

PERPLEXO. LUIZA TOCOU a campainha do apartamento de Lucas apenas minutos antes de ele pegar um táxi para o aeroporto. Ele a convidou para entrar e, sem saber exatamente o que fazer, deu de ombros para a situação. Explicou que teria um encontro importante com um senador. Que estava embarcando em um voo para Tucson, no estado do Arizona, e que o encontro seria naquela noite em um resort. Sem qualquer pretensão de que fosse aceitar, e embarcando na aura de aventura que Luiza sugeria, Lucas convidou-a para ir junto.

— Está meio em cima da hora, mas posso tentar reservar uma passagem para você.

— Estou pronta.

Aquela resposta deveria ser impossível para uma mulher. Uma viagem pedia uma mala cuidadosamente preparada com roupas e coisas de mulher, que demandariam tempo, perguntas e planejamento. Mais do que isso, uma viagem juntos pressupunha que existisse entre eles uma confiança que ainda não houvera tempo de ser construída. Além do mais, para uma pessoa poder viajar — assim, de uma hora para outra — seria necessário que ela tivesse uma agenda que a permitisse. Luiza aceitou o convite de pronto. Na cabeça dele, talvez Luiza fosse uma pessoa independente, dona do seu tempo, o que amenizava suas inseguranças como um todo. Pelo menos para ela, o impossível da situação fora deixado de lado.

Ela estava bonita, como sempre. Vestia uma calça de lã cinza, uma malha de cachemira um tom mais claro, um casaco preto, echarpe cor vinho e uma boina *pied de poule*. Lucas queria tirar a roupa dela ali mesmo, mas pegou o sobretudo cor de café que estava pendurado atrás da porta e vestiu sobre o blazer com cotoveleiras que usava.

— Então vamos.

NO CURTO TRAJETO do táxi ao aeroporto Logan International em Boston, Lucas alternou sentimentos, entre o arrependimento por estar misturando seu projeto pessoal com um affair em potencial, e um “relaxe e aproveite”. O que pegava é que Luiza ainda era uma estranha, e tinha o terrível hábito de ser imprevisível. Por outro lado, sua capacidade de persuasão e sedução, combinada com seu olhar de piedade, eram de partir o coração de qualquer homem que gostasse de mulher. Ele se convencera de que se embarcasse sem ela, se arrependeria no futuro, caso não a visse de novo. Seus dias de sabático, afinal, estavam mais interessantes do que ele antecipara.

TUCSON, ARIZONA

RAMSLEY PERMANECEU O resto do dia dentro da suíte no Miraval.

Sentado em um sofá com as pernas esticadas enquanto olhava através da janela, removeu as informações que o centenário Mabus lhe transmitira sobre a Lua. Mesmo que de forma superficial, elas mostravam o retrato de um mundo ao mesmo tempo complexo, mas também superior em possibilidades.

Não somos nós quem damos as cartas por lá, isso eu posso te afirmar. Aquelas palavras ainda reverberavam na mente de Ramsley. Então quem diabos "dá as cartas por lá"?

Sentiu-se impotente. Até mesmo para Ramsley, um veterano senador com cinco mandatos nas costas e grande conhecimento sobre os caminhos do mundo, o que Mabus insinuava era algo, sem dúvida alguma, espetacular. Imaginou que só mesmo alguém com a idade de Mabus — e, portanto, sem nada a perder — pudesse revelar segredos que em seus melhores dias lhe custariam a própria vida.

Lembrou-se de Linda. Estar em uma suíte daquelas, sem a companheira, deixou-o deprimido. Entre goles de Courvoisier, Ramsley pegou a carteira e puxou de dentro uma fotografia da falecida mulher. Ainda se recusava a usar smartphones e similares. O fato é que era doloroso não ter mais a esposa ao seu lado. Naquela hora, estariam trocando impressões sobre a conversa que tivera com Mabus. Eles eram confidentes e confiavam demais um no outro. Linda sempre o ajudava a passar a limpo suas reuniões e até as decisões importantes. Mais que uma esposa, Linda era uma sócia na vida.

Talvez porque tenha bebido mais do que deveria, ou por saudades, imaginou se por acaso nesse mundo superior mencionado por Mabus incluiria um reencontro metafísico com a mulher. Aquele pensamento trazia-lhe um súbito e inesperado conforto. Justo ele, um pragmático. Momentos depois de encher o copo, sua mente sabotou seu coração e ele se pegou racionalizando o que acabara de sentir. Alguns definiriam como fé, mas isso, Ramsley sabia, era para os fracos. Então ele guardou a foto de Linda na carteira, com cuidado. Matou o resto da bebida e se levantou para o encontro com o tal professor Lucas, que estava marcado para dali a pouco no restaurante.

Ramsley tirou o roupão do hotel. Vestiu uma calça azul marinho e um blazer de linho bege. Antes de sair da suíte verificou a aparência no espelho do banheiro. Apesar de abatido pelo cansaço da longa viagem de carro, pela bebida e pela lembrança de Linda, sentiu-se um garoto ao comparar sua idade com a de Mabus.

RAMSLEY SENTOU-SE EM uma mesa que deixara reservada no exótico Cactus Flower. Como já estava alto de bebida, pediu de cara um prato de escalopes de peixe do cardápio de inverno, que informava ter 210 calorias, 1,5 gramas de gordura, 25 gramas de proteína e 25 gramas de carboidratos, mas que para ele não fazia a menor diferença. Engoliu a refeição. Em seguida, achou que seu organismo já estava pronto para mais um ataque de Courvoisier. Chamou o garçom e pediu, com alto senso prático, que ele deixasse a garrafa do conhaque na mesa. Foi logo atendido e então consumiu compulsivamente mais três copos generosos.

Já tinha perdido a sobriedade quando ouviu alguém chamá-lo.

— Senador?

Girou a cabeça. Um casal estava parado próximo à mesa.

— Marcamos um encontro — disse Lucas.

Ramsley se levantou. O corpo balançou. Cumprimentou Lucas e a mulher que o acompanhava, deixando uma excelente primeira impressão. Senador decadente e bêbado.

— Então você é o professor que eu estou ajudando? — perguntou em tom quase autoritário.

— Sim, senador. Sou o professor Lucas Walker.

Ramsley olhou para a bela mulher.

— E você?

— Meu nome é Luiza. Estive numa festa de confraternização do seu partido alguns anos atrás. Talvez o senhor tenha me visto por lá.

Ramsley não sabia se lembrava dela. O comentário havia surpreendido os dois. Lucas especialmente, que sentiu um calafrio.

Que merda é essa?

— Senador, eu quero agradecer... — ia dizendo Lucas quando foi abruptamente interrompido enquanto se acomodavam nas cadeiras.

— Com que propósito maluco você resolveu se envolver com o espaço?!

Aquilo não tinha sido um comentário. Foi uma bronca. O conceito de que a Lua não era controlada por nós havia abalado o veterano. Após o alerta de Mabus, Ramsley não sabia mais onde estava pisando. Lucas percebeu rápido do que se tratava.

— Acho fascinante. O senhor não acha?

— O que é tão fascinante assim?

— Ir até a Lua, tirar umas fotos e não ter ninguém do governo controlando o que você faz.

Agora sem perceber, Lucas tinha tocado em um ponto sensível.

— É bom não ter tanta certeza... — disse Ramsley.

— Desculpe?

— Quero saber quem é Michael Crammer.

— Achei que o reitor Sullivan já tinha lhe passado algumas infor--

— É um visionário? Homem de negócios? Um maluco? Um exibicionista?

— Bem, eu--

— Por que ele quer ir à Lua?

O pavio de Lucas era curto e Ramsley perguntava demais. E de um jeito descortês.

— Senador, por que voar sobre o Atlântico? Por que o Rice joga contra o Texas? — disse Lucas, repetindo o discurso de Kennedy que ouvira quando jovem, sobre o desejo do ex-presidente de levar o homem à Lua. O argumento era que não havia um motivo especial, apenas ir pelo desafio de ir.

— Corta essa! — disse Ramsley enquanto analisava Luiza, que permanecia calada e serena.

— Senador, acredito que Michael Crammer seja um pouco de tudo isso que o senhor mencionou. O fato é que o cara tem paixão pela aviação.

— Então o motivo dele é a paixão... E o seu?

— Minha parte do acordo é ajudar o Crammer a superar as barreiras burocráticas. Se conseguir, ele me leva junto em sua espaçonave e eu economizo alguns milhões de dólares com o preço da passagem que, por sinal, não tenho.

Ramsley suspirou e olhou para a garrafa de bebida, que não chegou a oferecer a eles. Ainda não sabia se gostava daquele professor. Ramsley cruzara o país de carro para ajudá-lo, talvez esperasse um pouco mais de formalidade do protegido de Sullivan. Os motivos apresentados até aquele momento ainda não eram convincentes ou sedutores o suficiente.

Ramsley ergueu o copo no ar enquanto avaliava o professor à sua frente.

— Então quer apreciar a vista da Lua...

— Sim. Quem não gostaria?

— Por isso está determinado a embarcar neste voo, apesar dos riscos.

— Desculpe. Não entendo aonde quer chegar, senador.

— Eu é que peço desculpas — disse com ironia — mas tenho a sensação que você deve ter outros motivos. Quero saber quais são.

O senador sabia da obsessão de Lucas pelo trabalho do pai.

— Quero ver a Lua de perto... Tentar descobrir o que de fato é a Lua.

Ramsley arregalou os olhos.

— O que ela é? — perguntou Ramsley, parecendo ter raiva do conceito.

— Exatamente. O senhor por acaso tem a resposta?

— Pelo amor de Deus, a maioria das pessoas que eu conheço pensa que a Lua é apenas a maldita Lua! O satélite natural da Terra, diabos...

— Essa é uma hipótese, senador. Apenas isso.

— O que mais poderia ser?! — esperneou Ramsley, chamando a atenção de alguns hóspedes das mesas ao redor. Houve um constrangimento momentâneo.

— Senador Ramsley — Luiza interrompeu com delicadeza. — Não seria melhor conversarmos enquanto caminhamos? Ouvi dizer que os jardins do Miraval são belíssimos.

Ela conhecia bem a combinação de álcool e prepotência de alguns políticos. Sentia-se em casa. Sabia que era preciso apaziguar a conversa e afastá-los de maiores embaraços. Fazer isso não era difícil. Ramsley e Lucas a olharam. Não teriam como dizer não. Por isso, levantaram-se e seguiram em direção à área externa do *Spa*. No caminho, Ramsley mudou de ideia e acabou levando os dois para o estacionamento, que era isolado e ofereceria mais privacidade.

— Podem conhecer o jardim pela manhã — ele comentou enquanto caminhavam. Ramsley trançava as pernas e demorou a encontrar seu carro.

Depois de quase tropeçar duas vezes, por fim encontrou o Bentley e se encostou contra o capô. Antes de voltar a falar, Ramsley tirou do bolso uma garrafinha metálica e deu dois longos goles do conhaque que havia sido abastecido por Valentino. Lucas esperou e trocou um olhar com Luiza. Ainda não se conheciam o suficiente, mas Lucas poderia jurar que Luiza estava com tanta fome quanto ele. O jantar agradável e promissor que ele havia visualizado no avião simplesmente não iria acontecer.

— Senador, sou grato por nos oferecer sua ajuda, mas queria dizer-lhe que estou acostumado a dar explicações científicas para pessoas do seu meio. Por que não vamos direto ao que nos interessa?

Ramsley arqueou as sobrancelhas, mas teve que concordar.

— É claro...

— Sullivan me disse que o senhor veio até aqui visitar um amigo especial da área de inteligência. Provavelmente falaram do nosso projeto para ele.

— Sullivan conta tudo para você?

— Somente o que interessa ao projeto. Estou partindo do princípio que estamos todos do mesmo lado, correto?

— Estamos — disse Ramsley, cansado do álcool e soando vago.

— Então, o que foi que seu amigo da inteligência lhe falou?

Ramsley balançou a cabeça. De repente, parecia inconformado. Queria dizer que o “amigo da inteligência” era o pai dele, Milton Walker. Queira que Linda Ramsley estivesse viva. E queria vomitar.

— Todos esses anos de serviço à nação... e eles me mantiveram desinformado sobre uma das questões mais importantes do caderninho de perguntas de todas as pessoas interessadas no espaço — desabafou Ramsley.

Lucas tinha uma ideia do que as palavras significavam.

— Machuca o ego, não é? — Lucas disse de maneira cuidadosa.

Ramsley assentiu meio a contragosto.

— Existe algo a respeito da exploração espacial que torna tudo... complicado.

— Eu sei, senador. Meu pai se complicou para valer e, se o senhor quiser saber, esse é o meu real interesse na viagem. Não seria nada ruim descobrir por que Milton Walker deixou uma mulher e um filho que o amavam e desapareceu. Tenho certeza que tem algo a ver com o trabalho que fazia.

— Não aposte nisso.

Não aposte no quê?!

Ramsley olhou para a garrafa de metal e, num repente, a jogou no chão. Ele sabia que estava transmitindo uma péssima imagem aos dois. Ainda tinha vaidades a preservar. Depois de limpar a garganta e pentear os cabelos para trás, pareceu mais resolvido quando voltou a olhar aos dois.

— O projeto... Essa história toda, deverá ser sobre voar até a Lua, e apenas isso.

— A ideia é essa, senador.

— O chefe de vocês é o Crammer, não é?

— Sim. Suponho que ele seja o cara.

— Pois ele ficará feliz quando conseguir o que quer... As autorizações. Podemos concordar até aqui?

— Se me perguntasse, senador, eu diria que a história é mais ou menos essa.

— Não estou perguntando porcaria alguma!

Luiza apertou a mão de Lucas. Tenha calma.

— O senhor não está sendo muito claro.

— Serei... O voo até a Lua será a única verdade e única história a ser contada, independente do que vierem a descobrir.

— Deixe ver se entendi. Para todos os efeitos, nossa viagem até a Lua será apenas sobre o barato que é dar um pulinho até lá. É isso mesmo que o senhor está sugerindo?

Ramsley firmou os olhos em Lucas de maneira a não deixar dúvida.

— Não haverá nenhuma confirmação de supostas descobertas que seu pai tenha feito nos dias dele. Não haverá nada que possa manchar o meu nome.

A mão de Luiza deslizou calmamente até o ombro de Lucas. Em seguida, ela olhou para Ramsley e falou antes de Lucas pudesse estragar alguma coisa.

— É bem mais que a maioria de nós vai conquistar nessa vida.

Luiza sabia que ir à Lua era o sonho de vida daquele estranho, parte de uma busca que tinha a ver com o pai desaparecido, e que já durava anos. A equação para ela era simples: sonhos eram igualmente importantes para todos e não deviam ser postos a perder por questões de temperamento ou ego. Lucas não sabia se esganava Luiza pela intromissão ou se a agradecia de joelhos. Pensando melhor, ele sabia que deveria se ajoelhar. Por muito pouco ele não disse umas “verdades” àquele senador prepotente e bêbado.

— Entendido, senador — foi tudo o que Lucas disse.

Ramsley passou a encarar Luiza. Pela postura, ela não era uma acompanhante qualquer, se é que era uma. A presença dela ao lado do professor era como uma pequena tese que corria paralela à conversa. Além do que, Luiza lhe parecia agora muito atraente. Uma mulher de postura elegante e iniciativa. Puta ou não, Ramsley estava encantado.

O senador olhou para Lucas, que esclareceu o que havia entendido.

— O senhor não quer ver seu nome envolvido em um eventual problema que possa causar desconforto à NASA ou à comunidade científica.

Ramsley continuou seguindo o conselho de Mabus. Siga as regras.

— Pelo que conheço de fotografia, não vão conseguir descobrir nada de novo nem que quisessem. Sobrevoarão a dezenas de quilômetros de altitude.

— Senador, acredito que o Michael Crammer queira apenas isso — voar até lá — e ser reconhecido como um pioneiro da nova era espacial. Para ser sincero, não creio que o Crammer ficasse muito feliz com o tipo de interesse que eu tenho na Lua.

— Não estou tão preocupado com ele. Você é quem me preocupa no momento.

— Estou preparado para cumprir o combinado e correr os meus riscos dentro da espaçonave, isto é, se o senhor também estiver disposto a correr os seus riscos políticos. Pode ser que a coisa toda nem saia do chão.

— E por que acha que eu quero correr riscos?

— O Sullivan me disse algo sobre o seu sangue de veterano estar sedento por aventura. Estou errado?

— Pode ser, mas quero me encontrar com esse Crammer antes de eu dar o próximo passo. Espero que ele não seja um idiota.

Lucas torceu os lábios.

— Senador, Michael Crammer é um pouco... excêntrico.

Ramsley olhou para Luiza.

— E quanto a você, ainda não estou certo se a conheço.

— O senhor poderia me fazer um favor? — ela de repente perguntou. Lucas fechou o rosto e segurou suavemente a mão dela, que ainda estava sobre seu ombro, tentando, em vão, censurá-la.

Era só o que me faltava... Não abra a boca, Luiza.

— Diga ao seu amigo espião que eu sobrevivi a um jogo muito perigoso e que preciso de ajuda — ela pediu.

Ramsley olhou para Lucas, que sorria, embora desejasse mandá-la ficar quieta.

— Pode ser mais clara? — disse Ramsley.

— Luiza, podemos falar sobre isso em outro momento? — intercedeu Lucas.

Luiza continuou. Com muita serenidade e humildade.

— Senador, fale com seu amigo sobre mim. Apenas diga que eu sobrevivi ao jogo e preciso de ajuda psicológica. Tenho certeza que ele compreenderá o que isso quer dizer e poderá explicar ao senhor com mais propriedade. Não me atrevera a lhe pedir algo a não ser que fosse muito importante para a minha saúde.

— Vou ver o que posso fazer — prometeu Ramsley, intrigado.

Aquele era um dos pedidos mais esquisitos que alguém já fizera a ele. Ainda assim, Luiza parecia inteligente e sincera. Ramsley em seguida olhou para Lucas com certo escárnio. Era óbvio que o professor também não conhecia bem a mulher que estava ao seu lado.

— Quer me contar alguma coisa, professor?

— Não, senador. Não tenho nada a comentar sobre o pedido da minha amiga.

Lucas lançou um olhar para Luiza. Teriam uma conversa sobre o pedido.

— Vou para minha suíte... Preciso descansar. Boa noite — disse o senador. Depois, girou o corpo e caminhou para o hotel se apoiando nos carros estacionados que encontrou no trajeto. Era uma cena deprimente. Um dos carros disparou o alarme.

Lucas e Luiza seguiram para o carro alugado, estacionado ali perto.

— O senador pensa que vamos passar a noite aqui, mas tenho certeza que você arrumou coisa melhor — brincou Luiza.

— Você nem faz ideia.

— Adoro surpresas.

— Isso significa que posso começar a fazer perguntas?

— Claro que não.

— E se eu fizer, vai fugir?

— Com certeza.

— Sei. Vai arrumar algum lugar para dormir no meio do deserto?

— Quer apostar que arrumo uma boa cama em uma das *casitas* aqui perto?

— Não aposto com quem não conheço.

— Lamento, mas já está apostando mais do que pensa.

— Está bem... Mas e o pedido que você fez ao senador?

— Isso é uma pergunta.

— É verdade, mas você tem que concordar que poderia pôr tudo a perder.

— O que pedi, pedi somente a ele. Não planejei encontrar um senador esta noite. Foi puro acaso. Sei o que estou fazendo. Além do mais, não é só você que precisa de ajuda.

Lucas abriu a porta do robusto Dodge Durango. Luiza deu a volta e, antes de entrar, viu que seus segredos incomodavam Lucas sobremaneira. A verdade é que ela não gostaria de por aquela nova relação a perder. Tinha medo de afugentá-lo quando Lucas descobrisse seu passado.

— Confie em mim. Não atrapalharei seus planos — ela garantiu.

— Tenho outra opção?

Entraram no carro e partiram em direção ao motel que Lucas havia reservado antes de sair de Cambridge. Diametralmente mais simplório que o Miraval.

- CAPÍTULO 27 -

BOSTON, MASSACHUSETTS

O auditório da Cougmann Corporation estava entupido de pessoas. As poltronas eram exageradamente espaçadas. Com um planejamento diferente, poderia acomodar tranquilamente o dobro de gente, mas o objetivo do ambiente era mostrar que a Cougmann podia se dar a esse luxo, esbanjar espaço. Somos os caras.

Jornalistas e funcionários entusiasmados — boa parte da própria Cougmann — pareciam lembrar, de uma maneira próxima à histeria, os tempos áureos da corrida espacial. No passado, qualquer novidade sobre o tema era motivo de grande celebração e expectativa. O que a Cougmann queria era fazer história e se transformar na primeira empresa privada a voar até a Lua. O mais importante naquela etapa, no entanto, era transmitir a percepção de que seriam pioneiros. O barulho ajudaria a encobrir o projeto maior de exploração do ar, que já estava em pleno desenvolvimento. E se o show era tudo, Peterson falava agora para uma plateia de entusiastas pagos.

— Podemos afirmar que normas e regulamentos são obstáculos do passado. Em breve anunciaremos uma data de lançamento — disse Peterson, dando dois passos para trás e para o lado. Estava cedendo lugar a Roy, que se posicionou diante do microfone tendo um painel enorme de monitores de ultra definição atrás dele, que cobriam a extensão de uma parede inteira.

— Como podem ver, somos uma empresa vaidosa — disse Roy.

A plateia riu e o aplaudiu, exatamente como mandava o figurino. Para eles, Roy era uma espécie de Steve Jobs, só que sem nada de realmente novo a oferecer além de um grande espetáculo. E dentro da linha espetacular, Roy ergueu as mãos em agradecimento. O rei do marketing em seu momento de brilho. O que ele dissesse ali seria aceito como verdade em seu estado mais puro e revelador, embora fosse, é claro, mentira. As pessoas adoravam se enganar. E se fossem pagas para isso, melhor ainda.

— Não é todo dia que você se torna a primeira empresa privada a ir para a Lua em sua própria espaçonave.

A plateia emudeceu, respeitosa. Ele acompanhou e fez uma pausa teatral. O que acabara de dizer já era por si só uma mentira deslavada. Não havia pioneirismo algum no projeto. O que existia, de concreto, era o foguete Soyuz russo, este, sim, bom e velho de guerra. O brilho eventual da Cougmann dependia da carona do Soyuz, e muitos dos jornalistas ali presentes estavam conscientes disso.

— Enquanto espécie, o ser humano deve cuidar de si próprio. Até onde podemos afirmar, estamos sozinhos no universo. E se é assim, não podemos ficar na dependência de ninguém mais. Não há salvadores. Há apenas nós.

Roy sinalizou com as mãos e as luzes do auditório se apagaram suavemente, restando apenas um feixe de luz direcional sobre sua figura. O efeito o transformava em sua própria caricatura de poder. Quem sabe o salvador fosse ele próprio... Com um *timing* cirúrgico, uma imagem surgiu atrás do lobo, preenchendo todos os monitores: um asteroide grotesco e ameaçador.

— Há oportunidades bastante óbvias na Lua...

Dava medo de olhar para Roy sobre aquela luz direcional e o monstruoso corpo celeste projetado

logo atrás dele. Parecia que iria atingir o profeta a qualquer instante.

— Não podemos nos permitir que escapem essas oportunidades, sobretudo quando sabemos que elas existem a serem realizadas. Porém, ir até a Lua é mais que um simples negócio.

Ao fundo, uma música minimalista ao estilo do Philip Glass adicionou sabor ao clima ameaçador. A imagem dos monitores agora mostrava o asteroide bem próximo... Apesar da sonoplastia calculada, ainda assim foi possível ouvir um murmúrio coletivo de alívio quando a bola gigante de pedregulhos e vapores quase colidiu com a Terra, acabando por seguir seu curso e indo embora assustar outros planetas.

— Sim, meus amigos. Há perigos de proporções catastróficas. Alguns conhecidos e imprevisíveis...

Roy girou o corpo para os monitores. Com fidelidade total ao roteiro, iniciou-se uma sequência de cenários hipotéticos horríveis, começando pela imagem de um deserto cheio de carcaças de animais, fundindo-se com um glacial derretendo em velocidade acelerada, passando a vulcões em erupção. Depois, africanos famintos faziam fila para receber uma ração de alimentos e, para fechar com chave de ouro, uma espetacular e luminosa explosão nuclear! Uma perfeita celebração do medo.

Roy voltou a encarar a plateia e balançou a cabeça demonstrando preocupação, como se tudo pudesse acontecer a qualquer momento e o único salvador fosse ele e seu projeto.

— Outros perigos são consequência de nossa própria natureza enquanto seres humanos. Portanto, qualquer que seja o cenário, meus amigos, a Terra está condenada a encarar seu evento catastrófico, que pode ser daqui a um milhão de anos, ou pode ser amanhã de manhã enquanto tomamos nosso primeiro gole de café. É por isso que precisamos ir além da Terra se quisermos sobreviver. É por isso que a Cougmann Corporation transformará a Lua em um quintal do planeta Terra, como base para futuras explorações!

BULLHEAD CITY, ARIZONA

NO HANGAR DA Crammer Enterprises, quase no outro extremo dos Estados Unidos, o professor Lucas e o aventureiro Michael Crammer acompanhavam o discurso de Roy pela TV. O texano excêntrico caminhava sem parar, muito incomodado com a demonstração de opulência da Cougmann, que havia colocado um show e tanto para o público. Crammer não era burro, sabia de suas limitações de comunicação e recursos.

— *Voaremos até uma órbita terrestre baixa* — dizia Roy pela TV. — *Então, a Cougmann One se encontrará com um sistema de reabastecimento russo que fornecerá o combustível necessário para o restante da viagem até a Lua.*

O aparelho de TV de Michael Crammer mostrava os monitores do auditório da Cougmann se elevando para revelar partes da espaçonave de Roy. A excitação da plateia era crescente. Aplausos e assovios se intensificavam.

— *Estado da arte... Revolucionária...* — continuou Roy na TV.

— *Revolucionária, uma ova!* — protestou Crammer. — Como é que este filho de uma mãe mal amada conseguiu as autorizações tão rápido? E essa porra aí se chama Soyuz!

— Não importa — disse Lucas, que tinha os olhos grudados na TV.

— Sim, importa. Muito!

— Não é o fim do mundo, Michael. Ainda não anunciaram uma data de lançamento do foguete. Pode ser que isso não passe de uma peça publicitária — disse Lucas tentando confortar Crammer. Para Lucas, não fazia a menor diferença qual seria a primeira empresa privada a chegar até a Lua. Ele apenas queria estar em uma delas.

Crammer cruzou os braços e o encarou.

— Quero ser o primeiro cara a voar até a Lua em uma espaçonave particular. Essa é a brincadeira toda, não entende?

— Sei disso, Michael.

— Então sabe como me sinto agorinha mesmo tomando um chute no traseiro depois de anos de projeto, e depois de descobrir um combustível que eu tenho certeza -somente eu possuo no setor privado — porque tive que pagar um outro filho de uma mãe mal amada que me garantiu exclusividade!

— Quer se acalmar, por favor?

Crammer se movimentava como um animal enjaulado.

— É muito importante para mim... Para minha masculinidade!

Lucas tirou os olhos da TV e os revirou enquanto observava Crammer.

— Você disse... masculinidade?

— Sim! Veja... — Crammer caminhou e se posicionou estratégico do lado oposto da TV. Queria a atenção de Lucas só para ele. — Isso é mais que um simples sonho, é a minha fantasia! E é maluca, eu sei, e eu amo a minha mulher Suzanne... Quero tocar Pink Floyd e Frank Sinatra quando eu chegar lá em cima e viver um momento... Sublime!

Lucas optou por não tentar decifrar Crammer e suas motivações tão excêntricas. Pensando bem, bastante humanas.

— Meu sucesso, ou não, é o que vai definir qual será meu nível de testosterona — continuou Crammer, mais suave e filosófico — e irá determinar a quantidade de amor que eu proporcionarei à minha mulher nos próximos anos, então também tem a ver com valores familiares e estabilidade emocional!

Lucas girou sua cabeça na direção à TV, que a essa altura começava a revelar a Soyuz com o emblema da Cougmann Corporation.

— *Senhoras e senhores, apresento-lhes a Cougmann One!* — finalizou Roy, triunfante.

— Que cara mais esnobe... Chego a ficar enjoado! — disse Crammer diante da TV com as mãos na cintura. — A minha Cassilda vai se dar muito melhor, espere e verá!

— Tenho certeza — disse Lucas do alto de sua paciência.

Você poderia pensar em um nome melhor também.

Crammer ficou na frente da TV. Conversou com ela.

— Temos uma estratégia mais simples, não precisamos de reabastecimento porcaria nenhuma, essa é a nossa grande diferença. Nós estamos inovando, enquanto vocês estão terceirizando com os russos e mentindo para o público!

— Isso não é mentira, Crammer. É relações públicas.

— Pode demorar um pouco mais, mas meu plano de voo é menos operativo, tem bem menos etapas e oferece muito menos riscos. Vocês, por outro lado, são tão incompetentes que precisaram pedir ajuda aos russos. Assim não vale, pô!

Lucas se levantou, esticou o braço ao lado de Crammer e desligou a TV.

— Escute. Há algumas coisas em nossa lista de prioridades.

Crammer se largou na cadeira onde Lucas estava sentado. Parecia abatido.

— Claro, professor... Temos que trabalhar.

— Prioridade um: jantar. Sua casa. Eu e o senador Ramsley.

— Que empolgante.

— Escute bem porque isso é importante. O senador quer te conhecer, descobrir se você merece que ele lhe conceda seu tempo nobre e sua boa reputação.

— Ah! Quem sabe se eu mostrar um saco cheio de dinheiro descobrimos o quanto a reputação dele realmente vale!

— Não, Crammer... — disse Lucas se aproximando com um ar sério. — Não faremos nada parecido com isso. Não podemos cometer erros a esta altura. O senador pode nos ajudar ou nos quebrar de vez. Consegue aceitar isso?

Crammer assentiu e deixou claro que compreendia.

— Não sou estúpido, ok?

— Não estou insinuando que seja.

— Vou pedir à minha mulher Suzanne que cozinhe o melhor peito de frango frito que o nobre senador já comeu na vida dele.

BOSTON, MASSACHUSETTS

NA COUGMANN CORPORATION, Roy caminhou para fora do palco junto com Peterson. Estava intoxicado pelos aplausos. Apesar de ser uma pessoa fria, a vaidade era seu outro ponto mais fraco, logo abaixo da ambição. Atrás do Cougmann One e além da cortina que dividia o palco, trocaram uma rápida impressão.

— Está na hora de marcarmos uma data de lançamento. Ligue para Frank Ballard, é ele quem irá tratar de destravar os nós daqui por diante.

— Liguei... Foi uma linda apresentação, Roy.

— Obrigado. Agora tenho que me concentrar para salvar o mundo da poluição — disse em tom jocoso.

— A propósito, tenho informações sobre esse assunto.

— Teve notícias do galpão?

— A Silfos está pronta.

— Pronta como?

— Acabei de saber que o protótipo concluiu a etapa de testes.

— Excelente... É mesmo uma ótima notícia, Peterson.

— A produção em larga escala só depende de público e dinheiro.

Peterson parecia estar um pouco nervoso. Roy farejou.

— O que você ainda não me contou?

— Acho que falei o que era importante.

— Deixe que eu decida sobre isso. A propósito, quais foram os índices de absorção de dióxido de carbono?

Peterson comprimiu os lábios.

— Um pouco abaixo do que se esperava — disse, entregando a razão de sua ansiedade.

— Quanto?

— Em torno de vinte por cento.

— Vinte por cento mais baixo?

— Não, senhor O'Connell. Vinte por cento do total esperado.

— Merda!

— Lamento.

Roy cerrou os olhos e fez a mente trabalhar em ritmo acelerado.

— Quantas pessoas tiveram acesso aos resultados do medidor de CO₂?

— Apenas o responsável pela equipe de testes e eu.

— Quem te informou os resultados?

— O responsável falou diretamente comigo pelo telefone.

— Menos mal...

Roy colocou as mãos para trás e andou em meia Lua antes de encarar Peterson.

— Se um de vocês abrir a boca para mais alguém sobre isso, vou pedir a Frank Ballard que mande vocês pro inferno. Até aí estamos de acordo?

— Tem a minha palavra, senhor O’Connell.

— Agora vejamos os dados obtidos com cuidado para que possamos falar a mesma língua com toda a equipe.

— Estou com os dados na cab--.

— A primeira coisa a entender é que a máquina é uma novidade total.

— Compreendo. Se é novidade, logo, não há parâmetros para comparação.

— Isso mesmo, Peterson.

Roy gastou mais alguns segundos tomando decisões.

— Então vejamos — continuou. — Tínhamos um número hipotético que definimos baseado nos cálculos dos nossos engenheiros. Esse número — que era teórico — representava 100% do que imaginávamos poder absorver de CO2 com a máquina.

— Correto.

— Digo “representava” porque esse número, a partir de agora, é passado. Não existe mais.

— Sim, senhor.

— O que descobrimos com a avaliação final da máquina? — ele perguntou esperando que Peterson soubesse a resposta, que não veio. — Descobrimos que as variáveis que os engenheiros tanto falavam, de fato variaram bastante!

Roy sorriu. Peterson sorriu também. Estava só aguardando o momento em que o chefe transformaria o problema em algo bom. Era a mágica de Roy.

— Limpar o ar de um galpão é diferente de limpar o ar de dentro de um ginásio de esportes cheio de gente, que por sua vez é diferente de limpar o ar do centro de uma cidade grande e ainda, mais diferente do ar onde um congestionamento de carros e caminhões oferece uma visão cinzenta da realidade.

— As variáveis...

— Isso, Peterson. A conclusão a que chegamos é que os tais 20% de resultado são, na verdade, os nossos verdadeiros 100%.

— É um parâmetro mais realista, senhor O’Connell.

— É óbvio que, se a máquina pode limpar o ar até certo limite, então, que assim seja. Se as pessoas querem o ar mais limpo, então terão que comprar cinco vezes mais máquinas do que havíamos inicialmente previsto.

— Bela conta, senhor O’Connell.

Roy tocou o ombro de Peterson e se dirigiu solitário de volta à sua sala no andar sem numeração do edifício. Vinte por cento tinham acabado de virar cem por cento. O problema deixou de existir. Ao contrário, foi transformado em oportunidade de lucros maiores.

Para Roy, aquela era a informação mais extasiante da noite, maior até do que a apresentação da espaçonave Cougmann One. Saber que a Silfos tinha funcionado, e que havia conseguido cumprir seu papel — mesmo que em patamares bem inferiores ao que fora inicialmente previsto —, era o que realmente importava. A máquina era uma solução nova, os padrões de eficiência teriam que partir dela. Não existia concorrência para se fazer comparações e isso ajudaria a evitar julgamentos negativos sobre a desempenho da Silfos. Pelo menos, essa seria a explicação que ele daria à Fundação.

No caminho até a sala, Roy verificou de cabeça seus avanços. Como o mais comum dos mortais, seu desejo era acumular dinheiro em proporções ilimitadas. O dinheiro em abundância daria a Roy condições de exercer o seu grande fetiche, que era o poder. Por mais patético que pudesse parecer — e Roy não estava nem aí para isso — não havia nada além do dinheiro e do poder que ele comprava, e nada além do poder, que gerava mais dinheiro. A roda da ambição já o aprisionara.

Uma vez, ao ser entrevistado em um famoso programa de TV, o apresentador perguntou a Roy como ele lidava com o stress. Roy respondera que para ele não existia stress porque era simples: não se importava com nada. Se tivesse que demitir quinhentas pessoas na sua corporação, faria sem qualquer problema e seguiria para o almoço. Se houvesse um terremoto em algum lugar do terceiro mundo e quinhentas mil pessoas morressem, ele não perderia um segundo sentindo algo por aquelas pessoas. Ele tinha orgulho de ser forte, como um lobo. O mercado financeiro, que respirava excessos e pó, adorava aquela ladainha e esperava ansioso para o dia em que Roy abrisse o capital de suas empresas. Só não tinha feito isso ainda porque a Fundação lhe dissera que o momento certo ainda não chegara.

Ele omitiu da entrevista o fato de que nada o assustava mais do que a ideia de ser superado. Era triste admitir, mas a competição pela competição era uma de suas maiores motivações. Nos últimos tempos, entretanto, Roy andava bastante preocupado com o ar que as pessoas respiravam. Para o ser humano, nada era mais importante e imediato. O ar era mais importante do que a água e os alimentos. Mais importante do que o petróleo. Mais importante do que a Cougmann One pegando carona com a Soyuz para um passeio até a Lua.

O ar é tudo.

A simples noção de que a demanda por ar vinha de cada ser do planeta causava-lhe uma emoção que não se comparava a mais nada. O ar se tornara sua obsessão, embora para a opinião pública a sua compulsão oficial fosse chegar à Lua com seu brinquedo espacial.

Deixe que eles pensem que não passo de um exibicionista.

O seu trunfo, acreditava, estava na sua capacidade de surpreender. Com disciplina militar, Roy conseguiu gerir um projeto que pouquíssimas pessoas conheciam, poupando a Silfos de um maior escrutínio por parte da comunidade científica independente, e também de possíveis concorrentes ou sabotadores. O projeto fora compartimentalizado desde o seu início, a pedido da Fundação, o que significava que o fornecedor de parafusos ou os fornecedores de cabos elétricos não tinham a menor ideia para que finalidade seus produtos estariam sendo empregados, e muito menos da existência de um e de outro. Os engenheiros do projeto tinham funções específicas e trabalhavam em locais diferentes, sem conhecer maiores detalhes sobre a Silfos, que permanecia isolada em um galpão da Cougmann no estado de Nevada. Apenas uma parcela muito pequena de pessoas ligadas à Fundação conheciam a finalidade da máquina e o objetivo final da Silfos.

O meu dia se aproxima.

Roy desceu do elevador e passou pela secretária sem cumprimentá-la. Parou na entrada da sua sala e ergueu a cabeça até a figura de um ser indefinido que soprava nuvens em uma moldura de gesso decorativo sobre o batente da porta. Só ele sabia ser uma representação do ser mitológico Silfos. Aquele pedaço de gesso sobre a porta era um mistério até mesmo para seus funcionários. Além de cafona e completamente fora do padrão decorativo do restante do edifício, era comum ver Roy diminuir o passo e olhar para o gesso antes de prosseguir.

Depois que entrou, permaneceu um tempo de pé, em estado de graça. Seus planos avançavam como num sonho. Tudo estava funcionando. Não era perfeito, mas era o que dava para ser feito. E quando não funcionava, ele fazia funcionar.

Ar. Combinação de gases que envolvia a Terra. Símbolo sagrado. Agora, emblema máximo da ambição de Roy Charles O'Connell, que tinha a bênção da Fundação. A máquina Silfos estava pronta e Roy teria que conter seu entusiasmo e evitar passos em falso. Seguiria seu plano de ação à risca. Conforme Peterson havia comentado momentos antes, agora dependiam da opinião do público, de dinheiro e de apoio de alguns setores. O jogo se tornaria mais pesado dali para a frente.

- CAPÍTULO 28 -

TUCSON, ARIZONA

LUCAS RETORNOU COM seu Dodge Durango ao motel Super 8 Tucson, que ficava na West Grant Road, a meia hora do Miraval Resort onde conhecera o senador Ramsley, o amigo de influência que tanto pedira a Sullivan. Ao entrar no quarto de duas camas, viu que Luiza havia tirado as fotos da Lua de dentro do envelope que pertencera ao seu pai, e agora as olhava com grande intimidade. De início aquilo o incomodou, mas no momento seguinte, entendeu que Luiza estava apenas curiosa.

— Alguma queixa do nosso quarto?

— Não tenho do que reclamar, mas...

— Poderia ser melhor, eu sei. Tentei esconder o Miraval de você, mas você topou vir comigo. Aquele é o padrão senador, este aqui é padrão professor universitário. Muito fácil de entender, não?

— Sei a diferença do bolso de um e do bolso do outro.

Lucas sorriu. Ainda bem que ela sabe.

Ele deixou as chaves do carro sobre uma escrivaninha. A cidade de Tucson era bem menos fria do que Cambridge, mas fazia oito graus lá fora. O quarto estava aquecido e convidativo. Ele olhou Luiza com o canto dos olhos. Iria dividir um quarto com ela pela segunda noite consecutiva. Na noite anterior, Luiza se trancara no banheiro e quando saiu foi direto para uma das camas, se cobriu até o pescoço e disse boa noite de forma convincente o suficiente para encerrar qualquer conversa por ali mesmo.

Agora ele se aproximou e se sentou ao lado dela, que olhava uma das fotos.

— Já ouvi coisas sobre a Lua... — disse Luiza, não se mostrando incomodada com a proximidade de Lucas.

— O que, por exemplo?

O banco de surpresas de Luiza parecia cada vez maior.

— Não lembro.

— Então como se lembra de ter ouvido coisas?

Ela olhou para o alto. Buscava as palavras certas.

— Está em algum lugar da minha mente da qual não tenho acesso.

Lucas considerou que, se aquilo fosse, de fato, verdade, talvez Luiza precisasse mesmo de ajuda. Por outro lado, poderia bem ser uma mentira, e aí quem precisaria de ajuda era ele. Não pôde deixar de comparar sua relação incomum com Luiza e o passado recente onde ele tinha apenas aventuras com meninas da faculdade. Com elas, tudo era mais simples. Apenas sexo. Agora se via surpreendido a cada momento, e inseguro.

— É uma das coisas mais estranhas que já ouvi — ele falou cuidadoso.

Luiza sorriu, eu entendo.

— Vou tentar explicar — ela disse. — Lembro que já ouvi sobre a Lua em um encontro com pessoas muito importantes em Washington, mas não tenho acesso a essa parte da minha memória. Não lembro o que eu ouvi e nem quem eram as pessoas. É preciso um gatilho — um comando específico, um sinal ou uma frase — que eu não tenho a menor ideia qual seja, e que prefiro não saber.

Fizeram alguma lavagem cerebral em você, moça? Era o que ele queria perguntar, para o que ela responderia que é mais ou menos por aí, só que pior.

— Se você está dizendo... — ele se limitou a dizer, ciente da regra que ela impusera. Sem perguntas.

Luiza largou a foto sobre a cama e o olhou. Ela não estava mentindo sobre nada, de forma que gostaria que ele não perdesse a confiança.

— Espero que acredite em mim.

— Estou me esforçando, Luiza.

— Parece desconfiado.

— Não me leve a mal se em alguns momentos eu não conseguir disfarçar.

— É justo. Apenas peço que não desista.

— Como agora, por exemplo. É difícil entender sem me contar o contexto.

— Acredite em mim, mesmo que eu soe estranha.

Lucas procurou relaxar. Luiza tinha mesmo uma facilidade em persuadi-lo.

— Nossa relação, seja qual for, não é o que chamaríamos de convencional. Sei que você tem a sua história e que uma hora também irá confiar em mim.

Luiza se sentou.

— Está enganado. Eu confio em você desde que te conheci em Cambridge ou jamais estaria com você em um quarto de motel próximo ao deserto.

— Vai saber... Talvez goste de se arriscar. Sei lá, alguma fantasia sua...

— Lamento te desapontar.

— Então não é isso? Diga que não é um joguinho sexual.

— Não de minha parte. Também não estou preocupada com você. Conheço as pessoas rapidamente e em profundidade.

— Acha que me conhece? E se estiver enganada a meu respeito?

Ela se apoiou sobre um dos cotovelos. Os cabelos balançaram para o lado.

— Pago para ver — ela disse sem receio.

Lucas sentiu desejo de beijar Luiza. Ela se antecipou e se levantou.

— Se quer ficar com essa cama, por mim, tudo bem.

— Tanto faz.

— Ótimo. Fique aí mesmo.

Luiza se deitou na cama ao lado, cruzou as pernas, os braços e sorriu ao virar a cabeça em direção a Lucas. Ele entendeu o recado, esfregou o rosto e procurou “esfriar”. Tinha que se concentrar no trabalho à frente. Aproveitaria para atualizá-la.

— Temos um jantar importante esta noite, com o senador Ramsley.

— Jura?

— Será na casa de Michael Crammer.

— Só trouxe vestidos curtos!

— Esse é o seu estilo?

— Sou uma mulher feminina.

— E eu sou homem. Se você está ao meu lado, poderia ser mais discreta.

Luiza não conteve um pequeno riso. Será que ele era do tipo ciumento?

— Por quê? Pernas para fora só valem quando são das mulheres dos outros?

— Lógico!

— Então vou com o que tenho.

— Pernas para fora... — disse Lucas com um suspiro.

— Para que os outros olhem, desejem e comentem.

— Belo discurso... Ah, tem mais um detalhe. Estamos atrasados.

Lucas abriu a mala, tirou uma camisa amassada, uma gravata e começou a se trocar. Luiza colocou as fotos de volta no envelope e depois olhou para ele de soslaio. Lucas ainda resmungava. Ela não escutou as palavras, mas juraria que era sobre a sua roupa. Achou graça. Ele notou que era observado e sorriu.

— Se todos os problemas do mundo se resumissem a vestidos curtos...

Depois fechou o rosto novamente.

— O que está te perturbando, Lucas? Sei que não são as minhas pernas.

— Não tenha tanta certeza...

Lucas virou para Luiza enquanto dava o nó na gravata.

— Antes de meu pai desaparecer, minha mãe disse que ele parecia bastante ansioso e preocupado conosco.

— Por que se lembrou disso agora?

Luiza pegou um vestido da mala.

— Porque eu venho me sentindo assim ultimamente. Super ansioso.

— Assumo minha parcela de culpa por ter entrado na sua vida neste momento.

Lucas sorriu, amável, e balançou a cabeça, tratando de tirar qualquer peso da consciência de Luiza. Na verdade, ela estava sendo uma presença motivadora.

— Talvez seja uma busca...

— E não é bom ter algo a se buscar?

— Pode ter um significado mais importante, apenas não sei o que é.

— Não está sentindo falta de seus alunos?

— Não abandonei ninguém, Luiza. Estou fazendo o que acho que é certo, procurando o meu caminho. Também não tive muita escolha, estou de licença forçada.

— Então esqueça tudo e se concentre no que o seu coração pede.

— Não é tão simples assim.

Luiza encolheu os ombros e sorriu.

— Tem sido, desde que te conheci. Quer ir para a Lua. Viaja com uma estranha... Coisas desse tipo.

— Verdade. Tenho mesmo seguido meu coração. O cérebro não permitiria tanta burrice junta!

— Tente apenas não confundir busca com egoísmo.

— Você é uma garota inteligente.

Não sou garota desde os cinco anos de idade, Luiza queria poder ter dito. Um dia ainda contaria a ele toda a verdade.

— Não posso abrir mão disso. Preciso sobreviver.

Lucas terminou de arrumar o nó.

— OK, espertalhona. Está pronta?

Luiza esticou o vestido curto para que Lucas a olhasse.

— O que acha?

— Desde quando me pergunta alguma coisa? Acho que está curto.

— Então estou pronta. Faço minha maquiagem no carro.

— Tem certeza? Te dou cinco minutos se precisar.

— Não precisa. Vamos?

SCOTTSDALE, ARIZONA

ANTES, POR VINTE minutos da manhã diante do seu notebook, Lucas tentou encontrar informações sobre Michael Crammer, a quem havia vendido ao senador Ramsley como um aventureiro, uma espécie de

aviador excêntrico. Com facilidade, descobriu o nome do francês Jean Pilâtre de Rozier, primeira pessoa a voar em um balão, em 1783. Em 1852, outro francês, Henri Giffard, voou no primeiro dirigível. Alberto Santos-Dumont, o brasileiro que realizou o primeiro voo com uma máquina mais pesada que o ar no Campo de Bagatelle, em Paris, 1906. Havia a primeira mulher piloto. O primeiro avião a decolar sobre a água. O primeiro combate aéreo. O primeiro piloto negro. O primeiro voo transatlântico. Voo ao redor do mundo. Voo polar. Voo por instrumento. Voo direto Paris-Nova Iorque. Voo supersônico. Helicóptero. Mais rápido que o som. Movido a energia solar. Ao redor do mundo sem abastecimento...

Em se tratando de Michael Crammer, natural do Texas, radicado no Arizona, não havia absolutamente nenhuma referência. Aliás, uma. Ele havia sido preso uma vez quando jogava pôquer com algumas pessoas ilustres, entre as quais aquela que havia motivado a busca policial em sua residência: um certo El Pepe Steward, cuja empresa se chamava Muerte Débitos. Crammer fora solto na mesma noite. Notícias sobre aviação, nenhuma que pudesse ser verificada.

Lucas pegou a North Casa Grande Highway e seguiu viagem pela I-10. Era um trajeto de pelo menos duas horas e meia até a residência de Michael Crammer, em Scottsdale, uma região sofisticada e que favorecia vários estilos de vida a pessoas com dinheiro. Crammer escolhera morar ali a pedido da mulher Suzanne. Ela adorava compras e festas, exatamente o que a comunidade local oferecia. A região também era conhecida pelas noites de céu claro e altamente estreladas, o que vinha a calhar com o interesse de Suzanne por misticismos variados.

Em Happy Valley Road, Lucas e Luiza localizaram a propriedade de Crammer. O Dodge Durango diminuiu e eles pararam diante de um portão eletrônico com pelo menos três câmeras de monitoramento apontadas para o visitante. Quando o portão se abriu, seguiram por um trajeto curvilíneo rodeado por árvores citros e enormes palmeiras, até alcançarem a entrada da mansão de dois mil metros quadrados de área construída. Perceberam que o Bentley de Ramsley tinha acabado de estacionar. Viram o senador acompanhado de uma mulher e se apressaram em alcançá-los. Estacionaram logo e caminharam juntos até a porta de entrada da mansão.

Não importava que Crammer morasse no Arizona, porque abriu a porta trajado de texano, das botas ao chapéu. Talvez até tomasse banho com aquela indumentária. A esposa Suzanne veio logo atrás. Um mulherão de cabelos longos loiros e penteados para trás, saída diretamente dos anos 1960. Quando sorriu, era o rosto todo que sorria. Ela usava um vestido longo vermelho que combinava com as enormes unhas vermelhas — que contrastava em muito com a informalidade de Crammer. Na roupa pelo menos, o casal não mostrava muita sintonia.

— Olá, todos! — berrou Crammer com forte sotaque texano, que parecia fazer questão de evidenciar.

— Senador, este é Michael Crammer — introduziu Lucas, como se o senador já não soubesse.

— O próximo grande americano a nos dar orgulho, suponho — disse Ramsley em tom levemente irônico. Não dava para não ser. Crammer era um novo rico de aparência extravagante, um prato cheio para a gente sofisticada de Washington.

— Se Deus quiser, senador. É uma honra recebê-lo em minha residência!

— Como vão vocês? Que bela esposa, senador — disse Suzanne.

— Essa é na verdade Clarissa, minha secretária — corrigiu Ramsley, educado.

— Melhor ainda! — sorriu Suzanne, virando-se para Lucas e Luiza e notando o vestido curto dela — Nem tentarei adivinhar quem você é.

— É uma aluna minha.

Suzanne sorriu, como quem queria dizer que estava “entendendo”.

— Que interessante... Entrem, por favor!

Cerca de quinze minutos depois, alguns drinques já haviam sido servidos e o ambiente era bem descontraído, com o jeito dos donos da casa. A formalidade de Suzanne não havia resistido a cinco minutos e todos perceberam que ela era tão desvairada quanto Crammer, e surpreendentemente simpática.

Então seguiram todos para a sala de jantar aonde o mogno ia do piso até o teto. Os saltos pesados dos sapatos de Suzanne pareciam martelos batendo no chão quando ela trouxe o prato de frango frito, sua especialidade.

— Esse frango é muito, muito apimentado. Como o meu Michael gosta! — disse Suzanne jogando um olhar sexy para o marido.

Ramsley e Lucas se olharam. Crammer riu alto.

— Essa é a minha copiloto! Forte, não é? — comentou Crammer orgulhoso da mulher.

Ramsley experimentou o frango. Estava apimentado além do razoável.

— Forte como Suzanne... — disse o senador, indo para um gole de água.

O ambiente do jantar foi leve e girou ao redor de amenidades e piadas. Crammer e Suzanne nem pareciam estar recepcionando um senador que acabavam de conhecer. No julgamento de Lucas, aquela quebra de formalidade estava sendo produtiva. Crammer se comportou da forma como ele tinha antecipado a Ramsley, como uma pessoa extravagante e apaixonado pelo que fazia, e a mulher também não deixava por menos. Luiza e Clarissa conversaram muito, por iniciativa de Clarissa, que não era tão cuidadosa com o que dizia, mas deixou Luiza a par da história de vida do senador e de sua perda recente.

Após o jantar, o grupo se reuniu no extenso terraço da casa. Três duplas se formaram. Luiza e Clarissa continuaram a conversar sobre a vida do senador em um canto. Ramsley e Crammer falavam mais baixo na extremidade oposta do terraço. Lucas observava a fluidez das conversas, quando Suzanne se aproximou com uma bandeja e recolheu o copo vazio que o professor segurava. Viu que Lucas olhava para o marido dela e decidiu compartilhar uma indiscrição.

— Quando Michael e eu nos conhecemos ele costumava me levar para longos passeios em sua Harley... O barulho do motor nos excitava — disse Suzanne sem pudor.

— Alguns brinquedos têm mesmo esse poder.

— Ah, se têm... Com os anos ele começou a se apaixonar por outras máquinas — maiores, mais barulhentas. Os destinos ficaram mais distantes e os sonhos foram acompanhando. Parece que chegou a vez da Lua.

— Estou torcendo por ele.

— Incrível o poder dessas máquinas sobre as pessoas. A combustão explosiva, as vibrações... Te afeta a cabeça, o corpo, a alma... — continuou descrevendo Suzanne. — É algo transcendente!

— Já ouvi falar sobre essas coisas.

— Sei do que estou falando, sou uma astróloga!

— Agora entendo sua participação na aventura de Crammer. Uma astróloga que quer visitar as estrelas.

— Perfeito, não?

Suzanne se aproximou do rosto de Lucas.

— Sabia que os diretores da NASA usam astrologia para determinar dia e hora de lançamento dos foguetes e naves?

— Não brinca.

— Seríssimo! Não há lançamento sem consulta astrológica.

— Pensei que quem determinasse isso fosse o clima.

— Negativo. O clima é apenas um dos fatores.

— Se está dizendo...

— Será um prazer te explicar isso a qualquer hora. Vai se surpreender.

— Então está combinado. Surpreenda-me.

Suzanne voltou com os copos vazios para a cozinha. Lucas estava mesmo é interessado na conversa que Ramsley e Crammer estavam tendo. Caminhou até eles e teve a sensação de que chegara no momento certo.

— Diga, Crammer... Qual o problema? — disse o senador.

— Estou pronto para voar. Certo, senador?

— Foi o que me disseram.

— E está correto. Mas aí um sujeito chamado Frank Ballard, que é um tremendo de um intermediário filho de uma égua, me pede para preparar um maldito relatório de impacto ambiental para ser encaminhado sei lá para quem, de maneira que eu possa voar sobre o Lago Pirâmide, que fica na reserva da tribo Paiute, onde o plano de voo prevê que passemos por um breve período, o que eu fiz no ato.

— O que é que tem na reserva? — perguntou Ramsley, estranhando o pedido.

Crammer deu de ombros. Não fazia a menor ideia, também.

— Sei lá, senador. Montes de tufa, formigas... Enfim, nos encontramos de novo, eu e esse calhorda do Frank Ballard, que me informou que poderia levar mais dozes meses para os índios darem a autorização que preciso! Pode acreditar numa porcaria dessas?

— Sei...

— Tinha de tudo o que o senhor consiga imaginar — questões de segurança, minha e dos outros, responsabilidades financeiras, licença para operar no local de decolagem da Crammer Jet, meus níveis de colesterol, o senhor não faz ideia!

— Mas isso é ridículo.

— Põe ridículo nisso, senador.

— Tenho que admitir que você tem sido muito persistente.

— Em minha opinião, há muita falação, muita propina e pouco resultado!

Ramsley limpou a garganta.

— Entendo.

— Talvez você devesse escutar um pouco mais — disse Lucas, entrando na conversa antes que Crammer cruzasse alguma fronteira.

— O diabo está nos detalhes e não há como fugir dele — explicou o senador.

Crammer olhou para o alto e coçou a fronte. Seu corpo fazia curtos movimentos laterais, como se fosse um enorme sacrifício deixar de falar.

— Não sou muito de escutar... Talvez já tenham percebido.

— Percebemos.

— Simplesmente, não gosto.

Lucas e Ramsley se olharam preocupados.

— É... Definitivamente não consigo ficar sem falar — assegurou Crammer.

Que idiota! Pensou Ramsley, que parecia pasmo. Ele respirou fundo e tocou amigavelmente o ombro de Crammer.

— Michael, gosto da ideia de que americanos livres persigam seus sonhos. Gosto da ideia de que possamos fazer isso com a menor interferência possível dos governos.

— Obrigado, senador, é que--

— Deixe que *eu* cuide das conversas daqui para frente — falou o senador de maneira um pouco autoritária. Crammer pareceu concordar. Pelo menos, havia se calado.

Ramsley olhou Clarissa e sinalizou que era hora de ir embora. Ela pegaria o primeiro voo pela manhã. O senador ainda ficaria uns dias na região.

- CAPÍTULO 29 -

BOSTON, MASSACHUSETTS

ROY ACOMPANHOU A chegada de Frank Ballard através da fumaça do seu charuto, que dava um aspecto tenebroso ao espaço entre o corredor e a parte envidraçada da parede da sala. Frank, o amigo das forças especiais, mancava um pouco. Isso trazia certo conforto a Roy, que receava estar perdendo a forma mais rápido que seus antigos parceiros. Este, na verdade, era um dos hábitos do lobo, identificar problemas e fraquezas nos outros. E como se sentia um pouco melhor quando fazia isso, não tirou os olhos de cima de Frank.

Os charutos, que no início eram apreciados apenas em ocasiões especiais e acompanhados de uma boa bebida, hoje tinham mais a ver com ritual e imagem do que vontade propriamente de fumá-los. Afetava seu estômago e dava-lhe dores de cabeça frequentes. Os Romeo y Julieta Churchill costumavam ter um sabor suave e sofisticado. Agora eram acesos quando Roy precisava lembrar seu interlocutor sobre seu poder e agressividade. Frank Ballard era um amigo, mas no fundo estava mais para competidor.

Frank entrou na sala acompanhado por Peterson. Roy o cumprimentou, trouxe o Churchill e pousou os cotovelos sobre a mesa.

— Temos que lidar com a reserva indígena antes de definirmos uma data de lançamento para o Cougmann One — adiantou-se Frank.

— Lidar como? Não entendi.

— Eles querem mais garantias.

— Do quê? Já não contribuímos o suficiente?

— Querem garantias efetivas de que a Cougmann One não causará danos ambientais à reserva.

— Garantias efetivas... Quem pode garantir o que é efetivo em se tratando de viagens espaciais? Querem que eu garanta que não vamos derrubar a Cougmann One na cabeça deles? Se é isso, farei um relatório de 200 páginas dizendo o que for necessário para que eles considerem uma garantia como sendo efetivamente “efetiva”!

— Não é uma má ideia.

Roy virou os olhos. Frank estava por demais abusado.

— Não podemos mudar o local de decolagem? Um lugar que não tenha uma reserva indígena por perto?

— Poder você pode, Roy, mas mudar os planos a essa altura vai te custar tempo e dinheiro. A última coisa que você vai querer é ter que negociar novos padrões de voos com as autoridades e fazer a mudança da plataforma de lançamento.

— Nem pensar, Frank — Roy disse convicto, e depois olhou para Peterson. — Enquanto perdemos tempo com isso, ouvi dizer que temos um competidor tirando a cabeça para fora d’água. Fala para ele, Peterson.

— O texano que trabalha no Arizona.

— Michael Crammer? O que tem ele?

— Está tão pronto quanto nós — explicou Peterson, devolvendo o olhar para Frank e, junto com o

olhar, a responsabilidade pelo assunto.

— Não acho que você tenha que se preocupar tanto com ele.

— Michael Crammer é um aventureiro, não é mesmo, Frank?

— Roy, o Crammer é meu cliente também. Está contando comigo para guiá-lo através da papelada. Ele não faz nada sozinho, é bastante atrapalhado em assuntos de negócios e eu ouvi dizer que está bastante endividado. Sinceramente? Não acho que ele conseguirá ter tudo pronto para marcar uma data de decolagem antes de você.

— Por que acha isso?

— Por que o idiota confia em mim para resolver essas coisas.

— E o que fará a respeito, Frank?

— Eu o atrasarei.

Roy tragou e em seguida matou o charuto. A fumaça estava intolerável.

— O negócio é o seguinte... Estamos no olho do furacão — disse Roy.

— Acompanhei a apresentação da Cougmann One pela TV.

Roy assentiu. Era sobre isso que iriam falar.

— A opinião pública está nos acompanhando de perto, claro que entusiasmada com o projeto. Se partirmos para a Lua após Crammer, isso nos causará mais danos do que se desistíssemos da ideia. Preciso ser o pioneiro, estourar champanhe com meus amigos da TV e partir para outros voos mais ousados aqui mesmo na Terra. A Silfos está pronta, Frank. Já é bastante difícil chamar a atenção para aventuras espaciais nos dias de hoje, ainda mais se estivermos repetindo algo que já foi feito antes por outra pessoa. Ser o segundo será o mesmo que não ter ido. Consegue entender, não?

MAIS TARDE, ROY e Frank seguiram em outra direção dentro da Cougmann Corporation, até chegarem a um jardim interno, onde caminharam sobre uma passagem de pedra que levava até uma réplica estilizada da Soyuz. Ou, como preferia Roy, da Cougmann One. O assunto era o mesmo.

— Esse atraso está me custando uma pequena fortuna! — esbravejou Roy ao velho companheiro. Falavam sozinhos, com mais intimidade.

— Ei, não olhe para mim. É o chefe Paiute que está de olho no seu dinheiro!

Frank se referia ao mesmo chefe indígena que estava atrapalhando Crammer.

— É o chefe nativo mais ganancioso que eu conheci na minha vida!

Frank percebeu a vulnerabilidade de Roy, o que era raro. Ele estava ansioso, havia o projeto Silfos, que dependia de uma boa exposição na mídia da Cougmann One. O sucesso dessa empreitada alavancaria a reputação de Roy e o ajudaria a vender a ideia de fabricar máquinas Silfos em larga escala. A Fundação cobrar-lhe-ia. Ele não poderia lançar a Cougmann One depois de Crammer ou perderia o impacto esperado.

— Veja Roy, o chefe da tribo me disse que eles estão dispostos a assinar a autorização.

— Não me diga. E o que estão esperando, diabos?!

— Pague a eles, Roy.

— Já contribuimos mais de uma vez. Está sugerindo que eu lhes dê mais?

Roy não era bobo. Sabia que o amigo Frank era, entre outras coisas, um picareta, e que era bem possível que fosse o próprio Frank quem estivesse tentando arrancar mais dinheiro dele. Frank fazia isso aos poucos, como era de seu costume, mas no final sempre resolvia os problemas, por isso Roy fingia não enxergar a traição.

— Liquide com a questão de uma vez por todas — insistiu Frank.

Roy suspirou, conformado.

— E liquidar a questão custará quanto?

- Acho que duzentos e cinquenta mil dólares vai tornar o chefe menos amargo.
- E depois disso, Frank? — Vai me tirar mais dinheiro?
- Acho que você deveria visitar os Paiutes, fazer amizade, participar da dança fantasma deles...
- Eu pagarei, Frank. Mas dançar com eles, eu não danço!

- CAPÍTULO 30 -

TUCSON, ARIZONA

NOS VÁRIOS DIAS em que o senador Ramsley ficou hospedado no Miraval foi quase impossível não se lembrar de Linda de forma recorrente. Quantas vezes haviam viajado juntos a lugares especiais, como aquele. Ele olhava as opções de atividades do resort e tentava adivinhar o que a mulher faria. O aperto no peito surgia a cada leitura. Será que ela ainda teria energia para tentar escalar uma parede? Teria paciência para brincar com barro? Talvez preferisse fazer uma sessão de astrologia pessoal e depois apreciar uma aula de culinária com o *chef*. Estava sendo um fardo estar ali sem Linda, mas era bem melhor do que ficar na mansão em Washington vendo Valentino fingir que tudo seria como antes.

Ramsley tomava o quinto cafezinho do dia quando a recepcionista o chamou e disse que Mabus queria vê-lo na suíte. Ele foi apressado. Aquela seria apenas a segunda vez que veria o centenário no Miraval. O ancião já o esperava de porta aberta vestido com o *robe de chambre* do Spa. Ramsley entrou e o amigo apontou para um jogo de poltronas com uma mesa de centro repleta de chás ervais, frutas e biscoitos leves. Indicou, inclusive, em qual poltrona deveria se sentar. E assim fizeram. Mabus então girou o tronco e apanhou uma pasta sobre uma mesinha lateral, que entregou a Ramsley.

Limpou a garganta antes de falar. Como sempre, Mabus foi direto.

— Frank Ballard se vende como uma espécie de ponte entre autoridades do governo e empreendedores. Um especialista em questões de regulamentação e autorizações, mas ele não é nada disso. Ao mesmo tempo, é muito mais do que isso.

Mabus, o computador *mainframe*, havia trabalhado nos últimos dias depois que Ramsley telefonou para sua suíte e lhe passou o nome de Frank Ballard.

— O que ele é, um consultor? — perguntou Ramsley.

— Não exatamente, embora se ache a pessoa mais esperta que existe.

— Que sujeito interessante...

— Mas tem suas fraquezas.

Mabus silenciou. Ramsley entendeu que deveria abrir a pasta. O que ele encontrou foram fotografias de Frank Ballard tendo relações íntimas com uma mulher. Ela estava amarrada com as mãos para trás e tinha uma venda nos olhos. Estava sobre o seu colo, fazendo sexo em uma cadeira. A expressão nos lábios e dentes da mulher dava a certeza de que ela não estava tendo prazer. Frank, de alguma forma, estava. O senador julgou que deveria haver uma razão para Mabus lhe mostrar aquelas fotos e fez uma cara de nojo.

— Coisa de mau gosto. Precisamos de um sujeito como ele nos assessorando?

— Normalmente, sim. A burocracia, você sabe, tem o seu próprio mercado.

— Por que não lidamos diretamente com as autoridades?

— Talvez não seja necessário, mas Frank Ballard é um homem influente na arte de atrapalhar.

— E um grande de um sacana também — disse Ramsley olhando para outra foto do mesmo encontro, e que tinha o mesmo teor de sadismo.

— Em Washington ele é um dos principais fornecedores de prazeres indescritíveis a pessoas muito

importantes. A chantagem é uma de suas principais fontes de renda. Frank se aproximou das pessoas certas e armou seu ato. Fotografou cada uma delas. Ele as usa sempre que a oportunidade aparece.

— Gozado, nunca ouvi falar especificamente dele.

— Você foi bem casado com Linda. Foi um homem de princípios.

— Verdade... O que sugere?

— Devem dizer a Frank Ballard que não precisam mais dele. Fazê-lo entender que podem seguir seu próprio caminho sem qualquer interferência.

— Então, é por aí?

— Ah, sim.

— Vamos chantageá-lo?

— Sem dúvida, Ramsley.

O senador torceu a boca. Aquele não era seu estilo. Mabus esclareceu.

— Temos que jogar duro. Frank só entende um tipo de linguagem. A que ele próprio usa contra todos.

— Entendo.

— Agora vamos à parte que lhe interessa.

Mabus pegou um biscoito e o mastigou, lento. Com o queixo, apontou novamente para a pasta e esperou até que Ramsley retirasse as folhas que estavam abaixo das fotografias. Ele examinou os documentos.

— Minhas fontes me dizem que Frank está tirando dinheiro de Roy O'Connell. Sua história diz que um chefe Paiute, supostamente ganancioso, pede dinheiro para autorizá-los a sobrevoarem a tribo durante o lançamento da Cougmann One.

Mabus disse isso e teve que fazer uma pausa para respirar.

— Então o vilão é o tal nativo da tribo Paiute?

— Apostaria que os Paiutes nem mesmo conhecem Ballard — disse Mabus, confirmando a impressão inicial de Ramsley.

— E por que Roy não tentou verificar direto com os Paiutes?

— Foi o que eu me perguntei também... Acontece que Roy criou para si uma reputação de esnobe arrogante. Ele raramente verifica seus negócios *in loco*. Anda ganhando tanto dinheiro que prefere deixar as miudezas para os outros cuidarem. É onde o diabo gosta de trabalhar. Roy O'Connell está sendo roubado como nunca.

Ramsley ainda se impressionava com o centenário. Sempre preciso.

— Será que esse Roy é tão idiota assim?

— Negligente, talvez. Está envolvido com a Fundação.

Ramsley deu de ombros. Já tinha ouvido falar de tantas fundações e organizações envolvidas com política que não lhe ocorrera nenhuma delas em especial.

— A Fundação está em todos os lugares da iniciativa privada e do governo. Francamente, é difícil dizer onde termina um e começa o outro — explicou o ancião.

— Vou verificar.

— Não... Não deve bater de frente com Roy em nenhuma hipótese.

— Alguma razão? Prefiro cortar o mal pela raiz, Mabus.

— A Fundação não deve ser confrontada e eu desconfio que as empresas de Roy estejam sob o guarda-chuva deles.

— A propósito, de qual fundação está falando?

— É um grande grupo de interesses, uma combinação de sociedades, templos, finanças e sedes *offshores* com negócios legítimos por todo o ocidente — disse Mabus de forma a colocar um ponto final no assunto Fundação. — Também suspeito que algo maior esteja acontecendo.

— Por quê?

— É como se Roy estivesse com a mente em outro lugar.

— Mas ele está indo para a Lua, o que pode haver de mais interessante?

— A Lua não trará dinheiro a ele, isto é certo.

— Mas ele diz que a Lua é uma mina de ouro...

— Talvez seja apenas a história que ele conta. Tenho a impressão de que a viagem à Lua é apenas uma distração que esconde um negócio mais importante. É a única explicação que encontro para ele andar tão distraído com o projeto.

Ramsley concordou. Parecia lógico.

— Então, o negócio é tirar Frank Ballard do caminho e esquecer o resto.

— Isso, Ramsley. Você, vá em frente... Te protegerei caso Frank não aceite bem sua interferência em seus negócios.

Ramsley mordeu os lábios e considerou a orientação de Mabus. O nível de risco estava crescendo além do esperado, em especial para alguém prestes a se aposentar do senado, mas reconhecia que a adrenalina funcionava como um ótimo passatempo. Era bom ter a mente ocupada e tentar não se lembrar de Linda. Além do mais, Mabus não estava apenas dando garantias de proteção a Ramsley. Estava garantindo proteção ao filho Lucas.

Ramsley apontou para o chá e serviu ambos.

— Mabus, há uma mulher que acompanha o professor.

— O que tem ela?

— Seu nome é Luiza Eustace Palmer.

Mabus alterou a sua, até então, inabalável face serena.

— Eustace Palmer você disse?

Ramsley ergueu os olhos na direção do ancião. Quase derrubou o chá.

— Sim.

— Acho que a conheço.

Mabus não devia ser mesmo desse mundo.

— Filha de um ex-diplomata, Jonathan Eustace Palmer.

— Como pode conhecê-la, Mabus?

— É simples. O pai dela foi da comunidade de inteligência.

Ramsley compreendeu porque Luiza tinha sido tão rápida em pedir um favor a ele quando soube que o senador tinha contatos com alguém do setor de inteligência. Só não sabia ainda o que Luiza tinha em comum com o professor.

— Luiza me pediu para dizer que ela havia *sobrevivido a um jogo muito perigoso*.

— Um jogo muito perigoso... — repetiu Mabus com desgosto.

— Disse que precisava de ajuda psicológica. Não me deu detalhes.

— Como ela está? — perguntou Mabus, soando quase paternal.

— Parece bem. É uma mulher inteligente.

— Está lúcida?

Ramsley estava surpreso com a reação do centenário. Ele parecia se importar.

— Que eu pude perceber, sim. Está em ótima forma.

— Incrível... Sabe dizer se ela conhece Frank Ballard?

— Não faço ideia.

Mabus deu um gole em seu chá e olhou direto aos olhos de Ramsley.

— Essa moça é uma sobrevivente... Cuide bem dela!

— Não se preocupe. Mas o que digo a ela?

— Não sei quem poderia ajudá-la nos dias de hoje.

— Mabus, meu amigo, poderia ser mais claro?

— Luiza fez parte de um projeto muito sujo chamado Monarca. Pessoas como ela estão emergindo das profundezas de nossas instituições. Ainda ouviremos falar de gente como ela.

Ramsley já tinha ouvido falar daquele experimento de origem nazista.

— Do que, exatamente, ela precisa?

— Ela precisa de alguém para desprogramá-la.

— Um psiquiatra?

— Não é bem assim...

Mabus ficou em silêncio por alguns instantes. Era claro que tentava recordar coisas do seu passado secular. Encontrou.

— Luiza foi oferecida pelo pai, Jonathan Eustace Palmer, que na época era embaixador, para fazer parte de um experimento de controle e programação mental, que usava métodos de tortura bastante violentos. O condicionamento se dava através de traumas. Pessoas como ela sofreram os piores abusos imagináveis. Não tenho, eu próprio, conhecimento de nenhuma outra moça como ela que tenha passado dos quarenta anos de idade com vida saudável. Sua área era o sexo. Havia outras formas de utilizar essas pessoas, mas a dela era a mais desafiadora para o corpo e para a mente.

— Ela por certo já passou dos 40.

— Então é um milagre... Talvez tenha se regenerado sozinha.

— Ela pediu ajuda, Mabus.

— A mente de pessoas como ela é, digamos, dividida em várias partes... Cada uma delas é acessada através de choques elétricos, comandos verbais ou visuais específicos. Se ela está livre hoje, como me informa, seu único risco talvez seja alguém a reconhecer e disparar um gatilho que acesse algum desses compartimentos mentais. É como um candidato manchiuriano, só que para valer.

Ramsley estava abismado.

— Nunca imaginei que isso pudesse de fato existir.

— A ilusão é bem simples: misture algo real, que você não quer que as pessoas comuns compreendam, e coloque-os no mesmo saco onde está Drácula, Peter Pan e Papai Noel.

— Na ficção.

— No campo da ficção, isso. Transforme algo real em fantasia. Misture realidade com irreabilidade. Confunda. Ridicularize. Assuste. Teorize além do razoável. Desgaste o tema. Transforme leigos em especialistas renomados e os coloque na televisão dando opiniões. Especule até que o assunto perca interesse...

Mabus prosseguiu após um gole de chá e uma pausa para respirar.

— Depois que a população cansa de ver a mesma informação repetida nos meios de comunicação, está consumada a mágica. O problema jamais voltará a ser considerado como algo do mundo real.

— Como se arruma dinheiro para tudo isso?

— O dinheiro que nós, da inteligência, gastamos investindo em filmes é praticamente um troco se comparado com nossos gastos militares. Nunca faltará dinheiro para o cinema, e nunca faltarão espectadores.

— Meu bom senso me diz que Luiza não deveria existir.

— Mas existe. Muitas das prostitutas que acompanham alguns de seus colegas em Washington não são de fato prostitutas. São escravas, possuem donos e trabalham como pombos correio levando e trazendo mensagens sigilosas entre corporações e chefes de estado. No final do dia, quem levaria a sério uma garota de programas que dissesse estar sob controle mental de uma agência de inteligência?

— Ninguém.

— Eis o truque.

— Mabus... Mas afinal, o que Frank Ballard tem a ver com Luiza?

— Espero que nada.

— Mas você levantou a hipótese, ou estou enganado?

— Frank é conhecido por ser o operador de algumas dessas moças.

— Que calhorda!

— Fique atento, Ramsley. Frank e Luiza não devem se encontrar. Se ele a reconhecer, pode disparar um comando que a fará refém dele, de novo. Como nos filmes, Ramsley. Mas lembre-se: a moça e sua programação mental são tão reais quanto você e eu.

— No que devo prestar atenção?

— Tenha uma boa conversa com Frank e não o deixe chegar perto de Luiza.

- CAPÍTULO 31 -

BOSTON, MASSACHUSETTS

RAMSLEY TINHA UMA grande jornada de carro na volta. A perspectiva de outra semana inteira na estrada, desta vez, não pareceu tão empolgante. Aproveitou para digerir as informações sobre Frank Ballard que Mabus havia incluído na pasta. Segundo um relatório, Frank era casado há trinta e dois anos com Anita Ballard. Tinha duas filhas, uma de dezenove e outra com vinte e dois anos. Não conteve o sorriso ao ler que Frank frequentava uma igreja metodista em Boston. Ele ia lá todos os domingos com a esposa e as filhas.

Filho da mãe...

Outro detalhe era que Frank jamais trazia assuntos de negócio para casa. O relatório tinha uma marca de caneta contornando a palavra IGREJA e, como não havia mais detalhes, ficou decidido que seria lá o local de um provável encontro com Frank. Ficava claro que as filhas eram a única coisa com que Frank se importava na vida. Escondia seu verdadeiro trabalho da família.

Faltando mais ou menos um dia para chegar a Boston, Ramsley telefonou para o professor. Lucas voltara dias antes com Luiza, fizera uma cópia da chave do apartamento e entregara a ela com o pedido para que aparecesse quando quisesse.

Ramsley e Lucas acertaram os detalhes do encontro.

— Tem certeza, senador? — A ideia de chantagear alguém da laia de Frank Ballard nunca lhe ocorrera. Lucas era da paz.

— Tenho.

Estava decidido que Michael Crammer não seria informado sobre o que planejavam fazer com Frank. Temiam que o falastrão texano arruinasse a negociação que estava por acontecer. Combinaram que Lucas encontraria o senador na porta da igreja em Boston, faltando quinze minutos para o início da cerimônia dominical, que se iniciava às dez da manhã. Na verdade, não havia nenhuma confirmação de que Frank estaria lá naquela manhã, mas como sempre fazia, Ramsley confiaria nas informações de Mabus.

Pontualmente, às 9h45 Lucas viu o Bentley do senador estacionar em frente ao número 131 da Cambridge Street, onde ficava a igreja construída no século XIX. Lucas se aproximou, Ramsley entregou-lhe o envelope com as fotos de Frank, conforme haviam conversado. Seguiu em frente com o Bentley. Deu a volta e estacionou do outro lado da avenida, em uma vaga próxima à livraria da Universidade de Suffolk, que ficava na frente da Old West Church.

Ramsley atravessou a Cambridge Street. Subiram juntos os degraus que conduziam à porta principal da igreja. Entraram e seguiram por corredores diferentes. Em um deles, Lucas localizou Frank, de joelhos rezando ao lado da mulher e das duas filhas.

Sorte, pensou Lucas. Mabus, pensou Ramsley.

Lucas olhou para Ramsley e indicou com os olhos onde estava Frank. Ramsley seguiu pelo corredor lateral e encontrou um local para se sentar na extremidade da fileira. Lucas respirou fundo, sentindo o coração acelerar como um peixe fora d'água. Chantagear alguém, especialmente um sujeito violento e habituado a situações de combate, estava longe de ser o que ele fazia no dia a dia. Ou sequer sonhasse em

fazer.

Aqui vamos nós...

Lucas caminhou até o assento vago ao lado de Frank e se ajoelhou. Havia muitos lugares vazios. Claro que Frank Ballard estranhou a proximidade do sujeito de blazer com cotoveleiras, por demais próximo. Foi inevitável virar o pescoço e saber o que se passava.

— Posso te ajudar? — sussurrou Frank num tom como se dissesse “procure outro lugar para sentar”. Lucas queria, de fato, começar a rezar ali mesmo, mas olhou para frente. Controlou-se e esperou certo tempo antes de falar.

— Eu rezo para que você de verdade possa me ajudar — disse Lucas, por fim, girando a cabeça em direção a Frank. Então, movimentou o corpo para trás permitindo que Frank pudesse ver a figura do senador Ramsley, que o olhava com cara de buldogue na extremidade da fileira. Comprimiu os olhos, não demorou muito para reconhecê-lo. Demorou menos ainda para deduzir que o estranho ao seu lado e o senador estavam juntos. Por que ou para que, ainda não fazia a menor ideia.

— Aquele é o senador Ramsley? — perguntou Frank, já sabendo que era.

— Pode apostar. Imagine só... O homem acabou de perder a mulher. Está cheio de rancores. Pensei que seria uma boa ideia trazê-lo à igreja.

Ao lado de Frank, a esposa fiel o recriminava com o olhar. Igreja não era local para conversas paralelas. Frank então fechou os olhos e voltou a rezar. Lucas aproveitou, inclinando-se para o lado quase tocando ombros com Frank, bem próximo ao ouvido dele.

— Em nome da Crammer Enterprises, gostaríamos — o senador Ramsley e eu -que nos fizesse um favor.

Frank abriu os olhos. Enfurecido. Aquele não era o lugar onde ele pretendesse tratar de negócios, muito menos com a esposa e as filhas por perto. E menos ainda com quem ainda não havia sido apresentado. Quando se virou para dizer umas boas a Lucas, recebeu dele um envelope. Frank Ballard não sabia ainda, mas o conteúdo não condizia com a versão de homem religioso que mantinha para a família e amigos próximos.

— Garoto levado... — sussurrou Lucas, levantando-se e saindo de fininho. O pastor ajeitava o microfone e falava em breve.

Frank viu que o senador se levantara ao mesmo tempo que Lucas. Viu, preocupado, quando a mulher o olhou muito curiosa. O marido segurava um envelope que acabara de receber das mãos do estranho. Frank antevia um segundo sermão na manhã, quando chegasse em casa.

— Tenho que sair um momento — ele disse à mulher, logo se dirigindo para fora da igreja.

Frank viu que os dois ainda estavam dentro da igreja. Ele acelerou o passo pelo corredor escolhido por Lucas, o central. O senador seguiu no corredor da extremidade.

— Ei, você! — gritou Frank, mais em tom de ordem do que de pedido.

Lucas continuou andando como se nada de anormal estivesse acontecendo, e só parou ao passar pela porta de saída. Então, virou-se para trás. Frank se aproximou ligeiro, já abrindo o envelope. O chantagista queria saber do que se tratava e acabar o mais rápido possível com o inconveniente. Ao olhar o conteúdo, entendeu que o assunto era grave, e em seguida olhou para trás, preocupado com a mulher.

— Que brincadeira é essa? — bufou Frank Ballard.

Lucas queria mesmo estar em outro lugar, pois sabia que Frank Ballard não era flor que se cheirasse. Como um flash, lembrou dos comentários do senador a respeito da “profissão” de Frank, o que não ajudava muito. A chance de agressão física não estava descartada. Frank é violento. Frank não tem limites.

Lucas respirou fundo. Temeu que Frank percebesse o medo que, provável, já devia exalar. O combinado com Ramsley é que Lucas seria o responsável por transmitir um recado convincente a Frank Ballard. O momento era agora. Lucas se esforçou e conseguiu controlar a respiração, apesar dos

batimentos cardíacos se acelerarem a um ritmo absurdo e enviarem ondas por todo seu corpo.

— Seria muito difícil você se afastar do caminho e deixar que nós cuidemos direto com o chefe Paiute? — Lucas disse.

Naquele instante, Ramsley saiu da igreja, vindo do corredor lateral. Antes de descer as escadas, encarou Frank como só um veterano de guerra poderia fazer. Ficou claro para Frank que o senador estava envolvido na chantagem.

— Bom dia — disse Ramsley ao passar por Frank. Em seguida, atravessou a Cambridge Street e entrou no Bentley.

Frank aproximou seu corpo truculento e falou próximo ao rosto de Lucas.

— Acha que eu me intimido com esse tipo de porcaria?! — disse erguendo o envelope.

— Achamos que você está obstruindo o projeto. Não é justo.

— Devo chamar o pastor para decidir sobre isso?

— Tem certeza que quer falar com alguém sobre as fotos?

— O que me impede de cometer um pecado mortal aqui mesmo?

Lucas fingiu não ouvir, embora tivesse certeza que seu coração iria saltar para fora do peito a qualquer momento.

Merda. Mantenha a calma!

— Veja só, Frank. O Michael Crammer quer viajar até a Lua, dar uma volta ao seu redor, retornar à Terra e comemorar com os amigos. Quanto a mim, quero poder olhar a Lua de perto e dividir sua poesia com meus alunos da faculdade.

— Que emocionante... — comentou Frank, sem saber se dava um murro na cara do professor que lhe parecia ser um panaca, ou se levava a sério as fotografias. Estas, sim, poderiam acabar com a sua relação familiar. Ele sentia na pele o que costumava fazer em sua vida profissional. Na realidade, era a primeira vez que alguém ousava fazer isso com ele. A chantagem tinha mesmo um gosto amargo.

— Pense bem — disse Lucas, olhando em direção ao carro do senador.

— Ah não. Vocês não vão querer jogar este tipo de jogo comigo, acreditem.

— Não é um jogo, Frank. É uma oportunidade.

— Para quem?

— Para todos.

Frank fixou o olhar em uma das fotos.

— Como conseguiu essa merda?

— Não faço a menor ideia. Talvez queira perguntar ao senador Ramsley.

— Talvez eu faça isso.

Lucas teria que ir para o tudo ou nada. As condições teriam que ser claras.

— Pense bem, Frank. Você sai do nosso caminho e mantém sua bonita família unida. Tudo segue normal a partir daí. Eu não tenho como impedir o senador de ir adiante com isso e enviar umas cópias para sua esposa.

Os segundos seguintes voaram. Lucas disse aquilo e caminhou até o Bentley, sob o olhar abismado de Frank. Quando abriu a porta do carro estava ofegante e abatido. Ramsley deu uma última olhada em Frank, fechou a janela e partiu.

— Como foi? — quis saber Ramsley.

Lucas deixou a respiração fluir. Apesar do frio, ele suava em bicas.

— Para ser sincero, não estou me sentindo muito bem.

— Relaxe, Lucas.

— Estou confiando no senhor, senador.

— Fez o certo. Falou a língua que funciona com essa gente.

— É assim que negociam no senado?

— Às vezes.

— Que legal... E se o Frank engrossar para cima de nós?

— Ele não será louco de mexer com um senador.

— Tem certeza que ele não tem umas fotos suas?

— Não me conhece, pelo visto... — disse Ramsley irritado.

— Eu me sentiria muito melhor se tivesse a proteção que o senhor tem.

— Não se preocupe, Lucas. O meu amigo Mabus está usando os contatos dele para ficar de olho em Frank. Se ele vier atrás de você ou de mim, saberemos.

— O seu amigo de 107 anos de idade?!

— Não o subestime. Não faz ideia de quem ele é.

Ele é o seu pai. Ele é um homem muito especial, Ramsley queria ter dito.

— Deixo você no seu carro — disse Ramsley.

— Não vai ficar para curtir Boston?

— Tenho algumas reuniões agendadas na região e depois preciso voltar a Washington.

Conforme haviam planejado, Ramsley deixou Lucas dois quarteirões de onde estavam e voltou para a capital. Não havia reunião alguma, ele apenas não tinha vontade de estender aquela conversa com o professor. A verdade é que não tinham muitas afinidades. Ramsley estava fazendo aquilo pelo amigo Sullivan, e por ele próprio.

- CAPÍTULO 32 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

LUIZA OUVIU LUCAS chegar. Desta vez ela aguardava dentro do apartamento dele. Foi uma semana após ele fazer uma cópia da chave e entregar a ela. Sua relação com Lucas parecia mais uma brincadeira saudável. As prioridades estavam bem claras.

Quando conseguiu se libertar de seu controlador, Luiza jurou que não deixaria nenhum outro homem chegar perto do seu corpo. A razão era simples: os anos de abuso foram tantos que, o pensamento de um corpo masculino junto ao dela fazia com que sentisse náuseas. Isso, ela sabia, também seria superado mais dia, menos dia. Talvez o melhor momento fosse o quanto antes. Lucas já começava a despertar nela o desejo.

Embora a aparência não demonstrasse, Luiza estava cansada além do que sua idade sugeria. A verdade é que vivera muitas vidas em uma, e sua quilometragem era além do normal. Apenas o coração ainda insistia em bater. Lucas foi o escolhido, seria com ele que daria o passo mais ousado.

Luiza despiu-se e o recebeu completamente nua na sala. Ele entrou e parou assim que a viu. Uma mulher desejável além de qualquer dúvida. Mas, ao contrário do que Luiza esperava, ele não conseguiu entrar em sintonia imediata. Havia algo de errado com ele. Ela não sabia ainda, mas a corrente sanguínea dele estava poluída pelo medo que sentira horas antes na pequena igreja de Boston. O efeito colateral de um coquetel que misturava dopamina, endorfina e adrenalina que seu cérebro havia produzido em excesso, e agora trazia sensações físicas ruins. Lucas sentia fadiga e desorientação.

— Me perguntei qual seria sua reação ao chegar em casa e ter um tipo de esposa te aguardando.

— O que houve com o nosso acordo?

— Não mudei em nada.

— Como não? O que estou vendo aqui?

— Você está vendo o que sempre viu em relação a mim. Controle.

Lucas colocou sua mala sobre a mesa e admirou o corpo de Luiza por um momento enquanto administrava o que sentia. Se Luiza tivera constante controle sobre tudo, Lucas, por outro lado, estava sempre correndo atrás para colocar as coisas no devido lugar. Ele só queria tomar um banho quente, uma bebida e descansar. O momento não poderia ser pior.

— Luiza... Acabei de chantagear uma pessoa perigosa.

— O que aconteceu?

— Ameacei arruinar a vida dele para que eu pudesse realizar meu sonho.

— Parece divertido.

Então não é a hora certa. Tudo bem.

Luiza não se sentiu incomodada pela “rejeição”. Seu corpo poderia esperar outra oportunidade. Ela vestiu uma camiseta que pegou emprestada do armário de Lucas e se aproximou dele, sem outras intenções. Ele viu que não haveria cobranças ou julgamentos e se sentiu mais à vontade.

— Divertido, você diz? Isso é porque não estive lá!

— Você não disse que chantageou uma pessoa perigosa?

— Foi o que eu disse.

— Então para mim parece que a justiça foi feita.

— Um pouco poético, não?

— É. Alguém do bem lutando contra alguém do mal. A pessoa do bem, é claro, se borra nas calças e tem o seu dia arruinado, enquanto que a do mal segue em frente como se fosse apenas mais um dia de trabalho.

Lucas esboçou um sorriso e levantou uma das mãos, que ainda tremia.

— Acontece que estou com tanta adrenalina nas veias que sinto te informar que você perdeu seu tempo vindo até aqui.

— Tenho certeza que não.

Luiza deu as costas a ele e foi até a cozinha. Estava muito animada. Aquele cara era humano, nada a ver com os monstros que ela servira. Era bom saber que homens podiam ser vulneráveis também — ajudava a remover os receios naturais que ela ainda sentia em relação àquele estranho.

— Agradeço a compreensão.

— Não precisa. Sou crescidinha o suficiente.

— E muito bonita também.

— Tome um banho e trate de relaxar. Cozinharei algo.

— Prevejo que, sem dúvida, comeremos um macarrão.

Lucas tomou um longo banho. Quando saiu, as mãos não tremiam mais e havia uma linda mesa posta. Reconheceu que Luiza se virou com os poucos mantimentos que ainda resistiam no armário da cozinha. Ela fez, sim, um macarrão — que era de fato a única coisa que havia —, colocou algumas ervas que pegou do congelador, usou manteiga e queijo ralado, e abriu a última garrafa de vinho tinto, um californiano popular.

Comeram em silêncio nos primeiros cinco minutos. Lucas se abalara com a situação da chantagem e sentia dúvidas em relação ao senador Ramsley. Para ele, políticos eram políticos, não existia garantia alguma vindo deles na questão segurança. Estava em parte arrependido.

— Está vendo? — falou Luiza quebrando o silêncio.

— O quê?

— Posso cozinhar, pular o sexo e ainda assim me sentir uma mulher.

Lucas ainda não entendia Luiza. Estava absorto em suas ideias, mas conseguiu sorrir com gratidão e voltou seu pensamento para a pessoa que acabara de preparar um jantar agradável e civilizado, heroico se considerasse os poucos ingredientes que ela teve à disposição. Lamentou perceber que Luiza pedia por mais atenção, e que ele a ficaria devendo outro dia. Ou talvez porque, aos sessenta, seu corpo precisasse de mais tempo para voltar ao normal. Também notou pela primeira vez que o olhar dela estava mais meigo do que quando a conheceu.

Ela está baixando a guarda.

Luiza tentou ler os pensamentos dele.

— Você não precisa me dizer nada.

— Luiza, não posso te oferecer muito além do que está vendo aqui.

— Não tenho nenhuma expectativa quanto a isso. Se você fosse rico, seria muito melhor. Mas você não é. Paciência — disse com um leve sorriso e os ombros encolhidos.

— Essa cabana é a única coisa que tenho.

Luiza olhou ao redor do apartamento.

— Se tivermos a atitude certa, vai parecer um sonho de consumo.

— Está forçando, Luiza... No dia a dia nunca é assim.

— Não estou. É como diz o seu ridículo tapetinho do lado de fora da porta: *um lar é onde as pessoas se encontram.*

Ele riu.

— Ganhei da minha mãe num Natal há mais de dez anos.

— Sua mãe sabe das coisas.

— Luiza... meus relacionamentos não costumam durar muito.

— Alguns homens precisam de cardápio variado para mantê-los interessados.

— Não foi isso o que quis dizer.

— Foi sim. Quando foi a última vez que se relacionou com alguém de verdade?

— Para ser sincero, nunca me relacionei com ninguém acima de trinta anos.

— Não se preocupe. A mente é o melhor cardápio que se pode oferecer.

— Cardápio é uma maneira interessante de--

— A vantagem é não precisar trocar de corpo toda hora.

— É uma boa ideia. Mas, voltando a falar de mim, e sobre a desvantagem de se envolver com um cara como eu, também devo te lembrar que nesse momento estou em férias forçadas e...

— Coitadinho. Férias forçadas, mas remuneradas? Arruma um emprego desses para mim!

— Sou uma pessoa que sonha em ir à Lua.

— Já te chamaram de lunático algum vez na vida?

— Toda hora.

— Não deve ser tão ruim assim.

— A coisa mais segura que você tem a fazer é se afastar de mim.

— É o que quer?

— De jeito nenhum!

— E o que entende de segurança? Parecia abalado apenas uma hora atrás.

— Falo isso pensando no que é melhor para você.

Luiza esvaziou o copo de vinho e depois balançou a cabeça.

— Nem eu sei o que é melhor para mim. Não perca tempo em descobrir isso.

— Não quero te machucar.

— Ei, não estou pedindo nada!

Ela disse aquilo com bom humor inabalável e ergueu o copo vazio. Lucas serviu o restante de vinho e descansou o queixo sobre as palmas das mãos, ficando por um tempo apenas a olhando.

— Está me fazendo bem — disse ela.

— O quê?

— Fazer parte do seu sonho maluco, mesmo que minha parte seja apenas te surpreender e de vez em quando te fazer um macarrão.

— Quer ir comigo até a Lua?

— Ora, deixe de ser exibido!

— Ué, por que não?

— Nem garantiu o seu lugar ainda e já está convidando a mocinha?

Sem mais nem menos, aquela estranha e fascinante mulher se tornara uma rival da Lua no coração de Lucas. Cerca de quinze minutos depois, quando o último copo de vinho foi consumido, Lucas foi se deitar. Sentia que o estresse já havia quase ido embora e que estava pronto para continuar com aquela ideia maravilhosa de Luiza, quando a encontrara nua. Para ela, no entanto, o momento da coragem havia passado.

- CAPÍTULO 33 -

DESERTO DE BLACK ROCK, NEVADA

FORAM NECESSÁRIOS QUINZE dias até que um novo encontro da “cúpula” da Crammer Enterprises ocorresse. Michael Crammer andava muito atarefado, ninguém sabia ao certo com o quê — dúvida que levou Lucas e Ramsley a compartilharem em segredo um sentimento: Michael Crammer era um cara prodigioso e apaixonado, mas também um grandíssimo falastrão. E tinha mais. Havia um burburinho sobre Crammer possuir uma dívida de jogo. Grande e impagável. Essa suposta ligação com o jogo, suas frequentes ausências e atrasos para marcar novas reuniões davam corda a um crescente rumor.

Outro problema dizia respeito às questões técnicas. Mesmo que Crammer insistisse que Cassilda estivesse pronta, no íntimo os engenheiros e mecânicos do hangar não se entendiam sobre a necessidade ou não de realizarem mais testes. A preocupação não era tanto com relação ao projeto, mas sobre a eficiência do combustível a ser utilizado, cuja fórmula final e procedência eram conhecidas apenas por Crammer. Acontece que mais testes implicariam em usar mais do caríssimo combustível que ele tinha em estoque, algo que o aventureiro não estava disposto a pagar.

Havia em paralelo um desafio com a agenda do senador Ramsley, apesar de ele estar quase afastado do senado. A questão era emocional. Encontrar a motivação de viver sem Linda afetava seus poucos compromissos. De qualquer forma, informou que estava a caminho de Nevada para a próxima reunião, e que mais uma vez iria de carro. A equipe reclamou, com razão, pois seriam seis ou sete dias perdidos, quando ele poderia pegar um maldito avião e ganhar tempo.

Quando todos, por fim, se encontraram em Scottsdale, na casa de Crammer, partiram antes do amanhecer em direção ao deserto de Black Rock. Lucas e Luiza, que vieram de avião na véspera, seguiram com Ramsley em seu Bentley. Já Crammer e Suzanne conseguiram superar Ramsley no quesito estilo. Devidamente paramentados, seguiram em uma magnífica e espalhafatosa motocicleta Harley Ultra Classic Electra Glide, um gigante de duas rodas e quatrocentos quilos.

Alguns dias antes, Frank Ballard procurara Michael Crammer para tirar satisfações da chantagem feita por Lucas e Ramsley. O texano, talvez pela inocência de não saber do que Frank Ballard era capaz, xingou até a décima geração das suas mães, confirmando que não utilizaria mais seus serviços. Para sorte de Crammer, Frank usou a lógica e optou por não perder mais tempo com eles. A Crammer era peixe pequeno no orçamento de Frank, caso contrário, o texano estaria frito. A relação entre os dois terminara naquela conversa.

O DESERTO DE Black Rock, região onde seria a decolagem da Crammer Jet, tinha a maior superfície plana do planeta e era um dos locais favoritos para amantes da velocidade e de missilismo experimental — quando meninos grandes brincavam de lançar miniaturas de foguetes. Após duas horas — desde a última parada na cidade de Gerlach — onde reabasteceram no posto Shell e se alimentaram, Crammer diminuiu a velocidade da Harley e parou. Quando a poeira baixou, todos desceram de seus veículos.

— Chegamos! — anunciou Michael Crammer com grandiosidade.

O senador Ramsley colocou as mãos atrás do quadril, se esticando. Depois de alongar-se por alguns segundos, deu alguns passos em direção ao nada.

— Chegamos aonde?! — ele quis saber.

— Black Rock! É daqui que partimos.

Lucas tirou um mapa do bolso e o abriu sobre o chão seco.

— Michael, mostre a trajetória da Crammer Jet após a decolagem.

Crammer verificou sua bússola de pulso e girou o corpo sobre o calcanhar.

— Naquela direção — disse, apontando.

Lucas verificou a posição no mapa.

— Pelo mapa diz que bem ali fica o Lago Pirâmide, território dos Paiutes — explicou Lucas. Em seguida, olhou para Crammer como se fosse óbvio. — Não é à toa que os Paiutes tenham medo de que a espaçonave caia sobre suas cabeças após a decolagem e espalhe combustível tóxico no lago deles.

Crammer coçou o queixo, incomodado.

— Acho isso um pouco pessimista... A probabilidade de cairmos em cima deles é quase nula.

— Que alívio... Mas isso não basta, Michael.

— Vamos falar coisa com coisa, está bem? Mesmo que venhamos a ter um acidente, a queda aconteceria além da reserva. São poucos segundos de voo sobre a reserva deles.

Ramsley notou que o próprio Crammer não acreditava na preocupação dos Paiutes.

— Por que acha isso?

— Porque é precaução demais, não faz sentido!

Lucas observou a região e considerou a explicação de Crammer. Tinha razão. Foi quando Luiza passou pelo senador e sugeriu, para que todos ouvissem:

— Por que não falamos logo com o chefe deles e explicamos a situação?

Lucas ainda se incomodava com a interferência direta de Luiza em seus assuntos, mas tinha que admitir, Luiza falava pouco e, quando falava, contribuía.

Ramsley sorriu. Luiza era uma mulher muito prática.

— Ora, o que estamos esperando senador? Vamos lá! — concordou Suzanne, tornando a palavra das duas mulheres incontestável.

Lucas e Crammer se viraram para Ramsley, que era quem teria a palavra final.

— Não custa tentar — decidiu o senador, já caminhando para o carro.

Luiza foi em direção à Harley.

— Deve ser um belo passeio de garupa — ela disse a Suzanne.

— Quer experimentar? — ofereceu Suzanne, que observava ao mesmo tempo o olhar maroto de Crammer. — Apenas devolva o meu marido quando chegarmos.

— Com certeza, Suzanne.

Luiza montou na garupa da Harley. Havia um motivo.

Crammer abriu um enorme sorriso e eles partiram. A intenção de Luiza não era o passeio em si. Ela já andara de moto centenas de vezes na vida. O que queria mesmo era brincar com Lucas, conhecer suas reações. Para uma mulher com a sua experiência de vida, cada momento era uma oportunidade de conhecer melhor o professor. Se Lucas fosse ciumento, demonstraria. Se fosse um bom dissimulador, Luiza saberia também. De qualquer forma, ela o conheceria melhor na garupa de Michael Crammer.

A reação de Lucas veio de pronto.

— Ei Crammer, ouviu o que Suzanne falou. Também quero minha mulher de volta! — gritou de dentro do Bentley parecendo se divertir com a ideia. Luiza avaliou a reação dele como ciúme moderado, dissimulado com uso de humor. Era o suficiente. Por ela, a garupa agora seria até dispensável.

O BENTLEY e a Harley levaram pouco tempo até se aproximarem da reserva indígena. A visão de um índio Paiute em seu caiaque cruzando o lago em frente à esplêndida rocha em forma de pirâmide não deixava dúvidas: passavam pelo Lago Pirâmide.

Seguiram até a cidade de Nixon, onde Ramsley se apresentou no escritório da tribo. Ao contrário dos temores e boatos maléficis disseminados por Frank Ballard, o senador Ramsley e os demais foram muitíssimo bem recebidos. Quando relatou o motivo da visita ao índio que o atendera, conseguiu um encontro com os chefes no ato. Por sorte, ocorria uma reunião do conselho tribal com a presença dos oito membros. O momento não poderia ser melhor.

Em uma sala de reunião, o conselho, que estava disposto em cadeiras atrás de uma mesa oval, recebeu Ramsley, Crammer, Suzanne, Lucas e Luiza, que se sentaram em cadeiras em frente à mesa, quase como em um tribunal de justiça. A presença de um senador tão importante ajudou bastante. A conversa inicial transcorreu calorosa, até que Ramsley virou-se para um homem de certa idade, de rosto anguloso chamado Clayton, que era o chefe dos Paiutes, e procurou entrar no assunto que os trazia até Nixon.

— Entendemos o quanto o meio ambiente é importante para a sua reserva.

— Certamente, senador — confirmou o Chefe.

— Gostaríamos de discutir de que forma podemos lidar com os eventuais riscos que vocês acreditam que o projeto de Michael Crammer ofereça para sua reserva.

O Chefe olhou para os lados e cruzou olhares com os demais conselheiros. Ramsley prosseguiu.

— É inquestionável que a espaçonave de Michael Crammer decolará de Black Rock e, por um curto trajeto, passará acima de sua reserva. Porém, posso lhes assegurar que será um voo que obedecerá todas as normas de segurança.

— Muito, muito acima da reserva... — emendou Crammer, demonstrando nervosismo e se intrometendo na fala do senador.

— Senador, pode me explicar melhor do que se trata? — perguntou o Chefe.

Lucas esticou o braço e tocou no ombro de Crammer, que já ameaçava abrir a boca novamente. O senador prosseguiu sem ser interrompido.

— Chefe Clayton, trata-se de um evento muito interessante para a iniciativa privada americana. Pela primeira vez, uma espaçonave desenvolvida por um empreendedor particular, partirá da Terra com destino à Lua, dando uma volta ao redor do nosso satélite natural e retornando à Terra sem reabastecer.

— Parabéns pela iniciativa — disse o Chefe olhando para aquele estranho de nome Michael Crammer.

— Obrigado! Olhe... — Crammer respondeu e sentiu de novo a mão de Lucas em seu ombro que dizia cale sua maldita boca.

— Sobre a preocupação com o meio ambiente, gostaríamos de esclarecer qualquer dúvida que vocês tenham. Não temos nada a esconder, Chefe — disse o senador.

— Estamos preocupados com o nível da água no Lago Pirâmide. Tem baixado muito nos últimos anos. Também nos preocupa a qualidade da água — explicou Clayton. Então olhou para seus conselheiros, que por sua vez olharam para o senador e os demais.

Óbvio que havia algum mal entendido.

Ramsley se levantou e caminhou diante dos conselheiros tribais.

— Senhores, será que falamos sobre as mesmas preocupações? Tenho a impressão que não sabem por que viemos até aqui.

— Verdade, senador Ramsley. Por que pediu esta reunião?

Sem qualquer cerimônia, Crammer resolveu assumir o lugar do senador na conversa. Ramsley sorriu com ironia e voltou para a sua cadeira.

— Senhor chefe da tribo — explicou Crammer, com total falta de sutileza — a Cassilda, minha espaçonave, partirá de Black Rock e cruzará sobre o seu espaço aéreo por apenas alguns míseros

segundos... Será que isso é um problema tão grande para vocês? Veja bem, não quero parecer ofensivo, mas espero há mais de um ano por uma autorização sua e continuo a receber “não” como resposta!

Os índios se olharam.

— Nunca fomos consultados a respeito disso.

Lucas e Ramsley confirmaram suas suspeitas. Com o olhar, Lucas pediu autorização a Ramsley para falar. Ele se levantou e, por sorte, Crammer o viu e fechou a boca.

— Chefe Clayton, o senhor se opõe de alguma forma que nossa espaçonave sobrevoe a sua reserva? A Crammer Jet já estará a grande altitude quando isso acontecer, e duvido que venha a lhe causar qualquer prejuízo. Já temos todas as autorizações legais, dependemos apenas do OK de vocês. Temos uma cláusula de seguro que os protegerá de eventuais danos ambientais.

O Chefe Clayton deu de ombros.

— Não nos opomos a nada.

Crammer deu um soco no ar, comemorando. O Chefe esclareceu.

— Desde que garantam que saibam o que estão fazendo! — disse Clayton enquanto olhava Michael Crammer se contorcendo de alegria. Parecia um grupo de aventureiros amadores, como, às vezes, se via na cultura local de Black Rock. Mas se contavam com o apoio do senador Ramsley e tinham as autorizações oficiais, por ele, tudo bem.

Crammer se aproximou do Chefe Clayton. Antes de estender a mão para cumprimentá-lo, tirou seu chapéu de texano e se inclinou com respeito.

— Prometo a todos os Paiutes que nenhuma peça da minha querida Cassilda cairá sobre suas cabeças...

Ramsley colocou as mãos nos bolsos da calça e olhou para baixo. Lucas fez mais ou menos a mesma coisa. Suzane e Luiza, ao contrário, se divertiam com a falta de discrição de Crammer. Ele podia ser rotulado de qualquer coisa, mas tinha uma espontaneidade cativante.

— É claro que aceitaríamos de bom grado qualquer contribuição que possam fazer à nossa tribo.

A equipe gelou. O Chefe Clayton tratou de esclarecer.

— Nós, os Paiutes, somos conhecidos como os Numu, “O Povo”. Nossos hábitos estão profundamente enraizados com o meio ambiente. Acreditamos no poder de tudo o que vem da natureza... É o que mais importa para nós. O poder do Sol, da Lua, dos Trovões, das Nuvens e do Vento... Por isso, peço a vocês que, se forem bem sucedidos em sua jornada até a Lua, não se esqueçam de falar às pessoas a respeito do nosso povo e dos nossos valores. Podemos nos beneficiar bastante da exposição que terão na mídia.

- CAPÍTULO 34 -

TUCSON, ARIZONA

LUCAS HAVIA PREPARADO seu argumento.
— O que veem nessa fotografia? — instigou.

A reunião da equipe no dia seguinte, no hangar da Crammer Enterprises, tinha como objetivo definir um plano da viagem. Ele tinha a autorização de Crammer para isso. Lucas abriu a primeira de uma série de ampliações fotográficas em alta definição da superfície da Lua e colocou-a sobre a mesa do centro da sala. Suzanne, a esperta em astrologia, foi a primeira a se aproximar. Luiza permaneceu, como sempre, em um canto. Discreta e observadora.

— Crateras e mais crateras... — disse Suzanne.

Era o esperado, o que todo mundo via. O que a NASA mostrava ao mundo.

— Eu vejo mais do que crateras. Meus caros, apresento-lhes Mare Crisium, o Mar das Crises. Em 25 de janeiro de 1994 a NASA lançou uma sonda não tripulada à Lua, chamada Clementine. Em essência, foi uma missão fotográfica. Além das imagens normais, tiraram fotos em comprimentos de ondas infravermelho e ultravioleta, que são invisíveis a olho nu. E não foram poucas. Para ser exato, 1.8 milhão de fotografias!

O senador estava de costas para Lucas e Suzanne, espiando pela janela enquanto Crammer conversava com um mecânico na parte de baixo do hangar. Ramsley estava impaciente. Não esperava nada além de divagações sem rumo, sem prestar muita atenção enquanto Lucas prosseguia.

— Mare Crisium é um *mare lunar* com 555 quilômetros de diâmetro. Dentro, existem várias crateras menores. Vamos nos concentrar na cratera de Picard, que tem mais ou menos 35 quilômetros de diâmetro. Essa é a foto *oficial* de Picard.

O senador se virou para Lucas. Seu olhar era cético.

— Por que oficial? — quis saber Ramsley.

— Porque foi modificada.

E de cético, a depreciativo. Lucas fez sinal com as mãos para que Ramsley o ouvisse, e então substituiu a fotografia por outra.

— A mesma imagem ampliada de Picard. Deem uma olhada. Onde existia uma cratera comum, agora vemos o exato local do retoque.

O retoque tinha a textura de um borrão e o formato de uma torre. Ramsley deu dois passos à frente, interessado.

— Me pergunto por que a fotografia original foi alterada — disse Lucas.

Ramsley e Suzanne tocaram ombros e se aproximaram da foto “supostamente” alterada. Lucas tirou uma folha de sua pasta executiva e não esperou para ler.

— A minha sugestão de plano de voo é a seguinte. Lançamento. Saída da órbita terrestre. Primeiro sobrevoo ao redor da Terra. Segundo sobrevoo, enfim, o que o Michael achar que deva ser feito. Depois, rumo à Lua. Entrada na órbita Lunar em direção a Mare Crisium... Senador, consegue ver que o retoque não parece algo natural?

Era uma provocação. Se havia um retoque, era óbvio que alguém o fizera.

— Defina o que é *natural* — quis saber Ramsley.

Lucas suspirou. Ele era seu milésimo cético.

— Imagine Luciano Pavarotti cantando rap...

Ramsley fechou as pálpebras. Foi uma piscada demorada que dizia que sua paciência estava curta.

Lucas não se intimidou.

— Claro que seria correto afirmar que Pavarotti era um cantor, e que rap é um tipo de música, mas a combinação não parece natural.

Suzanne recuou o corpo que se dependurava sobre a fotografia.

— Desisto... Por mais que eu tente, só enxergo crateras e um borrão.

Foi a vez de Ramsley recuar com as mãos na cintura, quase ofendido com a comparação. Um tanto simplória para o tamanho da afirmação, a de que algo artificial existiria na superfície da Lua.

— Está me dizendo que depois de décadas de estudo sobre a Lua encontrou algo que ninguém mais consegue ver?

Se Lucas dissesse que sim, pareceria arrogante e pretensioso. Se dissesse que não, enterraria sua crença de que o pai descobrira algo muito importante na Lua, como a mãe havia lhe dito muitos anos antes. O fato é que Lucas acreditava na hipótese de que Milton Walker descobrira algo na Lua. Que já estava lá antes da chegada dos seres humanos, como tantos outros afirmavam sem a devida ressonância.

— É mais ou menos isso.

— Dá um tempo!

— Senador... Nós — e eu reforço a importância do *nós* — não estivemos na Lua. Foi um departamento do nosso enorme governo quem esteve. Tudo o que sabemos sobre viagens à Lua gira em torno de uma ou duas grandes instituições que o senhor sabe muito bem: estão envolvidas até o pescoço com questões militares, empresariais e políticas.

— E daí?

— E daí que nós, pessoas de boa fé, compramos praticamente qualquer coisa que essas instituições nos vendam, mas garanto que são administradas por pessoas tão falíveis quanto qualquer um de nós.

— O que eu vejo é a boa e velha paisagem Lunar...

— Olhou de perto, senador?

— Quase encostei meu nariz na maldita foto!

— Crateras e mais crateras — repetiu Suzanne.

— O que é que *não* estamos vendo? — perguntou Ramsley.

— A parte que todo mundo está subestimando grosseiramente!

Ramsley deixou a cabeça cair. Lucas colocou o indicador sobre o borrão.

— Olhem isso.

— Todos nós já vimos... O que a mancha tem de especial?

— O fato de que tem pelo menos três *quilômetros* de altura, senador.

— Como pode ter certeza disso?

— Porque fiz as contas, senador. Em termos geológicos, trata-se de um enorme ponto de interrogação.

Ramsley se afastou. A ideia o desagradava.

— Pode ser um milhão de coisas.

— Como o quê?

— Uma falha na lente da máquina que tirou a foto, por exemplo. Uma sujeira.

— É uma possibilidade descartada por outros pesquisadores.

— Ou qualquer coisa que imagine estar vendo.

— Não acredito nisso.

— Não vou nem perguntar no que acredita.

Ramsley se lembrou de Mabus: Não somos nós quem damos as cartas por lá. Imediatamente, um frio percorreu sua espinha. Talvez o filho tentasse traduzir a enigmática declaração de Milton Walker. Ocorreu-lhe que fosse justo que Lucas tivesse um crédito.

— Minha opinião: não estamos olhando para uma formação geológica natural. Só não posso afirmar o que é — insistiu Lucas. Ao seu lado, Suzanne observava os dois com enorme interesse. A aventura do marido ganhava novas cores com aquela discussão.

— Está me dizendo que isso é uma estrutura artificial com quilômetros de altura? — perguntou a copiloto.

— Que tipo de estrutura? — queria saber Ramsley.

— Uma bela pergunta. E esse é exatamente o meu ponto. Já que vamos até lá, sugiro que incluamos essa região em nosso plano de voo. Conversei com o Michael, ele não vê maiores problemas nisso.

Ramsley estava dividido entre a credibilidade imaculada de Mabus e as vagas hipóteses do filho. Lucas o observava, era o senador quem deveria ser convencido.

— Senador, é por isto que analistas de imagem se especializam em... analisar imagens. Era o que meu pai fazia. Foi nada menos que o motivo do seu desaparecimento. Especialistas conseguem decifrar coisas que olhos destreinados não veem.

— Não é o suficiente, professor.

— O que mais quer que eu lhe diga, honestamente?

Ramsley ajeitou os cabelos para trás e teve uma ideia.

— Talvez fosse bom ter uma segunda opinião.

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

RAMSLEY E LUCAS voaram juntos de volta à costa leste. O Bentley seria levado de volta por um motorista. Desceram no aeroporto de Logan, em Boston, em meio a uma nevasca de arrepiar. O tom amarelado de uma gigantesca máquina removedora de neve chamada Vammás foi a primeira coisa que viram antes de tocarem a pista escorregadiça. A viagem não fora das mais agradáveis. Ramsley e Lucas mal se falaram.

O senador se dera conta de que as pessoas que ele ajudava não tinham nada de extraordinário. O projeto de Crammer era cientificamente irrelevante. Faltava um processo de seleção natural de talentos tão comuns à NASA e outras grandes instituições. Aquela constatação fê-lo questionar-se se valeria à pena continuar envolvido.

Nem que fosse por distração...

Pegaram um taxi e foram direto ao MIT.

Antes da reunião na Crammer Enterprises terminar, Ramsley e Lucas decidiram que uma visita ao reitor poderia ser a tal segunda opinião que ajudaria a definir o plano de voo da viagem à Lua. A ideia do encontro partiu de Lucas. Ele confiava que Sullivan entenderia seu argumento e Ramsley concordou. Seria uma maneira de garantir que Lucas não lhe trouxesse maiores constrangimentos.

SULLIVAN ESTAVA PENDURADO sobre a fotografia da cratera de Picard havia mais de dois minutos. Não era nenhum especialista, estava na verdade ganhando tempo para pensar no que dizer. Político, não correria o risco de desagradar o senador. Por outro lado, tinha a exata noção de como uma opinião negativa enterraria a perspectiva de Lucas encontrar respostas.

Lucas e Ramsley aguardavam de pé, atrás de Sullivan. De vez em quando trocavam um olhar. Até que, por fim, Sullivan ergueu o dorso, olhando para ambos.

— Bem, as pessoas vêm o que querem ver.

— Não consegue ser um pouco mais específico? — quis saber Lucas, não gostando do tom inicial de Sullivan.

— Vêm rostos em nuvens, coisas de todo tipo.

— Concordo — disse Ramsley.

— Isto não é uma nuvem, Sullivan. É um retoque na fotografia.

— É a minha opinião. O melhor que posso fazer.

— Então é isso? Vai ficar em cima do muro?

— Lucas, você ainda não é um astronauta. Não esteve lá em cima, não tem como ter tanta confiança nas coisas em que acredita.

— Está me dizendo que confia mais em astronautas?

— Sobre assuntos do espaço? Não tenha a menor dúvida quanto a isso.

Lucas caminhou até a janela da sala do reitor. Deu um momento para raciocinar e depois olhou para os dois.

— Eu também.

Sullivan deu de ombros.

— Também o que, Lucas?

— Também acredito nas pessoas que estiveram lá em cima... Confio em Gary Cooper, astronauta do Projeto Mercury. Ele descreveu um objeto brilhante se aproximando da cápsula da Mercury quando orbitava ao redor da Terra, registrado na estação australiana de Mueha. O objeto era sólido porque foi pego no radar de rastreamento. Confio no comandante da Apollo 17, Eugene Cernan, que viu objetos que julgava ser de outra civilização. Confio em Ed White e James McDivitt, astronautas da Gemini, que afirmaram ter fotografado um objeto metálico, e depois disseram que as fotos nunca foram reveladas ao público. Confio em Neil Armstrong, primeiro homem a pisar na Lua, e no seu colega Buzz Aldrin, da Apollo 11, os caras que concretizaram o sonho de Kennedy de enviar um homem à Lua. E o que eles nos disseram? Que duas naves extraterrestres acompanham o pouso na Lua! Até Maurice Chatelain, que foi chefe dos sistemas de comunicação da NASA, disse que o encontro era assunto comum dentro da agência... E que tal Edgar Mitchell? Sexto homem a pisar na Lua, disse que civilizações extraterrestres existem e suas naves são reais. Pelo amor de Deus, senhores...

Aqueles homens correram grandes riscos em suas profissões, pessoas de enorme credibilidade que haviam se manifestado contra o sistema — mas foram censurados de uma forma ou outra. Sullivan e Ramsley não poderiam fazer bico para esses verdadeiros heróis americanos. Era óbvio que o verdadeiro conhecimento adquirido sobre a Lua estava preso em alguma instância da burocracia oficial.

Sullivan olhou para Ramsley, que estava cabisbaixo. Ele não tinha como saber, mas o senador sentia que o filho de Mabus tinha razão. Quem eram eles para questionar aqueles que possuíam a maior autoridade sobre a Lua e o espaço?

— Sullivan, eu vim até aqui com o senador para ter a sua bênção sobre para onde devemos olhar quando estivermos lá em cima. Talvez a altitude do voo nem permita fotografias detalhadas, mas ainda assim gostaria de sugerir que voemos sobre esta região.

— A decisão é de vocês, não vejo porque tenho que endossar qualquer coisa.

— Então o que me diz, vale à pena sobrevoar Mare Crisium?

— Tudo é válido.

Mais em cima do muro, impossível. Lucas deu a questão por encerrada.

— Ótimo. Vamos localizar as coordenadas e programar nosso voo.

Ramsley permanecia quieto. Lucas o encarou.

— Senador, é óbvio, para mim que essa foto e todo um conjunto de fotografias foram retocadas de propósito de maneira a remover evidências das descobertas que estou sugerindo.

— Lucas, vou falar com cuidado para que você não tenha dúvidas. Uma coisa é especularmos entre nós, mas tentar provar ao mundo e à comunidade científica que estão todos errados, é loucura. Mesmo que estejam... Compreende?

— Então como fica, senador?

— Digo para você aproveitar o passeio. Mas, se decidirem passar sobre Mare Crisium, faça pelas razões corretas. Não levantem hipóteses. Não especulem e não procurem endossos de pessoas em certas posições. Isso não vai acontecer.

Lucas assentiu, um pouco mais resignado.

— Já se perguntaram por que deixamos de ir para à Lua há décadas? Aliás, perguntar para quê? As novas gerações já nascem sabendo, e os mais antigos estão cansados demais para novas perguntas.

— Por que acha que paramos de ir à Lua? — perguntou Ramsley.

— Não sei, senador. Nossos heróis já disseram o que tinham a dizer.

— Mas você parece ter alguma teoria própria.

Lucas sorriu irônico e depois balançou a cabeça duas vezes antes de falar.

— Quando o avião foi inventado, por acaso deixamos de voar durante décadas? Depois que cruzamos os oceanos esperamos décadas para cruzar novamente? Senhores, em minha modesta e solitária opinião, algo simples não se encaixa. E não me venham com a desculpa de orçamentos caros e coisas do tipo. Lembrem-se: neste momento, existem pelo menos duas iniciativas privadas indo até a Lua. Crammer, por exemplo, não vai gastar mais do que a NASA gasta com o cafezinho de seus funcionários. Os custos deixaram de ser um problema há muito tempo.

Ramsley assentiu. Lucas continuou.

— Tudo o que o governo conseguiu depois de chegar à Lua foi um número ainda maior de perguntas. Perguntas que não tínhamos antes de ir até lá. Por que nunca mais tentamos voltar para tentar achar respostas?

— Boa pergunta — disse Ramsley com ironia.

— Será a primeira que tentarei responder.

- CAPÍTULO 35 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

O REITOR SULLIVAN saiu da reunião se sentindo como um dinossauro e dirigiu devagar até a casa. O problema não tinha nada a ver com sua idade, mas com crenças. Lucas era o que Sullivan no fundo sempre desejara ser: alguém com opinião e coragem para errar. Mas ele tinha que zelar pela imagem da universidade. Ele não poderia ser como Lucas.

Depois de trinta minutos seguindo por um trajeto que levaria metade desse tempo, Sullivan parou o carro e atravessou uma pequena passarela de pedras entre arbustos que levavam até a porta de casa. Pegou o molho de chaves que tinha no bolso e, no momento de colocar a chave, notou algo estranho. Estava bem à sua frente, algo que ocorrera algumas vezes antes e que não era incomum à sua rotina.

Um envelope pendurado por um cordão na maçaneta da porta de entrada. O envelope parecia pesado para o seu tamanho. O reitor confirmou a suspeita de que se tratava de uma correspondência anônima, pois não havia selo ou remetente.

Lá vem merda...

Sullivan não gostava de envelopes e cartas deixadas em sua porta que não fossem da família ou de serviços públicos. Seu endereço de correspondência oficial era o escritório da reitoria do MIT. Uma correspondência como esta, em sua casa, costumava ser de professores ou pessoas reclamando sobre um problema mais sério. Ou então, alunos fazendo denúncias ou passando um trote. Com certeza, não poderia ser algo bom. Uma carta-bomba seria impensável, mas não impossível.

Sullivan respirou fundo e abriu o envelope. Logo identificou o que causava o peso incomum: um fragmento de rocha envolto em um pedaço de papel.

Estão ficando cada dia mais criativos...

O reitor ergueu a pequena pedra até o alto, onde foi iluminada pela lâmpada acima da porta. Era uma pedrinha comum, como outra qualquer, protegida por um filme de plástico. Depois, colocou o fragmento de volta no envelope e olhou as duas faces da folha de papel que o embrulhava. O lado de fora, em branco. Do lado de dentro, no entanto, havia um número que parecia ser uma coordenada.

LAT: 17° 00' 00" N, LON: 59° 06' 00" E.

De repente, olhou para trás, assustado. Um carro partia fazendo barulho de pneus deslizando sobre gelo. Era escuro e Sullivan não conseguiu ver o número da placa. Teve a impressão que aquele carro sequer tinha placa de identificação.

— Recebido, obrigado! — gritou Sullivan. Virou-se e entrou na casa.

Tentou fazer o que sempre fazia ao chegar em casa, apenas tomou o cuidado de guardar o envelope com a pedra, separando a mensagem que ele certamente verificaria daí a pouco. Uma coisa que o incomodava demais em mensagens anônimas é que, quando eram bem elaboradas, não poderiam ser

ignoradas. Um fragmento de rocha contendo uma coordenada qualquer era o suficiente para se enquadrar neste perfil. Pelo menos, não era uma ameaça.

Mas que diabos é isso?

A rotina incluía ir até a cozinha. Se a mulher ainda estivesse acordada, como era hoje o caso, daría-lhe um beijo, rápido. Às vezes Stella ficava para conversar, mas ela já estava indo para o quarto.

— Tem sanduíche de atum na geladeira — ela disse, movendo lenta seu corpo pesado escada acima. De costas, uma mulher triste de cabelos envoltos em uma touca de dormir.

— Obrigado, querida.

Sullivan pegou o sanduíche e um suco de laranja campeão de vendas. Sentou-se para fazer a refeição noturna como fazia na maioria das vezes, sozinho. Retirou o plástico que envolvia o sanduíche e deu uma mordida enorme. Leitor compulsivo, se serviu de suco e releu pela enésima vez o conteúdo da embalagem, que vendia a ideia de que o suco de laranja era fresco e natural, mas que, na verdade, continha sabores e corantes sintéticos que não brotavam sozinhos na natureza, e que não eram informados na publicidade.

Malditos mentirosos. Vocês nos matam de câncer.

O suco estava uma delícia. Quando terminou de comer e beber esperou por um minuto ou dois até que o lanche descesse para o estômago.

Uma pedrinha e uma coordenada... Que autênticos.

Sullivan se sentiu como um bobo. Não era a primeira vez e não seria a última. Sua maleta inglesa de couro desbotado estava em uma cadeira ao lado. Abriu-a e tirou o notebook. Enquanto esperava o sistema operacional carregar, tomou mais um copo de suco e balançou a cabeça mais uma vez, indignado com a propaganda enganosa da embalagem. Quando o computador finalmente carregou, ele digitou os dados da mensagem no buscador e sentiu uma forte azia quando terminou de ler.

Era uma coordenada selenográfica que apontava para uma região da Lua.

“Mare Crisium. Localizada ao nordeste de Mare Tranquillitatis”

TRÊS DIAS DEPOIS Sullivan estava no escritório debruçado sobre uma carta de demissão de um professor que trabalhara há muitos anos sob sua supervisão. Sua cabeça andava ocupada calculando o tempo investido no acadêmico que agora o deixava. Era irritante saber que mais uma vez alguém estava indo embora a fim de participar de uma nova empresa que prometia prosperidade rápida. Como sempre, seria Sullivan quem gastaria tempo e energia na busca de um substituto ideal. Antes de dar um dos seus suspiros profundos, o telefone tocou e o tirou daquele pensamento.

— Sullivan?

— Sim. Quem é?

— É o Ramsley. Temos uma data de lançamento para a Crammer.

Sullivan se reclinou na cadeira. Por fim, algo bom. Parecia inacreditável, mas Lucas iria mesmo à Lua.

— Quando?

— Daqui a algumas semanas. Passo as informações pessoalmente.

— Muito obrigado, Ramsley. Nosso professor mal vai acreditar.

— Estou me sentindo bem em poder ajudar.

— Obrigado. Devo-lhe um grande favor...

O reitor desligou o telefone e considerou a informação.

Não apenas estava ajudando Lucas a seguir os passos do falecido pai, como proporcionava à

universidade uma ótima chance de publicidade positiva, desde que conseguissem ter sucesso. O departamento de relações públicas seria contatado em breve afim de tirar o máximo proveito do evento. Sullivan estava particularmente feliz pelo amigo, pois odiava ter imposto um sabático a ele. A história de uma viagem ao redor da Lua mudaria por completo as coisas. Sullivan ficaria mal na fita, é verdade. Ele havia punido um dos mais queridos professores, que agora se “vingaria” com um feito que deixaria a todos ali orgulhosos. Tudo bem. Seria mais uma pequena cota de sacrifício em nome de um bem maior.

Sullivan retirou o telefone do gancho e fez uma ligação para o Doutor August P. Clark, professor de geologia do EAPS, o departamento de Ciências Terrestres, Atmosféricas e Planetárias do MIT.

— Bom dia August. É o Sullivan falando.

— Olá. Desculpe... Sei que estou lhe devendo uma informação.

— De maneira alguma. Estou apenas curioso. Sei que anda bastante ocupado.

— Não, não... Na verdade tenho algo a lhe dizer.

— Descobriu alguma coisa?

— Sim. Fiz uma rápida análise do material que me enviou.

Sullivan cerrou os olhos, curioso.

— E, então?

— Trata-se de uma Anortosita.

— Certo — disse Sullivan, perdido.

— É um tipo de rocha que encontramos na superfície da Lua.

— Não me diga.

— Ígnea, de grão médio, tons cinza ou branco.

— Sei... E isto quer dizer o quê?

— Que estamos falando de um material composto por plagioclásio, feldspato, cálcio, piroxênio, óxido de ferro--

— Que significa...?

— Bem, telefonei para o Prédio de Amostras Lunares do Centro Espacial Lyndon B. Johnson, em Houston, para confirmar a informação. É lá que armazenam um monte de material da Lua.

— E eles confirmaram?

— Pode crer. Confirmei também com a Base Aérea de Brooks, em San Antonio. Com toda a segurança, estamos falando de uma Anortosita.

— Está me dizendo que o material que eu lhe entreguei é de origem lunar?

— É como eu disse. Sem a menor dúvida.

Se aquilo fosse um trote, era dos melhores. Sullivan emudeceu por alguns segundos. Lucas não poderia ter sido o responsável por ter deixado a Anortosita em sua casa. Além de não ter acesso, seria óbvio demais. Sullivan conhecia todos os defeitos de Lucas, a malandragem não fazia parte do seu currículo.

— O que pretende fazer com o material? — quis saber o geólogo.

— Encaminhe para onde achar mais conveniente.

— Combinado.

— August... Te devo um café.

— Café? Me deve muito mais que isso!

— Quando quiser.

— Um abraço, reitor.

Não havia outra possibilidade. A mensagem que a pedra Anortosita e a coordenada selenográfica enviavam era bastante clara. Seu pupilo, Lucas Walker, tinha viagem marcada para *Mare Crisium*. Alguém de fora fez questão de dizer isso.

- CAPÍTULO 36 -

BOSTON, MASSACHUSETTS

— TEMOS UMA DATA de lançamento — confirmou Frank Ballard, que acabara de entrar na sala de Roy. Peterson estava presente, familiarizando um jovem jornalista com espinhas no rosto chamado Mathews, que começara há pouco tempo na Cougmann Network.

— Fantástico! — comemorou Roy. — E quanto ao outro sujeito?

O outro era Michael Crammer. Frank sabia que Roy não gostaria da informação que seguiria, por isso, fechou o semblante em antecipação.

— A Crammer Jet e a Cougmann One partirão no mesmo dia.

— No mesmo dia? Não sei se ouvi direito, Frank!

— Foi o melhor que conseguimos do Bureau de Gestão. A autorização especial só foi concedida porque sugeri uma data após o festival *Burning Man* e antes do final do ano. Eles acharam que seria uma boa ideia promover um dia de celebração do espaço. O Michael já havia dito sim. Ou partimos no mesmo dia, ou depois dele.

— Ei, mas essa é uma grande notícia — disse o jovem Mathews, sem notar que o clima já azedara.

— Posso fazer a cobertura dos dois eventos?

Roy absorvia aquela informação. Parecia estar hiperventilando.

Peterson não tinha visto, ainda, o chefe perder a compostura como naquele instante. Era algo perturbador, parecia que Roy faria um estrago em alguém a qualquer momento. Peterson, macaco velho, preferiu ficar calado. Até o jovem Mathews passou a entender que, por alguma razão, não era uma grande notícia. Roy, com toda a certeza, fulminou-o com o olhar.

— Não. Não pode cobrir... Mas certamente pode dar o fora daqui!

Mathews olhou para Peterson, que olhou para Frank. Estava sozinho.

— Por que, Sr. O'Connell?

— O que é que eu digo para vocês, cambada de imbecis?

— Desculpe... Não estou entendendo.

Peterson permaneceu distante, deixando Mathews entender sozinho que sua expectativa de vida longa dentro da Cougmann acabara de ir por terra. O comentário até poderia ser considerado inapropriado, do ponto de vista empresarial, mas certamente estava de acordo com o melhor interesse jornalístico. A confirmação de Roy veio a seguir. Clara como a luz.

— Primeiro vem a lealdade. Em seguida vem o negócio, depois vem o jornalismo — Roy disse, como se o conceito fosse uma espécie de consenso.

— Estou sendo leal, apenas me preocupo com uma cobertura correta dos--

— Não está entendendo porcaria nenhuma, meu filho.

— Sr. O'Connell, eu--

— Cale a boca.

— Desculpe se entendi algo de--

Mathews simplesmente não entendia.

— Se quiser praticar jornalismo, procure uma oportunidade no inferno, seu pequeno idiota. Quero você fora do meu grupo!

Roy olhou para Peterson.

— Tire ele da minha frente antes que eu cometa uma loucura.

Peterson se levantou e sinalizou a Mathews que fizesse o mesmo. O jovem saiu balançando a cabeça tentando encontrar o ponto exato onde havia errado, embora já fosse possível entender que qualquer erro cometido não justificasse aquela reação de Roy O'Connell. Quando saiu da sala, tinha duas palavras flutuando em sua cabeça.

Justiça e vingança.

Roy se dirigiu a Frank.

— Era só o que me faltava, um repórter preocupado com objetividade jornalística. E na redação do meu jornal... Que bostinha!

— E o que esperava?

— Um repórter leal.

— Aqui não são as forças armadas, Roy.

— Você é que pensa.

— Ok, Roy. Tem outra coisa que preciso te dizer. Fui chantageado.

— Como assim?

— Estou encerrando por aqui qualquer tentativa de interferir com Crammer.

Os olhos de Roy pareciam saltar para fora.

— Está me sacaneando, Frank?!

— Não.

— Ótimo! Que porcaria é essa?!

O tom do amigo desagradava a Frank.

— Roy, estou reconhecendo meus limites de atuação. E te informando.

— Seria bom não ter que dividir a atenção da mídia com aquele cowboy — ele disse com enorme esforço tentando parecer mais humilde.

— Concordo — disse Frank.

— Você podia fazer mais que isso... Podia me ajudar.

— Não acho que podemos mudar as coisas daqui para frente.

— Que droga, Frank! Quem você acha que roubará o show?

— O azarão...

— É lógico. O maldito azarão, Frank. O cara é um palhaço, a sua espaçonave beira o ridículo e é isso que vai angariar a simpatia do público. Eu sou o empresário arrogante, e ele o coitadinho... Não está indo bem, Frank. Não está!

— Crammer e o professor têm tido a ajuda do Ramsley.

— O senador? Com que propósito?

— Voar.

— Pensei que o rabugento estivesse aposentado.

— Não, Roy. O homem é um veterano com enorme penetração na comunidade de inteligência. Soube falar com as pessoas certas.

— E nós dois, Frank? Somos veteranos das forças especiais, cacete!

— Tenho orgulho disso...

— Também contratei você para falar com as pessoas certas.

Frank ajeitou os cabelos para trás e aspirou profundamente. Pela primeira vez em anos, não teve coragem de olhar nos olhos de Roy ao dizer o que tinha a dizer.

— O senador Ramsley tem fotos minhas, está bem?

— Não me diga... Ora, não me diga!

— Por isso caí fora.

— O que estava fazendo desta vez, Frank? Se divertindo com algum animalzinho?!

— Cuidado como fala comigo.

Roy balançou a cabeça.

— Às vezes você é um idiota.

— Estou te avisando...

— O que sugere que façamos, Frank?

— Não sei... Não escolhi ser chantageado.

Roy sorriu irônico.

— Está provando do próprio veneno.

— Estou. Não gosto.

— Não me respondeu ainda.

— Você é que é o planejador, Roy. Eu apenas executo.

Roy teve que massagear as têmporas. A ideia de que seu show seria roubado por Michael Crammer estava completamente fora dos planos. Não havia um plano B.

— Tem certeza que não podemos mudar a data?

— Não será possível... Vamos torcer para que Crammer e sua equipe metam os pés pelas mãos e não consigam decolar.

— Torcer?

— É. Ouvi dizer que Crammer utiliza material de baixa qualidade.

— Ouviu dizer...

— Temos que pensar em algo.

— Estou à sua disposição, Roy.

— Vamos impedir o lançamento deles.

— Jogando uma bomba em cima deles? — sugeriu com sarcasmo.

Roy se levantou, ainda tendo que lutar consigo mesmo e não pôr tudo a perder. A história de seu relacionamento com Frank mostrava que o amigo sempre o ajudara. Seria tolice se desgastar comparando níveis de testosterona.

— Não fosse a interferência do professor eles não levantariam voo.

— De quem? — perguntou Roy, distraído com seus pensamentos.

— Lucas Walker. Foi através dele que Michael Crammer conseguiu chegar até o senador Ramsley. Talvez se o afastássemos...

— Um pouco tarde para tirar alguém do caminho, não?

Roy voltou a se sentar e suspirou longamente. Frank cerrou os olhos.

— Não acho — explicou Frank. — Acredito que o caipira do Michael Crammer, sentimental e leal como dizem que é, talvez adiasse a viagem à Lua se o professor não pudesse comparecer à data de lançamento.

— Acha que o texano adiaria a viagem por causa de um membro ausente?

— Talvez.

— Odeio talvez...

— Então suma com ele, Roy. Crie uma celeuma. Deixe a polícia perguntar a Crammer o que aconteceu com o professor.

Frank estava pegando pesado.

— Seria óbvio demais, Frank.

— Talvez.

— Talvez... Que merda, Frank. Isso não tem qualquer sutileza!

— Tenho certeza que você poderia pensar em alguma história boa para contar. Você é o mestre da percepção, Roy.

— Ah... Obrigado, Frank.

Roy gostava de ser chamado de mestre, mas sem a ironia.

— Então que tal pensar em algo e tomar uma decisão? Continuo aqui, amigão.

— Então é isso. Vamos afastar o Lucas da equipe — decidiu.

— Muito bem. Vamos definir o que significa afastar.

— O que você acha?

— Neutralizá-lo?

— Não vamos matar ninguém, Frank!

Frank percebeu algo que desconhecia. Roy se importava com Lucas. Afinal, haviam sido amigos na faculdade.

— Então vai ter que ser bem criativo desta vez, Roy.

— Não tenho nada pessoal contra ele.

— Claro que não. Ele apenas atrapalhou seus planos...

— É, Frank. Apenas. Se ele continuar a me atrapalhar, mesmo que pense que não está me atrapalhando, terei tempo de mudar de opinião. Por enquanto vamos nos concentrar no afastamento.

— Por que não lidamos direto com Michael?

— Porque estará dividindo a atenção da mídia comigo. Fora de questão.

— Tem a mulher dele, a copiloto Suzanne.

— Mesmo risco, Frank.

— O Dr. Thomas Walden também anda sondando o Michael.

— Walden, o biruta ganhador do Nobel?

— O próprio. Quer, porque quer, um lugar na viagem.

— Que equipe de merda... São amigos por acaso?

— Não acredito.

— Então temos que nos concentrar no Lucas.

— Está me pedindo para planejar e executar?

— Estou. É sua chance de fazer as duas coisas ao seu modo.

— Combinado. Preciso de uns dias para estudar o caso.

— Seja cuidadoso, Frank. O Lucas é... Não quero que faça mal a ele.

— Já entendi isso.

Roy pensou por alguns instantes.

— Tive uma ideia.

— Sou todo ouvidos, Roy.

— Daremos um jeito de levar o Lucas até nosso galpão da Silfos em Nevada. Falo do projeto para ele e vejo se ele tem interesse em nos ajudar.

— E que jeito é esse?

— Não vai ser fácil... Vamos pensar.

— Devem estar focados demais no lançamento.

— Eu disse que vamos ter que pensar em algo.

— Deve deixar isso para o último momento.

— Concordo, Frank. Não daremos tempo para ele reagir.

— A véspera da decolagem é o ideal.

Roy assentiu.

— Então faremos o seguinte. Leve-o até o galpão, isso é um problema seu. Falarei com ele e quando eu for embora, você assume. Vai ter que segurar o Lucas lá dentro. Não sei como, essa é a tua

responsabilidade.

— Acho que pode funcionar, Roy.

— Vamos segurá-lo pelo tempo que for necessário. Sem machucá-lo.

— Entendido.

— Ótimo.

— Mas está ciente de que isto é sequestro — disse Frank, soando alarmista.

— Está incomodado com o quê?

— Não estou incomodado. Acontece que você cria as situações e acha que eu posso fazer mágica para te livrar de possíveis consequências. Estou apenas te alertando que estamos tecnicamente falando de um sequestro. Só para constar.

— Não sou idiota, Frank.

E não era mesmo. Frank estava negociando. Supervalorizando os riscos.

— Preciso consultar algumas pessoas.

— Quando você consulta pessoas, seu preço costuma crescer.

— Não posso fazer isto sozinho.

— Claro que não... É por isso que confio em você.

— É a maneira certa de trabalhar, Roy.

— Já disse que aceito o custo dessa confiança — Roy disse, irônico.

Frank assentiu e se levantou.

— Tenho que ir.

— Bom trabalho, Frank — Roy pediu de forma a não deixar dúvidas quanto à necessidade de Frank não falhar de novo.

Quando ficou só na sala, Roy massageou as têmporas, seus olhos pareciam focar em um pensamento. Ele girou a poltrona e ficou de frente para o computador de mesa. Segurou o mouse e abriu uma pasta de fotos.

Escolheu a primeira imagem de uma lista enorme.

A imagem se abriu. Uma linda fotografia de Luiza Palmer.

Muitos anos mais jovem.

Ele já tinha o novo endereço de Luiza.

Ela não sabia, mas o lobo já a observava de longe.

- CAPÍTULO 37 -

BULLHEAD CITY, ARIZONA

LUCAS APROVEITOU OS três dias anteriores em Cambridge para se despedir da mãe, fazer a faxina do apartamento e separar o Kit Pessoal da Tripulação da Crammer Jet, uma lista com no máximo 30 itens de tamanho pequeno que seria possível levar na viagem, a maioria de vestuário básico, como camisetas e jérseis, e de higiene pessoal.

Aproveitou e foi a um encontro com um grupo de alunos que deixara recados insistentes em sua secretária eletrônica. A conversa foi mais sobre eles do que sobre Lucas, que achou prudente não revelar seus planos antes da hora. Os três dias longe de Luiza também serviram para perceber que ela estava fazendo falta. Por isso, quando pegou o avião para Bullhead City, onde iria direto para o hangar de Crammer, estava determinado a consolidar sua relação. Para isso, ela teria que responder algumas perguntas suas, gostasse ou não.

No hangar, Crammer o aguardava, impaciente. O problema dele era o mesmo do concorrente Roy Charles O'Connell.

— Não é possível que o babaca da rede de TV tenha escolhido a mesma data de lançamento! Eu tinha que ser o primeiro! Entrei nessa antes de todo mundo! — desabafou o texano. Lucas já sabia, Sullivan o informara antes de sair de Cambridge.

Michael Crammer caminhava e bufava na sala de reuniões do hangar, sem se dar conta de que estava sendo ingrato com Lucas. Ao invés de comemorar a notícia, choramingava. Aquele comportamento trazia calafrios a Lucas.

Um aventureiro, nada mais do que um aventureiro...

Pensar em cair fora àquela altura, tendo perdido a chance de viajar com a Cougmann, seria abusar da sorte. Mesmo que Crammer fosse um desastre em potencial, decidira ir até o fim. Então, Lucas se encheu e decidiu dar um basta no nhém-nhém-nhém de Crammer.

— As duas espaçonaves estão autorizadas a levantar voo no mesmo dia. A sua Cassilda e a Cougmann One de Roy dividirão o espaço e a atenção da mídia e ponto final!

Crammer parou de caminhar e o olhou. O tom alto funcionou.

— Não estou culpando ninguém, professor.

— Tudo bem... Agora é uma questão de quem chega lá primeiro — disse Lucas sabendo que Crammer precisava de um novo estímulo.

— Não era para ser uma corrida.

— Mas é. E estamos nela.

— Será um prêmio de consolação se chegarmos depois deles...

O incômodo de Crammer parecia ter uma razão a mais, que ainda não havia sido dita. Ele puxou a cadeira e se sentou atrás da mesa de trabalho.

— Você ainda não perdeu nada, Michael — disse Lucas, estimulando-o a falar.

— Do jeito que está, perdi sim.

— O que não está me dizendo?

Crammer levantou as mãos, sinalizando que tentava pôr os pensamentos em ordem. Então explicou o que ainda o incomodava.

— Se as duas espaçonaves saírem no mesmo dia, é quase certo que a Cougmann One chegará primeiro à Lua.

— Não está sendo um pouco pessimista?

— Não é uma questão de pessimismo. A questão é de plano de voo. A Soyuz levará menos tempo de viagem. Isso é certo.

— Tem certeza?

— Tenho. Olhe, eu reconheço a sua ajuda, tá legal?

— É uma ajuda mútua, Michael.

— Certo, mas você colocou o projeto na direção certa. Apenas como desabafo, gostaria que o dia do lançamento fosse o *meu* dia, e de mais ninguém. Agora vou ter que compartilhar a atenção com um grupo grande, que tem um pé na mídia e um projeto mais sólido do que o meu.

— Não há o que fazer quanto a isso.

— É injusto...

Lá vamos nós de novo, teme Lucas.

— Como é, estou dentro da Crammer Jet?

A pergunta era desnecessária, mas Lucas queria ouvir com todas as letras.

— Claro que está — disse Crammer se levantando da cadeira e esticando o braço por cima da mesa, onde apertaram as mãos. — Totalmente dentro!

— Vamos fazer bonito, Michael.

Lucas tinha sérias dúvidas, mas não queria estragar o momento.

— Preciso me encontrar com Suzanne — disse Crammer, subitamente excitado e disparando em retirada.

Lucas sorriu. Refletiu que a mistura de pessoas tão improváveis quanto Michael Crammer e seu hangar-oficina, e ele próprio, acostumado ao ambiente de Cambridge e do MIT, tinha o seu lado interessante. Bem ou mal, as coisas estavam caminhando. Para Lucas, no entanto, a viagem não era garantia de que conseguiria esclarecer o que o pai havia descoberto. Apenas voaria ao redor da Lua. Assim como voar ao redor da Terra à partir de uma determinada altitude não permitiria que alguém descobrisse que aqui existem estruturas artificiais criadas pelo homem, e com a Lua não seria diferente. Ele teria que encomendar as melhores câmeras fotográficas disponíveis.

TUCSON, ARIZONA

LUCAS ENTROU NO Dodge Durango alugado e foi ao motel onde Luiza o aguardava, próximo a Tucson. Pretendia trocar este por outro motel mais perto do hangar. As coisas estavam caminhando depressa e ele não tinha se preocupado muito com a logística, mas no trajeto de cinco horas teve tempo de pensar.

Colocou na mesma cesta o fato de ter perseverado em sua loucura de investigar o pai, e a sorte de poder se afastar do trabalho. Agora, iria dar um passo gigantesco que o levaria para um passeio ao redor do objeto de estudo de Milton Walker. Ele estava em estado de graça. A confirmação da sua ida à Lua foi assimilada aos poucos, ganhando intensidade.

Preciso celebrar.

Parou o carro no estacionamento do motel Super 8 Tucson e sentiu uma enorme vontade de se entender com ela. De repente, o sonho que começava a saborear teria menos sabor sem aquela mulher intrigante que havia entrado em sua vida. A comemoração incluiria Luiza de qualquer jeito.

Mas ele, ainda, mal a conhecia. Um súbito receio trouxe um gosto amargo em suas expectativas — a de que Luiza tivesse ido embora assim como aparecera. Sem aviso ou explicações. Por isso, saiu do carro e caminhou a passos largos em direção à porta do quarto. Em seu peito havia uma avalanche de emoções e expectativas. Era incrível, a realização de um sonho já abria espaço para novas ambições e realizações. A partir daquele momento nada ficaria pela metade. Estava decidido a descobrir tudo sobre ela.

Tenho esse direito.

Aproximou-se da porta do quarto e diminuiu os passos. Observou a luminosidade que vazava debaixo de algumas portas no corredor e comparou-as com a sua, logo adiante. Mas ali não havia luz. Olhou o relógio. Era início da noite. Temeu que a estranha que invadira sua vida fosse muito mais importante do que ele supunha — uma sensação que o assustou: o medo de perdê-la.

Lucas parou em frente à porta. Estava tudo quieto. Seu coração acelerou. Ele colocou a chave na porta e entrou de forma desajeitada... Luiza lia serenamente em uma poltrona, como se soubesse que Lucas chegara. Havia apenas um abajur suave ligado, cuja intensidade não vazava por debaixo da porta. Ela se virou para ele, abaixou a revista de uma loja de departamentos e sorriu. O melhor sorriso que Lucas havia recebido de alguém em muito tempo.

Meu Deus. Que mulher linda.

Lucas não conseguiu dizer nada.

— Estou com fome — ela disse, sem saber do turbilhão de sentimentos que afligia Lucas. Ele sorriu de volta sem conseguir esconder o alívio ao vê-la. Como não entendia o que se passava, tomou o cuidado de respeitar seus sentimentos.

Lucas deixou as chaves e a maleta sobre a cama. Estava prestes a se declarar, sentindo-se como um adolescente.

— Tenho muitas perguntas — ele disse.

Luiza percebeu uma resolução diferente em Lucas. Não era uma colocação autoritária, mas um desejo sincero. Havia uma nova perspectiva em sua curiosidade, só não sabia se ela própria estaria pronta para revelar sua história, e nem mesmo se seria uma boa ocasião. Ainda assim, o passado insistia em voltar de uma forma ou de outra.

Lucas se sentou na cama, ao lado da poltrona onde estava Luiza. Pegou em suas mãos e olhou para os olhos dela de maneira a não deixar dúvidas.

— Vou para a Lua.

Não acredito... Conte tudo!

Lucas a olhava com uma determinação crescente. Ele tinha um plano de vida, que havia decidido há pouco menos de dois minutos, enquanto caminhava entre o carro e o quarto. Para que Luiza fizesse parte do plano, seria ela que teria que começar a contar as coisas primeiro, afinal, o plano de Lucas era nobre e ele tinha direito de conhecer aquela que ele pediria em casamento.

— Como disse, *eu* tenho muitas perguntas — ele disse, tomando o cuidado para não assustar Luiza. Lucas não sabia se estava apaixonado, embora o que sentia pudesse ser mais ou menos isso. O que existia era um fascínio. Luiza era elegante, tinha uma inteligência que se revelava de forma discreta, mas presente. Era uma mulher desejável e o estava ajudando sem pedir nada em troca. Após todos os anos de solidão, quando as relações de Lucas eram muitas e duravam na média uma única noite, Luiza se parecia demais com o que uma esposa teria a oferecer em sua concepção de relacionamento duradouro.

Ela afastou suas mãos das de Lucas, delicadamente, e se levantou. Caminhou até o outro lado da cama e pensou por longos segundos.

— Há muitas coisas sobre mim que você não sabe — admitiu.

— Imaginava que tivesse.

— Está curioso. Entendo você... Completamente.

— Luiza, o momento de abrir o jogo é agora.

— Desculpe. Não gosto dessa colocação.

— Qual?

— Deixei de jogar há muito tempo. Não brinco com ninguém.

— Desculpe. Talvez eu não tenha me expressado direito.

— Expressou sim. Está realizando o sonho de sua vida e sou capaz de compreender o que se passa com você.

— Então converse comigo!

Luiza fechou os olhos. Lucas era um professor maduro e inteligente, uma pessoa de bom coração, completamente diferente do tipo de pessoa com que ela estava habituada a lidar — e se defender — ao longo da vida. Se ela não falasse, correria o risco de perdê-lo. Pedir para ele aceitar seu silêncio, indefinidamente, seria irreal.

— Preste atenção no que vou te dizer porque não quero ser mal entendida.

— Diga o que tiver que dizer.

— Fui parte de um experimento psicológico de uma agência do governo da qual só comecei a me recuperar nos últimos anos — ela disse com firmeza.

Lucas se calou. Queria entender melhor antes de novas perguntas. A palavra *experimento* soava além de sua imaginação, ainda mais por ter sido seguida pela afirmação de que somente nos últimos tempos havia se *recuperado*. A impressão que ela deixou foi clara e forte.

Luiza continuou.

— Não há nada que você possa fazer para ajudar, e não há nada que eu possa dizer que possa fazer com que você me ajude. O importante é você saber que eu estou livre e que desejo recomeçar minha vida.

Lucas considerou a hipótese de que ela mentisse. A forma como Luiza colocava as coisas era mais conveniente para ela, no caso de estar omitindo algo que ele não fosse gostar.

— Está doente?

— Não. Sou uma mulher saudável.

— Então pede que eu simplesmente cruze os braços?

— Acho que deve tentar. É o melhor que podemos fazer.

— Mesmo diante do que acabou de me dizer?

— Sim... Eu disse que o meu passado está no lugar onde deve estar, e que desejo seguir em frente com a minha vida.

— Mas isso não muda a minha necessidade de conhecer você.

Luiza sorriu. Ele tinha razão, também.

— Lucas, o que pode ser mais importante do que seguir em frente?

— Ter uma relação normal e de confiança mútua.

— Não sei se teremos uma relação normal.

— Podíamos tentar.

— É o que estamos fazendo, Lucas.

— Sim, e é o que eu quero!

— Ótimo!

— Como assim? Nada está ótimo... Não me disse muita coisa nova, disse?

— Se prestou atenção, verá que disse mais do que gostaria de ter dito.

Experimento. Se recuperando. Lucas se lembrou.

— Não estou pedindo para você mudar coisa alguma.

— Então olharemos somente para o futuro.

— Quero apenas te conhecer.

— Já está me conhecendo.

— Talvez o ritmo esteja bom para você, mas para mim deixa muito a desejar. Quero viver hoje! Vou para a Lua em poucos dias... Esse momento é único, Luiza!

— Vai ter que me conhecer pela minha postura.

— Que é...

— A de alguém que sofreu e que prefere esquecer o passado.

Lucas se levantou, deu a volta na cama e pegou nas mãos de Luiza. Sentaram-se em uma das camas.

— Confio em você.

— Eu também.

— É estranho e talvez até irresponsável, mas acredito nas coisas que me diz.

— Eu percebo isso... Jamais trairei sua confiança.

Lucas manteve um olhar firme. Ele precisava saber mais.

— Trabalha pro governo?

— Nunca *trabalhei* para governo algum.

— Não foi o que acabou de me dizer?

— Disse que fiz parte de um experimento, mas foi contra a minha vontade.

Lucas franziu a testa e assentiu. Possibilidades invadiram sua mente, mas eram somente especulações. Ela parecia estar sendo honesta. Havia em seu semblante uma faísca de dor, o que o fez ter mais cuidado com o que perguntaria dali em diante. A curiosidade quase incontrolável deu lugar à preocupação com o ser humano Luiza. O silêncio que se seguiu indicou a ela que Lucas a respeitaria, e o respeito que ia conquistando, fazia com que confiasse nele um pouco mais.

— Desde pequenina minha vida estive nas mãos das piores pessoas que alguém possa imaginar. Peço que me entenda e não pergunte mais nada. Vamos deixar a vida correr.

Lucas decidiu que aceitaria aquela proposta porque duas coisas grandiosas estavam diante dele. Lua e Luiza. Era preciso ter calma e seguir com cuidado, sem pressionar nenhuma delas além do normal. Ambas eram agora igualmente importantes. Luiza baixou a cabeça e virou o corpo para o lado, se esforçando para controlar as emoções. Lucas a abraçou e ela permaneceu quieta em seus braços. Reconheceu que, fosse ele, outro, provavelmente iria embora sem aceitar seus argumentos.

— O que aconteceu com a sua mania por controle? — perguntou Lucas quebrando um pouco a tristeza de Luiza.

— Continua firme e forte.

Luiza o olhou e Lucas se derreteu. Pela primeira vez viu a vulnerabilidade daquela mulher, em toda a sua beleza e profundidade.

— A tendência é piorar com o tempo — ela disse, esboçando um sorriso.

O telefone de Lucas tocou.

Ah não...

— Alô.

— Lucas, é o Michael.

— Diga, Michael.

— O Dr. Walden me procurou. Quer dar alguns palpites. Saiu do aeroporto há pouco e vem para cá. Melhor você vir também ou ele rouba teu lugar na Cassilda — disse Crammer, tentando parecer engraçado. Como Lucas não fazia ideia do que se tratava aquilo — o Dr. Walden, justamente ele, indo se encontrar com Crammer — não pensou duas vezes.

— Estou indo.

Lucas desligou e olhou para o relógio. Eram mais de onze horas da noite e ele estava moído da viagem de carro que teria que refazer em instantes.

Mais cinco horas de carro até Bullhead City. Tudo por um sonho.

- Tenho que voltar ao hangar.
- Quer comer alguma coisa antes? Pedimos no quarto.
- Gostaria de ficar aqui com você, mas é melhor eu ir logo.
- Estarei aqui quando voltar.
- Adivinhou minha próxima pergunta. Então podemos esquecer as surpresas?
- Essa fase terminou. Também quero saber quem você é.

Lucas se levantou, pegou as chaves e a maleta.

- Isso é fácil.
- Estou me referindo a longo prazo.
- Bom, nesse caso, eu também gostaria de me conhecer melhor.

Ele queria tomar um banho, pedir uma bebida e fazer o que tinha em mente, com calma. Poderia esperar um pouco mais para viver a plenitude do presente, mas saiu. Fechou a porta do quarto olhando o sorriso de Luiza e a mão que acenava com delicadeza.

Lucas caminhou até o carro, deu a partida e foi seguir seu caminho na estrada. Menos de um minuto depois, as marcas dos pneus de onde partira o Dodge Durango foram ocupadas por outro automóvel. Um sedan preto com placa do Arizona.

ENTRE OS CELTAS irlandeses, existia a tradição das iniciações guerreiras do lobo. Era uma espécie de transformação que tornava o jovem em uma fera resistente e corajosa. A captura de uma presa exigia um trabalho de equipe. Na alcateia, cada um exercia uma função. Para ter sucesso na caça era necessário paciência para encontrar a presa, rastreá-la, separá-la da manada e finalmente capturá-la.

Os dois homens da alcateia de Roy viram o carro de Lucas se afastar e aguardariam seu retorno pelo tempo que fosse necessário. Também sabiam que havia uma moça no quarto e que ela era parte da refeição. O lobo deixara claro que não admitiria falhas. O chefe direto deles, Frank Ballard, fora bastante claro quanto a isso. A caçada bem sucedida ofereceria alimento farto a todos.

- CAPÍTULO 38 -

BULLHEAD CITY, ARIZONA

O DR. THOMAS Walden voou até o aeroporto McCarran em Las Vegas e alugou o carro mais barato que encontrou para chegar a seu destino: o hangar da Crammer Enterprises em Bullhead City. Walden estava duro e sem perspectiva de novos contratos de consultoria ou pesquisas. Cada dia que passava, era um dia a mais — desde que alguém da sua família procurara pela última vez.

Crammer e Walden já haviam conversado algumas vezes, o suficiente para Walden se certificar que Crammer era um apaixonado por aviação, mas um completo ignorante em tudo o mais. Por outro lado, Michael Crammer encontrara no Dr. Thomas Walden algo que ele não poderia sonhar: a credibilidade que um vencedor de Nobel traria à sua viagem à Lua. Para quem ou por que Crammer ansiava transmitir credibilidade não estava claro. Na visão de todos, o projeto dele sempre fora uma celebração da relação homem-máquina. Nada mais.

Walden chegou ao hangar e foi ao encontro da equipe, que já estava esperando na sala de reuniões no andar de cima. Lucas chega pela manhã cedo e estava na terceira dose de café. Depois de cumprimentar todos, Walden sentiu que o ambiente não era dos melhores. Crammer não estava com cara de muitos amigos, parecia preocupado com problemas da empresa. Walden viu quando ele se negou a atender uma chamada telefônica e depois mandou a secretária dizer que estava viajando, caso houvessem novos telefonemas. Agora, na sala de reuniões, Crammer olhava com cara de endividado através da janela da sala. Lucas, por outro lado, não escondia o fato de que estranhava a presença de Walden ali.

— Podemos começar? — perguntou Lucas.

Crammer tirou os olhos brevemente de cima de sua espaçonave, que observava pela janela da sala. Por incrível que pudesse parecer, Crammer não estava interessado na reunião. Era a sensação de todos. Aquele, afinal, seria o voo de sua vida. O mínimo que se esperava, era uma demonstração de entusiasmo pelo comandante da equipe.

— Por mim está tudo pronto. Estou apenas contando as horas — disse Crammer com seu jeito direto e de pouco tato.

Lucas se movimentou na cadeira e fixou o olhar em Walden, que era quem deveria falar. Walden era o quarto tripulante, chegara de última hora e sua vinda ainda não tinha sido bem explicada.

— E então, está a par da nossa missão primária, Dr. Walden? — perguntou Lucas.

Crammer se afastou da janela irritado e se manifestou antes que Walden tivesse a chance de começar a falar.

— Missão? Não temos missão alguma. Temos um plano de voo e só.

— Me refiro a aproveitar a viagem e fazer mais coisas — disse Lucas.

— Que coisas?

— Coisas que não prejudicarão em nada nosso voo.

— Ei, ei, devagar... Nossa missão primária — e única missão — é ir até a Lua, dar uma volta ao redor dela, tirar umas fotografias bem bacanas e voltar direto para casa!

Walden se levantou e atraiu os olhares de Crammer, Lucas e Suzanne. Ele era uma figura e tanto com

sua altura acima da média e seus longos cabelos e barbas brancos.

— Antes de qualquer coisa quero manifestar meu agradecimento a você, Michael. Obrigado por me dar a oportunidade de fazer parte deste grupo.

Lucas olhou surpreso para Crammer, que sentiu que devia uma explicação.

— O Walden tem uns patrocinadores interessados em bancar uma segunda viagem à Lua. Isto é, se formos bem sucedidos.

— Seja bem-vindo, Walden — disse Lucas. Walden trouxera grana ao projeto. Estava relativamente explicado.

A verdade — e Lucas conhecia bem qual era — é que Walden não tinha qualquer credibilidade na comunidade científica, em especial para levantar recursos para um projeto liderado por um texano peculiar e sem qualquer histórico de contribuições para a ciência, e nem mesmo para a aviação. Ficava óbvio para Lucas que o Nobel que Walden havia ganhado anos antes ainda rendia frutos com os mais desavisados. Crammer, por certo, era um deles. Walden conseguiu um lugar na Crammer Jet baseado em uma simples promessa de futuros patrocínios, ao contrário de Lucas, que teve que suar para ter um lugar garantido. A entrada de Walden era esquisita, mas Lucas não questionaria.

Walden respondeu.

— Penso que não há nada de errado em seu plano, Michael. Faremos exatamente o que sugere.

— Sinto-me feliz que pense dessa forma.

— Por outro lado, nada nos impede de dar uma boa olhada na superfície da Lua enquanto orbitamos ao seu redor.

Crammer, que já tinha deixado para trás a fase da boa aparência, deu dois passos em direção a um cesto de lixo, cuspiu como bom homem das cavernas, depois caminhou ao redor da mesa de reuniões, como se estivesse domando uma pequena boiada e marcando seu território.

— Meu camarada — disse Crammer olhando para Walden. — A guerra fria acabou faz tempo. Não acho que vamos encontrar nenhuma base russa lá em cima — garantiu Crammer, exagerando no sarcasmo. Suzanne balançou a cabeça incomodada. Não tinha como conter a ignorância do marido.

— Querido — disse Suzanne com os dentes cerrados e bastante acidez. — Não estamos falando de bases russas. Há outras coisas a serem exploradas.

— Como o quê?

— Que tal sermos um pouco menos egoístas e darmos uma chance para o que nossos amigos têm a dizer? — insistiu Suzanne.

Embora olhasse para Crammer, Lucas falava para Walden.

— O plano é dar uma olhada em certas formações e tentar entender suas origens. Walden e eu conversamos antes sobre essas possibilidades. Não há nada demais nisso.

Crammer sorriu aos cientistas.

— Sei... Olhe, isso aí está um pouco além da minha compreensão. Desde que não despertem a atenção dos burocratas, não estou nem aí — ele disse, caminhando em direção à janela de vidro e contemplando pela enésima vez a sua espaçonave. — Tudo o que eu quero é poder voar de uma vez por todas na minha querida Cassilda e dar o fora daqui!

Suzanne virou os olhos. Crammer podia ser bem meloso com suas máquinas.

— Vocês que escolham por onde devemos voar que eu tentarei chegar lá — determinou o comandante. Aquilo liberava os cientistas de escolherem seus próprios caminhos.

— Sejamos realistas — disse Walden, ponderando entre Crammer e Lucas. — A única coisa que faremos fazer lá em cima é sermos bons espões. Vamos observar e relatar.

Era só uma maneira de falar, mas Crammer virou o pescoço na direção deles.

— Esse negócio de espionar me dá calafrios...

Walden ignorou Crammer. Falou para Lucas.

— É indispensável levar câmeras de vídeo infravermelhas. E baterias certificadas para o espaço. Muitas.

Suzanne percebeu a eletricidade na troca de olhares entre os dois.

— O que é que tem de tão especial em levar câmeras para o espaço?

— O que os nossos olhos não veem, elas dão conta — disse Walden enquanto retirava fotografias de sua valise metálica. — Desculpe, Suzanne. Deixe-me explicar melhor.

Walden pegou uma fotografia. Girou-a e a colocou na frente dela.

— Veja. Uma criança em idade escolar saberia dizer o que é isso.

Suzanne perdeu tempo pensando em uma resposta inteligente.

— Crateras resultantes de impactos — ajudou Lucas.

— Exato — disse Walden, imediatamente ajeitando a próxima fotografia na frente de Suzanne. Era outra cratera, fotografada de um ângulo mais próximo. — E essa?

Lucas e Suzanne esticaram os pescoços.

— Uma cratera — arriscou Suzanne, cheia de sarcasmo.

— De fato, é o que parece, mas tenho certeza que irá nos surpreender — disse Lucas sorrindo para Walden.

Crammer se aproximou a passos pesados para que percebessem sua presença. Walden afastou o ombro levemente de modo a incluí-lo na conversa.

— Trata-se de uma fotografia aérea da antiga fortaleza no Khorezmian, no Uzbequistão.

Walden pegou a foto e a substituiu — lentamente — por outra.

— Parece mesmo uma cratera lunar. Mas depois de ter sido escavada...

Walden revelou a foto seguinte. Mostrava a fortaleza de Khorezmian *após* uma escavação concluída em 1956. Então, ergueu as duas fotos lado a lado. A primeira parecendo uma cratera lunar comum, enquanto a outra revelava que a suposta cratera era, na verdade, uma antiga construção.

Essa era exatamente a tese de Walden. Crateras vistas à distância pareciam apenas crateras. Porém, quando vistas de perto, ou exploradas arqueologicamente, tinham o potencial de revelarem sua verdadeira natureza artificial.

— Fica bastante claro que não estamos vendo uma formação natural, mas uma construção 100% artificial.

— Está nos dizendo que podem existir fortalezas como essas na Lua?! — perguntou Suzanne.

Walden alisou a barba e o bigode. Era óbvio que ele achava.

— Existem muitas crateras por lá. Então, penso em termos de possibilidades. Muitas possibilidades. Se chegarmos perto o suficiente e tirarmos boas fotos, teremos fotografias nossas, sem retoques de agências de governo. Pode acreditar, Suzanne, saberemos decifrar essas imagens caso nos deparemos com alguma coisa fora do comum.

Lucas começava a gostar da presença de Walden na equipe. O motivo já não importava tanto. O raciocínio dos dois era praticamente o mesmo. Crammer, no entanto, parecia inseguro com a ideia.

— Não sei, rapazes... Temos que ter cuidado com o que fazemos.

— Não se preocupe, Crammer — disse Lucas.

— Não posso esquecer o que o senador me pediu.

— Seria impensável dar a volta na Lua e não tirar fotografias.

— Lógico que não... Mas é o meu rabo e o meu dinheiro que está em jogo!

O telefone da sala de reunião tocou. Crammer atendeu.

— O que é?!

— Tem um repórter aqui querendo falar com o senhor — disse o segurança.

— Que repórter?

— O nome é Mathews. Diz que trabalhava para a Cougmann Corporation, mas não trabalha mais.

— Pegue o telefone dele. Ligo mais tarde.

Crammer desligou achando aquilo estranho.

— Amigos, vou cuidar da minha menina lá embaixo. Vocês que decidam o que querem fotografar, eu não me importo. Apenas não me metam em confusão.

- CAPÍTULO 39 -

DESERTO DE BLACK ROCK, NEVADA

OS RUSSOS CHEGARAM vestindo macacões com a insígnia da Cougmann One. Seis meses antes, os primeiros membros da equipe começaram a trabalhar discretos na montagem da estrutura de lançamento. O local escolhido fora uma espécie de berço do missilismo. Foi ali que, pela primeira vez, um foguete amador lançado pela *Civilian Space eXploration Team* ultrapassou a barreira dos cem quilômetros de altura.

Mas não a primeira vez que um foguete Soyuz seria lançado no continente americano. Anos antes, eles já haviam feito um lançamento a partir do Porto Espacial Europeu, na Guiana Francesa, onde colocaram em órbita dois satélites de navegação Galileo, o equivalente europeu ao GPS.

Quando o comboio com uma dúzia de carros trazendo Vips e jornalistas chegou, a torre móvel de estrutura metálica que acomodava o foguete já estava em plena operação. Nas semanas anteriores, os três estágios do Soyuz chegaram transportados por enormes carretas. Depois, foram erguidos por guindastes e levados ao interior da torre até a sua posição de lançamento, onde os técnicos realizaram os encaixes e as conexões. As plataformas foram sendo abaixadas conforme cada etapa de trabalho era concluída. A Cougmann One já estava montada e agora passava pela fase final de vistorias e testes. O abastecimento do combustível do foguete seria feito algumas horas antes do lançamento.

Uma parte dos carros estacionou na área onde estavam os trailers e algumas cabines técnicas. A outra, com uma nova leva de técnicos, seguiu até a plataforma de lançamento, ficando mais adiante, a uma distância segura. Roy desceu do Lincoln preto vestindo o mesmo uniforme azul escuro dos demais, que incluía marcas de patrocinadores e investidores. Jack Tulip, um dos principais investidores, desceu do Lincoln atrás de Roy e observou a Soyuz — ou melhor, a Cougmann One, como preferia Roy. Ambos acenderam seus charutos quase que ao mesmo tempo.

— Tem certeza que essa coisa chega até a Lua? — perguntou Jack, cuja vida girava e se resumia em números, mas cujo investimento no projeto era pequeno se comparado com o apoio não revelado que Roy recebera da Fundação.

— Está de brincadeira, Jack! Essa é uma Soyuz acrescida com o que há de melhor da tecnologia americana.

— Li o relatório, Roy...

— Então conhece o histórico de segurança.

De fato, a Soyuz era a espaçonave em uso mais antiga da história da exploração espacial, extremamente segura e com baixo índice de acidentes fatais.

— Não sei como convenceu os russos a trazerem um foguete desses para cá.

— Capitalismo, Jack. Move o mundo.

— E como convenceu nossas autoridades a permitirem isso?

— Ainda mais capitalismo.

Um assistente trouxe dois binóculos. Roy e Jack observaram a Cougmann One cercada de engenheiros russos fazendo inspeções na torre de lançamento.

— Parece que sabem o que estão fazendo...

— Com certeza, Jack.

— E nós, sabemos?

Roy riu e entendeu o que o parceiro queria saber.

— Em alguns anos estarei nadando em dinheiro. Quem estiver comigo nadará junto.

— Li isso na fase de prospecção, Roy — disse o investidor, ainda cético.

— A Lua vale a pena, Jack.

— A questão é: terei o meu dinheiro de volta algum dia? Ainda acho que você poderia ter usado uma alternativa de propulsão mais barata.

— Optei por segurança. Você sabe disso.

— O plano de negócios nunca foi brilhante...

— Relaxe, Jack. Esse é o veículo que funciona.

Roy deu um tapinha no ombro de Jack e caminhou em direção a um dos trailers onde um grupo de quatro meninas acenava e erguia garrafas de champanhe, prontas para o happy hour que se aproximava.

As modelos eram parte do show de Roy, garotas que pareciam ainda crianças e provavelmente tinham atingido a maioridade apenas recentemente. Escolhidas por assessores antenados, tinham aspecto quase cadavérico devido à magreza que eram obrigadas a exibir para atenderem às necessidades quase pedófilas de alguns fazedores de moda. Seus rostos e expressões corporais sugeriam tristeza e certo desdém pela vida — e igualmente por tudo que fosse alegre e saudável. Roy iria até o trailer, fecharia a porta e beberia uma única taça de champanhe com elas. Então forneceria drogas a quem quisesse e ficaria em um canto trabalhando em seu notebook. Depois de mais ou menos uma hora ele sairia do trailer e daria a impressão de que era um garanhão que acabara de ficar com quatro meninas que poderiam bem ser suas netas.

— Acabamos a inspeção? — quis saber o preocupado Jack Tulip quando Roy já estava no meio do caminho até o trailer.

— Tem que aprender a relaxar, Jack — gritou Roy acenando para as meninas.

Jack deu de ombros e se dirigiu para a limousine preta.

— O dinheiro é a única coisa que me relaxa, Roy.

SCOTTSCALE, ARIZONA

A NOITE CHEGOU e os jardins da mansão nababesca de Michael Crammer estavam repletos de amigos e familiares. Ele era um texano que achava que deveria levar os costumes do seu estado para o Arizona. A fatura do churrasco, ao estilo “tudo é grande no Texas”, era uma dessas ocasiões. Uma festa de despedida com balões, carrinhos de comidas e crianças, correndo e gritando por todos os lados. Talvez fosse a face mais verdadeira de Crammer. Falastrão, festeiro e escorregadio, mas alguém que sempre soubera manter boa relação com as pessoas. Uma pessoa autêntica.

Tudo o que Lucas gostaria de fazer era retornar ao Super 8 e dormir, mas somente no final da tarde Crammer o informara sobre a confraternização que planejava. Um pouco esquisito Suzanne também não ter dito nada a ninguém, deixando para confirmar o evento na última hora. Se estivessem se escondendo de alguém, essa seria a maneira de se despedir. Além disso, Lucas achava que havia pouco esforço de publicidade, e que a postura de Crammer em relação à viagem, contrária à sua personalidade extrovertida, estava sendo muito *low profile*.

Lucas telefonou para contar à Luiza sobre a festa na casa de Crammer. Foi por mera consideração, ele sabia que não daria para ela chegar a Scottsdale em tempo. Em algumas horas, Lucas estaria de volta ao

motel e eles poderiam por fim se conhecer como um casal — mesmo sabendo que para isso ele teria que tomar alguma injeção para permanecer acordado.

Depois de ingerir um típico e apimentado cachorro quente texano, Lucas viu Mathews se aproximar dele. O jovem repórter que havia sido dispensado por Roy achou que seria uma boa vingança prestigiar o projeto de viagem à Lua do concorrente, a Crammer Enterprises. Depois de anotar cuidadosamente o currículo de Lucas, focou nos detalhes da viagem.

— Ainda existem muitas dúvidas sobre a Lua — explicava Lucas.

— Pode me dar um exemplo?

— Dados sugerem que a Lua deveria ter uma órbita bastante instável, mas, curiosamente, não tem.

— Que interessante...

— São questões que justificam o esforço que estamos fazendo para ir até lá — respondia Lucas enquanto olhava com calma para Mathews, que anotava tudo rápido com caneta e papel.

— Já ouviu falar em gravadores digitais?

— Prefiro escrever, me ajuda a entender melhor — explicou o repórter, erguendo o olhar até Lucas para uma nova pergunta. — Não compreendo uma coisa. Nossos melhores cientistas, trabalhando nas instituições mais respeitáveis dos Estados Unidos, com todos os recursos possíveis, não conseguiram responder a várias dessas questões ainda. Mas vocês...

— A sua insinuação é maldosa — disse Lucas sorrindo e bebericando sua cerveja. — Nós não estamos dizendo que encontraremos respostas. Será um voo orbital, não pousaremos na Lua. Difícil voltar com alguma nova resposta, mas isso não nos tira o direito de tentar.

— Claro que não. Meu papel é perguntar.

— Deixe-me colocar de outra maneira. Nossa missão é representar o zé povinho, pessoas como você e eu. Estamos bem livres da complexidade das missões governamentais e de questões políticas diversas. Não temos patrocinadores e não temos obrigações. Michael Crammer colocou dinheiro do próprio bolso e teve ajuda financeira de amigos desinteressados. Somos exploradores genuínos e independentes. É assim que me sinto.

— Essa é uma missão que eu faço questão de acompanhar de perto — Mathews disse com certa ironia. Comparar a estrutura da Crammer com o que Mathews tinha visto na Cougmann fazia com que ele pensasse daquele jeito. — Diga professor, qual é a verdadeira agenda de vocês?

Lucas encolheu os ombros e olhou para as pessoas que circulavam na festa. A verdadeira agenda de Lucas pertencia apenas a ele.

— Vamos viajar com nossos corações e mentes abertos.

— Como os aventureiros românticos de antigamente?

— É por aí, garoto. Vamos ver o espaço de perto, sentir como é sobrevoar a Lua. Faremos fotografias e retornaremos a Terra. Acha pouco?

— Certo, professor. Mas há um rumor.

— Sempre há...

— Dizem que o senhor seria uma espécie de lunático, com o perdão da palavra. Um aficionado pela Lua. Por quê?

A pergunta de Mathews era um tanto abusada. Além disso, lembrou-o do pai.

— Como eu disse, essa será também uma jornada da alma, mas se encontrarmos alguma coisa diferente por lá, queremos que as pessoas saibam.

— O que poderiam encontrar de diferente?

— Uma nova resposta, uma nova teoria sobre sua origem. Essas coisas.

— Está preocupado com a viagem? Seu competidor diz que a Crammer Jet não é exatamente uma joia da tecnologia. E ainda tem esse apelido, Cassilda...

— Nosso concorrente tem um orçamento bem maior que o nosso, mas pelo que me informa, ainda

assim se mostra enciumado com nosso espírito independente.

— É, mas ele tem a Soyuz.

— OK. Quero ver se você tem coragem de dizer isso ao Michael Crammer — sugeriu Lucas, e então se afastou para se juntar a Sullivan e Crammer, que conversavam próximos a uma grelha.

O reitor Sullivan havia sido avisado no dia anterior, e presumiu que Lucas soubesse da festa, de modo que não achou necessário comentar antes sobre o encontro que teriam naquela noite.

— Essa é apimentada para valer, reitor — disse Crammer antes de comer uma das linguças especiais que encomendara.

— Não, obrigado — respondeu Sullivan. O ar ligeiramente esnobe do reitor ganhava corpo quando estava próximo a Crammer. O contraste entre os dois era inevitável. Quando Lucas se aproximou, Sullivan entregou-lhe o bilhete que encontrara na porta de sua casa dias antes.

— Algum admirador anônimo deixou isso comigo.

Sullivan olhou nos olhos de Lucas buscando identificar algum sinal de que ele soubesse sobre o assunto. O professor deu uma olhada e depois entregou o bilhete a Crammer, que teve que limpar as mãos engorduradas antes de pegá-lo.

— É uma coordenada — disse Crammer.

— Sim, eu sei. Consultei o Dr. August P. Clark, professor de geologia do EAPS. Trata-se de Mare Crisium — falou Sullivan olhando para Lucas. A menção daquele nome fê-lo sentir o tempo voltar com toda força. Era surpreendente ver Sullivan confirmar suas suspeitas de que havia algo a ser observado em Mare Crisium.

— Alguém quer que visitemos esse lugar — disse Lucas.

— Não tenho mais dúvidas quanto a isso. A coordenada veio junto com um pequeno souvenir, um pequeno fragmento de Anortosita.

— Que raios é isso? — quis saber Crammer.

— Uma rocha lunar — explicou Lucas. Aquela era a segunda vez que o destino trazia Mare Crisium à sua porta. Quando era criança, teve o episódio da pessoa que caíra de bicicleta e que se chamava Tyler. Sullivan sabia daquela história bizarra.

— Lucas, sei que o nome Mare Crisium o faz lembrar do seu pai, mas espero que não acredite que ele esteja em alguma base secreta da Lua ou coisa parecida — disse Sullivan, preocupado em afastar possíveis fantasmas da cabeça de Lucas. Ele riu. Era uma brincadeira que Sullivan sempre fazia para minimizar as preocupações de Lucas com o passado, mas dessa vez a brincadeira tinha outro sabor. Era véspera de sua viagem à Lua.

Crammer também riu.

— É isso que quer fazer, professor? Encontrar seu pai? Se for, vamos ter que trazer o velho em nosso bagageiro. Só tenho quatro assentos — disse Crammer sem conhecer a história do desaparecimento de Milton Walker e o quanto isso afetava Lucas.

— Michael, o pai de Lucas trabalhava com análise de imagens da Lua e desapareceu na década de 1950. Uma das regiões em que ele pesquisava era a própria Mare Crisium, que a coordenada do bilhete que recebi sugere que a visitemos.

A ficha começava a cair para Crammer.

— Ah... Bem, me perdoe, amigão.

— Tudo bem. Acha que pode ajustar o plano de voo de maneira a passar por cima de Mare Crisium?

Crammer ergueu o bilhete amassado com a coordenada e o guardou zelosamente no bolso de sua camisa.

— Vou calcular o gasto de combustível. Se não comprometer, vamos nessa!

Lucas olhou para Sullivan. Não havia uma única vez em que Lucas falasse sobre a história do pai e Mare Crisium que não fosse contestada pelo reitor — uma maneira de poupar o professor de maiores

angústias em relação ao tema. Desta vez, no entanto, Sullivan não dissera nada. Ao contrário, estava solidário.

— Acredita em destino, Sullivan?

— Quem sou eu, Lucas.

— Tem que admitir que alguém quer que olhemos para aquele pedaço da Lua.

— Admito que não dormi tão bem esta noite.

- CAPÍTULO 40 -

TUCSON, ARIZONA

MABUS CAMINHAVA SOZINHO no Miraval. Um terapeuta, como sempre, o acompanhava de longe para o caso do ancião se sentir cansado. Da direção oposta um homem caminhou para encontrar Mabus. Eles se deram as mãos. Conversaram de pé, o que parecia ser um assunto breve.

— Como foi, Tyler?

— Bem mais fácil do que da última vez. Não tenho mais condições de malabarismos em uma bicicleta.

Mabus sorriu. Tyler era seu emissário mais antigo e leal.

— Acha que o reitor Sullivan entenderá o recado?

— Só não entenderá se não quiser.

Tyler ficou quieto por um instante.

— Algum problema?

— Mabus, tenho informações de que estão atrás da mulher.

— Por acaso é o Roy O'Connell?

— Sim. Frank Ballard está cuidando da captura.

— Ela não deveria ter voltado.

— Também deve saber que ela e seu filho estão juntos.

Mabus assentiu. A notícia o surpreendeu e significava que Lucas Walker começava a se envolver com pessoas que lhe traziam muitos riscos.

Aquele era o início de uma noite clara, com o céu cheio de estrelas. Também estava repleto de trilhas químicas que davam uma beleza mórbida, inundando a atmosfera. Mabus olhou para o alto e inspirou fundo. Ele sabia que haveria uma crise, mais uma entre tantas, que já enfrentara em sua jornada centenária. Desta vez, no entanto, seria diferente, pois envolveria seu filho. A informação que Tyler trazia chegara tarde. Seu raciocínio levou à rápida conclusão que seria quase impossível defender Lucas, ou mesmo Luiza, àquela altura. Por isso, a cabeça já calculava os próximos passos.

Luiza era uma sobrevivente do programa Monarca com enorme repertório de informações sensíveis de pessoas influentes. Ela não andaria solta por aí, em especial depois da confirmação que Roy havia dado uma ordem de captura. Quando e o que exatamente Lucas pagaria por andar ao lado de Luiza, ele não pode antecipar.

Mabus soltou o ar e olhou para Tyler.

— Onde anda a matilha de Roy?

— Que eu saiba, em Cambridge. Posso alertar os rapazes.

— Não. Roy abortará a captura e fará outra mais adiante. Não sei se teremos a mesma sorte de descobrir em tempo como fizemos agora.

— Acha que vale o risco de não fazer nada?

— Não sei, mas fique por perto. Talvez eu mude de ideia.

A INFORMAÇÃO TRAZIDA por Sullivan no churrasco de Crammer deixou Lucas atordoado. Poucas pessoas sabiam que ele embarcaria na viagem, o que tornava quase impossível que alguém que ele conhecesse usasse Sullivan para mandar-lhe um recado. O fragmento de rocha lunar e a coordenada de *Mare Crisium* foram direcionados ao grupo como um todo, pela suposta importância que aquela região tinha para alguém, e pela oportunidade que a equipe de Crammer teria para uma investigação independente.

Foram mais duas horas de estrada de Scottsdale até o motel Super 8 Tucson na West Grant Road, um percurso calmo para Lucas, apesar de ele estar exausto. Depois que passou pelo Holiday Inn e avistou o restaurante Del Taco, seu coração disparou. A cabeça ficou de novo cheia de expectativas. A mais imediata era rever Luiza, porque a sensação de que ela poderia não estar mais a esperá-lo, ainda existia. O seu relógio de vida havia definitivamente acelerado nos últimos dias.

Sessenta anos. O legado do pai. Uma mulher...

A vaga onde costumava deixar o Dodge Durando costumava estar livre, mas agora havia um carro ocupando-a. Um sedan preto de vidros escuros. Lucas avançou lento e parou em outra vaga, mais próxima de onde estavam hospedados. Quando o ângulo permitiu uma visão melhor, notou que a porta do quarto estava fechada, e que havia alguém de pé ao lado de fora. Um homem caucasiano de construção truculenta, dentro de um terno cinza apertado. Lucas, brusco, parou o carro, desceu e correu em direção ao quarto. Não havia por que Luiza receber visitas. Talvez o homem fosse o gerente do motel...

No exato instante em que Lucas se aproximou o homem deu as costas, caminhou alguns passos acendendo um cigarro e voltou a olhar para a porta do quarto, como se a presença de Lucas fosse irrelevante. Aquela cena não caberia ali, a não ser por uma hipótese que o deixou angustiado. Talvez Luiza mudasse de quarto e ele se enganasse quanto ao número, que verificou mais uma vez e confirmou ser o mesmo.

A chave entrou na fechadura e ele girou a maçaneta da porta. Observou de soslaio e teve a impressão de que o homem gorila dera um ou dois passos em direção à porta. O primata que se danasse, sua prioridade era ver Luiza. A porta do quarto abriu e, na fração de segundo que se seguiu, confirmou aliviado que Luiza estava lá dentro, sentada na beira da cama com as pernas cruzadas, de semblante preocupado. Aguardara. Quando a porta se abriu por inteiro, Lucas viu o segundo homem de terno, mais magro e mais velho que o outro. Estava na frente de Luiza, com as mãos nos bolsos da calça e cujo sorriso Lucas reconheceu de imediato. Algo estava errado. Peterson, o braço direito de Roy, não pertencia àquele quarto.

O gorila entrou logo atrás de Lucas.

— O que está acontecendo aqui? — Lucas bradou olhando para Peterson.

— Desculpe incomodá-lo, professor — disse Peterson de forma polida e cuidadosa. — Estou aqui a pedido do Sr. O'Connell.

— Os dois. Para fora!

Nenhum deles se mexeu. Ao contrário. O gorila, como a marcar território, jogou o cigarro no carpete do quarto e pisou para apagá-lo. Em seguida, abriu o botão do terno e apoiou uma das mãos na cintura, revelando o coldre com uma pistola.

— Roy disse que não dera a devida atenção a você no processo de seleção da equipe do Cougmann One. Pode imaginar o quanto ele anda ocupado. Foi por isso que nos enviou — explicou Peterson.

Lucas balançou a cabeça. Hã?

— Amanhã é um grande dia para todos — continuou Peterson.

Amanhã era o dia do lançamento de ambas as espaçonaves.

— Sim... Estamos todos bastante ocupados e cansados. Agora, se puderem dar o fora daqui eu agradeço.

— Claro, mas você conhece bem o Sr. O'Connell. Foram amigos. Ele não quer transformar esse

momento especial em uma desculpa para um cabo-de-guerra, compreende?

Lucas e Luiza se olharam.

— Não, Peterson. Não compreendemos porcaria alguma.

— Na verdade estamos dando uma pequena recepção em um galpão da Cougmann em Arizona City, a uma hora daqui. O Sr. O'Connell convida-o a brindar a ocasião.

— Chega de onda, Peterson. Como nos achou?

Peterson riu. Uma risada educada, de falsa mea culpa.

— Desculpe-me. Liguei para a Crammer Enterprises e disseram que estavam aqui. Tentei convencer Michael Crammer a se juntar a nós mas, você sabe, ele nos mandou para o inferno. Bem, na verdade usou outro termo.

— Posso imaginar... Michael tem toda a razão.

— Nosso espírito não é o de competição — disse Peterson.

Quando Lucas se preparava para dizer tudo o que pensava sobre aquela invasão, sentiu a cabeça queimar e caiu no chão com a visão escurecida, levando as duas mãos por instinto à cabeça.

Ela estava molhada de sangue.

E latejando da coronhada que acabara de receber do primata.

Luiza se ajoelhou para acudi-lo. Peterson a ergueu pelo braço e a colocou de volta na cama. Ele achou melhor continuar explicando.

— Roy quer falar sobre um projeto. Também quer mudar a imagem que você teve de nós. Afinal, ele é seu amigo.

— Acho inconveniente, mas o amigo é seu — Luiza comentou com ironia. Era a maneira de camuflar o que sabia estar lhe esperando no horizonte. Roy Charles O'Connell seria a última pessoa que ela gostaria de encontrar no mundo. Sem ainda ter certeza, apostava que os dois não estavam ali apenas por Lucas. Ela havia acabado de ser encurralada pelo lobo.

Lucas se apoiou sobre os cotovelos, ainda zozó, e olhou para Peterson.

— Que tal... marcarmos esse encontro para depois da Lua?

— Façamos o seguinte, se você concordar, Lucas. Brindaremos com Roy por trinta minutos e depois trago vocês de volta — disse Peterson.

— Por que será que não acredito nisso?

Com esforço, Lucas se sentou.

— Pegue uma toalha — Peterson disse à Luiza. Ela foi ao banheiro e voltou. Ajoelhou-se perto de Lucas e limpou o ferimento na cabeça. Peterson parou de sorrir. — Temos um carro lá fora. Acha que consegue caminhar até lá sem nos causar problemas?

— Tenho outra opção?

— Não consigo pensar em nenhuma.

— Então deixe Luiza aqui — pediu Lucas.

— De jeito nenhum.

— Ela não tem nada a ver com isso.

— Lucas, nunca se abandona uma dama.

Peterson olhou para o gorila, que pegou Lucas pelo braço e o colocou de pé. Ele se sentiu nauseado e sinalizou que cooperaria.

— Ótimo! Roy vai ficar muito feliz e eu mantenho meu emprego.

Eles caminharam para fora e entraram no sedan preto. O clima era mórbido e a cabeça de Lucas rodava por várias razões.

— Não planejam estragar nossa festa, não é?

— O que é isso, professor. O Sr. O'Connell não compete desta forma.

— Conheço bem o meu amigo. O *senhor* O'Connell compete para cacete!

Na verdade, Peterson não sabia das intenções de Roy e Frank em relação a Luiza.

- CAPÍTULO 41 -

ARIZONA CITY, ARIZONA

LUCAS PASSOU AQUELES noventa minutos até Arizona City sentindo uma dor de cabeça intolerável, mas Luiza permanecera em silêncio. Tinha muitas coisas para contar a Lucas, mas claro que não se atreveria a falar ali. O sedan diminuiu a velocidade perto da entrada de um pequeno condomínio industrial com doze galpões. Àquela hora da noite, apenas um tinha luz acesa. Luiza tocou no ombro de Lucas e o inquiriu com o olhar, queria saber como estava. Ele tentou sorrir.

Depois que estacionaram, Roy O'Connell e Frank Ballard viram Lucas e Luiza descerem e caminharem em direção ao galpão. Eles estavam do lado de dentro aguardando-os.

— Bem-vinda de volta à toca... — sussurrou Frank para Roy, mas o lobo estava em outra dimensão. Luiza produzia um efeito hipnótico nele, mesmo depois de tanto tempo sem se verem.

Frank bem que alertara Roy anos antes.

Havia riscos de libertar uma pessoa como Luiza. Depois de explicar a origem de mulheres como ela, seu condicionamento e a imprevisibilidade de suas reações ao longo do tempo, Frank tentara ao máximo fazer com que Roy mudasse de ideia. Chegou a pedir uma pequena fortuna como condição para libertá-la, na esperança de demover o parceiro da ideia, mas a presença de Luiza exercia tanto poder sobre Roy que ele aceitou o preço pedido por Frank. Era melhor se ver livre dela. Luiza era um vício compulsivo.

Frank a libertou, não sem antes deixar claro a Luiza que, se ela um dia causasse problema, não lhe custaria nada tirar a sua vida. Ela cumprira sua parte regamente, até que Roy teve uma recaída e pediu a Frank que a encontrasse. O que ela fazia ao lado de Lucas, eles não sabiam. Talvez tivesse voltado a trabalhar sob ordens de outro controlador. Frank não era o único credenciado na agência.

A preocupação paranoica de Frank descartou, de início, que estar ao lado do professor pudesse ser apenas coincidência. No mundo de Frank, coincidências não existiam. Também não havia espaço para meias decisões.

Lucas e Luiza entraram no galpão. Roy e Frank desceram do carro.

Roy viu a mulher que fora a única a balançar seu coração de lobo, e teve que se esforçar ao máximo para controlar a impulsividade. Foram poucos segundos enquanto a via caminhar. A enorme atração permanecia inabalada pela mulher que realizara suas mais doentias fantasias. Assim como Frank, descartou a possibilidade do acaso tê-la se juntado ao ex-amigo de faculdade. Os tempos agora eram outros, Roy tinha muita coisa em jogo e achou melhor ficar alerta. Talvez Lucas não fosse puritano e moralista quanto ele gostava de mostrar para as pessoas. O fato é que ninguém andava com uma mulher como Luiza sem conhecer o ambiente pesado em que ela transitava.

Roy se aproximou dos dois.

— Obrigado por ter vindo! — disse, tocando os dois ombros de Lucas.

— Vá à merda, Roy.

— Quero te pedir desculpas. Acho que fui um idiota. Acho, não. Fui um idiota.

Frank se juntou a Peterson e ao gorila, distante de Roy e seus “convidados”.

— Como vê, eu estava mesmo determinado em fazer a viagem à Lua. Não será com você, mas com o

Michael Crammer — disse Lucas.

— Claro que sim.

— Então o sequestro faz parte do teu jogo?

— Desculpe. Não tive intenção de te assustar.

— Que besteira, Roy... É claro que teve. Jogo sujo. Medo de seguir as regras?

— Acredite, há uma razão para você ter vindo até aqui.

Roy deu dois passos para o lado e reuniu coragem para olhar Luiza nos olhos. Seu coração continuava disparado...

Isso é loucura!

— Luiza, minha companheira — disse Lucas, ingenuamente.

Luiza estava paralisada.

Quando vira Roy se aproximar, deixou de respirar. Ela não tinha como prever que seus caminhos se cruzassem novamente. Era um risco pequeno, desde que se afastasse. Agora tinha diante dela o homem que a fizera sofrer as piores torturas, os desvios sexuais mais covardes — mas que, por outro lado, intercedera e providenciaria sua liberdade ao pagar o preço que seu controlador, Frank Ballard, pedira. Quarenta anos de escravidão. Os sentimentos que brotavam nela eram contraditórios: ela o odiava e, ao mesmo tempo, sentia gratidão. Será que o destino lhe pregara uma peça inconcebível?

— Como vai, Luiza — falou Roy.

Lucas percebeu o estado de Luiza. Não teve como. Ela nem sequer respondeu. Roy agiu rápido e pegou no braço de Lucas.

— Venha. Quero que conheça algo.

Roy sinalizou e Peterson acendeu as luzes principais do galpão.

Lucas se viu diante de uma máquina que não fazia a menor ideia do que fosse.

— Esta é a Silfos... Nossa solução para captura de dióxido de carbono do ar.

Silfos?... Captura de Dióxido de Carbono do ar?!

Lucas se aproximou. Sua cabeça doía muito.

— A conta é simples, Lucas, mas é a conta que define a capacidade do projeto. Cada máquina Silfos pode retirar em torno de 50.000 toneladas de dióxido de carbono por ano de nossa atmosfera... Com 600.000 máquinas iguais a essa, vamos limpar o planeta inteiro de CO2 emitido pelo homem!

A conta também era um absurdo de alta. Roy em sua melhor expressão.

Lucas olhou para a máquina. Tinha uma base que se assemelhava a uma casa de força de dois andares, rodeada de cilindros e canos, e que apoiavam enormes coletores de metal que se pareciam com antenas achatadas. Ele já ouvira falar em árvores sintéticas desenvolvidas por cientistas da Universidade Columbia, capazes de coletar mil vezes mais carbono do que árvores de verdade, porém, a tal Silfos parecia um monstro desajeitado e prometia algo além de extraordinário.

Roy continuou sua apresentação intercalando olhares entre a máquina e Luiza.

— Quem precisa de metas e índices com uma solução dessas?

O lobo parecia um garoto admirando sua criação. Lucas não pôde deixar de sorrir. O entusiasmo lembrava o antigo amigo dos tempos de faculdade, mas o sorriso foi logo embora ao perceber que existia uma fixação de Roy por Luiza, e que parecia ser tão perturbadora quanto a promessa de resultados de sua invenção.

— Silfos irá superar as exigências de todos os países — disse Roy.

Lucas e Luiza se olharam.

Por que está tensa?

— Por que controlar a poluição se podemos apenas eliminar o CO2? — prosseguiu Roy, de repente abandonando a exposição e caminhando decidido em direção a Lucas. De uma hora para outra, o entusiasmo não o acompanhava mais. Fora substituído por uma determinação que Lucas ainda não

consequia decifrar.

— Meu amigo... Seria bom ter você perto de mim nessa empreitada.

— De qual empreitada está falando?

— Da Silfos!

Lucas olhou a enorme máquina de um ângulo novo, ao fundo de Roy. Tinha mesmo a aparência de um animal imponente e ameaçador.

— Roy... Tenho uma viagem à Lua. Não vai me dizer que vê Michael Crammer ou eu como concorrentes, vai? Não temos a menor condição de ganhar dinheiro com a Lua.

Roy sorriu.

— Lucas... Sabemos que a história de prospectar minérios na Lua é papo para a imprensa se divertir e para alguns investidores gananciosos que não se dão ao trabalho de fazer a lição de casa. O azar é só deles. É evidente que isso no momento seria mesmo impossível.

— Mas não foi exatamente o que vendeu a eles, um retorno financeiro sobre prospecção de minérios na Lua!?

— Foi.

— E por você tudo bem?

— São estúpidos. A culpa não é minha.

Frank não tirava os olhos de Luiza.

— Tenho uma oferta para te fazer — disse Roy. — Esqueça a viagem de amanhã. Convença Crammer a esperar uns dias.

Lucas fechou os olhos. Sua cabeça latejava como nunca.

— Espere um minuto... Entendi direito o que está me pedindo?

— Você terá outras oportunidades de ir à Lua. Conosco. Somos um grupo forte e com inúmeras oportunidades pela frente. Michael Crammer é um pateta, você já deve saber disso a essa altura.

— E daí, Roy?

— A Crammer Enterprises não é lugar para homens de ciência como você.

— Não me diga...

— Falávamos de publicidade agora há pouco. É inegável que exista uma questão de publicidade muito forte para quem chegar primeiro à Lua. Eu serei o primeiro, Lucas.

— O Michael pensa o mesmo, embora tenha motivações diferentes.

— É justo. Veja... Estamos conversando, você e eu. Negócios, certo?

— Corrigindo, você me obrigou a estar aqui. Seu gorila me agrediu.

— Perdoe minha obstinação.

— Prefiro que não me diga mais nada, Roy. Seu pedido é ofensivo.

— Você veio até aqui e pode muito bem ouvir o que tenho a propor.

— Agradeço, mas está na hora de eu ir embora. Você foi longe demais.

Roy tirou as mãos do bolso e deu dois passos em direção a Lucas, encarando-o.

— Ofereço três milhões de dólares por um contrato de dois anos conosco. Consultoria científica. Seu horário de trabalho. Seu local. Seus termos.

Agora o pescoço latejava junto com a cabeça. Piorava.

Aquela soma o deixaria independente pelo resto da vida. Seria mais do que o suficiente para viajar com mãe, depois passar o resto do tempo escrevendo teses e por fim se casar com Luiza.

— É uma oferta generosa, tenho que reconhecer.

Não era uma consideração, mas uma maneira de dizer “não” sem melindrar Roy.

— O contrato deve valer a partir de já e está condicionado a você conseguir fazer com que Michael Crammer adie a viagem por uns dias. Estamos preparados para assinar agora mesmo.

Lucas balançou a cabeça. Havia um sino batendo em seu crânio.

— Será impossível convencer Crammer. Você não o conhece...

— Temos como te ajudar.

— Como? — perguntou em tom de desafio.

— Diremos apenas após assinar o contrato.

— Lamento, mas minha resposta é não.

— Pense bem, Lucas... Levamos nossas propostas muito a sério.

Roy não falava como amigo, isso estava claro. Fora a gota d'água. Lucas estava engasgado e queria sair de lá o quanto antes. Não conseguia mais esconder a expressão de nojo, para a qual Roy devolveu com um sorriso pedante, como se pudesse ler o pensamento do professor.

— Você é uma figura e tanto, Lucas.

— Seus meios não me agradam.

— Sua pureza seria irritante, se eu acreditasse nela.

— Ah não, pode acreditar... Não estamos do mesmo lado, não!

— Pessoas como você não existem. Não produzem nada.

Lucas se afastou de Roy lentamente. Moveu-se em direção à Silfos e tocou em um de seus cilindros. Queria sair de perto de Roy, mudar de assunto e dizer adeus, mas pressentia que dependeria da boa vontade de Roy.

— Como vai convencer as pessoas a pagarem por essa máquina?

— Isso mesmo, Lucas... Pense melhor.

— Qual foi mesmo o número mágico? Meio milhão de máquinas?

— 600.000 máquinas.

— Só estou curioso, Roy. Não mudarei de ideia. 600.000... — ele repetiu, quase debochando.

Aproveitou para observar Luiza. Ela permanecia imóvel. Ele precisava de uma saída, o quanto antes. — E elas custam quanto?

— 250.000 mil dólares.

— Não vou nem fazer a conta porque o número final deve ser astronômico.

— Eu fiz a conta, Lucas. O potencial de mercado chega a vários bilhões de dólares — disse Roy, como se o dinheiro já fosse dele.

— E quem vai pagar a conta mesmo?

— A população.

— Claro.

— São os beneficiários finais. A conta só poderia ser deles.

Lucas caminhou de volta até Roy. Embora forçasse aparentar tranquilidade, ele tinha consciência de estar falhando nisso. Sua fragilidade deixava Roy ainda mais confiante.

— E o governo vai me ajudar — completou Roy.

— Certo. Pretende levantar capital na bolsa no futuro?

— Não, professor. A bolsa exige uma transparência que eu não posso oferecer. Quem deve me ajudar é quem se beneficia por oferecer um ar sem poluição. Prefeituras, estados e o próprio governo central, se os planos caminharem como imagino.

— E como vai convencê-los, Roy? Mesmo que sua máquina tenha um belo desempenho, ainda estamos falando de uma solução completamente nova. Veja o exemplo das energias alternativas — etanol, carro elétrico, torres eólicas — podiam estar muito mais presentes do que estão, mas não conseguem quebrar o paradigma do petróleo.

— Por onde tem andado?

Lucas mais uma vez parecia perdido. Roy desenharia se fosse preciso.

— A poluição tem causado epidemias respiratórias por todo os Estados Unidos.

— Acho que estou com a cabeça na Lua mesmo... Não estou sabendo disso.

Roy colocou as mãos na cintura e riu.

— Na verdade, estou prevendo o futuro para você.

— Agora consegue prever o futuro?

— Optei por criar o futuro que desejo.

Blábláblá... O velho Roy.

— E o que deseja, Roy?

— Convencer as pessoas de que a poluição faz mal à saúde.

— Então o vilão é a poluição. Boa ideia, Roy. Até as criancinhas irão te apoiar.

— Está mais certo do que supõe.

— E sua máquina salvará o país. Não, não, desculpe... Salvará o mundo!

— *Voilà!* — soltou Roy, com sotaque ridículo.

Lucas fez uma pausa nas perguntas. Roy acompanhou o silêncio e também cada olhar que ele dava. Chegaram a um momento decisivo da conversa. Lucas não tinha mais o que falar, apenas queria dar o fora dali.

— Luiza, venha cá conhecer a Silfos — pediu Lucas.

— Pode ficar aí mesmo — ordenou Roy em tom senhoril e sem brecha para discussão. Lucas sentiu a espinha se arrepiar.

— Onde quer chegar, Roy?

Peterson e o gorila se posicionaram ao lado de Luiza.

— Estou bem, Lucas — ela disse ao fundo, procurando acalmá-lo.

Merda! Que grande merda!

Lucas viu quando Frank Ballard se aproximou dela, e que isso a fez refugar um passo. Ela parecia mesmo um animal assustado, e outro pensamento lhe ocorreu.

Frank Ballard e Luiza também se conhecem.

— Pode me dizer o que significa isso?!

— É uma longa história, Lucas — disse Roy.

— Gostaria de ir embora com Luiza. Agora!

— Não vai ser possível.

— Não brinque, Roy... Tenho uma viagem até a Lua para fazer!

— Preciso que você fique afastado do mundo por alguns dias.

— Por quê?!

— Você não deveria ter vindo até aqui.

— Pôrra, Roy, eu vim porque você me obrigou!

— Será? Não está aberto a propostas? Sempre estive.

Roy estava tentando parecer mais louco do que já era.

— Não é justo.

— Gostaria que você colaborasse. Seria o melhor para todos.

— Colaborar? Nem imagino como!

A paciência de Roy pareceu de súbito se esgotar.

— Deixe eu explicar como.

Ao acenar com a cabeça, o gorila saiu de perto de Luiza e caminhou até Lucas. Com uma arma *taser* de eletrochoque — a favorita da polícia e muito usada para impor o *Reich* a ameaças do tipo mulheres grávidas e cadeirantes — disparou contra o tórax de Lucas. Ele caiu paralisado de dor enquanto recebia a carga por longos e angustiantes cinco segundos. Era uma arma “não-letal” com inúmeros casos de morte.

Luiza fechou os olhos e não esboçou maiores reações. Ela passara a maior parte da vida convivendo com a dor — dela própria e dos outros. Não estava chocada ao ver Lucas caído, mas amargurada por se

sentir, em parte, responsável.

O galpão ficou em silêncio até que Lucas se recuperou. Ele não teve condições ou mesmo vontade de dizer nada. A dor na cabeça havia se espalhado por todo o corpo. Vomitou e permaneceu no chão. Quando notou que Lucas estava escutando, Roy se agachou perto dele com um lenço tapando o nariz.

— Não quero te machucar, meu velho amigo... Acontece que preciso da publicidade que a Cougmann One me trará. Preciso satisfazer investidores e distrair a opinião pública.

Frank aproximou-se de Roy.

— Vamos torcer para que o Michael sinta a falta dele — disse Frank. Mesmo que ele não tivesse tido a intenção, Frank tinha acabado de deixar claro para todos que o plano de Roy falhara. Era uma maneira de Frank ganhar importância e mais respeito. A velha competição dos tempos das forças especiais. Uma que, há muito tempo, gerava em Frank um crescente rancor.

— Ele disse não a três milhões de dólares, Frank. Quem contava com isso? — respondeu Roy, querendo na verdade mandar Frank para outro lugar.

— Vamos ter que esperar para ver se Michael é leal aos amigos.

— Odeio quando temos que ficar na torcida disso ou daquilo — disse Roy. Depois, olhou para Lucas, vencido no chão frio do galpão. — Acha que Michael Crammer sentirá sua falta, Lucas? Tomara que sim. Seria muito ruim se ele se preocupasse apenas com o próprio rabo e decolasse amanhã sem você.

— Luiza — Lucas sussurrou.

Ela mal olhou para ele. Sabia que a melhor coisa a fazer seria seguir as ordens que lhe dariam e aceitar sua submissão. Se ela tivesse sorte — novamente — um dia explicaria tudo a Lucas.

— Ela estará em boas mãos, não é mesmo, Frank? — disse Roy olhando para o parceiro. Não fazia muita diferença, novos problemas haviam surgido. Luiza estava de volta, Lucas se tornara um refém e nada garantia que Michael Crammer não decolasse na manhã seguinte e ofuscasse o brilho do voo da Cougmann One.

— Cuidarei dela, Roy — assegurou Frank, por questões contratuais. Mais uma vez limparia a burrada do amigo. Era assim que Frank via as coisas.

Roy se levantou, deixando Lucas deitado no chão.

— O galpão será sua casa nos próximos dias, Lucas.

O gorila levantou o professor e conduziu-o ao fundo, onde havia várias salas pequenas. Luiza seguiu com Frank, que tinha planos para sua ex-controlada. Mantê-la-ia ocupada até Roy decidir quando seria o momento adequado para um reencontro íntimo com ela.

- CAPÍTULO 42 -

ARIZONA CITY, ARIZONA

A PORTA DA sala fora trancada por fora.

Os passos se afastaram e reverberaram pelo galpão. Os potentes refletores industriais apagaram-se e apenas as lâmpadas dos biombos que abrigavam as salas permaneceram acesas, dando um aspecto de abandono ao lugar.

A sensação de Lucas é que estava numa espécie de prisão, que esperava ser temporária, embora sem previsão. Fez um rápido inventário da sala: havia um cobertor e um travesseiro, que foram deixados sobre o sofá de dois lugares, e uma escrivaninha. Não era confortável, mas dava para sobreviver. Uma pequena geladeira que Lucas ainda não tinha tido chance de abrir, e um garrafão de água sobre ela. E um banheiro.

Sua cabeça doía muito. O choque causado pelo *taser* ainda o incomodava, mas não chegava perto da sufocante frustração que experimentou ao ver o sonho de uma vida ser arrancado de suas mãos ao estar tão próximo de realizá-lo. A traição do amigo, por qualquer critério, fora desproporcional, embora explicada pela ambição de Roy. O outro sentimento ruim era a preocupação em ver Luiza envolvida com aquele tipo de gente. Uma curiosidade mortal o assombrava: de onde ela os conhecia?

Passos ainda reverberavam no galpão. O caminhar tinha um som diferente, agora pareciam mais lentos. Aproximaram-se. Lucas se preparou para a abertura da sala. Sentiu medo. As dores no corpo o lembravam de sua impotência. De repente, a pessoa se afastou e seguiu em outra direção. Menos de um minuto depois, uma porta se abriu na extremidade do galpão.

LUIZA ACOMPANHOU A entrada de Frank. Foi inevitável não se encolher. Para alguém que o conhecia, a imagem daquele homem era a mais repugnante que se poderia visualizar, quase tanto quanto a de Roy. Um controlava, o outro abusava. Tudo o que dizia respeito aos dois era aterrorizante e a simples presença de um deles em um local fechado era capaz de alterar seu estado mental. O pavor encontrava uma solução paliativa mais imediata na submissão. Anos de traumas deram a Frank o poder de controlar Luiza pelo medo. Nada mudara, pelo visto.

Frank parou diante dela e a olhou. Luiza permaneceu imóvel no sofá.

— Quais eram as chances de nos encontrarmos de novo?

A pergunta de Frank tinha surpresa sincera e também ambição.

— Juro que não era minha intenção, Frank!

— Chances mínimas. Inexistentes, se Roy tivesse um pingo de juízo. E se você não fosse se envolver com o professor. É como se você estivesse pedindo, Luiza...

Ela, por instinto, se encolheu um pouco mais, abaixando a cabeça e abraçando as próprias pernas. Frank deu alguns passos em sua direção e parou, sem tirar seus olhos nervosos sobre os dela.

— Tenho a impressão que se continuarmos a ser realistas e não jogarmos jogos, você irá me dizer que no fundo procurou uma maneira de retornar. Se for isso, seja bem-vinda.

Luiza apenas balançou a cabeça. Não é isso, Frank.

— E, me encontrando, talvez tivesse a oportunidade de se vingar, constringendo o Roy quando sabe que eu prometi a ele que você nunca mais daria as caras! — disse Frank com a voz alterada.

— Foi puro acaso. Tem a minha palavra!

— Não sei se está falando a verdade.

— Não ganho nada com a mentira. Estou consciente disso.

— Talvez o dinheiro tenha acabado e você procure uma maneira de sobreviver. Mas pode ter certeza que único lado bom dessa história é que eu ganho você de volta!

— Por favor, Frank. Deixe-me ir!

— Eu deixei uma vez. Foi você quem voltou.

Frank se aproximou de vez e se agachou em frente à Luiza, apoiando seus cotovelos sobre os joelhos dela como quem tomasse posse de uma mercadoria que imaginava ser sua. Calmo, mas de maneira firme, ergueu a cabeça de Luiza pelo queixo e a obrigou a olhar nos seus olhos. Em seguida, tocou a fronte de Luiza com o polegar, na região entre os olhos. Aquele simples toque, sem qualquer palavra adicional, tinha o objetivo de ativar um dos compartimentos mentais de Luiza, como nos velhos tempos. Era um curto ritual repetido à exaustão ao longo dos anos.

Luiza se acalmou.

Era isso o que Frank esperava.

— Você está sob a minha autoridade — disse Frank, que passou o minuto seguinte observando a pupila e suas reações. Fazia anos que ela não participava de atividades do programa de condicionamento mental. Frank ainda não sabia qual seria sua reação.

O minuto passou e Frank se levantou. Havia sempre a possibilidade de Luiza simular uma condição, mas tudo levava a crer que o comando fora assimilado.

— Deite-se e durma. Roy está sem tempo para você. Enquanto isso vou pensar em algum trabalho para te manter ocupada. Está velha, mas sua experiência ainda pode agradar algumas pessoas que conheço. Vou fazer dinheiro com você, sua piranha. Se tentar escapar ou mentir para mim, eu te mato. Roy não ficará sabendo de nada desta vez.

Luiza assentiu e se deitou conforme instruída.

DO OUTRO LADO do galpão, Lucas conseguia ouvir vozes, mas não pôde distinguir se a voz feminina era de Luiza, como supunha. Ele escutou uma porta se fechar e acompanhou quando os passos se afastaram de novo. O galpão ficou em silêncio total.

Lucas esperou alguns minutos.

— Luiza? — gritou. — É você quem está aí?!

Ele aguardou a resposta com olhos e ouvidos abertos, mas ela não veio. Em compensação, ouviu quando uma porta se abriu e novos passos surgiram. Curtos e rápidos, crescendo do lado de fora da porta, que se abriu brusca no momento seguinte.

— Cale a boca! — ordenou o gorila, que agora não usava mais terno. Vestia um casaco de segurança, e exibia a odiosa *taser* na cintura. — Vai querer remédio pra dormir?

O Gorila saiu da sala. Seus passos foram ouvidos até se mesclarem com outros passos que surgiram de algum lugar e se juntaram aos dele. Alguns segundos depois, silêncio.

ERAM OS PASSOS de Roy. De fora do galpão, ele e Frank avaliavam a situação. Roy, que não escondia sua perturbação, ergueu a mão direita e fez uma confissão.

— Não posso ficar perto de Luiza. Não até tudo isso terminar.

— Ela mexe com você, não é parceiro?

— Sim... Admito que cometi um erro ao trazê-la de volta. Mas não vou fraquejar uma segunda vez e deixar as coisas saírem do controle. Aliás, já estão um pouco.

Frank soube ouvir com calma. O lobo autoritário fraquejava.

— Concorde — disse Frank.

— Não posso ter contato com Luiza, Frank. Não agora!

— Já entendi isso, Roy.

— O que pretende fazer com ela?

— Ainda estou avaliando.

— O que te parece?

— Pela aparência, está receptiva. Veremos.

— E quem garante que o sistema dela não irá falhar de uma hora para outra, como um maldito computador velho?

Frank encolheu os ombros. Aquela pergunta não tinha uma resposta.

— Se Luiza estiver receptiva, posso aproveitá-la de alguma forma. É um jeito de mantê-la próxima — disse Frank.

— Melhor não ficar ganancioso... Olhos abertos.

— Ficarei atento, é lógico, mas não vou desperdiçar essa oportunidade. Não é simples encontrar um pombo-correio do seu nível.

— Talvez ela não dê conta de trabalhar para você como fazia antes.

Roy percebia que Frank já fazia as contas em cima de Luiza.

— As portas se fecharam em alguns lugares, Roy. Há uma nova geração de burocratas que pensam que ativos como Luiza não passam de lendas urbanas. Já imaginou o quanto uma mulher como ela pode nos ajudar?

— Não quero nem olhar para a cara dela — repetiu Roy. Frank sorriu ácido. Roy era viciado em certas perversões e Frank conhecia cada uma delas.

— E o que pretende fazer com o professor?

— Não sei, Frank.

— O que me pediu, cumpri. Tomara que amanhã o show seja mesmo só seu.

— Contanto que Michael Crammer seja um cara legal, leal ou um débil mental. Só alguém assim para desistir de uma viagem como essas por causa de alguém que não aparece na hora marcada.

— Roy, quantas vezes a NASA não adiou lançamentos?

O lobo suspirou. Era uma esperança, Michael Crammer adiar a decolagem.

— Por enquanto, deixe-o aqui.

— É uma brecha, Roy... Até quando?

— Não sei!

— Preciso que você me dê uma orientação. Tenho uma vida inteira para cuidar além dos meus serviços para a Cougmann. Tenho outros clientes, você sabe...

— Está crescendo para cima de mim?

Frank sentiu que precisava ser ainda mais claro com Roy.

— O que acha que Lucas irá fazer quando o deixarmos ir embora?

— Dá um tempo, Frank.

— Vou responder por você. Sendo o bom cidadão que ele é, irá correndo para o FBI nos denunciar.

Roy ficava mais inseguro a cada minuto que passava. Os riscos iam se desenrolando, não só em relação a Lucas, mas também em relação a Frank Ballard e seu temperamento oportunista.

— Posso ser sincero? — perguntou Frank com sarcasmo.

— Você é pago para isso.

Frank fechou o rosto. Foi um comentário que Roy deveria ter evitado.

— Ah... Tinha esquecido.

— Segura ele, Frank — pediu Roy, quase como um favor.

— Isso é sequestro.

— Ainda não é um sequestro, Frank.

— Como não? Pode ter certeza de que ele não compreenderá e não deixará barato. Você acabou com a viagem do professor: ele irá procurar justiça. Isso significa que você pode ir preso. O seu plano de negócios e todo o potencial da Silfos será perdido e a sua vida estará acabada.

Roy se afastou e caminhou alguns passos, com as mãos para trás. Frank esperou. Não pôde deixar de sorrir por dentro ao ver que o ex-companheiro de operações especiais continuava a demonstrar sentimentos pelo professor. Era engraçado ver o lobo não honrar o apelido de que tanto se gabava. Lobo de merda. Arrogante. Medroso.

Frank aguardou com paciência até que não se conteve mais.

— Por que não o enterramos agora?

— Como disse?

— Não adianta empurrar o problema pra frente, Roy!

Aquela hipótese o desagradou.

— Deixe-me pensar até amanhã.

ROY VOLTOU PARA o galpão e foi até a sala onde Lucas estava trancado. O gorila o acompanhou e abriu a porta. Roy entrou e foi ter uma conversa com o “amigo”. Andou algum tempo com as mãos na cintura, de um lado a outro, encarando-o como se Lucas tivesse aprontado alguma coisa, como se fosse o responsável pela situação. Ainda que não, o professor não fazia ideia de quão decisiva a conversa seria para o seu futuro.

— Você é patético — foi a primeira coisa que Lucas disse ao ver Roy.

— Não tenho intenção de te machucar.

— É mesmo? Que grande privilégio o meu!

— Não imaginei que você fosse virar as costas e ir direto ao meu concorrente.

— Você parece um idiota inventando algum pretexto para poder choramingar. Não fui eu que virei as costas, foi você quem me excluiu da sua equipe!

— Lamento. Segui os mesmos critérios que usei com os demais.

— Que se danem seus critérios! E agora tem mais essa loucura... Vai mesmo usar armas biológicas contra os cidadãos do seu próprio país ou eu entendi errado a parte onde diz que pretende desenhar o futuro?

Roy parou de caminhar. Lucas tocara na ferida.

— Você sempre entendeu tudo muito bem.

— Que porcaria de vida você escolheu viver, Roy... Nem discuto a parte moral, que me dá vontade de vomitar, mas acha mesmo que esse plano é viável? Isso é coisa de terrorista!

— Não é terrorismo. É geoengenharia, professor.

— Trilhas químicas, você quer dizer.

— Chame como quiser.

— Pois eu chamo de trilhas químicas... Como é, vai lançar spray sobre o país inteiro? Está delirando, Roy? Qual o custo disso em vidas humanas?

— Por que eu te contaria detalhes do meu plano? Acabou de recusar três milhões de dólares.

— Você vai me contar por que você é um babaca que precisa de pessoas que compreendam a extensão de sua loucura.

Verdade, Lucas.

— Será em lugares-chave.

— E o que acha que vai conseguir com isso?

— Pânico.

— E daí?

— Aí farei as pessoas pensarem no risco da poluição, e quantas doenças graves ela pode causar no século XXI. Está interessado em participar?

— Você não deve bater bem... Me enganei ao achar que era seu amigo.

— E era mesmo, apenas a sinergia se... desfez.

— Ora, vá pro inferno, Roy!

— Já é mais ou menos onde eu vivo.

Lucas não parava de balançar a cabeça.

— É por isso que virou empresário de TV? Para assustar as pessoas?!

— O condicionamento psicológico é tudo, e é a minha praia. O que eu preciso agora são bolsões de fatalidades. Criar uma história, Lucas. Vender uma ideia.

— Você não vale nada...

— Uma boa divulgação dos riscos crescentes da poluição, algumas epidemias bem divulgadas. Depois, falarei com nossos honrados legisladores sobre a Silfos. Projetos grandes ajudam. Todos ganham mais, assim.

— Fala como se fosse fácil...

— Vamos propor taxas, Lucas.

— Era o só o que faltava. Vai cobrar pelo ar que as pessoas respiram?!

— Ué, você não paga para ter água encanada em sua casa? Pois bem, água encanada é coisa velha. O futuro é o ar!

— Genial. Mas tem um probleminha...

— Eu engulo problemas no meu café da manhã.

Era um comentário ridículo, mas Lucas percebeu que não adiantaria nada argumentar com Roy.

— O problema é que sua ideia não vai funcionar. Desista antes de envolver pessoas inocentes!

— Não se trata de pessoas inocentes, amigão. Ao contrário, estamos pensando no bem maior. Nosso pequeno planeta está transbordando de gente. Portanto, não me venha com moralismos inúteis. Menos gente é mais qualidade de vida. Só não vê, quem não quer.

— E quem é que vai decidir quem fica e quem desaparece?

— Isso é um problema das pessoas que tomam as decisões por nós. De minha parte, estou apenas surfando em uma tendência que tem o apoio de muita gente. O seu problema, Lucas, é se manter longe dos meus negócios.

— Mais uma ameaça?

— Eu disse que não desejo te fazer mal.

— Que bom... Seria difícil me acostumar a levar choques elétricos.

— Mas se precisar, farei.

— Obrigado por avisar.

- CAPÍTULO 43 -

PHOENIX, ARIZONA

ROY RETORNOU AO hotel onde se hospedara, o Hyatt Regency Phoenix, que ficava a uma hora de carro do galpão da Cougmann em Arizona City. Sentia um desapontamento por demonstrar fraqueza em relação ao sequestro do velho amigo de faculdade. Aquele, de maneira alguma, não era o Roy que ele próprio cultuava. Esforçou-se para não se deixar abater. Era véspera do seu grande dia de relações públicas, o dia em que ele levaria a tripulação para uma viagem ao redor da Lua.

Precisava relaxar. O recepcionista do hotel havia sugerido os novos pratos do Chef Dominic Vaccaro. Roy achou uma boa ideia deixar a adrenalina baixar enquanto apreciava a vista no restaurante giratório Compass, que ficava no topo do hotel. Por isso, dispensou o segurança e subiu. Pediu um New York Steak bem passado e meia garrafa de um tinto Pinot Noir de Napa Valley. A visão panorâmica do Vale do Sol era bonita, mas Roy não contemplou o ambiente por mais de cinco minutos. Quando percebeu, já tirara da maleta o seu notebook e aberto a pasta com os arquivos do projeto Silfos. Não desligava.

A volta de Luiza e o sequestro de Lucas eram novas peças. Roy teria que se concentrar neles e tomar uma decisão sobre cada um. O serviço militar havia-o ensinado a estar em constante movimento, a se adaptar rápido a novos cenários. Sobre Lucas, já decidira no caminho até o hotel, que deixaria o seu destino nas mãos de Frank. Aquilo significava que Lucas estava em péssimas mãos.

A garrafa de vinho chegou. Roy lamentou a infelicidade do amigo e se convenceu de que o azar era só dele. Já perdera tempo e energia suficientes. A partir daquele momento, o assunto se encerrava. Provou o vinho. Estava agradável.

Luiza passou a rondar sua cabeça.

Uma mulher incrível.

Quem sabe ela sentisse falta da velha rotina e ele pudesse encontrar tempo para ela. Falaria com Frank e, se ela ainda estivesse em condições de trabalho, Luiza seria aproveitada como nos velhos tempos. Pelas informações que apurou antes de sair do Galpão, ela tinha tudo para continuar com os métodos de Roy e Frank. Ele aguardaria.

Seus olhos navegaram sobre a tela e vasculharam os arquivos da pasta Silfos. Sendo mais específico, um artigo salvo do jornal inglês The Sunday Times que, por alguma razão, chamara sua atenção no passado. Ele conferiu.

“OS MEMORANDOS DE DOWNING STREET, 23 DE JULHO DE 2002”

Os famosos memorandos se referiam a uma reunião secreta entre o governo do Reino Unido, seu pessoal da defesa e dos serviços de inteligência. Falava sobre os caminhos que deveriam ser seguidos, junto com os Estados Unidos, para a invasão do Iraque. Roy correu o texto procurando a razão pela qual o havia salvado em seu computador. Mais uma vez, como sempre ocorria em situações desafiadoras, os

ensinamentos militares vieram-lhe à cabeça e aos poucos ele começou a se lembrar. Consulte os mestres da ilusão, dizia o General Spike em suas palestras concorridíssimas para as forças especiais que Roy fizera parte na juventude. A propaganda é noventa por cento de uma guerra. Pouca gente entende isso, Spike ensinava. A primeira vítima de uma guerra é a verdade... Roy leu partes do memorando conforme publicado no artigo do jornal:

*SECRETO E ESTRITAMENTE PESSOAL — SOMENTE PARA OS OLHOS DO REINO UNIDO... Iraque... Esse arquivo é extremamente sensível. Nenhuma cópia adicional deverá ser feita. Deverá ser mostrado apenas para aqueles com uma necessidade genuína de conhecer seu conteúdo... Bush quer remover Saddam através de ação militar justificada pela combinação de terrorismo e armas de destruição em massa... Os dados de inteligência e os **fatos estão sendo moldados ao redor dos interesses políticos**... Não há paciência para seguir a rota das Nações Unidas...*

Roy se lembrou. O escandaloso documento era a prova cabal de manipulação de informações nas mais altas esferas governamentais. O texto dizia claramente que uma invasão já estava decidida apenas por motivação política, e que os dados da inteligência deveriam, ao invés de dizer a verdade, se adaptar para atender a vontade dos políticos, mesmo que não houvesse provas de armas de destruição em massa ou de ligações com o terrorismo, algo que anos depois ficou comprovado não existir. Ainda assim, os responsáveis pela invasão estavam livres.

Os memorandos de Downing Street mostram como devem ser as coisas...

Seguindo o mesmo princípio usado pelas pessoas mencionadas no memorando, Roy teria que buscar alguém de dentro da estrutura do governo para ajudá-lo. Esta pessoa teria que ser, de preferência o Secretário de Defesa, porém, o atual ocupante da cadeira não era pessoa muito próxima do seu grupo. Mas Roy se lembrou que havia um amigo dele e de Frank, que era o segundo na linha de sucessão para a pasta daquela Secretaria.

Outra decisão tomada.

O New York Steak chegou, no máximo, ao ponto. Roy havia pedido bem passado, mas não reclamou. Devorou a carne com a mesma fome que as companhias de petróleo tinham quando olhavam para o Iraque antes da invasão. Roy fatiava e mastigava voraz, e admirava homens de negócio como Bush e Blair. Os caras eram mesmo espertos. Se não fosse possível comprovar que existia um problema que legitimasse uma invasão, bastaria pedir a agências de inteligência que inventassem um. Foi assim que abriram os caminhos para a British Petroleum e a Shell ganharem os maiores contratos de exploração de petróleo no Iraque pós-guerra.

Negócios, negócios, negócios. Fodam-se as pessoas. Muita gente no mundo.

Roy fez uma pausa para digerir a carne e aproveitou para limpar a garganta com o Pinot Noir. Ergueu de leve a taça de vinho e fez um brinde imaginário ao velho mestre, o General Spike.

O cara tinha razão. A propaganda era tudo. Invente uma ameaça e depois ofereça uma solução. Roy sabia que aumentaria em muito a percepção de uma ameaça da poluição à saúde da população. Se presidentes e primeiros-ministros inventavam problemas, por que ele não?

O exemplo vem de cima.

- CAPÍTULO 44 -

DESERTO DE BLACK ROCK, NEVADA.

PONTO CRAMMER

ERA UM SÁBADO glorioso. O local de decolagem da espaçonave Crammer Jet, a querida Cassilda de Michael Crammer, estava tomado por uma legião de seguidores que espalharam a notícia da aventura de Crammer em clubes e associações pela internet. Ficava em um leito do que um dia fora um lago pré-histórico.

Um recorde pelo menos havia sido quebrado, diziam, sobre a provável maior concentração de donos de motocicletas Harley da história de Black Rock. Mas não só de Harleys viviam os seguidores de Crammer. Jipes, trailers e todos os tipos de máquinas dos que adoravam o espírito de liberdade e ousadia que Crammer imprimira na viagem à Lua. Era algo contrário à rigidez militar da NASA e da ESA (Agência Espacial Europeia).

Uma viagem ao espaço com alma de povão.

Havia muito barulho e uma enorme desorganização, como era de se esperar do ambiente e vibração vindos da Crammer Enterprises. O único problema era o fato de as pessoas estarem separadas da pista de decolagem apenas por um fino cordão de isolamento. Somava-se a isso o alto consumo de cervejas e cigarrinhos orgânicos e configurava-se certo temor de que em breve o cordão serviria apenas para os fãs amarrarem a meia dúzia de seguranças que tentavam, em vão, pôr algum limite.

A imprensa regional estava presente, e até uma rede de TV nacional se dera ao trabalho de cobrir a aventura do texano que tinha dado à sua espaçonave um excêntrico e carinhoso apelido. Era uma historinha e tanto para se fechar um programa de notícias, por exemplo. No subtexto, Crammer não era considerado um aviador de verdade. Era um palhaço. Na imprensa, todos davam como certo que Michael Crammer jamais chegaria à Lua, mas a aventura tinha bom valor de entretenimento.

Enquanto os mecânicos/engenheiros tratavam dos últimos detalhes da espaçonave, Crammer analisava a situação com sua equipe de voo dentro de um trailer de madeira *vintage*. O assunto principal, como não poderia deixar de ser, era a inexplicável ausência do professor. Lucas se atrasara ao ponto de debaterem se ele havia desistido por algum motivo ou, então, morrido por outro motivo.

Suzanne e o doutor Walden, assim como Crammer, vestiam macacões cáqui, despojados e cheio de insígnias de marcas populares. Da janela do trailer eles acenavam a toda hora para a multidão de seguidores, disfarçando o clima pesado que aumentava a cada minuto de atraso de Lucas.

— Cagão! É isso o que penso de alguém que escolhe morrer na praia depois de nadar uma vida inteira... — especulou Crammer sobre a ausência.

— Não acredito nisso, Michael. Ele não pularia fora — disse Walden.

— Liguei para ele a noite inteira. Não estava no motel e não atendeu o celular. — disse Suzanne.

Os três se calaram. Olharam para o público e pensaram. Walden tinha os próprios sonhos e também idade para saber que novas oportunidades como aquela não aconteceriam. Olhou para Crammer temendo que o pior tivesse, de fato, acontecido a Lucas. Mas, a vida sempre deveria continuar.

— Temos que tomar uma decisão — disse Walden.

— Não me diga! — respondeu Crammer, bastante indeciso sobre o que fazer.

— Gostaria que o Lucas estivesse aqui, mas não está.

— Estou vendo, doutor Walden. Deixa eu pensar, saco!

Suzanne e Walden se olharam. Pareciam se entender sobre a coisa certa a fazer.

— Querido — disse Suzanne, pegando na mão de Crammer. — Vamos em frente.

De fato, era o sentimento dos três.

— E o que diremos aos nossos seguidores?

— Não diremos nada por enquanto. Não há o que dizer.

— Se pensarem que o abandonamos vai dar merda!

— Querido, nós vamos para a Lua! O que quer que tenha ocorrido com o professor não é nossa culpa.

Já estamos atrasados em duas horas.

— O que sou eu, um maldito de um ingrato?!

— Tenho certeza que o professor entenderá, onde quer que ele esteja.

— Ele não telefonou nenhuma vez?

— Não.

Aquele era um diálogo dissimulado entre Crammer e Suzanne, feito para Walden escutar. Ele passara a noite com a mulher, sabia que Lucas não tinha dado nenhum sinal até aquele momento e que algo de grave acontecera.

— Conversou com o senador sobre isso? — continuou Suzanne.

— Sim. Eles não foram avisados de nenhum incidente — disse Crammer.

— É a coisa certa a se fazer, Michael — falou Walden.

— Mas que porcaria! Prometi ao Lucas um lugar na Cassilda! Devo minha viagem a ele!

Crammer olhou para a mulher e para Walden. Seu sentimentalismo não estava mais fazendo sentido e, àquela altura, ele próprio já percebia.

— OK. Vamos embora... A Lua nos aguarda! — finalmente disse, saindo do trailer e caminhando em direção à Cassilda. Walden e Suzanne o seguiram, deixando o pequeno trailer que servia de “base” para trás.

— Espere... Preciso ir ao banheiro! — disse Suzanne.

— O seu macacão será o banheiro nas próximas horas — explicou Crammer com um sorriso. Pessoalmente ele não se importava em mijar nas calças, não parecia muito sensível ao incômodo de uma mulher.

Já próximos da espaçonave, Crammer avistou o senador Ramsley e o reitor Sullivan abrindo espaço entre os motociclistas. Antes de subir os cinco degraus da escadinha, ele sorriu para a Cassilda e depois se virou para a multidão. Ele acenou, como os heróis fazem, e se sentiu bastante contagiado pelos aplausos que recebera de volta. De repente, não se lembrava mais da ausência de Lucas.

O jovem repórter Mathews passou por baixo do cordão de isolamento e chegou mais perto com sua câmera de vídeo. Alguns motociclistas viram e decidiram que seria uma boa ideia seguir o garoto com a câmera na mão. Segundos depois, não havia mais isolamento algum. Em menos de um minuto, a Crammer Jet estava rodeada de motociclistas uivantes. Alguns se deitaram em frente às rodas da espaçonave e bateram fotos. Uma ou duas esposas levantaram as blusas e mostraram os seios. Ao mesmo tempo, uma equipe voluntária de admiradores “responsáveis” se formou e, por milagre, conseguiu fazer com que a multidão recuasse até uma linha imaginária, cerca de vinte metros da espaçonave. “Vá se fuder”, e, “tenho o direito de ficar onde eu bem entender” foram proferidos quase em coro, mas nada que atrapalhasse o ambiente.

Crammer percebeu Mathews e sua câmera. Esperou até que ele se aproximasse e então disse, solene:

— Como alguém de visão uma vez disse, ir com coragem onde alguém já esteve antes!

Crammer girou o corpo, subiu os degraus restantes e entrou na apertada espaçonave. A cabine tinha

pequenas janelas em ambos os lados e uma janela na parte superior. Instantes depois, apareceu na cabine usando seu chapéu de cowboy, que já o aguardava no assento do comandante. Mais uma vez, olhou para a multidão e acenou. Desta vez, fez um sinal de positivo, que combinava bem com o papel de chefe de missão. Podia-se ver, mas não ouvir, quando Crammer gritou e uivou dentro da cabine, em puro êxtase.

Walden abriu caminho e Suzanne foi a próxima a embarcar.

— Ele sempre foi assim tão animado? — perguntou Walden com certa malícia.

— Incansável!

RAMSLEY E SULLIVAN usavam os braços para se locomoverem entre as pessoas. Uma moça com muitas tatuagens e um enorme piercing na sobrancelha reconheceu Ramsley, gritou “senador” e ofereceu erva. Ramsey sorriu “não, obrigado”, mas a mão que segurava o cigarro alcançou sua boca. Ramsley retirou, delicado, mudou o tipo de sorriso e devolveu o negócio para ela. Ramsley e Sullivan, por fim, alcançaram o limite da linha de segurança imaginária, mas continuaram a mexer as cabeças à procura da única pessoa que estava faltando.

— Onde está o seu professor? — berrou Ramsley, olhando abismado para Sullivan e tentando se fazer ouvir entre os gritos e aplausos da multidão.

— Não faço a menor ideia, mas o fato de não estar aqui me deixa muito preocupado!

— Ele não vai à Lua?

— Parece que não!

— Depois de tudo o que fizemos?!

Sullivan estava arrasado.

— Ramsley, a única razão que consigo imaginar por que ele não está aqui é que deve estar morto ou bem próximo disso.

— É o que eu espero — gritou Ramsley, decepcionado pelo que, até aquele momento, parecia falta de consideração de Lucas.

— Entendo! — disse Sullivan aceitando a ironia de Ramsley.

O senador olhou ao redor e chegou a tapar os ouvidos. Os gritos eram incessantes e até certo ponto ilógicos. Aproximou a boca do ouvido de Sullivan.

— Veja só, Sullivan...

— É... Históricos.

Ramsley assentiu.

— Sabe por que as pessoas gostam tanto de gente como Crammer e Suzanne? Porque eles vivem a vida que querem, sem medo do que os outros vão pensar, sem medo de compartilharem seus sonhos!

— Verdade, Ramsley!

— Quanto a nós, somos apenas burocratas chatos!

— Não se preocupe, senador... Muito no fundo, também somos pessoas legais!

OS ENGENHEIROS FECHARAM a porta da alongada e rotunda espaçonave que o aventureiro pop Michael Crammer havia criado. Na história espacial, não mais do que quinhentas pessoas já haviam estado no espaço. A pista de decolagem era mais longa do que o necessário para a espaçonave, feita em sua maior parte de composto de carbono e, portanto, bem leve e resistente — o que representava uma grande economia de dinheiro e combustível. Quando a Crammer Jet atingisse 15.000 metros de altitude, Michael injetaria seu combustível especial, que aceleraria a espaçonave até 4.000 km/h, onde apontariam o nariz para cima até atingirem a altitude de 100 km. Pelo menos, isso era o que dizia texto do folheto distribuído para a imprensa e admiradores.

Após se afastarem por alguns metros, sinalizaram a Crammer para que ligasse as duas turbinas. Ele acenou confiante de dentro da cabine, mostrando que havia compreendido. Poderia ter usado o rádio, mas a encenação oferecia mais dramaticidade para o público. Michael estava adorando cada segundo daquele momento.

A tentativa de fazer funcionar as turbinas, no entanto, falhara. O que se ouviu foi um som esquálido, seguido por duas fileiras de fumaça que saíam tímidas de trás das turbinas da espaçonave. A multidão se calou quase que por encanto. O repórter Mathews baixou a câmera de vídeo, tendo uma súbita impotência motivacional.

— Que espetáculo — ele disse, desapontado.

Da cabine, Crammer gesticulou desesperado para que seus mecânicos intervissem no acionamento das turbinas. A resposta corporal deles, como já era esperada por Crammer, limitou-se a darem de ombros e abrir os braços. Michael Crammer sabia que não havia nada que pudesse ser feito. O fato é que as turbinas nem sempre ligavam de primeira. O combustível, eles sabiam, funcionava melhor apenas em altas rotações do motor, mas a falha inicial não significava de forma alguma um problema na espaçonave. Apenas não ficaria bem na fotografia.

Que mico filho da mãe! Pensou Crammer.

Ele tentou de novo... Um assovio promissor foi ouvido e então... Uma espeda fumaça branca foi vista. Para alívio geral, as turbinas da Crammer Jet ligaram!

Mathews, surpreso com a eficiência da equipe, tratou de erguer a câmera de vídeo até o ombro, quando voltou a registrar as imagens do histórico voo do aventureiro Michael Crammer.

— Agora vai... — comemorou Mathews.

Os engenheiros e mecânicos, que estavam com perigo perto das turbinas, correram alucinados até uma distância mais segura. Um deles tropeçou, traído pela força de uma das turbinas, e provavelmente quebrou o nariz, pois sangrava muito. Cassilda então acelerou lentamente e foi ganhando velocidade de forma gradativa e segura. Contrariando cétricos e críticos do projeto, a espaçonave Crammer Jet decolara na pista do deserto como um avião normal, e ganhou altitude de modo bem suave...

— Que os anjos os protejam — disse Ramsley ao ouvido de Sullivan. — Ao menos o professor não corre nenhum risco.

— Algo de grave aconteceu com ele — insistiu Sullivan no meio do alvoroço da multidão que celebrava a visão da Crammer Jet partindo.

Ramsley tocou no ombro de Sullivan e girou o corpo.

— Já vi o suficiente.

- CAPÍTULO 45 -

DESERTO DE BLACK ROCK, NEVADA. PONTO COUGMANN

Há trinta quilômetros dali, a plataforma de lançamento do Cougmann One se enchia de uma fumaça encorpada e imponente. A Soyuz russa estava na fase final da contagem regressiva. Imprevisível, no entanto, foi a forte mudança climática de último momento, que trouxe ventos fortes.

Em um deck de observação a três quilômetros da Cougmann One, políticos, homens de negócios, mídia regional e nacional em peso seguravam seus bonés promocionais com o emblema da Cougmann e evitavam que gravatas e papéis voassem.

O vento se misturou ao barulho e todos aplaudiram excitados. O poder do foguete Soyuz podia ser sentido em toda sua vibração. Jack Tulip, feliz entre os investidores, sorriu com um charuto na boca e cumprimentou Roy, o único que parecia preocupado com o clima. Se Jack soubesse que seu dinheiro na verdade não fora parar naquele projeto, não sorriria. Tinha ido para o projeto Silfos e não representava mais do que uma pequena fração do investimento que a Fundação fizera.

O lobo Roy, na verdade, estava com o estômago na garganta.

Não se tratava apenas de o vento ter chegado forte e fora das previsões. O padrão era estranho, para não dizer incompreensível. Não houve aviso dos serviços meteorológicos contratados ou mesmo qualquer sinal da natureza. Ele, o vento, veio do nada.

Apesar disso, a Soyuz/Cougmann One partiu...

Roy concentrou a visão em sua espaçonave, ignorando a agitação das pessoas. Ele teve a impressão de ter visto a Cougmann One subir os primeiros metros de forma um pouco desestabilizada. Para o observador comum, nada demais, porém, Roy havia visto dezenas de lançamentos em vídeos, e tinha uma boa ideia de como o foguete deveria se comportar. Ele ergueu um rádio e gritou pelo nome de Peterson.

— Quero falar com Aleksey. Agora!

— Sim, senhor O'Connell.

— Aleksey falando — respondeu o russo que era chefe de controle de solo.

— Aleksey... Viu o que eu penso que vi?

— Sim.

Roy fechou o semblante e gastou os segundos seguintes olhando a Cougmann One subir. Ventava forte. O foguete continuava instável.

— Não parece bom, Aleksey! — gritou Roy ao rádio.

— Senhor, os engenheiros estão nervosos e não há tempo de traduzir.

Roy, por contrato, tinha a palavra final sobre a decolagem, que ele tinha autorizado minutos antes do forte vento atingir a região. Olhou para o lado. A gravata e os cabelos de Jack Tulip balançavam no ar quando, de repente, a intensidade do vento diminuiu. Segundos depois, não havia nem mesmo sinal dele. Pelo menos ali no deck de observação.

Roy conhecia bem o histórico de lançamentos bem sucedidos da Soyuz, principal razão pela opção que fizera pela espaçonave. Acontecera um acidente 2002, quando a Soyuz levava um satélite Photon-M a partir de Plesetsk, ao cair perto da plataforma de lançamento cerca de 30 segundos após a decolagem.

Em 2005, uma versão de quatro estágios do foguete falhou após seis minutos do lançamento. Em 2011, num voo não-tripulado que levava suprimentos para a Estação Espacial Internacional, ela caiu. E, em dezembro de 2011, um Soyuz-2.1b levando um satélite militar de comunicações, falhou no sétimo minuto de lançamento.

Roy pegou um binóculo e fixou o olhar na Cougmann One... Como que por encanto, ela havia sobrevivido às fortes rajadas de vento e seguia firme para o alto. Com quarenta segundos após o lançamento, no entanto, uma pequena sonda metálica, ou talvez fosse um ponto de luz, pôde ser vista próxima à Soyuz.

Tudo aconteceu de forma rápida. A pequena esfera, que lembrava os fenômenos aéreos misteriosos conhecidos por *foo fighters* durante a Segunda Guerra Mundial, acabara de cruzar próxima a espaçonave, e feito isso em velocidade incalculável.

Roy parecia ser o único no deck a ter enxergado aquilo.

Prendeu a respiração.

— Aleksey? — Roy chamou no rádio.

— Um momento, senhor O’Connell...

Não houve nem mais um momento.

O foguete lançador Soyuz, orgulho da indústria espacial russa e um dos mais seguros criados pelo homem, se desprendeu antes da hora. A sonda misteriosa seguiu para um lado e o foguete para o outro, se afastando da espaçonave. Então, perdeu velocidade e colidiu com o módulo de serviço e o módulo orbital, atingindo a parte central do foguete. O impacto abriu um buraco no tanque de combustível principal e, na fração de tempo seguinte, a Cougmann One, sonho de propaganda de Roy Charles O’Connell, se tornou uma bola de fogo voraz, partindo-se em centenas de pedaços que em poucos segundos se espalhariam sobre a reserva indígena dos Paiute, que teriam dias difíceis pela frente limpando sua fonte de água do combustível tóxico que não seria consumido pelo fogo.

Roy parou de respirar. Era impossível entender o que se passara.

— Senhor O’Connell?!

— Cale a boca, Aleksey...

Roy jogou o rádio no chão. O deck de observação, que instantes atrás estava eufórico, agora se calara mortalmente. Cabeças giraram em direção a Roy, que parecia atônito enquanto digeriria o espetáculo do fracasso que se desenhava diante de todos. Um quadro caótico de um pintor dramático em dia de péssimo humor.

Devagar, Roy se movimentou e abriu espaço entre os convidados, avançando pelo apertado deck. As câmeras de TV o focalizaram, mas nenhum jornalista, de sua própria rede ou das outras, se atreveu a fazer perguntas, embora aquela fosse uma bela história a ser contada. A dos tripulantes, que certamente tinham perdido suas vidas. A do fracasso em si, que perseguiria Roy pelo resto da vida. A do investidor Jack Tulip e o dinheiro perdido em um negócio malsucedido.

Roy desceu do deck após alguns toques solidários em seu ombro.

Entrou em uma das limusines e seguiu a caminho do trailer onde estavam os russos e os engenheiros da Cougmann Corporation. Alguém seria culpado pela desgraça. Alguém pagaria por aquilo. Havia os engenheiros russos, trazidos a peso de ouro. Os meteorologistas que não previram a intensidade dos ventos. E havia aquela coisa, a sonda luminosa que passara perto do foguete e que Roy tinha certeza de ter visto.

- CAPÍTULO 46 -

ARIZONA CITY, ARIZONA

FRANK BALLARD NÃO estivera presente no deserto de Black Rock.

Depois, soube. Teve sorte. Escapara do espetáculo de horrores proporcionado a Roy e a todos os convidados da Cougmann One aquela manhã. Para Frank, havia dois problemas mais importantes, ambos no galpão da Cougmann em Arizona City que guardava a máquina Silfos: Luiza e Lucas haviam passado a noite ali.

Ela se acostumara a situações de aprisionamento, por isso, conseguiu pegar no sono de madrugada. Lucas, no entanto, teve que esperar até o dia amanhecer para fechar os olhos e, ao adormecer, foi mais por uma consequência do stress do que do sono. Os passos enérgicos de Frank e os passos curtos do gorila despertaram cada um em suas respectivas salas-cativeiro.

Frank abriu a porta da sala de Luiza. Ela, deitada, sentou-se e encarou seu controlador com o medo e a submissão que ele a preparara por boa parte de sua vida adulta.

— Bom dia — disse Frank. Luiza não respondeu. Não era isso o que Frank desejava a Luiza. Ele olhou a sala e viu que estava do mesmo jeito que havia deixado na noite anterior. — Preciso saber que tipo de relação você tem com o professor.

Luiza baixou o olhar e massageou o pescoço com as mãos, para ganhar tempo. Pensar.

— E então? — insistiu Frank.

— Deixe-o em paz.

— Está respondido — disse Frank, saindo da sala. Luiza revelara o que ele precisava saber: ela se importava com o professor.

O gorila trancou a porta da sala de Luiza e caminhou apressado atrás de Frank até a outra extremidade. A linguagem corporal de Frank quando não estava na presença de seus clientes era bem mais grosseira do que de costume. Os homens da sua equipe entendiam bem essa forma de agir e não faziam perguntas tolas. Quando o viam andando em suas direções, saíam da frente ou abriam portas.

Foi assim que Frank entrou no cativeiro de Lucas.

Ele abriu os olhos depois de apenas uma hora de sono e viu Frank e o truculento segurança ao seu lado. Frank tirou o casaco e arregaçou as mangas da camisa, como um político em campanha querendo mostrar serviço na TV. Mostrou os braços repletos de tatuagens do tempo em que era militar e arrastou uma cadeira até ficar em frente a Lucas. Assim como Luiza, ele havia passado a noite no sofá e estava moído.

— Acha que realmente me assustei com a chantagem que você e o senador aposentado me fizeram? — foi dizendo Frank.

— O quê? Ah, sim... Foi o que pareceu.

Lucas estava com a voz rouca. Àquela hora a Crammer Jet já partira para a Lua. Ele não acreditava que cancelariam a viagem por sua causa.

— Você não faz ideia do que parece — disse Frank.

— Que eu me lembre você saiu do nosso caminho.

— Não foi bem assim... Apenas não achei que valesse a pena perder tempo investindo meu talento em uma disputa de vaidade entre Roy e Crammer. Tenho mais o que fazer, professor.

Lucas olhou as tatuagens e depois olhou para a cintura do gorila que havia se posicionado atrás de Frank. Lá estava ela. A *taser*. Lembranças dolorosas percorreram sua circulação com medo.

— Vai apelar para a violência?

Lucas tentou parecer ousado, mas Frank não se conteve. Riu sozinho e compartilhou com o segurança a ingenuidade que Lucas proporcionava. Então, esticou o braço tatuado até o bolso do paletó, que pendurara atrás da cadeira, e retirou uma fotografia antiga, que entregou a Lucas. A foto mostrava uma jovem moça — nua — sorrindo, na companhia de pelo menos três senhores que poderiam ser seus avós. Os olhos da moça mostravam o sofrimento que um sorriso forçado tentara em vão ocultar. Também estavam roxos, com claros sinais de espancamento.

Lucas tentou devolver a foto para Frank, que se recusou a pegá-la de volta.

— Olhe bem, professor...

— Desculpe... Não curto pedofilia.

— Não reconhece quem é a linda garota?

— Não me interessa.

Em um movimento rápido e agressivo, Frank pegou a fotografia da mão de Lucas e, com a outra mão, ergueu um dos antebraços do professor, obrigando-o a segurar a fotografia. Frank era muito forte, disso Lucas teve certeza.

— Estou dizendo que você tem o maior interesse em saber quem é a garota da foto — disse Frank.

Foi quando um pensamento horrível lhe ocorreu: a possibilidade de ser Luiza. Olhou a foto... e a reconheceu. Frank observou cada reação de Lucas e teve certeza de que Luiza e o professor se importavam um com o outro. Luiza não era apenas uma acompanhante temporária de Lucas. Aquela constatação seria de muita ajuda para seus planos.

Lucas teve ânsia de vômito e foi acometido por um arrependimento esmagador. Jamais deveria ter se envolvido com alguém como Frank Ballard. Também teve outra certeza, desta vez em relação ao senador Ramsley: ele era um político, que o colocara em perigo e agora não estava lá para garantir sua segurança. Um político de merda. Lucas se viu sozinho, e se lembrou porque durante a vida inteira havia desprezado figuras como Ramsley, e até mesmo o lado político do reitor Sullivan. Pelo simples motivo de não serem pessoas confiáveis.

Frank deu a volta por trás da cadeira e cruzou os braços tatuados.

— Respondendo à sua pergunta... Não, não usarei violência contra você, a menos que seja necessário. Mas, se for necessário, usarei violência com *muita* violência. A coisa mais importante nesse momento é você entender que a sua namorada me pertence.

Lucas ergueu o olhar. Óbvio que não entendia o que aquilo significava.

— Ela é, digamos, propriedade minha. Se não sabia disso, sinto te informar, professor.

Frank apoiou os cotovelos sobre a cadeira, debruçando o corpo para frente, arrogante e próximo ao rosto de Lucas.

— A coisa vai funcionar da seguinte maneira: você vem comigo agora. Vai seguir as instruções dos meus homens, sem reagir ou questionar. Eles pedem, você faz. Se nos der trabalho, por menor que seja, o nível de violência contra Luiza, que ainda não começou, aumentará na mesma proporção. Ou seja, você apronta, Luiza é quem paga.

— Não quero que façam mal a ela — pediu Lucas, indignado, mas cauteloso com o tom que escolhera.

— Impossível. Luiza nasceu para servir. Está acostumada com a dor... Veja, posso ser razoável e lhe garantir que não farei nada que ela não esteja acostumada, mas essa garantia só é válida se respeitar as minhas regras. A garantia é inegociável e irrevogável.

— Farei o que pedir.

Como uma explosão saída do nada, Frank ergueu a cadeira para o alto com apenas um dos braços e a desceu com brutalidade sobre as costas de Lucas. Ele caiu em dor, surpreendido pela súbita e injustificável violência. A cadeira tinha atingido sua clavícula e pelo menos metade das costelas. Ele soltou um grito seco de dor ao cair... Do chão frio do galpão, Lucas olhou para cima e viu Frank se agachar perto dele.

— Disse que... farei o que pedir! — protestou Lucas antes de se contorcer.

A frieza de Frank era algo que Lucas não conhecia.

— Professor... Em minha experiência, aprendi que certas instruções funcionam melhor quando a gratificação é imediata. Se nos próximos dias você tiver alguma dúvida sobre o valor de cada instrução dada aqui, procure se lembrar da dor que sente agora e imagine o que somos capazes de fazer com Luiza.

Lucas procurou recuperar a respiração, abalada com o impacto na costela.

— Para onde vai me levar?

— Para longe daqui, pode ter certeza.

Frank se levantou, desdobrou as mangas da camisa e vestiu o casaco.

— Não se preocupe além da conta. Preciso de você vivo e com boa saúde — ele disse antes de ir embora.

- CAPÍTULO 47 -

SUL DOS ESTADOS UNIDOS

LUCAS SAIU DO galpão em Arizona City rodeado por três homens de Frank. O gorila entrou em uma van e sentou-se ao lado do motorista. Os outros dois indicaram a Lucas a parte de trás do veículo e entraram atrás dele. Os vidros estavam completamente bloqueados da visão exterior, com películas bastante escuras. Por dentro, ainda havia cortinas que impediam a visão de quem estava dentro e na parte de trás do veículo.

Lucas viajou de cabeça baixa por boa parte da longa viagem que já durava um dia inteiro e agora entrava pela noite. Havia muitas coisas que ele gostaria de saber sobre o mundo do lado de fora daquela prisão sobre rodas. Luiza era, sem dúvida, a maior de todas as preocupações. A viagem à Lua ficou em segundo posto. Não souber dizer em que momento as prioridades trocaram de posição.

A situação mudara de forma surpreendente e vertiginosa. Seu sonho de infância havia se transformado em apenas isso: um sonho. O mais importante era compreender o que acontecia. Tudo ali — os seguranças, as cortinas, o silêncio e a estrada que parecia não ter fim — contribuía para o clima de terror que perturbava todo seu organismo.

Durante o trajeto, a van parou três vezes. Lucas contou. Primeiro desceram em Juarez, no Novo México. Depois em San Antonio, no Texas. Fizeram a última parada em Lake Charles, no Estado de Louisiana. Lucas desceu com os seguranças em cada uma das paradas, onde pôde ir ao banheiro e fazer as refeições. Pelo nome das cidades, estava claro que se dirigiam para a costa leste ou para o sul.

Quando o dia seguinte amanheceu e a luz invadiu as minúsculas frestas nas cortinas da van, Lucas sentiu uma mudança no ritmo. Haviam deixado a estrada para trás e novamente respeitavam o ritmo dos semáforos das cidades. Desta vez, de modo diferente das outras, paravam sempre. Não havia, porém, movimento no sentido de estacionar o veículo para uma refeição ou uma rápida ida ao banheiro. Lucas tinha conseguido tirar apenas alguns breves cochilos. Estava exausto, entrando no terceiro dia seguido sem dormir.

Rodaram assim por quase quarenta minutos, até que a van parou por um tempo mais prolongado. Lucas percebeu que o motorista conversava com alguém pela janela, embora o isolamento acústico impedisse maior clareza do som.

Os medos reapareceram com calafrios de febre. E se Frank Ballard estivesse mentindo e Lucas estivesse a poucos instantes de seu fim? Os pensamentos se tornavam menos otimistas a cada hora. Mostrou-se um pouco mais agitado dentro da van, olhando para os lados e para os seguranças, não expressando nada além de simples curiosidade pelas reações do refém.

O *GALACTIC SEAS* era um colossal porta-contêiner de última geração que estava ancorado no Porto de Nova Orleans. A van chegou ao topo da rampa de acesso ao navio e seguiu por uma das ruas da barriga do gigante, até que se juntou a outros veículos já estacionados que incluíam caminhões, ônibus e tratores. Então parou. Pela primeira vez em horas, desligaram o motor.

O gorila saiu da van, deu a volta e abriu a porta de correr. Colocou a cabeça para dentro e olhou para Lucas. O professor aproveitou para espiar do lado de fora e tentar entender onde estava. Parecia uma enorme garagem.

— Há duas formas de fazermos isso... — disse o primata, esperando um momento até que Lucas mudasse a direção do olhar para ele.

— Sim — disse Lucas, mostrando atenção.

— Você pode colaborar e conviver normalmente com nossos parceiros, ou, pode criar problemas. Neste caso, avisaremos Frank e ele maltratará a moça como só ele sabe. Estarei ao lado dele para ajudá-lo, cansei de fazer isso e não hesitarei em agir assim de novo. Cumprimos ordens e esperamos que você as cumpra também.

Lucas estava atordoado com a viagem e com o estresse da situação. Só conseguiu assentir com a cabeça. Então, o gorila tirou algo do bolso e jogou para Lucas. Outra fotografia.

— Mais uma coisinha. Frank pediu que eu lhe entregasse isso... Vai ajudar para que todos vocês tenham uma boa viagem.

Viagem? Estou em uma garagem!

Lucas olhou a fotografia. Sua face caiu, horrorizada. Era uma imagem mais recente de Luiza, de oito ou dez anos atrás talvez. Ela estava nua, amarrada com as mãos para trás. Seu corpo apresentava marcas de brutalidade. Na foto, algumas feridas pareciam ser novas e ainda apresentavam hematomas avermelhados, enquanto outras eram como um mapa de cicatrizes nas costas e no ventre.

Os tais segredos de Luiza. Minha Luiza...

Passara-se apenas um segundo, o suficiente para Lucas ter que afastar o olhar e respirar. Em seus piores receios sobre Luiza e sua história, jamais imaginou que viria a conhecê-la daquela forma. Fotografias, em fases diferentes da vida dela, e das maneiras mais indignas possíveis. Sua preocupação por ela acabava de dar um salto. As fotos deixavam claro por que Luiza relutara em falar sobre o passado. Seu jeito discreto e cuidadoso fazia mais sentido do que antes.

O gorila ainda o encarava.

— Preciso que me diga se compreende que a sua palavra vale a vida de Luiza Palmer — disse, afastando Lucas de seus pensamentos.

Lucas respirou fundo e fez um esforço sobre-humano para engolir tudo o que gostaria de dizer. Era preciso cuidado. Fossem eles quem fossem, eram perigosos e estavam no controle de tudo que importava para Lucas, incluindo sua própria vida e a de Luiza.

— Compreendo e não causarei problemas — ele respondeu.

— A sua cabine é a 26... — disse o gorila, ao entregar uma chave a Lucas. — Estaremos de olho em você todo o tempo. É um navio de cargas, não espere champanhe e serviço de quarto. Siga a rotina da tripulação. Haja de modo normal. Se nos der trabalho, ficará confinado em um lugar que, tenho certeza, não irá aprovar.

— Entendi.

— A tripulação também vai estar de olho em você. O navio pertence a uma organização ligada à Cougmann.

O navio pertencia, na realidade, à Fundação.

— Para onde vamos? — perguntou Lucas.

O gorila sorriu e trocou olhares com seus dois companheiros.

— Caribe, América do Sul, África... O mundo.

Lucas buscou coragem para novas perguntas. O gorila se antecipou.

— Não fale mais nada... Agora vá. Siga direto para sua cabine.

Lucas desceu cambaleando. Estava muito fraco. Depois de caminhar alguns passos, parou e olhou para trás em direção à van. O gorila ainda estava lá, mas os outros dois seguranças seguiram em direções

opostas. Escutou um *clack* metálico e viu que a rampa por onde entraram se fechara. Voltou a caminhar e seguiu as placas que informavam a direção das cabines. Eram apenas trinta, de acordo com o que leu em uma delas.

DEPOIS DE GASTAR pelo menos dez minutos ao percorrer a distância entre a “garagem” e as cabines, Lucas encontrou o que viria a ser sua modesta acomodação nas próximas horas, dias ou semanas. Entrou e viu uma sacola sobre a cama. Dentro havia um par de calças de sarja, duas camisas de algodão, cuecas e meias brancas, chinelos e itens de higiene. Pensou se tratar de uma cortesia do navio, mas uma fotografia deixada dentro da sacola deixou claro que ali tinha a mão de Frank Ballard.

Mais uma vez, a história de Luiza ia se revelando. Assim que percebeu o conteúdo da nova imagem, Lucas cerrou os olhos e a rasgou de pronto. A brincadeira de Frank perdera a graça. Ele já se considerava alertado, não precisava mais ver Luiza em situações de abuso. Era incrível como, aos poucos, ele próprio ia se condicionando a sentir medo, a seguir as instruções que recebesse.

As fotos tinham esse feito.

Lucas sentiu falta de ar puro. Tinha passado as últimas noites fechado em lugares escuros. Quando abriu a porta da cabine percebeu, ao final do corredor, a silhueta de um dos seguranças que o escoltaram na van.

Filho da puta...

Lucas entendera que não era obrigado a ficar dentro da cabine. Desse modo, seguiu na direção contrária à do segurança e calmo subiu as escadas na popa do navio. Enquanto avançava, considerou a distância percorrida pela van no trajeto desde o Arizona. Descartou o porto de Los Angeles, que ficava a poucas horas de carro. Aquele era outro porto. Deduziu, correto, que se tratava de Nova Orleans.

No andar seguinte, Lucas espiou o lado de fora da escada. Ali havia uma piscina de pequeno porte, para uso da tripulação e dos poucos turistas de ocasião. Voltou para a escada. O andar seguinte dava em uma sala de jogos. Não havia portas nos próximos três andares, até que ele encontrou uma porta que parecia dar acesso ao posto de comando do navio. Seguiu por ali.

Adiante havia um terraço. Viu alguns membros da tripulação do navio, misturados a um grupo de turistas de bermudas e sandálias. Todos sorriam e pareciam relaxados, como se o mundo fosse perfeito. No centro do terraço, alguns apreciavam um farto churrasco de boas-vindas.

O cheiro dos assados o fez lembrar que não comia direito há pelo menos vinte e quatro horas. Nas paradas durante o trajeto desde Arizona City, apenas enganara o estômago com bolachas e sanduíches que mal conseguira engolir. Pela primeira vez desde o sequestro, encarou a situação como de fato era: um jogo, uma luta pela sobrevivência. Neste sentido, era importante se alimentar, tentar manter a saúde e a mente fortes. Lembrou-se do que Luiza havia dito ao senador — que ela tinha sobrevivido a um jogo. Então é esse o jogo? Sobreviverei?

Lucas se aproximou do churrasqueiro, como vira outros fazerem, e recebeu dele um prato farto de cortes de carnes diversas, acompanhado de salada.

— Suco ou cerveja? — perguntou o churrasqueiro.

— Suco.

Olhou ao redor, estressado com a imprevisibilidade dos acontecimentos. Não localizou nenhum dos seguranças. Mais calmo, andou até um banco de metal com vista para o porto e se sentou para comer. Surpreendeu-se com o próprio apetite.

Alguns minutos depois a sirene do navio tocou.

O navio não lhe trazia bons presságios. Lucas colocou o prato e o copo de suco em uma bancada perto do churrasqueiro e foi até o lado de trás da cabine de comando. Ali, conseguiu ver toda a extensão do *Galactic Seas*. Era mesmo um navio gigantesco.

Contou pelo menos cinco andares de contêineres empilhados por duas centenas de metros. Tentou calcular quantos contêineres haveria nos níveis inferiores do navio, mas era difícil estimar. De repente, pegou-se olhando para os lados. Percebeu que havia adquirido um medo do qual não conseguia se livrar. O medo dos seguranças de Frank aparecerem. De ser eletrocutado pela *taser*... A digestão, que ia bem até aquele pensamento, se transformou em náusea. Aquele não seria um cruzeiro qualquer. Era um navio de cargas, solto no mundo. Não fazia ideia para onde o levavam, ou mesmo o que pretendiam fazer. O navio não partira ainda e ele já sentia saudades de terra firme.

- CAPÍTULO 48 -

ARIZONA CITY, ARIZONA

CINCO DIAS APÓS o fatídico acidente com a espaçonave Cougmann One, Frank Ballard retornou ao galpão para tratar do problema remanescente: Luiza.

Roy estava inacessível, lambendo as próprias feridas e contabilizando os prejuízos, mas Frank sabia o que fazer, tinha autonomia para transitar nas empresas do amigo.

Pediu que o gorila abrisse a sala-cativeiro. Encontrou Luiza dormindo. Ele vasculhou o local, não havia sinais de tentativa de fuga, sujeira ou objetos quebrados que seriam comuns em momentos de desespero. O cenário indicava que só mesmo uma escrava experiente poderia manter tamanha passividade antes do batente que ela sabia que a aguardava.

— Acorde — ordenou Frank. Luiza abriu os olhos e se sentou. Parecia serena e não contestou nada. Era a reação que Frank esperava. Estava tudo certo.

— Vista isso — ele disse, lhe entregando uma sacola.

Luiza retirou seu conteúdo: um vestido Versace preto de mangas longas e gola em “V”; sobretudo da mesma marca; um par de sapatos de salto alto de couro italiano Prada; uma bolsa Prada preta; lingerie La Perla; um colar de pérolas negras South Sea; um perfume Rouge Hermès e um jogo de maquiagem completo. Era o seu uniforme. Sabia o que fazer em seguida.

Despiu-se, ali mesmo, sob o olhar atento de Frank e do primata, que a espiava através da fresta da porta. Frank sempre a avaliava. Não como mulher, mas como um produto. Seu corpo tinha muitas marcas, é verdade, mas as mangas longas encobriam algumas delas. A silhueta, no entanto, ainda era a de uma mulher vigorosa.

— Se hidratou? Conhece o procedimento.

— Sim.

Frank abriu a pequena geladeira da sala. Confirmou que Luiza havia consumido quase todas as frutas, acabado com os sanduíches e as várias garrafinhas d’água. A porção que Frank deixara durou apenas o suficiente. Ótimo.

O galpão permaneceu a maior parte dos últimos cinco dias em silêncio.

A máquina Silfos estava pronta para entrar em funcionamento. A fase de testes acabara, de maneira que havia apenas a preocupação de se evitar a entrada de pessoas estranhas ao projeto. O local estava longe de lembrar os seus dias mais agitados, quando cientistas e engenheiros das mais diversas disciplinas ajudavam a montar aquele quebra-cabeças que teria a missão de salvar o planeta da poluição.

A verdade é que o projeto final e seus objetivos eram conhecidos por muito poucos. Dali para a frente era uma questão de viabilizar seu uso através de contatos no centro do poder. Para isso, Roy contaria mais uma vez com a ajuda de Frank. Fora ele que se incumbira de localizar quem seriam esses indivíduos, aqueles que já faziam parte do seu banco de chantagens. Luiza seria apenas um pequeno, mas importante trunfo.

No poder, as ferramentas de trabalho giravam em torno do dinheiro, da notoriedade e da satisfação de desvios. O sexo era explorado em inimagináveis formas. Luiza, o produto, era considerada um

instrumento de desvio sofisticado e confiável. Esse era o mundo em que estava habituada, onde era veterana.

Em instantes, estava vestida. Perfeita e desejável. Frank começava a gostar da ideia de ter Luiza de volta em sua rede de trabalho. Talvez ela não fosse o problema que ele temia que pudesse ser. Ao contrário, estava se revelando uma surpresa bastante positiva.

— Que bom ainda estar em forma, Luiza. Valeu a sua vida.

Frank entregou a ela uma carta. Luiza abriu e leu-a logo. Frank não precisou explicar nada. Mais um bom sinal. Foi direto ao objetivo da missão.

— William Dollet é Secretário de Defesa. Irá se encontrar com ele amanhã à noite durante uma recepção em Washington.

Esperou a reação de Luiza. Acabara de dizer que amanhã mesmo estaria “em campo”. Luiza olhou nos olhos dele, franziu de leve a testa e assentiu. Estava prestando atenção.

— O secretário Dollet ajudará a vender a ideia da Silfos a um grupo de congressistas. A Silfos, caso não saiba ainda, é aquela máquina que fica guardada do lado de fora desta sala.

— Sei do que está falando.

— Muito bem. Em nome dos velhos tempos, estou recebendo uma pequena fortuna para levar essa mensagem ao Secretário. Quem me paga é o Roy O’Connell, que é o dono do projeto Silfos e quem você conhece de longa data. Aposto em você. Deixei uma bela e jovem garota em segundo plano. Você deve se sentir honrada com a oportunidade que acaba de ganhar.

Luiza guardou a carta dentro da bolsa.

— Consegue decorar o texto? — perguntou Frank, referindo-se à capacidade de memória fotográfica desenvolvida no programa de condicionamento, e que só se mostrava extraordinária em determinadas situações. No resto, sua memória era tudo, menos eficiente.

— Não pratico há um bom tempo, mas sei que consigo.

Frank olhava para Luiza com entusiasmo, mas ainda procurava por eventuais falhas. Até agora ela estava agindo à perfeição, como se não houvesse parado de trabalhar por muitos anos.

— O Secretário gosta de beber uísque — explicou Frank entregando a ela uma pequena caixa de plástico contendo pílulas brancas. — Quando o servir, coloque três ou quatro dessas no copo dele. Deixe as pílulas restantes à mostra. Será opção do secretário consumir uma, ou uma dúzia. Ele sabe do que se trata e aguarda que você as entregue a ele.

— O que são?

Frank sorriu. Era incrível como conseguia sentir prazer com a desgraça alheia. Em geral, ele não responderia àquela pergunta, mas Luiza era sua estrela principal, estava de volta e em boa forma. Frank estava animado.

— A droga preferida de Dollet — disse Frank com extrema ironia. — Como vê, o secretário está por inteiro à disposição da agência. Não existe outro fornecedor. Dollet faz o que a agência quiser que faça.

— Entendi.

— Apenas dê a ele com cuidado. Até mesmo uma pílula a mais já pode ser fatal. O prontuário médico do secretário diz que seu organismo está habituado a ingerir em média três pílulas por vez, de cinco em cinco dias, fornecidas pelo médico particular ou por *couriers* como você. O uísque potencializa o efeito, mas não interfere no resto.

— Está bem.

— É muito provável que ele durma após ingeri-las — explicou Frank sem conseguir tirar os olhos de Luiza.

Era fácil entender porque Roy havia se encantado com ela. Luiza tinha um brilho discreto e capaz de entorpecer um homem. Não fosse a infelicidade de ter nascido em um antro político de péssima energia, Luiza poderia ser quem quisesse. Por sorte, o instinto de sobrevivência dela estava mais aguçado do que

nunca, o que a levou a olhar direto nos olhos de Frank. Sua intenção não era seduzir, mas dizer a ele que a velha Luiza estava lá, presente e atenta às suas instruções.

— Percebe o que estou fazendo, Luiza?

— Não, Frank.

Dizer o nome dele o deixou excitado. A idade e a vida desregrada tornaram raros os momentos onde ele sentia algo por alguma de suas controladas.

— Estou te poupando.

— Como assim? — perguntou Luiza, curiosa e ao mesmo tempo dócil.

— As pílulas colocam o nosso alvo para dormir.

— Entendo, Frank.

— Com um pouco de sorte e habilidade, você será capaz de transmitir a informação a Dollet sem que seja necessário dormir com ele — explicou, tomado pelo fascínio que Luiza exercia. Ela percebeu. Procurou, a partir de então, tirar o máximo proveito daquele momento, o que significava na prática garantir um pouco mais de segurança para sua integridade física e mental.

— Sou grata a você.

Frank olhou Luiza de cima a baixo. Ela se levantou do sofá e colocou as pérolas Filipinas, que pareciam ter nascido para o seu pescoço. Frank teve que se controlar muito para não beijá-la. Não que existisse algum impedimento em fazer o que quisesse com ela, mas a perda do próprio controle interferiria no processo no qual Luiza se encontrava naquele momento, e que funcionava quase como um relógio suíço. Quando funcionava.

— É bom ser grata. Garanto a você que as regras são exatamente as mesmas.

— Sei das minhas responsabilidades... Na verdade, senti falta.

Frank não acreditou no que acabara de ouvir. Dentro da perversão de seu meio, aquele era um dos efeitos “colaterais” mais desejados por um controlador. Luiza acabava de declarar que aquele processo a estimulava, fazendo com que o sangue de Frank circulasse quente por todo o corpo. Aquilo, é claro, mexia com ele.

— Não vou te decepcionar... Frank.

Frank deu dois passos para frente, segurou o rosto de Luiza e beijou-a com intensidade explosiva. Sem que Frank percebesse, era a controlada quem estava exercendo poder sobre o controlador. Ela o esperou se afastar, o que fez ofegante e preso ao olhar de Luiza. Por um momento, sentiu-se inseguro com a perda de controle sobre si próprio.

— Sinto-me mais segura trabalhando ao seu lado — ela disse, reforçando a ideia de que estava em sintonia com as prioridades de Frank. — No momento certo poderemos relembrar nossos bons momentos.

Os “bons momentos”, na realidade, foram apenas de Frank.

Ele era um monstro e Luiza não se esquecera de nada, mas os anos de distanciamento agora davam a Luiza uma lucidez que a surpreendia. O controle que ela fazia questão de ter fora daquela vida exercia-se ali mesmo, diante do seu algoz. Foi revigorante descobrir que o monstro não a assustava como antes, e que, se ela mantivesse a serenidade e seguisse as regras, poderia dar um jeito de cair fora quando a oportunidade surgisse. O principal não estava mais lá: o medo absoluto que os traumas haviam lhe causado no passado.

Luiza não estava sob controle de Frank.

Meu Deus... Estou livre!

— Vamos embora. Tem um avião nos aguardando.

— Estou pronta. Faço a maquiagem durante o voo.

Maquiar-se a caminho de algum lugar era uma especialidade de Luiza.

- CAPÍTULO 49 -

LOS ANGELES, CALIFÓRNIA

DOIS ANOS ANTES, o representante da Fundação sugerira um encontro com Roy no hotel The London West Hollywood, que ficava nas colinas de Hollywood. Se ele desejasse, poderia chegar um dia antes e se hospedar na London Crown Suite, de cortesia. Roy o agradeceu ao telefone e aceitou. Na manhã da reunião, deixou os lençóis de algodão egípcio para trás e esticou o corpo no terraço particular com vista para a grande Los Angeles e suas colinas. Após um banho rápido, vestiu um terno cinza claro e camisa sem gravata. Desligou o sistema de luz ambiente personalizável e foi se encontrar com ele. O local combinado fora o deck da piscina. A vista panorâmica lá de cima — prometia o representante — era melhor ainda que a da suíte.

Tomaram um café da manhã leve. Conversaram sobre futilidades de Hollywood e sobre a economia. Em dado momento, quando a mesa foi limpa e eles voltaram a ficar a sós, o representante lançou a ideia.

— Que tal entrar para o mundo do cinema?

Roy imaginou que o representante estivesse louco.

— Nunca produzi um filme.

— Não se preocupe. Você levará o dinheiro.

— Certo. E de que forma isto--

— A máquina, Roy. Gostamos muito da sua visão ambientalista.

— Ahã.

— Um bom filme sobre o assunto pode ser bastante útil, não acha?

— Um filme sobre a Silfos?

— Que ajude vender a ideia da *necessidade* de uma máquina como a Silfos.

Roy concordou. Seria uma boa propaganda.

ESTAVA SENDO UMA semana e tanto. Depois que a Cougmann One explodira, a maior preocupação de Roy era a de como a Fundação receberia aquela notícia. No terceiro dia de crise da semana fatídica, Roy, que aguardava ansioso por um telefonema do representante, decidiu que ele faria o contato. Estava preparado para as consequências. A pior delas: ser abandonado pela Fundação.

Foi com muita surpresa que ouviu o representante dizer que não havia telefonado antes porque acompanhavam a gestão da crise através da imprensa. O representante, então, fez algo que nem em seus melhores sonhos Roy esperaria. Ele o elogiara. Mostrou-se capaz de lidar com situações difíceis sem perder o controle, algo que todo líder experimenta em sua vida. Disseram que estava claro que a responsabilidade pelo acidente tinha sido dos russos. Que a escolha pela Soyuz tinha sido a melhor, até pelo histórico de sucesso da tecnologia de foguetes russos. Roy fora considerado, portanto, isento de responsabilidades. Tinha passado no “teste”. O representante disse que queria vê-lo e tratar das próximas etapas do projeto Silfos.

Quando desligaram, Roy chorou.

O encontro fora marcado de novo na Califórnia, em uma noite especial. Roy desceu da quinta limousine em frente ao carpete vermelho na Hollywood Boulevard. Era a estreia de *Lungs*, um dos filmes mais caros produzidos durante o ano, resultado do acordo de financiamento de dois anos antes, de Roy com o representante.

Lungs contava a história de um pai de família apaixonado pela natureza e adepto de hábitos saudáveis, mas que, apesar disso, lutava contra um câncer no pulmão. A doença era atribuída ao fato de o herói do filme, um funcionário de limpeza urbana, viver e trabalhar em uma cidade grande e poluída como Los Angeles. O drama tinha todos os ingredientes para ser um sucesso mundial. Estrelado por um ator do primeiro escalão, tinha um diretor de grande sucesso comercial e fora produzido por um dos maiores estúdios de Hollywood.

Roy não era fã de cinema — com exceção dos filmes de pancadaria — mas aquele, como muitos na indústria do grande cinema, eram de modo indireto financiados por instituições que usavam o cinema para obras de engenharia social. Os recursos de *Lungs* tinham sido providos por um banco que pertencia à Fundação. A empatia com o ator sofredor foi quase unânime, enquanto que o vilão do filme se tornava mais e mais odiado à medida que o sofrimento aumentava, e sua morte se aproximava, lenta e agonizante. O protagonista chorava. A mulher e os filhos também. O grande público não teve como não sentir o baque. Filmaço.

O vilão do filme atendia pelo nome de *poluição*.

Roy conhecia bem a história de Edward Bernays, o renomado sobrinho de Sigmund Freud. Edward fora um dos principais arquitetos das técnicas modernas de persuasão, uma espécie de pai das relações públicas, que soube usar como ninguém as ideias do tio Freud para manipular as massas. Roy aprendera que, ao satisfazer os desejos irracionais das pessoas, seria possível torná-las “mais felizes e dóceis” — o que facilitou em muito a transição para a sociedade consumista e depressiva dos dias de hoje. Conceitos como “produto sexy”, ou, o cigarro na boca de uma mulher tornando-a “livre e independente”, eram resultados da genialidade de Edward Bernays. Gênio do mal, para alguns.

Roy era fascinado pela exploração inconsequente das fraquezas humanas. Mais que isso, identificava-se com suas várias possibilidades. Quando entrou em contato com as pessoas certas, indicadas pelo representante da Fundação, a produção de um filme de grande porte foi viabilizada sem maiores dificuldades.

Um roteiro existente fora escolhido por um produtor experiente. Um outro roteirista, mais flexível às ideias de um dos financiadores, fez as adaptações necessárias à história, de maneira a deixar que a poluição se tornasse o grande inimigo a ser combatido. O estúdio nem soube da real motivação por trás dos investidores de *Lungs*. Era um bom filme e pronto.

Roy, já empresário de TV, entendeu rápido a motivação do representante da Fundação. O cinema era imbatível em sua capacidade de influenciar pessoas. Roy levou ao estúdio uma linha de financiamento de cento e vinte milhões de dólares para a produção, a divulgação e a distribuição de *Lungs*. Para deleite de todos, a crítica gostara do filme, considerando-o sentimental e humano na medida certa, mas também antenado com a realidade das grandes cidades do planeta, em linha com a aspiração da humanidade por mais qualidade de vida. O sucesso não poderia ser garantido, mas *Lungs* obteve. E muito.

O filme, com toda a sua propaganda e burburinho, condicionou uma parte significativa da população a aceitar que seria necessário um sacrifício extra para se vencer a luta contra a poluição. Sua simples existência fez com que inúmeros casos de câncer, causados pela poluição, viessem à tona e ganhassem espaço cada vez maior em *talk shows* e jornais. Roy acompanhava tudo com um imenso deleite. A Fundação sabia como mover o mundo. Seu plano para a Silfos encontrava terreno cada vez mais fértil. Tudo o que era necessário para angariar o apoio seria o incidente certo. O evento catalisador.

Meu ataque de bandeira falsa.

Através do bom momento realizado pelo filme *Lungs*, a ideia da criação de um imposto para a

compra de máquinas como a Silfos ganhou força. Seria criado para a implantação de um sistema de defesa da saúde contra a poluição das grandes cidades. O sistema seria baseado nas máquinas desenvolvidas pelos engenheiros da Cougmann Corporation, liderados por Roy Charles O'Connell. Financiado pela Fundação.

O sucesso de *Lungs* não duraria para sempre, de modo que o plano deveria ser executado no curto prazo, enquanto o impacto do filme ainda estivesse fresco na memória das pessoas. Roy já tratara disso com o representante. A Fundação concordava que seria necessário replicar o evento em Denver, espalhando agentes biológicos em várias cidades americanas de maneira sucessiva e constante. As epidemias, enfim, seriam os grandes catalisadores. O medo, mais uma vez, teria papel decisivo.

Roy precisava mais do que nunca do parceiro Frank Ballard.

Os dois já haviam acertado o papel de Luiza quando se encontrasse com o Secretário de Defesa. Dollet deveria transformar o medo em ação concreta, utilizando não apenas sua posição de liderança dentro da estrutura militar oficial, mas também as influências dos interesses privados e ideológicos que compartilhava, incluindo a Fundação. No caso de Dollet não colaborar, a opção seria substituí-lo por alguém com maior sintonia. A hipótese de substituição de alguém do porte de um Secretário de Defesa, na verdade, não intimidava a Fundação. Era prática comum.

O fato é que, com o medo, a população aceitaria medidas de proteção. Seria provável que até as exigisse. Nenhum pai ou mãe diria *não* a algo que ajudasse a proteger seus filhos de doenças respiratórias graves. Por isso, Roy estava confiante. Sua equipe de TV conseguira transformar o fracasso do projeto de viagem à Lua em uma verdadeira tragédia nacional.

Roy Charles O'Connell fora retratado como um empreendedor visionário, um herói determinado a melhorar o mundo, e que não se deixava abater nem mesmo diante dos maiores percalços, como o acidente trágico da Cougmann One. A culpa pela tragédia, afinal, ficou com o foguete russo. Roy se tornou a vítima que dava a volta por cima. A Soyuz, o vilão.

Quanto ao ponto de luz que Roy vira ao redor da Soyuz no momento do acidente, apenas algumas TVs regionais e a imprensa alternativa tiveram interesse em falar do assunto. E, claro, retrataram o episódio com sensacionalismo. Os russos que morreram, tiveram atenção por dois ou três dias, até que a morte perdesse prioridade para a trajetória de Roy. Com ele a história teria continuidade. Em Moscou, os corpos dos russos chegaram e foram recebidos como heróis. Os mais nacionalistas questionaram a validade de emprestar/alugar/vender tecnologia russa aos estrangeiros. Não houve mais nada além disso. A vida continuava. Os negócios também.

SOBRE A TRAGÉDIA, faltava a Roy entender os verdadeiros motivos. As rajadas de vento imprevistas e o surgimento da sonda metálica continuavam sem uma explicação. Quando pesquisou sobre possíveis causas não ortodoxas, encontrou casos como o do avião Tucano, que caiu na cidade de Santos, no Brasil. Aquele fora o primeiro acidente aéreo em mais de 40 anos da respeitada e admirada Esquadilha da Fumaça Brasileira, ocorrida após uma sonda metálica ter cruzado os céus, próxima à asa do avião. O episódio, assim como o seu, não tinha uma resposta definitiva.

O pensamento de que os seres do ar de alguma forma pudessem estar interferindo passou por sua cabeça. Roy não era místico, mas a combinação de tragédia e súbita ascensão empresarial, mais o sucesso de *Lungs* e o apoio cada vez mais presente da Fundação, o deixavam apreensivo e de certa forma isolado. Ele não poderia dividir suas dúvidas e fraquezas com qualquer um. Estava começando a conhecer a solidão do poder. Pequenos demônios rondavam a sua consciência.

Pura bobagem.

- CAPÍTULO 50 -

OCEANO ATLÂNTICO

A VIDA DE Lucas no gigante *Galactic Seas* estava sendo uma luta constante contra seu abatimento. Havia saído poucas vezes da cabine e, quando saía, era para se alimentar e dar uma rápida espiada no deck, onde a tripulação de maioria asiática costumava jogar futebol com alguns turistas em uma pequena quadra. Os seguranças apareciam com frequência cada vez menor, o suficiente para Lucas saber que existiam. De qualquer forma, não havia mesmo para onde ir, a não ser que ele quisesse pular no mar.

Aquela noite, no entanto, prometia ser diferente.

Lucas deitava-se para o que prometia ser mais uma batalha contra a insônia. Enquanto tentava acalmar sua mente, sentiu um leve movimento sob suas costas. O vai e vem de uma marola. Mas o movimento seguinte chegou com uma forte oscilação e ele foi, literalmente, jogado no chão da cabine.

Caramba!

Ele pensou no tamanho do navio.

Não seria possível que um porta-contêiner daquela envergadura pudesse balançar como um pequeno veleiro. A racionalização fez seu coração disparar... Outra oscilação ocorreu e ele deslizou para o lado da cabine. Apesar de minúscula, ela possuía uma pequena escotilha voltada para a proa que permitia que se observasse toda a extensão de contêineres que se equilibravam como miniaturas na parte externa do cargueiro. A visão era de deixar qualquer um louco para estar em terra firme. O *Galactic Seas* se parecia com uma modesta embarcação, à mercê de fortes correntes ascendentes e descendentes de vento e granizo, em um mar de ondas sinistras.

Colete.

Lucas substituiu o abatimento pelo instinto de sobrevivência. Foi instantâneo. Levantou-se agarrando paredes e cama e vestiu o colete salva-vidas, pendurado na porta da cabine. Sem pensar duas vezes, saiu. Não ficaria enlatado ali dentro de jeito nenhum. Caminhou, se equilibrando pelo corredor e tentando compensar as absurdas oscilações. Felizmente, havia um chão e uma parede de cada lado.

Ao final do corredor, Lucas encontrou uma porta dando acesso às escadas e subiu. Ficar fechado em uma escada de navio, no interior de um monte de ferros instáveis, fê-lo correr o mais rápido que pôde em busca de ar livre. Depois de cinco andares, os degraus acabaram. Lucas abriu uma porta e alcançou o deck mais alto após a ponte de comando, com todo o navio à sua frente.

O impacto após a abertura da porta fora maior que o esperado. O vento e o granizo limitaram seus sentidos no mesmo instante. O barulho era alto e a visão péssima, pois seria impossível ficar de olhos abertos no meio de uma chuva cortante. Arrastando os pés, Lucas avançou se apoiando no parapeito do deck, até chegar à parte mais central, onde a visão limitada era nada menos que surreal: o gigantesco navio surfava como um brinquedo em um mar de crise. Sobre o navio, as centenas de contêineres pareciam prontos a despencar a qualquer instante.

Lucas sentiu enjoo, mas não chegou a vomitar. Permaneceu com os braços apoiados e esticados no parapeito, a cabeça baixa, entre os ombros, parcialmente protegida do fino granizo, até que um forte clarão bem à sua frente fez com que levantasse a cabeça e abrisse os olhos. Podia ser apenas uma

impressão, mas Lucas acompanhou quando uma luz — ou um reflexo compacto e direcionado — saiu de dentro de um dos contêineres da lateral do navio, e subiu, desaparecendo logo a seguir.

Ao girar a cabeça de volta para o contêiner, o vento e a chuva diminuíram de intensidade. A visão do navio melhorou e ele conseguiu observar que o contêiner estava com uma das portas abertas. Havia, na realidade, muitas luzes ali. Lanternas apontando para o seu interior. Que luz fora aquela? Ele se perguntou, voltando a olhar para o alto.

O *Galactic Seas* foi retomando a estabilidade e, com ela, sua majestade. O granizo sumira, presente apenas o vento, que agora parecia uma brisa. Lucas verificou o seu entorno, muito confuso pelo estranho comportamento do tempo. Olhou mais uma vez para o céu e não acreditou no que viu: estava limpo por completo.

Apenas o pequeno ponto de luz metálica ainda pairava em uma altura que não podia calcular. Acompanhou, sem entender, o objeto se desmaterializar em pleno ar. Meu Deus... E procurou pistas que pudessem oferecer respostas para o fenômeno que acabara de testemunhar. Era professor de física, teria que existir uma explicação minimamente racional. Então, chegou a uma hipótese que o fez se sentir mais confortável: a luz tinha sido reflexo da iluminação no deck do navio, combinado a algum efeito ótico que um dia se preocuparia em estudar quando voltasse a dar aulas, mas que, no íntimo, já sabia ser remota.

Lucas enxugou o rosto com a manga da camisa e voltou a olhar para o contêiner aberto. Era possível ver três pessoas segurando lanternas. O gorila e outros dois seguranças de Frank Ballard.

Um deles, que parecia mais agitado e virava a cabeça sem parar, olhou para trás e para o alto.

Merda!

Lucas se abaixou no deck a tempo de se esconder. A noite se tornara clara, ele não gostaria de ser visto ali bisbilhotando. Quando o segurança se virou para o contêiner, Lucas pôde olhar melhor para o seu interior, ao perceber um estranho movimento. Havia carga viva ali dentro. Foi só o fecho de luz de uma das lanternas apontar para uma das paredes internas do contêiner para que ele visse uma corrente pairando no ar. Depois, os braços que as correntes uniam.

Uma carga de pessoas... Um arrepio subiu por sua espinha. Com cuidado, viu quando os homens de Frank fecharam a porta do contêiner e o trancaram com um grosso cadeado. Deduziu que a porta se danificara pela tempestade e que os seguranças se certificaram da carga permanecer segura. Outras deduções vieram no ato. Carga humana só poderia significar uma ou outra possibilidade. A primeira coisa que ocorreu a Lucas foi de que eram trabalhadores escravos. As outras possibilidades o apavoraram. Claro que ele próprio era um prisioneiro, mantido pelas mesmas pessoas. Aquilo não indicava que ele teria um final feliz.

Estou em luta pela minha sobrevivência, repetiu para si mesmo, e então tomou a resolução de combater o abatimento de uma vez por todas e pensar em alguma maneira de sair dali. O fato de Luiza estar nas mãos daquelas pessoas agora já não fazia muita diferença. O que importava é que, se não fugisse, ou mesmo sobrevivesse, jamais poderia ajudar Luiza.

Lucas olhou para o céu, agora tomado de um tonificante sentido de defesa, e procurou a luz que apontara para aquele contêiner minutos antes, mas o céu agora só mostrava uma Lua crescente. Lucas teria que agradecer à tempestade. Não fosse a forte oscilação do navio, não teria saído da cabine e, se tivesse permanecido dentro, jamais compreenderia que era preciso fugir de qualquer jeito. Considerou se o objeto luminoso teria algo a ver com a breve tempestade. Talvez estivesse imaginando coisas, mas sabia que não. Ainda estava bastante lúcido.

Retornou à cabine.

Já fazia tempo desde que um dos seguranças passara lá para marcar presença. A decisão de voltar de imediato foi a segunda melhor da noite. Nem bem fechara a porta, ouviu vozes no corredor, seguidas de batidas em sua cabine. Abriu a porta. Era o gorila, olhando-o e se divertindo com seu estado de abatimento. Suas roupas estavam úmidas e amassadas, e os cabelos desalinhados. Concluiu se tratar de

um dos prisioneiros mais fáceis que já transportara. Uma simples tempestade fizera o professor encharcar a roupa de suor. Certamente, um covarde.

— Vá dormir — disse o gorila com desdém.

— Estou tentando...

Foi embora. Quando os passos — e a risada — não puderam mais ser ouvidos, Lucas abriu a porta da cabine com cuidado e olhou para ambos os lados do corredor. Seguiria por uma direção nova. Respirou fundo e ajeitou os cabelos. Era ridículo supor que fugiria de um navio no meio do oceano, mas era isso mesmo que decidira, ou, no mínimo, achar um lugar para se esconder que fosse suficientemente seguro.

Encontrou, do outro lado das cabines, uma porta de acesso a uma escada que não conhecia. Seguiu-a. Desta vez, desceu ao invés de subir. Parou, ao se ver diante de uma porta com uma escotilha. Havia alcançado a cozinha do navio, que estava em plena atividade.

Entre a movimentação de alimentos, limpeza, e preparações diversas, Lucas viu um cozinheiro oriental franzino e cansado, trabalhando em um fogão mais próximo da porta por onde espiava. E também que um dos seguranças de Frank, e que ele apelidara de Sombra, aguardava dentro da cozinha enquanto o oriental preparava-lhe um sanduíche. Depois de entregá-lo, o cozinheiro observou, incrédulo, que o Sombra abrira-o para verificar o recheio, fazendo uma expressão de nojo, o que fez com que esfregasse o pão aberto no rosto do pobre tripulante.

Que babaca, quis gritar Lucas. Esperou o Sombra se afastar e sair da cozinha pelo lado oposto de onde ele se agachara. O cozinheiro balbuciou algumas palavras em Mandarim e limpou o rosto com o avental que já estava bastante engordurado. Seus colegas de cozinha não só não se importaram, como riram. Lucas acompanhava tudo da escotilha, inclusive quando o cozinheiro humilhado se virou e olhou-o diretamente nos olhos, partindo em sua direção.

As pernas de Lucas travaram. Não era aconselhado fugir e, mesmo que tentasse, não conseguiria. Tudo o que fez foi dar dois passos para trás, o suficiente para o cozinheiro abrir a porta.

— Posso ajudar, senhor? — perguntou o cozinheiro. — Peço desculpas pela minha aparência. — justificou enquanto limpava o rosto sujo de comida.

Lucas respirou aliviado. O fato de o cozinheiro não saber quem ele era, poderia ser uma oportunidade, mas se o oriental estivesse blefando, Lucas estaria em apuros. Não tinha jeito. Pagou para ver.

— Pode — respondeu Lucas ganhando tempo para pensar no que dizer. — A viagem está um saco... Será que consegue uma cerveja?

— Só isso?

Lucas encolheu os ombros.

— Não consigo dormir. A tempestade me tirou o sossego.

O diminuto cozinheiro não desgrudou os olhos de Lucas.

— Espere ali — falou o oriental, desta vez com o semblante mais sério ao apontar para uma fileira de cinco cadeiras no canto do corredor, do lado de fora da cozinha. O cozinheiro entrou e Lucas fez o que pediu. Sentou-se e aguardou. Daquele ângulo era possível ver várias portas. Analisou bem o local. A área de serviço do cargueiro parecia um labirinto, talvez não fosse tão impossível achar um local para se esconder, embora apenas se esconder não fosse resolver as coisas. Era preciso se libertar e ir atrás de Luiza. Escondido não teria como ajudá-la.

Uma coisa de cada vez.

O oriental saiu da cozinha sem o avental e foi em direção a Lucas com duas garrafas de cerveja abertas. Entregou uma a Lucas, quase sem parar de caminhar, e apontou um caminho com a cabeça.

— Venha comigo — disse apreensivo.

- CAPÍTULO 51 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

Oreitor Sullivan sabia que seria ele a manter a mãe de Lucas informada, apenas não via por onde começar. O pouco interesse sobre a Crammer Jet terminou sendo engolido pela tragédia do concorrente Cougmann One. Maria Lúcia procurava informações, mas as redes de TV nacionais mencionavam o projeto de Michael Crammer de maneira superficial. Ela, inclusive, achava que o número de tripulantes divulgado estava errado. Lucas tinha dito que seriam quatro, mas a imprensa insistia em informar apenas sobre três.

As TV locais, no entanto, davam mais detalhes. Uma delas chegou a falar sobre um quarto tripulante que desistira na última hora. A pedido de Sullivan, o jovem repórter Mathews não divulgara o que sabia — que o quarto tripulante da Crammer Jet não havia desistido, mas desaparecido. O reitor, sabendo que não poderia ocultar o fato por muito tempo, achou prudente informar a senhora Maria Lúcia Walker em pessoa.

Era um final de tarde cinzento, ao estacionar seu carro em frente à casa dela. Ao longo dos anos, ele falava com a mãe de Lucas por telefone em seu aniversário, mas fazia muito que não a encontrava. A senhora que abriu a porta da casa pareceu-lhe abatida e envelhecida, de tal maneira que ele não a reconheceria se cruzassem na rua.

— Olá, Maria Lúcia.

— Puxa, você não é mais um garoto.

— Mas você se manteve bem.

— Ora, deixe de bobagem, Sullivan... Entre.

Caminharam até a mesa da cozinha, onde Maria Lúcia gostava de receber as pessoas. Depois de sentarem, ela olhou-o nos olhos e indicou que não queria ser enrolada.

— Estou preparada para o pior — ela disse.

— Vamos com calma.

— Acha que sou burra?

— Por que eu acharia isso?

— Você não me visita há vinte anos ou mais. Só pode ter algo ruim para contar.

— Estou preocupado, sim, mas não vamos nos precipitar.

Ela cruzou os braços. Queria notícias antes de oferecer café, se é que teria forças, dependendo do que ouvisse.

— Fale alguma coisa!

— Muito bem... Antes de vir aqui, liguei para a Crammer Enterprises. Disseram que optaram por não divulgar informações até o final da viagem. Expliquei que não era para uma pessoa qualquer, que precisa dar notícias à mãe de um dos tripulantes, mas mesmo assim não nos disseram nada.

— O que acha que está acontecendo?!

— Devagar, Maria Lúcia... Em primeiro lugar, soube que eles estão tendo problemas de comunicação com a espaçonave.

- Eu sabia! — disse Maria Lúcia.
- Esse não é um grande problema. Na verdade, isso é bastante comum.
- Por favor, não faça onda comigo.
- Maria Lúcia, o seu filho, por alguma razão, não embarcou.
- Como não? Meu Deus... Eles bem que disseram!
- Eles quem?
- As TVs!
- O que exatamente disseram?
- Que havia apenas três tripulantes.
- Preciso perguntar-lhe uma coisa.
- Sem cerimônias, Sullivan, por favor!
- O Lucas apareceu por aqui nos últimos dias?
- Não... Claro que não!

Sullivan apoiou as mãos nas pernas e balançou a cabeça.

— É tudo o que tenho para lhe dizer. Ele não embarcou na espaçonave.

— Não faz sentido. Era o sonho de sua vida!

— Adianto que já entrei em contato com a polícia e com hospitais de Nevada e do Arizona. Não há qualquer ocorrência.

— Então quer dizer...

— Quer dizer que ele está desaparecido. Poderia ser pior, concorda?

Ela cruzou os braços e tapou o rosto com uma mão. Estava difícil se segurar.

— De novo, não... Já passei por isso antes com meu marido!

— Ainda é cedo, vamos aguardar.

— Não vou aguentar não ter notícias dele. Prefiro saber que está morto. Não tenho mais idade para isso, Sullivan!

Ele pôs a mão nas costas de Maria Lúcia e fez um carinho.

— Não vou descansar enquanto não tiver notícias. Prometo.

Maria Lúcia balançou a cabeça e se levantou. Enxugou as lágrimas com um guardanapo e trouxe à mesa bolo de fubá e café que preparara para a chegada dele. O reitor admirou a força daquela mulher.

Uma fatia grossa foi servida com uma xícara de café quente.

— Obrigado, Maria Lúcia.

Ela suspirou e permaneceu um tempo com o olhar vago.

— Daqui a pouco escurece. Pode ficar pro jantar, se quiser.

— Ficarei da próxima vez. Tenho um encontro com um amigo. Vamos discutir o caso do seu filho.

— Tudo bem... Não quero chatear você com meus problemas.

Sullivan comeu o bolo e bebericou o café olhando para Maria Lúcia.

— Tenho que lhe perguntar algo, embora eu já imagine qual seja a resposta.

— Ora, pergunte!

— Por acaso o Milton deixou algum outro documento que você não tenha mostrado ao seu filho? Uma foto, um arquivo, uma agenda com números de telefone...

— Não... Nada que me ocorra.

— Algo que Milton tenha lhe dito e que você tenha omitido a seu filho?

— Não, imagine!

Sullivan terminou o café.

— Vamos nos falando, Maria Lúcia.

— Me avise assim que souber de algo.

— Claro que farei isso.

- CAPÍTULO 52 -

OCEANO ATLÂNTICO

LUCAS SEGUIU O oriental por um corredor. Subiram dois lances de escada e saíram para um pequeno deck lateral do navio. O espaço tinha vista para o mar, longe do alcance de qualquer outra parte. Um bom refúgio para se sentir a brisa do oceano e ter privacidade.

O cozinheiro deu um gole na cerveja sem tirar os olhos de cima de Lucas.

— Sei quem você é — disse o oriental.

Lucas ficou apreensivo.

— Sabe cozinhar?

Lucas balançou a cabeça.

— Limpar?

— Sou professor.

O oriental sorriu irônico.

— Professor...

— Sim. De física.

Depois de rir secamente, o oriental fechou o rosto.

— Então não serve para trabalhar.

— Como assim? Não estou aqui para trabalhar.

— Você é que pensa. O que acha que está fazendo aqui, espertalhão?

— É o que eu me pergunto há dias.

— E um professor não deveria saber a resposta?

— Eu fui sequestrado.

O cozinheiro riu mais uma vez e balançou a cabeça.

— É claro que foi sequestrado!

— Claro para quem?!

— A propósito, meu nome é Chao.

Chao esticou a mão. Cumprimentaram-se.

— Lucas.

— Bem-vindo ao inferno, Lucas.

— Obrigado, Chao.

O oriental sorriu. Aquele professor era mesmo muito inocente.

— Sou engenheiro civil formado pela Universidade Tongji de Xangai — disse o cozinheiro Chao.

Lucas evitou ser cético.

— O que faz na cozinha?

— Por que imagina que trabalho nessa porcaria?

— Por que não me conta?

— É simples... Fiz um empréstimo com um agiota. Não consegui pagar. Aqui estou.

— É obrigado a trabalhar?

Chao deu de ombros.

— Preciso pagar o empréstimo.

— Foi tão grande assim?

— O equivalente a seiscentos dólares americanos.

— Só isso?

— Com os juros acumulados de dois anos o valor subiu para dezoito mil.

— Lamento.

Chao deu um gole na cerveja e olhou Lucas de soslaio.

— Idiota. Vão te levar para uma mesa de cirurgia e retirar todos os seus órgãos.

Lucas cambaleou.

O que Chao dissera fazia sentido e explicava o que aquelas pessoas faziam dentro do contêiner. Ele já tinha ouvido falar em tráfico de órgãos, mas apenas em telejornais. Costumava mudar de canal quando ouvia sobre aberrações como aquela, mas agora não poderia mudar de canal. Era de seus órgãos que falavam.

— Você tem que se mandar.

Lucas abriu os braços diante do imenso e escuro oceano.

— Por que você não tenta, também? — Lucas perguntou.

— Porque a casa onde minha mulher e meu filho moram agora pertence a essa gente. Fui obrigado a passar pro nome deles... Como eu disse, nunca tive dezoito paus para pagar um maldito empréstimo de seiscentos dólares.

— Desgraçados...

O cozinheiro matou sua cerveja e jogou a garrafa no mar. O meio ambiente o compreenderia. Depois, olhou para Lucas... Aquele branquelo estava com os dias contados.

— Tem família? — perguntou o escravo oriental.

Lucas pensou na mãe, que imaginava estar segura, e em Luiza.

— Tenho.

— Então deve fugir antes que seja tarde.

— Sei... Alguma ideia de como fazer isso?

— Você é forte?

Lucas queria entender o que aquela pergunta significava. Sim, era determinado e não costumava ir ao médico a cada gripe. Não. Não conseguiria engolir um escorpião vivo ou ficar pendurado por ganchos cravados em sua pele.

Lucas meneou a cabeça. Acho que sim.

— Apenas venha comigo — disse Chao.

Não sabia se poderia confiar nele, mas se lembrava muito bem do que vira antes. Não terminaria seus dias dentro de um contêiner como se fosse gado indo para o abate. A partir daquele instante correria qualquer risco.

Saíram do pequeno deck e desceram por uma escada de serviço em direção às entranhas do *Galactic Seas*. Ao passar por um estreito corredor, o cozinheiro/engenheiro abriu um armário e retirou um machado, um martelo e um punhado de pregos, que entregou a Lucas.

Que merda é essa...

Arregalou os olhos, mas não teve tempo de fazer perguntas. O oriental se mexia com rapidez. Estava focado. Seguiram apressados por uma porta de acesso a um compartimento com alguns contêineres mais antigos, por certo usados para contrabando, deduziu.

Então, viu outro oriental circulando entre os contêineres e diminuiu o passo. Chao o repreendeu com um *psiu!* e gesticulou para que o acompanhasse mais rápido. Ignoraram a presença da pessoa. Alguns metros depois, pararam diante de dois contêineres. Com um golpe certo, Chao usou o machado e

rompeu o frágil cadeado que unia um grupo de caixas de madeira. Várias delas tinham palavras escritas em Mandarim. Lucas reconheceu apenas o “Made in China”.

Chao tirou o martelo da mão de Lucas e começou a arrancar os pregos que fechavam uma das caixas, que não tinha mais do que um metro cúbico. Trabalhava rápido e com destreza. Quando a tampa frontal da caixa foi aberta, Lucas contou dezenas de cilindros de papelão. Esperou para ver qual era a intenção de Chao.

— Entre logo! — disse Chao como se fosse óbvio.

— Aí dentro?

— Sim, aonde mais?!

— O que é isso? — perguntou Lucas verificando o conteúdo da caixa.

— Fogos de artifício, eu acho. Que diferença faz?

Enquanto Lucas pensava, Chao se colocou a trabalhar com afinco retirando uma quantidade suficiente de cilindros, de maneira que Lucas se acomodasse dentro da caixa. O oriental parecia incansável. Ao terminar, Chao se levantou ofegante e com os olhos marejados. Então, tirou uma caneta do bolso da camisa e pegou o braço de Lucas, onde passou a escrever na manga da camisa dele.

— Esse é o endereço da minha família em Xangai — explicou Chao.

Lucas entendeu por que o franzino cozinheiro o ajudava.

— Como posso retribuir?

— Quando estiver livre, mande dinheiro... O que puder!

Lucas assentiu para Chao olhando em seus olhos. É claro que ajudaria. Faria qualquer coisa. Em seguida, encolheu o corpo e se enfiou no pequeno compartimento recheado de cilindros.

Devo estar enlouquecendo!

Lá dentro, virou-se e escorregou de lado, se encaixando.

— Para onde vai essa caixa? — quis saber Lucas.

— Não tenho ideia. Em cada parada eles desembarcam algumas.

— São todas iguais?

— De jeito nenhum. Aqui tem de tudo — armas, bebidas, drogas, animais...

— Podia ter escolhido uma com alimentos.

— Vai entrar ou quer procurar uma caixa melhor? Alguém pode aparecer!

Chao percebia que Lucas tentava camuflar um pânico.

— Não vou sufocar?

— A caixa tem orifícios.

— Orifícios... Claro.

— Em algum momento vão descarregar. Quando abrirem, você se explica.

— Explicar? Não consigo imaginar o quê.

— Não se preocupe. Vai ter tempo suficiente para pensar em algo.

— É o que parece...

— Outra coisa: não se atreva a mencionar meu nome, entendeu?

— Claro que não, Chao.

O cozinheiro esticou a palma da mão cheia de pregos e sinalizou para Lucas o que estava prestes a fazer. Ele seria lacrado em uma caixa cheia de explosivos.

— Já fez isso antes? — perguntou Lucas enquanto tentava esboçar um sorriso.

— Encolha as pernas ou vá mais pro fundo. Vou fechar agora — pediu Chao, que agora olhava para trás, preocupado em não serem descobertos.

Lucas foi cavando espaço e avaliando o interior da caixa.

— É apertado aqui dentro, Chao...

Alguns componentes químicos que davam tonalidades coloridas aos fogos podiam ser tóxicos, mas

isso ele descobriria depois. Poderiam ser compostos para armas químicas também. Quem saberia?

Olhou para o alto, fora da caixa. Aquele porão era úmido e tinha um cheiro ruim, mas seria o ar mais fresco que Lucas respiraria nos próximos dias. Então, quando estava mais ou menos acomodado, ficou de cócoras apoiando as costas em um monte de cilindros. Olhando para Chao...

— Boa sorte — disse o oriental.

Lucas viu a tampa de madeira ser encaixada e congelou de pavor na escuridão que se formou. De imediato, os pregos foram martelados na caixa. As pancadas pareciam que iam perfurar o seu cérebro. Por sorte, a tormenta sensorial durou menos de um minuto. Chao agiu rápido e, instantes depois, a tampa da caixa fora toda pregada. Ao ouvir os passos de Chao se afastarem, Lucas entendeu que acabava de acumular ali mais uma tarefa em sua já tumultuada situação. Ele era a maior esperança de uma família de Xangai que nem mesmo conhecia. Sem dúvida era mais um incentivo para se manter vivo.

- CAPÍTULO 53 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

Sullivan entrou no Temple Bar, na Avenida Massachusetts. O lugar era acolhedor, com tijolos aparentes e espelhos enormes. Sentou-se em uma cadeira do balcão folheado de cobre e pediu um Courvoisier que aprendera a tomar com o amigo Ramsley que, por sinal, estava atrasado.

O drink chegou. Depois do primeiro gole, telefonou para o senador. Ramsley lamentou, mas não iria porque se sentia cansado, desmotivado e sem energia. Mas garantiu que o contato que ele havia indicado, e que fora recomendado pelo centenário Mabus, chegaria no horário marcado em seu lugar. Um homem com jeito de espião, descreveu. Sullivan agradeceu e desligou o telefone. Verificou as horas e confirmou que o contato já estava atrasado dez minutos.

Sullivan girou a cadeira em direção à porta do Temple. Nos minutos seguintes entraram um casal com dois filhos adolescentes, uma moça solteira, uma senhora, um grupo de universitários bem vestidos, dois amigos de meia idade, uma família de avós, pais, filhos e netos obesos, três mulheres acompanhadas de um rapaz feliz e, por fim, um senhor com idade semelhante à de Sullivan e olheiras profundas. O homem usava um chapéu Panamá escuro, exatamente com o aspecto que Ramsley havia descrito que o contato teria. Seu nome era Edward.

Sullivan se levantou. Edward o viu e lançou um sorriso acolhedor que ajudou a suavizar um pouco seu aspecto deprimente.

— Edward?

— Você deve ser o Sullivan.

Deram-se as mãos. Sullivan indicou o banco vazio ao seu lado. Edward tirou o Panamá e se sentou.

— O que está tomando?

— Courvoisier.

Edward apontou o copo de Sullivan ao barman, que lhe serviu uma dose.

— Agradeço por ter vindo.

— Ramsley e eu temos um amigo em comum.

— Mabus.

— Ele mesmo... Saúde.

— Saúde.

Depois do brinde, Sullivan decidiu que entraria logo na conversa, conforme Ramsley pedira. Edward tinha um sério problema na coluna, seu humor costumava acompanhar o grau de dor sentido depois de algum tempo em situações sociais que não oferecessem algo parecido com sua poltrona anatômica favorita. A banquetta do Temple era boa, mas prometia encurtar a conversa.

— Temos dois desaparecidos, pai e filho — disse Sullivan.

— Estou sabendo. Há quanto tempo?

— O pai, em meados da década de 1950. O filho, há seis dias.

Edward ergueu e abaixou as sobrancelhas rapidamente. Ele era amigo de Mabus, cujo nome era Milton Walker, pai de Lucas. O senador havia esclarecido.

— Se o senador não tivesse falado algo a respeito eu diria que o pai está morto e que o filho é problema para polícia resolver.

— A polícia já está procurando o filho, Edward.

— Pode me chamar de Ed.

— Claro, Ed.

— Por que acha que um desaparecimento estaria ligado ao outro?

— É uma hipótese.

— São seis décadas entre um desaparecimento e o outro.

— O filho procura o pai desde então.

— Por quê?

— É fascinado pelo trabalho que ele fazia sobre fotografias tiradas da Lua.

— Ramsley também me falou sobre isso.

— Na verdade, é só o que temos. O motivo de minha estranheza é pelo fato do filho ter desaparecido quando estava próximo de embarcar para uma viagem à Lua.

— Com a Crammer Enterprises.

— Isso mesmo. Não acho que na viagem descobriria nada de importante, mas havia um aspecto simbólico, não resta dúvida. Ele não perderia uma oportunidade como essa, posso garantir, Ed.

— Acredita em suicídio?

— O Lucas? Nunca!

— Fale-me sobre o pai.

A pergunta era mera formalidade.

— Milton Walker. Físico e geólogo de enorme talento. Especialista em análise de imagens lunares. Não falava quase nada do seu ofício para a mulher, apenas que era muito importante e de interesse de alguns países membros da OTAN. Trabalhava em um laboratório de imagens que prestava serviços ao governo, chamado Imagecon. A empresa não existe mais.

— Ahã.

— Um belo dia, foi trabalhar e não voltou mais para casa. Nunca mais deu notícias. A esposa procurou a Imagecon querendo saber do marido, mas disseram que nenhum Milton Walker jamais trabalhara lá. Ela procurou a polícia e confirmaram que a Imagecon nunca empregara alguém com o nome de Milton Walker. Prometeram investigar, mas o assunto ficou por isso mesmo.

— Típico — disse Ed, depois de alguns goles de conhaque. — A sua descrição de Milton Walker me diz que o cara estava sufocado por leis de proteção e segredos de estado.

— Acha isso?

Ed assentiu. Ele não achava. Sabia.

— Eu trabalhei como gerente de planejamento da SHAPE por alguns anos. Agora entendo porque o senador me pediu para que eu viesse aqui.

Sullivan balançou a cabeça, perdido. Ed entendeu que teria que explicar.

— A SHAPE é o quartel-general das operações de comando aliadas da OTAN.

— O que quer dizer que...

— Que não encontraremos o pai. Melhor se concentrar no filho.

— Só isso sobre o pai? — perguntou Sullivan desapontado.

— Lamento. Veja, a OTAN tem quatro níveis de classificação de segurança: O CTS, o NS, o NC e o NR. Se eu puder especular sobre em que nível de segurança o Milton Walker possuía, já que fazia análises de imagens da Lua sob a proteção de uma empresa de fachada — e garanto que ele tinha pelo menos um desses níveis — apostaria em uma NS ou mesmo numa CTS.

Sullivan balançou a cabeça de novo.

— Desculpe. A NS é o nível NATO (OTAN) SECRET, cuja revelação do conteúdo pode causar

sérios danos aos países membros da organização. Mas, se estamos falando de um CTS, os danos no caso de informações vazadas são considerados como excepcionalmente graves.

— O que é uma CTS?

— É o nível mais alto de segurança da OTAN. Significa COSMIC TOP SECRET.

— Está me dizendo que Milton Walker possuía um nível de classificação que protegia informações de natureza *cósmicas*?

— Exato. Tem a ver com o grau de sensibilidade da informação.

— Mas isso você não saberia dizer — provocou Sullivan.

Ed deu de ombros.

— Deixe ver se entendo. A aliança militar mais poderosa do mundo escolheu a palavra *cosmic* para sua classificação de segurança mais alta? Que coisa mais sem propósito, Ed. A língua inglesa tem mais de 600 mil palavras.

— Com certeza existe um motivo para isso — disse Ed com bom humor. — Uma vez o General Douglas MacArthur, que lutou na Segunda Guerra e na Coréia, disse que a próxima guerra seria interplanetária e que as políticas do futuro seriam cósmicas ou interplanetárias.

— É uma classificação um tanto excêntrica...

E uma que Lucas adoraria conhecer melhor, Sullivan imaginou.

— Não é tão simples assim. A aliança tem dezenas de países, dezenas de forças militares que precisam se comunicar com clareza entre si. Faz ideia do número de fenômenos aéreos não identificados que ocorrem a cada ano nos céus do Atlântico Norte?

— Nenhuma ideia.

— É alto, Sullivan.

— Mas sabemos que a natureza pode ser bastante ativa, Ed.

— Pode ser bastante inteligente também. Em alguns casos, mais do que nós.

— Não me diga...

Ed enfiou a mão em um pote de frutas secas que o barman colocou no balcão. Depois, falou, como se reitores de universidade fossem obrigados a ter acesso a dados de radares e controles aéreos ao redor do mundo. Quando percebeu que o amigo do senador estava boiando, procurou ser mais claro.

— Sullivan, como saber se um país realiza um simples teste militar ou se está jogando um míssil na cabeça do outro, a não ser que exista uma forma adequada e segura de se comunicarem? Se não é um avião e não é um míssil, é preciso descartar o risco de um ataque militar sem que esses eventos alcancem o público e se tornem motivo de medo. Você pode imaginar ter que fornecer explicações diárias sobre as várias formas de vida que circulam em nossos ares?

— Várias formas de vida?

Edward sorriu. Gostava dessa parte quando ele, que era bem informado, surpreendia os menos iluminados sobre a vida que pairava sobre nossas cabeças.

— Faça a conta, reitor... O senso diz que, apenas em nossa galáxia, temos ao redor de 45 bilhões de planetas de tamanho parecido com a nossa querida Terra. Bilhões com B... Alguns com *peessoas* bastante avançadas.

Aquela era uma das conversas mais bizarras e ao mesmo tempo reveladoras que Sullivan já tivera. O homem de chapéu Panamá havia sido indicado por Ramsley. Era alguém de dentro. Teria tempo para digerir aquelas informações mais tarde.

— E o que faz hoje em dia, Ed?

— Nada.

Sullivan olhou de esguelha. Conta outra Ed.

— Ei, eu não faço as regras, reitor.

— Verdade. Ramsley faz as regras.

— Pode ser que seu amigo senador faça *algumas* das regras.

— Aposto que se orgulha em saber disso.

Ed riu.

— Reitor, a verdadeira religião em Washington e na Europa são os segredos.

— Não creio que seja uma religião tão boa assim.

— Não é mesmo. Daí é que vem toda a corrupção.

Sullivan suspirou, decepcionado.

— Pelo visto não vamos saber o que aconteceu com Milton.

— De jeito nenhum. Sobre o professor, Ramsley disse que o Lucas andou falando umas bobagens e que você o colocou de licença por um tempo, não é isso?

— Sim Ed. É verdade. Mas não acha que sou suspeito, ou acha?

Ed encolheu os ombros.

— Antes de vir para cá, fiz uma busca preliminar. É muito improvável que o professor tenha sido retido pela comunidade de inteligência.

— Então vou ter que pensar em algo para contar à mãe dele.

— Esse é o nosso mundo, Sullivan. Pessoas desaparecem e não há muito o que se fazer. Se me perguntar o que aprendi no meu quintal é que a democracia não passa de uma boa história para contar. As decisões que realmente contam são tomadas atrás de paredes grossas, nos subterrâneos. O cidadão comum está completamente por fora. Dependendo do que pessoas como Milton Walker tenham descoberto, ficam mesmo de fora da sociedade.

— Saúde — falou Sullivan, erguendo o copo.

Ed sorriu. Seu copo já estava vazio.

- CAPÍTULO 54 -

WASHINGTON, D.C.

O SECRETÁRIO DE Defesa William Dollet IV saiu do Encontro Anual do Exército dos Estados Unidos, que acontecia no Centro de Convenções de Washington. Fora prestigiar algumas das empresas que o haviam apoiado nos últimos anos. Saiu de lá se dizendo impressionado com o capacete que funcionava como um centro de comunicações integrado, que incluía um display computadorizado, visão noturna, sensores térmicos e audição aumentada. Ouviu explicações sobre o futuro, que estava mais próximo do que muitos pensavam, e que a tendência era buscar eficiência com equipamentos mais sofisticados e menores, e mais um monte de blábláblá.

Nada disso interessava ao secretário. O principal responsável por formular as políticas de defesa americanas tinha, na realidade, o mundo para se preocupar. Mas faria quatro dias que seu corpo não tinha a droga exclusiva da agência de inteligência. Por causa disso, daria esse mesmo mundo por aquelas pílulas. Os sintomas de ansiedade e irritabilidade já se faziam presentes. Mais vinte e quatro horas sem a droga o tornariam inapto para trabalhar.

Mais três dias e ele provavelmente estaria morto.

Como fizera nos últimos onze anos, Dollet teria que arranjar um lugar em sua agenda para ter acesso à droga, onde quer que estivesse. Era assim, desde que começara a se relacionar com as pessoas nas posições mais subterrâneas do poder, as que lhe permitiram chegar ao topo. Ao telefonar para o médico particular, um funcionário da agência, este lhe informou que naquela semana a droga seria fornecida por uma courier especial da agência, sob responsabilidade de um sujeito chamado Frank Ballard, alguém que Dollet já havia se relacionado no passado. O encontro estava marcado para aquela noite, no Hotel Monaco, próximo ao National Mall.

DOLLET JÁ A aguardava quando Luiza entrou na suíte do hotel.

Era o final de uma noite cansativa. O secretário participara de reuniões com vários departamentos de inteligência e ainda incluía dois eventos na agenda. O primeiro fora uma recepção com diplomatas no centro de convenções de outro hotel e, o segundo, o evento no qual lhe falaram em demasia sobre o tal capacete do futuro.

O secretário chegou uma hora antes de Luiza. Dentro da suíte havia apenas um funcionário responsável por sua proteção. Havia três outras pessoas cuidando da segurança do secretário dentro do hotel, duas no corredor e uma no lobby. Outra equipe de agentes de segurança bem maior, se revezava ao lado de fora do hotel.

Luiza chegou ao quarto no horário marcado. Passou pelo jovem segurança de nome Walton deixando um rastro de perfume, como uma milionária de revista. Walton indicou a porta do quarto onde Dollet estava, como se fosse algo difícil de encontrar. Encantou-se com o que imaginou ser um dos privilégios do cargo de Secretário de Segurança: Dollet era sempre entretido por mulheres tão fabulosas quanto aquela que acabara de cumprimentar.

Luiza bateu na porta e entrou. Frank Ballard havia dado algumas informações sobre o secretário Dollet, mas ela não esperava encontrar uma das pessoas mais poderosas de Washington aparentando tanta fraqueza física.

Luiza fechou a porta. Dollet estava sentado em uma poltrona ao lado da cama.

— Boa noite, secretário.

A camisa e a gravata dele estavam relaxadas. O aspecto era de cansaço ou abatimento, Luiza não soube diferenciar. Apesar do corpo estar frágil, seus olhos pareciam em chamas. O secretário precisava se drogar. Outra coisa que pareceu a Luiza é que o homem aparentava muito mais do que os seus sessenta e sete anos, embora através da TV não se percebesse. Sua aparência era, sendo muito otimista, de alguém com setenta e cinco, mais para oitenta. Sua pele era de um branco pálido, e sua barriga muito mais saliente do que o recomendado.

— Então você é a tal... — disse Dollet com uma voz áspera e bastante embriagada. — Está sob meu comando agora, compreende?

Você é que pensa, seu babaca nojento.

Luiza acenou e deixou sua pequena bolsa com cuidado sobre um aparador. Com agilidade e discrição, enquanto estava de costas para ele, tirou o celular e o deixou um pouco para fora da Prada, quando passou a gravar tudo em vídeo. Respirou fundo e se virou. Passou os olhos pelo quarto e viu uma garrafa de uísque a caminho de se tornar vazia.

— Quer que eu lhe sirva? — perguntou Luiza.

Dollet ergueu o copo que segurava. Estava cheio.

— Sente-se na cama.

Luiza se sentou e sorriu.

— Amo pérolas... — Dollet disse.

Luiza tocou o colar, dedilhando-o delicada.

— Você ainda é tão bonita quanto me disseram... — continuou, tirando os olhos de cima de Luiza. Havia outras preocupações na cabeça do secretário.

A experiência dela dizia que o Secretário, por certo, não teria condições físicas de fazer nada aquela noite. Ainda assim, não demonstraria confiança. Luiza se aproximou e se ajoelhou diante de Dollet, sem grandes conversas e tomando o cuidado de não demonstrar falso prazer, exatamente como Frank Ballard explicara que o secretário gostava.

Dollet ofereceu o copo de uísque para Luiza. Poderia ser um teste.

— Obrigado, senhor secretário. Não estou autorizada a ingerir álcool.

— Está... Quem comanda você sou eu — ele repetiu.

Aquele deveria ser o gatilho que levaria Luiza a submeter-se, mas, para tremendo alívio dela, a suspeita de que não mais estivesse sob efeito daqueles comandos acabava de se confirmar. A ordem de comando não surtiu efeito algum. Luiza não reagira.

Porcos. Quem controla minha vida sou eu.

— Sim, secretário.

Luiza aceitou o copo de uísque e deu um gole farto, na frente dele, para que Dollet visse que ela jogava limpo. Ela odiava álcool e não conseguiu esconder a dificuldade que teve para fazer a bebida descer pela garganta. Depois, devolveu o copo a ele. Dollet olhou para o teto, de novo envolto em seus problemas. Luiza comemorava. Não apenas evitaria a nojeira que a intimidade com Dollet representaria para ela, como percebeu que o maior desvio daquele senhor — arrancar sangue das costas e coxas da vítima com a fivela do cinto — dificilmente seria consumado naquela noite. Luiza foi ganhando confiança.

William Dollet IV deu vários goles, como se aquela bebida forte não fizesse mais efeito. Sua boca e garganta já estavam anestesiadas quando entregou o copo vazio a Luiza. Ela se levantou e colocou uma

nova e farta dose no copo do secretário. Quando entregou o copo de volta a Dollet, ele nem mesmo a olhou: o teto parecia mais interessante. Ele pediria a droga a qualquer momento, Luiza imaginou.

— Sabe por que mudamos o nome de Departamento da Guerra para Departamento de Defesa? — perguntou Dollet, de seu próprio mundo.

— Não, senhor secretário.

E na verdade não tenho o menor interesse em saber.

— Porque as pessoas são estúpidas.

Dollet olhou de soslaio para sua escrava. Não tolerava bajulações mal dissimuladas. Depois, continuou.

— Departamento de Guerra não soava bem. *Defesa*... Seria bem melhor.

Luiza deveria ter se ajoelhado próxima a Dollet, mas permaneceu de pé, encostada no aparador. Percebeu que o secretário queria falar, não dialogar.

— O povo acha que sabe das coisas... Quando o Departamento de Defesa ataca alguém, as pessoas assumem que atacamos por motivo de defesa, como o próprio nome diz. Esse é o truque... A defesa nunca ataca, apenas se defende... — falava Dollet com escárnio. — Pessoas burras... Burras... É como se pedissem para serem enganadas.

Dollet olhou para Luiza. Sabia que não tinha tempo a perder. O corpo pedia, mas para ganhar, o corpo tinha que executar certas tarefas. Neste caso, receber a informação que Luiza tinha. Essa era a moeda de troca, o acordo que tinha com a agência.

— O que a pombinha trouxe para mim?

— Trago uma mensagem de Roy Charles O'Connell, endossada pelo presidente do Senado.

— Diga.

Luiza citou a mensagem que havia decorado.

— Exercício militar de simulação de ataque biológico em múltiplos alvos dentro do território norte-americano. Preparação de contingentes internos para ataques de inimigos. Tornar a população mais protegida. Solicita sua presença e de lideranças da Força Aérea não mais do que 30 dias a contar dessa data.

Dollet fechou os olhos e ingeriu mais uma dose maciça de uísque.

— Grandes negócios em preparação, pombinha... — disse ele sem maiores sentimentos. — O que mais trouxe para mim?

— Fui instruída a obter uma resposta e levar de volta ao grupo.

— Diga que não tenho como me envolver tão cedo nesse projeto. Talvez... Ano que vem.

A resposta fora dada e ambos conheciam a rotina. A courier vinha, dava o recado e era obrigada a levar uma resposta, fosse qual fosse.

— O que mais tem para mim?! — ele insistiu.

Luiza abriu a pequena Prada e retirou meia dúzia de pílulas, a droga da agência. Voltou a se aproximar de Dollet e ficou de joelhos. O secretário abaixou o copo de uísque e observou Luiza colocar quatro pílulas da droga ali dentro. O secretário sabia que sua dose era de três pílulas por vez, mas achou que Luiza colocara uma a mais por simples desconhecimento. Aquilo havia ocorrido antes e nada de mais grave acontecera com ele. Na verdade, quanto mais, melhor... Ele estava mesmo precisando.

Dollet ergueu o corpo dormente do sofá e ingeriu a droga. Quando terminou, percebeu que Luiza ainda tinha algumas pílulas na palma da mão, que ela maliciosamente deixou à vista. Aquilo nunca tinha ocorrido antes.

— Vejo que estão generosos...

— Disseram que é um backup, senhor Secretário.

Ele sentiu as pílulas descendo em seu organismo. Psicologicamente, já estavam fazendo efeito.

— Bill... — disse ele com os olhos fechados. — Quero que me chame de Bill...

— Disseram que não devo lhe dar mais do que três ou quatro pílulas de cada vez.

O que não disseram era que o viciado não resistiria ao consumo de mais algumas pílulas se elas estivessem à mostra. As pílulas eram muito aditivas e jamais deveriam estar à disposição do usuário além da dose tolerável. Também sabiam que o impulso seria, em noventa por cento das vezes, irresistível.

Dollet não era burro. Sabia que iria morrer se aceitasse aquelas pílulas extras. Mas ele tinha bebido demais, estava cansado das responsabilidades e pressões, e já estava, a essa altura, sob efeito químico da droga.

— Que docinho... Preocupada com meu bem estar?

— Sim, Bill.

Dollet olhou para o teto, mas os olhos pesavam. Ele se perguntou se o Reverendo Jeremias teria razão sobre as coisas malucas que dizia aos domingos em sua Congregação.

— Coloque tudo o que tem na mão dentro do copo...

Se o Reverendo tivesse razão, pensou Dollet, o secretário estaria bastante ferrado. O lado de lá prometia ser extremamente quente. A não ser, é claro, que o sujeito se arrependesse com honestidade. E pedisse perdão. Dollet pensou que seria muito difícil decidir por onde começar. Sua vasta lista de desvios havia levado dor aos quatro cantos do mundo. Também estava distraído demais para se preocupar com arrependimentos, ainda mais se tivesse que ser honesto a respeito deles. Era complicado...

O corpo pedia mais droga. O que ele sentia agora era um pouco estranho. Dollet não parava de pensar naquele hipócrita do Reverendo. Por causa das coisas que ele dizia, o secretário começou a sentir medo. A única coisa que falava mais forte do que o medo, naquela hora tão decisiva, era o corpo.

Mais, mais...

Dollet olhou para Luiza e esticou o copo de uísque.

— O senhor quer mais uísque?

— Não... Que o que tem aí na sua mão...

Ela obedeceu, apreensiva. Ele ingeriu mais três pílulas, o dobro do que aguentaria. Luiza não soube dizer se Dollet havia pedido a dose letal com consciência, ou se tinha perdido o controle. De toda forma, agora era ela, e não o secretário, quem estava no comando. Luiza também estava ciente de sua responsabilidade ao dar aquelas pílulas ao secretário. Qualquer problema, iriam direto para cima dela.

— Conheci seu pai... Jonathan Palmer.

Luiza olhou pela primeira vez nos olhos de Dollet. Sabia que o secretário tinha todas as informações que queria, apenas estranhou que ele trouxesse o assunto do pai.

— Conheci você quando ainda era uma criança... A pequena Luiza Palmer, filha do embaixador... Todos queriam um pedacinho de você, pombinha... Bom te ver depois de todos esses anos...

Luiza sentiu ânsia de vômito e entendeu o elogio que Dollet havia feito a ela momentos antes.

O desgraçado já me conhecia!

— Não me lembro — disse ela escondendo o nojo que sentia do mundo.

Agente firme, ela repetia a si própria. Só mais alguns minutos.

Dollet sorriu, assustado, disfarçando o medo que crescia, e se deixou relaxar na poltrona. Ficou um bom tempo inspirando e expirando. Seu corpo sofria.

— Lucas Walker, o filho da lenda... Sente falta dele, não? — Dollet disse já no limite de sua resistência. Em seguida, fechou os olhos e expirou pesadamente.

— Sim, sinto falta dele! O senhor sabe onde ele está?

— Sei...

— Pode me dizer, Bill?

William Dollet IV não poderia.

A respiração ficara lenta e a musculatura havia relaxado. Sua mão soltou o copo, que caiu na poltrona e ficou ali mesmo. A cabeça pendeu para frente, formando um papo esquisito embaixo do queixo. O ar saiu lento de seus pulmões, com um assovio baixo e sinistro. Seu tórax parecia que iria afundar. A inspiração seguinte não vinha.

Luiza concluiu que o Secretário de Defesa dos Estados Unidos acabava de morrer de overdose. O subsecretário, Oliver de Bouvier, um agressivo colega de Roy e Frank dos tempos de serviços nas forças especiais, era o primeiro na linha de sucessão do Escritório do Secretário de Defesa, e tinha tudo para assumir o posto. Além do mais, tinha o apoio da Fundação.

Ela esperou. De repente, sentiu um calafrio. Dollet não respirava há mais de cinco minutos. Era óbvio que aquele senhor pervertido e peçonhento morrera. Aquilo ali que agora jazia largado no sofá era um lixo, mas ainda assim uma vida humana com implicações legais. Luiza não se sentiu nada bem naqueles momentos iniciais. Apesar de todos os anos de abuso e exploração, todas as privações físicas e emocionais que sofrera, a morte de um ser humano, mesmo um que lhe fizera sofrer, não era bem aceita por ela.

Eu sabia, ela, de súbito, entendeu. Estava claro, agora ela via, que fora usada para assassinar o secretário, embora preferisse não racionalizar naquele momento. Sua dúvida maior, desde o começo da missão, era de caráter moral. Iria adiante ou não? Enquanto olhava para Dollet, acessou sua memória.

Frank havia avisado sobre a potência da droga: coloque três ou quatro dessas na bebida dele e deixe as pílulas restantes à mostra. Depois, explicou sobre o perigo: até mesmo uma pílula a mais já pode ser fatal. Finalmente dera a dica: é opção do secretário se ele quer consumir uma ou uma dúzia.

Luiza se levantou e tomou a única decisão que lhe cabia. Iria sair dali e desaparecer. Olhou o relógio do secretário e calculou que o carro que a apanharia no hotel chegaria em uma hora e quarenta e cinco minutos. Luiza teria apenas que passar pelo jovem oficial Walton que fazia a segurança do Secretário ali dentro. Os outros seguranças não seriam problema, calculou.

Mantenha a frieza. Pense! Impressões digitais? Fios de cabelo? Não faz diferença. Sou, de maneira oficial, um ativo da CIA. E esse porco, de certa forma, também. Não será uma investigação como as outras. Caia fora agora!

Luiza abriu a porta do quarto e a encostou — sem fechar — com o maior cuidado, como se ali dentro o secretário estivesse no mais leve dos sonos.

— Ei... — sussurrou ela a Walton, que estava sentado em um sofá.

Ele estranhou o chamado, mas não resistiu ao sorriso infantil que Luiza lhe ofereceu. O jovem e dedicado segurança se levantou e foi ver o que aquela mulher que servia ao estado, assim como ele, queria.

— Quem dorme com uma coisa dessas? — ela disse sussurrando próxima ao rosto do segurança. Luiza sentiu que os cabelos na nuca do guardião se eriçaram. — Olhe isso...

O segurança colocou a cabeça para dentro do quarto e viu o secretário largado na poltrona, inerte. Com a maior naturalidade que pôde, Luiza pegou no braço do jovem como se fosse lhe aplicar um beliscão e o puxou para fora, fechando a porta devagar, para não despertar o secretário Dollet. Saiu balançando a cabeça e sorrindo. Walton não pode deixar de sorrir diante da cena patética. Luiza comemorou em silêncio a quebra da rigidez do jovem arqueiro.

— Tem um cigarro? — perguntou Luiza.

— Desculpe. Não fumo — ele disse, retornando ao sofá.

— Estou doida por um cigarro... Pois é, se todos os meus clientes fossem tão sossegados quanto Dollet, minha vida seria muito mais fácil.

— Teve sorte hoje — concordou Walton. Em seguida, com a sutileza de um soldado em ataque, mediu Luiza dos pés à cabeça. Estava encantado com aquela prostituta madura e luxuosa. Quem sabe um dia ele teria uma daquelas só para ele. Talvez devesse tornar-se um político.

— Viu só? Não preciso nem tomar outro banho — ela disse, sentando no braço do sofá e tocando no ombro de Walton como se já fossem amigos. O toque teve um efeito direto no desejo do jovem. Se ele pudesse, defenderia a pátria ali mesmo.

— Tem uma tabacaria lá embaixo — ele falou com grande presteza, impressionando Luiza com seu enorme conhecimento. Ela sabia e esperava que a sugestão da tabacaria partisse do segurança. Se não partisse, Luiza mencionaria de qualquer jeito.

— Hmm, não sei... Tenho medo do secretário acordar e sentir minha falta.

— Peça ao serviço de quarto — o guardião sugeriu.

Droga!

— Ah! Não confio neles... Vendem apenas a marca que querem.

Não force a barra, ponderou Luiza. Vá de uma vez!

— Infelizmente não posso sair do meu posto.

Ótimo!

— Ei, não se preocupe com meu vício. Vou dar um pulinho até a tabacaria.

Luiza entrou no quarto, na ponta dos pés, pegou a Prada e apressou-se em sair. Walton olhou o rebolado dela enquanto caminhava para fora e ponderou sobre como era divertido trabalhar para o Secretário de Defesa. Amanhã, por certo, se gabaria da função com alguns de seus colegas. Essa Luiza era a mais legal que ele tinha visto no cargo. Uma campeã. Matadora mesmo.

Luiza fechou a porta da suíte, já do lado de fora. Não havia nenhum segurança à vista no corredor. Mesmo que tivesse, não faria diferença. Luiza poderia dar uma descida até a tabacaria, mas não havia o que comemorar. Sua testa franziu e o evento foi sendo assimilado.

Participei da morte do secretário e estou fugindo...

Luiza seguiu pelo corredor com os passos mais lentos e naturais que conseguiu. Chamou o elevador e entrou retocando a maquiagem. Desceu, lembrando-se de empinar de leve o nariz e caminhar com desenvoltura em sua fantasia de mulher rica. Quando saiu do elevador, passou à frente do balcão de madeira da recepção do Monaco e, pouco tempo depois, estava dentro de um táxi em direção ao aeroporto. Só conseguiu respirar com mais calma, cerca de dez minutos mais tarde.

O balanço do evento continuava chegando e uma coisa ficava bastante clara. Aquela seria a última vez que Luiza andaria livre pelos Estados Unidos. Tentou assimilar o que aquilo significava para um cidadão comum e o que ela perderia na prática. O balanço dizia que sua vida, na realidade, não mudaria tanto assim. Para começo de conversa, ela não era o que se poderia rotular de cidadã comum. O que ela tinha a fazer era procurar se manter longe da polícia, de Frank Ballard e de Roy Charles O'Connell. O mais importante era permanecer livre de qualquer controle.

Depois de se acalmar, Luiza reviu seus momentos com o secretário na suíte do Monaco. De repente, não teve tanta certeza de que caíra em uma armadilha. A consciência teria tempo para decidir isso depois. O fato é que a morte do Secretário poderia ser atribuída a ela e, se isso ocorresse, ela não mais poderia ser útil a Frank. Neste sentido, ele sairia perdendo também.

Para quem pedirei ajuda?

Polícia e autoridades do governo, nem pensar. Não havia nenhuma instituição governamental que ela pudesse pedir ajuda ou mesmo contar sua história. Sempre fora assim com ela. Luiza estava, mais uma vez, sozinha.

Desceu do táxi no aeroporto Dulles. As câmeras do hotel mostrariam ela entrando neste táxi. O motorista confirmaria que a lavara ao aeroporto. Poderia, com isso, ganhar algum tempo. Tinha pouco dinheiro para sobreviver. Trezentos dólares que encontrara na bolsa, cortesia de Frank para despesas como aquela — táxi, algum remédio, coisas desse tipo. Era pouco. Não sobreviveria muito tempo sozinha. Também não poderia voltar para casa.

Mas talvez houvesse uma pessoa que a recebesse. Desde a saída do hotel, Luiza sabia que não sairia

de Washington tão cedo.

- CAPÍTULO 55 -

WASHINGTON, D.C.

UMA DAS PRIMEIRAS reuniões de Oliver de Bouvier, confirmado como novo Secretário de Defesa, foi poucas horas após saber da morte de Dollet. Bouvier era um filho da Fundação, a qual havia financiado seus estudos desde jovem. Era um sujeito de porte médio e cabelos lisos penteados para o lado, ex-almirante da Marinha. Por isso, antes mesmo de sair de casa para sua primeira reunião de emergência com o Presidente dos Estados Unidos, foi informado que receberia o responsável pelo projeto Silfos, um certo Roy Charles O’Connell, dono da Cougmann. A rapidez do encontro tinha um caráter simbólico e confirmava de forma clara a Roy que o território da Fundação se estendia até o coração do governo.

Roy felicitou o novo secretário Bouvier e em seguida lamentou o fato do falecido Dollet não ter dado a devida atenção ao plano deles. Em nenhum momento do diálogo, no entanto, Roy indicou que lamentava sua morte. Neste exato ponto, a conversa visava mostrar a Oliver que a morte de Dollet não fora um acidente, e que seria desejável que o novo Secretário agisse de forma mais efetiva para levar o projeto da Silfos adiante. Oliver disse que o fato de ambos terem o apoio da Fundação ajudaria muito neste sentido, etcetera e tal.

Como sabia que teria poucos minutos com Bouvier, o lobo tentou organizar uma maneira de trabalharem juntos. O papel do novo secretário no “projeto de medo”, explicou Roy, era estar, em primeiro lugar, a par dos trabalhos de geoengenharia da Stratoshaper, a empresa responsável por jogar os agentes biológicos na atmosfera. Ao mesmo tempo, deveria se certificar de que as agências de inteligência e os chefes militares regionais soubessem que a operação seria definida como um exercício militar de simulação.

Na verdade, esses exercícios eram comuns nos Estados Unidos. O trabalho da Stratoshaper seria apenas mais um entre tantos. Nada demais, nada que chamasse a atenção. Os detalhes da simulação que se transformariam em um ataque real estariam compartimentalizados, ou seja, ninguém saberia o que o cara do lado faria.

Bouvier assentia, como se ele e Roy fossem velhos conhecidos, um atalho que a Fundação proporcionava a seus membros. Aquilo dava a Roy uma incrível sensação de poder e realização. Foi com muito orgulho e convicção que Roy prosseguiu.

Quando a simulação terminasse, e vítimas reais aparecessem em várias regiões do país, as investigações seriam conduzidas por instituições controladas pelos militares — que manteriam o fato o menos exposto possível, por uma questão de “segurança nacional”, a expressão mágica que muitas vezes fechava portas e passava por cima de direitos constitucionais.

Por causa da compartimentalização, seria quase impossível para a parcela bem intencionada de militares e servidores públicos, apurar as responsabilidades pelas atividades de geoengenharia no ataque, e ainda mais difícil atribuir a responsabilidade final a um Secretário de Defesa que acabara de assumir o posto. Isso tudo, nos bastidores.

Para o público, o responsável incontestável pela devastadora onda de epidemias seria a poluição

atmosférica que enfraquecia o sistema imunológico das pessoas e tornava-as mais vulneráveis a doenças. Roy explicava entusiasmado que o plano era quase um sonho. Não haveria bombas, explosões ou eventos dramáticos que apontassem para alguma direção. Assim como a “guerra ao terror”, a poluição poderia estar em qualquer lugar, e em todos os lugares ao mesmo tempo. Ela não tinha endereço fixo ou fronteiras. Poderia durar um mês ou um século.

— A poluição é um mal que todos nós tememos, entendemos e sabemos ser necessário haver investimentos para sua derrocada — concordou Oliver de Bouvier.

— Secretário--

— Por favor, me chame de Oliver.

— Obrigado, Oliver. Eu dizia que alguém se apressará em dizer que as pessoas estarão sempre à procura de alguém para culpar.

— Neste caso a culpa é coletiva. Não há a menor dúvida.

— Correto, secretário. A população irá entender que somos capazes, como sociedade, de fazer mal a nós mesmos ao deixar que a poluição tenha alcançado níveis tão perigosos. Quando o número de vítimas crescer nas telas das TVs e jornais, e a consciência pesar, nós seremos capazes de fazer o bem. Acho que todos entenderão isso, concorda?

— Claro, Roy. O modo de vida poluidor da nossa sociedade é o que está causando o aumento de doenças respiratórias.

Roy sentiu um arrepio. Era impressionante ver Bouvier participar do plano como se fizesse parte desde o início. A poder da Fundação era grandioso e abrangente.

O novo secretário prosseguiu. Ele teria que concluir logo.

— Já é hora de parar de apontar dedos e aceitar que mais sacrifícios sejam necessários para o bem comum. Vamos propor a adoção de um sistema de limpeza do ar no momento em que percebermos que exista ambiente político para isso. Estou pronto para começar a trabalhar hoje mesmo.

Era impressionante. Roy sabia que o novo Secretário já havia sido informado sobre a máquina Silfos, e por isso estava à disposição para colaborar. Bouvier afunilou e objetivou a conversa.

— Como pretendem viabilizar os custos das máquinas?

— Vamos propor a votação de uma lei que autorize a cobrança de uma taxa nas regiões atingidas pelas epidemias. A taxa será usada para financiar a compra das máquinas Silfos por prefeituras e estados.

— Vamos ter que assustar muita gente, Roy.

Vamos foi a palavra que Bouvier usou e que deixou Roy ainda mais satisfeito. Eles falavam a mesma língua. Concordaram que no frenesi que se irromperia, outros políticos pegariam carona para criar novas leis no rastro do Ato Patriótico, um pacote legislativo aprovado pelo Congresso americano, poucos dias após os atentados de 11 de setembro de 2001, sem consulta à população, e que possuía muitas semelhanças com o *Enabling Act* de Hitler, que o autorizava o poder executivo a governar por decreto.

Roy ponderou sobre a população, que era, em sua maioria, boa de coração e estaria disposta — mais uma vez — a abrir mão de certas liberdades em nome da “segurança nacional”. Como o sobrinho de Freud ensinara, carros poderiam se tornar sexy e cigarros te dariam virilidade. O plano da Silfos era propaganda e socialismo nacionalista na veia da mais poderosa democracia do mundo. Algum dia, alguém ainda emergiria do fundo dos porões da Fundação e se tornaria um grande líder.

FRANK BALLARD ODIU ter que esperar no banco de trás de uma limousine blindada por quase vinte minutos enquanto Roy quase se tornava sócio do novo secretário. Frank era parceiro de Roy, mas não pertencia à Fundação, por isso não pôde participar da reunião. Roy se desculpou com o parceiro logo que entrou no carro, mas o clima entre os dois não estava bom. Como ali dentro havia total privacidade

em relação ao motorista, puderam conversar à vontade.

— Com Oliver de Bouvier, seu amigo, o que mais poderíamos pedir?

— Tenho uma lista de coisas que poderíamos pedir — respondeu Roy, olhando para Frank como quem iria esganá-lo a qualquer momento.

— Estou aqui para isso. Manda ver, parceiro.

— Por exemplo, resolver o problema de uma escrava que age como um computador cheio de vírus.

Frank não respondeu. Não tinha mesmo como justificar a fuga de Luiza.

— Como é que um programa de controle mental sai do controle?!

Frank tinha que reconhecer que Roy havia nascido para aquilo. Quando todos pareciam felizes, o lobo se mostrava capaz de permanecer focado sem vacilar um instante sequer.

— Luiza fez o que foi programada para fazer. Mandou Dollet pro inferno e abriu espaço para o seu novo amigo virar Secretário de Defesa. Roy... Tenho que perguntar. Está enlouquecendo ou está fazendo o tipo ingrato?

— Sim, Frank. A Luiza fez o programado.

— Então, pronto.

— Você é que não fez a sua parte. Como pôde deixá-la escapar?

— Ela saiu antes do nosso carro chegar. Foi inesperado.

— Nos deu um baile, meu camarada.

— Isso nunca aconteceu comigo antes.

— Aconteceu agora, essa é a questão.

— Luiza aceitou as instruções!

— É? E de onde veio a coragem dela para pular fora?

— Olhe para mim, Roy... Estou tranquilo. Sabe por quê? Porque Luiza não tem a quem recorrer. A quem acha que ela pode recorrer, à polícia de Marte?

— É uma brecha, Frank... Não gosto de brechas.

— Nem eu, mas foi você quem me pediu para libertar Luiza anos atrás.

— E você sempre faz questão de me lembrar isso.

— Você havia me garantido que ela--

— O que é isso, Roy! Sabe muito bem que não existem garantias quando se trata de pessoas. Nem mesmo nossas controladas. Não são comparadas com garantia de funcionamento!

Roy se mexeu no assento da limousine. Aquela discussão nunca levava a nada.

— Qual é, Roy? Agora você tem amigos poderosos... As coisas estão avançando, não estão?

— Esse é o problema.

— Luiza não será louca de aparecer de novo. Isso eu posso garantir.

— E o Lucas?

— Seu amigo professor... já era!

— Qual foi o arranjo?

— Doação involuntária de órgãos.

Roy balançou a cabeça. A ideia ainda o incomodava.

— Que porcaria, Frank!

— Sentimentos?

— Vá se danar!

— Não fraqueje, meu amigo.

— Não preciso de mais nenhuma cagada, Frank.

— Se ainda está ressentido com o vexame do lançamento de sua espaçonave, talvez você se sinta um pouco melhor sabendo que aquela coisa voadora do texano Crammer não dá sinais de vida há alguns dias.

- Como é?
- Simplesmente não manda nenhum sinal.
- Era previsível... O projeto deles era fraco.
- O nosso não foi assim tão melhor, foi, Roy?
- O nosso falhou por causa do tempo, Frank!
- Verdade. O que acha que aconteceu com a espaçonave deles?

Roy respirou fundo, tentando se recompor.

- Minha aposta? Erro no cálculo de consumo de combustível — disse Roy.
- Seriam tão burros assim?
- Sim. Seriam. Ir até a Lua sem paradas em uma navezinha de merda?
- É. Tolice deles.
- Por que acha que escolhemos a Soyuz?
- Maldito clima... — provocou Frank, lembrando Roy do temporal que derrubou a Cougmann One.

E sentindo cada vez mais intolerância à arrogância de Roy.

- CAPÍTULO 56 -

BULLHEAD CITY, ARIZONA

SULLIVAN E RAMSLEY viajaram juntos até o hangar da Crammer Enterprises próximo a Bullhead City. Queriam notícias da Crammer Jet. O silêncio começava a levantar suspeitas de que a espaçonave de Michael Crammer poderia enfrentar sérios problemas. Caso não obtivessem respostas satisfatórias, buscariam informações no Centro Espacial Lyndon Johnson, em Houston, principal local de controle de missões espaciais. Também pensavam em recorrer ao Roscosmos, o Centro de Controle de Missões Russas, à ESA europeia ou à JAXA do Japão. Com certeza, alguém saberia o paradeiro de Cassilda. O NORAD, agência responsável pela defesa do espaço aéreo dos Estados Unidos e do Canadá, saberia. Só uma questão de tempo.

Entraram na sala do hangar que funcionava como “centro de comando”. Ali tinha um computador de mesa comum, um notebook, impressora, scanner, equipamento de comunicação, mapas e papéis borrados de café e refrigerantes. Nada de radares. Quem coordenava aquela tecnologia toda era o “hacker” George, um jovem de cabelos moicanos, responsável pela comunicação e pelas decisões gerais da Crammer Enterprises, na ausência de Michael Crammer. O rosto barbado rebelde de George e seus olhos avermelhados acusavam seu estresse. Ele queria sair dali, dormir e comer sem ter que anunciar alguma tragédia, o que temia que acontecesse em breve.

George deu as notícias mais recentes ao reitor e ao senador.

— A última vez em que falamos por rádio foi há quatro dias.

— Isso não é bom — definiu Ramsley.

— O último sinal, em texto, foi há três dias. Eu não durmo desde então... — disse George quase sem voz. Era uma tentativa de angariar a simpatia de pessoas tão importantes, que agora se inclinavam atrás de sua cabeça enquanto avaliavam o que mostrava o monitor à sua frente.

— Qual a situação real, George?

— Não sei, senador.

Ramsley torceu os lábios e olhou de esguelha para Sullivan.

— Poderia nos dizer algo mais concreto? — insistiu Ramsley.

— Difícil... Não recebo nada de novo desde então.

— Como eram os dados que você recebeu?

— Bem, eram todos dados de telemetria.

Ramsley suspirou.

— E o que diziam?

— Que não havia nada de errado.

— Como é possível?

— Pode ser que o problema seja esse.

— Qual, George? Mais clareza, por favor.

— De comunicação, senador.

— E se a nave teve um problema diferente? — perguntou Sullivan.

— Do tipo?

— E se ela explodiu ou colidiu com alguma coisa? — esclareceu Ramsley, sem pena do jovem “chefe de missão”.

— Acho improvável.

— Por quê?

— Porque a comunicação foi falhando aos poucos.

— Aos poucos... E o que isso significa?!

— Que uma explosão interromperia a comunicação de forma abrupta e definitiva.

— A distância é um problema?

— Não, senador.

— O que tinha na última coisa que mandaram? — perguntou Sullivan.

George teclou algo. Ramsley e Sullivan se aproximaram e leram.

Estamos próximos de Mare Crisium. Por favor, respondam.

George... Onde está você, seu moleque?!

Ramsley se afastou do monitor com as mãos na cintura. Não sabia o que pensar da informação. Depois de balançar a cabeça algumas vezes, virou-se para George e achou melhor se despedir.

— Mantenha-nos informados, George.

— Claro, senador... Desculpe se não pude ajudar mais.

— Melhor descansar um pouco.

— Bem que eu gostaria, mas a verba está curta. Não tenho quem me substitua.

Os dois saíram da sala. No corredor, falaram em particular.

— Acha que ele sabe o que diz? — quis saber Ramsley.

— Como assim?

— O George me parece meio confuso... Afinal, existe um problema de comunicação, ou não? Se entendi direito, a mensagem de texto informa que eles já alcançaram a Lua, certo?

— Isso mesmo.

— Então, que história é essa? Por um lado têm problemas de comunicação, mas por outro, são capazes de mandar uma mensagem da Lua?!

— É estranho.

— Bota estranho nisso, Sullivan! O garoto está mentindo, só não sei ainda por quê. Vamos dar mais alguns dias, se não tivermos notícias, acionaremos as autoridades.

Sullivan deu de ombros. Estava mais preocupado com seu professor.

— Tem alguma ideia sobre o Lucas? — quis saber Sullivan.

— É sobre isso que queria lhe falar. Não tenho boas notícias.

— Ora, diga, Ramsley!

— Mabus fez um levantamento. Segundo o informaram, o professor embarcou em um navio porta-contêiner chamado *Galactic Seas*.

— Que raios de navio é esse?!

— Faz uma rota por vários continentes. É usado para o tráfico de pessoas... Mão de obra escrava, comércio de órgãos humanos... Qualquer que seja o destino do Lucas, não será nada fácil.

Sullivan balançou a cabeça perplexo.

— Como é possível que ele tenha ido parar num lugar desses? Não dá pra entender!

— Sabe quanto vale um rim no mercado negro, Sullivan? Eu te digo: até 20 mil dólares. Pode apostar

que empresas da área médica com lindos logotipos estão envolvidas até o pescoço nesse tipo de negócio.

— Meu Deus, Ramsley... Fico aliviado que o pai dele não esteja mais por aqui. Ficaria horrorizado com o destino do filho!

— Pedi ao Mabus que tentasse localizá-lo.

O reitor sorriu agradecido e entristecido, mas sentia que as chances eram remotas.

— Será duro ter que informar à mãe dele...

— Espere alguns dias.

— A Maria Lúcia me telefona todos os dias desde que ele deixou de embarcar na Crammer Jet. Não sei o que seria pior para ela, saber que o filho sumiu no espaço ou se foi costurado em uma mesa de traficantes de órgãos em algum lugar do fim do mundo.

— Páreo duro, mas se tiver que contar, vá lá e diga a verdade.

— Ramsley... Você tem sangue de barata.

— É só a minha aparência. Outra coisa, reparou como o hangar está vazio?

— Reparei. Onde todo mundo foi parar?

- CAPÍTULO 57 -

WASHINGTON, D.C.

RAMSLEY E SULLIVAN voaram até Washington. O reitor pegou outro avião para Boston e de lá seguiu de táxi até sua casa em Cambridge. Era tarde da noite e sua mulher Stella já dormia. Ele tentaria dormir sem desabafar suas preocupações sobre o professor e a mãe dele.

O senador se fechou na biblioteca, onde passou o resto da noite bebendo conhaque e ouvindo notícias da TV sobre a morte do ex-secretário de Defesa Dollet. A imprensa informava que a causa da morte fora uma parada cardíaca, mas que não descartariam nenhuma hipótese antes que a investigação fosse concluída. Disseram que o secretário fora ameaçado por um grupo terrorista do Oriente Médio e, se isso fosse comprovado, o país que abrigava o tal grupo seria “democratizado”. A notícia disputava espaço com os desafios de seu sucessor, o ex-almirante Oliver de Bouvier, um desconhecido que, supunha-se, seria substituído por algum nome mais importante na primeira oportunidade que surgisse.

O noticiário o distraía e o ajudava a esquecer a morte da mulher. Quando as notícias se tornaram repetitivas, Ramsley desligou a TV e largou-se em sua poltrona. A cabeça pendeu para o lado da parede onde um retrato em óleo sobre tela do seu pai o assombrava. Valentino abriu a porta da biblioteca sem bater ou ser chamado, trazendo uma jarra de água e um copo.

— O que é isso?

— Seu drink, senhor.

— Essa não é a minha bebida... — disse Ramsley em tom grosseiro.

Valentino deixou a bandeja em uma mesa lateral redonda, ao lado da poltrona.

— Devo ser grato a você porque me trouxe água?

— Não precisa, senador. Basta bebê-la.

— Está cuidando de mim, é isso? O que vem depois, beicinhos e choradeira? Faça-me o favor,

Valentino. Deixe-me em paz!

Valentino ignorou. Ramsley voltou a olhar o retrato do pai. Depois olhou para trás e viu que Valentino também olhava o quadro.

— Quantos anos acha que ele tinha aí? — perguntou Ramsley.

— Sessenta, talvez? — arriscou o valet enquanto se afastava.

— Quarenta e dois.

— Desculpe senador, mas o seu pai estava um pouco acabado.

— A vida na fazenda era rudimentar e dura. Lembro que ele costumava atirar em qualquer coisa que se mexesse. Só não sei o que o assustava tanto... Nunca ousei perguntar.

— Ele devia ter suas razões.

Valentino se aproximou do senador e o surpreendeu com uma dose exagerada de Courvoisier, deixando bruscamente sobre a mesa ao lado de Ramsley. Depois de um momento, Ramsley optou pelo copo d'água. Valentino sorriu.

— Quando olho para minha vida — continuou Ramsley, virando a cabeça para o retrato do pai... — vejo que fiz muitas coisas pensando ser outra pessoa.

— O que o senhor queria ser quando criança?

— Que pergunta...

Ramsley estava vulnerável. Valentino percebera e agora não fazia mais sentido recuperar a distância segura que Ramsley mantivera durante todos aqueles anos.

— Eu queria ter sido um cafetão.

Valentino sorriu. Ramsley voltava a ser Ramsley.

— Ora, Valentino, me deixe sozinho.

O valet não moveu um músculo. A resposta obviamente não o satisfizera.

— Detetive — balbuciou Ramsley.

Valentino sorriu e inclinou levemente a cabeça para o lado, como gostava de fazer quando queria demonstrar dúvida sem falar nada, assim como faziam alguns amigos vaidosos do senador.

— Eu queria ser um detetive particular — confirmou Ramsley, um pouco constrangido.

— Detetive... — admirou-se Valentino, ainda sorrindo.

— O que é tão divertido assim?

— Nada, senador... Apenas me pergunto o que impede um homem como o senhor de ser o que deseja. Eu, por exemplo, adoraria ser um... senador, mas talvez meu sonho seja um pouco mais difícil de ser realizado.

Ramsley não soube avaliar se a conversa o estava ajudando de alguma maneira ou que grau de ironia que Valentino empregara. Antes que pudesse falar qualquer coisa, ouviu a campainha tocar.

— Com licença — disse Valentino, se apressando em direção à porta da casa.

UMA MULHER MUITO elegante aguardava ao lado de fora. Luiza tinha em seu bolso um cartão que Ramsley lhe entregara durante o encontro no Miraval. Ele estava bêbado, sentia-se solitário. E ela era irresistível. Em uma fração de momento, quando Lucas não olhava, o senador tirou do bolso o cartão com seu endereço e colocou-o na mão de Luiza. Ela preferiu não comentar o fato com Lucas. Não se rejeita um cartão como esse.

Valentino a olhou. Se o patrão tivesse alguma namorada, coisa que Valentino duvidava, Ramsley o teria avisado.

— Boa noite — disse Valentino.

— Boa noite. Procuro pelo senador Ramsley — disse Luiza, gentil, mas sem o ar de certeza que acompanhava a fala das pessoas do *métier* do senador. Aquela mulher era novidade.

Para Luiza, foram segundos angustiantes. Ela era a mulher que andava ao lado de Lucas, cujo patrão, Sullivan, é que era amigo de Ramsley. O problema de todas as pessoas influentes com quem Luiza se relacionara, era Ramsley o único em que via alguma chance de poder ajudá-la. Voltar para seu pequeno apartamento em Somerville seria impensável. O studio do professor também estava fora de cogitação. Mas havia um problema maior e mais grave, que dizia respeito a um crime. Até ali, suas escolhas após a fuga do Monaco Hotel, haviam custado apenas uma parte de suas limitadas economias em despesas de táxi. O que viria a seguir ela não poderia prever, mas arriscaria. Suas opções eram bastante limitadas. Se Ramsley não a recebesse, seria o seu fim.

— Ele não está. A senhora é...

— Meu nome é Luiza Palmer.

Valentino franziu a testa, tentando demonstrar a Luiza que se importava com ela, mas se manteve cauteloso. Luiza quem?

— O senador está aguardando? Seria normal ele me avisar. Cuido da agenda pessoal dele.

Luiza tinha bastante experiência para saber que não entraria na casa do senador contando uma mentirinha qualquer.

— Não marquei hora.

Valentino esperou por uma justificativa mais elaborada, que não veio.

— Talvez seja melhor eu transmitir ao senador quando ele voltar. Assim a senhora não perde tempo esperando-o.

— O seu nome é?

Valentino ergueu o corpo. Alguém estava perguntando o seu nome, o que o fez se preparar para um confronto de autoridade.

— Valentino.

— Valentino... — ela disse olhando de maneira honesta para os olhos dele. — Acabei de presenciar a morte de uma pessoa muito importante para a nação. Tenho certeza de que o senador Ramsley vai querer ouvir minha história antes de eu contar para a polícia o que eu sei. Converse com ele. O senador sabe quem eu sou.

Valentino fechou o rosto, cuidadoso. Aquela mulher era problema.

— Desculpe, mas vou ter mesmo que entrar em contato com o senador antes de permitir que a senhora entre.

— Por favor, faça isso.

Valentino fechou a porta com delicadeza, deixando Luiza ao lado de fora da casa. O valet retornou à biblioteca e comunicou ao senador que havia uma mulher em sua porta falando sobre um crime que testemunhara. Disse o nome da mulher e a descreveu. Recebeu, na hora, ordens para que ela entrasse. Com esforço, Ramsley se levantou da poltrona e ajeitou os cabelos, mas nada poderia mudar seu aspecto, a não ser uma ou duas noites de sono.

Um minuto depois, Valentino trouxe Luiza até a biblioteca do senador e, mesmo sem ter intenção, ela causou impacto com seu elegante uniforme de trabalho. Ele apontou o sofá e retornou para sua poltrona-refúgio. Ambos se sentaram. Luiza estava ansiosa para descobrir a verdadeira natureza daquele político, e ele, sobre o que, de fato, ela queira.

Olhou firme para o senador. Era hora de verificar se o tal ditado "a honestidade era a melhor política" se mostrava verdadeiro.

— Acho que participei da morte do Secretário de Defesa William Dollet — disse sem rodeios.

Ramsley mal acabava de se acomodar na poltrona, e Luiza já o tinha associado, mesmo que minimamente, à morte do secretário. Ramsley levou alguns segundos para pensar no que ela acabava de dizer. Uma possível assassina estava ali, na sua casa.

— Quer que eu chame a polícia para você? — disse Ramsley.

— Isso eu faria sozinha, senador.

— Então o que quer?

— Um conselho. Uma ajuda.

— Não estou interessado em oferecer acobertamento em troca do seu corpo.

Luiza julgou que o senador esperasse vê-la indignada com a insinuação.

— O que está sugerindo que eu seja, senador?

— Acabou de vir à minha casa confessar um crime.

— E isso faz de mim uma prostituta com segundas intenções?

— Ainda estou ouvindo.

— Não sou o que pensa que sou.

— Vou te dar mais uma oportunidade e depois chamarei a polícia.

— Eu não disse que matei o secretário Dollet. Estava presente. Participei de forma involuntária, eu acho.

Mabus.

Ramsley era apenas cauteloso, mantendo uma distância segura de Luiza até que sua mente voltasse a

raciocinar melhor. Aquela informação era surpreendente e grave. O senador se lembrou bem da última conversa que tivera com o centenário. Mabus fora muito claro quando pedira a Ramsley que cuidasse bem de Luiza. Ainda assim, o senador queria se certificar de que Mabus, que nunca errara, não estivesse enganado desta vez. Luiza não esperou pelo raciocínio de Ramsley.

— Sou filha de Jonathan Eustace Palmer, que foi embaixador e senador como o senhor. Certamente deve ter ouvido histórias sobre mim e sobre os abusos que sofri.

Luiza olhava para Ramsley com uma sinceridade tal que o bom discernimento não poderia ignorar. Também era admirável sua serenidade para alguém que acabara de confessar o envolvimento em um assassinato.

— Sim, já ouvi falar de pessoas como você.

— Então, sabe que não sou uma prostituta.

— Sei.

— Mas mesmo assim insinuou que eu fosse.

Luiza conseguiu constranger Ramsley e se deu por satisfeita.

— Podemos esquecer isso? — ele corrigiu.

— Podemos. O fato é que há alguns anos consegui uma espécie de carta de soltura do meu antigo controlador. O nome dele é Frank Ballard.

Ramsley baixou os olhos e franziu a testa. Luiza percebeu que ele a ouvia.

— Não sabia que Frank Ballard era uma pessoa generosa.

— E não é. Fui libertada a pedido de Roy Charles O'Connell, da Cougmann, um cliente de Frank. Roy se apaixonou por mim, ou melhor, pela minha tolerância física e mental às suas perversões, e eu explorei sua vulnerabilidade pedindo que intercedesse junto a Frank Ballard para que ele me deixasse partir.

— Lamento que tenha passado por essas provações.

Luiza meneou a cabeça e continuou.

— Conheci o professor Lucas em um restaurante próximo a Cambridge. Nunca iria imaginar que o caminho dele pudesse de alguma forma cruzar com o de pessoas como Frank e Roy. Foi uma coincidência lamentável. Um enorme pesadelo, senador. Lucas e eu fomos obrigados a ir até galpão da Cougmann em Arizona City. Frank estava por lá, trabalhando para Roy. Isso aconteceu na véspera da viagem à Lua.

Ramsley inclinou o corpo para a frente.

— Então isso explica a ausência de Lucas no voo.

— Foi o que aconteceu, senador. Ele não perderia essa viagem por nada neste mundo.

— Claro que não... Você disse que a Cougmann tem um galpão?

— Sim. Eles têm uma máquina ali dentro. Um projeto grandioso.

— E o que queriam com o Lucas?

— O Roy quis atrapalhar a viagem à Lua do Michael Crammer, por isso nos obrigou a ir até o galpão. O plano era segurar o professor e fazer com que o Michael Crammer adiasse a viagem, de maneira que Roy pudesse ser o primeiro empresário a chegar à Lua.

Ramsley balançou a cabeça e esfregou o rosto. Parecia confuso. Talvez Luiza estivesse envolvida também com o desaparecimento de Lucas. De qualquer forma, Ramsley ainda mantinha sua mão bem próxima do telefone. Mabus que o perdoasse, mas ele ainda tinha dúvidas sobre Luiza.

— O que quis dizer com máquina? — disse Ramsley.

— É uma máquina Silfos.

— Nunca ouvi falar.

— Pensei que o senhor soubesse.

— Não, eu não sei.

— É uma solução para limpar a poluição do ar. Pelo que entendi, é um projeto que terá apoio do

governo.

Ramsey se levantou. Depois de andar alguns passos, tirou um controle de campainha do bolso e apertou o botão diversas vezes. Valentino apareceu quase que instantaneamente.

— Traga café.

— Pois não, senhor.

O senador estava irritado, mas Luiza pôde começar a respirar. Ele a ouviria. Luiza vencera o desafio daqueles primeiros minutos tão essenciais. O senador parecia ser uma pessoa correta.

— Vamos com calma...— disse Ramsley gesticulando com as mãos como um guarda de trânsito que queria colocar ordem em um cruzamento com carros avançando por todos os lados. — O que você tem a ver com a morte do ex-secretário Dollet?

— Frank pensou ter me colocado sob seu controle no galpão da Cougmann.

— Controle?

— Sim. Uma espécie de hipnose, se preferir.

— Foi o que aconteceu?

— Não. Não teve qualquer efeito sobre mim. Por outro lado, não tive opção a não ser seguir as instruções de Frank Ballard.

— Que eram?

— Convidar Dollet a participar de um plano para realizar exercícios militares de simulação de ataque biológico dentro do território norte-americano.

— Exercícios de simulação acontecem todos os dias.

— Mas acho que esse era diferente. Eu e o Lucas passamos a última noite juntos no galpão, mas em salas separadas. A certa hora eu ouvi Roy e o professor discutirem algo sobre trilhas químicas e sobre o custo em vidas humanas.

— E o que acha que isso significa?

— O exercício de simulação teria o conhecimento do secretário Dollet, que de alguma forma ajudaria em sua viabilização. O objetivo final é vender essas máquinas para combater a poluição. Para isso, teriam que causar mortes reais por epidemias respiratórias, e então colocariam a culpa na poluição.

Ramsley teve que assentir, e não pôde evitar um semblante enojado.

— No mundo de hoje eu não duvidaria que um exercício desses utilizasse agentes biológicos de verdade.

— Roy vai matar pessoas para vender a máquina dele, senador.

Ramsley mordeu os lábios. De repente pareceu confuso.

— Um exercício militar dessa natureza, sendo passado de boca em boca por uma prostituta?

— Pensei que havíamos nos entendido sobre eu não ser uma prostituta!

Ramsley levantou as mãos pedindo calma.

— Sei disso. Mas a percepção é exatamente essa. Uma prostituta não teria credibilidade em caso de vazamento de informações.

— Senador, foi essa a mensagem que Frank me pediu para transmitir a Dollet.

Ramsley caminhou com as mãos para trás. Valentino bateu na porta, entrou com duas xícaras de café preto e se retirou quando percebeu que nenhum dos dois sequer havia notado sua presença.

— E depois? — perguntou Ramsley após um longo gole de café. Luiza não havia tocado em sua xícara.

— O Secretário Dollet era dependente químico de uma droga que só a agência de inteligência possuía.

— Qual das agências?

Luiza deu de ombros.

— Acho que a CIA. Sem a droga o dependente morre em uma semana.

— A história está ficando melhor a cada momento...

— É a verdade, senador.

— Se é verdade então isso explica um bocado de decisões ilógicas do governo central... Era só o que faltava, o congresso e o executivo nas mãos de espíões, chantagistas e fornecedores de drogas!

Luiza esperou até que Ramsley voltasse a olhá-la.

— Só que a mesma droga, quando ingerida em excesso, pode matar.

— Muitas drogas fazem isso.

— Essa em especial.

— Certo. Continue.

— Frank me pediu para que eu desse a droga ao secretário Dollet. Disse que ele estaria me aguardando, como de fato estava. Em certo momento do encontro, o secretário Dollet finalmente me pediu.

— Então foi isso que o matou?

— Sim. As drogas que eu lhe dei.

Ramsley a olhou de forma prolongada. Luiza transpirava verdade.

Ela continuou.

— Acho que contribuí sem querer para a morte do Secretário, mas como o senhor disse que é a percepção que conta, serei responsabilizada.

— Então não matou Dollet.

— De certa forma, eu quis que ele morresse.

Zona cinzenta... Matou ou não?

— Por quê? — disse Ramsley.

— Ele foi um dos primeiros a abusar de mim quando eu era uma menina. Dollet se lembrou disso e fez questão de me dizer.

— O que aconteceu com o professor?

— Não sei bem... Ouvi quando o levaram para fora do galpão da Cougmann.

— Sabe para onde?

Ramsley sabia para onde e já havia compartilhado aquela informação com Sullivan. Estava apenas testando Luiza.

— Como eu disse, estávamos trancados em salas separadas. Havia seguranças, não tínhamos contato um com o outro.

— Acredita que ele está vivo? — ele insistiu.

— Como eu poderia saber?

— Não poderia?

— Tenho razões para querer saber do Lucas mais do que o senhor.

— E porque veio bater em minha porta?

Luiza balançou a cabeça duas vezes e ficou pensativa. Ramsley estudou sua reação e completou a pergunta.

— Acha que quero me envolver na morte de um Secretário de Defesa?

— Senador, tudo o que disse para o senhor é verdade e estou disposta a falar com a polícia ou com quem o senhor quiser, a qualquer momento.

— Quem iria acreditar em alguma coisa que você dissesse? Acorde! Para todos os efeitos, você é uma puta que matou o Secretário de Defesa de overdose. Não me leve a mal, mas a percepção tem um peso muito grande aqui.

— Senador... Estou acordada há muito tempo.

— O que quer dizer?

— Que é exatamente por essa razão que pessoas como eu são usadas como pombos-correios.

— Luiza, nenhuma autoridade jamais levará a sério qualquer coisa que você diga, a não ser que possa provar.

— Esse é o ponto todo, senador! Combine a falta de credibilidade que a minha suposta profissão oferece e junte isso ao nosso imenso arsenal de sedução, que nos leva para a cama das pessoas mais importantes que existem. Pode imaginar instrumentos de controle e chantagem mais perfeitos?

Ramsley se mostrava ainda ligeiramente cético. Ela prosseguiu.

— Sou uma vítima do programa Monarca. Consegue dizer isso olhando nos meus olhos e fingir que não sabe do que estou falando?!

Ramsley virou instintivamente para um porta-retratos de sua mulher Linda.

— Sim — disse Ramsley com visível emoção. Luiza percebeu e se deu conta de que Ramsley não era exatamente como os outros políticos que conhecera. Ele tinha sido casado. E, caso raro, nunca havia traído a mulher e muito menos se envolvido com pombos-correio como Luiza. Orgulhava-se muito disso.

— Acha que Roy e Frank tinham a intenção de matar o Secretário?

— Acho... E eu contribuí como pude — ela disse com triste ironia.

Ramsley tinha certeza de pelo menos uma coisa: apresentar Luiza à polícia traria apenas mais um escândalo à nação e ela certamente seria responsabilizada sozinha, deixando de fora Roy e Frank. Os mecanismos também tinham sua parcela de responsabilidade. Havendo a predisposição para corromper, praticamente nada seria feito para mudar.

— O que pretende fazer? — perguntou Ramsley de maneira mais acolhedora.

— Tenho que cuidar de mim.

— Pode apostar nisso.

— Também gostaria de ir atrás do Lucas.

Ramsley não estava certo de que seria uma boa ideia abrir o jogo todo para Luiza e dizer o que sabia sobre o paradeiro do professor. O que ele diria àquela mulher: ei, o professor está em um navio de cargas humanas, perto de ser retalhado como uma mercadoria qualquer. Ou, talvez até já estivesse morto.

— Todos gostaríamos de saber onde ele está — limitou-se a dizer.

— O senhor é a única porta que tenho. Literalmente.

— Não tem onde ficar?

— Não.

O velho Mabus, de novo, parecia ter razão. Ele cuidaria de Luiza.

— Então ficará aqui em casa.

— Obrigada, senador — ela disse, comovida.

Ramsley chamou Valentino e instruiu que ele a acomodasse ao quarto de hóspedes.

- CAPÍTULO 58 -

OCEANO ATLÂNTICO

MEU DEUS... PRECISO sair daqui. As primeiras três horas dentro da caixa combinaram uma claustrofobia aterrorizante e a percepção de que o tempo não passava. Depois que o corpo tateou todas as extremidades e conheceu os limites territoriais — como um cachorro faria em um pequeno cercado — e aceitar que era somente aquilo e pronto, foi hora da cabeça se unir à alma e ser inundada de questões. Não fariam grande diferença naquelas condições, mas Lucas começava a acreditar que sua hora havia chegado.

Se eu pedir socorro, estou ferrado.

Claro. A ideia era exatamente o oposto. Ficar na moita até que a caixa fosse retirada do navio. Se gritasse, alguém que não fosse do mesmo time do oriental Chao poderia surgir. O gorila ou um dos homens de Frank Ballard. Sem a menor dúvida, era hora de permanecer calado. Melhor morrer naquela caixa do que talhado em uma mesa de operação improvisada em algum hospital perdido no mundo.

Balanços de vida: Fui um tomador ou um doador?

Boa pergunta, ele julgou, mas difícil de responder. A ideia de que teria sido mais neutro do que bom, surpreendeu-o e incomodou-o. Quem é neutro não tem coragem de ser bom. Tinha perdido oportunidades, então julgou melhor deixar de lado as divagações e se ater às preocupações mais imediatas. Como, por exemplo, avaliar os componentes químicos que lhe faziam companhia no apertado cubículo, e possíveis riscos de uma intoxicação. O cheiro dos produtos ali dentro estava mais forte a cada hora. Sódio, lítio, bário, potássio, magnésio, cobre, estrôncio, cálcio, alumínio...

E se conseguisse escapar vivo: procurar Luiza. Mãe. Alunos. Sullivan. A família de Chao — o que o levava de volta à questão anterior, que era exatamente em descobrir um jeito de escapar. Como saio de dentro dessa merda?!

Justiça divina e karma surgiram e ele voltou a divagar. O que eu fiz para merecer estar aqui dentro? Por que eu? Novas reflexões sobre a humilhação da situação. Não consigo pensar em uma maneira mais ridícula de morrer. Sobre Luiza e a Lua. O que foi mesmo que ela pensava sobre o meu desejo de ir à Lua? E os limites do corpo humano. Preciso ir ao banheiro. Se for aqui dentro ninguém aguenta... As falhas na caixa de madeira permitiam que o ar entrasse em quantidade suficiente para não o deixar sufocar, embora a qualidade fosse ruim, vinda do porão de um navio.

Amanheceu.

Lucas teve a impressão de que a luz do sol invadira a caixa de maneira rápida. Somado à luz, ouviu um barulho de metal pesado em movimento. Em instantes, a luz penetrou nas frestas da caixa e Lucas pode ver os contornos do seu corpo e dos cilindros que continham os fogos de artifício, as bombas, as drogas, os animais ou o que quer que estivesse ali dentro junto a ele. Lembrou que já fazia algum tempo que o navio se movimentava menos.

Quando ouviu o barulho de caminhões e de gruas distantes, presumiu que o navio tivesse parado em algum porto. Passou a confiar em Chao um pouquinho mais. O tempo, que levava uma eternidade para se mover, começou a acelerar. Coisas aconteciam. Mas ele mordeu a língua no instante seguinte. O barulho

de uma empilhadeira cresceu do lado de fora da caixa e sua expectativa aumentou.

Era assustador. A caixa onde estava era uma das mais próximas da rampa de acesso, que se abria instantes antes. Em dado momento, sua vez chegara. Sem pedir licença, a empilhadeira manobrou e ergueu a caixa com Lucas dentro... Enquanto tudo isso acontecia, ele conseguiu fazer a leitura mental do que ocorria ao lado de fora e julgou aquela atividade como sendo normal, parte das etapas até que o momento de sua libertação chegasse.

Só não previu o que aconteceria a seguir: a caixa, já no alto, raspou na extremidade de um velho contêiner durante a manobra. Talvez pelo peso extra de uma pessoa concentrada em um canto, a caixa girou, até ficar de ponta cabeça, e tombou de uma altura de quase dois metros. Durante a queda, Lucas sentiu um frio no estômago. Depois, tudo se apagou.

A caixa, por pior qualidade que tivesse, permaneceu sem danos visíveis. Após uma breve reunião, ali mesmo de pé ao lado dela, um operador de empilhadeira e dois tripulantes da área de carga decidiram que, não havendo estrago exterior significativo, não seriam eles a inspecionar os eventuais danos no interior. A seis mãos, giraram a caixa e colocaram-na em posição adequada para ser erguida de novo pela empilhadeira. Em menos de três minutos, era como se o incidente nem tivesse ocorrido.

A vida seguiu seu ritmo dentro do *Galactic Seas*. Na rampa do navio, a luz penetrou forte nas arestas da caixa, mas Lucas não pode ver que se despedia do gigante. Permanecia inconsciente.

- CAPÍTULO 59 -

WASHINGTON D.C.

— SENHORITA?

Na noite anterior, alguém batera insistente na porta do quarto de hóspedes da casa do senador Ramsley. Luiza se deitara para fechar os olhos por alguns minutos quando foi despertada, tendo que abrir a porta. Era Valentino, que lhe trazia um *robe de chambre* dobrado e algumas peças de roupa num cabide.

— Pertenceu à esposa do senador, que faleceu há pouco tempo — explicou o valet, enquanto Luiza o avaliava. Ela não estava certa de que deveria aceitar. — Ele é um homem devastado.

Valentino estava ansioso por uma boa fofoca.

— Obrigada, mas não será necessário — disse Luiza.

— Ordens do senador.

— E devo obedecer?

Valentino sorriu.

— As ordens são para mim. Você aceita se quiser agradar ao senador e a si própria. E salvar o meu traseiro, é claro.

Luiza recuou dois passos e abriu a porta até o final. Valentino entrou no quarto e verificou a arrumação geral.

— É normal que o senador avise com certa antecedência.

— O quê?

— Quando um hóspede pernoitará.

— Ah... Imagino que ele receba muitos hóspedes.

— Normalmente isto ocorre a cada... cinco anos. Ou mais.

Valentino abriu a roupa de cama, ligou o condicionador de ar e selecionou uma temperatura agradável. Tirou de um armário um jogo de toalhas e um par de chinelos de veludo. Quando não havia mais nada a fazer, deu vazão à sua curiosidade — que o estava matando.

— Você deve ser muito especial.

Luiza sorriu, sabendo onde o fiel escudeiro queria chegar.

— O senador é que é uma pessoa bondosa.

— Pessoa bondosa... Gozado, nunca havia reparado. Se precisar de alguma coisa, meu quarto é no andar de baixo, próximo à cozinha.

— Ficarei bem. Agradeço a gentileza.

Valentino saiu do quarto sem obter uma única informação que pudesse tornar sua vida mais emocionante. Luiza fechou a porta e se deitou sem tirar a roupa. Estava exausta e cochilaria por mais cinco minutos antes de tomar um banho. A respiração foi se acalmando. Ela se sentia segura na casa. Comemorou a boa decisão que havia tomado ao fugir e se refugiar com Ramsley. Talvez ele não fosse um corrupto, apenas um político. Adormeceu em poucos minutos.

A NOITE FOI de um sono pesado.

Após um banho revigorante, Luiza vestiu a calça e uma camisa de cores neutras que pertenceram à mulher de Ramsley, mas que pareciam terem sido feitas para ela. O senador tinha bom gosto.

Depois de se olhar com demora no espelho, Luiza desceu até a cozinha e encontrou Ramsley lendo jornal. Sua xícara de café estava vazia e havia dois pratos usados, denunciando que ele havia terminado seu café da manhã há algum tempo. Também era óbvio que o senador a aguardava.

Quando olhou Luiza vestindo as roupas da mulher, sentiu a garganta apertar. O corpo dela era bastante semelhante ao da mulher, mais jovem. Luiza, que também via tudo, não deixou de notar a reação de Ramsley, não só por olhá-la de cima a baixo, mas pelos olhos marejados que ele não conseguiu evitar.

— Agradeço a sua hospitalidade — disse Luiza.

— Fique à vontade.

— Devolvo assim que puder.

Ramsley sorriu gentil.

— Tem café quente no bule.

— Estou mesmo precisando.

— O suco está na geladeira...

— Obrigada.

— Melhor se alimentar — ele olhou para o relógio de cozinha. — Vamos pegar um avião em quarenta minutos.

— Para onde?

— Arizona.

— Por que vamos ao Arizona?

— Precisamos falar com um velho amigo. Ele mora no resort que você conheceu. Vamos pedir sua bênção e ver de que forma ele pode nos ajudar.

A sensação de proteção mudara da noite para o dia. Luiza se sentou e serviu-se de café. Percebeu que o senador a observava por sobre o jornal, e que seus olhos pareciam contraditórios e distantes.

— Tem filhos, senador?

Ramsley abaixou o jornal.

— Não.

— Gostaria de ter tido?

Ele suspirou antes de responder.

— Minha mulher sabia que não teríamos tempo de criar filhos como eles mereceriam. Muitas viagens, recepções, reuniões...

— Deve ter sido uma mulher inteligente.

— Ter filhos seria um desastre.

— Como está a sua saúde?

Ramsley ergueu as sobrancelhas, estranhando a pergunta.

— Bem.

— Quantos anos o senhor tem?

— Oitenta e dois.

Luiza lhe daria fácil dez anos menos.

— E tem dinheiro.

— Aonde quer chegar, Luiza?

— Com saúde e dinheiro o senhor pode recomeçar sua vida.

Ramsley riu.

— É mesmo? — ele disse.

— A não ser que esteja com o espírito quebrado.

— Espírito quebrado... Gostei. E se eu estiver?

— Já pensou em adotar uma criança?

— Fora de cogitação.

— Que pena, senador.

— Uma criança a essa altura da vida? Sem uma mãe para... — Ramsley interrompeu a resposta para olhar Luiza com certa desconfiança. Ela se antecipou.

— Não se preocupe, senador. Não tenho quaisquer intenções que já não tenha revelado ao senhor.

— Ah, bom... Pensei que estava se candidatando a largar o professor e se enroscar com o velho senador solitário e sua conta polpuda.

Luiza tomou dois goles de café sem se abater com o comentário. Chegou a sorrir. A constatação de Ramsley, no fundo, fazia sentido.

— Na verdade, acho que tenho uma ideia melhor, sim, uma vez que não pretendo abrir mão de Lucas.

— Diga. Estou curioso.

— Por que o senhor não dá um pulinho para se inteirar de alguns serviços sociais?

— Nem pensar.

— O senhor e eu sabemos onde vão parar algumas crianças.

— Eu sei. Ainda vivo nesse mundo.

— Então diga onde. Gostaria de ouvir em voz alta um de vocês falando sobre isso.

— O que quer dizer com *um de vocês*?

— Políticos.

— O que quer que eu diga?

— Para onde são levadas essas crianças.

— Não acho que seja necessário.

Luiza abaixou a xícara e fixou seus olhos em Ramsley.

— Senador, o senhor está olhando para um milagre. Eu sou uma sobrevivente!

— Eu poderia apontar na direção de um ou outro colega meu do senado.

— Semente no senado?

Ramsley balançou a cabeça. Estava enojado.

— Posso pensar em um ou dois religiosos bem conhecidos, também.

— Amém, senador! Mas a conta é bem mais alta, não é?

— Uma ou duas famílias reais... Um ou dois empresários. É uma montanha de lixo, Luiza. O que eu poderia fazer? Talvez o meu espírito esteja mesmo quebrado...

— Não acredito nisso. Suportei coisas que a imaginação humana não ousaria falar em voz alta. Olhe para mim, senador... Ontem bati na sua porta sem saber aonde ir, caso o senhor não me recebesse. Eu simplesmente não teria lugar algum para me refugiar. No entanto, estou aqui, vivendo um dia de cada vez.

— Não tenho mais energia para mudar o mundo.

— Estou falando apenas do senhor. Quem sabe até de um pequeno ser humano que o senhor pudesse criar. Quem foi que falou em salvar o mundo?

— A ideia é nobre, mas não, obrigado.

— O que o senhor tem a perder?

— Convença os poderosos a não me hostilizarem quando eu tocar em algumas feridas. Vão inventar alguns esqueletos para colocarem no meu armário.

— Como assim, *poderosos*? O senhor é um deles!

Ramsley riu seco.

— Claro, fomos eleitos — disse com intensa ironia. Depois, tentou sintetizar. — Não somos os poderosos, Luiza. Somos, no máximo, os vaidosos. Os poderosos, de verdade, trabalham nos bastidores.

— Pensei que soldados lutassem até o fim — disse em tom provocador enquanto limpava a boca com

um guardanapo. Ele não se incomodou. Ao contrário, admirava a garra e ousadia daquela mulher. Ao invés de bajulá-lo por ele tê-la ajudado, confrontava-o sem receios.

— Não sou mais um soldado há muito tempo.

Ela olhou para ele. Um olhar de quem conhecia a vida e as pessoas.

— Talvez o senhor ainda seja.

- CAPÍTULO 60 -

AMERICAN AIRLINES, VOO 263

RAMSLEY E LUIZA iam de Washington até Tucson, no Arizona. O senador havia dado um tempo em suas longas viagens de carro. No caminho, ele teve momentos para observar Luiza, e percebeu-se mais atraído do que gostaria. Em uma dessas olhadas de viés, teve certeza de que Luiza o notou, mas não deu qualquer sinal de estar incomodada ou ofendida. Para Ramsley, foi desafiador tentar desnudar o caráter de Luiza. Era a companheira do professor desaparecido e demonstrava uma fidelidade inabalável. As espiadas de Ramsley não tinham segundas intenções, eram uma curiosidade sincera por aquela mulher. A lealdade dela só fazia aumentar sua crescente admiração.

Luiza falou pouco e se manteve ereta na poltrona. Folheou as revistas de bordo e de vez em quando olhava pela janela. Almoçou pouco. Ramsley teve certeza que ela o fizera apenas para lhe fazer companhia e ser agradável. Luiza usava a mesma roupa do café da manhã, mas se permitiu usar o colar de pérolas negras do dia anterior, que iam muito bem com o tom neutro da roupa.

Ramsley especulou que, se Luiza tivesse tido um pouquinho de sorte na vida, poderia muito bem ter sido a esposa de um grande empreendedor, ou de um senador honrado como ele. Chegou à conclusão que a sorte era algo que uns não tinham.

TUCSON, ARIZONA

UM MOTORISTA AGUARDAVA Ramsley e Luiza no saguão do Aeroporto Internacional de Tucson. Após se identificar, levou-os até um carro Lincoln Town Car, preto e sóbrio, como o senador pedira. Em pouco mais de cinquenta minutos de estrada chegaram ao resort Miraval em Catalina. Apresentaram-se a uma recepcionista e ela os acompanhou até a suíte do centenário Mabus.

Ramsley preocupou-se ao ver Mabus.

O velho amigo comentara ao telefone que estava se sentindo mais fraco nos últimos dias, mas Ramsley não esperava vê-lo respirando com o auxílio de um cilindro de oxigênio. Assim que viu Ramsley entrar na suíte com Luiza, Mabus retirou a máscara de PVC e ergueu a palma da mão com dificuldade para cumprimentá-los. O senador foi até ele e cumprimentou-o sem falar uma palavra.

De perto seu estado era bem pior do que o da última vez. O rosto tinha sulcos mais evidentes e suas pálpebras estavam inchadas. Mabus descansou os olhos em cima de Luiza e logo entendeu o que levara Ramsley a visitá-lo de novo em tão curto período de tempo.

— Tenho acompanhado as coisas... — disse Mabus com a voz fraca e sem tirar os olhos de Luiza. — O professor embarcou em um navio de cargas... E desapareceu do navio. Lamento informar que não tenho como obter mais informações sobre seu paradeiro.

— Mabus, se você não tem informações, então ninguém mais tem. Sou grato a você por nos receber. Ficaremos para o jantar — disse Ramsley.

Mabus tocou a palma da mão na cama duas vezes, pedindo a Luiza para se aproximar.

— Sei quem você é.

Luiza sorriu calorosa. Em seguida, Mabus pegou sua mão.

— Peço desculpas... Por ter destruído a sua vida.

Luiza franziu a testa e olhou para Ramsley, que não fazia a menor ideia do que Mabus queria dizer.

— Não entendo por que disse isso — respondeu Luiza de maneira amistosa.

Ramsley caminhou até a ponta da cama, aos pés de Mabus, de maneira a ficar de frente para o seu conselheiro mais valioso. Luiza, como sempre, aguardou serena por maiores explicações. Mabus soltou sua mão e relaxou os braços. Virou a cabeça para Ramsley.

— O segredo permanece oculto para a maioria das pessoas.

Ramsley e Luiza pareciam perdidos.

— Que segredo, Mabus? — perguntou Ramsley.

— A combinação de rituais... que resultam na escravização das massas.

— Não é necessário nos dizer nada agora.

— Preciso falar...

— Senhor, por que me pediu desculpas? — ela quis saber.

— Tem sido assim há milênios... — disse Mabus, olhando para o teto e fechando os olhos por um momento. — A fórmula combina brutalidade física e mental... Para traumatizar a vítima.

Luiza ergueu o olhar, ela conhecia aquilo do fundo da alma. Mabus aproveitou e respirou algumas vezes o oxigênio. Depois, continuou, entre didático e indignado.

— O uso de poções mágicas, que hoje chamamos de remédios, e de feitiço, que conhecemos como hipnose, através da televisão... É assim que as principais agências de inteligência e as corporações controlam as pessoas... Às vezes até nações inteiras.

Ramsley observava Luiza. Ela ouvia cada palavra de Mabus como se eles estivessem em uma realidade apenas conhecida por eles.

— Nasci na Alemanha... Acompanhei durante minha infância inteira a causa nazista. Não tive opção. Eu tinha familiares muito ligados à ideologia, alguns muito violentos... Vim para os Estados Unidos ainda jovem com outros oficiais e cientistas. Naquela época, as fronteiras éticas deixaram de existir... Depois entendemos a monstruosidade que aquilo significava.

Sem mexer os olhos, Mabus colocou a máscara sobre o rosto e respirou um minuto inteiro antes de voltar a falar. A revelação de que fora, um dia, de uma família nazista, deixou Ramsley mais surpreso do que Luiza. Para ela, no fundo, não passavam de homens. Os rótulos não conhecia bem, e nem faziam muita diferença.

Mabus afastou a máscara.

— Ajudei a fundar e a organizar algumas das mais importantes agências de inteligência dos Estados Unidos. Trouxemos nosso conhecimento e continuamos a desenvolver nossas tecnologias e projetos. Alguns, no entanto, ainda viviam a ideologia... Um horror!

Mabus girou o olhar para Luiza.

— Posso te afirmar, minha cara, que conheço bem o projeto de controle mental do qual foi vítima. O programa é herança nazista desde o princípio.

— Eu sei. Informavam-me orgulhosos de que se tratava de uma invenção nazista, só que aqui é os Estados Unidos... Fui programada para atuar sexualmente — confirmou Luiza. Mabus assentiu, sabendo muito bem o que aquilo significava.

— Vá para o Canadá... Sei que um juiz da Corte Federal decidiu que pessoas receberiam compensações pelos experimentos mentais sofridos... Procure essas pessoas, terá o apoio que precisa.

— Vou pensar a sério — disse Luiza.

Os olhos de Mabus voltaram a olhar para o teto e para o passado.

— Em casos de sucesso, conseguíamos remover todas as convicções morais... Até mesmo anular as inibições sexuais da pessoa controlada. Era parte do nosso arsenal de inteligência. Não víamos pessoas como, bem... pessoas. A questão da segurança nacional era a desculpa que todos tínhamos na ponta da língua, o que, é claro, levou a abusos e crimes.

— Por quê, Mabus? — perguntou Luiza de forma cândida. Aquilo, somado à uma ingenuidade franca, partiu o coração do velho ancião.

— Para controlar nações. As tribos do mundo estão em guerra.

— Por quê?

— Por causa de nosso próprio medo... Sempre o medo!

Ramsley se aproximou de Luiza e de Mabus. Ele olhou ao senador.

— Tudo isso que lhe conto aconteceu há apenas algumas décadas atrás. Ou seja, ontem.

— Tem razão.

— O mais importante a saber é que nada, a rigor, mudou. Ao contrário, progrediu.

— Nunca desejei tanto que você estivesse enganado.

Mabus ergueu uma mão, “espere, não acabei”.

— As pessoas não falam sobre isso... É como se houvesse uma regra velada. O controle começa na população, através da educação e dos meios de comunicação, e segue até as mais altas esferas do congresso, do judiciário e do executivo. Tudo o que é determinante está sob influência de forças ideológicas... A palavra limite não fazia parte de nossa realidade, e depois de um tempo, deixou de existir.

— E você, no que acredita?

Mabus percebeu que seu “julgamento” começara com a pergunta de Ramsley. A verdade é que Mabus nunca fora um nazista e detestava ter vivido naquele ambiente quando jovem. Apenas fora levado a participar em razão das circunstâncias e da falta de opção. Fora contra a perseguição das minorias e procurou se afastar das lideranças quando compreendeu a natureza eugênica dos líderes.

— Depois de um tempo — algumas décadas, eu diria — despertei...

Mabus parecia muito arrependido, quando de novo colocou a máscara de oxigênio sobre o rosto. Era impressionante ver o ancião de 107 anos buscar o olhar de Luiza, para uma condenação final, ou quem sabe, para um perdão magnânimo.

— Nunca sofri qualquer tipo de controle — comentou Ramsley, incrédulo.

— Você nunca foi um problema para eles, meu bom amigo... Ao contrário, lutou pela liberdade e no processo, ajudou a indústria a vender muitas armas. Acredite, você teve sorte e caráter.

Ramsley pensou em protestar e dizer que sua única preocupação foi em proteger a constituição americana e os direitos do cidadão em se defender. Mas a fisionomia de Mabus o inibira de qualquer confronto.

— Eles quem? — perguntou Ramsley. — Você disse que eu nunca fui um problema para eles.

Mabus parecia mais exausto quando voltou a falar.

— Os mágicos e feiticeiros... os mestres da propaganda... os donos da máquina de imprimir dinheiro e leis... os doutores do ocultismo... Foi-se o tempo em que as coisas tinham valor real, e o dinheiro tinha algum lastro.

A descrição ia ficando confusa.

— Quer descansar, Mabus? — perguntou Ramsley.

— Sim. Por favor — disse quase sem voz, sinalizando para que eles saíssem.

— Telefone assim que puder.

Luiza permaneceu ao lado da cama, olhando o ancião. Depois de alguns segundos, Mabus percebeu que ela permanecia ali e temeu girar seu rosto em direção a ela. Talvez ele tivesse a condenação que imaginasse merecer, mas àquela altura não faria diferença. O estrago estava feito.

Quando os olhos de Mabus encontraram os dela, foi difícil compreender o que ela sentia. Com cuidado, Luiza inclinou o corpo para frente. Ramsley acompanhava cada gesto temendo o pior, de modo que deu alguns passos de volta em direção à cama. Ele não conhecia Luiza o suficiente. Um segundo ou dois se passaram, permitindo que ela apoiasse as duas mãos sobre a cama e avançasse sobre o corpo de Mabus. O golpe final, saído do âmago de seu espírito, atingiu Mabus com uma intensidade que ele não poderia ter previsto em sua mais livre fantasia.

Luiza se aproximou do rosto do ancião, que afastou a máscara de oxigênio e fechou os olhos. Os lábios dela, suaves, atingiram sua testa com calor, e estalaram de leve. Em seguida, afastou-se dele e da cama. Mabus não teve coragem de abrir os olhos, uma lágrima falou por ele.

- CAPÍTULO 61 -

CAIXA “MADE IN CHINA”

UMA CAMINHONETE FORD deixou a entrega que continha os cilindros de papelão em seu destino final. Lucas, em momento algum, sentiu o incômodo da viagem porque permanecera desacordado após o impacto da queda.

Os olhos se abriram e ele sentiu a cabeça pesar, além de uma forte dor nas costas. Moveu-se afundou um pouco mais entre os cilindros. Foi quando se lembrou de que permanecia enclausurado. Isso deve ser um pesadelo!

Teve uma forte ansiedade, de repente, seguida por falta de ar — sinais de um ataque de claustrofobia que, até então, não sabia sofrer. Controlar-se foi um desafio. A respiração levou alguns minutos até desacelerar, e então, concentrou-se em perceber sinais de sua nova localização. Nada se mexe.

Como não havia luz alguma, supôs que fosse noite, ou que estivesse em um novo local fechado, como um armazém ou um depósito. A grande diferença de antes era que agora havia uma total estabilidade. Não estou mais no navio.

Deixar o *Galactic Seas* era, na realidade, o seu primeiro passo. Em outras palavras, ele conseguira o que parecia impossível. Escapara. A constatação trouxe-lhe uma excitação momentânea. A respiração, no entanto, continuava forte. Ele poderia estar em um armazém que pertencesse ao pessoal de Roy ou de Frank. Havia sons que lembravam os de uma cidade. Inspirou e expirou algumas vezes. O som da respiração era tão abafado que o atrapalhava, na hora de decifrar o que ouvia. Devagar, o ritmo foi baixando. Cinco longos minutos se passaram sem que ele mexesse um só músculo.

Uma buzina grave. Depois, várias buzinas com diferentes intensidades de agudos. Estou em uma cidade de porte considerável. Motores de veículos. Pneus cantando. Distantes, quase inaudíveis, mas constantes e variados. Com certeza uma cidade grande.

O próximo passo seria um só. Sair da caixa. Sem pensar muito, encolheu as pernas até onde os joelhos encontravam a barriga. A dor na coluna, descobriu, era intensa, mas o movimento seguinte, nascido de um súbito e incontrolável desespero, não esperaria. Com todas as forças que conseguiu reunir, Lucas soltou as pernas e tentou abrir a tampa frontal da caixa com um chute, mas o resultado foi longe do esperado. A tampa de madeira não apenas ignorara sua tentativa, como a lesão nas costas aumentara com intensidade. Lucas ficou perto de desmaiar de dor. Para piorar as coisas, o grito dentro da caixa souou abafado. Quase insignificante.

— Socorro... — ele berrou, apenas por instinto. Pela obrigação de tentar.

As dores e a descoberta do efeito nulo de sua voz arruinaram seu otimismo relativo, quando ousou comemorar a pequena vitória de escapar do navio. Prostrado entre os cilindros, Lucas voltou a escutar horrorizado apenas a própria respiração, ofegante como a de um animal prestes a ser abatido, que foi desacelerando devagar nos minutos que se seguiram até ser tomado pelo abatimento.

Eu só queria ir à Lua, conseguiu pensar minutos mais tarde. E agora estou trancado dentro de uma caixa de madeira sabe-se lá onde... Ao mesmo tempo, achou sua autopiedade repugnante, procurando rechaçá-la no instante seguinte. O stress o deixara fraco e ele sentiu náuseas.

Bum! Bum! Bum!

Era um som abafado. Vinha de longe. Era preciso se concentrar. Estava começando a perder os sentidos de novo, ao ser despertado por uma série de explosões, jogando adrenalina em sua corrente sanguínea. As explosões ficaram fortes... E mais próximas! Dava para sentir as vibrações nas suas costas.

Poderia ser um incêndio em outras caixas. Ou, em algum campo de guerra. Enquanto tentava entender, as explosões atingiram o ápice, passando perto de onde estava e continuando além dele, diminuindo a intensidade e se distanciando, até que cessaram, e Lucas voltou a escutar a própria respiração ofegante e abafada. Preciso de ar fresco, ou vou morrer.

Tentou refazer em sua mente o possível trajeto que o *Galactic Seas* fizera. O navio partira em direção ao Atlântico desde o Porto de Nova Orleans, no sul dos Estados Unidos. Pelo tempo percorrido, julgou que tivesse atravessado o Oceano Atlântico. Talvez estivesse em algum país africano no norte do continente, mas também seria possível estar em alguma ilha do Caribe, ou, em algum país da América do Sul. A verdade é que era difícil calcular sua localização apenas pelo tempo. Ele havia perdido a noção.

Novas explosões. E tiros. Com certeza de metralhadora ou fuzil. Quem está em guerra? Desta vez os sons pareciam mais distantes. Ele tocou na caixa de madeira com a mão e pôde avaliar as vibrações de forma mais nítida. Não era um especialista em guerra, mas tinha a clara noção de que explosões com duração prolongada só podiam se originar de bombardeios a partir de submarinos, aviões ou navios carregados de mísseis.

Enquanto sentia as trepidações, procurou pelo barulho de aviões, mas nenhum ruído indicou a presença deles na área. As munições eram lançadas de longe. Se cair uma bomba aqui dentro...

O oriental Chao sumiu de seus pensamentos. Lucas tinha o reitor Sullivan na cabeça. Seria fácil perguntar a ele, onde, no momento, existiriam conflitos armados no mundo. Chegou até a se lembrar de ocasiões quando conversaram sobre isso. Era incrível saber que havia dezenas de conflitos armados acontecendo em várias partes do planeta, e que nem mesmo tinham espaço nos noticiários. Ele daria tudo para saber onde estava, e mais ainda, para conseguir respirar ar fresco. Aproximou o nariz de uma fresta da caixa, mas foi inútil.

Aquela altura, as explosões já duravam, pelo menos, dez minutos. A pobre cidade deveria estar arrasada. Ocorreu-lhe que talvez Chao mentisse a respeito dos cilindros que o envolviam dentro da caixa. Considerando o cenário de guerra aonde parara, era provável que ele estivesse não em uma caixa com fogos de artifício, mas com bombas de verdade ou algum tipo de munição. Pela primeira vez teve raiva do oriental. E se ele o tivesse traído? Talvez Chao tivesse um bom lucro desviando mercadorias vivas de seus patrões. Que eu esteja enganado...

Ele estava um caco.

Lucas não ingerira água desde a noite anterior. A sede apareceu de repente. Forte. Se estivesse em casa, correria até a geladeira, pegaria uma cerveja e se refrescaria sem pressa, assistindo televisão. Mas ali dentro, era outra história. Não passava de um animal enjaulado, talvez um repositório vivo de órgãos. Avaliou que talvez estivesse há umas doze horas sem água. Mas por causa do estresse e das lesões, aquela já era de longe a maior sede que sentira na vida.

Fechou os olhos. As atividades do lado de fora do seu mundo pareciam não terminar. Ao contrário, se intensificavam. Havia veículos nas proximidades. Mais de um tipo. Agora davam a impressão de estarem manobrando dentro de que soava ser uma garagem ou algum tipo de indústria, embora estivesse quase convicto de que estava mesmo é num armazém. Foi quando escutou vozes pela primeira vez.

— Ei! Alguém aí me ouve?! — gritou sem pensar.

O esforço continuava a ser inútil, o que levou de volta à mesma frustração de momentos antes, só que desta vez com intensidade redobrada. Não dava para se iludir. Ninguém vai me ouvir aqui dentro.

Metal contra metal. Alguém estava mexendo no que parecia ser um cadeado. Uma porta de correr

começou a se abrir. Luzes preencheram o local e penetraram pelas frestas da caixa. Luzes naturais. Era dia. Lucas se esforçou para permanecer calado. Identificou o som de um pequeno caminhão. Típico de um motor a diesel, acelerando e se aproximando. A porta do veículo se abriu. Alguém desceu sem desligar o motor.

— Socorro! Estou aqui dentro! Por favor... Dentro da caixa!

Seus olhos se arregalaram e buscaram por um orifício para olhar, mas eram todas minúsculas. Seus dedos e unhas ralavam e se quebravam na madeira. Então, nova tática. Afastou os olhos e aproximou o nariz. Sentiu, mínima, uma leve lufada de ar renovado que veio de fora do armazém junto com o veículo, mas rápido afastou o nariz quando o cheiro de diesel tomou conta da caixa.

Passos recuaram. A porta do veículo fechou. Som de marcha à ré. Por favor, não vá...

Quando o veículo saiu, alguém do lado de fora arrastou a porta de metal, ao levar embora a luz e deixando Lucas sozinho com sua frustração, que era o sentimento mais frequente e perturbador que o acometia ao lado da sede.

- CAPÍTULO 62 -

WASHINGTON, D.C.

LUIZA TOMOU UM banho demorado na suíte de hóspedes da casa de Ramsley. Era noite. Nunca, em seus quase cinquenta anos de vida, experimentara tanto conforto sem oferecer algo em troca. Fosse por hábito, ou por ironia, conseguia administrar os sentimentos do topo de sua lista de prioridades. Sentia-se confortável na casa de Ramsley, aproveitando os mimos que lhe ofereciam, mas em nenhum momento deixou de se interessar pelo destino de Lucas e de seu próprio. Assim, como fora sua vida nos últimos anos, não sabia ainda o que faria após o banho, e menos ainda, após o jantar. Com o dia seguinte então, ela nem costumava se preocupar. Luiza nunca fizera planos, porque a oportunidade de sonhar e planejar o futuro jamais esteve no cardápio.

Saiu do banheiro e, no quarto, abriu uma sacola grande da Ralph Lauren que o valet deixara a pedido de Ramsley. Com naturalidade, tirou o jeans e adorou sua tonalidade, o suéter de caxemira terracota e um cardigã de lã. Vestiria o que estivesse na sacola, gostasse ou não, e em hipótese alguma se atreveria a reclamar. Bem poderia estar passando frio em uma prisão. Ou morta.

Mais um par de sapatos. Meias. Novo estojo de maquiagem. Outro perfume — Dior — e uma bolsa Hermès à tiracolo para o dia a dia. Valentino era mesmo metido, ou talvez o tratamento fosse ideia do senador, um homem solitário e, por certo, carente da companhia de uma mulher. Quem sabe, Ramsley projetasse os gostos da falecida mulher em Luiza. Para ela, nada no mundo seria capaz de surpreendê-la. De qualquer forma, sua energia estava com Lucas, e enquanto ele estivesse presente em seu coração, ela não olharia para os lados, mesmo que Ramsley fosse um prato cheio para as aproveitadoras de plantão.

Luiza se vestiu e desceu para encontrar o senador na biblioteca. A porta estava aberta. Ela viu o senador sentado próximo ao retrato do pai. A posição da poltrona era quase de costas para a porta, e ali Luiza permaneceu parada, observando. Havia apenas a luz de um abajur, tornando a biblioteca um tanto triste, o que era reforçado pela música clássica de Vivaldi que o senador ouvia em um antigo tocador de CDs. Sua cabeça apoiava-se sobre os dedos de uma mão, os olhos fixos em algum ponto na parede à frente, enquanto a outra mão segurava um copo de conhaque.

— Com licença — ela falou.

Ramsley girou o tronco na poltrona, o ruído do couro se juntando ao som ambiente. Fitou Luiza com inegável admiração. Sorriu. Sem dúvida, uma mulher presidencial.

— Entre — convidou Ramsley, indicando a poltrona que ficava próxima à sua.

Ela entrou e lidou bem com o fato de Ramsley não conseguir tirar os olhos dela. Não que estivesse sendo invasivo ou agressivo, mas ele não disfarçara o encantamento. De novo, Luiza não tinha certeza se ele via nela a projeção de Linda Ramsley. De qualquer forma, nada a intimidava. Tudo seria compreensível, Luiza tinha plena consciência de sua força feminina e conhecia em parte a história do homem solitário.

Ela, por fim, se sentou.

— Quer uma bebida?

— Obrigada. Mais tarde, talvez.

Ramsley gostava de ouvir Luiza falar. Sentia que ela tinha o hábito de dizer a verdade sem perder a amabilidade. Era uma mulher densa e com uma história de vida dramática. Sua elegância, considerando tudo aquilo, era espantosa.

— Um suco de tomate? — ela pediu com um sorriso cômico. Ramsley tocou a campainha e instantes depois o valet apareceu na biblioteca.

— Valentino, temos suco de tomate?

— Temos, mas está vencido, senhor.

— Aceito um pouco d'água — pediu Luiza olhando para a jarra que descansava na mesinha ao lado da poltrona de Ramsley. Uma bebida cairia bem, mas preferia permanecer lúcida.

— Vá dormir, Valentino — disse Ramsley, como se a noite estivesse só começando.

— O jantar está pronto sobre a mesa da copa. Se precisar de ajuda com o microondas, é só me chamar, senhor — o *senhor*, um pouco carregado.

Valentino adorava provocar Ramsley, que apenas o tolerava. Quando o valet saiu, Ramsley serviu um copo d'água para Luiza e olhou-a com intensidade.

— Você é mesmo uma mulher fascinante.

— Obrigada, senador. Mas não consigo deixar de pensar em Lucas.

E é bom que o senhor saiba disso.

— Nem eu. É que minha cabeça não consegue entender algumas escolhas.

— Por exemplo?

— Como uma mulher com a sua... biografia, digamos, escolhe alguém como o professor para refazer a vida. Isto é, estou partindo do princípio que esta seja a sua intenção.

— Esse é um departamento que nós, mulheres, costumamos ser mais bem equipadas que os homens.

— Como assim?

— Intuição.

— Ah, claro... Não dá para competir.

— Tenho um desejo de viver uma vida com alguém distante das pessoas do mundo que conheci.

— De pessoas como eu, presumo.

O discreto sorriso de Luiza dizia que, claro, Ramsley era, sim, uma dessas pessoas que tanto repudiava. Um político. Uma pessoa importante. Um homem com dinheiro. Mas a questão dos rótulos já havia sido superada. Ela não era uma puta, e ele não era um ladrão.

— Entendo o que quer dizer — disse Ramsley.

— O que o senhor não entende na minha escolha?

— Lucas me parece um pouco abaixo de sua inteligência. Não me leve à mal, mas, como o professor pôde ter aceitado alguém tão amador quanto Michael Crammer para realizar seu sonho de ir à Lua?

— O que tem de errado com o Michael?

— Tudo! Estava claro que ele era um atrapalhado.

— O senhor também escolheu ajudá-lo.

Luiza estava certa, mas Ramsley não explicaria as razões porque eram simplórias demais e não condizia com o status que ele ainda fazia questão de preservar. O fato é que ajudara Michael Crammer, porque assim ajudaria Lucas, a pedido de Sullivan. Se não fosse Crammer, ajudaria qualquer outra pessoa que Sullivan pedisse. Não importava.

Ramsley deu um gole no Courvoisier. Naquela noite estava bebendo moderadamente. A presença de Luiza o acalmava.

— Sullivan telefonou. Está aqui em Washington. Chegará aqui em casa a qualquer momento com notícias vindas do hangar da Crammer.

— Que notícias?

— Ele não quis me adiantar por telefone.

- Isso não deve ser bom.
- Parece que não.

A CONVERSA DALI para a frente ficou a cargo de Ramsley, durou quase uma hora. Falou orgulhoso sobre Linda e seu casamento sólido de tantos anos. Depois falou da carreira militar, da política, até que Valentino entrou na biblioteca para anunciar que alguém estava na porta de entrada. O relato da biografia de Ramsley teve que ser interrompido, foi uma pena. O senador estava se sentindo muito bem, como há tempos não se sentia.

O valet abriu a porta da casa e levou o reitor direto para a biblioteca. Após se cumprimentarem, Sullivan se sentou na ponta de um sofá que completava as poltronas onde Ramsley e Luiza conversavam. Olhou breve para Luiza, o que era quase inevitável, e por fim girou o corpo para Ramsley.

O senador achou que deveria explicar a presença dela ali.

— Está tudo bem. Luiza está conosco.

— Claro, Ramsley.

— Mas afinal, qual as novidades, Sullivan? Estamos um pouco ansiosos.

— A espaçonave Crammer Jet enviou um sinal.

— Quando?

— Achei necessário voltar a Nevada e gastar um tempo lá. Encontrei-me com o George no hangar, para ter certeza de que estava entendendo o que tinha me contado. O sinal chegou ontem.

— Isso é ótimo! — comemorou Luiza.

— O que mais, Sullivan? — o senador perguntou ansioso.

O reitor enfiou a mão dentro do casaco e retirou uma folha de papel dobrada, que entregou a Ramsley.

— Pedi ao George que imprimisse a mensagem. Não sei o que pensar dela.

Ramsley desdobrou o papel, colocou um par de óculos e leu. Ergueu os olhos ao terminar.

— Leia para mim, por favor — pediu Luiza.

Ramsley inspirou fundo e releu a mensagem em voz alta:

“Estamos bem. Cassilda funciona perfeitamente. Não retornaremos.”

Ramsley tirou os óculos e olhou para Sullivan.

— Isso é uma piada?

Luiza observava Ramsley atenta enquanto ele lia, de maneira que notou quando seus olhos caminharam por toda a superfície da folha de papel até a parte inferior, onde ele gastou a maior parte do tempo. Havia mais informações.

— Não faz sentido — disse Ramsley.

— Talvez faça ao se levar em consideração a foto — disse Sullivan.

— Qual foto? — quis saber Luiza.

Ramsley entregou a folha com a mensagem para Luiza. De fato, havia uma imagem no papel. Uma fotografia. Enquanto Luiza avaliava a mensagem completa, Sullivan e Ramsley procuram pensar juntos.

— Qual a possibilidade da mensagem ser falsa? — perguntou Ramsley.

— Em minha opinião? Grande.

— O que mais o George lhe disse?

— Ele apenas mostrou a mensagem em sua forma original, no computador.

Sullivan olhou firme para Ramsley. Fez sua “lição de casa” e queria que o senador soubesse.

— A mensagem pode e foi, segundo George, rastreada e identificada nos provedores de serviço e de

comunicação.

— E o que descobriram?

— Que não há nada fora do lugar.

— Então está me dizendo que ela é legítima.

— Ela é legítima até onde conseguimos verificar sua legitimidade.

— Verificaram todas as possibilidades de fraude?

— Não diria todas... Quem pode ter certeza, hoje em dia? Não podemos descartar intervenção de alguém que queira nos fazer de tolos.

— Que tipo de intervenção?

— Alguém pode ter simulado que a mensagem tenha partido da Crammer Jet.

— Não consigo entender porque alguém faria isso...

— Temos que achar o Lucas — disse Luiza. Ela não estava diretamente ligada à discussão, mas era o que lhe interessava.

— Entendo sua preocupação, Luiza. Mas ele não teria muito como ajudar.

— Pode ser que ele consiga explicar isso — disse Luiza erguendo o papel e o devolvendo a Ramsley.

— Quem são as pessoas da fotografia?

Sullivan pegou a mensagem da mão de Ramsley.

— O homem da direita eu tenho quase certeza que se chama Milton Walker.

— Quem é ele? — perguntou Luiza.

— O pai de Lucas.

Ramsley sabia muito bem quem era o homem. Sullivan entregou a mensagem a Ramsley e concluiu sua interpretação.

— Não vejo Milton Walker desde que era jovem, mas a semelhança é enorme. O homem da esquerda eu não conheço.

Ramsley voltou a colocar os óculos e leu a mensagem novamente. Procurou intercalar o olhar entre o papel e Sullivan.

— Crammer está nos informando que eles estão bem — disse Ramsley.

— Exato.

— Isso se aplica a ele, à mulher Suzanne e ao Dr. Walden.

— Correto.

— Também nos informa que a espaçonave Crammer Jet não tem problema algum.

— Funciona bem.

— Mas então, simplesmente diz que não voltarão?!

— É.

— Desculpe Sullivan. Isso é uma grande bobagem. Estamos lidando com um bando de amadores. Para mim a mensagem não tem valor.

— Ramsley, concordaria plenamente com você, exceto pela fotografia. E se for mesmo Milton Walker? O que uma fotografia do pai de Lucas, dado como morto ou desaparecido há décadas, está fazendo em uma mensagem de Michael Crammer?

— Por isso precisamos nos concentrar em achar o Lucas — insistiu Luiza. Era uma desculpa, mas justa.

Ramsley tirou os óculos e sorriu sarcástico.

— Sabe dizer se os profissionais do espaço entrarão em contato, de novo?

— O George não soube informar.

— Não estou surpreso...

— Segundo ele, não dá para prever nada depois que as comunicações começaram a ter problemas.

— Curioso porque o Michael Crammer informa na mensagem que tudo funciona “perfeitamente”. E

que nunca houve um “problema” de fato.

— Eis o nosso mistério, senador.

— Mas e a maldita fotografia?!

— Isso não é difícil, Ramsley. O George me disse que a Crammer Jet não usa um sistema de comunicação encriptado. Qualquer um pode entrar no sistema deles e fazer uma bagunça, sabe como é, carregar arquivos, vírus e o diabo.

— Podiam ser um pouco mais cuidadosos, droga!

— Para que seriam?

— Porque agora não estaríamos discutindo o sexo dos anjos!

— Ramsley, eles não estão em uma missão militar. O Michael Crammer é, no sentido mais puro da palavra, um amador. Não é como se estivessem desenvolvendo alguma tecnologia sensível ou tivessem algum inimigo.

Ramsley se levantou. A cabeça não parava de balançar. Sullivan culpou-se.

— Lamento tê-lo envolvido, Ramsley.

— Você não tem culpa.

— Temos pessoas desaparecidas — ponderou Luiza.

Os dois se olharam. Ela estava certa. Brincadeira ou não, teriam que prosseguir.

— Precisamos decidir o que é mais importante agora — disse Ramsley.

Sullivan cerrou os olhos.

— Estou com uma hipótese que gostaria de verificar.

— Ora, fale!

— Ouvi rumores de que Michael Crammer esteja endividado.

— E o que isso tem a ver? Resolveu se esconder na Lua?

Sullivan esticou os lábios num sorriso irônico.

— Não sei... Mas, me ocorre que talvez ele estivesse planejando sumir.

— Como?

— Apenas... sumindo, Ramsley.

O senador se deu um momento para considerar a hipótese.

— O quão endividado?

— Como sabemos, Michael é uma espécie de fanfarrão. Estive em Scottsdale depois que saí do hangar. Todo mundo que conhece Michael Crammer sabe que ele está endividado além da insolvência civil.

— Só se estiver devendo dinheiro para a máfia ou algo assim.

— É quase isso, me parece. Eu soube que Michael emprestou dinheiro de um, digamos, importador de pó branco do Arizona. Prometeu mundos e fundos garantindo que o retorno publicitário da viagem à Lua renderia pelo menos cinco vezes o valor do empréstimo.

— Que palhaço...

— Nos bares e igrejas na cidade, corre solta a informação de que Michael não pagara um empréstimo grande na data prometida e estava jurado de morte pelo importador mexicano.

— Um idiota de primeira!

— Mais uma vez, lamento ter levado você a se envolver com ele, Ramsley.

— Bem, está feito... Agora vamos ao que é possível, Sullivan. Crammer não vai se esconder na Lua e nem em Júpiter.

— Não tenho dúvida disso.

— Ou a Crammer Jet se perdeu no espaço por algum infortúnio, ou então terão que retornar em algum momento, certo?

— Com toda certeza.

Ramsley se aproximou da prateleira onde observou o retrato do avião Boeing KC-135 que havia pilotado na Guerra da Coréia. Assim como Michael Crammer, o senador fora um aviador durante vários anos. Ao contrário dele, fora um aviador profissional. Cerrou os olhos e virou-se para Sullivan e Luiza. Os dois podiam notar um leve sorriso no olhar de Ramsley.

— Crammer planejava retornar da Lua e pousar no mesmo local de onde decolou, não é isso?

— O plano era esse. George confirmou comigo.

— Mas nada impede que ele pouse a Crammer Jet em outro.

Sullivan entendeu onde Ramsley queria chegar.

— Sim, é uma espaçonave pequena. Ele poderia pousar no deserto do Atacama na América do sul; no deserto da Namíbia na África; em algum ponto do Saara, em Gobi ou na Austrália.

— Filho da mãe! — disse Ramsley.

O senador se serviu de conhaque e olhou para Sullivan. O reitor sorriu indicando que aceitaria um drink também. Luiza não entendia o que comemoravam. Lucas continuava tão desaparecido quanto estava minutos antes.

— Talvez esteja mudando de identidade — disse Sullivan após receber um copo de Courvoisier.

— Não funcionaria.

— Muita gente ainda aposta nisso, Ramsley.

— Ele poderia mudar o nome legalmente e talvez até o número de seguridade social, mas a nova identidade estaria linkada ao arquivo do computador que contém os dados da velha identidade. Aqui nos Estados Unidos, essa estratégia não duraria muito tempo. Teria que ser bastante peitudo para seguir este tipo de caminho, a não ser, é claro, que esteja pensando em morar em outro país.

— Bem, sabemos que ele é aventureiro e que a mulher é capaz de ir com ele até a Lua se for necessário...

— É. Sabemos. Mas se for isso, o que ele fará com o Dr. Walden?

O Dr. Tomas Walden fora despedido pelo próprio Sullivan, anos antes.

— Walden é outro infeliz em ruínas. Perdeu o apoio da família, contratos de consultoria importantes e foi excluído da comunidade científica. Não teria nada a perder se resolvesse pegar uma carona com o Michael. Pode até estar recebendo algum dinheiro e ter embarcado para ajudar o Michael a dar a impressão ao importador de pó de que a viagem era legítima.

— Não acabou de dizer que Walden é ignorado pela comunidade científica?

— Sim, mas para quem não é da comunidade, Walden continua sendo um ganhador do prêmio Nobel...

Ramsley assentiu.

— Uma fuga explicaria em parte porque Crammer decolaria sem ao menos ter uma resposta sobre o paradeiro do professor. Se pensarmos bem, não havia necessidade de partir daquele jeito. Por que a urgência? Poderiam ter esperado um dia ou dois, não?

— É evidente que sim!

Ramsley finalizou a bebida com um gole e franziu a testa, vencido.

— Fui parte deste projeto, Sullivan... Odeio ter que lembrar, mas fui eu quem abriu os caminhos necessários. Confesso que não valeu a pena... Estou cansado, fora do projeto. Não falo dele, não respondo mais por ele. Por mim, acabou — disse, largando a folha com a mensagem sobre a mesa, junto ao copo d'água de Luiza. — Desculpe, vou me retirar.

Sullivan acompanhou o amigo sair da biblioteca e depois se levantou.

— Bem, acho que não tenho mais nada a fazer.

— O que faremos? — perguntou Luiza.

Sullivan deu de ombros e se levantou.

— Por enquanto vamos aguardar... Boa noite, Luiza. Vou para o meu hotel pensar.

Sullivan se retirou e Luiza viu-se sozinha na biblioteca de Ramsley. Os homens haviam se retirado. De uma hora para outra, o problema não tinha mais dono. Luiza olhou para a mensagem, abandonada na mesinha redonda, e apanhou-a. Olhando para o papel, decidiu que aquele problema agora tinha um novo dono. Pelo menos teria com o que se ocupar no dia seguinte.

- CAPÍTULO 63 -

DESERTO DE NEVADA

VINTE E DOIS aviões KC-135 se alinharam um após o outro na pista de decolagem da medonha empresa Stratoshaper, em direção a vários aeroportos de cidades de médio e grande porte nos Estados Unidos.

Os aviões partiriam e pousariam nas cidades estabelecidas, se reabasteceriam e aguardariam ordens para decolar de novo e contaminar pessoas inocentes. As tripulações permaneceriam de prontidão nas próximas horas e nos próximos dias, ou até ser necessário. Eles — pilotos, copilotos e operadores — não faziam a menor ideia do plano, ou o que estavam carregando naqueles aviões. A única informação que havia era de que se tratava de partículas de alumínio que tinham o nobre objetivo de ajudar a resfriar o planeta, no “justo” combate ao aquecimento global. Também seriam informados que encontrariam pessoas contrárias ao bem do planeta, de maneira que era muito importante manter segredo sobre as atividades. Portanto, trabalhavam na crença de que participavam de uma experiência salvadora de vidas humanas. Era óbvio que se tivessem ideia do que carregavam em seus aviões, nenhum deles sairia do solo.

Compartimentalização. Pilotos eram pagos para pilotar e ponto.

Na Stratoshaper Aviation, apenas o dono e outro diretor sabiam o exato conteúdo do carregamento dos aviões. As demais centenas de colaboradores não sabiam. Essa era a rotina dentro da Stratoshaper.

Mas o plano estava desenhado. Oliver de Bouvier, o novo Secretário de Defesa, cumprira seu papel de coordenação das áreas militares e de inteligência. Agora se limitaria a monitorar as atividades dos espaços aéreos determinados. Para todos os efeitos, o nome do exercício militar de “simulação” de ataque biológico ganhou o nome de Operação Silfos, por sugestão de Roy. Um dia, quando as máquinas de absorção de dióxido de carbono se espalhassem pelas principais cidades americanas, alguns se lembrariam de que a operação de simulação e a tal máquina compartilhavam o mesmo nome. Seria uma espécie de piada interna entre eles.

A Fundação já preparara o financiamento para a produção das máquinas e já dera o sinal verde para o secretário de Defesa antes mesmo de sua posse, que por sua vez, comunicou a Roy que a bola estava com ele. Maravilhado com o ótimo andamento da parte burocrática, Roy informou Frank da evolução do plano e ambos negociaram a contratação dos voos da Stratoshaper, definindo que cidades seriam atingidas e o efeito desejado do agente biológico lançado no ar.

Apenas dois dias foram necessários para que a operação se materializasse. Como sempre, as trilhas químicas deixadas pelos aviões da Stratoshaper foram notadas por uma parcela pequena da população e documentadas por uma parcela ainda menor de curiosos e teóricos da conspiração. Comentários e artigos tornaram-se mais frequentes em sites de notícias independentes. TVs regionais fizeram reportagens nos dias seguintes, algumas de qualidade, outras sensacionalistas. Foi assim que mais um relato sobre *chemtrails* foi tratado — como uma distração temporária.

Por falta de qualquer evidência conclusiva sobre o “fenômeno” aéreo, apenas uma ou outra rede de TV nacional chegou a cobrir de maneira mais séria, porém breve. Ninguém poderia alegar que as

chemtrails não tiveram sua chance em rede nacional ou que estivessem sendo — imagine só — acobertados.

Ao mesmo tempo, o filme *Lungs* acabara de conquistar um dos mais respeitáveis prêmios de cinema europeu e estava de novo no centro das atenções do entretenimento americano. O filme, cujo vilão atendia pelo nome de poluição, dividiu a atenção dos noticiários com um problema que era ligado ao tema que ele explorava: o aumento súbito e preocupante dos casos de gripes, pneumonias e doenças respiratórias, que ganharam o tempo e a atenção das principais redes de TVs nacionais.

Os casos não só eram informados pelas autoridades locais e nacionais de saúde, como podiam ser confirmados por ferramentas de busca e tendências da internet. O mesmo episódio de Denver foi replicado em outras duas dezenas de cidades. Em menos de vinte e quatro horas, uma “verdade” fora definida e amplamente divulgada, de acordo com o esperado, pelos executores do plano. O medo mais uma vez se impôs. Já não existia qualquer dúvida de que uma ameaça mortal de epidemias respiratórias assolava a nação, que o responsável por aquilo era a poluição, e com certeza algo deveria ser feito de imediato, diferente e efetivo.

Pessoas estavam morrendo. O congresso e o executivo teriam que se mexer. A Organização Mundial da Saúde, braço das Nações Unidas responsável pela saúde dentro do sistema da organização, em conjunto com os principais laboratórios farmacêuticos do mundo, definiram as estratégias para controlar a epidemia e evitar uma pandemia de consequências catastróficas. Com a rapidez das emergências, vacinas fabricadas por estas empresas seriam utilizadas em larga escala. As vacinas salvariam dezenas de milhões de pessoas e ao mesmo tempo deixariam alguns acionistas bastante felizes. Uma campanha de vacinação foi, então, rapidamente organizada e implantada. Decidiu-se que a vacinação não seria opcional, mas mandatária. Era uma questão de segurança nacional. Quem não tomasse, infringiria a lei.

O medo fora criado e *Lungs* virara uma espécie de filme-símbolo, lembrando a todos que as vacinas eram importantes, mas paliativas, e que o verdadeiro vilão — a poluição — deveria ser confrontado de uma vez por todas. Era preciso cortar o mal pela raiz. O público sabia muito bem o que era necessário para se combater um vilão tão terrível: um herói à altura.

NO GALPÃO DA Cougmann, em um pódio tendo a máquina Silfos ao fundo, Roy trabalhava para vender sua solução de combate à poluição a uma comissão especial com doze congressistas, alguns deles na folha de pagamento da Fundação.

Os dados haviam sido previamente enviados e demonstravam, acima de qualquer dúvida, que as máquinas Silfos dariam conta do recado. A comissão estava apenas fazendo a checagem in loco da máquina que todos comentavam em Washington, e que posteriormente alcançou status de celebridade nacional quando as redes de TV venderam a ideia de que Silfos era uma forte candidata a ser a grande solução que todos ansiavam. O herói que derrotaria a poluição.

Quando sentiu que a parte técnica da máquina fora exposta, e após perceber o primeiro bocejo entre os congressistas, Roy lembrou aos seres humanos ali presentes sobre a importância do ar, no caso de alguém ter se esquecido de como o ar era vital para a sobrevivência de todos.

— Mas não se trata apenas de combater a poluição que criamos, senhores. O fato é que os dados sugerem que a taxa de diminuição do oxigênio do ar que respiramos se encontra em pleno declínio.

Roy notou um segundo bocejo. Era preciso impressionar mais.

— Em poucas palavras, estamos ficando sem ar respirável. No passado, quando tínhamos mais oxigênio para respirar, as criaturas da terra tinham tamanhos gigantescos, mas isso não é mais o que acontece.

Roy evitaria um terceiro bocejo em cima da hora.

— Já ouviram falar das zonas mortas dos oceanos? Há mais de quatrocentas no mundo inteiro! São

locais onde o oxigênio é tão reduzido que a vida simplesmente não existe... Que tal isso como um sinal?

Os olhares ainda transmitiam sacrifício.

— Querem outro? Desmatamento. Diminuíram, é verdade, mas não acabaram. Menos árvores, menos absorção de dióxido de carbono. Está tudo detalhado no dossiê que enviei aos senhores. Portanto, temos a opção de cruzar os braços, ver nosso oxigênio dizer adeus e esperarmos sentados as mortes em massa que com certeza ocorrerão ao redor da Terra, ou, decidimos agir enquanto há tempo. O que querem os que empurram a decisão para as gerações futuras, ver nossos níveis de oxigênio caírem dos atuais 30 por cento para o que — 10 ou 5 por cento?!

Alguns olhares já eram trocados entre os congressistas.

— Vamos esperar até que o ser humano morra asfisiado? Conseguem visualizar? Milhões de pessoas com falta de ar, porque não importa o quanto se inale, pois não há oxigênio suficiente para manter a vida humana funcionando!

Quando os olhares se tornaram tão atentos quanto Roy gostaria, e um silêncio lúgubre atingiu seu ápice, Roy saiu de trás do pódio, dando por encerrada a apresentação formal. Foi ter um corpo a corpo com cada um dos políticos presentes. O clima ali não poderia ter sido mais favorável. Ele trabalhara ativamente para criar aquele momento. As doenças respiratórias apareciam todas na mídia e havia notícias de pessoas morrendo. Parentes de políticos vociferavam e cobravam medidas concretas. A opinião pública escutava e aguardava providências. O filme *Lungs* estava para se tornar um clássico. Dados científicos alarmantes se espalhavam mais rápido que as próprias epidemias que eles criavam. Tudo conspirava a favor de Roy.

Além do mais, os congressistas tinham o poder de fazer deles próprios heróis. Bastava uma decisão, dinheiro não seria problema. Prestação de contas era uma ginástica que se limitava a contadores e auditores, mas na vida real do governo bastava imprimir mais dinheiro sem lastro que tudo estaria resolvido. As consequências econômicas, como sempre, ficariam para as próximas gerações. Para facilitar ainda mais, alguns congressistas ali presentes eram clientes de Frank Ballard, o que na prática significava que eram reféns de suas próprias perversões e crimes, registrados no banco de chantagens de Frank. Eles teriam que votar à favor da Silfos.

A ligação de Roy com o amigo, por sinal, se fez bem evidente no momento certo, e todos ali sabiam que aquela viagem até o galpão da Cougmann em Arizona City fora para se fechar o negócio. Com todos contribuindo uns com os outros — e dinheiro não faltaria para ninguém — e com as peças remanescentes, como dados científicos e opinião pública favoráveis, e tudo mais em seus devidos lugares, o negócio fora, enfim, fechado.

OITO BILHÕES DE dólares. O número era um valor de pedido altíssimo até mesmo para grandes multinacionais, quanto mais para um grupo como a Cougmann Corporation. Aquele era o montante que a Comissão do Congresso prometera aprovar em caráter emergencial, e que faria de Roy um cidadão extremamente rico. O valor dizia respeito apenas à encomenda inicial de trinta e duas mil máquinas que o governo central financiaria para estados e municípios, e que seriam distribuídas de acordo com o número de habitantes e os níveis de poluição de cada lugar. As regiões que recebessem as máquinas poderiam cobrar um imposto que ainda seria votado e regulamentado, e que serviria para reembolsar o governo central com sua arrecadação.

Aquele pedido era mais do que suficiente para Roy comemorar. É o meu primeiro pedido e o mais importante! Não só era imenso, mas se aprovado, como tudo indicava, abriria o caminho para pedidos subsequentes de centenas de milhares de máquinas para o resto do país e, quem sabe, para outras regiões do planeta onde a Fundação tivesse influência.

Com todo o cuidado, Roy acompanhou os congressistas até os veículos estacionados fora do galpão.

Em nenhum momento daquela exposição demonstrou entusiasmo empresarial, limitando-se e esforçando-se ao máximo para mostrar paixão apenas com a saúde pública e com o bem estar das pessoas, além, é claro, de demonstrar a viabilidade técnica da Silfos. Apenas quando os congressistas se retiraram em comitiva e Roy fechou a porta do galpão é que pode extravasar o que sentia.

Caminhou apressado para seu escritório dentro do hangar, longe dos olhares de seus funcionários, e se fechou. Oito bilhões... Foi repetindo sem parar, faltando apenas se beliscar. O número produziu um efeito tóxico em Roy. Ao entrar na pequena sala e fechar a porta, ele teve que se agachar para controlar a euforia, e se pegou abafando um grito de comemoração que soaria inapropriado e ridículo para quem o ouvisse do lado de fora do escritório.

Depois disso, com a devida sobriedade, lembrou-se de sua mítica viagem ao Parque Nacional de Killarney, na Irlanda. Felicitou-se por caminhar a passos largos para a realização de um projeto, maior do que qualquer outro que ele pudesse se lembrar, se não em números, pelo menos em significado. Roy estava realizando a sua visão de futuro e avançando firme para se tornar o dono do ar, uma espécie de sheik da atmosfera.

- CAPÍTULO 64 -

CAIXA “MADE IN CHINA”

EXPLOSÕES E VIBRAÇÕES diferentes despertaram Lucas depois de longas horas de prostração. Além das dores, sentiu uma sede excruciante. Ao tentar se mexer, teve a sensação de que seu corpo pesava muito mais do que estava habituado. Levantou a cabeça e sentiu o mundo girar. Também sentiu o coração bater mais forte.

As explosões pausaram.

Lucas abriu os olhos e teve medo do que viria a seguir. Pelas frestas da caixa entravam luzes com tonalidades diferentes. Ele estranhou. Depois, teve a impressão de ouvir a voz de uma multidão em pânico, seguida de outro tipo de vibração que não conseguiu definir o quê. Apesar do abatimento, tinha suficiente clareza de que estava desidratado, e que poderia ter alucinações.

Ouviu algo novo. De novo. Parecia... música.

— Alguém... — disse sem conseguir ouvir a própria voz enfraquecida. *Alguém pode me ouvir?* Queria ter tido forças para dizer.

O que pensou ser música fora embora tão rápido quanto chegara, dando lugar a novas explosões. Desta vez, eram daquelas do tipo abafadas que ele tinha escutado antes, e que traziam uma vibração para dentro da caixa.

Bum-bum...Bum-bum...Bum-bum...

Talvez fosse mesmo alucinação, mas Lucas poderia jurar que aquelas explosões tinham lá o seu ritmo. Enquanto avaliava os sons e seu próprio discernimento — ou a falta dele — sentiu que o ar abafado no interior da caixa já não era mais aceitável. Cada inalação se tornava mais pesada. Preciso sair daqui...

Lucas mexeu no bolso da calça à procura de uma caixa de fósforos ou um isqueiro. Sua ideia era abrir um dos cilindros, torcer para que encontrasse fogos de artifício e não bombas, e utilizar as chamas de um dos fogos, que torcia para que fosse do tipo foguete, e usá-lo contra a tampa da caixa, como uma espécie de maçarico.

Pegou-se balançando a cabeça e dialogando consigo próprio. Não fumo e nunca fumei, não teria por que encontrar fósforos comigo! Acender um foguete pirotécnico dentro de uma caixa de madeira fechada?! Incêndio na certa. E se forem bombas? Loucura...

O tal som de multidão surgiu de novo, como um estrondo, e foi embora rápido. Estaria delirando? Uma voz poderosa ressoou distante, incompreensível. Lucas girou os olhos para cima e para os lados. As sutis tonalidades de luzes haviam desaparecido, embora ele tivesse convicção de que agora uma luz branca e quente estivesse rodeando a sua caixa. Que merda é essa?

DOIS HOMENS DE meia idade vestidos de índio chegaram ao depósito desesperados. Um era baixo e atarracado, o outro era alto e curvado. Olharam para todos os lados e se lamentaram diante da quantidade de caixas e restos de material de construção.

— Quem vai achar alguma coisa no meio de todos esses entulhos? — se espantou o mais alto.

— Nós. Vamos se virar, mermão! Quanto tempo ainda temos? — quis saber o índio mais baixo, enquanto que o mais alto, que completava a indumentária com uma estranha barba branca natalina, checou as horas em um relógio digital de fundo azul.

— Vixe... É tarde! — alertou enquanto partiram para um ziguezague frenético entre os entulhos e caixas.

— Tá vendo alguma coisa? — perguntou o índio alto.

— Tô não. Só tem bagulho, caraca!

— E aquilo ali?

O baixinho diminuiu o ritmo da busca até parar de vez, quando arregalou os olhos. O alto, que tinha o tique de alisar a barba postiça cada vez que ficava ansioso, alisou mais uma vez. A outra mão se ocupou em descansar apoiada na cintura.

— Tu tá de sacanagem, mermão... Vai ficar aí igual estátua? Nós vamos perder a parada. Vou tomar o maior pito da patroa!

Mesmo sob pressão, o menor não se mexeu. O maior, percebendo que o olhar de seu irmão de tribo estava como que em choque, girou o corpo na direção do olhar dele. Acompanharam juntos e agora espantados, quando um pequeno reflexo de luz que dava a impressão de ser uma bola branca flutuando sobre uma das caixas entre os entulhos apareceu no armazém.

— O que é isso, cara!

— Não sei... — respondeu o menor tirando o ridículo cocar da cabeça.

Fascinados, avançaram em direção à bola de Luz. O índio grande hesitou em seguir o amigo mas, pensando bem, era melhor do que ficar sozinho. Sem largar mais da barba, caminhou apressado na direção do menor, posicionando-se atrás dele — embora fosse quase uma cabeça maior — protegido do misterioso reflexo que flutuava a uma distância de talvez nove ou dez metros de onde estavam.

Com coragem, avançaram. Lentos, é claro.

— Isso aí é trabalho... Vamos nessa que não tô a fim de encarar macumba... Vamos embora. Tô falando! — disse o índio curvado.

— Cale a boca! — disse o baixinho líder.

— Então vai, herói... Vai em frente que eu tô logo atrás de você.

— Tô sentindo a ponta da tua barba na minha careca... Dá um tempo, pô!

Quando estavam a dois metros da caixa, tiveram impressão de o reflexo de luz ter subido uns centímetros, e então, desaparecer, como se ela tivesse se desintegrado em pleno ar. O maior travou de medo e parou de caminhar. O menor soltou uma risada de alívio e se divertiu ainda mais ao olhar o pavor do grandalhão atrás dele.

— Tão zoando com a gente. Isso é efeito de iluminação!

— Não sei... Quem garante?

O menor então apontou para uma lâmpada no teto do depósito, e para um pedaço de espelho quebrado que se encontrava largado em um entulho ao lado da caixa. Não explicava a fluidez da bola de luz, mas era uma opção que servia para esclarecer alguma coisa. Sem contar que havia muita cerveja circulando no sangue dos dois.

O baixinho caminhou determinado em direção à caixa.

— Olha só... Made in China. É a nossa caixa!

— Tudo aqui é Made in China, espertalhão.

— Não, não. Veja... É exatamente como a organização descreveu.

— Como vamos abrir?

O pequeno não se intimidava com nada. Com atitude de cacique, olhou para o entulho e logo encontrou um pedaço de ferro que usaria como pé de cabra. O alto se aproximou dele para realizarem o

esforço juntos, mas o olhar do menor deixava claro que estava cansado de sentir a barba branca do colega roçando em sua cabeça. O alto deu dois passos para trás e ficou em posição de ajuda moral. Ou seja, fazendo nada.

DENTRO DA CAIXA, Lucas parecia revigorado depois que observou a presença da luz. A sensação tida foi de que a sorte sorriria em breve para ele. Foi inevitável recordar do reflexo de luz que observara no *Galactic Seas*, apontando para o contêiner que escondia a mão de obra escrava. Ali entendeu que deveria fugir do navio o quanto antes, ou sofrer o mesmo destino daqueles homens e mulheres.

O fato é que a luz, quando aparecia, costumava ser boa, mesmo que fosse apenas fruto de alucinação. Sua boca ressecada o lembrou da falta de água crônica em seu organismo. Mas tinha certeza de que ao ver a luz no navio, estava em plenas condições físicas. Além do mais, a luz fluía da mesma maneira.

As explosões voltaram com toda força. Mas, agora, pareciam agradáveis aos sentidos. Não sinto mais medo... Que venha o meu destino.

Desta vez, a vibração foi tão forte que fez com que um prego da caixa de madeira pulasse para fora diante de seus olhos. Logo, se o prego que era prego conseguia se mexer, ele também poderia. Lucas se esforçou para erguer o corpo dentro da caixa, ficando de joelhos, com a cabeça inclinada para o lado, raspando no topo. Olhando fixo para a tampa frontal da caixa, viu o exato instante quando outro prego se soltou. Sozinho!

Lucas cambaleou. Independente do que acontecesse, a realidade é que mais pregos — um após o outro — foram se soltando. Então veio a luz, uma avalanche dela, que entrou forte dentro da caixa e o cegou. Em seguida, uma rajada de ar fresco revigorante... O melhor ar que respirara em toda a sua vida! Estranhamente, Lucas ouviu uma língua que ele conhecia muito bem e que praticava somente com a mãe e com Luiza: o português do Brasil.

— O que está fazendo dentro da nossa caixa?! — perguntou o pequeno índio rechonchudo, se inclinando para frente para checar a mercadoria e o estado físico do invasor.

Lucas respirou fundo várias vezes, sorvendo o ar como se fosse o alimento mais incrível que experimentara. Os índios, é claro, acharam que o sujeito da caixa estava doidão, mas foram pacientes e esperaram até que Lucas desse o primeiro passo para fora. O passo seguinte, no entanto, teve que esperar. Ele não conseguia ficar de pé.

— Água... — pediu Lucas.

O índio alto pegou uma garrafinha térmica de atleta que tinha na cintura, oferecendo ao estranho. Lucas deu alguns goles e tombou dentro da caixa, de costas. Abismados com o que viam, os índios se olharam e pensaram, sem dizer, se deveriam avisar o resto da sua própria tribo. Um minuto depois, os olhos do cara foram se abrindo aos poucos e se acostumando com a claridade.

— Tenha calma — pediu o índio atarracado.

Lucas teve vontade de gritar quando observou penas pontiagudas saindo da cabeça careca daquele indivíduo.

— Está bêbado mesmo ou é coisa pior? — quis saber o grandalhão.

Quando Lucas, por fim, conseguiu enxergar melhor, teve a impressão de estar alucinando. Havia, do lado de fora da caixa do oriental Chao, dois índios falando português. Talvez ainda pelo fato de estar desidratado, pensou ter visto uma barba de papai Noel em um deles. Que se dane... Pensou Lucas, esticando os braços para que eles o auxiliassem a sair da caixa. Alívio imediato. Os índios eram amigos, pois o ajudavam.

— Vamos deixar nossos foguetes importados aí? — perguntou indignado o índio maior.

— Depois voltamos para pegar — disse, mas não conteve o comentário de certa forma lúcido ao notar o desânimo do semblante do amigo. — Pensando bem, desde quando índio solta foguete, meu

camarada? Vamos lá...

Apoiado de forma irregular nos ombros dos dois, Lucas foi levado para fora do depósito improvisado, muito menor do que havia imaginado. Em instantes, saíram por uma porta larga e percorreram alguns metros por um corredor, e logo se viram na direção de um longo túnel. Lucas viu que no final deste havia luz.

A luz... Sempre um bom sinal. Porém, conforme avançavam, Lucas se viu mais próximo da zona de conflito. As vibrações e explosões, as vozes ensandecidas e o rugir da turba significavam que Lucas talvez estivesse seguindo em direção ao caos total. O percurso de subida do túnel lhe pareceu longo e arrastado, os sentidos à flor da pele, testando sua resistência física e emocional. Ao final da subida, já na boca do túnel, Lucas percebeu a presença de silhuetas humanas que refletiam luzes de intensidade contagiantes, mas inofensivas.

— Seja feliz, irmão — disse o índio menor já na saída do túnel. Com cuidado, os dois índios deixaram o intruso por conta própria. Como foi que aquele bêbado entrou na caixa e se pregou sozinho? Perguntou um índio para o outro, apenas com o olhar. Quando viram que Lucas conseguira se equilibrar sozinho, arriscando os primeiros passos, retornaram para dentro do túnel em direção ao depósito. Tinham uma mercadoria a ser retirada da caixa Made in China.

Lucas viu que a silhuetas eram às centenas, e que ali, diante de seus olhos, se revelavam como figuras humanas. Melhor que isso, mulheres, em movimentos extravagantes, avançando em todas as direções. Um caos organizado e contagiante. E o melhor de tudo é que todas estavam, para seus olhos ainda incrédulos, de peitos de fora.

Quando conseguiu ver além do harém de corpos úmidos e brilhantes, percebeu os fogos de artifício que explodiam majestosamente e de forma sincronizada, o que, constatou, não eram bombas. Era uma celebração em estado máximo.

Bum-bum...Bum-bum...Bum-bum...

Lucas baixou o olhar até o piso, onde lutava para permanecer de pé. Em outra direção, a fonte da estupenda vibração se revelou sem segredos e em perfeita harmonia com os extravagantes e agora justificáveis movimentos do harém. Aos poucos, seu raciocínio foi voltando ao normal. Ele sorriu, mas teve vontade de chorar. Aquilo diante dele não era guerra. Era festa. Aquele local lhe era, além do mais, familiar.

Lucas avançou alguns passos em direção ao que parecia ser um batalhão de mulheres calçando botas e insígnias de polícia. Sem se importarem com ele, apenas desviavam do caminho. Algumas até sorriam. O fato é que, em sua obsessão de viajar à Lua, Lucas se esquecera do ano. *2016*.

Aquele era o palco glorioso onde agora acontecia a maior festa do planeta Terra, e que provavelmente poderia ser sentido até na Lua: a abertura dos Jogos Olímpicos da Cidade do Rio de Janeiro. Ficou claro para ele que o tormento dos últimos dias fora causado pela energia dos ensaios. Abençoado Chao... O Brasil tinha sido uma das paradas do *Galactic Seas*. Lucas estava em sua terra natal graças ao bondoso, corajoso e desesperado cozinheiro do navio.

— Senhor, não pode ficar aqui — pediu um segurança da organização, percebendo o estado de Lucas, que julgou ser etílico. Gentil, conduziu-o para um espaço do gramado que não era ocupado por ninguém. — Por favor, a sua credencial.

Lucas ergueu a mão até o peito.

— Perdi... Não estou muito bem.

Lucas sentou-se, ganharia todo tempo possível até que o segurança chamasse algum médico de plantão para atendê-lo. O mais importante agora era olhar o desfile das mulheres e o numeroso grupo de ritmistas de escolas de samba que nas horas anteriores o aterrorizaram com seus ensaios explosivos.

Devo-lhe uma, Chao.

- CAPÍTULO 65 -

BULLHEAD CITY, ARIZONA

SULLIVAN CANCELOU A volta para Cambridge. Havia pontos nebulosos, sendo o principal a decepção que causara ao amigo senador. Era uma mancha em sua reputação, algo que ele prezava muito. O responsável por aquilo tinha que ser Michael Crammer, de quem Sullivan se mostrou desconfiado desde o início e procurou alertar Lucas. Mas em última instância, aos olhos do senador, o culpado pelo imbróglio era ele, Sullivan.

O filho de Milton Walker permanecia desaparecido há mais de dez dias. Quando Sullivan pegou o avião para Bullhead City, onde se encontraria com o contador de Crammer, decidira descobrir se o desaparecimento de Lucas tinha alguma coisa a ver com o suposto problema de Michael Crammer e, se os rumores de dívidas do texano eram reais.

Rodrigues, o contador, tinha toda a pinta de ser uma pessoa caxias. Era o único a usar terno e gravata no hangar vazio. Quando recebeu Sullivan, Rodrigues confirmou ser um cavalheiro dos mais distintos. Na conversa que teve por telefone antes da viagem, ficou com a impressão de que era um homem educado e ponderado, o oposto de seu patrão. Tiveram uma conversa franca.

Michael tinha dívidas, sim. Na verdade, devia dinheiro a tanta gente que a publicidade de sua viagem à Lua atraiu boa parte dos credores até o hangar em Bullhead City, onde todos queriam receber o que lhes era devido. A lógica era simples. Se Crammer tinha dinheiro para ir até a bendita Lua, poderia muito bem pagá-los. A realidade, no entanto, é que não tinha como. O contador Rodrigues, cansado das evasivas de seu patrão e das cobranças cada vez mais enérgicas dos credores, sentiu-se pressionado a dividir o problema com alguém. De forma alguma, não queria ter o seu nome envolvido em uma fraude contábil ou coisa parecida.

O reitor seria esse alguém.

Sullivan, em determinado momento, trouxe à conversa o nome de Ramsley dizendo que o senador estava muito chateado pela conduta de Michael, e que de fato começava a suspeitar de fraude. Rodrigues passou a relatar tudo o que sabia sobre a situação de seu cliente, com dados resumidos, mas muito esclarecedores:

BENS...

Mansão em Scottsdale: US\$ 10.900.000

Avião Cesna Caravan 675: US\$ 1.980.000

Propriedade e Hangar em Bullhead City: US\$ 7.000.000

Automóveis, motocicletas e outros: US\$ 475.000

Aplicações financeiras: zero

Dinheiro em conta corrente: zero.

Dinheiro debaixo do colchão (espécie): US\$ 34.000 ou menos

Total: US\$ 20.391.385

DÍVIDAS (por ordem de prioridade)...

El Pepe Steward (“importador” e agiota): US\$ 45.000.000 fora juros

Pôquer: US\$ 1.200.000 a ex-amigos

Fornecedores: US\$ 8.790.000 (irrelevante)

Trabalhistas: US\$ 629.000 (irrelevante)

Cartões de crédito dele e Suzanne: US\$ 57.426 (irrelevante)

Total: US\$ 55.676.426

A dívida de Michael Crammer era simplesmente impagável. Até onde Sullivan pôde apurar, não houve nada que dissesse respeito ou envolvesse Lucas naquela situação. Rodrigues lembrou-se de ter visto o professor uma única vez quando Michael Crammer o apresentou, mas nenhuma informação relevante além dessa.

Uma simpática secretária que Sullivan nunca vira no hangar entrou na saleta com dois cafés e, após um sorriso tenso, se retirou. Sullivan olhou para Rodrigues e sentiu que ele estava, também, preocupado.

— Poderia dizer se o Michael foi ameaçado por algum dos credores?

— Depende — respondeu Rodrigues entre dois goles de café. — O que quer dizer com ameaça?

— Alguma prática fora do padrão recomendado pela Comissão de Comércio Federal, por exemplo?

O contador se calou por um momento, pensando na melhor maneira de responder. Terminou o café, inclinou o corpo para a frente e apoiou os cotovelos sobre a mesa. Olhou sereno para Sullivan, que teve a impressão de notar o canto do lábio de Rodrigues subir, o que ele definiria como um quase sorriso.

— Vamos deixar de lado todos os outros credores e se concentrar por um momento naquele que na realidade ajudará a você e ao senador Ramsley entenderem a verdadeira situação do meu patrão Michael Crammer.

— El Pepe Steward, presumo.

— Isso mesmo, Sr. Sullivan. Como sabe, El Pepe trabalha na fronteira da lei e está metido em todos os tipos de negócios que o senhor possa imaginar. Nem preciso dizer o quanto orientei Michael a não se envolver com o Sr. Steward.

— OK. Fale-me de El Pepe.

— El Pepe tem entre seus negócios uma empresa, digamos, coletora de débitos.

— Consigo visualizar...

— O senhor me pergunta se a empresa coletora de débitos dirigida por El Pepe Steward segue as recomendações da Comissão de Comércio Federal? Vou tentar resumir, então, alguns pontos para que o senhor mesmo possa chegar a uma conclusão.

— Siga em frente, Rodrigues.

— A Comissão proíbe o uso de nomes falsos, mas a empresa de El Pepe Steward usa um nome fictício e sem autorização legal para operar.

— Qual?

— Muerte Débitos.

— Simpático.

— Nem tanto. A Comissão também proíbe que sejam enviados cartões-postais lembrando o devedor de suas obrigações, entretanto, a Muerte Débitos enviava em média um cartão por semana, que recebíamos aqui no hangar.

Rodrigues tirou uma pilha de cartões de uma gaveta e os entregou a Sullivan, que passou os olhos em vários deles.

— Parece que a Muerte tem uma predileção por figuras do halloween — disse o reitor tentando expressar bom humor ao erguer um dos cartões, que continha a imagem de uma ridícula caveira.

— Deixe-me adivinhar — disse Rodrigues. — É o que diz que a vida é breve e que devemos vivê-la com sabedoria e retidão?

— É esse. Sutil, não?

— Muito.

— O que mais, Rodrigues?

— Bem, a Comissão proíbe que a empresa coletora de débitos faça afirmações falsas. Por exemplo, dizer que está representando um órgão do governo, que o devedor cometeu um crime, ou então, aumentar o valor da dívida.

— E a Muerte fez tudo isso, suponho.

— Fez mais. Prometeu que iria processá-lo se delongasse o pagamento e até mesmo prendê-lo.

— O que a Comissão não deve concordar muito.

— Sem a menor dúvida. Mas o que a Comissão de Comércio Federal realmente proíbe é a prática da perseguição e da opressão. Coisas como o uso de telefonemas repetidos para importunar o devedor, linguagem profana e obscena e, por último, o uso de violência contra o devedor, seus familiares e colaboradores, que foi onde eu, pessoalmente, comecei a me sentir incomodado. Acha que está respondida a sua pergunta, Sr. Sullivan?

— Completamente.

— El Pepe Steward irá atrás de Michael quando ele voltar de sua viagem à Lua e irá matá-lo. Sei disso porque recebi a visita do Sr. Steward em minha residência. E se por uma infelicidade do destino o Michael não voltar da Lua, se sofrer algum acidente ou sua querida Cassilda explodir, El Pepe prometeu que, na ausência da mulher de Crammer, eu serei o próximo da lista.

— Isso é grave.

— Não me diga...

— Já pensou em ir à polícia?

Rodrigues sorriu melancólico.

— Sr. Sullivan, não estamos em Cambridge. Estamos no deserto, e o deserto é território de El Pepe Steward. Aqui ele é um pouco da polícia também.

— Lamento saber disso.

Rodrigues deu de ombros.

— El Pepe costuma blefar? — insistiu Sullivan tentando sair de lá sem ter mais nenhuma dúvida de que Crammer tinha fortes razões para desaparecer.

— Nem quando joga pôquer.

- CAPÍTULO 66 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

SULLIVAN PEGOU O primeiro voo de volta a Cambridge e chegou em casa mais tarde do que de costume, onde cumpriu a mesma rotina de parar na cozinha e decidir o que comeria. Naquela noite, desapontado, só tomou um copo d'água.

— Sullivan? — gritou a mulher Stella, já no quarto.

— Subo em seguida, querida.

O reitor entrou no quarto e beijou a esposa no rosto. Teve certeza que para ela não fez muita diferença, pois ela nem se mexeu. Tomou um banho rápido, escovou os dentes e se deitou. Estava exausto, o que pelo menos o deixava confiante de que pegaria no sono mais rápido.

Quando o corpo já nem se lembrava de que existia, o telefone de cabeceira que ficava do lado de Stella tocou. Ela continuou sem se mexer, esperando que Sullivan atendesse. Depois de alguns toques, foi ela quem tirou o telefone sem fio da base e passou para o marido, sem se virar para ele.

— Alô.

— Sr. Sullivan?

— Ele.

— É do Consulado Geral dos Estados Unidos.

— Consulado... De onde?

— Do Rio e Janeiro. Só um instante--

Sullivan se sentou e aguardou até que outra voz falou.

— Sullivan?

A voz era bastante familiar.

— Lucas?

— Sou eu.

— Meu Deus, o que está fazendo no Rio?!

— Ligando para você.

— Lucas... Você tinha uma passagem para a Lua, como foi parar aí?

— Preferi um cruzeiro pelo Atlântico.

— Isso não é hora para brincadeiras. Estamos todos preocupados!

— Eu sei. Escute, estou sob os cuidados do Consulado.

— O que aconteceu?

— É uma longa história.

— Espero que seja mesmo! Você disse que está sob cuidados... Está ferido?

— Não é nada demais. Vou precisar de um dia ou dois para me recuperar de uma desidratação.

Sullivan acendeu o abajur e esfregou o rosto. Lucas ficou mudo ao telefone por alguns segundos.

— E Luiza? — Quis saber Lucas.

— Ela está bem. Está hospedada na casa de Ramsley.

— O que houve?

— Você precisa voltar o quanto antes.

— É o que pretendo... Agora preste atenção, Sullivan. Tem notícia de alguma epidemia?

— Uma epidemia?

— Sim, Sullivan... Epidemia.

Sullivan balançou a cabeça, confuso com a pergunta.

— Tivemos alguns casos de doenças respiratórias, mas acho que já passou... O que isso tem a ver com você? Pelo amor de Deus, volte para cá e ponha sua vida em ordem!

— Acredito que o Roy O'Connell é quem esteja por trás dessas doenças.

Sullivan massageou os olhos e deu uma rápida olhada para trás. A mulher dormia, ou então não se importava com o telefonema àquela hora. Preferia quando Stella se queixava.

— Lucas... São epidemias respiratórias, como é que o Roy poderia estar por trás disso?

— Apenas reúna os dados que puder. Vamos nos encontrar na casa do senador assim que eu chegar, combinado?

— Vou ver o que posso fazer, Lucas.

— Por favor, ligue para minha mãe. Diga que estou bem.

— Você não sabe o telefone da sua mãe?!

— Estava anotado no meu celular, que eu não tenho mais. Há anos não disco o número dela e o seu telefone é o único que eu sei de cabeça.

— Pelo amor de Deus, você só tem uma mãe!

— Desculpe incomodá-lo. Minha vida está... um carnaval.

— Cuide-se.

— Mais uma coisa, chefe. Perdi documentos, cartão de crédito, essas coisas que fazem uma pessoa funcionar.

— Darei um jeito de lhe enviar dinheiro.

— Obrigado, Sullivan. Você é o meu anjo da guarda.

DOIS DIAS DEPOIS, Lucas embarcava em um avião no Aeroporto Internacional Tom Jobim com destino a Washington. Já telefonara mais uma vez a Sullivan e combinara de se encontrar com ele e Ramsley assim que chegasse aos Estados Unidos. À Luiza, que nem o número de seu celular possuía, mandou um recado através de Sullivan: *não me esqueci de você*. Cambridge e sua mãe Maria Lúcia teriam que esperar. Ambos, ele imaginava, entenderiam.

O Brasil ficou para trás, em festa. O avião já havia decolado e passado a leve turbulência da subida. Aproveitou o voo para colocar em dia as notícias. Havia comparado jornais e revistas americanos e logo encontrou matérias sobre epidemias.

— Preparado para sua vacina?

— Como? — perguntou Lucas ao sorridente passageiro que viajava ao seu lado e que tomara a liberdade de ler o jornal de Lucas.

— Estão nos esperando com uma seringa desse tamanho — disse, exagerando o tamanho da seringa com as palmas das mãos. — É mandatário.

— Não diga.

Lucas voltou a ler o jornal.

— Não vou aceitar — disse o vizinho de poltrona em tom de briga.

Lucas baixou o jornal.

— Como disse?

— Liberdade fundamental.

— Concordo — disse Lucas sem querer discutir.

— Tenho direito de escolher o que entra no meu corpo!

— Mas o que pretende fazer quando te ameaçarem com choques elétricos?

— Ora, ninguém deveria obrigar você a deixar que te injetem Tiomersal, Formaliza, células de rim de galinha, Triton-X-100 e vai saber o que mais que entra nessas merdas!

— Claro que não... — disse Lucas, preparado para um falastrão que lembrava um pouco o jeito de Michael Crammer, e que além do mais, fedia a álcool.

— Vou te contar um pequeno segredinho. Está lembrado da suposta pandemia de gripe suína de 2009?

— Claro. Quase me escondi debaixo da cama de tanto medo — disse irônico.

— Pois as vacinas foram mais mortais que a própria gripe.

— Você parece bem entendido do assunto.

— Sou médico e te afirmo que algumas vacinações em massa são um desastre. Não tomo nada que eu não queira... A propósito, Rick — disse, e ofereceu a mão ao professor.

— Lucas.

— Na verdade, deixei de praticar medicina há um tempo. Trabalho na área comercial de um grande laboratório há dezoito anos. Não digo o nome por uma questão de ética.

Certo. O doutor Rick estava revelando os podres de seu empregador, mas o nome não revelaria, pois não seria ético. Ao menos no caso das epidemias recentes, Lucas sabia que não seria necessário ser vacinado.

— Então não tomou vacina?

— Ah, não. Só porque a vacina da gripe suína rendeu uns quinze bilhões de dólares extras para nossa área não significa que seja uma boa ideia para o corpo humano.

— Sua empresa produz vacinas para gripe, Rick?

— Claro.

— E você não as toma?

— Claro que não! Minha saúde não está à venda — disse Rick, consciencioso sobre a saúde e exalando álcool.

— Nunca?

— Não mais.

— Mas é provado que vacinas contra a gripe ajudam a combater a gripe — falou Lucas de maneira a provocar uma resposta mais sincera de Rick. Tinha todo o interesse.

— É verdade. Em pesquisas financiadas por empresas farmacêuticas está comprovado que as vacinas são eficientes.

— Mas você não acha isso.

Rick riu com os olhos fechados. Depois falou bem baixinho. Não era um riso alegre. Ao contrário, Lucas notou um aspecto deprimente em Rick.

— Há estudos independentes — vários — que mostram que vacinas contra a gripe têm o mesmo efeito que placebo. Shhhh! — disse ao colocar o dedo indicador na frente da boca. — Tenho que admitir que fomos acusados de tudo nos últimos anos. Falsificação de pesquisas, jogar para baixo do tapete mortes e efeitos colaterais, sabe como é, coisas do negócio. Até mesmo quando somos obrigados a retirar um remédio do mercado adotamos a estratégia de negar responsabilidade.

— Você parece bastante seguro em dizer isso.

— O que nos traz segurança é a grana que gastamos em lobby. Tem que servir para alguma coisa, não concorda? — disse Rick olhando para uma jovem siliconada que acabava de sair do banheiro e sorria para ele.

Lucas teve a sensação de que Rick o cutucou de leve no braço.

— A moça da Califórnia é cortesia da *big pharma*. Adoramos o Brasil. Me caso com ela no mês que vem!

Com certeza, a menina que lembrava uma *cheerleader* se sentou ao lado de Rick. Lucas não havia notado antes. Rick e a moça agora conversavam em cochichos e ele pôde voltar a ler seus jornais e revistas. Um dos artigos que encontrou em uma revista semanal misturava dados da epidemia, efeitos da poluição e possíveis soluções mais imediatistas, com destaque para a ideia que parecia fazer mais sentido.

Uma tal máquina Silfos.

O artigo falava de Roy O'Connell, que ganhara notoriedade após o trágico acidente com a Cougmann One. Acidente?! Muita coisa acontecera naqueles últimos dias. Essa era uma das novidades que Lucas ainda não sabia. O artigo retratava Roy como um empresário energético e ousado, e que via no possível sucesso do projeto visionário da Silfos uma maneira de recuperar a autoestima abalada pelo desastre do que teria sido a primeira espaçonave particular a viajar até a Lua. Os números da primeira encomenda do governo federal, que ainda dependiam de um novo imposto a ser aprovado pelo congresso, eram de saltar aos olhos. Oito bilhões... Filho da mãe!

Não havia no artigo maiores detalhes sobre o que acontecera com a espaçonave Cougmann One. Lucas se lembrou que havia sido um dos candidatos a uma vaga naquela espaçonave e pensar na tragédia deixou-o com sentimentos ruins. Procurou, então, por notícias da Crammer Jet, mas não encontrou nada que falasse de seu sucesso ou eventual fracasso. Aquilo fez aumentar sua já elevada ansiedade por notícias de casa.

A comissária de bordo não imaginaria que o pedido de um remédio para enjoo feito por Lucas, depois de ler o artigo, nada tinha a ver com o voo. Era, de fato, revoltante. Roy conseguia seguir o caminho que muitos picaretas de colarinho branco já haviam percorrido antes. Ao imaginá-lo criando um problema que não existia, para que ele próprio pudesse oferecer a solução, sentiu vontade de vomitar. Era mais ou menos como uma milícia que cobrava proteção contra ela mesma, só que em escala muito maior. O capitalismo industrial-militar ilimitado não era, definitivamente, feito para o estômago das pessoas normais. Preciso fazer algo com relação esse canalha.

Lucas tinha vontade, mas no fundo sabia que não teria como. Era um professor. A comissária trouxe um Dramin e um copo d'água. Lucas tomou e agradeceu. Olhou para o lado e viu o doutor Rick e a menina financiada pelo laboratório se beijando. Ao fechar os olhos, arrependeu-se de não pedir um calmante também. Talvez fosse tarde para mudar qualquer coisa. Roy fora habilidoso ao deixar o projeto da Silfos longe do conhecimento público até o momento final. A viagem à Lua da Cougmann One era mesmo uma simples distração quando comparada às dimensões empresariais das máquinas Silfos.

- CAPÍTULO 67 -

WASHINGTON, D.C.

LUCAS DESEMBARCOU EM Washington e seguiu direto para a casa de Ramsley. Pagou o taxista com o dinheiro que Sullivan enviara ao Rio e caminhou apressado em direção à entrada. Nos últimos metros jurou ter sentido um perfume de mulher que bem poderia ser o de Luiza. Não se conteve e correu. Valentino abriu a porta instantes depois de tocar a campainha.

O valet já sabia da chegada do professor, mas ainda assim fez Lucas aguardar sozinho em um pequeno sofá no hall de entrada. Instantes depois, Lucas escutou passos descendo uma escada que ele não podia ver. Sentiu a garganta apertar e teve que se controlar até Luiza aparecer. Quando a olhou, não se lembrava de que ela fosse tão bonita. Fazia uma ideia diferente de sua beleza, embora agora sentisse algo diferente, e que tornava Luiza bonita mesmo que não fosse. Talvez pelos anos de namoros fúteis, Lucas não se lembrava mais o que era o processo de se envolver com alguém.

Luiza estava elegante — cortesia das roupas compradas por Ramsley, mas que não vinha ao caso — e parecia muito feliz ao vê-lo.

— Lucas... — ela disse indo em sua direção.

Abraçaram-se longamente, sem dizer uma palavra. Quando largaram um do outro e se olharam, Lucas queria beijá-la. Já havia passado da hora, mas um cumprimento vigoroso surgiu no corredor oposto ao hall.

— Seja bem-vindo! — disse o senador.

Lucas virou o pescoço para cumprimentar Ramsley.

— Obrigado, senador.

— Como está se sentindo? Parece abatido.

De fato, muitos quilos mais magro. A coluna o fazia mancar e havia hematomas nos braços, que a camisa de manga comprida adquirida logo ao desembarcar escondia — herança de suas intermináveis horas confinado em uma caixa, feito que invejaria o grande Houdini. O senador tocou-o nos ombros com as duas mãos e sorriu, caloroso.

— Por essa eu não esperava. Como pôde trocar a Lua pelas Olimpíadas?

A acolhida do senador fez Lucas sentir-se um pouco menos angustiado, mas havia muitas perguntas que não poderiam esperar.

— Estou feliz por estar de volta, senador.

— É claro... Venha. Preciso saber das coisas.

Os três se dirigiram à biblioteca, onde Sullivan já o aguardava. Após um abraço caloroso do amigo reitor, eles se sentaram. Já haviam falado bastante por telefone quando Lucas desembarcara no aeroporto.

— Vim lendo notícias no avião. Não encontrei nada que falasse sobre Michael. Como eles estão? — A pergunta foi dirigida a todos. Sullivan pigarreou e indicou que seria ele quem colocaria Lucas em dia.

— Michael, Suzanne e o Dr. Walden estão bem, pelo menos.

— Ótimo. Devem ter enviado material da Lua, fotos e coisas assim.

— Enviaram algo, sim.

— Por que os jornais não falam sobre eles?

— Não houve repercussão — confirmou Sullivan.

— Lucas, aqui estão os dados que você me pediu sobre as epidemias. Cidades atingidas, número de vítimas, seus endereços, ações das autoridades de saúde e artigos de jornal separados em ordem.

— Podemos deixar isso para mais tarde — comentou Ramsley, sem ainda saber que importância tinha isso.

— Agora me explique o que isso tem a ver com o seu desaparecimento — pediu Sullivan.

— A máquina — deduziu Luiza.

— Exatamente — respondeu Lucas. — Como te expliquei, Sullivan, as epidemias foram causadas por Roy.

Ramsley arregalou os olhos. Talvez Lucas estivesse ainda sem boas condições psicológicas após o sequestro.

— Que eu saiba, epidemias não são causadas por pessoas — disse Ramsley.

Sullivan parecia igualmente cético.

— Vocês não estão entendendo. O Roy é capaz de tudo... — disse Lucas.

— Ninguém é capaz de tudo — disse Sullivan.

— Senador, o Roy me disse que iria produzir epidemias e culpar a poluição.

— Acho que vai ter que explicar isso melhor — disse Ramsley.

Lucas olhou para Sullivan. O reitor meneou a cabeça “vá em frente”.

— Está familiarizado com as *chemtrails*, senador?

— Você quer dizer *CONtrails*. Trilha de condensação. Sim, estou. Fui piloto.

— Desculpe, senador. Neste caso me refiro às *CHEMtrails*, trilhas químicas. Foi isso o que Roy fez, lançar agentes químicos ou biológicos na atmosfera.

— Se ele fez isso que você está dizendo, então Roy acabou de praticar um atentado contra a população americana! É uma afirmação e tanto, não acha?

— Coisas assim se escondem por trás da geoengenharia, Ramsley — disse Sullivan familiarizado com o assunto e surpreendendo o senador.

Ramsley balançou a cabeça e suspirou.

— Como pretendem provar uma coisa dessas?!

A pergunta de Ramsley era realmente a pergunta mais importante a ser feita. Todos se calaram por alguns momentos. A frustração no rosto de Lucas dizia tudo.

— Achei que alguém aqui soubesse melhor — disse Lucas olhando para Ramsley, que não se mostrou sensibilizado pelo apelo.

Lucas folheou o calhamaço de papéis que Sullivan entregara a ele.

— Qual é o estágio da epidemia? Está crescendo? — perguntou Lucas.

— Na verdade, está diminuindo — disse Sullivan.

— Vai desaparecer completamente, podem acompanhar nos próximos dias. Percebam que só ocorre nos locais onde são lançados os aerossóis dos aviões. Não há epidemia... O que ele quis é fazer barulho. Assustar. Em outras palavras, senador, está usando agentes biológicos para causar mortes. Preparou todo o golpe para dar a impressão de que o responsável por essas mortes seria a poluição das cidades. Aí entra a máquina dele, a Silfos!

— Então, conseguiu... — Ramsley teve que concordar.

— Senador, confio em sua autoridade. O senhor precisa fazer alguma coisa para impedir que o congresso aprove a cobrança de um imposto, que é o que Roy pretende conseguir para financiar essa loucura. A epidemia é uma fraude e duvido que a máquina de Roy resolva o problema da poluição.

— Pode acreditar que não ficarei de braços cruzados! — disse Ramsley, que desistira de se envolver

com eles, mas seu senso de justiça acabava de o trazer de volta. O senador olhou para Luiza.

— Acha que pode nos ajudar?

— Talvez — disse Luiza enigmática.

Lucas pegou sua mão. Ele ainda não sabia sobre a função de Luiza no projeto da Silfos, a participação indireta dela na morte do secretário de defesa Dollet.

— Tem certeza que quer se envolver com isso? — perguntou Lucas.

— Estou envolvida desde o primeiro dia em que te conheci — ela disse mais confiante. Então, olhou para Ramsley. — Talvez seja hora de eu ir a público.

Ramsley parecia cético.

— O imposto será votado em poucos dias e eu não acho que um escândalo sexual ou coisa parecida seja o suficiente para abalar a confiança de Roy ou do público.

— Acha que não pensei nisso? — disse Luiza com convicção. — Tenho esperado há anos por uma oportunidade de fazer justiça, só que nunca tivera o apoio de ninguém.

Havia um brilho no olhar de Luiza. Ao redor dela havia três pessoas dispostas a ajudar. Ou ela aproveitava aquele momento, ou se calaria para sempre.

— Preciso de um mínimo de proteção — ela disse.

— É claro que terá! — disse Lucas.

Luiza o agradeceu com um olhar cândido, mas por melhor que fosse a intenção dele, a ajuda de um professor universitário não era o tipo de proteção que a deixaria mais segura. Luiza olhou então para o senador, que entendera o recado.

— O que pretende dizer? — quis saber Ramsley.

— Dizer e mostrar.

— Tem provas dos abusos que sofreu?

— Não, mas tenho algo melhor: uma gravação em vídeo que mostra os últimos momentos do Secretário de Defesa William Dollet.

Lucas parecia perdido. Luiza se referia à gravação em vídeo que havia feito de um celular.

— O Secretário de Defesa Dollet faleceu há poucos dias — explicou Sullivan a Lucas, embora ele próprio tivesse ficado surpreso com a informação de que Luiza estivera com Dollet.

— Alguém quer me explicar o que está acontecendo?! — pediu Lucas, abalado com a notícia de que Luiza — a sua Luiza — estivesse ligada ao tipo de relacionamento que estavam insinuando ali, e ainda por cima ligada à morte de alguém tão importante.

— No momento certo explicarei tudo — disse Luiza.

— Você é uma prostituta? É disso que estamos falando?

Ramsley achou que uma explicação dele pouparia Luiza.

— Não é nada disso, Lucas. Acalme-se.

— É sobre o meu passado, Lucas... Preciso que confie em mim.

— O momento para falar é agora, cacete! — Lucas se levantou e passou as duas mãos no cabelo. Então virou-se para eles completamente transtornado — Olhe, estou de volta e disse o que eu tinha para dizer. Façam o que quiserem. Nunca pedi voto para salvar o meu país.

Era uma cutucada em Ramsley.

— Aonde vai? — perguntou Luiza.

— Dizer olá para a única mulher em quem confio.

Luiza fez menção de se levantar e ir atrás de Lucas, mas Ramsley, delicado, tocou-a no ombro.

— Temos coisas mais urgentes... Você terá tempo de esclarecer a situação com ele. O que exatamente tem nesse vídeo? — perguntou Ramsley.

— Tudo. As drogas...

— Quais drogas?

— Não sei. São drogas que não estão no mercado. Somente a agência possui.

— O que mais?

— A minha leitura para o ex-secretário. Uma mensagem de Roy O'Connell, endossada pelo presidente do Senado, solicitando um exercício militar de simulação de ataque biológico em território norte-americano. O grupo pediu a presença do secretário e de militares.

Ramsley parecia chocado com o que ouvia.

— O secretário ouviu isso e fez o quê?!

— Disse que não teria como agendar uma data para breve. Talvez para o ano que vem.

Aquilo era gravíssimo. Ramsley se levantou, serviu dois copos de conhaque e entregou um a Sullivan.

Depois, caminhou em silêncio por quase um minuto enquanto digeriria a informação.

— A sua imagem aparece no vídeo? — perguntou Ramsley.

— Sim, senador. Tudo está lá.

— Será responsabilizada de um jeito ou de outro. Melhor se preparar.

— Não me importo.

— Pense melhor. Estará dando um passo sem volta.

— Tive alguns anos para pensar. Tenho o vídeo aqui comigo.

Ramsley e Sullivan se olharam.

— Quem mais sabe disso?

— Ninguém.

— É bom mesmo. Está correndo todos os tipos de riscos. E nós também.

— Que belo presente eu te dei, não, Ramsley? — disse Sullivan, avesso a qualquer tipo de risco e sabendo que era responsável por ter arrastado Ramsley para a situação.

De repente Ramsley pareceu decidido.

— Temos que ter uma conversa com o Roy O'Connell e mostrar sua gravação a ele primeiro.

— Ramsley, francamente... Acha que Roy vai querer te encontrar? Ele sabe da ameaça que você e Lucas fizeram ao Frank Ballard — lembrou Sullivan.

— Tenho certeza que ele vai querer me encontrar, sim. Não dirá não a nenhum senador às vésperas da votação no congresso — respondeu Ramsley, convicto de que sabia o que estava fazendo. Depois, olhou para Luiza. — Temos uma única chance que considero bastante pequena, mas tentaremos mesmo assim. Mostraremos o seu vídeo a Roy. Vamos torcer para que ele se assuste o suficiente e desista de tudo. Se der certo, você não precisa se expor à polícia e muito menos à imprensa.

Aquele era o tipo de proteção que Luiza sonhava.

— Ainda acho que vai perder tempo — disse Sullivan.

Ramsley o ignorou.

— Vou ligar para o meu gabinete agora mesmo e pedir que chamem o Roy com urgência.

Luiza se levantou.

— Preciso cuidar da minha vida, Sullivan. Sabe onde é a casa desta mulher que Lucas confia desde pequeno?

— Sei.

— Pode me dar o endereço? — ela pediu, o que Sullivan de pronto anotou em um pedaço de papel. Luiza percebeu a súbita ansiedade de Ramsley. — Prometo ao senhor que retorno. Não quero correr o risco de perder o professor de novo.

Ramsley a olhou duro.

— Eu ficaria mais seguro se pudesse me entregar sua gravação agora mesmo.

Luiza não hesitou. Abriu a bolsa e entregou o celular que continha a gravação. Seu futuro agora estava nas mãos de Ramsley.

— Confio no senhor.

— Farei o que for possível.
Meu Deus... Se isso for verdade...

- CAPÍTULO 68 -

WASHINGTON, D.C.

ROY ESTAVA NA capital. Não foi difícil localizá-lo. Washington se tornara seu segundo lar nos últimos dias e ele estava mergulhado na campanha a fim de que o novo imposto fosse aprovado de forma emergencial. Para isso, trouxera à cidade a sua arma mais poderosa: Frank Ballard.

O fiel escudeiro não saía do seu lado. Visitavam juntos cada um dos congressistas do banco de chantagens de Frank. O lobo nunca era direto. Primeiro pedia o voto e, algumas horas depois, Frank dava um telefonema ou passava em pessoa para lembrar aos honrosos cavalheiros sobre suas andanças na vida — suas traições das esposas, o uso de drogas e por aí. A associação entre Roy e Frank acontecia de forma indireta, porém bem clara para que os fazedores de lei não duvidassem quanto à necessidade de apoiar Roy. Para quem não soubesse, Frank explicava que ele e Roy eram amigos muito próximos e que, por ele, Frank seria capaz de tudo.

Naquela tarde, no entanto, Roy desmarcara dois compromissos importantes e reservara espaço em sua agenda para uma visita ao senador Ramsley, que telefonara no dia anterior convidando-o para um encontro em sua residência. Roy fez questão de dizer isso a Ramsley na troca inicial de amenidades na casa do senador. Ambos, é claro, fingiram que o episódio das ameaças a Frank Ballard na saída da igreja, nunca de fato ocorrera. Era uma das artes da política, levar a hipocrisia a patamares inacreditáveis.

Roy conhecia a reputação de veterano durão de Ramsley, mas ele próprio também podia ser ruim quando quisesse. O lobo estava preparado para tudo, quando, por fim, sentaram para conversar na biblioteca. Valentino deixou uma bandeja com café e água e fechou a porta ao sair. Não houve perda de tempo.

— Aqui estou, senador.

— Temos um problema de segurança nacional, Roy.

Ramsley inseriu o pen drive em um notebook que havia deixado aberto na mesa que ficava entre as duas poltronas de couro da biblioteca. Ele já havia visto o vídeo do celular de Luiza pelo menos três vezes, para se certificar de que ela não tinha mesmo nada a ver com a morte do ex-secretário Dollet, o que ele pôde confirmar sem qualquer margem de dúvida. Então transferiu o vídeo para o notebook e decidiu que a melhor abordagem seria começar a conversa pelo vídeo.

O primeiro quadro do primeiro segundo mostrava Dollet.

Roy assistiu com paciência cada segundo dos dozes minutos totais que Luiza permanecera na suíte do ex-secretário de Defesa, no Hotel Monaco. Em nenhum momento Roy fez menção de se levantar ou mesmo de fingir não saber do que se tratava. Também atento, Ramsley não tirou os olhos de cima de Roy. O que mais preocupou o senador em todos aqueles minutos foi a frieza e a aparente indiferença que Roy demonstrava. Quando o vídeo terminou, Roy se afastou e se acomodou com as costas bem eretas na poltrona.

— Onde quer chegar? — perguntou o lobo.

Ramsley fechou a tela do notebook e acendeu um charuto. Não se preocupou em oferecer um a Roy,

que também retirou um cubano proibido de dentro de um sobretudo que não havia tirado, acendendo o seu logo após Ramsley. Charuto por charuto, estavam emparelhados.

— Meu entendimento do que acabamos de ver é o seguinte — explicou Ramsley, que enumerou cada problema com um dedo da mão. — Crime de conspiração de assassinato do Secretário de Defesa dos Estados Unidos. Planejamento de ataque terrorista contra cidadãos americanos em plena nação. Fabricação de dados falsos sobre epidemias e assim por diante.

— Hmm.

— Belo plano de negócios, Roy. Mas criminoso.

— Senador — disse Roy, entre uma tragada e uma ligeira mexida de corpo na poltrona.

— Sim, Roy.

A linguagem corporal do lobo preocupou Ramsley ainda mais. Àquela altura, era de se esperar que Roy estivesse no mínimo nervoso. O vídeo mostrava com clareza o nome completo de Roy sendo mencionado por uma “prostituta” minutos antes do assassinato de um secretário de Defesa, além de seu envolvimento com as drogas e uma solicitação injustificável de um exercício militar, já que Roy era um civil. Qualquer idiota tremeria nestas circunstâncias, a não ser, temeu Ramsley, que o idiota em questão tivesse alguma forma de se proteger. Algo que o senador pudesse não ter antecipado.

— Não entendo porque isto agora — disse Roy, calmo.

— O seu projeto de limpeza do ar é uma fraude.

— Não sei se concordo com isso.

— Ousaria dizer que os dados técnicos da sua máquina também.

— Está descrevendo o meu projeto para mim, como seu eu não o conhecesse?

Ramsley respirou fundo.

— O que eu quero dizer é que não acredito que o senhor salvará o povo americano e o planeta Terra da poluição. Não só isso, estou dizendo que o senhor lançou aerossóis mortais sobre as cabeças de cidadãos americanos inocentes! Digo que o senhor é um perigo para a sociedade e que isso não me agrada!

— Lamento, mas terá que lidar com sua descrença em mim.

— Pois é o que farei. Não acredito, inclusive, que um assassino inconsequente como o senhor seja presença tolerável em qualquer outro local que não seja dentro de uma penitenciária federal!

Roy tragou o charuto. Ramsley tragou o dele logo em seguida.

A biblioteca poderia facilmente acomodar uma daquelas máquinas de Roy para limpar o ar. Então, Roy deixou o charuto descansar em um cinzeiro de vidro pesado em forma de avião e inclinou o tronco para frente, apoiando os cotovelos sobre os joelhos e juntando a palma das mãos próximas ao rosto. O senador veterano havia abertamente declarado guerra a Roy e mostrado suas armas.

— Senador...

— Roy.

— Quem nunca errou nessa vida?

— Não me interessam os seus erros, Roy.

— Senador?

— O que é, Roy!

— Por que não cala a sua boca?

Ramsley gelou e quase caiu para trás. Aquele era um insulto que não ouvia há décadas. Menos ainda em sua própria residência. O oponente à sua frente era louco ou então...

— Como disse? — conseguiu perguntar Ramsley se fingindo de surdo.

— Eu perguntei ao senhor quem é que nunca errou na vida, mas o senhor, senador Ramsley, parece não querer ouvir. Então, se pretende responder qualquer coisa que não à minha pergunta, melhor que cale a boca.

— Vá para o inferno, Roy!

— Tem alguma dica de como chego até lá?

— Tenho. Você irá cancelar o seu projeto, alegará que descobriu algum imprevisto técnico de última hora — ou qualquer coisa que julgar conveniente — e esquecer de uma vez por todas que um dia que tentou passar a perna na nação.

— Mais alguma?

— Sim. Vai se entregar à polícia e confessar seus crimes ou vai se ferrar se for acusado por mim, porque irei até as últimas consequências!

Roy pegou o charuto do cinzeiro, tragou e o devolveu.

— Vou repetir a minha pergunta, senador.

— Não esqueci sua pergunta, imbecil! — esperneou Ramsley, inconformado com a ousadia e com o joguinho que Roy fazia.

— Quem nunca errou nesta vida? Essa foi a minha pergunta. O senhor, por exemplo... Nunca?

— Não sei se errei, mas estou prestes a errar feio com você!

— Êpa. Calma, senador... — disse Roy de maneira jocosa simulando medo, o que fez crescer em Ramsley a desconfiança de que Roy teria alguma carta na manga.

Filho de uma puta!

— Vou te dar até amanhã para saber como prefere que eu lide com isso — disse Ramsley apontando para o pen drive com a gravação.

— Muito bem. Vamos parar com o jogo?

— Não estou jogando, Roy. Acorde enquanto é tempo.

— Acho que está jogando sim, senador. Digo por quê.

Roy forçou na pausa. Tragou o charuto e viu Ramsley crescer em apreensão.

— Senador, o senhor pensou em me intimidar, mas não pensou em seus próprios erros, e que as pessoas teriam acesso a esses erros.

— Não sou igual a você!

— Ah, não?

Ramsley se levantou. Roy permaneceu sereno.

— O que o senhor pensa do povo americano, honrado senador Ramsley?

— Já disse, seu canalha... Vá para o inferno. Pense no que prefere fazer e saiba que até amanhã tomarei minha decisão também.

Ramsley se dirigiu para a porta da biblioteca e abriu-a. Não teria como pôr Roy para fora pelo colarinho, mas por outro lado, não teria qualquer dificuldade em usar uma arma, se fosse preciso. O pensamento chegou a ocorrer-lhe.

— Espere um pouco, senador. O senhor me chamou aqui e eu vim. Agora peço que me escute — pediu Roy com uma humildade que ambos sabiam que ele não tinha.

— Um minuto é só o que eu te dou — disse Ramsley.

— Vai levar menos que isso.

— Agora tem menos de um minuto.

— Muito bem... Acontece que eu me lembro bem de um discurso do senhor, no qual deixou claro sua opinião a respeito do povo americano, em específico no que o senhor rotula como... falta de inteligência coletiva.

— Eu nunca disse uma besteira dessas!

Ramsley de fato não tinha a menor lembrança de um dia ter dito algo daquela natureza em um discurso. Roy prosseguiu.

— Ou então, da vez quando o senhor disse o que pensava sobre os atributos físicos de sua secretária. Clarissa é o nome dela, se não me engano.

— Jamais mencionei qualquer coisa sobre Clarissa em meus discursos, muito menos sobre atributos físicos!

Ramsley olhou o relógio.

Começava a preferir não ter que ouvir mais nada. Foi então que Roy tirou do bolso o seu próprio pen drive, ergueu no ar e depois o deixou ao lado do notebook de Ramsley. Foi o suficiente para Ramsley saber que aquilo só poderia significar algo de ruim, o tipo de jogo político que o senador evitara a vida inteira, mas do qual Roy era um especialista.

— Disse sim, senador.

Ramsley seguraria até onde pudesse.

— Não estou preocupado com o que eu *não disse*.

— Não foi em discurso, foi ao telefone — esclareceu Roy.

Ramsley sentiu o sangue subir. Ao telefone, seria possível que ele tivesse dito alguma coisa, mas de forma leviana e sem intenção de prejudicar alguém. Na fração de tempo em que tentava se recordar de possíveis gafes, Roy percebeu que o veterano senador Ramsley piscara. Era o suficiente para o lobo morder sua jugular.

— E digo mais, senador... Da forma como as coisas são apresentadas hoje em dia, é possível criar a percepção que se quer.

— Vai me ensinar política?

— E, caríssimo senador, a percepção que se quer é a pior possível. Eu garanto ao senhor que o conteúdo do meu pen drive vai nessa direção.

— Seu tempo acabou e eu não hesitarei em usar uma arma para abrir a sua cabeça!

— Me dá mais um minuto? — pediu Roy com extrema ironia.

— Não.

Roy não se mexeu na cadeira.

— Senador, como fica sua imagem de marido fiel, agora que sua falecida mulher não se encontra entre nós, para defender a honra de mulher traída?

— Nunca traí minha mulher, seu verme!

Ramsley estava arrasado e não conseguia mais disfarçar.

Maldita hora em que fui me envolver com isso!

— Garanto que não é isso que minha gravação dá a entender. O conteúdo é bem claro sobre você ter traído sua mulher com a secretária, mas vou deixar o senhor verificar. Por favor, não acredite em mim. Pode ser que eu esteja enganado, mas como eu trabalho nesta linha há tantos anos, duvido. Sou muito eficiente.

— Vá pro inferno! — repetiu Ramsley já caminhando até uma prateleira de vidro onde havia um rifle pendurado na parede.

— Vamos juntos... De qualquer forma, informo ao senhor que não tenho qualquer intenção de mudar meus planos. Não tenho medo de perder. Na realidade, eu não bato muito bem, senador.

Roy se levantou e se retirou em tempo. Deixou o senador só, olhando para o rifle que nem retirou do gancho. Ele estava arrasado. Tinha feito uma aposta e perdera. Algumas vezes, Ramsley agora reconhecia, fizera piadas sexistas que poderiam ser usadas em um contexto pejorativo. Roy fora mais forte e melhor preparado para aquele tipo de luta.

Para Ramsley, a memória de sua mulher era intocável e, mesmo que ele passasse por cima disso e admitisse manchar sua honra, teve a certeza de estar diante de um louco. Também poderia ser possível, dada a grandeza de valores do projeto Silfos, que alguém assumisse a empreitada, caso Roy fosse condenado ou afastado. Os números do projeto eram tão grandes que tornavam Silfos bem maior do que seu criador. O fato é que a percepção ainda era de que a segurança pública estava em jogo, assim como o bem estar de milhões de pessoas. Nada havia mudado. Era provável que a locomotiva andaria por conta

própria, com ou sem Roy Charles O'Connell.

O veterano Ramsley havia chegado fora de forma ao ringue, enquanto o lobo havia escondido o jogo até o último minuto. Que para Ramsley terminava ali, com um *knock out*.

- CAPÍTULO 69 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

SULLIVAN TENTAVA PÔR as coisas em ordem no seu escritório da universidade. Tinha feitos várias viagens nos últimos dias e começava a acumular problemas. Aquela manhã, em especial, prometia ser inesquecível.

Sem conseguir manter distância da situação no hangar da Crammer Enterprises, telefonou para George e confirmou que nenhuma nova comunicação chegara da Crammer Jet, e que o clima no hangar era péssimo. Naquele dia faria duas semanas desde que Crammer, Suzanne e Walden haviam partido em direção à Lua, e o cronograma de viagem indicava que eles deveriam voltar ao final do décimo quarto dia. Mas o desgosto maior é que, naquela manhã, eles souberam da morte do contador de Michael Crammer, o senhor Rodrigues.

Sullivan gelou ao telefone. Ele tinha estado com Rodrigues há poucos dias.

— O que aconteceu?

— Disseram que foi infarto — explicou George.

— Infarto? Mas ele ainda era tão jovem...

— Nem tanto, Sr. Sullivan. Ele tinha mais de 40 anos.

Sullivan tentou imaginar George, que não devia ter mais de vinte e dois anos, julgando que quarenta anos já seria uma idade avançada. Preferiu não entrar no mérito.

— Desculpe perguntar, mas quem informou vocês sobre a morte de Rodrigues?

— A mulher dele.

— Conhecia ela?

— Sim. Era uma coroa legal.

— Está bem, George. Eu lamento muito. Dê notícias, por favor.

— Pode deixar, reitor.

Sullivan desligou bastante abatido.

Era bem possível que o contador Rodrigues tivesse sofrido um infarto e morrido, ainda mais quando se está sob o estresse de administrar uma dívida impagável, e quando o principal responsável está viajando “até a Lua” — e não volta na data combinada. O infarto se tornava ainda mais possível quando o estresse é potencializado por uma ameaça de morte, conforme Rodrigues revelara no encontro em Bullhead City. Mas a pulga atrás da orelha do reitor insistia em dizer que talvez a ameaça tivesse se concretizado e que o contador fora assassinado pelo agiota.

Cerca de três horas depois, faltando pouco menos de quinze minutos para o pontual almoço do reitor, a notícia da morte do contador Rodrigues ainda lhe rondava os pensamentos. O telefone tocou, pela vigésima vez na manhã, e ele atendeu ao mesmo tempo em que seu estômago roncava de fome. Era Mimi, uma de suas assistentes.

— Reitor?

— Estou saindo para o almoço, Mimi.

— Tem uma visita para o senhor.

Sullivan checou a agenda com o cardápio do Pacific Street Café já se projetando em sua mente.

— Mimi, não tenho nada marcado.

— O senhor Steward diz que é urgente.

Sullivan lembrava vagamente aquele nome.

— De onde?

Sullivan ouviu quando Mimi afastou a boca do telefone e perguntou ao senhor Steward o nome da empresa dele. Sullivan pôde ouvir a resposta. No mesmo instante, seu couro cabeludo arrepiou como nunca antes em sua vida.

— Reitor? ... Senhor Sullivan, está aí?

— Sim, Mimi.

— Muerte Débitos.

A confirmação enviou sinais por todo seu corpo e Sullivan ficou sem ar por alguns segundos. O senhor Steward — ou seria senhor Muerte — estava ali. De verdade. Aquilo tornava impossível não associar o infarto de Rodrigues à promessa que El Pepe Steward fizera de matar o contador. Estava muito claro, caso Michael Crammer não pagasse, que seria o senhor Rodrigues o primeiro da lista.

Sullivan imaginou se ele próprio não seria o próximo. Embora não houvesse a menor razão para isso, a Muerte batia à sua porta, com poucas chances de ser uma coincidência. O *timing* não poderia ser mais propício para uma mensagem de “tome cuidado”. Dependeria dos critérios e filosofia de El Pepe Steward.

— Senhor Sullivan? — falou Mimi ao telefone.

— Ah sim, Mimi. Deixe o senhor Muer — digo Steward — entrar.

— Ele passou por mim há cinco segundos. Deve bater na sua porta a qualquer instante.

Como assim?!

— Obrigado, Mimi.

Sullivan desligou o telefone e só houve tempo para engolir em seco. El Pepe Steward entrou por sua porta sem bater. Sullivan primeiro notou o chapéu de cowboy e as roupas sulistas, com fivelas reluzentes e botas de bico de aço. O sorriso era indecifrável e venoso, além de revelar pelo menos cinco ou seis dentes de ouro. O sujeito tinha a idade aproximada de Sullivan, com o rosto marcado por rugas de fumante e pelo menos duas cicatrizes protuberantes, uma sobre o olho e outra abaixo do queixo. Tinha baixa estatura, era magro e não parecia uma ameaça tão grande, até que Sullivan olhou para seus olhos pequenos e negros, que eram mais frios que os de uma cobra, e entendeu que ali estava uma pessoa extremamente ruim.

— Reitor Sullivan?

Sullivan se levantou. Chegou a cogitar pedir a El Pepe que batesse na porta da próxima vez que entrasse, mas quase riu do próprio pensamento. Talvez não houvesse uma próxima vez. Como esse matador veio parar aqui no MIT?

— Senhor Steward... Nos conhecemos? — perguntou Sullivan. Ele pôde ouvir o medo na própria voz, o que o fez se odiar.

— Aposto o meu velho rabo que você sabe tudo sobre mim.

— É mesmo? — disse Sullivan, olhando para a roupa de El Pepe e procurando por possíveis armas, enquanto El Pepe olhou para a sala do reitor e sorriu cáustico.

— Sabe o que eu acho? — disse El Pepe.

— Era a minha próxima pergunta, senhor Steward.

— El Pepe.

— Como queira.

— Acho seu mundo tão diferente do meu e ao mesmo tempo tão perto quanto bosta e moscas... Entende o que eu digo, reitor? Aliás, o que um reitor faz mesmo?

El Pepe disse isso e se sentou.

— É como um diretor.

— Ah sim, perdoe minha ignorância.

— Está desculpado... Olhe aqui, se está pensando que pode vir até aqui e me ameaçar como se estivesse--

— O que é isso, reitor? Não o estou ameaçando de nada. Por que eu faria uma coisa dessas?

Acabamos de nos conhecer!

— Soube da morte de Rodrigues. Ele disse que o senhor o ameaçou.

El Pepe abriu seu sorriso cheio de ouro e balançou a cabeça.

— Rodrigues era meu amigo. Deve ter entendido errado.

— Então, o que quer aqui?

— Saber notícias de Michael Crammer.

— E por que eu saberia?

— Porque estive pelo menos três vezes em Bullhead City.

Merda. Ele sabe.

— Isso não me torna amigo de Michael Crammer.

El Pepe cerrou os olhos e encarou Sullivan sem pressa. Sullivan se surpreendeu com a capacidade de intimidação que os olhos de El Pepe possuíam.

— Estou preocupado. O Michael é meu compadre de pôquer — disse El Pepe.

— Infelizmente não tenho informações sobre o Michael.

El Pepe se levantou de súbito.

— Acho que me enganei, então.

— Creio que sim.

— Quando voltar a Bullhead City venha me visitar, reitor.

— Com certeza, El Pepe.

O agiota ajeitou o chapéu e meneou a cabeça.

— Vida longa, senhor reitor.

Sullivan esperou de boca semiaberta até que El Pepe fosse embora. O agiota atravessara o país para uma visita de menos de dois minutos, no dia seguinte à morte de Rodriguez. Só alguém muito burro poderia em sã consciência ignorar o recado. Quando sua respiração voltou ao normal, Sullivan decidiu que teria uma boa conversa com o pessoal da segurança. Além do receio, um novo sentimento nascia ali: começou a odiar Michael Crammer. Se um dia ele aparecesse, talvez telefonasse em pessoa para El Pepe Steward.

- CAPÍTULO 70 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

LUCAS ABRAÇOU A mãe.

Maria Lúcia estava, claro, muito abatida por todos aqueles dias sem notícias, e ficou ainda mais quando viu o filho desgastado e derrotado em seu sonho mais precioso. Os dois até procuraram poupar-se mutuamente nos primeiros vinte minutos de conversa. A mãe, no começo, pensou que o filho estivesse brincando quando contou que entrou em uma caixa de madeira escura armazenada dentro um navio e acordou dias depois no meio de centenas de mulheres nuas. Lucas optou por deixar as partes mais deprimentes de lado.

Por sorte, o cheiro que vinha do forno interrompeu a conversa por instantes e o assado preparado ao modo brasileiro foi servido. Assim que terminaram a refeição, a campainha da casa de Maria Lúcia tocou.

— Está esperando mais alguém? — perguntou Lucas, já se dirigindo para a porta.

— Não, que eu saiba.

Foi Lucas quem abriu a porta. Era Luiza.

— Temos que conversar.

— Não sei se continuo gostando das suas surpresas.

— Peguei o endereço da sua mãe com o Sullivan.

Maria Lúcia se aproximou e avaliou Luiza com olhos de mãe. A primeira e mais importante coisa que notou foi que a moça não era uma das jovens estudantes que mãe sabia existir na vida do filho sessentão, e que nunca chegara a conhecer. Aquela mulher dizia muito, logo de cara. Relativamente jovem, mas vivida. O olhar parecia honesto o suficiente, e ela, ainda por cima, falava português.

— Olá — disse Maria Lúcia, olhando para Luiza e depois girando a cabeça para o filho. Um olá que dizia “não vai convidar a moça a entrar?”, mas que Lucas fingiu não entender.

— Mamãe, essa é a Luiza. Luiza, minha mãe, Maria Lúcia.

— Não vai entrar? — perguntou Maria Lúcia.

— Estamos de saída — adiantou-se Lucas.

— A senhora tem os mesmos olhos dele — disse Luiza enquanto arrumava o melhor sorriso que tinha, mas que não deixava de ser sincero. Lucas estava se fazendo de difícil porque ainda não compreendia o passado de Luiza. Na teoria, ele já havia aceito que ela tinha segredos.

— Gostaria de almoçar? — disse Maria Lúcia.

— Sinto um cheiro ótimo. O que é?

— Cozido à Brasileira!

Luiza olhou para Lucas.

— O que acha? Posso aceitar o convite de sua mãe? — disse Luiza.

— Ora, vamos entrando. Deve estar com fome! — disse Maria Lúcia.

Maria Lúcia foi até a cozinha pegar um prato de assado.

Lucas estava de cara amarrada, em boa parte justificada pela ressaca dos últimos acontecimentos. A

mãe voltou à mesa e as duas mulheres conversaram como se fossem velhas amigas. Foi espantoso para Lucas. Ele nunca havia trazido uma mulher para a mãe conhecer. Foi também a primeira vez que Lucas viu Luiza falar tanto e tão à vontade. Talvez pelo atrativo da língua portuguesa, ou porque ambas eram candidatas a um possível papel na vida da outra. Luiza, como sempre, causou uma ótima impressão com sua presença magnética, trocando ideias com uma senhora que poderia muito bem ter sido a figura materna que ela nunca tivera, após os cinco anos de idade. Maria Lúcia, por seu lado, enxergava uma nora em potencial. Além do mais, ambas compartilhavam algo importante. Ambas tinham pressa. As duas, em seus papéis, não eram tão jovens assim.

Luiza terminou de comer. Maria Lúcia levou o prato dela para a cozinha.

— Sua mãe pode nos ajudar — disse Luiza.

— Você quer envolver minha mãe em suas histórias mal contadas?

Maria Lúcia retornou com três xícaras de café.

— O que é que tem eu? — quis saber.

Maria Lúcia se sentou, serviu café e olhou curiosa para Luiza quando ela tirou da bolsa um papel dobrado em forma de envelope, que entregou a Lucas.

— Essa é a última comunicação da espaçonave Crammer Jet.

Lucas e a mãe se olharam. Ele desdobrou o papel e leu a mensagem.

“Estamos bem. Cassilda funciona perfeitamente. Não retornaremos.”

Em seguida, olhou para a fotografia que vinha logo abaixo do texto e teve um palpite. Seu coração disparou por uma série de razões e Luiza notou. Ao mesmo tempo, Maria Lúcia percebeu que aquele pedaço de papel tinha algo muito mais importante do que supunha, embora para ela o mais importante fosse ter o filho de volta. Preferiu ficar calada e analisar a mulher que Lucas “trouxera” para ela conhecer.

— Estivemos conversando, o senador, o reitor e eu. Não conseguimos entender o significado da mensagem.

Lucas não precisou falar. Luiza sabia o que ele pensava. Ela já passara por aquela surpresa antes com Ramsley e Sullivan, de modo que apenas observou os olhos de Lucas correrem página abaixo e se fixarem na fotografia que mostrava dois homens.

O mais velho segurava o que parecia ser um pedaço de rocha. Estava dentro de uma casa com pé direito baixo e arredondado, como se fosse um tipo de iglu. Não era de gelo porque ambos usavam roupas leves e a textura da parede lembrava plástico ou metal. Aquele senhor tinha com certeza mais de oitenta anos, vestia uma camiseta cinza e olhava direto para a lente da câmera de fotografia. A janela do “iglu” era pequena e estranha, como uma escotilha de navio, embora estivessem em terra firme, isso dava para ver vagamente ao fundo.

— Tem certeza que a foto e a mensagem foram transmitidas da espaçonave de Crammer? — perguntou Lucas tirando os olhos de cima do papel.

— Foi a conclusão a que Ramsley e Sullivan chegaram. Olhe, Lucas, podemos repetir todas as perguntas que já nos fizemos, ou tentar levar em consideração outras possibilidades. Por isso eu vim até aqui com a mensagem.

Ele voltou a olhar o papel. Não viu que Maria Lúcia colocara os óculos, se levantado e caminhado até ficar atrás dele, de onde não desgrudou mais os olhos do papel. Parecia fascinada.

— Sei o que é isso — concluiu Lucas colocando o papel com a mensagem sobre a mesa. — Um golpe de publicidade de Michael Crammer!

A julgar pela reação de Maria Lúcia, Luiza não se convencera de que Lucas estivesse sendo sincero, ainda mais porque pôde perceber nele uma certa consternação.

— Por que acha isso? — disse Luiza.

— Porque vou apostar na resposta mais fácil, ou seja, se a resposta não faz sentido, é porque a coisa toda não é legítima! O Michael gosta de uma boa piada e de fazer barulho. Isso aqui é a cara dele. Se tivesse se perdido no espaço não mandaria uma mensagem como essa, e se tivesse explodido, acho que a essa altura saberíamos. Pode escrever aí, um belo dia acordaremos e — surpresa — viva o Michael Crammer, de volta como um herói, com uma bela história para contar!

Maria Lúcia sabia que o filho falava por pura ansiedade e parecia estar evitando encarar o que no íntimo ela já desconfiava.

— O projeto de Michael nunca teve um propósito científico. Gastou fortunas do próprio bolso e pôde contar a piada que bem quis! — completou Lucas, apenas por dizer.

Ele estava abalado com a foto.

Maria Lúcia pegou a mensagem e a aproximou do rosto. Apenas Luiza havia notado que tinha algo errado com ela. Era claro que a mensagem transmitia algo muito forte.

— Parece uma bola de baseball — afirmou Maria Lúcia.

— É uma pedra, mãe.

— Não. Não é uma pedra.

— E que diferença isso faz? — disse Lucas bebendo o café, que a essa altura estava frio. Ele ainda tentava demonstrar indiferença. A ideia de que alguém enviasse uma mensagem como aquela, do espaço, era tão grotesca que Lucas decidira que tudo o que viria de Michael Crammer não seria considerado. Era piada e ponto. Mas, enquanto Lucas virava a xícara, Maria Lúcia tirou os óculos e olhou para Luiza, revelando olhos úmidos e a mão trêmula.

— A bola de baseball me faz lembrar seu pai — disse Maria Lúcia.

Lucas queria agradecer a mãe, voltar para casa e não ter que pensar em mais nada nos próximos dias, mas quando olhou Luiza, notou que ela não tirava os olhos da mãe. Foi quando se deu conta de que havia algo mais significativo do que julgava ser mera especulação e nostalgia. A mãe esperou Lucas se virar na cadeira e girar a cabeça para o alto, onde seus olhos se encontraram.

— A bola de baseball me faz lembrar do seu pai pela simples razão de que é o próprio quem a está segurando! — disse Maria Lúcia, aproximando a mensagem do rosto de Lucas. Aquela era uma fotografia de Milton Walker, desaparecido há cinco décadas. O palpite que Lucas tivera quando viu a fotografia, que julgava não passar de uma fantasia absurda, e que podia ser apenas um desejo de rever o pai, acabava de ganhar contornos de realidade.

— Como pode ter certeza?

— Como sabe que sou sua mãe?!

— Ora, que pergunta, mãe!

— Isso! Que pergunta a sua, filho!

— Mãe, nem a foto e nem a mensagem fazem qualquer sentido — disse Lucas levantando-se e querendo uma noite de sono para colocar as ideias no lugar.

— Sullivan e o Ramsley já checaram. A mensagem é legítima — repetiu Luiza.

Ela acabara de conhecer Maria Lúcia, mas podia jurar que aquela senhora era lúcida o suficiente para saber o que a foto significava. A reação ao ver a imagem de Milton Walker era um forte indício. A negação de Lucas também. Era óbvio que ele teria que aprender a lidar com a situação, embora Luiza reconhecesse que ela própria também teria que encarar o que sentia em relação a Lucas e à aproximação com a mãe, que nascia ali.

- CAPÍTULO 71 -

NAZCA, PERU

LOCALIZADA EM UMA região peruana conhecida como Piura, a cidade dormitório de Nazca tinha apenas trinta mil habitantes, mas era conhecida no mundo inteiro por seus famosos geoglifos chamados de Linhas de Nazca, que ficavam no deserto de Sechura. As figuras criadas entre os anos 200 AC e 600 DC podiam ser observadas somente à partir de certa altitude. As imagens misteriosas incluíam macacos, pelicanos, condores e formas diversas. As hipóteses de seu significado variavam entre calendários, informações astronômicas e oferenda aos Deuses. Para uns, pista de pouso para espaçonaves extraterrestres.

Por esta razão em particular, o jovem Diego não acreditou quando lhe pediram para esperar o pouso de uma espaçonave que viria — bem... do espaço — e pousaria nas imediações de um dos locais mais visitados anualmente por turistas de todos os lugares do planeta. No local e horas previstos, Diego olhou para o céu e tirou seu chapéu colorido de crochê, que exibia formas geométricas tipicamente peruanas. Seu queixo caiu. Eles não estavam brincando: uma nave de verdade estava pousando diante de seus olhos!

Diego tinha ordens de esperar a espaçonave pousar e parar por completo. Depois, contaria cinco minutos no relógio e só então se aproximaria com sua velha caminhonete verde musgo, o que fez em um misto de curiosidade, medo e, porque não, transcendência. Tranquilizou-se um pouco quando se lembrou que lhe disseram para não se preocupar. A espaçonave era pilotada por seres humanos e ele não correria nenhum risco.

Diego foi pontual e fez tudo o que lhe fora pedido. No sexto minuto de espera, ligou a caminhonete e se aproximou com cautela, parando a vinte metros da espaçonave. Ele desceu e permaneceu firme, esperando que algo acontecesse. Então, a porta da espaçonave se abriu e um homem com chapéu de cowboy igual dos filmes antigos de Hollywood desceu. O cowboy sorriu e olhou para dentro da espaçonave, de onde outra cabeça surgiu. Uma mulher de penteado extravagante. Desceram um após o outro e, então, uma terceira pessoa, de cabelos e a barbas brancos e longos, surgiu também. Quando olharam em sua direção, Diego se esforçou e sorriu.

No meio do caminho entre a espaçonave de seres humanos e o veículo, os três pararam de caminhar e se dobraram para a frente. Diego deu um passo, imaginando que talvez precisassem de ajuda. Parecia que os três estavam prestes a vomitar. Os sons que emitiam eram estranhos, mas logo ficou claro do que se tratava. Crammer, Suzanne e Walden riam até não poder mais. Isso acontecera duas semanas antes, e apenas vinte horas após a decolagem em Black Rock.

Olharam ao redor.

Estava tudo sob controle e conforme fora planejado. Eles seguiriam com Diego até o local combinado. Cumprimentaram Diego com apertos de mão e ele os ajudou a entrar no veículo. Por opção, os três seguiram viagem na caçamba que, apesar de enferrujada, era ideal para esticar o corpo e sentir o ar fresco da região, bem mais fresco do que dentro da apertada Crammer Jet.

Partiram. Crammer acenou pela última vez para sua engenhoca.

— Até nunca mais, Cassilda!

SEGUIRAM POR ALGUMAS horas até Lima, onde se hospedaram em um hotel simples na região turística de Miraflores. Deram entrada em um apartamento de casal — senhor e senhora Harvey —, que até então eram conhecidos como Michael e Suzanne Crammer. O senhor Hillary, ex-doutor Walden, ficou em um apartamento de solteiro. Deitaram-se todos por volta das cinco da tarde.

Combinaram de se verem no jantar, mas os três só despertaram ao final da manhã seguinte, com o corpo mais descansado. Encontraram-se no restaurante e se deliciaram com a comida local. Pediram anticuchos, um churrasquinho de coração de boi, choclo, um milho na espiga, e abusaram de doses de pisco azedo, uma bebida típica preparada com conhaque de uva, limão, clara de ovo e canela.

A nova vida sem dívidas e sem as ameaças de morte de El Pepe Steward prometia ser um sonho. O fato é que o plano funcionara muito bem até ali. Michael Crammer fez jus à sua reputação de aventureiro, mas cumpriu a promessa de livrar a mulher de todas as preocupações e ameaças. A parte ruim era não poder contar a épica escapada a ninguém. Quem sabe, um dia, quando estivesse velho, talvez abrisse a boca. A única preocupação até aquele dia chegar seria controlar a bebedeira e não dar com a língua nos dentes antes da hora.

A conta bancária na Suíça somava mais de três milhões de dólares. O valor tinha sido desviado de sua contabilidade, apesar de todos os avisos e alertas do falecido contador Rodrigues. Com prudência, o dinheiro seria suficiente para Crammer e Suzanne viverem bem pelo resto da vida. Ao Walden, prometeram meio milhão de dólares.

Esta parte, no entanto, ainda incomodava o casal.

Crammer e a mulher haviam conversado sobre o Nobel pouco antes de partirem. Decidiram que aquele valor era absurdamente alto e além da precificação que consideravam justa pelo empréstimo temporário de sua reputação. A única coisa pendente era que, em algum momento, teriam que se livrar de Walden se quisessem viver em paz.

O jantar havia terminado, mas as doses de pisco azedo, não.

— Para onde vamos? — perguntou Walden.

— Na hora certa, direi — respondeu Crammer.

— Que cara mais chato! Já quer saber onde vamos? Nem nós sabemos! — protestou Suzanne, mais em clima de deboche do que irritação.

Crammer não revelaria seus planos a Walden. Era para sua segurança e a de Suzanne. A verdade é que a questão do dinheiro se tornou bastante visível em Walden após a aterrissagem. Em todas as conversas, ele parecia dar voltas, mas chegava ao ponto que lhe interessava.

— Em algum momento vou ter que receber a minha parte, Michael.

— Você já me disse isso, Walden.

— Pelo menos vinte vezes entre a ida e a volta — lembrou Suzanne.

— Uma resposta me deixaria um pouco mais tranquilo — ele insistiu.

O garçom trouxe mais uma rodada de pisco azedo e os três brindaram.

— Então vamos lá... Próximo passo: nenhuma pergunta pelos próximos dois dias — falou Crammer e então caiu na risada com Suzanne. Walden não achou graça alguma. — Comeremos, beberemos e curtiremos nossas mulheres. Você tem que arrumar uma para você e me deixar em paz com Suzanne!

— Fique com sua mulher, Michael.

— Justo... Então em dois dias, quando estivermos um pouco mais relaxados e com as cabeças boas para pensar, tomaremos as próximas decisões. O que acha, está de bom tamanho para você?

— Pelo visto, você tem tudo planejado.

— Sim, doutor Nobel. Eu tenho.

— E ainda assim não me conta.

— Fique tranquilo. Saúde!

Crammer ergueu o copo e bebeu. A mulher o acompanhou, mas Walden tinha perdido a vontade de brindar. Depois de alguns drinks, subiram aos seus apartamentos e não saíram de lá nos dois dias seguintes, com exceção de Walden, que desceu por quinze minutos na tarde seguinte apenas para ter para onde voltar.

Crammer tinha fama de extravagante e fanfarrão, mas parte daquela aura era calculada de fato para dar a impressão de que ele era uma pessoa transparente e muito gente boa. Com exceção da mulher e de um ou outro parceiro de pôquer, poucos tinham consciência de que Crammer, na realidade, sempre soubera onde estava pisando, e também tinha boa noção do que as pessoas pensavam sobre ele. Sua única fraqueza era o vício por jogo. E a língua solta.

A precificação do carona Walden ainda assombrava sua cabeça. Walden, na opinião de Crammer, era um misto de intelectual e cientista metido a besta, que achava que seu Nobel seria o suficiente para levá-lo na conversa. Crammer agora definia oficialmente aquele pagamento como uma fantasia — a de que ele receberia meio milhão de dólares. O casal não via a hora de se divertir com esse erro de julgamento do Nobel.

A hora de se livrar de Walden chegou no terceiro dia em Lima, quando já haviam estudado bastante a rotina do cientista. Nos dois dias anteriores, ele não tomara café antes das 10hs, que eles verificaram ser pedido no quarto. Neste dia, Crammer e Suzanne haviam feito o check out no próprio apartamento e estavam indo embora do hotel sem avisar Walden. Quando ele telefonasse para o apartamento e descobrisse que não estavam mais hospedados, procuraria desesperado a recepção do hotel, onde confirmariam que a fantasia da recompensa havia chegado ao fim. O recepcionista diria *espere um pouco senhor, há um envelope em seu nome*.

Walden, a esta altura mais pálido do que já era, pegaria o envelope — do tipo grande e dobrado em três partes — e sentiria o peso. Depois de se afastar do balcão da recepção alguns metros, viraria de costas e verificaria o conteúdo. Dentro haveria um maço de dinheiro com cinco mil dólares, que serviria para Walden retornar aos Estados Unidos e comer pizzas por algum tempo. Como Walden não cometera nenhum crime, e não estava fugindo de ninguém, seria sua única opção. Pelo menos, em casa teria uma chance de pensar no que fazer.

Era o fim da relação dos Crammer com Walden.

Mas a viagem do casal teria que prosseguir, com Crammer certo de que tomara todos os cuidados. Quando entrou em contato com Sigfried Mack, especialista em identidades falsas, solicitou passaportes e novos números de seguridade social para os três. Por precaução, solicitara mais de um jogo de passaportes para ele e a mulher. Em primeiro lugar, Sigfried conhecia bem El Pepe Steward, que já fora seu cliente. Sigfried tinha plena consciência de que El Pepe poderia perguntar a ele se por um acaso tinha prestado serviços para Crammer. Assim, Michael e Sigfried combinaram que se isso ocorresse, Sigfried falaria uma meia verdade, ou seja, que havia sim criado novas identidades para Crammer e Suzanne, mas não revelaria que havia feito, na verdade, duas identidades para cada um deles, e não apenas uma. Desta forma, ficariam relativamente protegidos de El Pepe, e poupariam o amigo falsificador.

Sigfried era um picareta bem conceituado, com reputação de seriedade e discrição, e que jamais se divertia em bares ou fazia revelações em momentos de farrá. Por isso, quando Crammer leu o nome de Sigfried no identificador de chamadas do seu celular, sabia do que se tratava. Crammer havia pedido a Sigfried que lhe avisasse caso El Pepe o procurasse fazendo perguntas.

— Alô.

— Senhor Harvey?

— Sim Sigfried, é Michael.

— Então, conseguiu...

Sigfried parecia surpreso pelo sucesso do plano. Não pôde ver Crammer sorrir orgulhoso do outro lado da linha. O especialista era o único que conhecia toda a verdade. Crammer precisava de pelo menos uma pessoa de total confiança com quem pudesse manter contato nos Estados Unidos.

— El Pepe esteve aqui — disse Sigfried.

Crammer ficou mudo. Embora esperasse que El Pepe o procurasse, não imaginava que aconteceria tão rápido. Em se tratando de El Pepe Steward, nada era cem por cento garantido.

— O que ele queria? — disse Crammer um pouco nervoso.

— Saber notícias suas.

Porra, não diga! Crammer ficou mudo, mas Sigfried continuou.

— Ele disse que não acreditava que você tivesse ido para a Lua.

— Não era o único a duvidar...

— Disse que você era muito burro para esse tipo de aventura. Disse que você estava fugindo dele e que qualquer pessoa que o ajudasse estaria ferrada.

— Esse é o El Pepe que conhecemos... E o que você disse?

— O que combinamos. Passaportes e nova seguridade social para você, Suzanne e Walden.

Crammer tentava estudar a voz de Sigfried e descobrir se havia tensão nela. Não soube dizer de imediato. Também não soube dizer por que tinha que se preocupar com uma eventual tensão de Sigfried. Não gostou daquele palpite, mas ficaria esperto.

— Perguntou onde estaríamos? — disse Crammer.

— Perguntou.

— E?

— Disse que você havia mencionado algo sobre a América do Sul e acrescentei que você também tinha bons contatos na Europa.

— Muito bom.

Sigfried se calou. Talvez um pouco mais do que seria considerado normal.

— Algo mais, Sigfried? — disse Crammer começando a se preocupar.

— Senhor Harvey, fez algum contato com seu pessoal desde a sua volta?

Crammer estranhou. Aquela pergunta não estava no roteiro. Senhor Harvey?

Sigfried está aprontando comigo ou então...

— Sigfried?

— Sim?

— Por acaso, está sozinho neste momento?

— Na verdade, não. Só um instante...

Crammer gelou.

— Crammer, seu bosta! — disse El Pepe.

Aquela era a última voz que ele gostaria de ouvir no universo.

— Sim... Sou eu.

Suzanne largou a lixa de unha e se arrastou na cama até ficar ao lado do marido.

— Nunca vi um cagão como você.

— Como assim, El Pepe?

— Já vi pessoas fugirem de mim, mas até a Lua? É uma puta novidade! — disse El Pepe, e então sua voz áspera pareceu que explodiria de tanto rir.

O instinto de Crammer pedia para ele desligar o telefone, mas seria mil vezes mais prudente ouvir o que El Pepe tinha a dizer. Depois que terminou de rir, o agiota voltou a falar objetivo.

— Duas coisas — ele disse e então se irritou com a demora de Crammer em responder. — Está aí ou correu pro banheiro?

— Estou aqui.

— Primeiro, é preciso que você saiba que sua vida não está em jogo, porque o jogo já está perdido. De qualquer jeito, você morre no final.

Suzanne olhou para o marido e temeu que ele fosse morrer ali mesmo. O fato é que, para todos os efeitos, Crammer tinha ido até a Lua e descido em Nazca, no Peru, mas aquela movimentação não havia servido para nada. Lá estava ele falando de novo com El Pepe Steward, sendo ameaçado e informado de que seu contador seria o primeiro da lista. O que aquele ditado maldito dizia mesmo? Que os problemas vão com você onde quer que você esteja.

— Segundo, o mundo é pequeno e eu acabo te encontrando mais dia menos dia. Sua única opção de homem é levar em consideração a vida dos colaboradores que você deixou para trás. Tenho aqui comigo uma lista enorme de pessoas... Eu irei atrás de cada uma delas e falarei sobre como você foi covarde em se esconder quando teve chance de livrar seus amigos do pior. Então, riscarei o nome de cada um deles, até você aparecer.

Crammer tentou engolir, mas não conseguiu.

— O que quer que eu faça?

— Não morra ainda, Michael.

— Não morrerei, El Pepe.

— Quero que volte ainda hoje.

— Combinado... É o que eu farei, El Pepe.

Crammer desligou o telefone. Estava lívido.

— O que ele disse?! — berrou Suzanne.

— Querida... temos que dar o fora daqui agora.

— Acha que ele irá matar Rodriguez?

— Acho.

— Que ótimo, Michael! — ela disse com desprezo. O marido, afinal, não tinha as coisas tão sob controle quanto supunha.

- CAPÍTULO 72 -

WASHINGTON, D.C.

Roy Charles O'Connell, podia-se dizer, era um lobo feliz. Depois de transformar a tragédia do acidente com a espaçonave Cougmann One em uma oportunidade de projeção pessoal, tudo o que teve que fazer, dias depois, foi se livrar do senador Ramsley, que diziam ser um osso duro de roer. No final, foi mais fácil do imaginava. O senador, até aquele momento, não havia ido em frente com suas ameaças. A memória da esposa e sua relação imaculada com ela revelaram ser fortes razões para o senador permanecer com as mãos atadas.

A votação do novo imposto estava marcada para dali a dois dias. Os congressistas que precisaram ser chantageados, a maioria de lideranças, foram devidamente trabalhados por ele e Frank. Havia um segundo grupo de políticos que não necessitava daquele método drástico. Para estes, um presente significativo, como pequenas contribuições financeiras e até mesmo um belo jantar, foram suficientes para eles se sensibilizarem a votar a favor do imposto. O trabalho de “lobby” que começara muito antes da chegada de Roy a Washington, terminara, e a aprovação da nova lei era questão de tempo.

Por isso, Roy passava suas horas finais em Washington pensando em dinheiro.

O custo de produção de cada máquina Silfos, na escala inicial de trinta e duas mil unidades, era de setenta e cinco mil dólares cada. O lucro líquido, ele calculou, seria de cento e setenta e cinco mil dólares por máquina. Seu acordo com a Fundação definia que Roy teria dez por cento do resultado do projeto, portanto, um lucro de dezessete mil e quinhentos dólares por unidade vendida. Considerando-se o pedido inicial, Roy colocaria no bolso cerca de quinhentos e sessenta milhões de dólares.

Era uma fortuna, mas Roy não via assim. Depois de fazer e refazer as contas, os números se tornaram frios. O dinheiro entraria na sua conta ao longo de um período de dois ou três anos, dependendo do ritmo de produção. Não chegava a ser um problema, é claro, mas para Roy passara a ser. O vírus da megalomania dizia-lhe que a quantidade de dinheiro, de repente, não era assim tão extraordinária. Pior, não era suficiente. Tinha muita gente com muito mais do que isso, e Roy chegou a perder o sono pensando nelas.

Os dois dias até a votação pareciam durar uma eternidade. A vida era dura no histórico hotel The Hay-Adams, que tinha a melhor vista da cidade para a Casa Branca. As revistas de propriedades de luxo, aviões e barcos se tornaram companhia certa nas refeições às vezes solitárias que Roy fazia no restaurante do hotel, The Lafayette, reduto dos poderosos da capital. Ao som do pianista Tom Vogt, que tocava lá há quase duas décadas, Roy apreciava escalopes grelhados e tomava vinhos cada vez mais sofisticados.

Quinhentos e sessenta milhões de dólares era a soma que trezentas pessoas comuns levariam para ganhar ao longo de uma vida inteira nos Estados Unidos, sem a chance de acumular. Mas, para Roy, que as pessoas comuns ficassem em seus lugarezinhos comuns! Não sou uma delas, ele se lembrava a todo o momento.

A revista de barcos, por exemplo, informava Roy que o yatch Eclipse, da Blohm + Voss de Hamburgo, na Alemanha, construído para Roman Abramovich, tinha cento e sessenta e quatro metros de

cumprimento, uma tripulação de setenta pessoas para suas onze cabines e incluía até um mini submarino, mas não saía por menos de meio bilhão de dólares, pouco mais do que Roy acumularia com as máquinas Silfos. Chegou a pensar no Lady Moura, do Sheik Mohammed bin Rashid Al Maktoum, decorado por Philippe Starck, e que saía por meros trezentos e cinquenta milhões, mas este barco tinha o inconveniente de ser dois metros mais curto que o Eclipse de Abramovich. Enfim, problemas. Roy teria que trabalhar mais e melhor se quisesse ser feliz.

O vinho estava ótimo. A garrafa já estava quase no fim, quando o garçom lhe serviu pela última vez antes do pesadelo. Sem ser convidado, um mensageiro trouxe-lhe um recado anotado pela recepção do hotel horas antes. Roy abriu o pedaço de papel dobrado e o leu enquanto fazia descer um generoso gole de tinto. O recado foi lido e o vinho travou em sua garganta.

Estava assinado por *F*.

Era assim que o representante da Fundação costumava de identificar. Dizia que o seu conteúdo deveria ser levado à sério. Roy levou, tanto é que leu o bilhete seguidas vezes, até aceitar e memorizar o seu conteúdo.

“Lamentamos o ocorrido com a Silfos. O projeto está cancelado. F.”

ARIZONA CITY, ARIZONA

ROY ALUGOU UM jatinho e em poucas horas estava no galpão da Cougmann. O segurança que guardava a Silfos recebeu-o na porta e caminhou com ele ao redor da máquina. Roy não soube bem o que pensar. A máquina piloto tinha pegado fogo, por alguma razão inexplicável. O aspecto dela era deplorável, como um enorme caminhão tanque chamuscado. As partes miúdas haviam sido consumidas — cabos, fios, circuitos eletrônicos — embora a estrutura da máquina estivesse quase intacta. Seu primeiro pensamento foi tentar convencer a Fundação de que fora apenas um incidente sem maiores consequências e, assim, trabalhar para evitar os danos de outra publicidade negativa envolvendo seu nome.

Quando Roy deu por encerrada a vistoria, até então sem perguntas, caminhou com o segurança para a sala do andar de cima do galpão, onde ficava o sistema de monitoramento. Sentou-se e observou até que as imagens carregassem. Nesse instante, outros dois seguranças entraram na sala.

Roy olhou para eles, que menearam as cabeças e, então, voltou o olhar para um dos monitores, o que tinha a tela dividida com imagens de quatro câmeras distintas. Os vídeos foram aparecendo e o segurança sentado ao lado de Roy esperou até que ele sinalizasse OK. Roy assentiu e o vídeo iniciou. Uma das imagens, a principal, mostrava um homem de terno e gravata caminhando sem pressa até a Silfos. Carregava um garrafão que Roy supôs conter gasolina ou outro líquido inflamável. Outras duas câmeras flagraram mais dois homens entrando no enquadramento. Eles também traziam garrafões e passaram a espalhar o líquido sobre a máquina. A quarta imagem, no canto inferior direito, ficou escura, como se um defeito tivesse ocorrido.

Até o momento, duas informações se tornaram claras. Tão claras que o cegaram de ódio e o inundaram de incompreensão. A primeira confirmava uma das hipóteses que ocorrera a Roy: a de que a máquina fora sabotada por alguém — um político que não fora incluso na lista de presentes de Roy, um concorrente do fervoroso meio ambientalista, algum ex-funcionário ou desafeto. Era uma hipótese improvável, mas não inteiramente descartável. Já a segunda informação foi a que o deixou completamente pasmo: os três homens que o sabotaram, e cujas imagens das câmeras de vídeo não deixavam dúvidas, estavam ali dentro da sala de segurança com ele.

Roy olhou-os de soslaio e sentiu-se paralisado.

Seu sangue se intoxicou rápido de ódio e, ao mesmo tempo, de medo. Alguma coisa incompreensível e maior acontecia. Fosse o que fosse, ele precisava se controlar.

— Alguém vai ter que me dar uma boa explicação...

— O que quer saber, senhor O'Connell? — disse o segurança que estava sentado ao seu lado.

— Que porcaria é essa? Vocês trabalham para mim!

— Não trabalhamos mais — respondeu o segurança. No entanto, sua voz não soava como a voz de um traidor. Ao contrário, parecia assustada, embora Roy tivesse certeza de que não era por causa dele.

— Como disse?!

— Lamento, senhor O'Connell.

— O que exatamente você lamenta, seu verme? Acabei de ver você atear fogo na máquina que vocês ficaram encarregados de tomar conta!

Roy desabotoou a gola da camisa. Seus olhos pareciam saltar para fora. A sala se tornara pequena para dissipar a onda de calor que percorria seu corpo naquele momento.

— Como disse, não trabalhamos mais para o senhor — repetiu o segurança, desta vez com um pouco mais de cautela.

Roy olhou para trás.

Eles eram três, Roy estava sozinho.

Eles tinham metade da idade de Roy, eram mais fortes e ágeis, estavam armados com pistolas escondidas dentro dos ternos e ainda por cima haviam dito que não trabalhavam mais para ele. Roy tentou raciocinar, mas o incidente não demonstrava lógica alguma. Se o que Roy sentia naquele instante não fosse um início de infarto, era algo bem próximo de um.

— Alguém pode me explicar? — ele disse, ofegante.

O segurança ao seu lado tirou um cartão pessoal do bolso e entregou a Roy. O cartão não tinha nenhum nome de pessoa ou empresa. Não tinha um logo ou algo que identificasse a quem pertencia. Apenas uma letra.

F.

Roy olhou na frente e no verso. Confirmou que aquela letra solitária era a única impressa e guardou o cartão no bolso do casaco. Não que fosse necessário, mas era um pretexto para esconder sua mão, que passou a tremer. Suas pálpebras também começaram a tremular. Fechou os olhos tentando em vão controlar sua ira.

— O senhor está bem? — perguntou o segurança, preocupado.

Roy meneou a cabeça, mas não convenceu. O segurança achou que devia mais explicações. Olhou para trás, os colegas concordaram.

— Senhor O'Connell, eles chegaram aqui de ônibus, nos mostraram uma papelada dizendo que tinham direito sobre a propriedade e sobre tudo o que estivesse dentro dela. Enquanto eu tentava entender o que acontecia e ligar para a sede da Cougmann, talvez colocar alguém da administração para falar com eles, desceram do ônibus umas vinte pessoas armadas. Senhor, tinha que ver... Pareciam forças especiais. Estavam armados com automáticas sofisticadas, usavam luvas e insígnias de uma grande empresa de segurança que me fugiu o nome... Depois de uns minutos, os pedidos se transformaram em ordens e, depois, ameaças. As câmeras não mostram, mas eles estavam por todos os lados apontando aquelas armas para nós. É a câmera 4, está vendo? Não é por acaso que está apagada. O fato é que nos obrigaram a incendiar a máquina, senhor O'Connell. Depois subiram até aqui e apagaram os arquivos digitais com

as suas imagens. No final, nos deram vinte mil dólares de gratificação — em espécie — e disseram que deveríamos continuar a trabalhar aqui no galpão normalmente. Um deles me entregou o cartão que eu dei ao senhor, e pediu que eu lhe entregasse quando o senhor aparecesse por aqui. Que seria o suficiente para que o senhor entendesse. Também disse que não teríamos problemas. Senhor O’Connell, o que poderíamos ter feito?!

Roy se calou. Eles não poderiam mesmo ter feito nada. Quando os seguranças perceberam que a introspecção de Roy demoraria mais tempo, e que o risco de um infarto já não era assim tão evidente, deixaram-no sozinho na sala. Roy respirou algumas vezes e quando se viu só, tirou a mão de dentro do bolso. Ainda tremia, mas tentaria ao menos raciocinar.

A Fundação apoiara o projeto. A Fundação destruíra o projeto. Por quê?!

O problema não foi o incêndio de uma máquina, que seria fácil de ser substituída, ainda mais quando um grande pedido seria efetivado em breve. O problema era o recado, bastante claro, de que Roy deveria deixar aquela ideia para trás. Era isso que não compreendia de jeito algum. Agora, era preciso pensar com urgência em uma declaração a ser enviada à imprensa. Uma explicação. Um adiamento do projeto por questões técnicas, bastante genérico, mas muito melhor do que o silêncio. Claro que ele não teria nada a ganhar com a visibilidade negativa que a notícia de um incêndio traria. Ao contrário, seria sua desgraça. O segundo acidente com um projeto de Roy, e tão próximo ao primeiro.

E quanto aos homens da lei no Congresso, bastariam alguns telefonemas e a votação seria adiada até segunda ordem. Os ambientalistas que buscassem outras soluções para o problema da poluição.

Feitas as avaliações mais imediatas do estrago, a cabeça de Roy voltou a martelar que deveria haver um porque para o ocorrido. Naquela madrugada infame, o lobo reconhecia que fora abatido e que estava fraco demais para sair por aí fazendo perguntas ao representante da Fundação, que ele não sabia o nome e nem mesmo tinha o número de telefone. O que ele conhecia eram apenas algumas empresas controladas pela Fundação — o que estava longe de ser suficiente para entrar em contato com eles. Normalmente a Fundação entrava em contato.

Roy esperaria.

- CAPÍTULO 73 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

ABRUXA TINHA pressa, mas os pneus do carro patinavam com facilidade e ela teve que ser prudente. A nevasca que ocorreu ao final de dezembro de 2016 deixou a paisagem de Cambridge coberta por um lindo branco e suas ruas perigosas e escorregadias. Ao seu lado, a filha fechava os olhos com frequência, antes, durante e ao sair das curvas, quando a emoção de acompanhar a mãe aumentava. Até onde a filha compreendia, ela era mortal até o último fio de cabelo, embora, às vezes, desse a impressão de ignorar essa lei da vida. As duas vinham da região oeste da cidade, seguindo pela Rota 2 Leste. Depois de passar pelo Fresh Pond Mall, chegaram ao destino que as antenas invisíveis da bruxa disseram-lhe para ir.

No Danehy Park, onde o estacionamento era gratuito, famílias levavam crianças e cães a passear, faziam picnics no verão, caminhavam e andavam de bicicleta. Idosos jogavam uma variação mais leve do baseball chamada softball, e até mesmo o futebol se jogava. Era lá que a feiticeira pressentia que encontraria aquele a quem vinha ajudando anônima nos últimos dois anos. O ritual consistia em mentalizar coisas boas e pedir por sua segurança e, é claro, para que fosse inspirado por entidades que sabia serem de origem superior.

A mandraqueira não conhecia as pessoas que auxiliava à distância. Talvez fossem enviados dos céus, missionários ou revolucionários. Também desconhecia quantos anos tinham e qual eram exatamente suas missões. Por conveniência, ela decidira chamá-los de diplomatas cósmicos. O nome tinha certo efeito eloquente.

Confiava que bastaria seguir a coceira que sentia em alguma parte do seu corpo, e que denominava de “coisa”. A diferença desta manhã para as outras em Cambridge, é que sentira uma daquelas coisas, e foi na base de tentativa e erro, que entendeu ser melhor seguir atrás. Acertava, na média, algo em torno de cem por cento das vezes. Era mesmo espantoso. E a coisa, neste dia, dizia para a bruxa que ela conheceria diplomatas cósmicos em Danehy Park.

A bruxa desceu do carro ajudada pela filha. Ela não era velha. Deveria não ter mais que sessenta anos de idade, mas era um tanto desajeitada e se tornava muito apressada quando sentia suas coisas. Com a neve toda, não seria necessário muita sensibilidade para a filha prever que a mãe se espatifaria no chão a qualquer momento. Como sempre fazia, a filha ajudaria a mãe no que fosse necessário.

A filha, por sinal, nascida e criada filha de bruxa, aprendeu a compreender e a aceitar a mãe. Servia ao seu lado com honra e crença totais. Tinha trinta e dois anos, era formada em psicologia e participante da Unidade Koestler de Parapsicologia da Universidade de Edimburgo, na Escócia. Até por lógica acadêmica, por vezes tentou levar a mãe a laboratórios especiais para que estudassem o seu dom, mas a mãe não aceitava, sabia que aqueles procedimentos serviriam no máximo para satisfazer curiosos. As forças do mal que reinavam no planeta não estavam interessadas no despertar da humanidade de verdade.

Chamava-se Josefina. Era uma viúva meiga que vivia da herança do falecido marido, que morrera anos antes em um acidente de carro previsto por ela. Era um homem carinhoso e correto, mas talvez pelo fato de ser um advogado criminalista com os pés no chão, preferiu não dar ouvidos ao alerta da mulher,

que interpretava apenas como excesso de zelo. O acidente acontecera dois anos após o nascimento da filha, que chamou de Fenícia, e a quem atribuía o início da descoberta de sua incrível sensibilidade.

Josefina e Fenícia seguiram caminhando pelo Danehy Park até descobrirem que o local do encontro com os diplomatas cósmicos ficava na outra extremidade, próximo ao campo de São Pedro, perto do estacionamento da rua Sherman. Josefina não havia previsto esse pequeno detalhe mundano, e que forçara ela e a filha a uma andada mais longa no frio intenso. A filha, por experiência, julgava melhor deixar a mãe seguir seus caminhos da forma como melhor lhe conviesse. Assim, interferiria o menos possível nas tais antenas de Josefina. A lógica terrena muitas vezes não se aplicava à mãe. E a antena de Josefina lhe dizia para procurar eletricidade. Os dois diplomatas cósmicos seriam identificados por Josefina no meio de uma forte corrente.

DEPOIS DE SAIR da casa da mãe, Lucas pediu um tempo a Luiza.

Nos últimos três meses, tivera a pior depressão de sua vida. Pela primeira vez, foi ao médico falar sobre o que sentia e aceitou tomar remédios por algum tempo — o que ele odiava. A perda da oportunidade de viajar à Lua e o sequestro o abateram de maneira prolongada. As luzes que ele supunha tê-lo ajudado, também o assombravam. O que eram? Nesse período, pediu à Luiza que não o procurasse. Para sua sorte, o pedido foi ignorado por completo.

Luiza o visitou diariamente. Cuidou do seu apartamento como se fosse dela, mas sempre tendo o cuidado de não fazer Lucas se sentir invadido. Ela vinha, cozinhava e conversava com ele sobre assuntos amenos. Dependendo do seu ânimo, ela ficava mais tempo. Depois, ia embora. Uma mulher como Luiza não existia.

Lucas reconheceu e desenvolveu por ela um sentimento profundo. Os três meses que ficou sem sair do apartamento, teriam sido muito mais difíceis sem a presença dela. Quando percebeu uma oportunidade, Luiza tocou no assunto do pai, o que o fez pensar que houvesse mais a ser investigado. Também lembrou a ele que o período sabático logo chegaria ao fim, e que seus alunos aguardavam-no com ansiedade. A conversa ocorrera dois dias antes e fora fundamental para convencer Lucas a sair de casa pela primeira vez desde que a depressão fora diagnosticada.

Apesar do frio, escolheram dar uma caminhada em Danehy Park. Pelo efeito do ar fresco e da luz do dia, o fato é que o passeio fez Lucas se sentir muito bem. O sentimento tido ao parar próximo ao campo de São Pedro foi de gratidão e desejo. Aquela mulher era espetacular e ele seria um completo idiota se a deixasse partir. Ao pensar nisso, incluiu Luiza no seu pacote de motivações que o ajudariam a superar a depressão. Quando seus lábios, por fim, tocaram nos de Luiza, sentiu algo intenso. Luiza sentiu o mesmo, o primeiro beijo real em sua vida.

Foi eletricidade pura.

A forte corrente fez Josefina fixar os olhos no casal. A bruxa sentiu a mesma coisa, que para ela chegou de forma mais pura. Estava com Fenícia há cerca de vinte metros dos dois. Ao final do beijo, já estavam a menos de cinco metros. Em outros tempos, Fenícia seguraria o braço da mãe, levando-a para outra direção, evitando pagar mais um mico. Mas nessa época, ainda desconhecadora das forças, estava no passado. Assim que a mãe parou, Fenícia entendeu que Josefina identificara os dois novos diplomatas.

Quanto àquilo, não houve qualquer dúvida.

Lucas notou que fora observado por aquelas duas mulheres de maneira invasiva. Foi inevitável não se irritar. Luiza, como sempre, percebeu primeiro. A mulher de mais idade tinha o semblante transfigurado, enquanto que a mais jovem apenas observava com a mesma curiosidade de Luiza. Logo, Luiza e Fenícia trocaram um olhar cândido. Mulheres sabiam quando momentos eram especiais. Foi Fenícia quem tomou a iniciativa de caminhar em direção aos dois, deixando a mãe sozinha, mais atrás.

— Desculpe, poderia falar com vocês dois por um instante? — perguntou Fenícia.

Lucas olhou para Luiza, a quem aprendera a confiar, e notou que ela não reagira desconfiada, como ele. Ao contrário, estava receptiva, enquanto ele ainda se sentia ameaçado e invadido. O olhar de Josefina, a cinco metros de distância, não desgrudava deles. Ao observar melhor, Lucas entendeu que não havia ameaça naquele comportamento incomum, ao contrário, o olhar parecia benigno e caloroso, embora estranho. Lucas ainda sentia o efeito do beijo em Luiza, de maneira que a aproximação das duas mulheres fora um verdadeiro banho de água fria.

— Do que se trata? — quis saber Lucas.

— Minha mãe precisa ter uma palavra com vocês — disse Fenícia.

— Precisa? Não acho que nos conheçamos...

— É verdade. Não nos conhecemos. Veja, sei que podem achar curioso, mas é algo importante.

— Sobre o quê?

— Vocês.

Josefina havia quebrado o olhar. Agora carregava emoção, enquanto se aproximava lenta em direção aos três. Luiza também lamentou que o beijo não pudesse ser seguido por palavras ou mais beijos, mas, ao contrário de Lucas, não tinha medo de quase nada na vida — ainda mais de duas mulheres que transmitiam tanta energia positiva.

— Tem um café aqui perto — disse Fenícia, antes de Lucas abrir a boca para protestar.

Josefina chegou perto e esticou as duas mãos em direção a Lucas. Ele retribuiu.

— Tenho pedido por você há anos — disse Josefina.

Lucas e Luiza se olharam. Ele queria achar graça, mas não conseguiu. Josefina e Fenícia não demonstravam qualquer indício de leviandade.

— Desculpe, mas--

— Sua busca está no caminho certo.

— Não entendi.

— Me refiro a seu pai.

Lucas se calou. E procurou raciocinar rápido. Todo mundo um dia teve pai. Para alguns, pais simplesmente desapareciam, o que não era algo tão incomum assim.

— Meu pai morreu há meio século.

— Eu duvido — disse Josefina com certeza inabalável.

— Olhe, não sei como você--

— O caminho que seu pai abriu não deve se fechar. É por ele que você deve seguir. É para isso que você está aqui!

De alguma forma, aquela mulher sabia sobre sua vida e sobre sua busca. Por outro lado, também não era incomum que filhos seguissem o mesmo caminho dos pais.

— Por que imagina isso? — perguntou Lucas.

— Não estou imaginando. O meu caminho é saber.

— Isso não explica muito.

— Sei qual é a sua missão. É sobre isso que precisamos conversar. Você precisa encontrar seu pai. Ele quer vê-lo.

Josefina disse aquilo e soltou as mãos de Lucas.

Ele riu, educado. Poderia até soar como um riso debochado, mas Josefina e a filha Fenícia estavam bastante habituadas às reações das pessoas ao falar com uma bruxa. Sem sombra de dúvida, aquele era um riso ansioso e confuso. Tanto era, que já havia se encerrado e dado lugar a um silêncio perscrutador. Algumas pessoas riam nervosas, outras lhe viravam a cara, e outros, ainda, viam-na como uma espécie de guru e passavam a olhá-la com adoração. Ela preferia o riso nervoso e o silêncio, pois costumavam ser seguidos de uma conversa mais objetiva.

- CAPÍTULO 74 -

ATLANTA, GEÓRGIA

ROY FOI OBSERVADO atentamente nos dias que se sucederam à sabotagem da Silfos. O mais importante para ele — e para seu futuro como empreendedor — foi que em nenhum momento mencionou ou se lamentou com alguém a respeito do que considerava uma absurda traição da Fundação. Como um guerreiro experiente, soube esperar.

Às vezes, era preciso dar um passo atrás antes de seguir em frente. No seu caso, aquilo se traduzia na tragédia da Cougmann One, e no fim abrupto do projeto Silfos. Roy voltara a ser apenas o dono de uma rede de TV local. Para ele, era pouco.

Até que, um dia no meio de dezembro, recebeu o telefonema que tanto aguardava. Era o representante da Fundação. A ligação durou pouco, embora tivesse sido bastante cordial. O representante o parabenizou por saber lidar bem com os revezes do mundo dos negócios, depois convidou-o para um novo encontro. De novo, seria na sala de reunião Beechnut do Hotel Omni, no CNN Center de Atlanta, para onde Roy voou no dia seguinte.

Mesmo depois da sabotagem, a ideia da grandiosidade e poder da Fundação continuavam a exercer sua fascinação usual. Roy se perguntava de onde viria tamanha confiança por parte deles em investir pesado em algo que eles terminariam por destruir. Não era o que empresas com objetivos de lucro faziam na vida empresarial. Não era admissível. Deveria haver alguma lógica oculta, uma agenda que Roy desconhecesse.

— Vi poucas pessoas lidarem com o fracasso tão bem quanto você — disse o representante da Fundação. Roy gostaria de ter dito “obrigado”, mas não teve estômago.

— Não foi tão simples quanto parece.

— Não importa, Roy.

— Gostaria de uma explicação.

— Claro que sim. É por isso que o chamamos para conversar.

— Como puderam sabotar o projeto que vocês próprios financiaram?! — ele quis saber, sem conseguir esconder a indignação. O representante meneou a cabeça como quem demonstra solidariedade, e depois explicou.

— Roy, soubemos que os índices de limpeza da Silfos eram em torno de 20% da estimativa inicial.

Roy arregalou os olhos. Ele não informara aquele número para ninguém.

— As estimativas iniciais eram altas demais. Os 20% é que eram realistas — Roy explicou.

— Ainda assim, não iríamos adiante com a Silfos.

— Desculpe, mas não estou entendendo.

— O jogo, Roy.

— Que jogo?!

— Das oportunidades e da capacidade em se antecipar às tendências.

Roy apenas balançava a cabeça.

— Entenda, Roy... Não estamos atrás de soluções.

— Não sei do que estão atrás, mas sei que iríamos faturar bilhões de dólares e ainda tirar um pouco de CO2 do ar. Como isso deixa de ser uma oportunidade?

— Não estamos interessados em mais alguns bilhões de dólares. Não faria diferença para nós. Isso é coisa para jovens empreendedores da internet. Nós estamos no ramo de impressão de dinheiro, bem no coração dos bancos centrais. Também temos controle acionário de empresas produtoras de silício e outros metais que os jovens empreendedores dependem para serem considerados risíveis visionários por revistas que também são controladas por grupos ligados a nós. A camada onde estamos é bastante diferente.

Roy suspirou. A Fundação era uma caixinha de surpresas ameaçadora e, por vezes, irritante. Quem não estaria interessado em alguns bilhões?!

— Muito menos em tirar CO2 do ar — continuou o representante.

— Não consigo me lembrar de outro projeto ambiental com tamanho impacto na qualidade de vida das...

— Roy, Roy... Por favor.

Roy acabava de demonstrar uma ingenuidade incompatível com as ambições da Fundação. Precisava corrigir esse deslize. Foco!

— Olhando do ponto de vista estritamente do negócio... — ele tentou corrigir.

— Roy, nosso ponto de vista é de que o planeta tem muitas pessoas passando fome, muitas doenças, muitos conflitos, muitas religiões, muitas nacionalidades, muitas cores e muita gente respirando. Deixemos que essas pessoas se desentendam naturalmente, se é isso o que desejam.

— As pessoas se desentendem com muita facilidade — disse Roy com ironia.

— Então que elas sigam seus cursos. Que elas pereçam, se esse for o destino delas. Não farão falta alguma ao planeta. Para ser o mais franco possível, o negócio da Fundação é o de facilitar que uma seleção natural do ser humano ocorra.

Roy se lembrou da mensagem das Pedras Guias da Geórgia.

— Não queremos um planeta com bilhões de pessoas, Roy.

— Por que tocaram fogo na Silfos? Para que tivemos tanto trabalho, afinal?

— Não conhecíamos você o suficiente. Também não estávamos tão familiarizados com o novo Secretário de Defesa no exercício da função. Julgamos que seria precipitado um projeto dessa envergadura. Precisávamos saber como vocês e outros representantes funcionariam juntos. Como um time, compreende? A Silfos é passado. Já não interessa mais. Estamos aprendendo e agrupando conhecimento. A engrenagem não para, Roy. É preciso olhar para a frente.

Foi sutil, mas não passou despercebido. Roy não soube o que dizer quando ouviu do representante da Fundação que ele, Roy Charles O'Connell, e o novo Secretário de Defesa, eram vistos igualmente como *representantes* da Fundação. Quando parou para considerar aquela informação, sentiu-se melhor. De súbito, honrado. Era como se o talento de um filho fosse reconhecido pelos pais, com todas as desavenças e explicações deixadas para trás, e no momento, desnecessárias. Roy Charles O'Connell agora era um deles.

O representante observou as reações de Roy e sorriu satisfeito. Ele entendera.

— Roy, as coisas são incrivelmente dinâmicas. Ninguém pode afirmar que tem tudo sob controle. Vamos conhecendo as potencialidades de cada um conforme o jogo avança. Posso te garantir que seguiremos em frente juntos, acredite.

Roy se dava por satisfeito. O poder era mais inebriante que o dinheiro. O representante da Fundação retirara suas angústias dos últimos meses com uma facilidade impressionante. Tudo ficara mais claro. Roy fora testado junto com outras pessoas e concluiu que não havia nada de incomum. Estava passando por uma espécie de reeducação, um doutorado em controle de massas, criação de problemas, proposta de soluções para os problemas criados. Estaria sempre à frente da compreensão do cidadão comum. À

frente dos políticos. À frente das tendências. A Fundação era capaz de criar o futuro.

O representante notou o brilho no semblante de Roy.

— Não ficamos de joelhos para ninguém, Roy. Não nos penitenciamos. Seguimos nossos próprios desígnios. Fazemos o que queremos. Sempre. Não temos pudores ou sentimentos, a não ser para o nosso grupo.

— Entendo.

— Ótimo, Roy. Quer saber onde pretendemos chegar, estou certo?

— Está.

O representante sorriu.

— Todos querem saber... — disse o representante.

Em outras ocasiões, Roy jamais se atreveria a bisbilhotar as intenções da Fundação, mas ele acabara de ouvir do representante que agora era um deles.

— Roy... O mundo é um grande território. Somos hoje três ou quatro grupos lutando por controle absoluto — leis, comunicação, alimentação, forças armadas e educação, saúde... Houve um tempo em que o controle era mais pulverizado, mas isso tem mudado com a velocidade das novas tecnologias. Às vezes colaboramos uns com os outros, mas na maior parte do tempo tiramos território de alguém e acumulamos mais controle. Um dia, não tão longe assim, seremos apenas um grupo. E se quer saber, até mesmo nossos adversários reconhecem que a Fundação caminha a passos mais largos para ser o grupo que prevalecerá no final. Não temos mais oposição significativa. É por isso que investimos muito tempo e recursos para selecionar as melhores pessoas, aqueles com quem nos identificamos. Não há pressa, porque o caminho foi pavimentado. O mais importante agora é defender nossas posições e crescermos enquanto família.

O sangue de Roy correu quente nas veias. Ele agora caminhava ao lado dos homens grandes. Era isso que acontecia. O representante fora bastante revelador naquela manhã.

— Não haverá necessidade de controlar a poluição do ar, Roy. Um dia, reduziremos a população do planeta de tal forma que a limpeza se dará de maneira proporcional e natural. Há um grande segredo aqui: o planeta é muito mais forte do que a humanidade. Ele sempre se cura. Tivemos dois importantes laboratórios — nossas guerras mundiais do século vinte — e todos os conflitos importantes, desde então. Acumulamos um conhecimento muito grande que será fundamental para consolidar o que virá.

O representante falava com naturalidade.

— Quando chegará esse dia? — perguntou Roy com igual tranquilidade.

O representante suspirou.

— Talvez em uma geração ou duas. Temos que continuar trabalhando a cabeça das pessoas. Precisamos aumentar a seleção natural através da violência. É a forma mais rápida. Mas você sabe, nada é tão simples. Nada é garantido.

— Não tenho problema com isso. Conheço bem a violência.

— Talvez se interesse em desenvolver novos projetos conosco.

— Por que não?

— Você foi um bom militar, soubemos.

— Sim... Tenho orgulho disso.

— Quando pretende voltar a Boston?

— Amanhã.

— Ótimo. Fique por aqui essa tarde. Providenciarei uma visita sua a um hospital da Fundação. O doutor Silvestrini vai recebê-lo. Ele é um dos melhores neurologistas que conhecemos.

Roy não fazia ideia do que aquilo significava. Mesmo assim, assentiu.

— Estamos investindo cada vez mais forte na indústria de games.

— Vídeo games?

— Isso mesmo. Vai deixar o cinema para trás. É aqui que a ficção e a realidade se misturam como em um casamento quase perfeito. Queria que você entendesse melhor como isso funciona.

— Claro.

— Imagine... Centenas de milhões de casas ao redor do mundo jogarão jogos cada vez mais realistas. Sabia que a idade média de um jogador é de 35 anos?

— Não fazia ideia...

— Pois é. Esse indivíduo joga há pelo menos 12 anos. Consegue calcular o tempo que ele gasta se dedicando a olhar aquilo que nós queremos que ele olhe? E tem mais: games ainda são vistos pelos pais como algo positivo. O que mais podemos pedir? Some a isso as novas tecnologias e o acesso à internet rápida e teremos um vasto campo de engenharia social a explorar. É um sonho, Roy.

Pela primeira vez, desde que conhecera o representante, Roy o sentiu entusiasmado. Depois que ele lhe entregou um cartão com os dados do doutor Silvestrini e uma pasta com informações, Roy se despediu e saiu da sala sem maiores questionamentos. Se era um trabalho da Fundação, não havia o que ser questionado.

À TARDE, ROY seguiu até o endereço do cartão, onde foi encaminhado até a sala de comando de exames de ressonância magnética. Ali, o doutor Silvestrini, um homem de quarenta anos que vestia um jaleco branco sobre terno e gravata, conduzia uma série de testes que replicavam um experimento do *Oxford Journal — Social Cognitive and Affective Neuroscience* de alguns anos antes. O doutor cumprimentou Roy sem se levantar da cadeira e mal tirou os olhos do monitor. Roy se sentou um pouco atrás de Silvestrini e aguardou até que ele terminasse seja lá o que estivesse fazendo.

Através de uma janela, Roy observou um jovem com vários eletrodos presos nas mãos. Ele parecia olhar em um monitor portátil adaptado à sua postura. O doutor Silvestrini apontou para um monitor de TV que ficava ao lado do monitor de controle do equipamento de ressonância magnética. O doutor fez isso sem tirar os olhos da tela principal, que mostrava o crânio do jovem. Roy virou o rosto e observou que o monitor de TV mostrava imagens repetidas de violência — acidentes de carro, tiros, lutas corporais, explosões e tiros.

— O jovem vê essas imagens — explicou o doutor Silvestrini de maneira sucinta. Em seguida, afastou a cadeira onde estava sentado, de forma a permitir que Roy se aproximasse da imagem captada pelo equipamento de ressonância magnética, no monitor principal de onde Silvestrini não desgrudava os olhos.

— O que tem de tão interessante?

— Costumávamos nos chocar com essas imagens.

— Não diga... Parece um cérebro.

Silvestrini ergueu o canto do lábio numa tentativa de sorrir.

— Veja — disse o doutor, erguendo o dedo indicador e o apontando para uma parte do cérebro. — Roy O'Connell, correto?

— Sim.

— Isso aqui Roy, é a comprovação clínica do que acontece com o cérebro de uma pessoa quando ela assiste ou interage com imagens violentas.

— Desculpe, doutor Silvestrini. Não falamos a mesma língua.

— Vou tentar ser mais claro... Essa reação que você acompanha aqui é a forma como comprovamos cientificamente, e não meramente através de estatísticas e entrevistas, que essas imagens são capazes de dessensibilizar uma pessoa.

— Dessensibilizar?

— Isso mesmo. Estamos vendo, do ponto de vista clínico, a parte do cérebro responsável pelas

emoções ficarem, literalmente, menos sensíveis.

— O que significa que...

— Que esse rapaz acabou de mandar pro espaço a preocupação natural que todos nós temos com o bem estar de outros seres humanos.

— É isso que fazem aqui?

— Exato. Adeus empatia. Adeus sofrimento com vítimas de violência. Nosso rapaz está pronto para pegar uma arma e dar um tiro em alguém sem diferenciar muito o que é virtual e o que é real.

— Não entendo. Ele tem algum problema? Mental, digo.

— De jeito nenhum. Por acaso o garotão aí é meu filho.

— Certo. Mas então---

— Dessensibilização, Roy. Foi só isso que foi afetado. Para ele, machucar um outro ser humano deixou de ser algo tão incômodo. A realidade fica mais distante.

— Você já tem uma amostragem significativa?

— Tenho. Testei pessoalmente em várias pessoas. É algo que já foi cientificamente comprovado há alguns anos. Uma pessoa exposta a videogames violentos pode se dessensibilizar e se tornar mais propensa à violência real.

— E isso ocorre porque--

— Porque ele acabou de assistir a imagens violentas. Tanto faz se é da TV ou de um filme de cinema. A vantagem — se é que devemos usar esse termo — é que o vídeo game oferece a chance de uma participação ativa, o que torna essa dessensibilização muito mais efetiva.

— Mas, enfim, o que planejam?

O doutor Silvestrini o ignorou.

— Agora, se isso ocorre com o cérebro de um jovem adulto, imagine no cérebro de crianças e adolescentes.

— Nem consigo imaginar.

— Estamos agora em outra fase, determinando que tipo de imagem produz maiores efeitos, que tipo de interações, que temas, enfim, vamos criar um banco de informações sobre dessensibilização. Há uma forte tendência nessa direção.

Na pasta que o representante da Fundação havia entregado a Roy antes de ele sair tinha alguns dados que agora começavam a fazer sentido. Uma folha dizia que um jovem chegava à vida adulta com nada menos que dezenas de milhares de horas de imagens assistidas contendo violência e erotismo. Com a dessensibilização, ficava claro que o comportamento agressivo das novas gerações não era um processo natural, mas produzido. Engenharia social era o termo que a Fundação gostava de utilizar.

Novas gerações violentas significavam maior facilidade em recrutá-los para conflitos, vendas de armas, violência doméstica e urbana. Nos tempos de Roy, ele se lembrou, mais da metade dos seus colegas de infantaria não tinha coragem de atirar em um ser humano. Havia uma repulsa natural em matar. A estatística só mudou quando métodos de dessensibilização foram aplicados e os soldados passaram a se importar menos com a vida humana.

O mercado era, em definitivo, interessante. Aonde ele poderia chegar, Roy ainda não fazia ideia, mas era bom estar ali, respirando poder e controle.

O doutor Silvestrini tirou Roy de seus pensamentos.

— Consegue imaginar uma maneira melhor de inibir o desenvolvimento da sensibilidade social? — disse o doutor.

— Adeus, compaixão?

Silvestrini, o médico, assentiu.

— Adeus, mesmo.

- CAPÍTULO 75 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

LUCAS E LUIZA não aceitaram o convite da bruxa, mas combinaram de se encontrar para um almoço alguns dias depois quando Josefina deixou claro que o assunto era da “máxima urgência para os interesses do planeta”. Lucas ouviu e teve vontade de sair correndo. No final, mesmo achando que a mulher era maluca, levou em consideração sua insistência e a forma serena com que pedia o encontro. A filha também parecia alguém bastante centrada.

Antes de chegarem ao The Pulse Café, que ficava na Elm Street, não muito longe do Danehy Park onde haviam se encontrado dias antes, Lucas decidira escotá-la pelo menor tempo possível e depois cair fora. O que ele queria era voltar a dar aulas e cuidar da sua relação com Luiza. Ela, mais uma vez, foi quem o convencera a ir ao encontro. Julgou que seria interessante uma conversa com a mulher, no mínimo para distraírem a cabeça.

Seguiram para o almoço.

O lugar tinha sido sugestão de Josefina, que gostava do estilo natureba. Com frequência, a bruxa professara os benefícios dos alimentos naturais, dizendo que a comida do futuro seria de certa forma a do passado, sem os químicos que inibiam o desenvolvimento das percepções extra-sensoriais.

Lucas conferiu o cardápio, garantindo que os itens ali eram cem por cento vegetarianos e aproximadamente setenta e cinco por cento orgânicos. Se a pessoa fosse alérgica, seria um favor informar ao garçom. Josefina pediu torradas francesas e chá orgânico.

— Estou com um apetite leve — esclareceu a doce bruxa.

Fenícia abaixou o cardápio e pediu uma House Salad. Luiza, o mesmo, e depois observou Lucas. Ele parecia revigorado. Nos últimos dias os dois permaneceram fechados no apartamento de Kendall Square, onde a relação pegou fogo e a depressão do professor virara fumaça. Lucas pediu um hambúrguer vegetariano.

— Desculpe, o seu nome mesmo é...

— Josefina.

— Você disse que tem rezado por nós há algum tempo, é isso mesmo? — Lucas perguntou com leve sarcasmo.

Josefina olhou para a filha e em seguida a Lucas.

— O que você sabe sobre o despertar da humanidade?

— Eu poderia falar horas e horas sobre o despertar de novas ciências, sobre a evolução dos costumes, dos esportes e coisas assim, mas imagino que esse não seja o motivo desse encontro.

— Estou me referindo ao que está sentindo nesse exato momento.

— Não sei se entendi.

— A paixão... O despertar de um novo sentimento. Um novo caminho.

Lucas enrubesceu. Ele jamais falava dos seus sentimentos, porque nunca chegara a ter um que valesse a pena comentar. A bruxa girou a cabeça para Luiza.

— O mesmo acontece com você, minha querida fênix... Você está renascendo nesse momento.

Despertando para a vida como ela foi desenhada para ser. Os dois estão renascendo juntos. Posso afirmar que nada disso ocorre por acaso.

Luiza se arrepiou. Ela nunca tivera com quem conversar sobre esse tipo de sentimento, embora mantivesse a esperança de que a mãe de Lucas pudesse vir a ser sua amiga.

— Olhe, não vamos lhe dar dinheiro algum — disse Lucas, irritado com as adivinhações óbvias. Ao ouvir aquilo, Luiza desejou sumir de vergonha, mas se tranquilizou quando percebeu que Josefina e Fenícia não se importaram com o comentário.

— Como descreveria sua inesperada viagem de navio? — disse Josefina.

Mais uma cutucada em Lucas. Que merda é essa?!

Desta vez ele sentiu e perdeu o sorriso. Viajar de navio, muita gente viajava. Uma viagem que fosse inesperada era algo possível, mas não tão comum. Mas o fato de sua “viagem de navio” ter sido marcante, e de Josefina estar tocando no assunto, o surpreendeu. A bruxa não teria como saber sobre o episódio do *Galactic Seas*. Em especial, porque o encontro no parque fora acidental.

— Não sei como descreveria. Talvez como um tormento — disse Lucas.

— Uma transformação.

— Eu tive medo de morrer.

— O que acha que aconteceu de incomum?

— Em que sentido? Tudo sobre aquela viagem foi incomum... — Lucas disse e então se lembrou da tempestade que surgira de repente; da luz que lhe revelou o contêiner com os prisioneiros “doadores”; de como a tempestade havia se dissipado de maneira abrupta enquanto a luz subia e se afastava do navio. Lucas não precisou dizer nada. Seus olhos revelavam o que ele descobrira.

— A luz cumpriu sua missão — disse Josefina.

Ela disse “a luz”... Lucas gelou.

— Sim. Se não fosse por ela me... mostrar o contêiner com as pessoas acorrentadas, eu não teria me assustado o suficiente para reagir como reagi. Foi o que me salvou.

Luiza não conhecia a passagem. Lucas não contara porque até aquele momento não julgava importante.

— Houve uma segunda vez onde senti que precisava orar muito por você — disse Josefina. — Seu organismo estava bastante fraco e você realmente correu risco de vida.

— Foi logo depois, quando estava preso dentro de uma caixa. A luz apareceu de novo e as pessoas me encontraram por causa dela, acredito.

— O que você faz profissionalmente?

— Eu ensino física em uma universidade.

— Então trabalha com a cabeça.

— Gosto de pensar que sim.

— E mesmo assim, não conseguiu tirar a venda dos olhos quando sua própria vida esteve em perigo?

— Nunca imaginei algo assim.

— O quê? Não há nada para imaginar.

— Não ficou claro que o que vi fosse algo fora do comum. Meu estresse estava lá no alto e na outra situação, dentro da caixa, achava-me desidratado. Isso afeta a gente.

— Lucas, você precisa pensar em desprogramar sua mente.

— Como assim?

— Você imagina demais, cria teorias mirabolantes. O que você viu, viu. O que aconteceu, aconteceu e pronto. Vai precisar se acostumar com você mesmo.

— Posso tentar.

— Então pare de confiar apenas nos outros. Confie em você. Da última vez que fez isso conseguiu se livrar de um perigo de vida naquele navio. O que mais precisa saber para acreditar?

— Apenas gostaria de entender o que se passou.

— Deixe de ser vaidoso! Você não vai entender e nem deve se preocupar com isso. Não estamos aqui para entender tudo. Seria uma bela desculpa deixar de realizar algo apenas porque não entende. Por acaso compreende o que está sentindo por Luiza?

— Está certo, Josefina. Confio na sua... No seu...

— Na minha missão.

— Como quiser. Agora eu gostaria de saber o que tem a dizer sobre meu pai.

— O que eu tenho a dizer é que você não deve desistir de sua busca.

— Apenas isso? E por quê?

— Da mesma forma como você reconheceu a interveniência da luz no navio e depois dentro da caixa, deve aceitar que o caminho continua sendo o mesmo. Não deve desistir e nem procurar algo novo, caso contrário, estará apenas se distraindo e deixando para depois o que você previamente escolheu para realizar nessa vida.

— Previamente?

— Lucas, o seu pai e você compartilham a mesma tarefa, mais do que imagina.

— Por favor, poderia ser mais clara?

— Veja, gosto de me referir a essa tarefa como o trabalho de um diplomata. Seu pai era um grão de areia, mas trabalhava com aquilo que ele se propôs a fazer em outro local e tempo da vida. Você, assim como ele, deve fazer o mesmo.

— Que é...

— Um trabalho de diplomacia entre mundos, entende o que eu digo? Cada um na sua área, em seu próprio caminho.

— Sei... E por que é você quem deve me dizer isso?

— Porque o meu trabalho é esse. Sou aquela torcedora histérica que vibra com um corredor de uma maratona. Mesmo que ele passe em último lugar, lá estou eu berrando feito uma louca para que ele não desista, balançando as mãos e apontando a direção que ele deve seguir, sempre em frente, sem fraquejar!

— É isso o que está fazendo comigo?

— É. Vim aqui lhe dizer que o seu caminho não é imaginário, mas real, e que deve seguir em frente, não importa o que aconteça. Faça no seu próprio ritmo, mas não saia do caminho.

Lucas silenciou por alguns instantes.

— Obrigado — disse. Depois teria tempo de analisar tudo.

— Você não está sozinho. Luiza caminhará com você. Cada um dos dois possui o material necessário para o que se espera da humanidade. Não que sejam melhores do que os outros, mas têm uma missão especial. Posso dizer que nesse momento existem milhares de pessoas compartilhando esse mesmo objetivo. Vocês prepararão as gerações futuras para o que aguarda a humanidade.

— Não sei se gosto de uma missão tão grande. Também não sei se ela está tão clara para mim — disse Lucas olhando para Luiza. Tinha que admirar a capacidade dela em ouvir sem dizer nada.

— Sim, você gosta da missão. Foi você quem a escolheu.

— O que quer dizer com diplomacia de outros mundos?

— Ora, não faz nem ideia?

— Prefiro que me diga.

— O que um diplomata faz?

— Ele negocia em nome de um povo.

— Isso mesmo. Você é um diplomata cósmico.

— É bom que saiba que eu sou um péssimo negociador.

— Será? Por acaso abriu mão de suas convicções por causa da incompreensão dos outros? Percebo pela sua energia que não. Isso é negociar em nome de valores firmes. O que não percebeu ainda é que

você pensa pela humanidade, por isso tem a proteção de certas... entidades. Pessoas como eu são levadas a te procurar. Minha missão é trazer confiança, ser o tapinha no ombro do maratonista.

— Quem me protege?

Josefina sorriu pela primeira vez.

— Energias iguais a você.

— Por que não se apresentam na Casa Branca?

— A nossa lógica militar acabaria com eles antes de dizerem “olá”. Somos uma espécie agressiva e amedrontada. Tudo a seu tempo, Lucas.

— Não tenho escolha, tenho?

— Tem, mas você escolheu seguir em frente. Outras pessoas também seguem por esse caminho. A humanidade tem despertado mais rápido nos últimos tempos. A quantidade de informações recebida por um número cada vez maior de pessoas é irreversível. Nada mais irá apagar o conhecimento que se espalhou. A vida se apresenta maior, mais bela e mais desafiadora. Se há uma coisa que o universo não nos oferece é a monotonia!

— Prometo que vou pensar em tudo o que me disse.

— Tem mais uma coisa.

Josefina fez uma pausa antes de continuar.

— Lucas, o seu pai, Milton Walker, ainda está vivo. Você sabe disso porque viu uma prova enviada até você.

Era outra informação que a bruxa não teria como saber.

— Não confio em nada que diga respeito a Michael Crammer.

— Essa pessoa não tem nada a ver com a mensagem, mas a prova é autêntica. Perceba, quando pensou que ia morrer naquela caixa de fogos você se fez a pergunta certa. Você quis saber se fora um tomador ou um doador. Pois eu te digo que a batalha é entre esses dois grupos, e que muita água ainda vai correr.

As dúvidas se foram. Josefina era mesmo uma bruxa.

— Quanto a você, Luiza, aguarde. Sua memória vai trazer-lhe boas surpresas. O que você passou só você sabe, mas não pense que está sozinha. Na verdade, nunca esteve. Apenas acredite que as coisas que aconteceram foram um modo de te preparar ao que vem pela frente. Seu contato visceral com as forças negativas deram-lhe uma visão única do mundo. Você, mais do que ninguém, conhece a mente dessas pessoas e suas ideias. Na hora certa, vai se lembrar de coisas que viu e ouviu, e isso será muito importante para todos os do nosso lado.

Josefina soava um pouco profética, mas era seu papel. Odiava quando isso acontecia, quando exagerava no tom de suas orientações, mas ninguém lhe ensinara como se fazia aquilo.

Os pratos chegaram e interromperam a conversa. Eles comeram quase sem conversar. Josefina observou os dois diplomatas cósmicos e sentiu que fora ouvida. Era isso que importava.

Uma semente acabava de ser plantada.

- CAPÍTULO 76 -

AMÉRICA DO SUL

CRAMMER E SUZANNE pararam em uma revenda de carros a dez minutos do hotelzinho do bairro de Miraflores, em Lima, Peru. Quando deixaram o doutor Walden para trás, pediram ao taxista que os levasse para o Porsche Center, que ficava na Republica del Panamá.

Crammer escolhera um modelo Porsche Panamera, caríssimo, o que deixou Suzanne ainda mais irritada com o marido. Ela o ofendia a cada cinco minutos desde que foram descobertos por El Pepe Steward — o que significava que o mundo era pequeno demais para se esconder do perigoso agiota.

Depois que pagou o feliz vendedor de carros, Michael Crammer e Suzanne tinham agora menos de três milhões de dólares e um ótimo carro para cruzar a América do Sul. Suzanne achou o valor pago um absurdo injustificável, e falou por outros dez minutos sobre a necessidade de serem prudentes com o dinheiro. Crammer, sempre apaixonado por suas máquinas, explicou que precisariam de um bom automóvel.

— Então, para onde vamos agora, Einstein? — perguntou Suzanne.

— Para o Brasil.

Quando Crammer conheceu Lucas, soube que a mãe dele tinha origem brasileira, e se lembrou de um filme antigo onde o picareta terminava por fugir para algum lugar paradisíaco do Brasil, o que achou que seria uma boa ideia. No entanto, nunca pensou que tivesse que ir ao Brasil tão rápido. Seu plano original era permanecer em Lima por alguns meses, viajar de carro — devagar — até a Patagônia e só então, subir em direção ao Brasil após pelo menos um ano de estrada. Evitariam aeroportos a todo custo, onde a verificação de documentos costumava ser mais rigorosa. Mas aí, Walden cobrara sua parte em dinheiro e o falsificador Sigfried Mack telefonara para Crammer, que passou o telefone para El Pepe, o que o obrigou a modificar seus planos e trabalhar de improviso. No que ele era péssimo.

Uma praia deserta seria o lugar ideal.

Logo, pensou em Copacabana. Também considerou Acapulco, mas não tinha certeza se a segunda opção ficava na Argentina ou em Honduras. O que importava era que as praias latinas eram ótimas e ninguém os encontraria por lá. Era assim nos filmes. Depois se preocuparia com os detalhes.

Crammer podia ser meticuloso, mas apenas quando trabalhava em suas máquinas. Ele estudara Lima em detalhes, e de lá estudaria as outras regiões ao sul, mas não tivera tempo de aprender muita coisa sobre o Brasil. Para ele, Copacabana poderia muito bem ser a primeira praia logo após a grande Floresta Amazônica.

O “discreto” Porsche Panamera chamava a atenção por onde passava. Crammer e Suzanne seguiram pela Panamericana Sur onde deixaram a costa centenas de quilômetros depois que saíram de Lima, na altura de Camana, quando foram parados pela primeira vez pela polícia local e testaram a eficiência do passaporte falso fabricado por Sigfried, e que os identificava como o casal Harvey. Depois, seguiram para o interior do Peru. Mais adiante na jornada, cruzaram a reserva Aymara Lupaca e chegaram a Desaguadero. Ali, um carro de polícia com dois ocupantes os parou pela segunda vez. A dupla de policiais gastou boa parte do tempo falando entre eles e fazendo comentários indecifráveis, mas

entusiasmados sobre o carro do casal de gringos.

Então, cruzaram a fronteira da Bolívia, na região do lago Titicaca. Em Nuestra Señora de La Paz pegaram o Trajeto 1 rumo ao sul e continuaram pelo Trajeto 4 passando por Cochabamba, onde uma nova parada policial aguardava o casal Harvey. Os Harvey, por sinal, se despediram do mundo ali mesmo em Cochabamba. Acharam prudente seguirem dali por diante com a segunda identificação criada por Sigfried, na esperança de despistarem El Pepe, embora Crammer tivesse quase certeza de que Sigfried fora obrigado a abrir o jogo com o agiota e revelar qual fora a segunda identidade falsa dos Crammer.

Entraram no Paraguai pelo Trajeto 9 e seguiram até a capital Assunção, agora com os nomes falsos de Igor e Karina Duvall. Continuaram até deixarem o Paraguai por Cidade do Leste, até que por fim entraram no Brasil via Foz do Iguaçu. O casal Crammer/Harvey/Duvall ficou maravilhado, embora Suzanne começasse a estranhar o silêncio do marido, que fora se aprofundando na medida em que os dias passavam.

Michael Crammer, quieto, não era um bom sinal.

Foi àquela altura que Suzanne se deu ao trabalho de olhar um guia com informações específicas do Brasil. Se Crammer estivesse em seus melhores dias, teria se preocupado com um planejamento mínimo em uma de suas paradas anteriores. Mas estava longe disso. A primeira coisa que descobriram foi que não estavam na floresta Amazônica e que a praia de Copacabana ainda era bem longe. Pior, ficava em uma grande cidade bastante conhecida chamada Rio de Janeiro, o que poderia ser bom, se desejassem se esconder entre as massas, ou ruim, se o passaporte falso fosse descoberto por algum hotel ou corretor de imóveis. Talvez tivesse sido melhor ter ido a Acapulco, mas a outra praia ficava em um país bem diferente do Brasil e bem mais conhecido dos turistas americanos, o México.

A viagem prosseguiu e o silêncio de Michael Crammer se solidificou. Quebrando a monotonia, em algum trecho entre as cidades de Guarapuava e Curitiba, foram parados de novo. Os policiais brasileiros falavam, é lógico, Português. Para Crammer e Suzanne, soava como um tipo de espanhol bem diferente e menos óbvio, que eles nunca ouviram ao vivo antes. Naquela parada tomaram uma multa por excesso de velocidade, mas compreenderam a linguagem corporal do policial, que gesticulava com as palmas das mãos para baixo, pedindo para irem mais devagar. O casal Duvall assentiu em perfeito sincronismo e o policial os liberou sem mais demonstrações de cautela.

Suzanne percebeu que em todas as paradas desde Lima, Crammer exagerara na bebida e na alimentação e, além de quieto, parecia demais distraído. Talvez o abalo da fuga mostrasse suas consequências. A verdade é que Crammer sempre conduzira a vida do casal com entusiasmo e bom humor, mesmo quando os problemas se acumulavam. Até a ligação de Sigfried, quando fora obrigado a falar por telefone com El Pepe, Crammer jamais perdera o controle de qualquer situação na vida. Ele podia ser um mestre na arte de enrolar as pessoas e empurrar os problemas para depois, mas no entendimento de Suzanne, aquele telefonema havia mudado tudo. Eles agora eram fugitivos, sinal óbvio de perda de controle e, por mais que tivessem dinheiro para viverem com conforto por muitos anos, sabiam que no século vinte e um era muito difícil para uma pessoa se esconder de alguém.

— Pelo amor de Deus, Michael... Fale alguma coisa ou vou embora com o primeiro caminhoneiro que eu cruzar! — ela exigiu, depois de dias de estrada com um marido que ela quase não reconhecia. Crammer falava pouco ou nada, e ainda tinha um olhar de peixe morto que Suzanne não se lembrava de ter visto antes.

Na Rodovia Régis Bittencourt, depois que passaram por Miracatu, seguiram pela Rodovia Padre Manuel da Nóbrega em direção ao longínquo litoral brasileiro. Afinal, quando Crammer sentiu o que lhe pareceu como o cheiro do mar, falou.

— Copacabana?

Suzanne balançou a cabeça e teve certa dificuldade em pronunciar o nome da cidade enquanto olhava o mapa do guia.

— Peru-Ibe... Peruíbe.

Alguns quilômetros adiante Crammer se dirigiu à mulher novamente.

— Copacabana?

— Itanhaém.

Crammer não estava bem.

— Copa?

— Praia Grande.

A pergunta se repetiu na altura de São Vicente, depois em Santos, no Guarujá e em Bertioga. O padrão era tal que Suzanne jurava que o marido teria algum surto nervoso a qualquer momento, de maneira que se controlou como pôde, até que não aguentou mais.

— Apenas dirija, Michael!

Depois de horas e mais horas na Rodovia Rio-Santos, chegaram exaustos a um local com o curioso e bonito nome de Paraty.

— O guia diz que significa Mar Branco em Tupi — disse Suzanne.

— Onde se fala Tupi? — perguntou Crammer um pouco menos desanimado ao olhar a bela e histórica cidade. Suzanne balançou a cabeça e alternou olhares entre o guia turístico e a arquitetura da cidadezinha, mas não deixaria o marido sem respostas e muito menos perderia a oportunidade de voltar a conversar. Assim como ele, Suzanne odiava o silêncio.

— Não sei onde se fala Tupi, Michael... Quer comer alguma coisa?

— Sim... Estou faminto.

Um súbito fascínio nascia conforme avançavam.

— O guia diz que a UNESCO considera Paraty “o conjunto arquitetônico mais harmonioso” — disse Suzanne.

— É... Parece legal.

Suzanne olhou atenta ao marido, que por sua vez olhava para fora da janela dando todos os sinais de que algo mágico ocorria. A aura daquele lugar o transformara. O olhar de peixe morto se fora e ele voltava a apresentar a velha e boa curiosidade que o levaria até para fora do planeta, se assim sentisse vontade.

Crammer diminuiu a velocidade do Porsche. Perguntaram a um casal de turistas americanos onde poderiam se hospedar com conforto. Indicaram a Pousada Porto Imperial, um Casarão colonial no Centro Histórico. Desta vez, foi Suzanne quem se calou, aliviada ao ver o velho Michael sendo o velho Michael de novo.

Na pousada, Crammer pediu a Suíte Máster e foi informado de que estavam com sorte. Um hóspede cancelara uma reserva de última hora. O casal apresentou os passaportes falsos, o senhor e a senhora Duvall seguiram para a suíte. A cama era king size, o banheiro possuía duas duchas e duas cubas. Para Crammer, aquilo foi o suficiente para fazê-lo se sentir revigorado. Em uma rápida discussão iniciada por Suzanne, Crammer lembrou-a de que tinham quase três milhões de dólares guardados. Em contrapartida, ela o advertiu de que apenas alguns dias atrás não eram “quase”, eram três milhões, mas não adiantou. Michael retornava à sua voracidade de viver.

Tomaram banho e viram a noite chegar rápido.

Uma chuva caiu rápida e refrescante. Os olhos de Crammer brilhavam. Deixaram a suíte e foram até a recepção de pedras. Lá pediram uma dica de restaurante, explicando que estavam ávidos para conhecer os nativos e a comida local. A dica do recepcionista foi um tal de Banana da Terra, ali mesmo no Centro Histórico, situado em um Casarão do século XVII. Crammer e Suzanne gostaram da sugestão e dirigiram-se para lá.

Começaram a noite com uma caipirinha tradicional de limão. Adoraram.

Depois de consumir duas, Suzanne estava pronta para pedir o jantar, mas Crammer queria

experimentar a caipirinha de abacaxi com pimentachilli. Gostou também. Naturalmente, pediu outra. Julgou, por aquelas bebidas incríveis, que os brasileiros deviam ser uns doidões que sabiam curtir a vida como poucos. Com a ponta dos dedos, Crammer girou o guia que estava do lado do copo de Suzanne e deu uma espiada na capa, toda selvagem e com belos sorrisos femininos. Até que o imprevisto da fuga estava indo muito bem.

Crammer fez menção de pedir mais uma caipirinha, mas Suzanne segurou seu braço. Em vez disso, pediram o jantar. Ela escolheu camarões ao creme fresco e vinho do porto com arroz de castanha de caju. Ele pediu peixe gralhado sobre lâminas de palmito, creme quente de baroa aromatizado com alho e azeite de oliva e molho de mostarda. Para acompanhar, Crammer pediu um vinho branco Chablis 2007, embora a cachaça já tivesse comprometido um pouco seu paladar. A comida veio. Michael Crammer comeu e bebeu como se o mundo fosse acabar no instante seguinte. Suzanne atribuía a cura repentina do marido à cidade e seus encantos. Só podia ser isso.

— Como é mesmo nome desse lugar? — Crammer quis saber.

— Banana da Terra, Michael.

— Eu sei. A cidade, como se chama mesmo?

— Paraty.

— Esqueça Copacabana, Suzanne. Viveremos aqui.

Suzanne deu de ombros. Não poderia reclamar.

— Michael?

Ele mal olhava para Suzanne. A comida o hipnotizava.

— Hmm?

— O que diremos quando nos perguntarem sobre a Lua?

Crammer sorriu. O velho sorriso seguro de quem tinha tudo sob controle.

— Depende.

Suzanne virou os olhos.

— Como assim, Michael?

— Depende de quem perguntar. Se forem amigos nossos, diremos a verdade. Se for um curioso, diremos que fomos até a Lua e voltamos.

Em nenhum momento do projeto Crammer acreditou que pudesse fazer aquela viagem até a Lua — apenas Suzanne sabia da verdade. O doutor Walden soube daquela impossibilidade apenas após a decolagem em Black Rock. Crammer disse ao premiado cientista que a os instrumentos da Crammer Jet não estavam sendo muito precisos quando ao real consumo de combustível, de maneira que seria mais prudente voarem ao redor da terra. Explicou que com aquele novo plano teriam mais chance de pousarem em segurança no caso do tanque de combustível principal se esvaziar de súbito, como Crammer disse que poderia ocorrer.

Assim, se estivessem em órbita terrestre, o combustível do tanque de reserva seria suficiente para retornarem com segurança. Walden se frustrou, mas no final achou divertida a promessa de receber meio milhão de dólares de Crammer quando retornassem. Para azar de Walden, Crammer mudara de ideia.

— Michael?

— Diga, minha querida.

— Não temos mais amigos — ela lembrou, delicada. — Deixamos todos para trás. Somos fugitivos. Vamos ter que nos acostumar com a ideia de refazer nossas vidas.

Depois que Suzanne disse aquilo, Crammer diminuiu a voracidade da mastigação. Suzanne podia jurar que vira os olhos dele brilharem com uma emoção incomum. O fato é que o marido era apenas um *bon vivant* que apreciava a companhia das pessoas. Acostumar-se a viver aquela nova vida de discrição e isolamento não seria fácil. Ele sentia falta da rivalidade dos jogos de pôquer, de contar suas histórias, de gastar dinheiro e de brincar com suas máquinas.

— Droga, Suzanne... Não cometemos nenhum crime.

— Diga isso a El Pepe e veja se ele muda de ideia em relação a nós! Além do mais, estamos viajando com passaportes falsos e desviamos dinheiro da Crammer Enterprises. Sim, Michael. Cometemos alguns crimes. Nada de fazer inveja a um profissional, mas não temos do que nos orgulhar.

— O que eu quis dizer é que não estamos sendo procurados pela polícia e nem sei se seremos. Não deveríamos nos esconder como ratos pelo resto da vida!

— É isso mesmo que iremos fazer, Michael. Não temos escolha.

O rosto de Crammer fechou. Sentiu raiva do maldito agiota El Pepe Steward, embora, ao contrário, sentisse falta de jogar pôquer com ele.

— Isso não vai ficar assim, Suzanne!

Ela riu.

— Michael, o que acha que pode fazer?

Ele entendeu a risada da mulher. Crammer não era um sujeito adepto da violência. Ele falava muito e falava alto, mas nas duas únicas vezes em que partiu para os finais tomou uma bela de uma surra. Portanto, era natural que a mulher duvidasse que Crammer resolvesse as coisas à maneira de El Pepe. O único caminho seria viver com prudência, discrição e contenção de gastos.

— Vou pensar em alguma coisa, pode apostar!

— Pense, querido. Pense — ela disse com um suspiro.

A NOITE TERMINOU com um sono pesado para ambos. Sabiam que haviam chegado a um lugar onde não teriam que pegar o carro no dia seguinte e rumar em direção a uma cidade desconhecida — o que contribuiu para uma noite menos agitada. Naquela manhã acordaram tarde, mas em tempo de tomarem o farto café da manhã da pousada.

Crammer se servia da terceira porção de frutas, ainda sonolento, e admirava as réplicas de barcos de pesca encravadas na parede acima de duas prateleiras de bebidas quando ouviu alguém se dirigir a ele em inglês nativo dos Estados Unidos.

— Como podem pescar nessas traineiras tão simples?

Crammer girou a cabeça para o lado e viu um americano enorme de bermudas e sandálias se aproximando com um prato vazio.

— Não faço ideia, mas o que pescam é muito bom! — disse Crammer com um sorriso.

— Meu nome é Adam.

— Michael.

Adam não estava sozinho. Havia a mulher e mais dois casais de amigos. Eles contaram que eram americanos de Michigan, na região dos Grandes Lagos. Estavam em Paraty há duas semanas e não tinham data nem intenção de ir embora em um futuro próximo. Pelo que Crammer pôde entender, ou eram aposentados ou então tinham dinheiro o bastante para não retornarem tão cedo para a fria região de onde vinham.

Crammer e Suzanne juntaram mesas e tomaram o desjejum com os três casais. Ao final do café, Crammer já sabia que dois deles eram advogados ainda na ativa e o terceiro — Adam — era juiz aposentado e o mais velho de todos ali na mesa. O juiz contou alegre que tinha acabado de comprar um barco da Ferreti, que chegaria apenas após um ano, mas que havia conseguido pegar emprestado um barco semelhante por indicação de um amigo do gerente, que é onde costumavam passar metade das noites desde que chegaram em Paraty. O trio de americanos gostava de passear e dos brasileiros.

E também gostava de pôquer.

Crammer disse, no ato, que pôquer era bem a sua praia. Suzanne gelou. Como um roteiro previsível cujo final tinha tudo para não ser dos melhores, combinaram de se encontrar ao final da tarde na Marina

Porto Imperial. No roteiro da vida de Suzanne, Michael Crammer não voltaria jamais a se expor a pessoas que gostavam de jogar.

À noite, antes de deixarem a suíte da pousada em direção à marina, Crammer e Suzanne tiveram uma acalorada discussão. Depois de beberem quase duas garrafas de vinho branco compradas durante o dia, Suzanne pressentiu o pior quando Michael sorriu.

— Querida, estou me sentindo em casa e fazendo tudo o que gosto. Onde está o crime em tentar se sentir bem?

Aquilo significava que Crammer voltaria a seguir o mesmo padrão inconsequente que levava os dois à situação de fuga. Dívidas de jogo eram a causa da fuga, Suzanne alertava, mas Crammer simplesmente não via. Estava cego. Vaidoso, teimava em não confiar na mulher e leal companheira. Os sinais de perigo eram claros e chegaram rápidos. Crammer começava a gastar dinheiro — iniciando pelo Porsche Panamera —, estava bebendo demais e acabara de conhecer pessoas cujo faro de Suzanne dizia serem da pior espécie.

— Como assim? O cara é juiz aposentado, Suzanne!

— Ele pode ser o que quiser, Michael. Só não é boa coisa.

— Querida, precisamos nos divertir um pouco.

Suzanne balançou a cabeça e terminou seu copo de vinho branco. Ela já tinha visto aquele filme antes. Inúmeras vezes. Crammer era refém dos próprios impulsos. Quando colocava uma ideia na cabeça, ninguém — nem mesmo ela — conseguia convencê-lo do contrário. Mesmo que Suzanne tivesse um pressentimento ruim, como tinha desde o café da manhã, se sentia impotente para mudar qualquer coisa.

A NOITE CHEGOU em Paraty. Uma chuva refrescante caía. Havia um clima espetacular e convidativo. Michael agarrou a cintura da mulher na saída do hotel e brincou.

— Até agora, fugimos. Daqui para frente vamos nos divertir. Combinado?

Suzanne sorriu. Se o marido enxergasse além do próprio umbigo, teria notado que o sorriso dela tinha algo de triste e apreensivo, mas ele não notou. A mulher teve convicção de que ele nunca notaria. Então seguiram para o encontro com os americanos. A embarcação de 53 pés estava em uma vaga molhada do píer flutuante, onde receberiam o casal Crammer/Duvall para drinks, um jantar preparado por um cozinheiro local bastante disputado e depois, quem sabe, jogariam uma partidinha de pôquer para relaxar.

No píer, a embarcação do juiz aposentado Adam era uma das únicas com luzes acesas e pessoas se movimentando. Crammer e Suzanne caminharam até lá. Não tinha erro. Foram recebidos com sorrisos calorosos, drinks, canapés de salmão, ostras e grelhados de peixes frescos. Brindaram com um champanhe francês Alfred Gratien Cuveé Paradis Brut. Adam fez questão de citar o nome inteiro da bebida e esclarecer ser a marca servida na primeira classe da British Airways, a companhia aérea que ele costumava viajar para a Inglaterra quando precisava cuidar de seus negócios na Ilha de Jersey, um paraíso fiscal. Não foram feitas perguntas.

Depois que comeram o suficiente, os quatro homens formaram a mesa de pôquer quase que de imediato. Nem precisaram confirmar o interesse de Crammer em participar. Conheciam um viciado em jogo quando viam um. Suzanne e a mulher de Adam, Dorothy, sentaram-se nas poltronas da parte central da embarcação, entre a cozinha e o comando. Dorothy explicou a Suzanne que as outras duas mulheres — dos dois advogados — não saíram do quarto pois haviam bebido demais e consumido muita droga. Dorothy foi mais longe. Esclareceu que as duas não eram esposas, mas garotas de programa. Então, já se sentindo bem amiga de Suzanne, ou talvez porque estivesse precisando de uma amiga, desabafou em forma de cochicho.

— Se eu pudesse, deixaria esse filho da puta e cuidaria apenas de mim pelo resto da vida.

Ela se referia ao marido, o senhor juiz Adam. Suzanne queria saber mais, é claro, mas Dorothy se

calou e voltou o olhar para a mesa de pôquer. Suzanne fez o mesmo. Não demorou para perceber porque Dorothy dissera aquilo. Adam era de fato o que o faro de Suzanne dissera-lhe ser desde que o conhecera horas antes na pousada. Sua cara dizia isso, seus amigos confirmavam, e a forma venenosa com que ele trocava olhares com os dois “advogados” confirmavam e davam a Suzanne a certeza de que Crammer não estava em boas mãos ali.

Se meu querido idiota me escutasse...

Considerou a ideia de ir até a mesa de pôquer, tocar no ombro do marido, dizer que não estava se sentindo bem e que gostaria de voltar logo para a pousada, mas quando se tratava dos impulsos de Crammer, não havia cumplicidade entre os dois. Era ele primeiro, depois ela. Suzanne teve, no entanto, outra certeza. Uma que dizia respeito à sua própria impotência em salvar o marido. Ela já desconfiava disso, mas a certeza final só veio ali no barco. Se ela fosse até a mesa de pôquer e o interrompesse, Michael pediria ao juiz Adam que emprestasse uma suíte para a mulher repousar, ou que a jogasse na água. Se insistisse, Crammer ficaria muito bravo e teriam mais uma longa e exaustiva discussão, desta vez na frente de todos. Isso acontecera diversas vezes na vida do casal. Suzanne chegara ao limite.

Dorothy olhou-a de soslaio. Viu, de certa forma, confortada, que ela também tinha suas frustrações e receios. Quase que, por mágica, foi capaz de ler os pensamentos da nova amiga.

— Sinto pelo seu marido — disse Dorothy apontando Crammer com o queixo. — Tomara que ele saiba o que está fazendo.

Suzanne sorriu “não”. Depois de quarenta minutos de jogo e pelo menos três doses de uísque, Crammer já confessara ao bondoso juiz Adam toda sua história de vida até aquela noite, incluindo os motivos que o levaram à fuga, sem deixar de fora o detalhe dos passaportes falsos, a perseguição de El Pepe e o desvio de dinheiro da própria empresa. Adam ouviu aquilo e lamentou por ele. Aproveitou para comentar aos dois amigos advogados, em bom e alto tom, que considerava o jogo de pôquer uma atividade saudável e que dívidas de jogo deveriam ser honradas acima de tudo, mesmo que significasse que alguém estaria ferrado.

Michael estava bêbado, mas ainda compreendia as coisas. Acabara de ser avisado pelo juiz Adam que aquele joguinho ali seria levado a sério. Àquela altura, Crammer já havia perdido setenta e cinco mil dólares.

Então, um dos advogados, que perdera mais do que ele — cerca de duzentos mil dólares — propôs que os valores das apostas fossem aumentados, de maneira a dar aos perdedores uma oportunidade de recuperar o dinheiro. Adam comprimiu os lábios e mexeu o nariz, teatralmente, fazendo crer a Crammer que não concordava muito com aquela ideia, em especial por ter sido proposta justo por quem estava perdendo mais dinheiro. Mas, de maneira benevolente, aceitou.

— Vocês é que sabem — disse Adam, que olhou para Crammer.

— Por mim, tudo bem.

Suzanne acompanhava cada gesto naquela mesa, perto o suficiente para saber que Adam tinha ali um esquema profissional de jogo, e que os dois advogados completavam o circo. Depois da quarta dose de uísque — do champanhe e do vinho branco consumido no hotel — Crammer estava tão bêbado que o trio passou a roubar não apenas nas cartas, mas na contabilidade do jogo, sabendo exatamente quanto dinheiro Crammer tinha guardado, e que quando estivessem próximos do valor, encerrariam o jogo. Crammer não viu que Suzanne deixou uma lágrima cair, e muito menos percebeu que ela já não lutava mais por ele. Era grave porque Suzanne nunca deixara de lutar pelo marido e de protegê-lo de suas enormes besteiras.

O jogo terminou três horas mais tarde.

Crammer estava exausto e acabado, por isso teve dificuldade em ouvir a explicação do juiz Adam, de como Crammer deveria fazer a transferência bancária de sua conta no Uruguai para a conta dele em Jersey. Adam então ofereceu a gentileza de preparar uma ordem de transferência bancária em nome de

Crammer, impressa na estação de computador do barco, e foi paciente ao convidar/obrigar Crammer e Suzanne a dormirem lá naquela noite, lembrando a Suzanne com outra piscadela que o marido aprontara muito com essa história de passaporte falso e fuga. Deixou claro suas intenções de chantagem, e o fez de maneira galanteadora e bem humorada.

Adam não tinha pressa, de maneira que a transferência da dívida de jogo seria feita tranquilamente na manhã seguinte, quando a assinatura de Crammer pudesse ser reconhecida como legível pelo gerente de conta que receberia a ordem, que seria transmitida ali mesmo do barco. Todos os dois milhões e setecentos mil dólares que Crammer devia ao juiz.

- CAPÍTULO 77 -

CAMBRIDGE. MASSACHUSETTS

Lucas acordou, olhou ao lado e não encontrou nenhuma universitária com idade para ser sua filha. A que estava lá era aquela com quem, com certeza, passaria o resto dos seus dias. Luiza tinha voltado para casa algumas vezes para trocar de roupa, mas os retornos ao apartamento em Somerville se tornaram mais raros. Ela já tinha uma razoável quantidade de pertences no apartamento do professor. A mudança, natural, foi acontecendo.

Tiveram tempo de refletir sobre Josefina e a filha Fenícia.

Permaneciam as dúvidas, em especial sobre o pai estar vivo depois de todos os anos. Ele concluiu que até mesmo bruxas bem intencionadas tinham seus limites. Depois que saíra da fase depressiva, Lucas telefonou para Sullivan, encontraram-se duas vezes para negociar e acertaram que ele voltaria a dar aulas assim que se sentisse confortável. Lucas foi atualizado sobre os episódios envolvendo Roy O'Connell, Michael Crammer e a morte do seu contador, além da ameaça que o reitor sofrera de El Pepe e da fuga do aventureiro em razão de dívidas de jogo. O assunto principal das duas conversas foi, como não poderia deixar de ser, o trabalho do pai de Lucas e a mensagem que incluía a fotografia de Milton Walker, que ainda não o convencia.

Até que, naquela manhã, Lucas acordou com uma ideia. A bruxa tinha dito que ele deveria aprender a confiar no que sentia, lembrando-o de como fora capaz de salvar a própria vida ao ouvir sua intuição em situações extremas. Por alguma razão, naquela manhã, Lucas sentiu vontade de visitar a mãe e, mais do que isso, um desejo de estar na casa que também pertencera ao pai.

Lucas acordou Luiza.

— Bom dia... Estou pensando em tomar café da manhã na casa da minha mãe.

— Ela vai gostar. Espero aqui?

— De jeito nenhum. Venha junto.

MARIA LÚCIA LEVOU Luiza para o jardim da parte de trás da casa, assim que terminaram o café. Fazia frio, mas a neve já não ocupava todo o gramado. As duas caminharam de braços dados, como velhas amigas, sem a menor intenção de perderem tempo.

— O que você e meu filho estão pensando em fazer?

— Por enquanto estamos juntos.

— Por enquanto não é o que eu quero ouvir. É tão sem graça!

— Está bem. Posso dizer que estamos progredindo muito.

— Casamento, querida. Essa é a questão!

Luiza sorriu.

— Acredito que isso é o homem quem deva pedir.

— Filha, ele é meio parado... Se demorar muito, peça você mesma. Dane-se o orgulho feminino!

— Prometo que vou pensar.

— Não demore... — disse Maria Lúcia antes de trazer Luiza mais para perto. Havia um vento gelado entrando pelas mangas e golas das duas. — Vou te confessar uma coisa: nunca conheci outro homem depois que meu marido nos deixou. E nem antes. Se quer saber, aquela foto me fez ter certeza de que valeu a pena. Ainda o verei novamente, antes de morrer.

Luiza jamais ouvira coisas como essas. Ver e ouvir a mãe de Lucas revelar com orgulho sua fidelidade deixou-a comovida. Ela era, de verdade, “da antiga”.

— E você?

Luiza não entendera a pergunta. O que poderia dizer a uma mulher como Maria Lúcia? Vinham de realidades muito diferentes, de maneira que a possibilidade de Luiza chocar Maria Lúcia com sua história de vida não valeria o risco.

— Gostaria de ter sido como a senhora — disse Luiza.

— Ora, deixe disso. Você me parece uma pessoa do bem. Foi casada? Tem filhos?

Luiza sorriu e balançou a cabeça, o que causou surpresa. Para Maria Lúcia, uma mulher com a aparência de Luiza deveria ter sido casada ou então...

— Tem algum problema? — perguntou Maria Lúcia com delicadeza. A pergunta acabou ajudando Luiza.

— Tive um problema por muitos anos, mas agora estou bem.

Maria Lúcia parou a caminhada e girou o corpo para a encarar.

— Tem certeza, filha?

— Tenho. Jamais brincaria com seu filho.

Luiza pareceu-lhe bem sincera, mas não possuíam ainda intimidade para os detalhes. Enquanto caminhavam, Lucas permaneceu na sala. O normal seria acompanhar o pequeno passeio da mãe, como costumavam fazer após as refeições. Sua cabeça, no entanto, parecia uma grande concha acústica reverberando as palavras de Josefina, e que agora enviavam sinais fortes de que a resposta para sua busca se encontrava ali mesmo. Ele sentiu o coração disparar. De repente, não estava mais com medo. Olhou ao redor, tateando com os olhos os limites físicos da casa da mãe.

É aqui.

Como uma espécie de som primordial, a palavra de Josefina abriu todo um caminho de percepções, juntou imagens do passado e do presente, e fez com que Lucas compreendesse, sem racionalizar, que a bruxa estava certa. Minha busca termina nessa casa.

Algo inexplicável acontecia, sobre isso ele não tinha dúvida. Não havia luzes estranhas e não havia algum evento que pudesse considerar especial. Nada além de intuição em estado bruto. Maria Lúcia e Luiza voltaram da caminhada e encontraram-no de pé. Ele estava no centro da sala com os olhos fechados e a cabeça um pouco inclinada para trás. Com prudência, Luiza manteve distância, enquanto Maria Lúcia foi até a cozinha com um olhar determinado. Eram dois corações femininos atraídos para o centro daquele despertar.

Lucas abriu os olhos.

De modo aleatório, eles se fixaram sobre o aparador da sala. No ponto exato onde seus olhos focaram, Lucas viu um objeto que não via há décadas, mas que o transportava ao passado de forma poderosa. Ali, quase que largado, estava a miniatura da Lua que seu pai usava para explicar coisas à Lucas, e que se parecia com uma bola de baseball. Sem que Lucas soubesse — talvez porque a mãe não considerasse tão importante — Maria Lúcia recuperara aquela miniatura que Lucas um dia jogara longe, quando ainda era um adolescente inconformado com o sumiço do pai. A miniatura foi deixada ali desde então, sem que Lucas jamais tivesse prestado atenção ou comentado com a mãe em todos aqueles anos.

Foi olhando para a miniatura que Lucas teve um estalo. Não pode ser...

Lucas ponderou que seria ridículo considerar todas as possibilidades, todas as imagens e sinais que havia recebido, e ainda assim continuar a negar algo que ele próprio buscara a maior parte da sua vida, e

que agora se apresentava de maneira clara e intensa.

Naquele instante, Maria Lúcia saiu da cozinha trazendo a mensagem da Crammer Jet, que continha a fotografia do pai. Lucas saiu do seu estado de percepção e ficou agitado. Sem perder tempo, pegou a miniatura e foi apressado de volta para a mesa, onde se sentou para olhar de novo os detalhes da fotografia que a mãe acabara de trazer da cozinha sem que fosse necessário pedir. A mãe de Lucas sabia, e agora o filho também compreendera ao seu modo.

Os olhos de Lucas correram a mensagem até a parte de baixo, na fotografia dos dois homens. O mais velho segurava o que parecia ser um pedaço de rocha, mas que agora revelava ser a miniatura da Lua que Maria Lúcia guardara a vida inteira. Eles analisaram a casa com pé direito baixo e arredondado que lembrava um iglu, e as roupas leves que usavam. Calculou a idade daquele senhor e depois analisou a janela ao lado dos dois, pequena e de formato incomum, como uma escotilha de um navio, mas em plena terra firme. Era possível ver através da janela, não havia nada a se observar do lado de fora do iglu. Desta vez, no entanto, Lucas não mais considerou aquilo como uma piada de mau gosto de Michael Crammer.

— Conseguem ver a paisagem árida do lado de fora da janela?

Lucas ergueu a miniatura da Lua até a altura dos olhos, colocando lado a lado com a fotografia para que as duas mulheres vissem também. A forma como Lucas erguia os dois objetos pedia para que ambos fossem comparados em suas semelhanças. As mulheres olharam e entenderam a sugestão. Sem grandes análises, ficava clara a similaridade que a geografia do terreno do iglu tinha com a superfície porosa da miniatura que Lucas segurava na mão, e que o pai costumava usar para explicar coisas lunares.

Podia ser que a mente de Lucas desejasse ver aquilo como ele bem quisesse. Qualquer que fosse a verdade, o fato é que as palavras não saíram por alguns momentos. Ele abaixou a mensagem e a miniatura. Então, deslizou o dedo indicador para a imagem do outro homem ao lado do pai...

— Lembra-se dele? — Lucas perguntou à mãe.

Maria Lúcia esticou o pescoço e olhou atentamente a fotografia do homem mais jovem ao lado de Milton Walker. Balançou a cabeça.

Lucas olhou para Luiza

— Uma vez quando eu era criança um homem caiu de bicicleta aqui fora. Eu e minha mãe o ajudamos. Mamãe fez um curativo no joelho dele... Quando perguntamos onde ele morava, respondeu que morava em Mare Crisium.

Maria Lúcia colocou a mão sobre a boca.

— Sim, me lembro. O nome dele era... Tyler!

Lucas se lembrou da bruxa mais uma vez. Era inevitável. Josefina o tinha avisado. Luiza acompanhava com espanto e ele sentia que precisava explicar mais.

— Mamãe e eu fomos avisados de que meu pai--

— Não foi um aviso — disse Maria Lúcia, um pouco transtornada.

— Como não, mamãe? Então o que acha que aconteceu? Essa pessoa surgiu do nada, Luiza. Caiu de bicicleta na minha frente. Depois olhou para minha mãe e disse que morava em uma região lunar que era objeto de estudo do meu pai. Qual a probabilidade disso ser coincidência? Agora ele surge nessa foto, mais de meio século depois, posando em uma fotografia justamente ao lado do meu pai.

— Eu sempre acreditei que seu pai estivesse vivo!

— Foi o que Josefina disse — Luiza lembrou-o.

- CAPÍTULO 78 -

PARATY, RIO DE JANEIRO

ADAM, O EXCELENTÍSSIMO juiz, bateu na porta da cabine onde Crammer e Suzanne dormiam. Ele entrou, mostrou o papel com ordem de transferência bancária que deveria ser assinado naquela manhã por

Crammer e sorriu por um breve instante, saindo em seguida. Foi Suzanne quem recebeu o *bom dia* do juiz, deitada ao lado do homem falido que era seu companheiro de longa data.

Crammer roncava feito um porco. A mulher olhou-o. A vida teria que continuar. Ela o cutucou sabendo que o marido levaria pelo menos cinco minutos até conseguir abrir o olho. Enquanto esperava, viu o sol entrar pela minúscula janela do barco e iluminar seu rosto e o de Crammer. Era estranho, porque o tempo estava bem fechado e chovia pesado. Um fenômeno dos trópicos, supôs.

Com a claridade, Crammer por fim abriu os olhos, ao menos em parte. Talvez pelo efeito de uma ressaca que latejava violenta em sua cabeça, Crammer teve a impressão de que o sol acabara de aumentar de tamanho e, ao mesmo tempo, mudado de repente de posição no horizonte. E girou, intercalando um lado luminoso com outro mais metalizado. Crammer ergueu o dorso e se apoiou sobre os cotovelos. Aquela visão o deixara perplexo.

Ele olhou para trás e viu Suzanne com os olhos marejados, enfeitiçada pelo estranho fenômeno. Então, o telefone celular de Crammer tocou. Como não se lembrava onde o tinha guardado, a mulher se levantou e pegou o telefone no bolso da calça dele, e entregou a Crammer. O visor mostrava um nome: Sigfried Mack, o falsificador de documentos.

— Alô.

— Michael?

— Deixe-me em paz, Sig.

— Não vai acreditar no que tenho para te dizer.

— Você é um traíra... Por que telefonou para mim com El Pepe do seu lado?

— Michael, você está bem?

— Bebi um pouco ontem à noite.

— Só pode ser isso, então. Foi você quem pediu que eu telefonasse.

— Vá pro inferno... Já estou bastante ferrado.

— O que aconteceu?

— Ah, Sig... Maldito jogo. Perdi tudo.

— Sei disso, Michael.

— Não, Sig. Eu perdi tudo... De novo!

— Você é mesmo incurável. Como Suzanne pôde permitir uma coisa dessas?!

Suzanne ainda olhava pela janela. O sol dos trópicos tinha ido embora.

— O que tem para me dizer, Sig?

— Michael, algo aconteceu com El Pepe.

Crammer piscou os olhos repetidas vezes e sentou-se.

— Como assim?

— El Pepe Steward está morto.

— Como é que é? Tem certeza?!

— Está na TV, Michael. Alguém entrou na casa de El Pepe, matou três seguranças, depois atirou nele, na mulher, nos dois filhos e nos três Rottweilers.

Suzanne sentou ao lado de Crammer. Os olhos dele pegavam fogo.

— El Pepe está morto! — disse Crammer para ela. — Sig, isso deixa El Pepe sem herdeiros...

— Exatamente, Michael. El Pepe não deixou nada para ninguém.

— Sabe dizer se ele tinha algum sócio que não conhecíamos?

— El Pepe não confiava em ninguém. Não tinha sócios, parceiro. Sabe o que isso quer dizer?

— Que eu te amo, Sig!

— Diga adeus a suas dívidas, Michael.

— Adeus, dívidas!

Suzanne colocou as mãos no rosto, incrédula. Aquela notícia era uma benção. Ela sabia que o sistema de trabalho do agiota El Pepe Steward funcionava na base do fio de bigode e no cano de uma arma. Nada era registrado. O ofício o impedia de manter uma contabilidade real. Seu método de cobrança era a força, o mesmo método que agora lhe tirava a vida.

ADAM E SEUS dois amigos advogados não entenderam o sorriso no rosto de Crammer quando ele assinou a ordem de transferência. Por isso, ficaram ansiosos até que o fax fosse transmitido do barco e confirmado pelo banco que a ordem fora concluída. Aqueles dois texanos deviam ser malucos ou mentiram sobre o dinheiro que tinham na noite anterior.

Despediram-se todos com sorrisos que não puderam ser compreendidos. Enquanto se afastavam do barco do juiz, Crammer e Suzanne chegaram a um acordo sobre as providências a serem tomadas.

— Nossa casa vale pelo menos 10 milhões, querida. Sei que você a ama, mas ela sozinha nos dará condições de pagar a dívida com os fornecedores, e ainda sobra uma grana boa para a gente viver em paz.

— Venda!

— Depois que sairmos do Brasil não vamos mais precisar de Igor e Karina Duvall, nem dos Harvey.

— Enterre-os junto com El Pepe!

— Tenho planos, querida.

Suzanne revirou os olhos. Estava demorando...

— Michael, você não bate bem.

— Sei que é por isso que me ama.

— É verdade, mas precisamos dar um tempo.

— Concordo.

Eles se deram as mãos. Estava selada a paz.

— Michael?

— Sim, Suzy.

— Que planos são esses?

Ele riu. Conhecia bem a mulher, ela topava tudo e adorava.

— Nós vamos para a Lua.

Suzanne caiu na risada, mas quando olhou para o marido, viu que ele falava sério.

— Michael, você só pode estar brincando.

— Não, não. Veja, desta vez será para valer.

— Como assim? Você mesmo disse que não tem a menor condição técnica de pensar em uma viagem à Lua. Era uma fachada, se esqueceu?

— Não esqueci. Já tenho as coisas bem organizadas na minha cabeça.

— É mesmo? E quando teve tempo de pensar? Ontem estava bêbado feito um gambá, e hoje o dia mal começou.

— Pode deixar que eu sei o que estou fazendo.

Suzanne suspirou.

— Que Deus nos proteja, Michael.

- CAPÍTULO 79 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

No domingo, Maria Lúcia estava decidida a oficializar o relacionamento do filho com Luiza, nem que fosse na marra. Com o passar dos dias, a pressa só aumentava. Suas armas seriam as mesmas de sempre: a boa comida brasileira e toda a atenção que ela pudesse oferecer.

Lucas e Luiza chegaram cedo, por volta das dez da manhã. A pedido da mãe, Lucas foi até o sótão dar uma olhada no que ainda existia por lá, com a orientação de que jogasse fora tudo o que fosse considerado tranqueira desnecessária. Maria Lúcia estava possuída pelo espírito da renovação.

Quando Lucas subiu, Luiza foi para a cozinha.

— Sente-se filha. Estou preparando um bolo de fubá para nós.

— Não quer que eu a ajude?

— Oh, não. Termina rápido. Depois passo um café.

Quando se viu à sós com Maria Lúcia, Luiza teve uma sensação que de tempos em tempos costuma ter, e sentiu que sua mente fosse abrir uma comporta ali mesmo, com novas memórias vindo à tona. Pela primeira vez, no entanto, ficou nítido o que a fazia se sentir daquele jeito. Por isso, não se sentou, como Maria Lúcia havia pedido.

Ficou de pé, na expectativa.

Com a mãe de Lucas de costas para ela, com a barriga encostada na pia, Luiza caminhou alguns passos. Os ingredientes chamaram sua atenção em especial. Leite, fubá, açúcar, sal, ovos, farinha de trigo e fermento em pó. As mãos de Maria Lúcia trabalhando passaram para o primeiro plano. Luiza a observou quando ela pegou a erva-doce e esfregou-a com as mãos, espalhando um forte aroma pela cozinha antes de juntar o ingrediente à massa.

O cheiro da erva, mais do que qualquer outro, teve um efeito imediato, trazendo à tona emoções poderosas e imagens que surgiam do passado. Seu sistema límbico, ao contrário das outras vezes, oferecia-lhe uma reação emocional bem diferente.

O mesmo quintal. A pequena horta. A casa onde havia morado com a mãe. Ao fundo, um terreno estreito e longo. O cachorro pequinês que ela adorava. Quatro pessoas de calção, alguns sem camisa. Seus tios, circulando pelo quintal de chinelos ou descalços. Tomavam café e comiam bolo de fubá. Fazia calor, mas Luiza estava vestida. A mãe pegou sua mãozinha e levou-a para fora do quintal. Passaram por um portão de metal baixo que fez um ruído ao se abrir. O pequinês quase fugiu, mas a mãe fechou o portão a tempo. A menina Luiza apontou o dedo para o cachorrinho como quem dá uma bronca. Depois, o afagou entre as grades e voltou a aparentar tranquilidade. Estava pronta para a festa.

— Adeus Bobby! — despediu-se a pequena Luiza do seu cachorrinho pequinês. Era o mesmo dia. O último dia junto com a mãe. Lembrar o nome do pequinês fez toda a diferença, como se ele tivesse existido e não fosse apenas uma memória distante e distorcida. A menina usava o mesmo vestidinho

branco com flores na altura dos ombros e o par de sandálias brancas combinando. Ao contrário da última vez que sua memória transbordou, desta vez, ao erguer a cabeça para olhar a mãe, já na calçada do lado de fora do quintal, Luiza pôde ver algo incrível: seu rosto!

Maria Lúcia estranhou que Luiza não falasse nada e olhou para trás. Encontrou Luiza de pé, em um pranto silencioso, com um olhar que transcendia os limites da cozinha.

— Está tudo bem? — perguntou Maria Lúcia.

Luiza meneou a cabeça sem sair do lugar. Seus olhos mal se moveram.

A mãe tinha cabelos castanhos levemente cacheados. Usava maquiagem pesada. Quando olhou para baixo, de encontro à menina, a quem segurava a mão e apressava o passo, Luiza viu seus olhos. Eram escuros, mas ternos. Além disso, o rosto da mãe demonstrava apreensão.

— Está apertando minha mão! — protestou a menina Luiza.

— Ande logo... Temos um encontro importante.

— E a festa?

— Não vamos a festa nenhuma, querida.

— Por que me vestiu bonita? Estou de branco, mamãe!

— Vamos ver seu pai.

— Não quero ver o papai!

— Essa é a última vez. Prometo.

A mãe tinha um jeito suave de falar. Ao se lembrar da voz, lembrou também de algo importante, e que fazia toda a diferença no mundo: gostava dela. Era um fato novo. Ficou convencida de que não gostaria de ver o pai, e temeu pela mãe. Desejou voltar para casa e poder brincar com o pequinês Bobby, mas a mãe, então, fez sinal para um táxi. Um VW 1600. Até o apelido daquele carro ela se lembrou: Zé do Caixão.

O taxista levou-as para um endereço que ficava no bairro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro. Lembrou-se que passou por um bondinho e a mãe prometeu que, um dia, ela a levaria para passear. E que a mãe nunca deixara de cumprir uma promessa. Depois que subiram por uma rua íngreme, chegaram a uma casa antiga que a mãe explicou pertencer a um amigo do pai. Havia dois carros enormes estacionados do lado de fora, e um carro policial do outro lado da rua. O embaixador Jonathan Eustace Palmer, o pai, abriu a porta e se dirigiu à mãe com um olhar frio.

— Está atrasada — ele disse.

— Trouxe a menina para se despedir de você.

— Não foi isso o que combinamos.

— Olhe, Jonathan, o que falamos não vai acontecer. A menina se sente bem no Brasil. Está acostuada comigo e com os tios.

— Ela deve ir aos Estados Unidos comigo. Paguei por isso!

— O dinheiro não me interessa. Devolvo tudo o que me deu.

— Como, vai vender a casa?

— Está tudo errado. O bem estar da menina tem que vir em primeiro lugar!

— Entre.... Vamos conversar.

Quando entraram, o pai mal olhou para Luiza. Por dentro, a casa pareceu-lhe muito mais luxuosa do que a discreta fachada e o muro coberto de musgo sugeriria.

— Espere aqui! — a mãe disse para ela com firmeza. Luiza assentiu.

O embaixador e a mãe subiram por uma escada. Luiza foi até a extremidade da sala onde havia um

sofá. Ela se sentou. Ali ao lado havia um corredor em declive. Luiza ficou curiosa. Teve impressão que do fundo vinha uma música, o que ela pôde confirmar em seguida quando o som aumentou de volume e luzes coloridas se acenderam no recinto ao final do corredor.

Luiza olhou para a escada à frente. Os pais já haviam subido. Tudo estava quieto e chato, mas a música que vinha da sala era alegre e as luzes coloridas eram muito bonitas. Era tão pertinho de onde estava que a mãe não ficaria realmente brava se Luiza fosse dar uma espiada. Além do mais, a mãe se enganara. Era uma festa, sim, e Luiza se levantou. Teve o cuidado de esticar o vestido branco antes de deixar a sala, sem antes conferir mais uma vez a escada e confirmar enfadonha que ninguém descia.

Foi quando o predador viu a menina de branco caminhar em sua direção. Suas pupilas dilataram. O coração disparou. O animal não tinha garras ameaçadoras e o couro que lhe cobria a corpo denunciava sua idade avançada, mas isso não o tornava menos ameaçador. A besta vivia para momentos como aquele. A menina inocente nada percebia. Parou ao se aproximar dele e considerou o monstro à sua frente, que lhe mostrava os dentes. Ela se acalmou e retribuiu com o que viria a ser o seu último sorriso espontâneo. A música estava alta agora. Era estranho, não havia outras crianças na festa. Somente Luiza. Então, a pequena menina ouviu o que lhe pareceu um riso forte e estridente, imaginando que a festa estivesse acontecendo em algum outro lugar daquela casa.

Quando Luiza voltou ao presente, estava sentada à mesa. Maria Lúcia segurava sua mão com carinho.

— Não era um riso. Era um grito! — disse Luiza.

— Como assim? Do que está falando?

— Da minha mãe... Ela não me abandonou. Ela foi assassinada!

Maria Lúcia não fazia a menor ideia sobre o que Luiza falava, ou estava tão emocionada.

— Quando, minha filha? Quem fez isso com ela?!

— Foi meu pai quem a matou...

Luiza procurou se acalmar. Precisava dar alguma explicação.

— Dona Maria Lúcia, eu tive uma vida muito... incomum.

— Ora, fale minha filha. Estou aqui para te ouvir!

— Meu pai me entregou a um covil de monstros. Sou mulher desde muito pequena. Só consegui me libertar há apenas alguns anos.

Maria Lúcia colocou a mão sobre a boca.

— Seu filho é o primeiro ser humano com quem me relaciono de verdade.

Não seria necessário maiores explicações. Maria Lúcia deu-lhe um abraço demorado. Um abraço de mãe.

- CAPÍTULO 80 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

Walden retornara à sua vida e estava tentando ser forte. Como pude cair na lábia de um picareta como o Crammer? O Nobel passou os dois primeiros dias na mais completa solidão, fazendo-se aquela pergunta. No terceiro dia, começou a olhar as questões práticas. Os cinco mil dólares que Michael Crammer lhe dera no lugar dos quinhentos mil prometidos, não seriam suficientes para resolver seus problemas financeiros. Nem de perto. Ele teria que voltar a dar aulas em uma universidade pouco expressiva.

Sim, ele teve seus dias, mas estavam no passado, lugar onde se encontrava a ex-mulher, os filhos e os amigos do dinheiro e da reputação que ele não tinha mais. Havia alguém, no entanto, que ele se recordava da melhor maneira possível. Sua primeira namorada. Josefina. Era tão doce, tão atenciosa... Walden mordeu os lábios de raiva quando recordou que o último encontro que tiveram, fora antes de ele ganhar seu Nobel. Foi um encontro rápido: ele era um chefe de família e ela uma dona de casa esquisita. Hoje, ele reconhecia, o prêmio afetara seu maldito ego. Ele fora engolido pela própria vaidade.

Olhou em sua agenda eletrônica e não encontrou mais os dados de Josefina. Em um gesto de desespero, abriu uma velha caixa de arquivo morto e tirou de lá uma agenda antiga, de papel. Por sorte, ali estava o nome dela. Josefina Willehem Rappaport, com o telefone e o endereço residencial.

Ele discou, mas o número de telefone mudara. Tentaria o endereço, em pessoa. Walden havia se tornado a pessoa mais solitária do mundo e, de repente, Josefina pareceu-lhe ser a única no mundo que não negaria um café com ele. Com essa esperança, pegou o carro e dirigiu até o pacato bairro de Peabody. Com sorte, Josefina ainda estaria morando no mesmo lugar.

No local havia uma mulher que tirava a neve do vidro de um automóvel. Ela não poderia ser Josefina. Era muito jovem para isso, mas o endereço estava certo. Walden estacionou na calçada oposta e atravessou a rua com seu corpanzil curvado e uma péssima aparência.

Fenícia estava prestes a entrar no seu carro quando notou a aproximação de Walden. Ele sorriu, tentando dar um ar mais leve a seu aspecto.

— Olá. Bom dia — disse Walden.

— Bom dia.

— Estou procurando por uma velha amiga. Josefina Rappaport?

— Seu nome?

— Doutor Thomas Walden.

O “doutor” havia soado meio arrogante, pensou Walden após se ouvir pronunciando o próprio nome. Ele cuidaria de corrigir aquele tom. A jovem sorriu, polida, e girou a cabeça em direção à porta da casa.

— Mamãe? — chamou Fenícia. — Há alguém aqui que deseja vê-la.

JOSEFINA SUGERIU O número 47 da Rua Palmer, em Harvard Square. O Veggie Planet ficava a apenas cinco minutos de sua residência e era, claro, vegetariano. Eram exatos 11h30min da manhã e o Veggie

tinha acabado de abrir.

— Sua filha está uma mulher linda — disse Walden.

— Fenícia é muito especial. Entende a missão dela.

— Acredito nisso... — disse Walden tentando parecer de alguma maneira sensível. — Acho que no fundo somos todos especiais, alguns com o dom de colocar tudo a perder.

Josefina o olhava com atenção. Walden ainda não fazia a menor ideia de quem ela se tornara. Ele não conhecia a bruxa.

— Em uma nova oportunidade terrena você terá chance de reconstruir sua vida ao lado da família que abandonou.

Walden não tinha falado nada sobre a família durante o trajeto de carro até o restaurante. Não tivera tempo para isso, de maneira que aquele comentário soou estranho e pretensioso.

— Não abandonei minha família, Pina. Acho que fez alguma confusão.

— Talvez.

Em uma nova oportunidade terrena... Walden também estranhou aquela colocação. Preferiu não entrar no mérito.

— Estou quebrado. Não tenho dinheiro nem para comer.

— Pagarei o almoço. O que vamos comer?

— Não é isso que quis dizer... Agradeço.

Walden pediu uma fatia de pizza coberta por feijão mexicano e um suco de laranja. Josefina escolheu arroz de coco com tomates frescos, espinafre, purê de tofu e manjericão, e uma limonada. Josefina era devota do conceito junguiano de sincronicidade. Walden havia procurado por alguma razão que talvez nem ele soubesse. Por certo não havia sido só pelo almoço de graça. O telefonema do primeiro namorado, depois de tantos anos tinha que ser uma espécie de coincidência significativa.

— Há uma razão para você ter me ligado.

Walden encolheu os ombros e sorriu.

— Saudades, talvez?

— Não acredito nisso. Estou falando de uma razão maior.

— Você continua alternativa?

— Está enganado. O *alternativo* que você se refere com certo ar esnobe se tornou a nova norma, Thomas. A ficha caiu, e caiu em escala global. O mundo está acordando. Diria até que já acordou. Ninguém minimamente interessado no planeta está preso a ciências e religiões. A única realidade é a realidade do tudo. Nada pode ser deixado de fora se quisermos caminhar à frente.

Walden recuou na cadeira e levantou os braços.

— Devagar aí, Pina... Estou impressionado.

— Quando pretende contar a verdade?

— Sobre o quê?

— Sobre você não ter estado lá, de fato?

— Lá aonde?

— Na Lua.

Walden começava a achar que Josefina havia se tornado uma mulher muito mais que estranha. Ela falava uma bobagem atrás da outra, mas com o irritante inconveniente de estar correta.

— Como sabe disso?! — disse Walden, surpreso.

— Quero lembrar a você do que lhe aconteceu no minuto em que propôs que olhássemos para Marte de uma maneira mais aberta.

Josefina tocara na ferida de Walden.

— Não fui compreendido.

— Claro que não, Thomas. Você foi massacrado.

— Fui. Mas fale-me de você. O que anda fazendo?

Ele queria fugir dali.

— Eu recruta pessoas.

Walden não conseguiu esconder o fato de que a julgava inapta para recrutar quem quer que fosse. Ela era apenas uma dona de casa simpática. Ele tentou não sorrir, mas a arrogância estava impregnada em seu jeito de ser e o traiu. Josefina não pareceu se importar.

— Thomas, o seu... problema não me surpreende. Você enxerga o mundo como foi educado a enxergar. Só vê rótulos. Prêmios. Títulos... No seu âmago há ainda uma grande necessidade em se sair bem na fotografia, mas quando olhar para os lados, voltará a enxergar o que gostaria que os outros enxergassem em Marte e outros lugares.

Walden suspirou.

— Desculpe, Josefina. Eu não quis ofender...

— Não se preocupe. Se me permitir ser sincera, sua maneira de respirar a vida ainda é um pouco primitiva. Nem haveria como você me ofender, mesmo que quisesse.

— Tudo bem. Você ia dizendo que seleciona pessoas para...

— Não é nada disso, Thomas. Eu não seleciono. Eu apenas as localizo e falo apenas para quem está pronto para ouvir. Esse é a minha dádiva.

— Localiza?

— Com meu coração... Com minhas antenas.

— Josefina, por favor...

— Thomas, eu sou uma espécie de gerente de recursos humanos do cosmos. Aliás, uma de muitas.

Foi bom a comida ter chegado. Walden pôde comer e refletir sobre as coisas malucas que Josefina dizia. Pôde também considerar a ideia de cair fora dali o quanto antes, embora suas próprias antenas lhe dissessem que Josefina parecia saber o que falava. Pelo menos a respeito a ele.

— Conheci o filho de um antigo colega seu. Lucas Walker — ela disse.

Walden quase engasgou com um pedaço de feijão mexicano.

— Que coincidência... — foi tudo o que ele conseguiu dizer.

— Deixe de firulas, Thomas. As coincidências são coisas do passado.

— Mas é uma coincidência! Estive com ele até bem pouco tempo.

— Lucas e a companheira são duas pessoas que eu encontrei por uma boa razão. Os dois terão papel importante nas transformações que os nossos irmãos nos ajudam a realizar.

— Irmãos... Pina, achei que eu era arrojado demais na minha ciência, mas para uma dona de casa de antenas você está se revelando bastante ousada.

— Como quiser. O fato é que Lucas tem uma determinação especial, ele fará o que você tentou fazer. Quanto à companheira, Luiza, ela sobreviveu ao convívio de pessoas oriundas de regiões escuras do nosso planeta. É uma gigante. Vai ajudar a identificar certos causadores de problemas no mundo. É claro, os dois ainda não sabem disso, mas estão a caminho de saber.

Walden balançou a cabeça.

— Não sei se compreendo o que me diz.

— Compreende, sim.

— Essas transformações no mundo sempre ocorreram — ele divagou.

— Agora é um momento diferente, Thomas. A informação se espalhou. O véu caiu. Os jovens do mundo não aceitam mais o *status quo* que herdaram. Há um novo mapa-múndi disponível, e ele mostra o mundo como ele é, e como funciona o mito das instituições. Não há como a humanidade voltar atrás. Com a tecnologia, os jovens tiveram acesso à verdade.

— A verdade? Pelo amor de Deus, Pina... Que verdade?

— Que podemos mais enquanto espécie.

— Não se iluda. Ninguém muda o *status quo* nos dias de hoje.

— Não estamos sozinhos, Thomas.

— Não estamos?

— Você sabe muito bem. Mais pessoas estão com as percepções aguçadas, olhe ao redor! Foi-se o tempo dos gurus e dos profetas exclusivos. Haverá um tempo em que as patentes científicas e industriais não terão mais papel em nosso mundo. O conhecimento está literalmente no ar. A semente da informação se espalhou.

— Admiro seu otimismo...

— Por acaso acha que nosso encontro foi por acaso?

— Bem, imagino que vai dizer que não. Afinal, eu a procurei.

— Acredita que ao me procurar, depois de tantos anos, completamente falido e sozinho, o fez apenas porque alguém jogou os dados do universo? Não, Thomas. Você tem um papel nesse processo. Falando bem claro, temos vizinhos cósmicos e você também procura por eles. Procurou em Marte, a seu modo, não foi?

Walden limpou a boca e terminou seu suco. Fez uma pausa antes de falar.

— Pina, eu acredito que existam sinais de que um dia houve vida inteligente em Marte e talvez em outros locais do nosso sistema solar. Acredito que um fenômeno natural tenha ocasionado a extinção da vida por lá, e que devemos estudar esses lugares para compreender nossas próprias origens e nosso provável futuro. Mas... Acredito que esses vizinhos existiram no passado, não no presente. Daí a acreditar que eles estão à nossa volta enquanto falamos, e que você de alguma forma interage com eles, não me parece razoável... Eu gostaria de acreditar, mas não consigo.

— Eu interajo comigo mesma.

— Como preferir.

— Entenda, a interação é com nosso próprio código espiritual.

— Sim... A espiritualidade e tal...

— Pode estar certo disso.

— E suponho que você irá me dizer qual é o meu papel nesse processo.

— Direi. Você é um tradutor, Thomas.

— Eu sou um cientista. Um físico.

— Isso mesmo. Você traduz sua linguagem sofisticada para o resto de nós. É assim que os conhecimentos se somarão uns aos outros.

A forma como Josefina falava chegava a enjoá-lo, mas era inegável que fazia sentido. Pela primeira vez nos últimos minutos, o impulso de se levantar e ir embora não estava mais lá.

— Então devo...

— Continuar do mesmo ponto onde parou quando lhe puxaram as pernas. Que sinal mais claro você precisa? Seja o físico que você se propôs a ser!

— E isso significa o quê?

— Que deve enfiar seus diplomas e seus prêmios onde melhor lhe convier! Viva para o planeta, Thomas.

Ela o olhou firme e com ternura, esperando uma resposta à altura.

— Pensarei nisso... Eu prometo.

— Não espere nem mais um dia. Volte com tudo!

— Calma lá, tenho que pensar em como sobreviver. Esqueceu que eu disse que estava quebrado?

— Dê o passo certo e verá como a vida é capaz de te ajudar.

Ele sorriu. Não com arrogância, mas com ironia.

— Talvez eu não tenha mesmo alternativa.

— Vamos manter contato. Se precisar comer, sabe onde eu vivo.

Os olhos de Walden subitamente brilharam.

— Você não existe.

— Vanilla.

— Como?

— Eu recomendo sorvete de vanilla. Vou pedir um para mim. Aceita?

Walden sorriu encabulado. Vanilla era seu sabor preferido. Outra coincidência significativa.

— No que você se transformou, em uma bruxa?

— Imagine só, nunca ouvi isso antes.

- CAPÍTULO 81 -

MENLO PARK, CALIFÓRNIA

ROY O'CONNELL DIRIGIA pela Sand Hill Road, famosa pela grande concentração de companhias de capital de risco que ajudavam a criar as mais variadas empresas de tecnologia do Vale do Silício.

Estava a caminho do escritório de uma delas — uma fachada da Fundação — e ficou em dúvida se daria ou não, aquele telefonema. A pessoa do outro lado da linha poderia gravar a ligação. Decidiu, afinal, que faria o que precisasse ser feito, e tomaria cuidado com as palavras.

— Senador, é Roy O'Connell.

— Não esqueci de você, canalha!

— É sobre essa falta de esquecimento que eu gostaria de falar.

— Você tem muita sorte de eu não tê-lo denunciado ainda.

— Sei. E se deixássemos esse assunto de lado?

— Você cometeu crimes.

— Não necessariamente, senador. Como o senhor sabe, a Silfos já era.

— Foi o que tirou a minha pressa.

— Entendo... Gostaria de pedir-lhe um favor.

— Muito ousadia da sua parte me pedir qualquer coisa!

— Não é essa a minha intenção.

— Então, qual é?

— Que esqueçamos nosso pequeno desentendimento.

— Assim, como mágica?

— Sim. De minha parte, prometo que não utilizarei a gravação que lhe mostrei.

— Aquilo é uma montagem, seu verme. Nós dois sabemos a verdade.

— Posso ter tirado as coisas um pouco do contexto.

— E o que deseja de mim?

— Ora, senador, que o senhor faça o mesmo.

— Não farei.

— Senador... É o melhor para todos, não concorda?

— Para que eu esqueça os seus crimes, você vai ter que me dar mais.

— Não imagino o quê.

— Luiza Palmer. Não quero que nunca mais chegue perto dela.

Roy ficou mudo.

A verdade é que se sentia bem na nova função que a Fundação lhe designara, em especial porque agora era um pleno representante deles, mas ainda sonhava com Luiza. Roy sabia que o senador Ramsley tinha gravações que poderiam comprometê-lo, e também não tinha a energia para sair da sua nova zona de conforto. Luiza Palmer era um vício que teria que administrar. Um dia, quem sabe, ele a teria de volta.

— Estou de acordo, senador.

Ramsley desligou e Roy ainda ficou um tempo assimilando a ideia.

Ele e o representante sênior da Fundação haviam concordado sobre o próximo projeto. Ao contrário da Silfos, esse seria levando adiante, garantiram a Roy. E por uma razão bastante simples. O novo projeto era mais viável, mais rentável e imediatista. Por isso, das profundezas eugênicas da Fundação, veio o sinal verde. Pelos próximos anos, aquele seria o único foco do lobo. E já que o poder era quase tão excitante quando Luiza, seria isso que a substituiria.

Roy se concentrou no trabalho à frente. Um dos bancos controlados pela Fundação procurou um dos maiores produtores de games do mundo e informou sobre o desejo de investir naquela indústria. Eles não tinham apenas uma linha de crédito, informaram, mas a intenção de possuir um pedaço da empresa. Com uma oferta irrecusável, não houve dificuldade em comprar uma parte majoritária das ações da SavinGameInc, o que deu ao banco o direito de colocar representantes seus no conselho da empresa, sendo Roy o principal deles. Outro conselheiro era Arnaud Batistte Crivel, uma cria da Fundação, que tinha grande experiência na indústria farmacêutica. Junto com uma equipe de talentosos roteiristas, eles se sentaram com o pessoal da SavinGameInc.

A premissa do jogo era uma velha conhecida.

O governo, depois de intensas manifestações populares, por fim admitiria que civilizações extraterrestres estavam invadindo o espaço aéreo do planeta Terra, e não eram nada bonzinhos. ETs bonzinhos não davam tanto lucro. Os vilões de outras galáxias sequestrariam pessoas e espalhariam um vírus que enfraqueceria o sistema imunológico das populações. A única esperança para a sobrevivência da humanidade seria uma vacina desenvolvida pelos principais laboratórios farmacêuticos, mas cujos centros de distribuição seriam sabotados. Pelos ETs. As etapas do jogo deveriam incluir cenários realistas e lutas mortais com nossos visitantes, além de intermináveis perseguições a contrabandistas de vacina. Passaria de fase quem melhor aceitasse as regras do governo e conseguisse uma dose da vacina que lhe garantiria viver. Medo e arte a serviço do lucro e da eugenia.

O novo projeto era sutil — como um vírus —, e, ao contrário da Silfos, que exigia uma enorme mobilização logística e política, o novo projeto seguia um modelo pronto. Todo mundo adorava games. O jogo condicionaria as pessoas a aceitar fácil a ideia de mais e mais vacinas. Era uma oportunidade de ouro para o fabricante do game, para os laboratórios e para os planos da Fundação.

Roy estava em casa.

- CAPÍTULO 82 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

— QUANTO TEMPO AINDA resta do sabático? — quis saber Luiza, enquanto terminavam o café da manhã no apartamento de Lucas. Não houve declarações formais de amor. Não houve nada que não fosse absolutamente gradual. Os dois se encontraram e sabiam disso, sem precisar verbalizar um com o outro. Se melhorasse, estragaria.

— Vai depender do meu humor — respondeu Lucas brincando com a séria depressão que o afligira, mas que estava superada. — Prometi ao Sullivan que voltaria a trabalhar assim que eu me sentisse bem.

— Hmm. Acha que poderia manter o mau humor por, digamos, mais um mês?

— Fácil.

— Ótimo. Você ainda tem algum dinheiro?

— Continuo recebendo meu salário em dia. Por quê?

— Podíamos fazer alguma coisa divertida.

— Essa coisa vai consumir muito dinheiro?

— Vai.

— Então deve ser muito boa.

— Talvez... Que tal viajarmos?

— Boa ideia. Algum lugar em mente?

— Gostaria de ir ao Brasil. Quero ver se encontro a casa onde morei com minha mãe. É a última memória boa que tenho de lá.

— Ainda tem o endereço?

Ela tocou a têmpora com o dedo indicador.

— Por mim, tudo bem. Mas já que vamos viajar, gostaria de dar um pulinho em um lugar antes.

Lucas levantou-se da cadeira e foi até o quarto. Voltou de lá com um trapo velho que tirara do armário. A manga de uma camisa.

— O que é isso? — quis saber Luiza.

— O endereço de um amigo meu.

Lucas e Luiza olharam juntos. Estava um pouco manchado, mas dava para ler.

— Xangai? — disse Luiza.

— É.

— O que tem lá?

— A família de Chao, o cozinheiro do navio que me ajudou a fugir. Em troca me pediu que ajudasse sua família quando pudesse.

— Parece justo. Quando podemos partir?

— Quando quiser.

— Que tal ontem?

— Tá bom para mim. Vamos para Xangai e depois iremos até o Brasil.

— Perfeito — ela disse, e depois se beijaram.

— Tive uma ideia, Luiza. Que tal se combinássemos com minha mãe de nos encontrarmos no Brasil? Acho que ela vai adorar a ideia de rever Governador Valadares depois de tantos anos.

— Vai mesmo levar a sogra logo em nossa primeira grande viagem?

Lucas franziu a testa. Pensou que talvez ela tivesse razão. Mas em seguida, ela riu e desfez sua preocupação. Ainda havia muito que conhecer a respeito de Luiza.

LUCAS TELEFONOU PARA o reitor Sullivan e o colocou a par dos planos. Voltaria a dar aulas em um mês. A pedido do reitor, no entanto, Lucas aceitou a sugestão de dar um pulo na universidade e dar uma aula no lugar do professor substituto. Seria uma forma mais natural de dizer a seus alunos que estava tudo bem, e colocar um fim nos rumores de que ele fora mandado embora. Em parte, os rumores eram culpa do próprio Lucas, que não respondia os e-mails e tinha aversão a redes sociais. O lado social de Lucas era no Forró Grill e nos cafés de Cambridge.

— Está vivo, professor? — perguntou a estudante gatinha Katy.

— Claro que estou!

Lucas parecia de excelente humor ao rever seus alunos. Ele entrou na sala sem livros e apoiou o corpo na mesa, como sempre fazia.

— Sentiram minha falta? — ele disse para a classe com um enorme sorriso.

— Pensávamos que havia sido despedido — comentou Drenner atrás de seus profundos óculos fundo de garrafa.

Lucas esticou o pescoço fingindo procurar algo na sala.

— Alguém viu se o reitor está por aí?

— Vai falar por onde andou, ou não vai? — quis saber Katy, seu ex-caso.

— Não sei nem por onde começar... Vamos lá. Um aventureiro maluco aceitou me dar carona até a Lua. Eu, é claro, aceitei. Mas então, um concorrente que também queria ir à Lua decidiu me tirar da jogada. Por esse motivo, fui sequestrado por um bando de traficantes de órgãos internacionais e jogado em um navio de cargas. No meio da viagem, decidi fugir. Foi quando me tranquei dentro de uma caixa cheia de fogos de artifício ajudado por um cozinheiro chinês que me pregou lá dentro. Desembarquei no Rio de Janeiro. Quando consegui sair de dentro da caixa me vi dentro do Estádio do Maracanã, em plena cerimônia de abertura dos jogos olímpicos do ano passado, no meio de um monte de mulheres de peito de fora e a mais incrível bateria de escola de samba do planeta. Voltei para cá e fui procurado por uma bruxa. Ela disse que vou ajudar os habitantes da nossa querida Terra a se darem bem com nossos irmãos de outras vizinhanças cósmicas. Depois, me apaixonei de vez pela mulher mais misteriosa que eu conheci na vida. Agora, voltei para vocês.

Aquilo só poderia ser uma piada, por isso a classe não soube como reagir. Antes que houvesse tempo para novas perguntas, o reitor, de fato, apareceu na sala. Ele entrou e caminhou até Lucas. Sullivan parecia ansioso.

— O senador está na minha sala te aguardando.

— Ramsley? O que ele quer comigo?

— Termine sua aula e depois vá até a minha sala.

Sullivan disse isso e foi embora. Lucas teve um pressentimento de que algo importante ocorrera. De jeito nenhum ele deixaria para depois.

— Desculpem-me, mas vou ter que sair mais cedo.

Aquela tinha sido provavelmente outra piada porque a aula não havia nem começado e Lucas teve que abandoná-los novamente.

LUCAS ENTROU NA sala do reitor e encontrou Ramsley de pé, olhando pela mesma janela que Lucas utilizara muitas vezes como refúgio visual nas conversas mais difíceis que tinha com Sullivan. O senador o viu e deu alguns passos lentos em sua direção.

— Como vai?

— Tudo bem, senador.

— Não queria atrapalhá-lo mais tenho um assunto importante.

— Claro. Do que se trata?

— Tem alguém que deseja falar com você.

— Quem?

— Alguém da área de inteligência.

— Fiquei importante de uma hora para outra?

— Ficou... Precisamos pegar um avião. Só nós dois.

- CAPÍTULO 83 -

TUCSON, ARIZONA

RAMSLEY E LUCAS não falaram muito no caminho. Era o esperado, pois não tinham mesmo afinidades. Após se identificarem na recepção do resort Miraval, foram direto até a suíte de Mabus. O senador havia explicado que aquele senhor era seu mais precioso contato do setor de inteligência, e quem os tinha protegido de Roy O'Connell e Frank Ballard. Também se adiantou sobre a idade avançada de Mabus e sua saúde precária, que se deteriorara nos últimos dias.

O recepcionista abriu a porta do quarto, a pedido de Mabus, e os dois entraram. Ramsley foi na frente, temendo pelo amigo centenário, e pela revelação que poderia acontecer ali. Lucas seguiu atrás. Quando Mabus o viu, ergueu o braço para o senador o ajudá-lo a se sentar.

— Obrigado, Ramsley — disse o ancião.

Lucas e Mabus se olharam. Para o professor, aquele senhor de raros fios de cabelo parecia remotamente familiar.

— Tenho observado vocês há muito tempo — disse Mabus com voz baixa, mas firme. Lucas buscou com o olhar o senador, sem entender.

— A quem o senhor se refere?

— A você e sua mãe.

Lucas sorriu. Aquele pessoal da inteligência não pedia licença para ninguém.

— O que o senhor sabe sobre o meu pai — ele arriscou.

— Que ele não teve escolha.

— Então o senhor o conheceu?

— Sim.

— Sabia disso, Ramsley? — Lucas perguntou. O senador balançou a cabeça. Não queria complicar as coisas. Lucas voltou a olhar Mabus. — Então sabe que ele nos deixou há muito tempo.

— Não sei se concordo com essa visão.

Mabus se esticou para alcançar um envelope que estava sobre uma cabeceira.

— Tome... Tudo o que deseja saber está nesse dossiê, eu suponho.

Lucas pegou o envelope. Ramsley tinha as mãos apoiadas na ponta da cama e evitou olhar nos olhos do professor.

— Ajude-me a levantar... Preciso fazer as malas — Mabus pediu a Ramsley, antes que novas perguntas fossem feitas. O senador sentiu que Mabus falara com a voz um pouco embargada. Ficava claro que Milton Walker não se apresentaria ali depois de todos aqueles anos. O coração do centenário, era provável, não aguentaria.

Ramsley ajudou Mabus a se levantar. Lucas também.

— Persiste em buscar, e achareis. Lucas. — disse Mabus.

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

NO VOO DE volta a Boston, o senador e Lucas concordaram que Mabus se referia, na verdade, a uma passagem do evangelho de Lucas, e não ao professor. *Persiste em buscar, e achareis.* O senador se despediu e seguiu em uma conexão para Washington. Considerou que seu trabalho com o protegido de Sullivan estava encerrado.

Lucas voltou para casa. Luiza o esperava para o jantar, mas ele pediu uma taça de vinho e alguns minutos para avaliar o conteúdo do envelope deixado pelo enigmático ancião. Luiza puxou uma cadeira e sentou-se ao seu lado.

O material estava bem arrumado, de maneira a ser revelado em uma ordem determinada. A primeira coisa que viram foi um passaporte com o nome Eva Thompson Albuquerque, e um bilhete. Lucas sorriu.

— Muito prazer, Eva.

Lucas abriu o envelope e mostrou a foto de Luiza ao lado do seu novo nome. Ela agora era espanhola naturalizada americana, e tinha 42 anos.

— Ele foi muito gentil com a idade — Luiza disse.

O papel A4 atrás do passaporte era uma carta de boas-vindas de um banco suíço. A conta era numerada e o gerente confirmava um depósito de dois milhões de francos suíços. Lucas e Luiza eram os procuradores.

— Com quem mesmo você disse que esteve? — Luiza perguntou.

— Eu não disse ainda...

Os dois se olharam. Luiza estava com os olhos cheios d'água.

— Seu nome é Mabus — ele explicou, mas para ela bem poderia ser Papai Noel.

Em seguida. Lucas pegou um envelope menor preso por um elástico a um dossiê. Ele abriu e leu a curta mensagem que encontrou.

A MELHOR OPÇÃO RARAMENTE É A MAIS FÁCIL. JAMAIS OS ABANDONEI.

Ficar afastado foi doloroso, mas necessário para sua proteção e da minha esposa querida, sua mãe MARIA LÚCIA, A QUEM AMO ATÉ HOJE COMO NO DIA EM QUE A CONHECI.

EM ANEXO, VOCÊ ENCONTRARÁ UM RESUMO DO TRABALHO QUE ME OBRIGOU A VIVER NAS SOMBRAS. A VIDA É FEITA DE MUITAS CAMADAS, LUCAS. VÁ COM CALMA.

P.S.: FOI BOM VER VOCÊ, DEPOIS DE TODOS ESSES ANOS.

— Você está bem?

— Preciso olhar esse material.

Ele queria dizer “olhar sozinho”.

Luiza entendeu e se levantou antes que fosse necessário usar todas as palavras. Ele estava pálido e respirava de maneira ofegante. Ela notou um brilho de água se formar em seus olhos, de modo que achou melhor esperar no quarto. Quando se viu sozinho, Lucas esfregou o rosto, guardou o bilhete do pai no envelope menor e abriu a primeira página do dossiê.

Milton Walker (MABUS)

Comando da Rede Naval e Operações Espaciais

Dahlgren, Virginia

O pai trabalhava para um departamento da Marinha. Lucas virou a página.

SOLAR WARDEN

COSMIC TOP SECRET

Milton Walker possuía um certificado de segurança de nome exótico, “Cosmic”. Estava envolvido com um projeto chamado “Solar Warden” (Sentinela Solar). Lucas já tinha ouvido falar naquele nome. Entre os anos de 2001 e 2002, um dos maiores hackers de todos os tempos, o escocês Gary McKinnon, que tinha uma habilidade que alguns atribuíam à Síndrome de Asperger, um tipo de autismo, foi preso por ter realizado um dos maiores ataques a computadores militares de todos os tempos. Com notoriedade mundial, Gary invadira justo os computadores do Comando da Rede Naval e Operações Espaciais. Os arquivos faziam referência a oito “naves-mãe” maiores que o comprimento de dois campos de futebol, e outras 43 “naves-sentinelas”, além da existência de “oficias não-terrestres” e “transferências frota-a-frota”, tudo parte do tal programa espacial secreto chamado Sentinela Solar, financiado pelos orçamentos secretos conhecidos como Black Budgets.

Lucas respirou fundo e virou a página.

O que havia a seguir parecia familiar, por isso não lhe chamou a atenção logo de início.

MARE CRISIUM

Eram fotografias da região lunar que Lucas conhecia bem. Dezenas de páginas, ele conferiu. Após um olhar mais atento na primeira delas, reconheceu como sendo uma das fotos que ele próprio tinha guardado todos aqueles anos. Só que havia uma diferença fundamental: não estava borrada ou alterada. As páginas seguintes mostravam os detalhes da foto. E os detalhes, eram tudo: contornos do que poderia ser uma estrutura artificial na Lua.

- CAPÍTULO 84 -

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

LUCAS E LUIZA haviam decidido se encontrar com a bruxa mais uma vez, a pedido de Josefina. Desta vez, Lucas aceitou no ato. Aquela mulher era mesmo extraordinária, não havia como negar. Suas previsões haviam se materializado e Lucas estava curioso para saber o que ela teria a dizer agora. Marcaram não apenas um breve café, mas um jantar. O local escolhido foi o Helmand, um restaurante de culinária do Afeganistão no número 143 da First Street, sugerido por Josefina e a filha. Naturalmente, vegetariano.

A noite estava fria, mas seca e sem ventos, por isso Lucas e Luiza foram à pé. Ele, quieto, pensando nos desdobramentos dos últimos dias.

Então o pai tinha mesmo descoberto algo de profundas consequências para a nossa civilização. Alguém, afinal, estivera na Lua antes da espécie egocêntrica e megalomaniaca que denominamos de seres humanos. O relatório do renomado Instituto Brookings, escrito 60 anos antes, também estava certo. Como é que tudo isso permanecia ainda como uma irrelevante hipótese, mais próxima de uma lenda urbana qualquer, Lucas não soube responder. Na verdade, ainda estava zozinho com tudo.

Quando chegaram ao Helmand, Josefina e a filha Fenícia já os aguardava em uma mesa para seis pessoas. Lucas cumprimentou as duas com um abraço caloroso, completamente fora dos seus próprios padrões. Um ciclo havia terminado, ele estava se sentindo relaxado e com a sensação de dever cumprido.

Os dois se sentaram.

— Eu tive uma ideia — disse Josefina sem rodeios.

— Estou começando a gostar das suas ideias.

Ela sorriu, talvez Lucas tivesse esquecido por um momento que as ideias da bruxa não eram para os fracos.

— Estive olhando essa revista... Onde ela está, Fenícia, querida?

— Guardei na bolsa, mamãe... Tome.

Fenícia entregou o exemplar à mãe. Lucas viu o nome da publicação, que ele conhecia bem. *Daring Entrepreneurs Magazine*, a edição mais recente.

— Há alguém que quer ir à Lua — Josefina disse.

— Acho que já vi essa história antes.

A bruxa abriu a revista e folheou-a até encontrar uma página.

— O anúncio diz... *Aqui. Voo até a Lua. Seleccionam-se astronautas. Candidatos ricos terão preferência.*

Lucas riu.

— Josefina, deixe-me adivinhar. Crammer Enterprises?

Um garçom se aproximou.

— Posso fazer os pedidos?

— Estamos esperando mais duas pessoas — explicou Fenícia.

— Sim, podemos — Josefina corrigiu, olhando para a porta do restaurante. Michael Crammer, com

suas botas de couro e chapéu extravagantes, entrou acompanhado de Suzanne.

O humor de Lucas azedou um pouco.

Talvez a bruxa tivesse um senso de humor difícil de ser compreendido. Depois que se cumprimentaram, sentaram e fizeram o pedido. Raviólis e uma combinação de espinafre com arroz e temperos típicos, acompanhados de um vinho Cabernet Sauvignon Coppola Diamond, da vinícola do famoso cineasta. Brindaram e falaram sobre o tempo. A noite estava agradável e eles estavam felizes, com exceção de Lucas, que parecia incomodado.

— Eu os convidei, Lucas.

— Sim, estou vendo, Josefina... E então Michael, soube que desapareceu dos radares.

— Campeão, é uma longa história.

— Deve ser.

— Michael, por que não conta a ele seus planos? — pediu Josefina.

Crammer abriu um enorme sorriso e preparou as mãos para gesticular entusiasmado.

— Professor, vamos até a Lua e—

— Ah, Michael... Corta essa.

— Não, não. Vamos sim. Desta vez é para valer!

Luiza tocou no braço de Lucas.

Deixe o cara falar.

— Michael, eu já descobri o que queria saber.

— Está se referindo às fotos do seu pai?

— Estou.

Como se fosse possível, Crammer sorriu ainda mais.

— Então vai querer embarcar nessa comigo e Suzane. De qual distância foram feitas essas fotos que você tem?

— Dê uns 100 quilômetros da Lua, se não me engano.

— E se eu te disser que estou planejando um voo há apenas 8 quilômetros de distância da superfície da Lua?!

Lucas esfregou o rosto. Se um voo tão próximo fosse possível, a oportunidade para fotos muito mais detalhadas da Lua seria incrível. O conhecimento sobre a existência de estruturas artificiais passaria da simples constatação para uma eventual resposta sobre *o que* seriam essas estruturas. Mas aquele era Michael Crammer falando, foi difícil para Lucas esconder seu ceticismo.

— Ora, o que é isso meu camarada. Tenho muitos detalhes para te falar.

— Claro, Michael...

Mesmo que a lógica lhe dissesse para sair correndo dali e nunca mais cair na conversa de Crammer, havia outra variável que deveria ser levada em consideração. A bruxa. Ela o olhava como se esperasse uma resposta, e como quem indicasse a Lucas que ele parasse de julgar o texano e se lembrar de que ela esteve certa todas as vezes em que se encontraram.

— Dê oportunidade ao inesperado, Lucas — Josefina disse, e depois olhou para Suzanne. — E você, querida. O que poderia nos contar sobre o sol nos trópicos? Acho que tem algo que gostaria de nos dizer.

Suzanne franziu a testa. Seria possível que aquela senhora estivesse se referindo à estranha luz que viram no barco do juiz Adam antes de irem embora?

— Sabe, algumas pessoas veem-na e coisas incríveis acontecem — Josefina completou. Ela, na verdade, estava se dirigindo a todos ali na mesa. Para Suzanne e Crammer a luz trouxera a notícia da morte de El Pepe e a oportunidade de um recomeço. Para Lucas, foi o que o salvou no navio e o livrou da caixa no Maracanã. A luz era, de certa forma, o caminho. Pelo menos, para quem tivesse olhos de ver.

O garçom trouxe o Coppola.

Eles brindaram e esperaram que a bruxa dissesse mais coisas, mas ela não tinha nada a dizer além do

que já havia sido dito. A química, na verdade, já trabalhava por todos ali na mesa. Apesar de Crammer estar de boca fechada, seus olhos observavam Lucas, atento. Havia uma fagulha qualquer no olhar do professor. Crammer sorriu silencioso e depois se virou para a Suzanne. Ela sorriu também. Concluíram que os olhos de Lucas na realidade já diziam “sim”. Eles tinham certeza que uma nova aventura os aguardava no deserto de Black Rock, e que Lucas desta vez não perderia por nada neste mundo.

- CAPÍTULO 85 -

MENLO PARK, CALIFÓRNIA.

ROY CAMINHAVA PELAS ruas de Menlo Park à procura de uma casa ideal. Decidira viver como os grandes inovadores do Vale do Silício. O dia estava ensolarado e a temperatura era agradável. Por isso, pagou o carro na Valparaiso Avenue e seguiu pela Cotton Street, a pé. Sem qualquer motivo aparente, pegou à direita e entrou na Hobart Street, admirando a bonita vizinhança. Nada extravagante, ele pensou, das casas de 2, 3 ou 4 milhões de dólares. Queria se instalar bem, sem que estivesse ostentado. Em uma casinha como essas, seria possível sobreviver de forma discreta após uma montanha russa de eventos.

O dia estava perfeito e fê-lo lembrar-se de sua caminhada na Irlanda, tempos atrás. Roy, o lobo, virou à direita na Santa Cruz Avenue e sua serenidade foi perturbada por uma picada de inseto. Uma abelhinha abusada. Abaixo da orelha esquerda, entre o pescoço e o ombro. Depois de xingar a natureza por alguns segundos, Roy voltou a concentrar-se nas casas. Algumas tinham placas de *vende-se*. Roy usava o celular para fotografar e registrar as casas que considerasse com potencial para abrigá-lo com um mínimo de dignidade.

Sem motivo aparente, o dia ensolarado tornou-se muito quente. Quando Roy alcançou a Olive Street, uma quadra depois, sentiu, por razões ainda mais estranhas, que o dia ficara, de súbito, mais frio. E que uma gota de suor escorria de sua testa e ameaçava entrar dentro de um olho. Foi nesse instante que Roy viu, com o olho que ainda permanecia aberto, a abelha que o picara instantes antes. Um inseto traiçoeiro cuja visão causou-lhe náuseas profundas.

Frank Ballard estava do outro lado da calçada.

Caminhava paralelo a Roy, movendo-se para atravessar a rua em sua direção. Suas pernas tremeram enquanto acompanhava o amigo de longa data se aproximar. Porque muitas coisas tornaram-se claras nos instantes seguintes. A primeira, era que Frank jamais poderia estar ali, nem na mais selvagem das coincidências. Segundo, esse simples fato dizia, sem margens para dúvidas, que o motivo de sua presença, seguindo-o, não era um bom sinal. E, terceiro, as pernas pararam de tremer e tornaram-se fracas, a ponto de ele dobrar os joelhos e apoiar-se no chão, com os olhos se fechando, e as sensações oscilando entre o quente e o frio. Uma crescente ânsia de vômito e a certeza de que fora envenenado por Frank. Como aquele filho da puta o atingira, não estava claro.

Frank aproximou-se de Roy.

— Um dia como esse não se esquece, concorda?

Roy olhou para cima, com a mão no pescoço ferido, sem forças para responder. Não era preciso. Seu olhar perguntava o porquê daquela traição. Frank continuou.

— Você, de joelhos para mim? Nem esperava tanto, parceiro.

— Vá a merda...

— É improvável, Roy.

O lobo no fundo, sabia porque Frank o matara.

Não fora algo específico, um momento catalizador ou algum mal-entendido. Fora uma somatória de

coisas, como ofensas e ingratidão. E que se acumulavam desde o tempo de quando serviam juntos nas forças armadas. Roy sempre esteve acima de Frank, na hierarquia. Pressupôs que sua arrogância atingira Frank e ficara impregnada em cada célula do seu corpo, transformando-se em um mostro sem controle, à espera de um dia de juízo final. De acerto de contas. Vingança. Não existiam maiores questões filosóficas que justificassem o que acabara de ocorrer.

Roy provavelmente estava sonhando com a Irlanda quando fechou os olhos em definitivo. Frank saboreava o momento. Apenas isso.

TUCSON, ARIZONA

MABUS SAIU CAMINHANDO com as próprias pernas. Entrou em um sedan preto, sem placas de identificação, e despediu-se do Miraval Resort. Não havia nenhum problema com o hotel — que ele adorava — mas aquele lugar tornara-se público demais para seus padrões após a visita de Ramsley, Luzia e do próprio filho. Era preciso refugiar-se em um lugar diferente, para o bem-estar de todos.

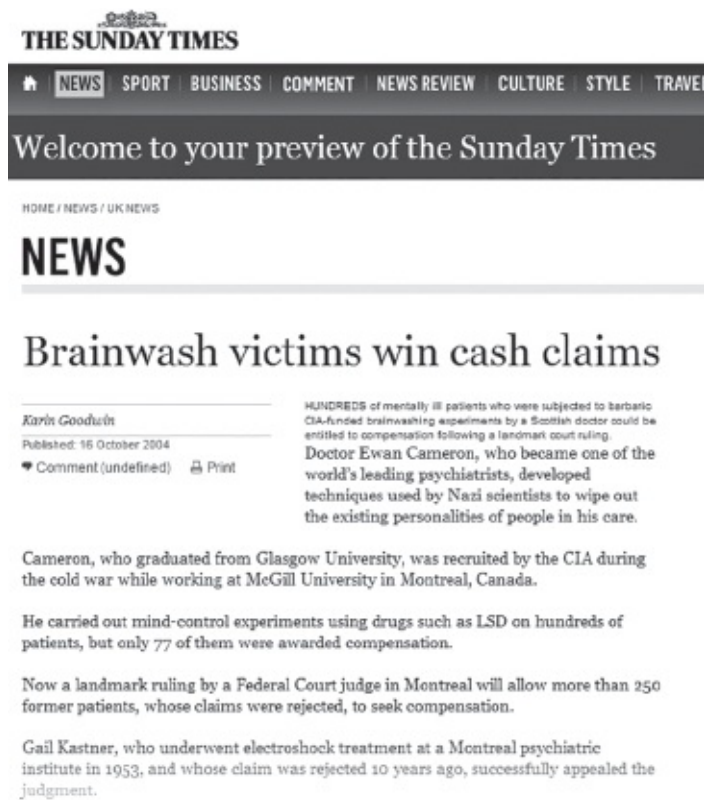
Não sabia se veria o filho de novo. Talvez fosse melhor desse jeito, pois funcionara pelo lado da segurança por todos aqueles anos. O ancião ainda queria viver. Quem não quer?

Passaria o resto de seus dias completando o manuscrito sobre todas as experiências que vivera. Ou, pelo menos, as que julgava úteis, e que teriam algum propósito. Lucas, sem nenhuma hesitação por parte de Mabus, seria o destinatário de suas memórias. Saberá de tudo a que tinha direito, por sangue. E, quando o filho recebesse essa herança, sua amada esposa, Maria Lúcia — com sorte — também teria a explicação que tanto merecia.

- NOTA DO AUTOR -

ESSA É UMA obra de ficção, inspirada em fatos (supostamente) reais e de conhecimento público. A pesquisa serviu apenas como fundamento para a criação e, de forma alguma, representa a verdade absoluta dos fatos. Da mesma forma, nomes e locais públicos que utilizei não necessariamente possuem precisão. Personagens não foram baseados em ninguém em particular. Qualquer semelhança é pura coincidência. Sobre os temas abordados, cada um que use o próprio discernimento. O leitor está equipado para pesquisar e pensar bem melhor do que o autor. Pessoalmente, acredito mais nos indivíduos do que nas instituições. Sobre a concentração de poder de alguns grupos, creio na máxima que diz que o “poder absoluto corrompe absolutamente”. Selecionei, a seguir, algumas das notícias que me ajudaram a criar Mare Crisium, e outras que vieram depois da conclusão do trabalho.

Meus agradecimentos à minha mulher Sandra, sempre disposta a ajudar com sua paciência e inspiração. Aos meus pais, Rudy e Rita, pelo espírito prático, navegantes do século XX, enfrentando os tempos atuais com coragem. À Mônica, pelas contribuições diversas, e aos amigos que participaram com suas valiosas opiniões.



THE SUNDAY TIMES

NEWS | SPORT | BUSINESS | COMMENT | NEWS REVIEW | CULTURE | STYLE | TRAVEL

Welcome to your preview of the Sunday Times

HOME / NEWS / UK NEWS

NEWS

Brainwash victims win cash claims

Karin Goodwin
Published: 16 October 2004
Comment (undefined) | Print

HUNDREDS of mentally ill patients who were subjected to barbaric CIA-funded brainwashing experiments by a Scottish doctor could be entitled to compensation following a landmark court ruling. Doctor Ewan Cameron, who became one of the world's leading psychiatrists, developed techniques used by Nazi scientists to wipe out the existing personalities of people in his care.

Cameron, who graduated from Glasgow University, was recruited by the CIA during the cold war while working at McGill University in Montreal, Canada.

He carried out mind-control experiments using drugs such as LSD on hundreds of patients, but only 77 of them were awarded compensation.

Now a landmark ruling by a Federal Court judge in Montreal will allow more than 250 former patients, whose claims were rejected, to seek compensation.

Gail Kastner, who underwent electroshock treatment at a Montreal psychiatric institute in 1953, and whose claim was rejected 10 years ago, successfully appealed the judgment.

The Sunday Times. Outubro de 2004:

VÍTIMAS DE LAVAGEM CEREBRAL GANHAM INDENIZAÇÕES. Centenas de pacientes submetidos a experimentos bárbaros de lavagem cerebral patrocinados pela CIA, podem ter direito à

compensação financeira após uma histórica decisão judicial. O renomado psiquiatra Ewan Cameron, que foi o primeiro presidente da Associação Psiquiátrica Mundial, desenvolveu técnicas usadas por cientistas nazistas para apagar a personalidade existente de pessoas sob o seu cuidado. Acredita-se que pessoas poderiam ser programadas para conduzir tarefas específicas. Um juiz da Corte Federal em Montreal vai permitir que mais de 250 antigos pacientes possam receber compensações.

**PROJECT MKULTRA, THE CIA'S PROGRAM OF
RESEARCH IN BEHAVIORAL MODIFICATION**

JOINT HEARING
BEFORE THE
SELECT COMMITTEE ON INTELLIGENCE
AND THE
**SUBCOMMITTEE ON
HEALTH AND SCIENTIFIC RESEARCH**
OF THE
COMMITTEE ON HUMAN RESOURCES
UNITED STATES SENATE
NINETY-FIFTH CONGRESS
FIRST SESSION
AUGUST 3, 1977



Printed for the use of the Select Committee on Intelligence
and Committee on Human Resources

U.S. GOVERNMENT PRINTING OFFICE
WASHINGTON : 1977

96-428 0

For sale by the Superintendent of Documents, U.S. Government Printing Office
Washington, D.C. 20402
Stock No. 052-070-04357-1

Collective Evolution. Janeiro de 2013:

CIA ADMITE ENGENHARIA DE COMPORTAMENTO EM HUMANOS. A história é antiga, mas muita gente ainda vai ouvir falar do MK Ultra. Era o nome de um antigo projeto secreto da divisão de inteligência científica da CIA. O governo dos Estados Unidos até emitiu um pedido de desculpas quando Bill Clinton era Presidente.

California Board Reportedly Overestimated Pollution by 340 Percent to Pass Landmark Air Standards

Published October 08, 2010 | FoxNews.com

California regulators reportedly are planning to significantly weaken the state's landmark clean air standards after discovering they miscalculated pollution levels by 340 percent.

The estimate played a vital role in the creation of 2007 regulation that forced businesses to make costly upgrades to off-road vehicles with diesel engines in order to cut diesel emissions, the San Francisco Chronicle reported.

The California Air Resources Board announced on Thursday a proposal that would delay the deadline to meet the requirements until 2014 and exempt more vehicles. The Chronicle says the announcement was made just as the paper was preparing to publish its report on the board's faulty science.

The board blamed the error on calculations taken before the recession halted the use of many diesel-fueled vehicles in California, while independent researchers attributed cited a faulty method of calculation, the Chronicle reported.

The overestimate comes after a board miscalculation on diesel-related deaths made headlines in 2009.

California Air Resources Board Chairwoman Mary Nichols told the Chronicle, she couldn't answer why the air pollution estimate was off but emphatically said she was not concerned about any other board calculations.

The board is set to vote on the new proposal in December.

[Click here to read more on this story from the the San Francisco Chronicle.](#)

[Print](#) [Close](#)

URL

<http://www.foxnews.com/us/2010/10/08/california-board-reportedly-overestimated-pollution-percent-pass-landmark-air/>

[Home](#) | [Video](#) | [Politics](#) | [U.S.](#) | [Opinion](#) | [Entertainment](#) | [Tech](#) | [Science](#) | [Health](#) | [Travel](#) | [Lifestyle](#) | [World](#) | [Sports](#) | [Weather](#)

[Privacy](#) | [Terms](#)

This material may not be published, broadcast, rewritten, or redistributed. © 2010 FOX News Network, LLC. All rights reserved. All market data delayed 20 minutes.

Fox News. Outubro de 2010:

CONSELHO DA CALIFÓRNIA SUPERESTIMOU POLUIÇÃO EM 340%. O cálculo teve um papel vital na criação de uma norma que forçou empresas a realizarem melhorias custosas em sua frota de veículos off-road movidas a diesel para cortar o nível de emissões.

National Security

SPECIAL REPORT
THE BLACK BUDGET
The U.S. "black budget" reveals how billions of dollars are spent across the dozen agencies that make up the National Intelligence Program.



U.S. spy network's successes, failures and objectives detailed in 'black budget' summary



The Washington Post. Agosto de 2013:

OS SUCESSOS, AS FALHAS E OS OBJETIVOS DOS ORÇAMENTOS SECRETOS (BLACK BUDGETS) DA REDE DE ESPIONAGEM DOS EUA. Os US\$ 52.6 bilhões previstos para o ano fiscal de 2013 mapeiam um cenário operacional que nunca foi submetido ao escrutínio público. Não se conhece como o dinheiro é usado ou se alcançou os objetivos estabelecidos pelo Presidente e o Congresso. O relatório de 178 páginas revelava detalhes de 16 agências de espionagem que empregam 107.035 pessoas.

WHO accused of losing public confidence over flu pandemic

Loss of credibility could endanger lives, says vice chair of Council of Europe's health committee

Sarah Boseley

The Guardian, Sunday 28 March 2010 18:37 BST



Countries across Europe reacted very differently to the pandemic, and not all mounted high-profile vaccination campaigns, as did the UK. Photograph: Dave Thompson/PA

The [World Health Organisation](#) and other public health bodies have "gambled away" public confidence by overstating the dangers of the [flu](#) pandemic, according to a draft report to the [Council of Europe](#).

The report, by the Labour MP Paul Flynn, vice chair of the council's health committee, says that a loss of credibility could endanger lives.

"This decline in confidence could be risky in the future," says the report, seen by the Guardian. "When the next pandemic arises many persons may not give full credibility to recommendations put forward by WHO and other bodies. They may refuse to be vaccinated and may put their own health and lives at risk."

In Britain, says Flynn, the discrepancy between the estimate of the numbers of people who would die from flu and the reality was dramatic. "In the United Kingdom, the Department of Health initially announced that around 65,000 deaths were to be

The Guardian. Março de 2010:

OMS (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE) ACUSADA DE PERDER CONFIANÇA DO PÚBLICO AO EXAGERAR PANDEMIA DA GRIPE. A OMS e outros órgãos públicos de saúde exageraram os perigos da pandemia da gripe, de acordo com o Conselho Europeu. Quando a próxima pandemia chegar, muitas pessoas talvez não deem crédito a recomendações desses organismos e recusem serem vacinadas.

ABC Radio TV Shop News Sport Local Children Science Environment more Topics hsb

NEWS

Just In Australia World Business Sport Analysis & Opinion Election Fact Check

Print Email Facebook Twitter More

Vaccines may have increased swine flu risk

The World Today Annie Guest
Updated Sat 5 Mar 2011, 12:10am AEDT

There is renewed controversy surrounding influenza vaccines, with some studies showing people immunised against the seasonal flu might have been at greater risk during the swine flu outbreak.

Infectious diseases expert Professor Peter Collignon has called for a review of Australia's flu vaccine policy in light of the new research, but the Federal Government has defended its vaccination program.

Immunisation can be a sensitive issue, particularly when it comes to adverse effects in children.

Professor Collignon from the Australian National University (ANU) says the new research will only heighten sensitivities.

"What was a bit surprising when we looked at some of the data from Canada and Hong Kong in the last year is that people who have been vaccinated in 2008 with the seasonal or ordinary vaccine seemed to have twice the risk of getting swine flu compared to the people who hadn't received that vaccine," he said.



PHOTO: Fresh controversy: Professor Collignon has called for a review of Australia's flu policy

AUDIO: New controversy surrounding flu vaccination (The World Today)

RELATED STORY: Nasal spray flu vaccine one step closer

RELATED STORY: Universal flu vaccine successfully tested: report

RELATED STORY: Britain short of flu vaccine as death toll mounts

MAP: Australia

Abc News. Março de 2011:

VACINAS PODEM TER AUMENTADO RISCO DE GRIPE SUÍNA. Há uma renovada controvérsia sobre as vacinas contra gripes, com alguns estudos mostrando que pessoas imunizadas talvez estivessem em maior risco durante a epidemia... Dados do Canadá e Hong Kong sugerem que pessoas que foram vacinadas contra a gripe tiveram o dobro do risco de pegar gripe suína se comparadas com pessoas que não tomaram vacinas.

GlobalResearch
Centre for Research on Globalization
globalresearch.ca / globalresearch.org

Home | About | Contact | Membership | Online Store | Donate

Font-size: A+ Print

Latest News / Top Stories

- Canada's Use of Chemical Weapons
- Look With Your Own Eyes: The Videos of the Chemical Attacks in Syria Show Tampered Scenes
- "The Salvador Option For Syria": US-NATO Sponsored Death Squads Integrate "Opposition Forces"
- Syria Gambit: The Race to War
- Consensus 9/11: New Truths Dispelling Old Lies
- Black America More Pro-War Than Ever
- Rogue State USA: Missile Threats Make Any Syria Treaty Illegal
- In an Age of 'Realists' and 'Vigilantes', There is Cause for Optimism

All Articles

Home "US-Centric Internet"

"Imaginary Panic": The H1N1 Pandemic was a Multibillion Dollar Fraud....

By Global Research
Global Research, March 12, 2011
Initiative Citoyenne (Belgium) 12 March 2011

Theme: Science and Medicine, United Nations

Share 3 Like 1 Tweet 0 Email 0 RSS 0 Show This 113



[note the above title is Global Research]

PRESS RELEASE

Swine Flu: Lessons not Learned and Health Freedom Increasingly at Risk!

The Swine Flu 'pandemic' turned out to be nothing more than a storm in a teacup generated by a flurry of conflicts of interest.

A majority of European Health Committee MEPs have nonetheless recently approved a report by Anne Delvaux (PPE) endorsing the existence of what was really an imaginary panic and calling for 'more cooperation between member states' to deal with future pandemics.

The document[1], available on the Cdh site, also states that the WHO – having chosen the perfect moment to modify its criteria for the definition of a pandemic – is now planning to change its criteria again by reinstating a criterion based on severity!

It is also somewhat perplexing to read that a majority of MEPs are in favour of a collective vaccine purchase scheme given that such a plan would clearly be more beneficial for the financial health of the vaccine manufacturers (for whom the risk of unsold stock and cancelled contracts would thus be reduced) than for any possible notion of health freedom and patient choice. A scheme of this kind will not only make it very easy for national ministers to dodge their responsibilities but will also increase the risk of pro-vaccine propaganda and enforcement against which trouble-making rebels like Poland will no longer be able to take a stand.

NEWS

Global Research. Março de 2011:

PÂNICO IMAGINÁRIO: A PANDEMIA DO H1N1 FOI UMA FRAUDE DE MUITOS BILHÕES DE DÓLARES. A “pandemia” de gripe suína revelou ser nada mais que uma tempestade em uma xícara de chá gerada por uma rajada de conflitos de interesse.

MailOnline

Home | News | U.S. | Sport | TV&Showbiz | Femail | Health | Science | Money | Right | Columnists

News Home | Arts | Headlines | Pictures | Most read | News Board

The 'false' pandemic: Drug firms cashed in on scare over swine flu, claims Euro health chief

By FIDNA MACRAE
UPDATED: 01:23 GMT, 18 January 2010

Share Tweet RSS +1 Share

583 View comments

The swine flu outbreak was a 'false pandemic' driven by drug companies that stood to make billions of pounds from a worldwide scare, a leading health expert has claimed.

Wolfgang Wodarg, head of health at the Council of Europe, accused the makers of flu drugs and vaccines of influencing the World Health Organisation's decision to declare a pandemic.


This led to the pharmaceutical firms ensuring 'enormous gains', while countries, including the UK, 'squandered' their meagre health budgets, with millions being vaccinated against a relatively mild disease.

A FALSA PANDEMIA: FARMACÊUTICAS lucraram com o medo da gripe suína, afirma o chefe da saúde europeia. O surto de gripe suína foi uma “falsa pandemia” orquestrada por companhias farmacêuticas que lucraram bilhões de libras com o pânico no mundo, afirma um renomado especialista em saúde. Wolfgang Wodarg, chefe de saúde do Conselho Europeu, acusou os fabricantes de vacinas contra a gripe de influenciar a decisão da Organização Mundial da Saúde em declarar uma pandemia. Isso levou as farmacêuticas assegurarem enormes ganhos, enquanto os países consumiram seus recursos e milhões foram vacinados contra uma doença moderada.


Jason Linkins
jason@huffingtonpost.com
Become a fan of this reporter

GET UPDATES FROM JASON
RSS | EMAIL | Follow | Like | Like

Gen. Hugh Shelton: Clinton Official Suggested Letting U.S. Plane Be Shot Down To Provoke War With Iraq



First Posted: 10/15/10 02:46 PM ET | Updated: 05/25/11 07:05 PM ET



In the publicity sheet that St. Martin's Press has been sending out to spur interest in General Hugh Shelton's new memoir, *Without Hesitation: The Odyssey of an American Warrior*, the last highlight is a doozy: "A high-ranking cabinet member suggests intentionally flying an American airplane on a low pass over Baghdad so as to guarantee it will be shot down, thus creating a natural excuse to retaliate and go to war."

Turns out the incident took place during the Clinton administration, and Shelton's response to the suggestion... well, let's just say it more than lives up to the title of the memoir.

[Over at Salon's War Room](#), Justin Elliott has the specifics.

Shelton sets the scene at a "small, weekly White House breakfast" that served as regular "informal" meetings that "encouraged brainstorming of potential options on a variety of issues."

At one of my very first breakfasts, while Berger and Cohen were engaged in a sidebar discussion down at one end of the table and Tenet and Richardson were preoccupied in another, one of the Cabinet members present leaned over to me and said, "Hugh, I know I shouldn't even be asking you this, but what we really need in order to go in and take out Saddam is a precipitous event -- something that would make us look good in the eyes of the world. Could you have one of our U-2s fly low enough -- and slow enough -- so as to guarantee that Saddam could shoot it down?"

The hair on the back of my neck bristled, my teeth clenched, and my fists tightened. I was so mad I was about to explode. I looked across the table, thinking about the pilot in the U-2 and responded, "Of course we can..." which prompted a big smile on the official's face.

"You can?" was the excited reply.

"Why, of course we can," I countered. "Just as soon as we get your ass qualified to fly it, I will have it flown just as low and slow as you want to go."

GENERAL HUGH SHELTON SUGERIU A CLINTON DEIXAR QUE AVIÕES AMERICANOS FOSSEM DERRUBADOS PARA PROVOCAR GUERRA COM O IRAQUE. Em outra ocasião, durante uma reunião em Janeiro de 2003, Bush deixou claro ao primeiro ministro Britânico Tony Blair que ele estava determinado a invadir o Iraque mesmo que não houvesse uma segunda resolução, e até mesmo se não fossem encontradas armas não convencionais pelos inspetores de armas... “Estávamos pensando em fazer um avião de reconhecimento U2 voar sobre o Iraque pintado com as cores das Nações Unidas. Se Saddam atirasse, estaria violando...”

Geoengineering sparks international ban, first-ever congressional report

By Juliet Eilperin
Washington Post Staff Writer
Friday, October 29, 2010; 1:05 PM

A senior House Democrat from Tennessee issued the first congressional report on geoengineering Friday, just as delegates from 193 nations approved a ban on such research under a global biodiversity treaty.

The debate over whether humans should explore ways to manipulate the climate has taken on increased urgency over the past year, as efforts to curb greenhouse gas emissions linked to global warming have encountered political roadblocks in the United States and elsewhere.

The measure adopted under the Convention on Biological Diversity, which recently concluded in Nagoya, Japan, states "that no climate-related geo-engineering activities that may affect biodiversity take place, until there is an adequate scientific basis on which to justify such activities and appropriate consideration of the associated risks for the environment and biodiversity and associated social, economic and cultural impacts, with the scientific research studies" under controlled circumstances.

While some scientists and environmentalists have called for geoengineering research as a precautionary measure against catastrophic global warming, activists hailed to keep individual actors from altering the climate. The prohibition does not apply to the United States, which has yet to ratify the convention.

House Science and Technology Committee Chairman Bart Gordon (D) said his report was "in no way meant as an endorsement of climate engineering," but instead into where existing federal research capacities lie that could be leveraged for these activities.

"Climate engineering carries with it a tremendous range of uncertainties and possibilities, ethical and political concerns, and the potential for catastrophic side effects," "If we find ourselves passing an environmental tipping point, we will need to have done research to understand our options."

The National Science Foundation is best positioned to take the lead on the matter, according to the 56-page report, which also identifies several other agencies that

The National Oceanic and Atmospheric Administration should lead research into ocean fertilization and injecting sulfates into the stratospheric ozone layer, the report Department should direct high-end computing geoengineering research and "any federal research program into air capture and non-traditional carbon sequestration."

In Japan, delegates to the convention warned that such study should be limited and not stray into actual scientific trials.

"Any private or public experimentation or adventurism intended to manipulate the planetary thermostat will be in violation of this carefully crafted U.N. consensus," s American director of ETC Group, a grass-roots advocacy organization.

Advertisement



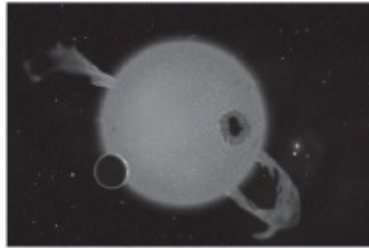
The Washington Post. Outubro de 2010:

GEOENGENHARIA TEM PROIBIÇÃO INTERNACIONAL E RELATÓRIO DO CONGRESSO. Na sexta, 193 nações aprovaram um veto a esse tipo de pesquisa sob um tratado global de biodiversidade. “Nenhuma atividade de geoengenharia relacionado ao clima que possa afetar a biodiversidade deve ser conduzida até que exista uma base científica adequada para se justificar essas atividades e os riscos associados a elas com relação ao meio ambiente, a biodiversidade, impactos sociais, econômicos e culturais, com exceção de pesquisas de estudo de pequeno porte, sob circunstâncias controladas”.

Kepler Space Telescope Data Reveals Billions Of Earth-Like Planets Near Earth

Posted: 02/06/2013 6:15 pm EST | Updated: 02/06/2013 7:08 pm EST

Like 14,029 people like this. Be the first of your friends.



David A. Aguilar / CFA

4,531 612 230 346 1820

Share Tweet +1 Email Comment

GET WEIRD NEWS NEWSLETTERS:
Enter email

FOLLOW: Video, Harvard-Smithsonian Center for Astrophysics, Billions Of Earth Like Planets, Billions Of Earths, Courtney Dressing, David Charbonneau, Earth-Like Planets, Giant Magellan Telescope, Hubble Space Telescope, James Webb Space Telescope, Kepler Space Telescope, Milky Way Galaxy, Red Dwarf Stars And Earths, Weird Universe, Weird News

If ET phones home today, his long distance charge might not be as much as people believed when Steven Spielberg's classic film came out three decades ago.

That's because recent data from NASA's Kepler space telescope suggests that billions of Earth-like planets are much closer than ever before imagined.

"The information we presented today will excite the general public because we now know that the nearest potentially Earth-like world is likely within 13 light years of the sun," astronomer Courtney Dressing said in an email to The Huffington Post.

AFP. Outubro de 2010:

NASA REVELA EXISTÊNCIA DE MILHÕES DE PLANETAS DO TAMANHO DA TERRA.

Pelo menos uma em cada quatro estrelas similares ao Sol na Via Láctea pode ter planetas do mesmo tamanho do que a Terra, o que indica que podem existir milhões desse tipo, alguns deles potencialmente habitáveis, segundo revela um estudo encomendado pela agência espacial americana NASA. Trata-se do censo planetário mais amplo jamais realizado, explicou a agência, que encomendou à Universidade da Califórnia esta pesquisa publicada pela revista **Science** em sua edição de 29 de outubro... "Os dados recolhidos indicam que nossa galáxia contém cerca de 200 bilhões de estrelas, tem pelo menos 46 bilhões de planetas do mesmo tamanho que a Terra, sem contar aqueles cujas órbitas estão mais longe da zona habitável", indicou, explicando que essa zona não é muito quente, nem muito fria, e onde a água pode existir em seu estado líquido.

NASA TECHNICAL
REPORT



NASA TR R-277

NASA TR R-277

CHRONOLOGICAL CATALOG
OF REPORTED LUNAR EVENTS

by

Barbara M. Middlehurst
University of Arizona

Jaylee M. Barley
Goddard Space Flight Center

Patrick Moore
Armagh Planetarium

and

Barbara L. Weltber
Smithsonian Astrophysical Observatory

NATIONAL AERONAUTICS AND SPACE ADMINISTRATION • WASHINGTON, D. C. • JULY 1968

NASA. Julho de 1968:

RELATÓRIO TÉCNICO R-277. CATÁLOGO CRONOLÓGICO DE EVENTOS LUNARES REGISTRADOS.

Uma lista com observações de anomalias lunares registradas por astrônomos no período de 1500 até 1967, citando fenômenos únicos e incomuns ocorridos na superfície da lua, como cores estranhas, raios de luzes, névoas e outras. Ao todo, mais de 300 observadores totalizando 500 observações.

PROPOSED STUDIES ON THE
IMPLICATIONS OF PEACEFUL SPACE ACTIVITIES
FOR HUMAN AFFAIRS

PREPARED FOR THE
NATIONAL AERONAUTICS AND SPACE ADMINISTRATION
BY THE BROOKINGS INSTITUTION

REPORT
OF THE
COMMITTEE ON SCIENCE AND ASTRONAUTICS
U.S. HOUSE OF REPRESENTATIVES
EIGHTY-SEVENTH CONGRESS
FIRST SESSION

Serial c



APRIL 18, 1961.—Committed to the Committee of the Whole House on the
State of the Union and ordered to be printed

U.S. GOVERNMENT PRINTING OFFICE
WASHINGTON : 1961

6944

Brookings Intitution. Abril de 1961:

O que sugere o mais importante instituto de políticas americano em estudo encomendado pela NASA?

ESTUDOS PROPOSTOS SOBRE AS IMPLICAÇÕES PACÍFICAS DAS ATIVIDADES ESPACIAIS PARA ASSUNTOS HUMANOS... se evidências de vida inteligente fossem descobertas na Lua ou Marte, poderiam desestabilizar a sociedade...

CIA Pitches Scripts to Hollywood

BY MARK RIFFEE | 09.16.11 | 6:30 AM | PERMALINK

[Share](#) [Print](#)

Are you an aspiring filmmaker who wants to produce a spy thriller? Well, you're in luck because the CIA has a pile of script ideas lying around.

Ironic, you say, that an organization known for secrecy is doling out helpful hints to Hollywood? The CIA doesn't think so. For them it's all about image control. And they're just the start of it. The Department of Defense and just about every branch of the military has an entertainment industry liaison similar to the CIA's.

If you want to make a war film and need a fleet of F-22s, a crowd of Marines, or a Navy aircraft carrier, just call up the Department of Defense's entertainment media office and they'll tell you if the Army can spare that M1A1 Abrams tank you've always wanted for a day or two of filming.

"The scripts we get are only the writer's idea of how the Department of Defense operates," Vince Ogilvie, deputy director of the Defense Department's entertainment liaison office, told Danger Room. "We make sure the Department and facilities and people are portrayed in the most accurate and positive light possible."

Hollywood has been working with government organizations to make more credible films for years (for instance, Jerry Bruckheimer and Paramount Pictures worked closely with the Pentagon when filming the 1986 blockbuster "Top Gun"). But the phenomenon is under newfound scrutiny. There was a bit of a kerfuffle recently when some in the press and in Congress speculated about whether the government will give Sony Pictures any pointers while they make a film about the killing of Osama bin Laden.

In a letter to the Defense Department and CIA last month, Rep. Peter King expressed

Wired. Setembro de 2011:

CIA VENDE ROTEIROS PARA HOLLYWOOD. Irônico, você diria, que uma organização conhecida por ser secreta forneça dicas a Hollywood? A CIA não pensa assim. Para eles trata-se apenas de controle de imagem. O Departamento de Defesa e praticamente todos os setores militares fazem um trabalho semelhante em Hollywood.

Race to the Moon Heats Up for Private Firms



Keith Graves/Associated Press

A presentation in June by engineers from Carnegie Mellon University, working with a company called Astrobotic Technology, one of the teams in a competition to become the first private venture to land on the Moon.

By KENNETH CHANG
Published: July 21, 2011

Now that the last [space shuttle](#) has landed back on [Earth](#), a new generation of space entrepreneurs would like to whip up excitement about the prospect of returning to the [Moon](#).

COMMENTS

PRINT

REPRINTS

Connect With Us on Social Media

@nytimescience on Twitter.

• Environment Reporters on Twitter

Like the science desk on Facebook.



Spurred by a \$30 million purse put up by Google, 29 teams have signed up for a competition to become the first private venture to land on the Moon.

Most of them are unlikely to overcome the financial and technical challenges to meet the contest deadline of December 2015, but several teams think they have a good shot to win — and to take an early lead in a race to take commercial advantage of our celestial neighbor.



At the very least, a flotilla of unmanned spacecraft could be headed Moonward within the next few years, with goals that range from lofty to goofy.

The New York Times. Julho de 2011:

CORRIDA ATÉ A LUA ENTUSIASMA EMPRESAS PARTICULARES. Agora que o último ônibus espacial aterrissou na Terra, uma nova geração de empreendedores espaciais se motiva com a possibilidade de retorno à Lua.



DONATE

CORRUPTION GUARDIAN

Merck Dr. Exposes Gardasil Scandal: Ineffective, Deadly, Very Profitable

APRIL 25, 2014

A controversial government-backed cervical cancer vaccine is ineffective, has deadly side effects and serves no other purpose than to generate profit for its manufacturer, according to a physician who worked at the major pharmaceutical company that's made huge profits selling it to girls and young women.

It marks the most disturbing inside information exposed about the vaccine, Gardasil, which is manufactured by pharmaceutical giant Merck. The vaccine was scandalously fast-tracked by the Food and Drug Administration (FDA) and has been ardently promoted by the Obama administration as a miracle shot that can prevent certain strains of cervical cancer caused by Human Papillomavirus (HPV).

Instead it's been linked to thousands of debilitating side effects, according to the government's own daunting statistics. Since 2007 Judicial Watch has been investigating the Gardasil scandal and exposed dozens of government records documenting thousands of adverse reactions associated with the vaccine, including paralysis, convulsions, blindness and dozens of deaths. Based on the records JW published a special report in 2008 detailing Gardasil's approval process, side effects, safety concerns and marketing practices. Undoubtedly, it illustrates a large-scale public health experiment.

Now a one-time pharmaceutical industry physician, Dr. Bernard Dalbergue, who worked with Merck has come forth with shocking inside information that confirms what JW has exposed about Gardasil in its ongoing investigation. Dr. Dalbergue delivered the details in a French health magazine and a U.S. counterpart called Health Impact News Daily translated excerpts of the interview.

The physician confirms that Gardasil is useless, costs a fortune and that decision-makers at all levels are aware of it. "I predict that Gardasil will become the greatest medical scandal of all times because at some point in time, the evidence will add up to prove that this vaccine, technical and scientific feat that it may be, has absolutely no effect on cervical cancer and that all the very many adverse effects which destroy lives and even kill, serve no other purpose than to generate profit for the manufacturers," Dr. Dalbergue says. He adds that there is far too much financial interest of the vaccine to be withdrawn.

The story also links to a press release issued this month by a member of the French Parliament blasting Gardasil's safety record in Europe. "Today in Europe, many young women, aged 18-24 years without medical history are affected with very debilitating diseases that could be attributed directly to vaccination," the announcement says. It goes on to tell the story of a 15-year-old healthy girl who was hospitalized with multiple sclerosis within months of receiving Gardasil. The girl temporarily lost her sight and the use of her legs, according to the French government announcement, which lists other victims.

The document goes on to chastise an "indecent campaign" of lobbying and aggressive advertising to promote Gardasil in Europe by playing on the fears of guilt among mothers. "Protect your daughter, this is what is more natural for a mother," the French announcement says, revealing that one of the commercials has been banned by a medical agency for "lack of objectivity."

In the United States the government has heavily pushed the vaccine while covering up its debilitating side effects. In fact, the Centers for Disease Control and Prevention (CDC) recommends it for girls starting at age 9 and just a few months ago

<http://www.judicialwatch.org/blog/2014/04/25/merck-dr-exposes-gardasil-scandal-ineffective-deadly-profitable/> [26/01/2015 09:05:24]

Judicial Watch. Abril de 2014:

MÉDICO DA MERCK DENUNCIA GARDASIL: Ineficiente, mortal e muito lucrativo.

Natural News  

AROUND BLOOD SALT ACIDIC EFFECTIVE EXPLORE VIDEOS BANS EMPLOYERS MEDIC CANNABIS LEGISLATION SEX AND

EXCLUSIVES              

 **600 strains of an aerosolized thought control vaccine already tested on humans; deployed via air, food and water**

 **WALTER, January 18, 2014**
 Author: Walter, the Health Reporter
 High-resolution images, illustrations, animations

What's New in Articles

Video: 600 strains of an aerosolized thought control vaccine already tested on humans; deployed via air, food and water

600 strains of an aerosolized thought control vaccine already tested on humans; deployed via air, food and water

How important is the vaccine? The vaccine is not

What other thought control vaccine? The vaccine is not

REALITY CHECK

What's New in Articles

According to the document, people should be able, for the last eight years, governments scientists have actively engaged and it is necessary to alter thoughts and beliefs by inducing the brain and increasing genetic expression of neurological cells. Several of these vaccines has been tested on high altitude aerosolized sprays, highway vehicles, the water supply and even the food system.

Tags:                      

[Home](#) [About](#) [Contact](#) [Privacy Policy](#) [Terms of Service](#)

© 2014 Natural News. All rights reserved.

VACINAS FORAM CRIADAS PARA ALTERAR O PENSAMENTO E AS CRENÇAS através da infecção do cérebro e supressão da expressão genética de células neurológicas. A aplicação das vacinas foi testada por sprays numa grande altitude, e também no suprimento da água e na cadeia alimentar.



DANIEL DAVIDSOHN, 46 anos, é natural de São Paulo. Formado em Hotelaria, fez Mestrado em Artes pela Schiller International University de Londres e cinema na New York Film Academy, em Los Angeles. Escreveu e produziu vídeos e curtas-metragens experimentais. Autor do roteiro *Café* e do romance *Do Nilo Ao Eufrates*.

O DESAPARECIMENTO de Mabus, um veterano agente de inteligência dos EUA, traz à tona uma complexa trama para revelar um dos maiores segredos da ciência contemporânea.

Lucas Walker, físico da MIT e filho de Mabus, é quem decide levar adiante a investigação, adormecida por décadas. Luiza Palmer, uma mulher forte e sedutora, abre as portas para um mundo que ele não conhece. Sobrevivente de um nefasto programa de controle mental, Luiza é parte de um segredo governamental onde as percepções são criadas para se acobertar algo muito maior e perverso: a realidade.

A investigação recebe o apoio do calejado senador Ramsley, cujas ligações com setores da inteligência revelam ser decisivas. Juntos, descobrem um inimigo capaz de grandes manobras, o empresário de comunicação Roy O'Connell. Ao saber do envolvimento de Lucas com Luiza - uma antiga paixão de Roy - os limites são ultrapassados. Do reencontro dos três nasce uma aventura imponderável, onde ter domínio sobre o outro torna-se parte do jogo.

Bem-vindo a um mundo de grandes possibilidades, coberto por mentiras inimagináveis. A obsessão do físico Lucas Walker em descobrir o paradeiro do pai, um analista de imagens que é uma lenda do mundo da inteligência. Seu improvável encontro com a sedutora Luiza Palmer, uma sobrevivente de um programa de controle mental. A ambição de Roy O'Connell, um empresário que quer cobrar pelo ar que as pessoas respiram. Uma jornada em busca da verdade sobre um dos mais fascinantes mistérios da ciência.

